

A.A. Attanasio

WIVERN, O DRAGÃO
ALADO



*Para o seu pai e para
o meu — e pelas jornadas que eles
realizam dentro de nós*

Quando as pessoas morrem, o que as aguarda
não é o que estão esperando, e nem mesmo o que
imaginam.

Heráclito, frag. 27

Andando junto com o animal que vive dentro de nós

O Senhor disse que Ele habitaria a mais espessa escuridão.

Salomão

O HOMEM-COBRA, imóvel no alto do rochedo, observou o vento norte repleto de estrelas brilhantes trazer a massa de nuvens na direção das montanhas. O aguaceiro desabou, borrifando as saliências de rocha negra e escorrendo ao longo das escarpas rumo à mata luxuriante. A imensidão da paisagem a seus pés era pontilhada aqui e ali por muitas colunas de vapor que subiam para o céu, dando aos vales a estranha aparência de sepulcros.

Os grandes cúmulos elevaram-se e foram esgarçados pelo vento, desaparecendo entre as últimas estrelas no céu violeta. A luz da aurora iluminou a silhueta escura, produzindo uma sombra alongada sobre a encosta de pedra. Era um homem negro e esguio, que trajava apenas

uma tanga feita de pele de cobra e ostentava nos ombros cicatrizes rituais. Grandes serpentes tatuadas enrolavam-se em suas pernas e do alto da cabeça pendiam pequenas tranças de cabelo encaracolado como víboras. O hálito condensava-se numa fumaça violácea sob a luz fria da manhã.

O homem-cobra esquadrinhou com a vista a amplidão abaixo, até encontrar o platô onde as árvores gigantes da floresta cediam terreno perante os picos de pedra. Naquele lugar, a um dia de marcha, vivia o demônio.

Durante sete anos ele vigiara o vale para que o demônio não escapasse, só ousando aproximar-se para levar oferendas quando estava certo de que não seria visto. Recentemente, porém, os tambores das tribos vizinhas começaram a falar sobre a criatura e finalmente aproximava-se a hora de descer as trilhas frias em direção ao frenesi da floresta tropical e enfrentá-la.

O sol alto surpreendeu-o esgueirando-se por caminhos quase invisíveis encosta abaixo.

À frente, grandes rochas nuas emergiam da neblina e pequenas árvores retorcidas começavam a aparecer entre o cascalho e os penedos, cuja inclinação tornava-se pouco a

pouco mais suave, até os campos de flores que coloriam os declives e outeiros. Tufos de samambaias cresciam na fimbria da mata, demarcando o limite alcançado pelas grandes árvores, no alto do território do demônio.

O vale estava escuro. Apenas num lugar ou noutro, onde troncos apodrecidos haviam caído, a luz solar perfurava a camada de folhas e iluminava o vôo de pequenos pássaros verde-esmeralda e algumas borboletas azuis. Mesmo quando o sol estava a pino, a penumbra persistia e o coaxar dos sapos ecoava pelo ar sempre úmido.

Na extremidade mais distante do vale, crianças nuas, da tribo dos Nômades da Chuva, mergulhavam nas águas ambarinas de um riacho. O acampamento da tribo encontrava-se um pouco além de um bosque de árvores espinhosas. Vários dias atrás, uma expedição de coleta de alimentos tinha avistado o demônio que vivia naquele vale, à sombra das montanhas. As mulheres que o viram declararam que tinha a aparência de uma criança, mas sua carne venenosa possuía a palidez da lua, o fogo do céu morava em seus cabelos e os olhos eram azuis e brilhantes como estrelas. Os homens não queriam falar sobre o assunto, portanto os

meninos mais valentes haviam partido para investigar por si mesmos.

Numa clareira logo após a curva do rio, encontraram um poço livre de crocodilos, onde poderiam brincar sem medo de serem carregados pela correnteza ou comidos por animais. Mesmo assim ninguém esqueceu que estavam na piscina do demônio. O canto tímido de algum pássaro ou o guinchar dos macacos interrompiam os folguedos e colocavam a todos de sobreaviso, prontos a correr de volta para suas mães, que procuravam alimento ao longo das trilhas na floresta. A cada vez que isso ocorria, o menino mais velho zombava do medo demonstrado pelos menores e apontava o animal causador do ruído.

Por entre as folhas escorregadias rio acima, o demônio observava. Era um menino ainda pequeno e parecia brilhar entre as sombras. O cabelo loiro cortado em forma de cuia e untado com óleo de coco re-verberava como metal ao sol, e sua pele clara emitia uma luz suave. Somente a conformação dos ossos denunciava a origem tribal. O rosto ostentava os mesmos contornos felinos das crianças que ele observava, porém por baixo das sobrancelhas castanhas dois olhos azuis estavam arregalados.

Os meninos na água tinham

aproximadamente a sua idade e ele acompanhava fascinado as brincadeiras no riacho. As gargalhadas e os gritos eram sons inteiramente novos para ele, pois nunca tinha visto crianças brincando durante os sete anos em que havia vivido sozinho no vale, na companhia de sua mãe, Mala. Só há pouco tempo começara a escutar os tambores dos Nômades da Chuva. Tivera então a idéia de desafiar os conselhos de Mala e atravessara o vale acompanhando o rio para descobrir a origem da música.

Observara de uma distância segura o acampamento dos Nômades da Chuva, depois acompanhara as mulheres enquanto apanhavam frutos e gravetos. Naquele dia aproximara-se mais dos membros da tribo e agora tinha uma certeza: não eram diferentes dele próprio.

— Menino-demônio! — souou uma voz assustada.

Uma das crianças apontava para as moitas ao lado da margem. O menino mais velho deu um passo à frente, enquanto os outros se encolhiam de medo. Um tronco corroído pelos cupins rolou pela margem lamacenta ao eco dos gritos:

— Menino-demônio! Demônio, demônio...

O menino agachado atrás dos arbustos

franziu a testa. Sabia que era a ele que os outros se referiam. No dia anterior, quando as mulheres coletavam vagens, tinham-no visto através das cortinas de trepadeiras.

— Matubrem-brem. Menino-demônio! — gritaram elas, antes de fugir.

Mala chamava-o de Jaki. Contara-lhe que o pai era um homem de uma terra muito distante, como o próprio pai dela, e que viviam longe da tribo porque o espírito dos ancestrais de ambos pertencia a regiões longínquas. Mas ele ainda não podia entender por que o chamavam de demônio.

Jaki gostaria de explicar tudo isso aos garotos que escarneciam dele, mas havia prometido a Mala que não se deixaria ver. Relutante, deu um passo atrás, resolvido a descobrir por que os espíritos de seus pais não encontravam abrigo na tribo. Quando virou-se para sair, tropeçou numa raiz, perdeu o equilíbrio e se precipitou ruidosamente com os braços estendidos através das folhas, margem abaixo.

As crianças na piscina irromperam em gritaria à visão de tal monstro vindo na direção deles. Fugiram em pânico, agarrando as lianas que cresciam no barranco para subir o mais

rápido possível. Apenas aquele que zombara dos outros não correu, porém já não ria mais. Enquanto os companheiros se afastavam, virou-se e enfrentou o olhar do demônio. Viu que a criatura não passava de um menino, vestindo uma tanga de fibra igual à de todos. A única diferença era que a pele, os cabelos e os olhos pareciam feitos de neblina e raios de sol. Apanhou uma pedra e deu alguns passos na parte rasa do riacho.

— Ferang! Volte aqui — chamaram inutilmente as crianças.

Ele avançava com os maxilares cerrados e a mão apertando firmemente o seixo. Andava meio de lado, espirrando água para tentar assustar aquela criatura repugnante.

Jaki não se moveu. Estava meio confuso pelo terror. O que haveria nele que assustava tanto aquelas crianças? Será que não percebiam que não havia diferença entre eles? Quem era esse Ferang que o ameaçava com uma pedra na mão, como se ele fosse uma víbora?

— Abaixе a pedra! — pediu. — Não quero fazer mal nenhum. Sou um menino como você.

— Você não me engana — respondeu Ferang, parando de avançar e sacudindo a cabeça. — Sei quem você é, Matubrem-brem.

Saia daqui!

Gritando as últimas ameaças, atirou o pedregulho no menino de cabelos loiros, que se desviou o mais rápido que pôde. Apesar disso, a pedra atingiu o lado de sua cabeça, e a visão de Jaki escureceu. O impacto derrubou-o na lama. Ferang soltou um uivo de satisfação e voltou à margem para apanhar outro seixo.

A luz voltou dolorosamente aos olhos de Jaki, que levou a mão até o local atingido. Os dedos ficaram cheios de sangue. Levantou-se, começou a ver estrelas e caiu outra vez. Entontecido, rastejou pelo barranco lamacento enquanto suportava as pedradas das crianças nas costas e nas pernas. Apoiado nas mãos e nos joelhos, embrenhou-se nas moitas, onde se pôs de pé e fugiu a toda velocidade para o interior do vale escuro.

Atônito e assustado, Jaki corria como um animal selvagem através da penumbra, naquela verdadeira catedral de troncos gigantescos. Nunca fora atingido antes, e o choque tinha dominado seu corpo, abolindo toda a capacidade de raciocínio. Correu até ficar exausto, depois deixou-se cair num colchão de folhas à sombra, respirando pesadamente. O coração saltava no peito, batendo acelerado: "Matubrem-brem,

menino-demônio, menino-demônio..." A dor piorava dentro da cabeça. Acima dele, um macaco com expressão esfomeada ria zombeteiramente, e seu guincho agudo parecia ecoar: "Matubrem-brem!"

Jaki levantou-se e correu novamente, reunindo todas as forças de suas pernas infantis. Um bando de pássaros cor-de-rosa revoou na obscuridade sépia da floresta, piando: "Matubrem-brem!" Um gambá gritou e saltou para fora do caminho daquele ser em carreira desabalada.

A fadiga venceu outra vez o menino, que dessa vez parou sob as raízes salientes de uma grande árvore repleta de teias de aranha. Finalmente estava sozinho. Depois de recuperar o fôlego, tateou com cuidado o ferimento na têmpora e descobriu que não era muito grande. Levantou-se e continuou, confuso e zangado com a hostilidade demonstrada pelas crianças. Será que era mesmo um menino-demônio? Nesse caso, sua mãe teria mentido para ele. Apressou-se por entre a semi-obscuridade úmida, batendo com raiva nas lianas e trepadeiras no caminho, a angústia crescendo a cada passo.

O terreno agora apresentava-se inclinado e o calor da floresta tropical começou a diminuir.

Um assobio chegou até ele, vindo da clareira na qual viviam. Quando ouviu o chamado, compreendeu que não era hora de ir na direção de Mala. Não estava pronto ainda para encará-la.

Jaki continuou através da floresta e prosseguiu à medida que a camada de folhas ficava mais pedregosa e o ar mais frio, perfumado com odores resinosos. Por volta do meio da tarde havia atingido as encostas do vale, onde a selva tornava-se rarefeita e as samambaias desenrolavam suas folhas em forma de pluma. O menino loiro saiu da mata e piscou os olhos com a repentina luz solar, refletida intensamente pelas nuvens que deslizavam no céu.

Os campos de rododendros atapetavam as encostas íngremes, o ar estava carregado com o cheiro do pólen. Além dos campos de flores ele não tinha permissão para ir. As escarpas de pedra quebrada eram o domínio dos espíritos. Jaki respirou fundo. O perfume etéreo dos botões misturava-se ao odor de cânfora que se evolava das rochas varridas pelo vento. Os monólitos de granito realmente pareciam assombrações vistos dali; veios de feldspato formavam desenhos sinistros e manchas de líquens castanhos semelhavam silhuetas de rostos ferozes. Até esse dia aqueles olhares malévolos tinham mantido

Jaki afastado, porém agora ele encaminhava-se diretamente para lá, indiferente aos apelos da mãe que o chamava na clareira abaixo.

Não olhou para trás até atingir os penedos rachados. A essa altura, os gritos de sua mãe haviam diminuído, e, quando o menino olhou para baixo, ela não passava de um ponto colorido na grama. Em volta, o mundo ondulava no verde da floresta tropical que cobria tudo que a vista podia alcançar em todas as direções. Uma coluna de fumaça azulada subia do acampamento dos Nômades da Chuva. Garças brancas voavam para o norte sobre as colinas, e do lado mais distante do céu o sol brilhava como uma estrela branca, refletindo-se numa cadeia de lagos interligados.

Jaki escalou um penedo rumo a um trecho de vegetação suspensa, e o esforço acabou por exaurir a excitação do encontro. Quando sentou numa pedra entre tufo de grama rosada, sentiu-se invadido por uma sensação de relaxamento provocada pela fadiga muscular. Quem era afinal para que os outros o temessem tanto quanto ele temia uma serpente venenosa? Olhou em volta procurando as faces maldosas que havia enxergado lá da mata, mas nada viu, a não ser grandes pedaços de rochas negras com manchas

prateadas de musgo. Ele era o único demônio por ali.

Jaki levou os dedos ao rosto e delineou em seus traços o contorno da história do amor de seus pais. O vale que existia em suas bochechas, como quando o pai havia deitado com a mãe, e o nariz proeminente entre os olhos, como quando haviam se levantado. Mala tinha dito que ele se parecia muito com o pai. O velho sentimento de tristeza assaltou-o novamente, enquanto passava o indicador pela testa alta, tão diferente da de sua mãe.

Afastou a mão e pronunciou em voz alta o nome do pai:

— Pieter Gefjon.

As palavras soaram bem no ar frio, um nome apropriado para o vento. Jaki abraçou a si mesmo protegendo-se da brisa gelada, lembrando-se da história contada por sua mãe, de como o pai apanhara o vento com velas e viajara pelo mar num enorme navio. Como nunca tinha visto o mar, nem um navio nem o vento estendendo as velas, Mala construía para ele um barco de brinquedo com uma casca de coco e uma folha de palmeira, que fizeram navegar no lago de águas verdes que havia perto da clareira.

As lembranças das horas felizes com sua

mãe, o vento frio que vinha dos penhascos e a fome que aumentava fizeram com que se levantasse. Mediu o verdadeiro emaranhado de picos e vales além do território onde vivia. Algum dia percorreria essas distâncias da mesma maneira que o pai havia feito, prometeu a si mesmo. Deixaria para trás as tribos que acreditavam ser ele um demônio e viajaria na direção do horizonte até encontrar o povo de seu pai. Tal determinação diminuiu sua humilhação, e até mesmo a dor do ferimento na cabeça. Jaki começou a jornada de volta para casa.

Mais acima, protegido por uma saliência de granito negro, o homem-cobra observava Matubrem-brem descendo em direção à floresta. Com a mão encolhida em forma de pata, o vigoroso homem desenhou no ar um símbolo destinado a protegê-lo da radiação invisível produzida pelo menino-demônio. Depois prosseguiu, como fumaça negra que escorresse pelas rochas quebradas.

— Piratas! — berrou uma voz na gávea.

O grito vindo do alto fez com que o capitão girasse nos calcanhares de suas botas de couro de cabra. Pieter Gefjon, um homem magro e barbado, trajando calção azul até o joelho, camisa com gola rendada e um chapéu largo de

capitão, permaneceu imóvel no tombadilho, olhando fixamente para o brilho ofuscante da névoa matinal. Atrás deles, no estreito de Makassar, delineava-se a costa ocidental da ilha de Celebes, ocupando toda a extensão do horizonte. Ao longo do litoral, cujos contornos pareciam indefinidos em virtude da neblina, tremulavam as grandes massas verdes do mangue, dominadas por enormes rochedos, marcados aqui e ali pelo véu branco de uma cachoeira. Piscando os olhos contra a reverberação faiscante da luz na superfície do mar, Gefjon conseguiu distinguir na distância as montanhas de Celebes. Protegendo os olhos com a mão sobre a testa, o capitão também enxergou os piratas.

Três *djongs* — juncos javaneses — navegavam nessa direção. Com seus baluartes em forma de cabeça de dragão, os navios pareciam serpentes-marinhas cujos dorsos arqueados estivessem momentaneamente fora d'água. As velas catitas eram verdes, o que assinalava a presença de muçulmanos, e portanto inimigos de um cargueiro holandês como o *Zeerover*, comandado por Gefjon.

— Lanun — murmurou o capitão.

Os Lanun eram os piores piratas de toda a

Indonésia. A fé muçulmana não passava de conveniência, um legado da Guerra Santa que percorrera a Ásia havia alguns séculos, mas já não existia nada de santo neles. Gefjon sabia, por intermédio de outros capitães, que tinham caçado os Lanun, que possuíam o hábito de espetar as caveiras de suas vítimas no topo do mastro do navio. Dirigiu para lá o olhar e percebeu entre o cordame o brilho esbranquiçado dos ossos.

Gefjon levou a mão ao bolso do casaco onde estava sua Bíblia e começou a rezar. Deus entendia suas necessidades. Em 1607, fazia doze anos que os holandeses se encontravam na Ásia, e que Pieter Gefjon fora capitão pela primeira vez nessas águas. Naquela época, sua vida se tornara uma verdadeira pregação, no intento de levar para casa uma glória que se equiparasse ao heroísmo do pai e do irmão, que haviam lutado na Guerra de Independência contra a Espanha. Mas todo o seu idealismo viera por terra em Java, durante o primeiro ano como um dos mais jovens capitães da infame Armada Sangrenta. Seu almirante superior resolvera arrasar Jacarta, que recusava a suserania da Holanda, e a fragata de Gefjon afundara dezenas de *djongs* de velas frágeis que tentaram escapar da cidade em

chamas. Os gritos dos homens que se afogavam terminaram de vez com sua busca de glória. Desde então, havia vivido somente para levar utensílios aos nativos, que trocava pelos verdadeiros tesouros em bruto da criação que os primitivos praticamente ignoravam, ou acumulavam para seus deuses exóticos.

O capitão continuava a estimar a velocidade de seus perseguidores. Os *djongs* eram mais leves e aproximavam-se rapidamente. Procurou entre os rochedos cobertos de vegetação uma enseada pequena, na qual pudesse abrigar-se e enfrentar os atacantes por um só lado. Poucos olhares europeus conheciam essas costas. Os mapas descreviam Bornéu como uma imensidão verde cercada por recifes perigosos e infestados de piratas. Gefjon suspirou profundamente, para livrar-se do temor que o invadia. Os mapas tinham razão.

O *Zeeroover* era um *fluit* de vinte e sete metros de comprimento, que deslocava trezentas toneladas. Um cargueiro de popa achatada e casco arredondado. Era também o primeiro navio holandês a navegar na costa oriental de Bornéu, atraído a esse labirinto de estreitos traiçoeiros pela promessa de diamantes grandes como nozes nas areias do rio Mahakam, o Devorador de

Homens.

A promessa havia sido feita por um homem de aparência feroz e rosto quadrado, com o lóbulo das orelhas aumentado artificialmente e tatuagens em traços nítidos e rubros no pescoço e na palma das mãos. Sem um pêlo no rosto, o semblante de Batuh era normalmente hostil, porém no momento estava pálido e desfigurado pelo enjôo, deitado no tombadilho, olhando para o capitão.

— Por que estou aqui? — gemeu Batuh, controlando a ânsia que aumentava com o balanço do navio. — Sou um Fantasma da Árvore. Fantasmas da Árvore não têm barcos. Não pertenço a este lugar.

— Recife a bombordo! — alertou um marinheiro postado no mastro de proa. O *Zeerover* deu uma guinada quando o piloto fez a correção de rumo.

— Essa deve ser a maldição dos antepassados da tribo, me castigando porque tive prazer com muitas mulheres sem casar! — resmungava Batuh. — Agora estão rindo de mim! Batuh, o caçador de cabeças! Coragem, Batuh! Aí vem a morte no recife. Coragem agora! Já estou morto. Há dois anos, desde que o chefe tomou minhas armas e me baniou para a floresta, por

matar o porco sagrado. O exílio me trouxe até aqui, e agora vou morrer outra vez. Não tenho medo, só estou enjoado.

Não conseguia mais olhar para os marinheiros suspensos nos mastros e no cordame oscilantes, ou correndo pelo convés, preparando-se para a batalha. Fechou os olhos, tentando acalmar o estômago com as lembranças da cabeça dos inimigos que havia cortado para fertilizar os campos de sua tribo. Uma vez, durante uma longa incursão, ousara aventurar-se muito além do território da borboleta-verde, ao norte, depois dos riachos de neblina e das piscinas das tartarugas, até mesmo dos rochedos onde as águias faziam seus ninhos, à procura de uma força vital para reviver os campos de arroz. Entre o estranho povo de pele clara e grande altura que vivia no litoral norte, conseguira três cabeças e capturara uma mulher. Então o arroz havia crescido com abundância e a caça fora farta. O nome da moça era Malawangkingang — Ar Brilhante Entre as Palmeiras —, e, embora parecesse feia aos olhos dos Fantasmas da Árvore, pois não raspava as sobrancelhas, não esticava o lóbulo das orelhas nem cortava os cabelos no formato de cuia apreciado pela tribo, tinha poder sobre Batuh. Ele tolerava sua falta

de beleza porque ela tinha visto os grandes navios e os homens de rosto vermelho e nariz grande que os manejavam, e contava histórias sobre espadas cujo aço era mais forte do que os melhores que conhecia, e o "pau-de-trovão", capaz de matar a uma distância maior do que uma flecha. Ela também afirmava que o próprio pai fora um desses seres extraordinários, que a havia confiado aos cuidados de um sacerdote antes de voltar ao mar. Desse homem santo ela aprendera a linguagem de Deus, a fé, e muitos outros segredos que compartilhava com Batuh, em agradecimento por ter poupado sua vida.

Inspirado pelas histórias que Malawangkuchingang contava sobre o resto do mundo, Batuh acreditava ser mais capaz de assumir a liderança dos Fantasma da Arvore do que os chefes tradicionais. Numa tentativa de afirmar suas pretensões, ousara caçar os porcos reais e acabara banido por sua arrogância. Corajosamente encaminhara-se para o sul, na direção em que os tambores das outras Tribos da Sombra falavam dos grandes navios e dos homens narigudos de rosto vermelho. Ao final da primeira noite no exílio, Batuh encontrou um feiticeiro chamado Jabalwan, um homem-cobra envolto em peles de animais e dentes de urso.

— Volte! — ordenara o estranho personagem, apontando um osso para Batuh. — Os caminhos à frente pertencem aos mortos.

Nessa ocasião, pela primeira vez em sua vida, Batuh teve medo de verdade. O homem era magro e rijo, moldado por uma existência de transe e jejum. Seu corpo estava nu sob a tanga de cobra, a coroa de pele de pantera e o colar de presas, e ostentava cicatrizes rituais e tatuagens de serpentes que pareciam dançar na pele escura das pernas. Muitos teriam voltado diante dessa visão, mas Batuh esgueirou-se para o lado, protegido pela escuridão da selva, e ultrapassou o feiticeiro, que era como a sombra do gavião, ou como a conversa do vento. "É proibido", foram as últimas palavras que ouviu de sua tribo.

Na terceira lua Batuh encontrou os deuses que procurava. Desafiara o homem-cobra e atravessara as terras dos mortos, sobrevivendo nos pântanos e fugindo das ferozes tribos muçulmanas da costa, até alcançar o posto de comércio holandês de Bandjermasin.

Entrecortada por riachos e canais, erguia-se uma vila arborizada de casas com telhados de samambaias erguidas sobre palafitas. Árvores enormes no mangue tinham sido amarradas juntas de modo a formar um ancoradouro entre

as ilhotas, num gigantesco emaranhado de guinchos e andaimes sobre as plataformas carregadas com fardos, engradados e barris. Elefantes traziam a carga do grande depósito fechado até o molhe, e pequenos barcos transportavam tudo até a enseada de águas mais profundas, onde ficavam ancorados os navios. Por um dia, os homens barbados de cara vermelha assemelharam-se a verdadeiros deuses aos olhos de Batuh, com sua vila maravilhosa. A excelência das roupas, o tamanho monstruoso dos navios e os estranhos olhos azuis pareciam testemunhar sua aliança com os espíritos.

Mas as pessoas na vila contaram a verdade sobre os homens que tinham a cara peluda dos macacos. Logo depois ele os viu bêbados e presenciou uma disputa entre dois deles que deixou um morto, com a cabeça aberta e o cérebro escorrendo para fora, como se fosse algum animal marinho. Não passavam de homens, como Malawangkuchingang havia dito, mas a cobiça tornava-os mais ferozes e mais fortes do que outros. Batuh sentiu-se envergonhado de ter abrigado o pensamento de que esses homens feios e barulhentos pudessem ser como deuses. Mesmo assim, formavam uma tribo muito poderosa: o trovão partia de seus

navios, o vidro holandês transformava a luz do sol em raios que produziam o fogo nas folhas secas, e o metal das lâminas era mais resistente do que as melhores facas que os muçulmanos trocavam por peles de animais com os Fantasmas da Árvore.

Batuh tomou a resolução de trabalhar para os estrangeiros barbados no depósito, na esperança de atraí-los até os domínios da borboleta-verde, onde o poder deles poderia transformar-se em vantagem pessoal, e as cabeças douradas enfeitariam sua cabana. No início não conseguiu ganhar muito dinheiro limpando botas e carregando água para os marujos mais comuns, porém em compensação garantiu sua alimentação e aprendeu um pouco de holandês com eles. Em um ano contava histórias de sua tribo aos marinheiros, tentando-os com narrativas das coisas que mais queriam encontrar: diamantes do tamanho de nozes de bétel nas areias do rio.

Os gritos de guerra dos piratas arrancaram Batuh de suas recordações. Os soldados holandeses estavam a postos na amurada do navio, com os arcabuzes apoiados em pequenas forquilhas apropriadas, as mechas prontas e fumegantes. O canhão disparou, inclinando o

Zeerover para o lado contrário. Batuh colocou-se de pé a fim de observar o que acontecia.

O tiro levantou uma inofensiva coluna de água entre os ágeis *djongs*, que se aproximavam rapidamente. Os piratas brandiam as espadas e apontavam os arcos, os rostos escuros e crestados de sol brilhando de suor, lembrando besouros prontos a levantar vôo. Os holandeses dispararam os arcabuzes ao mesmo tempo que partiam dos atacantes as primeiras setas. Batuh dirigiu-se para o convés, e uma delas passou assobiando a seu lado.

Ganchos de abordagem bateram contra a amurada, e os marinheiros se aproximaram para cortar os cabos. Uma seta atingiu um deles no olho, atirando-o aos pés de Batuh, onde ficou gemendo e amaldiçoando. O aborígene inclinou-se sobre o homem que gritava, e viu que ele tentava com uma das mãos agarrar a haste da seta que lhe saía do olho, enquanto com a outra procurava desesperadamente arrancar um amuleto que pendia do pescoço. Batuh conseguiu tirar o talismã de prata de dentro da camisa do infeliz, e observou que era uma cruz com um homem pregado. O ferido beijou o objeto e aquietou-se.

Batuh embolsou o talismã do moribundo,

guardando para si a força do homem, e tentou juntar-se à luta. Mas o enjôo tornava fracas suas pernas e ele caiu de costas, vomitando bÍlis sobre as roupas holandesas. Quando olhou novamente para cima, constatou que os cabos de abordagem tinham sido cortados e os homens conseguiam rechaçar por completo o ataque, entre gritos de alegria.

O capitão Gefjon trazia a Bíblia na mão e batia com ela no peito à medida que gritava ordens:

— Aprontem o canhão para atirar quando eles voltarem!

Assim que terminou de falar foi atingido por uma flecha que o lançou contra a amurada do tombadilho.

Batuh alcançou o capitão antes dos outros. Colocou a Bíblia entre suas mãos para que ele pudesse segurar alguma coisa. Tateou ao longo da haste e afastou as roupas encharcadas de sangue até onde a seta tinha penetrado entre as costelas. Com alívio, percebeu que a ponta havia se cravado no osso, sem perfurar nenhum órgão vital. Se o veneno não fosse muito forte, o capitão poderia sobreviver.

Mãos rudes o afastaram para o lado. Batuh apoiou-se à amurada e observou enquanto os

marinheiros se movimentavam em volta do capitão, carregando-o finalmente para a cabina. Então retirou do bolso "3o gibão grande demais para ele a cruz escura de prata, com um homem em grande agonia pregado a ela. Aparentemente esse era o deus mais poderoso dos caras-de-macaco, porque todos juravam por ele e o invocavam quando tinham medo ou estavam tristes. Esse era o deus do livro negro do capitão, o mesmo de quem Gefjon falava com tanta freqüência. O aborígene revirava o objeto entre os dedos, sentindo a forma do corpo torturado, que aqueles diabos adoravam. Com esse amuleto ele seria capaz de conversar com o deus da dor. Rezou para que o capitão vivesse e para que o *Zeerover* não retornasse a Bandjermasin e prosseguisse sem ser molestado pelos piratas até o Devorador de Homens.

Sentiu poder no amuleto que estava em sua mão e achou que sua prece tinha sido ouvida. Como o capitão dissera que esse era o deus do perdão, acreditou também que, quando chegasse a hora de tomar as cabeças douradas dos holandeses para assegurar uma vida mais abundante aos Fantasmas da Arvore, seria perdoado pelo bondoso deus.

À claridade avermelhada do crepúsculo,

Jaki penetrou na clareira à qual vivia. A silhueta de Mala esperava por ele à porta do abrigo sobre palafitas. Um fio de fumaça subia para o céu, misturando-se ao vapor que se evolava de um caldo borbulhante que fervia no fogo. Esquecendo o cansaço, o menino não perdeu tempo em subir os degraus entalhados do tronco que levava à varanda.

— Você me desobedeceu, mocinho — disse a mãe, descontente. Ela cheirava a lenha, e seu corpo esguio inclinou-se sobre o filho, ainda preocupada.

— Tem carne hoje? — perguntou Jaki alegremente, tentando mudar de assunto, sem muito sucesso.

— Três vezes eu proibi você de sair do vale — começou Mala, procurando com os dedos insetos e aranhas no cabelo do filho. — E três vezes você me desobedeceu. O que pensa que sou? Uma... — ela interrompeu-se ao perceber o sangue coagulado na têmpora do menino. Jaki encolheu-se enquanto a mãe se afastava para que a pálida iluminação do interior da choupana incidisse sobre o machucado. — Como aconteceu isso, Jaki?

Antes que ele pudesse responder, Mala levou-o para dentro, sentando-o ao lado do fogo,

onde o caldo de aspecto saboroso borbulhava no caldeirão de ferro e um pedaço de carne de cobra estalava num espeto. Enquanto a mãe limpava o ferimento com um tufo de musgo embebido em óleo de coco, Jaki contou o encontro com as crianças dos Nômades da Chuva.

— Por que me chamaram de menino-demônio? — perguntou por fim, olhando o rosto largo da mãe.

Os olhos escuros de Mala estavam tranqüilos e profundos como o brilho negro nas lagoas da mata, respondendo a sua mágoa antes mesmo que as palavras o fizessem.

— Seu pai era diferente dos outros pais da floresta. As crianças da tribo não entendem essas coisas. Para eles, qualquer um que não se pareça com eles é um demônio! São ignorantes. Também foram ignorantes comigo quando eu era criança. Meu pai também era de uma terra distante...

Ela serviu a sopa em terrinas escavadas em nós de raízes, picou a carne em pequenos pedaços dentro dela, e os dois comeram juntos. Mala contou velhas histórias sobre o pai dele e os piratas que o tinham assassinado, depois contou sobre o próprio pai e o enorme navio no qual viera, e na febre que o levara. Em seguida apanhou a Bíblia de Pieter Gefjon e leu sob a luz

do luar do Livro de Daniel sobre o apocalipse. Quando Jaki foi dormir, sua cabeça fervilhava com imagens de reis com rostos severos talhados em pedra e com nações guerreando como formigas vermelhas e pretas que disputassem uma carcaça. A ruga de preocupação que se instalara em sua testa desde que Ferang atingira sua cabeça desapareceu, e o sono envolveu-o suavemente.

Mala observou-o até que as pupilas deixaram transparecer o movimento de olhos que sonhavam. Essa tinha sido a terceira vez em pouco tempo que o filho a deixara sozinha durante o dia inteiro, e ela sabia que isso assinalava uma mudança; um momento que havia temido desde o dia em que Jaki nascera. Aos sete anos os meninos das tribos da floresta eram tirados das mães pelos pais e irmãos, e circuncidados. Agora que Jaki chegara a essa idade, ela estava convencida de que o destino iria levá-lo a algum outro lugar.

Acendeu um ramo de erva aromática para afastar os mosquitos e foi até a varanda. A luz de muitas estrelas cintilava através das nuvens iluminadas pelo luar, e muitos vaga-lumes traçavam trajetórias luminosas contra a massa escura da selva. A noite inteira respirava luz. A

distância, os tambores dos Nômades da Chuva soavam, levados pelo vento noturno, mas ela não entendia sua linguagem. Era proveniente da costa norte, a filha de um pescador que havia sido raptada pelo povo da floresta nove anos atrás, quando ainda era uma criança. Até agora não tinha entendido inteiramente o que acontecera com ela desde então, porém a fé no deus de seu pai ajudara muito a suportar a solidão e a ignorância quando Jaki nascera.

Sombras longas delineadas pelo luar cobriram a clareira, suaves como as sombras do passado. Embora nunca tivesse visto o pai em toda a sua vida, pensou ver o rosto dele, um estrangeiro entre os espíritos escuros dos de sua própria tribo. Mas tanto os pescadores como seu pai desapareceram naquela transparência leitosa do luar, quando Mala tentou firmar a vista para ver se estavam realmente ali.

Estava sozinha com seu filho, como havia estado nos últimos sete anos. Nada havia mudado. Uma súbita lufada de vento trouxe o perfume noturno do jasmim e o ar frio das montanhas.

Pieter Gefjon não morreu. Embora a febre o dominasse completamente e uma dor atroz invadisse seu corpo, sua atração por diamantes

não foi afetada. Ordenou que o *Zeeroover* continuasse ao longo da costa desconhecida.

Preso ao leito, sempre agarrado à Bíblia para afastar as visões demoníacas da febre, Gefjon não tinha condições de supervisionar a expedição e passou o comando a Jan van Noot, o agente da Companhia Holandesa das Índias Orientais. Van Noot era um homem alto e bonito, com cabelos loiros quase brancos. Diferenciava-se dos outros por apresentar-se sempre barbeado e meticulosamente vestido segundo a última moda européia: babados de seda na camisa, gibão com botões de pérola, botas brancas de salto alto com solas vermelhas, rendas nos punhos, no colarinho, nos tornozelos, na aba do chapéu de veludo negro e nas luvas perfumadas com jasmim.

Comandar o *Zeeroover* não era uma tarefa desagradável para Van Noot, pois ele se contentava em deixar as decisões náuticas a cargo do piloto enquanto sonhava com a verdadeira fortuna em matérias-primas que esperava por eles no rio Mahakam. Sendo um incorrigível conquistador de mulheres, a maior força de Van Noot residia numa luxúria incontrolável. Sua própria presença naquela expedição era resultado da ira de um poderoso

mercador de Amsterdã, cujas esposa e filha ele havia seduzido. Como o mercador tinha uma influência considerável na companhia, assegurou-se de que Van Noot fosse enviado na missão mais arriscada possível.

O perigo na verdade não incomodava Van Noot, desde que tivesse uma cabina para esconder-se e homens para lutar por ele. Sem nenhuma chance de extravasar sua lubricidade, entregara-se de corpo e alma à ambição, decidido a retornar para a Europa como um homem rico.

Entoando em voz potente seus cânticos na selva, a cada parada que faziam para apanhar água, Batuh anunciava sua vitória entre os deuses do sul. Quando o *Zeeroover* chegou ao Devorador de Homens, os tambores já haviam avisado que Batuh das Tribos da Sombra estava de volta. Muitas outras tribos além dos Fantasma da Arvore compareceram à foz do Mahakam para testemunhar o glorioso regresso.

Nativos com os rostos pintados de vermelho pulavam e dançavam ao som dos tambores, dando as boas-vindas ao exilado e aos deuses que o acompanhavam. Em manifestações de alegria, homens e mulheres com o corpo besuntado de óleo de coco copulavam na praia; outros furavam as bochechas com espinhos

pontiagudos de palmeiras e punham-se a dançar em círculos. Os holandeses saíram do escaler que os havia levado até a praia, observando tudo aquilo com sorrisos nervosos e expressões tensas, preparando as pederneiras dos arcabuzes e olhando para Batuh, em busca de segurança e confirmação de que os aborígenes estavam felizes.

O primeiro nativo a ir ao encontro dos holandeses e do exilado que voltava em roupas européias foi o homem-cobra. Jabalwan havia viajado por todas as tribos em Bornéu, e sabia que os deuses dos caras-de-macaco eram verdadeiramente homens.

Conduziu Batuh e os estrangeiros praia acima, por entre os aborígenes frenéticos, até um trono entalhado em madeira de lei. Lá estava o chefe que dois anos antes havia banido Batuh. Era um homem de rosto esquálido, que tinha o ar sonolento dos que já viveram em demasia. Sabia que seus dias haviam terminado, pois a volta de Batuh entre os deuses estrangeiros significava o final do seu reinado. Como ultimo ato de desafio, tinha preparado um presente para os visitantes que iria irritar profundamente o usurpador.

Perante a multidão de nativos de todas as tribos reunidas, os deuses caras-de-macaco

foram presenteados com três engradados de bambu de tamanhos diferentes. O menor deles continha uma baixela de pratos de ouro marchetado, e muito agradou aos holandeses. O engradado maior estava cheio de presas de elefante. O último deles se abriu, revelando uma mulher completamente nua.

Os estrangeiros perceberam imediatamente que ela não era como as outras mulheres da tribo, que usavam o cabelo curto e brilhante com óleo de coco, esticavam o lóbulo das orelhas e tinham o rosto negro de feições largas. A pele da mulher no engradado era da cor da canela; seu rosto, fino e alongado. O cabelo castanho caía em longas madeixas abaixo dos ombros, até a curva achatada do ventre e a penugem escura mais abaixo.

Enamorando-se instantaneamente da mulher, Van Noot sentiu-se decepcionado quando ficou sabendo que ela era um presente para o capitão do *Zeerover*. Porém seu desapontamento não foi nada comparado ao sentimento de ultraje de Batuh, já que o chefe estava oferecendo a sua Malawangkuchingang, que lhe ensinara tudo o que sabia sobre os caras-de-macaco e que se transformara de criança feiosa numa mulher que os holandeses

obviamente achavam estonteante.

Por direito, Mala era propriedade de Batuh, que lhe lançou um olhar às mãos calosas e arranhadas, percebendo que os Fantasma da Árvore a tinham colocado para trabalhar no campo em sua ausência. A atitude ofensiva do chefe, dispondo da mulher como se fosse dele, era a única desculpa de que Batuh precisava para agir. Apanhou a espada de Van Noot e dirigiu-se para o trono. O chefe levantou-se para enfrentar a lâmina brilhante, que penetrou através do colete de pêlo de macaco e perfurou-lhe o coração. Batuh agarrou-o pelos cabelos, abaixo da coroa de pele de leopardo, e jogou-o para a frente, esticando o corpo no chão. A espada de aço movimentou-se como um raio em sua mão. Silenciosamente, ele levantou do chão a cabeça do chefe, o sangue pingando na areia quente.

Um grito de espanto percorreu a multidão e logo se transformou numa algaravia de comentários entre os nativos indecisos. Guerreiros dos

Fantasma da Árvore, que guardavam os flancos contra as outras tribos, avançaram na direção de Batuh, com as facas desembainhadas.

— Olhem aqui! Olhem todos aqui. Os

deuses estão vendo! — disse Batuh, balançando a cabeça cortada. — Eu voltei para reclamar o que é meu. Os deuses são testemunhas!

Os holandeses foram apanhados totalmente de surpresa pela situação, mas não puderam fazer nada além de permanecer em frente a Batuh, com as espadas desembainhadas para se defenderem, se fosse preciso. A presença deles era toda a autoridade de que Batuh precisava. Pelo menos por hora, ele era o chefe dos Fantasmas da Árvore.

A multidão agitada separou-se para abrir passagem a Jabalwan, que caminhou até Batuh e parou sob a sombra da espada.

— Vai matar o caçador de almas também?

Batuh abaixou a espada e mostrou a cabeça ao feiticeiro.

— Esse é o único sangue que os deuses desejam hoje, Jabalwan.

— Deixe a cabeça aqui — ordenou Jabalwan — e venha comigo para a selva.

Acabou de falar e percorreu novamente o espaço aberto pela multidão, prosseguindo em direção aos portais verdes da floresta. Batuh estreitou os olhos, ponderando as alternativas. Se seguisse o feiticeiro ao interior da selva, ficaria à mercê dos truques e dos venenos do

velho, o que poderia custar a própria vida num piscar de olhos. Se não fosse, todas as tribos testemunhariam sua covardia.

Aparentando autoridade, ordenou às tribos que recolhessem suas melhores ofertas. Levantou o punho da arma na direção de Van Noot:

— Vou ficar com isso.

— Com a minha bênção — garantiu o holandês, contente por perceber que as tribos estavam se acalmando e deixando de lado as armas.

O feiticeiro havia desaparecido de vista na densa vegetação rasteira da mata, e Batuh dirigiu-se rapidamente à zona escura e sombreada, entremeada de palmeiras e áreas de mangue. A luz esverdeada envolveu-o num calor úmido, e o vozerio na praia foi abafado imediatamente.

Batuh exultava, apesar do medo. Esse era seu verdadeiro lar, e ele olhava cheio de saudade para os troncos enormes cobertos com os tentáculos de trepadeiras, para as alturas titânicas, onde um dossel de musgos e lianas era perfurado pela luz do sol. O chilrear dos pássaros indicou a direção tomada pelo feiticeiro.

Batuh seguiu em frente, escalando silenciosamente um tronco caído no caminho.

Desejou não estar usando as desajeitadas roupas dos caras-de-macaco, que pusera para fazer boa figura na chegada, pois elas obrigavam-no a prosseguir devagar e mantinham o calor próximo ao corpo de tal maneira que em poucos minutos estavam encharcadas de suor.

Os mosquitos zumbiam ao redor, e ele lamentou não ter à mão a pasta de raízes e lama que os de sua tribo usavam para afugentar os insetos. Passou por formigueiros do tamanho de homens em pé, por grandes flores vermelho-sangue que exalavam o odor de carne em decomposição e por cogumelos do tamanho de pérolas.

No interior da floresta, onde o ar penetrava frio pela copa das árvores, Jabalwan encontrava-se sentado no chão à sombra espessa de um enorme tronco recoberto de fungos.

— Z-z-zhut! — fez o feiticeiro.

A imitação do zunido de um arco disparando foi tão perfeita que Batuh atirou-se ao chão e rolou em busca de proteção.

— Você quer ser o chefe dos Fantasmas da Árvore? — escarneceu Jabalwan.

Batuh levantou-se rapidamente, limpou as folhas que aderiam ao seu traje e balançou a espada.

— Eu voltei com os deuses — afirmou.

A própria voz soou-lhe como o coaxar de um sapo, e ele esperou um pouco antes de continuar. Durante esse intervalo, seu olhar seguiu a lâmina da espada que empunhava até o semblante do feiticeiro. Os olhos dele estavam fechados. Olhos de serpente tatuados em vermelho nas pálpebras observavam-no impassíveis. Batuh abaixou o sabre.

— Os deuses são minhas testemunhas.

— Eles são simplesmente homens, Batuh — declarou Jabalwan, com sua voz rouca. — Sei tudo sobre eles e os grandes navios. São homens como nós.

— Mas são diferentes...

— Eles fedem. E você fede como eles — prosseguiu o feiticeiro com desdém. — Você cheira como alguém que não gosta de sol. Acho que sua sombra já está nas trevas, Batuh.

— Sou o chefe legítimo da minha tribo. Cacei mais do que qualquer um e ofereci mais cabeças. Andei além da terra das chuvas e fui até o mar, até a aldeia dos caras-de-macaco. E voltei de lá trazendo presentes.

— Você e eu nos conhecemos desde o começo dos tempos — afirmou Jabalwan, sorrindo e estreitando os olhos tatuados.

— Então vai me ajudar? Vai fazer as pazes com os antepassados?

— Paz? — Os olhos do feiticeiro se abriram, e o olhar fixo e intencional provocou arrepios em Batuh. — Você não está falando com nenhum chefe ou com os velhos! O que me importam a paz ou as lutas? — Levantou o rosto, orgulhoso como uma cobra. — Sou um caçador de almas. Vivo no mundo dos espíritos, fora das tribos. Vejo o movimento das nuvens no céu, com as costas para a terra. Converso com a floresta, que se agarra à terra como um homem louco, e aprendo como atingir as nuvens.

— Se não me ajudar, vou matá-lo — afirmou Batuh, apontando a lâmina para o caçador de almas.

Jabalwan sorriu com escárnio e levantou o punho esquerdo com a mão fechada. Quando abriu a mão, um leopardo rugiu atrás de Batuh, que girou nos calcanhares, a espada pronta para entrar em ação contra um possível bote do felino.

— Nenhum leopardo quer a sua carne, Batuh — tranqüilizou Jabalwan, cruzando as mãos no colo. — Se eu ajudá-lo, o que me dará em troca?

Batuh virou-se novamente para o feiticeiro, as mandíbulas cerradas com força e a espada

tremendo na mão. Sua raiva estava no auge, despertada pelo medo. Depois teve uma idéia, e a irritação desapareceu subitamente. Enfiou a mão no bolso e pegou o crucifixo que havia apanhado do holandês que caíra a seus pés durante o ataque dos piratas.

— Este é o deus dos caras-de-macaco — anunciou. — Você aceitaria?

Jabalwan encarou o outro com ar sombrio, depois fechou novamente os olhos. Quando Batuh já estava a ponto de admitir sua falha, o feiticeiro estendeu lentamente a mão, como uma víbora vigilante, com a palma para cima.

Batuh sorriu por dentro, mas não deixou que o rosto demonstrasse. Colocou o crucifixo na mão estendida, mas não soltou a corrente.

— Preciso de mais uma coisa além da garantia de paz com os velhos da tribo.

Jabalwan abriu os olhos sem retirar a mão.

— O chefe dos caras-de-macaco foi ferido no peito por uma flecha Lanun — contou Batuh.

— Ele teve muita sorte por ser uma flecha Lanun — comentou o feiticeiro. — Eles fabricam seu veneno com a lula-azul dos recifes. O veneno enfraquece rapidamente, e eles são muito preguiçosos para prepará-lo sempre.

— Você me daria o remédio para curar o

ferimento?

— O que você procura está debaixo dos seus pés — afirmou Jabalwan, fechando os dedos sobre o crucifixo.

— As folhas mortas? — indagou Batuh, incrédulo.

— É só isso que vê na terra?

O feiticeiro passou levemente os dedos pelo chão, afastando as folhas decompostas, e apanhou o corpo de uma formiga que se debatia.

— Apanhe um punhado dessas formigas vermelhas. Vou pegar o resto de que precisamos.

Batuh enrolou uma folha em forma de cone, dobrando uma das pontas. Aplicou a ponta de um galho resinoso para manter as partes unidas e começou a recolher as formigas do chão.

Enquanto isso, Jabalwan circulava o tronco à sombra do qual estivera sentado, recolhendo fungos azulados, de filamentos longos, que cresciam por ali. Quando Batuh veio a ele com o cone repleto de formigas, o caçador de almas enfiou um chumaço de fungos no interior da folha, dobrou a ponta ainda aberta, e rolou o invólucro fechado contra a coxa, até esmagar as formigas e as plantas, transformando tudo numa pasta.

— Aplique isso no ferimento. Vai queimar e

provocar febre durante a noite. Ao amanhecer, ele se sentirá mais forte, e a ferida vai cicatrizar sem mais problemas.

Batuh enfiou a espada entre o cinturão e as roupas e apanhou a folha contendo a pasta com as duas mãos.

— Nunca esquecerei que me ajudou, Jabalwan.

— Aceito este amuleto como pagamento pelo remédio — declarou o feiticeiro. — Mas pela paz com os mais velhos você ainda não me pagou.

— O que quer?

— Uma vida.

Batuh franziu a testa.

— Não a sua. E não neste momento. Uma vida, quando eu pedir.

Batuh assentiu com um gesto de cabeça, e Jabalwan penetrou na escuridão verde da selva. Um macaco gritou, e uma serpente voadora moveu-se na copa das árvores. Quando olhou novamente, o feiticeiro se fora.

Jaki acordou no meio da noite, arrancado do sono pela dor do ferimento. O sorriso rude de Ferang e o alarido das crianças dos Nômades da Chuva com as pedras na mão se dissolveram perante a visão familiar da choupana, e o som escarninho das risadas transformou-se no coaxar

noturno dos sapos. Levantou-se e foi até a rede onde dormia a mãe. Precisava do conforto dela contra os sentimentos horríveis despertados pela pedrada recebida na cabeça. Queria segurança, embora soubesse instintivamente que estava além da ajuda que ela poderia dar, e isso o assustava mais do que nunca, fazendo-o desejar seu abraço.

Estranhamente, quando se aproximou o suficiente, não teve coragem de tocá-la. Ficou ali, vendo-a adormecida, a respirar serenamente, e a dor dos ferimentos ocultou-se em seu coração. Ela era tão bonita como a vista maravilhosa que tivera a oportunidade de observar do alto dos campos de flores, com o mundo se estendendo a seus pés.

Recuou um pouco, de maneira a observá-la por inteiro, as pernas dobradas e as mãos encolhidas abaixo do queixo. Parecia uma criança, quase do mesmo tamanho que ele. Uma onda de amor invadiu seu coração enquanto as sombras se adensavam na choupana. No transe daquela visão, sentiu algo da mesma premonição que a própria mãe tinha experimentado ao velar seu sono ainda há pouco.

Ele também tivera consciência de que uma mudança ocorrera na vida dos dois. A primeira

vez que abrigara tal sensação fora no dia anterior, no alto dos campos floridos, quando a figura da mãe parecera minúscula contra a imensidão da selva. Algum dia ele deixaria o vale e vagaria pelas terras além, como o seu pai e o pai de Mala haviam feito antes dele. O que seria feito dela então, da criança que era sua mãe?

Uma mariposa roçou-lhe a bochecha e quebrou o encantamento. Os pulmões encheram-se com o ar úmido da noite e ele recuou para a escuridão protetora.

Quando Batuh saiu da floresta, os holandeses haviam acabado de descobrir que Malawangkuchingang falava uma língua que podiam entender. Embora o espanhol fosse a língua de um país inimigo da Holanda, a beleza etérea da moça conquistou logo a simpatia dos estrangeiros. Van Noot mal conseguia manter as mãos afastadas do corpo dela e havia cerimoniosamente ajudado a cobrir sua nudez.

Malawangkuchingang estava feliz pela chegada triunfal de Batuh, porque os Fantasmas da Arvore a tinham maltratado durante os dois anos em que ele ficara fora. Batuh era seu seqüestrador, porém sempre a tinha tratado com respeito pela sabedoria que ela lhe oferecia. Quando ele ordenara que fosse com os

holandeses até o navio e administrasse o remédio que o feiticeiro havia preparado, tinha protestado, mas não pudera recusar.

Batuh havia percebido a adulação e a cobiça nos olhos dos holandeses, e compreendera que essa mulher feia vinda do norte poderia ser de utilidade em seu plano para possuir as cabeças douradas, que certamente iriam conferir-lhe superioridade entre as tribos. Prometera a Van Noot que iria curar o capitão, e enquanto isso organizaria os bens das tribos para o comércio.

Os holandeses encararam com desconfiança o remédio dos aborígenes, porém aos olhos de Van Noot a mulher alta de pele morena era ainda mais tentadora do que o ouro e o marfim que receberam, e ele ordenou que ela fosse levada a bordo, embora não tivesse esperança de que fosse de alguma ajuda para o capitão.

Na visão delirante de Pieter Gefjon, a moça nativa estava em chamas, o ar tremulando ao redor dela, com um brilho dourado. Nos dois dias que se passaram desde que fora ferido, a dor havia aumentado e a febre subira de forma assustadora.

— Ele está muito doente — disse Malawangkuchingang a Van Noot, em espanhol.

Ela estava respirando através da boca para evitar o cheiro de carne pútrida que dominava o interior do camarote do capitão, cujos olhos febris mantinham-se fixos nela. — Trago remédio para seu ferimento.

A mulher chamejante falou na língua do inimigo, e Gefjon soube que ela era uma sedutora forma da morte, que tinha vindo para libertá-lo do sofrimento. Apertou com mais força a Bíblia entre as mãos. Ela era a morte, a leoa que o Senhor enviara para levar sua alma. As garras pairavam sobre ele desde que a flecha o tinha atingido. Iluminado por essa revelação, levantou o rosto para encará-la de frente, e a dor nos pulmões flamejou. Com um gemido, o capitão deixou cair novamente a cabeça.

— Esse remédio pode ser veneno — disse Van Noot em voz baixa, inclinando-se sobre Gefjon.

— Seria o melhor remédio — respondeu o capitão, com um débil sorriso. — Deixe que a leoa cuide de mim.

Malawangkuchingang abriu a camisa de Gefjon, maravilhando-se ao toque da seda e com a profusão de cores nos botões de abalone, e expôs a ferida. As bordas negras cauterizadas dobravam-se ao redor de um buraco em carne

viva cheio de coágulos, supurando um líquido amarelo e espesso. Ela olhou para Van Noot.

— Talvez seja muito tarde. Agora você precisa segurá-lo.

Mala abriu a folha enrolada, e um cheiro ácido espalhou-se pela cabina. Rapidamente ela acomodou a pasta marrom-violácea na abertura do ferimento. Uma dor dilacerante invadiu Gefjon e levou-lhe a consciência de uma só vez.

Na tarde seguinte, depois do primeiro dia de comércio bem-sucedido, trocando as mercadorias holandesas pelas riquezas da selva, a febre do capitão baixou. Acordou e encontrou a mulher nativa ao lado do leito. Apesar dos convites apaixonados de Van Noot para que ela o acompanhasse até sua cabina, onde não havia aquele odor nauseabundo, Mala havia preferido ficar com o homem doente, que provavelmente era parecido com seu pai, e, como ele, um estrangeiro que ela mesma não tinha conhecido.

Gefjon estudou as ondas do cabelo castanho, a base afilada do nariz e as profundezas palestinas dos olhos escuros. Queria agradecer àquela mulher por ter-lhe diminuído a dor, mas o toque dela parecia fazer com que flutuasse fora do corpo e a voz recusava-se a obedecê-lo. Ela tinha uma aura sobrenatural a

envolvê-la, doce e azul como a neve, ou como um remoto tufão. O capitão fechou os olhos, e o rosto mourisco seguiu-o até a escuridão. "Do que tem medo?", parecia perguntar a expressão enigmática. O túmulo é como um berço. A terra é o ninho do céu.

Espiou através das pálpebras semicerradas e percebeu-lhe os brilhantes olhos com a graça de um demônio determinado a conservá-lo neste mundo, a diminuir-lhe o medo da encruzilhada final e a manter sua alma na carne mortal. Ela iria curá-lo, e ele não resistiria.

Durante a noite, a Bíblia caíra de sua mão, e ela a havia apanhado, conservando-a no colo, lembrando do conforto que tinha experimentado durante os anos em que estivera no orfanato. Era tão pesada quanto a Bíblia do pastor que conhecera quando menina, e também era encapada em couro e impressa em latim, a única língua que era capaz de ler. Ela abriu o livro e, para acalmar o atormentado capitão, leu em voz alta a primeira frase que lhe chamou a atenção:

— Alegrem-se, pois seus nomes estão escritos nos céus.

Pieter Gefjon estava perdendo a consciência novamente, e a voz acompanhou-o no desmaio. Os ecos refletiam e reverberavam em sua mente:

"escritos nos céus". A escuridão na qual penetrava possuía filetes luminosos. Cada um desses filamentos de fogo era na realidade um nome, formando um turbilhão de letras luminosas que possuíam o brilho da água, ou o das estrelas.

Pelo amanhecer, a dor havia passado e o capitão pôde levantar e fazer suas necessidades na proa. Como sinal de gratidão pela cura, ajoelhou-se ao lado do que teria sido seu leito de morte e orou juntamente com a nativa que o salvara. Como recompensa, concedeu-lhe permissão de voltar a Batuh, e Mala foi levada para a terra no primeiro escaler.

Gefjon ficou contente com o resultado do comércio com os nativos. As tribos mostravam-se ávidas pelas mercadorias holandesas e haviam negociado grandes quantidades de gengibre, noz-moscada, chifre de rinoceronte e barras de prata. Mas os diamantes que o capitão cobiçava não apareceram. Batuh deu sua palavra de que existiam, mas haviam sido reunidos para uma cerimônia ritual no interior, e estariam disponíveis dentro de dois dias. Como prova disso, presenteou Gefjon com uma bolsa feita de bexiga de peixe, dizendo:

— A moça Malawangkuchingang foi oferecida a você pelo antigo chefe. Com isso, eu a compro de volta.

O capitão abriu a bolsa. Seus olhos brilharam quando viu as duas pedras leitosas no interior.

— Diamantes!

— Isso, *tuan*. Estes me foram dados na festa dos Nômades da Chuva, uma tribo do interior. Chamam essas pedras de Lágrimas do Deus da Montanha.

— Existem mais destas? — perguntou Gefjon sopesando as pedras e percebendo com grande assombro que eram de excelente qualidade.

— Claro! Muitas mais — assegurou Batuh.

Na verdade, não esperava mais nenhum diamante. Em vez disso, havia secretamente entrado em contato com os piratas Lanun por intermédio dos tambores. Eles atacariam o *Zeerover* e tomariam a carga, deixando as cabeças para Batuh.

Mesmo com a promessa de mais diamantes, o capitão não gostava da idéia de permanecer durante muito tempo naquele estuário .raso. Além de não confiar completamente em Batuh, temia novo encontro com os piratas que haviam

repelido no mar. Deu ordens para aprontar o navio para partir durante a noite, quando a maré enchesse.

Mais tarde, sentado sozinho à escrivaninha em seu camarote, com a Bíblia e os diamantes na mão, Gefjon lembrou-se da visão que tivera quando delirava. A febre o havia atirado num poço profundo e negro, cujas paredes ardiam como linhas de fogo. Os pequenos filamentos incandescentes eram na verdade como letras, que formavam nomes, sendo cada nome o galho de uma árvore flamejante.

Talvez não como uma árvore, e sim uma rede de veias brilhando contra a rocha negra da febre, vermes de fogo. Qual seria o significado dessas imagens?

Abrindo a Bíblia e examinando o verso da capa de couro, ele leu o nome dos pais, Kee e Jaki, escritos ao lado da respectiva data de nascimento. O espaço para sua assinatura permanecia em branco. Desde que ganhara a Bíblia, havia vinte anos, quando saíra de casa para cursar a Academia Naval, acreditava na superstição corrente de que, se assinasse o livro antes da morte dos pais, estaria condenado a um fim prematuro. Agora, enquanto destampava o tinteiro embutido na escrivaninha e tomava da

pena, compreendeu que o espaço não estava esperando somente pelo seu nome, mas também pela visão que tivera. Assinou o nome ao lado da data de nascimento, e abaixo acrescentou em latim: "Vi o leão do momento final — ele guarda a mina de assinaturas".

Batuh ficou desesperado ao saber que o *Zeeroover* pretendia partir com a maré da noite. As tribos, fascinadas com os caras-de-macaco, com certeza não pegariam em armas para um ataque em massa, e os Lanun só chegariam na madrugada seguinte. Só havia uma maneira de manter a presa em posição até que a armadilha estivesse pronta.

Em suas roupas européias folgadas, com um cocar de penas coloridas balançando na cabeça, Batuh avançou pela praia na direção de Malawangkuchingang, que estava separada das outras mulheres.

— Ar Brilhante Entre as Palmeiras — começou ele, assustando-a ao usar seu nome completo. A última vez que a chamara assim fora quando explicara por que tinha necessidade de desafiar o chefe e arriscar o exílio. — Preciso de sua ajuda.

— Meu chefe, tudo o que puder fazer, farei.
— Seus dedos tocaram o peito de Batuh, que

pousou a mão sobre a dela.

— É uma coisa muito difícil para mim o que tenho a pedir, Ar Brilhante. Mas, se pretendo ser o chefe, e se a terra dos Fantasma da Árvore quer colheitas fartas, preciso manter os caras-de-macaco na baía até o amanhecer.

— Por quê, meu chefe? Temos as ferramentas deles, as roupas deles e o sal. Agora estão negociando mobília e bugigangas. Se partirem agora, não perderemos nada a não ser ornamentos.

— Sou um caçador. Eles são minha presa. Trouxe-os até aqui para obter mais do que simples mercadorias. As pessoas têm as mercadorias, mas a terra não tem nada.

Mala segurou com força a camisa de Batuh quando compreendeu o que ele pretendia. Seu rosto assumiu um ar preocupado.

— Pode fazer isso?

— Posso. Mas só se eles ficarem mais uma noite.

— Mas, Batuh, e as armas? Os canhões...

— Todos estamos prometidos aos mortos, Ar Brilhante. Mas esse não é assunto para as mulheres compreenderem.

— Não sou uma mulher dos Fantasma da Árvore. Conheço os mortos. Mas não quero vê-lo

entre eles — declarou Mala com orgulho, as narinas se dilatando. — A tribo não vai desafiar os caras-de-macaco, Batuh. Eles vão fugir ao primeiro barulho. Você vai ficar sozinho.

— Existem outros. Guerreiros ferozes. Estão a caminho e devem chegar ao amanhecer. Preciso manter o navio aqui até então. Mas os caras-de-macaco vão partir esta noite. A menos que me ajude.

— Mas como posso manter os estrangeiros aqui? O capitão não me obedece...

— Existe uma maneira — Batuh respirou profundamente antes de prosseguir. — Há um, chamado Van Noot, que a deseja...

— Ele é tão feio! — exclamou Mala, recuando com expressão de horror.

— É verdade. Por isso é tão difícil para mim pedir-lhe que conceda a ele seus favores esta noite...

Malawangkuchingang conteve um soluço e escondeu o rosto entre as mãos. Batuh aproximou-se dela e suavemente passou um braço ao redor de seus ombros, enquanto lhe abaixava as mãos e procurava seu olhar.

— Não se entregue a ele antes que o capitão se convença a ficar até de manhã. Saberá que conseguiu se o grande navio não levantar âncora

antes do amanhecer. A essa hora a maré já terá baixado e os recifes vão mantê-lo dentro da baía.

— Mas eu não posso me entregar a ele!

Batuh colocou a mão sob o queixo da companheira e encarou-a com determinação.

— Você mesma me ensinou que podemos fazer tudo.

— Mas não isso, Batuh. Não me entregue àquele homem feio.

— Não pretendo dar você a ele. Você é minha. Para sempre. Mas não consigo pensar em outra maneira de mantê-los aqui e assegurar o poder que preciso para manter a terra. Para nós, e para nossos filhos.

O pensamento de crianças, filhos dela e de Batuh, amenizou o medo de Mala, porém o coração ainda estava apertado.

— Nenhum homem a não ser você jamais me desejou.

Batuh enfiou a mão no bolso do gibão e retirou de lá um colar de asas de libélula iridescentes, mais delicado do que qualquer jóia dos Fantasmas da Árvore.

— Foi feito pelos Nômades da Chuva. Você terá as mais belas jóias e roupas da tribo. Nunca mais precisará trabalhar nos campos — declarou ele, afastando as madeixas de cabelos castanhos

e colocando-lhe o colar no pescoço. — Amanhã vamos voltar juntos para as Cabanas Grandes. Você será minha mulher.

— Você não vai me odiar por fazer o que está pedindo?

— Vou odiar você se não fizer o que estou pedindo — disse Batuh com veemência, apertando-a fortemente contra o peito. — É muito importante. Você vai ganhar prestígio entre o povo das tribos se fizer isso. Ninguém vai chamá-la de feia novamente, e você será a mulher do chefe. Sua história será cantada à beira do fogo muito tempo depois que tivermos partido para além deste mundo. Vai me obedecer?

Malawangkuchingang olhou para o próprio corpo pequeno e esguio, que Deus havia feito com a lama da terra. Mesmo entre o povo do norte, onde vivera antes, era desprezada como franzina. Ao seqüestrá-la, Batuh a havia salvo de uma vida de humilhações. Deus, que a fizera feia, permitira que fosse companheira de um grande homem como Batuh. Deus devolvera Batuh a seu povo. Deus era glória e poder, e ela não passava de lama da terra. Ela não era inteligente como o javali, nem forte como o búfalo que vivia na água, nem corajosa como o falcão

representado no totem de Batuh. Ela não tinha totem, e morreria como os animais. Essa visão confortou-a e fez com que soubesse a maneira como devia viver. Olhou para Batuh como uma mulher livre.

— Obedecerei, meu chefe.

As jóias da noite perfuravam a copa das árvores. A lua ainda estava baixa no horizonte, e as estrelas luziam como folhas de luz no campo escuro dos céus. A própria escuridão tinha o brilho das penas negras, mas dentro em pouco a aurora desdobraria suas asas e dissolveria a noite.

Jaki estava sentado num galho alto na orla da selva. Na penumbra, ele voltava o rosto para a choupana na clareira abaixo, onde a mãe dormia. Finas nuvens espiraladas de ervas aromáticas queimadas chegavam até ele. Mala queimava as folhas durante toda a noite e o cheiro forte e refrescante conservava os insetos a distância. A fragrância era reconfortante para Jaki, sempre associada à noite e a sua mãe. Mas outro odor pairava no ar da floresta, e Mala também havia notado o sussurro da montanha, o eco da chuva, o cheiro de névoa do caçador de almas.

O aroma significava que teriam acepipes. Carne, nozes raras e frutas enroladas em folhas

de oferendas estavam nesse momento sendo depositadas ao pé das árvores na clareira, para que fossem encontradas à luz da manhã. Mala dizia que o caçador de almas trazia todas essas

coisas porque os amava. Era o guardião deles, enviado por Deus para protegê-los da selva. Jaki não acreditava que Deus tivesse mandado Jabalwan. Deus enviava frutas e nozes às árvores, e também a carne aos ossos dos animais. O feiticeiro era um homem, embora Jaki nunca o tivesse visto. Percebera apenas movimentos tênues, como sussurros dentro da noite, lampejos de formas atravessando a floresta, e certa vez o brilho de olhos escuros como os de besouros observando-o através da cerca do jardim de Mala.

Nessa noite o menino havia despertado com a dor dos ferimentos, mas, em vez de acordar Mala para confortá-lo, permanecera no escuro, pensando em tudo o que lhe acontecera. Apesar dos Nômades da Chuva, sentia orgulho da própria vida. Mala o amava, e os animaizinhos brincavam com ele todos os dias. Não tinha necessidade alguma dos Nômades da Chuva, que o chamavam de demônio e lhe atiravam pedras. Jaki estava determinado a nunca mais procurá-los.

O odor de névoa e pedra que denunciava o feiticeiro aparecera enquanto ele tomava sua resolução. Então, havia se esgueirado da choupana para a escuridão leitosa da selva, na esperança de encontrar esse ser fabuloso que não conseguia nem imaginar. Será que o caçador de almas os teria alimentado durante tantos anos se o considerasse um demônio?

Escondeu-se atrás de uma árvore que ficava contra o vento; depois deu uma corridinha silenciosa na direção do odor almiscarado do feiticeiro. Nunca havia se aproximado tanto, e seu coração saltava de excitação. Uma brisa tocou-lhe o rosto, denunciando um pássaro assustado. O eco do seu pio soou à frente, e o cheiro perseguido desapareceu.

O menino conteve um riso alegre. Então o caçador de almas era tímido como uma corça anã. O vento agitou o chão coberto de folhas da floresta, e entre o odor de húmus e flores apareceu um traço do cheiro do feiticeiro, dessa vez em direção oposta. Jaki voltou à perseguição, e um assobio agudo soou como o trinado de um pássaro pela clareira. Era Mala quem chamava. Ela também sentira o cheiro. Sempre o chamava para junto dela quando o caçador de almas estava por perto.

Jaki estacou, e o odor se foi. Por um momento sentiu-se tentado a prosseguir atrás do feiticeiro, ignorando o apelo da mãe. Então lembrou-se de como ela parecia uma criança, adormecida à luz do luar. Sentiu-se invadido por uma onda de amor por Mala, e voltou-se em direção à choupana sobre palafitas na clareira.

— Ela o deseja — afirmou Batuh em holandês para Van Noot. Os dois estavam em pé à orla da floresta, à vista da praia onde se realizava o comércio. Batuh havia se dirigido diretamente a ele, e falara sem rodeios, apontando a tímida moça nativa que permanecia à sombra das árvores próximas.

— Do que você está falando? — perguntou rispidamente Van Noot.

— Ar Brilhante Entre as Palmeiras deseja você — repetiu Batuh, pensando nos piratas Lanun para espantar o riso diante da expressão de incredulidade no rosto do holandês. — Ela é muito tímida para agir por si mesma. Tem medo de que você não a queira, e pediu-me para falar por ela. Você a aceita?

— Mas ela pertence ao capitão! — conseguiu finalmente balbuciar Van Noot.

— O *tuan* já lhe concedeu liberdade —

afirmou Batuh. — Não sabia?

— Não. Eu... não tinha conhecimento disso. Ela está livre agora?

— Não em seu coração. Até que você a possua.

— Preciso ouvir isso dela mesma — insistiu o holandês, andando até onde estava a moça, que permanecia recatadamente de olhos baixos. — Mala, o que Batuh diz é verdade? — perguntou em espanhol.

— O senhor não deve dizer nada ao capitão — respondeu Malawangkuchingang com suavidade. — Ele é um cristão e não entenderia meu desejo pagão. — Respirando profundamente para conter a aversão, ela pousou a mão na camisa empapada de suor do holandês. — Conceda-me apenas uma noite secreta com você aqui na floresta, e poderei voltar em paz para as Cabanas Grandes.

— Eu não tinha a menor idéia...

— Não me deseja? — Ela retirou a mão, com uma ponta de esperança de que ele não a quisesse.

— É claro que sim — respondeu ele, tomando-lhe a mão. — Mas pensei que como tinha recusado o convite para ir à minha cabina na noite em que estava com o capitão... Bem,

pensei que me achasse repulsivo.

— Eu pertencia ao capitão, Jan. — O som do primeiro nome dele soou de modo estranho. — Não tinha escolha então. Agora sou livre novamente. Falei com meu chefe, Batuh, sobre meu desejo. Ele aprova. A proximidade do rosto suado de Van Noot fez com que desviasse o rosto.

— Não parece muito ansiosa por essa união, minha senhora.

— É que essas coisas são muito diferentes em minha tribo. — Mala falava para a imensidão verde que os rodeava, e por um momento teve a impressão de divisar um brilho escuro entre as lianas perfuradas por raios de sol. Ao balanço de uma folha, percebeu a sobrancelha do feiticeiro, mas não se interrompeu. — É nosso costume, nessas ocasiões, quando uma mulher deseja um certo homem, que ela coloque uma raiz de mandioca na mão dele. Se ele também a deseja, acompanha a moça até o seu leito. Se não a deseja, finge continuar dormindo. — Uma brisa agitou as folhas, e a sombra que ela julgara ser o caçador de almas não estava mais lá. — Um encontro direto como esse é muito embaraçoso para mim. Para você não?

— Também, mas estou encantado em saber dos seus sentimentos. Não quer olhar para mim?

Mala levantou os olhos, e havia neles uma intensidade que o holandês interpretou como paixão, enxergando o reflexo de sua imagem no brilho castanho. Van Noot continuou:

— Desde o início eu a desejei. Desde que a vi como o Senhor nos criou.

— Não fale no nome do Senhor!

— Certamente o que ambos sentimos tem a bênção do Senhor, que abençoou também leprosos, prostitutas e o próprio homem que o traiu.

Mala examinou-lhe as feições e ficou aliviada ao perceber que os olhos brilhavam de luxúria.

— Então virá esta noite?

— Se puder.

— Precisa vir. — Ela apoiou a cabeça contra o peito de Van Noot, sentindo o odor do suor e a batida forte do coração. Por trás dele apareceu Batuh, sorrindo satisfeito. Malawangkuchingang soltou o holandês e voltou-se, para esconder a vergonha que estava sentindo.

— Depois que os escaleres estiverem a bordo, levantamos âncora — declarou o capitão Gefjon, assim que o representante da companhia e o piloto entraram no camarote. —

Atravessamos a barra e passamos

a noite navegando. Van Noot, você vai separar a parte da companhia em nossas mercadorias, de acordo com o estabelecido no contrato. Quero o relatório final até o anoitecer de amanhã. Piloto...

— Capitão — interrompeu Van Noot, passando nervosamente a língua pelos lábios. — Não podemos partir agora. Garanti a Batuh que continuaríamos o comércio amanhã.

— Ótimo! — respondeu Gefjon, observando a postura ávida do outro, a língua que não parava de se mover e o branco ao redor de seus olhos. — É melhor que ele acredite que vamos voltar à praia. Isso evitará qualquer atitude desesperada de sua parte. Batuh é ambicioso.

— O desespero de Batuh diz respeito apenas às mercadorias, capitão — pressionou Van Noot. — Ainda temos de vender o conhaque. Os nativos já souberam da água dos espíritos, por intermédio de Batuh. Ele falou tanto a respeito que os nativos são capazes de oferecer até mesmo ouro em pagamento.

— A tripulação precisa mais do conhaque do que esses caras-de-batata — protestou o piloto.

Van Noot lançou um olhar irritado ao piloto

e ignorou a observação, continuando a falar diretamente a Gefjon:

— Batuh garantiu que as cestas de diamantes estão a caminho daqui. Certamente elas valem nossa bebida.

— Batuh prometeu ouro hoje — intrometeu-se novamente o piloto. Van Noot apontou a pequena bolsa pendurada ao cinto do capitão.

— Tem diamantes aí dentro, não tem? Batuh manteve a palavra sobre os diamantes.

Gefjon removeu a bolsa do cinturão e colocou as duas pedras em bruto sobre a escrivaninha. Uma luz pálida brilhava com aspecto leitoso, emitindo lampejos de todas as cores do arco-íris.

— Batuh me deu esses dois quando devolvi a moça. Ele disse que a estava comprando de volta.

— Aposto que é uma isca — resmungou o piloto. — Querem que fiquemos aqui até reunir aborígenes suficientes para tomar de volta tudo o que nos deram, e mais as nossas cabeças.

— Quem sabe o que ele está preparando? — acrescentou o capitão.

— Seja o que for, ele não vai fazer nada até obter a bebida — argumentou o representante da companhia. — Deixe que eu leve alguns

barriletes esta noite. Uma vez que tenham provado o conhaque, venderão até seus ídolos de ouro para obter mais. Vamos deixar os nativos contentes e voltamos ricos para casa.

— Já estamos ricos — protestou o piloto. — Temos quase seiscentos taéis de prata no cofre. Temos o ouro e o marfim que recebemos de presente do velho chefe. Além disso, temos baús de cânfora, guta-percha, chifre de rinoceronte e especiarias em volume suficiente para financiar uma grande expedição. Podemos voltar aqui depois. Vamos garantir o que já temos.

— Concordo com ele — declarou Gefjon. — Partimos assim que os escaleres estejam a bordo. Com a maré da noite.

— Não! — a palavra saiu quase involuntariamente dos lábios de Van Noot, que engoliu em seco e prosseguiu: — O navio, a tripulação e a carga são de propriedade da Companhia, e eu sou o representante da Companhia nesta viagem. Eu decido quando o comércio termina. Sua responsabilidade é navegar e defender o navio. Ficaremos até que o comércio termine. Insisto em que seja assim.

Van Noot havia quase levantado da cadeira em que se encontrava à medida que falava, depois sentou-se pesadamente, como que para

reforçar sua convicção.

O capitão olhava fixamente para os diamantes. As pedras capturavam a luz do sol no interior do brilho oleoso, da mesma maneira que sua vida sem sentido o continha. Como elas, ele estava incompleto, sobrecarregado com sua identidade pessoal, uma gema em bruto, esperando para ser lapidada. Havia deixado de lado a mulher e os filhos para fazer fortuna, e ali estava, no interior das pedras que haviam comprado a vida de uma mulher que conhecia a Bíblia e mesmo assim queria seu amante selvagem. Soltou um riso sem humor, provocando um olhar entre o piloto e o representante da Companhia, que não lhe passou despercebido. Deixe-os cismar. A Bíblia não passava de um sonho dos homens, comparada à presença das pedras sobre a mesa. As lágrimas de Deus. Pois o mundo fora dado a Satã, e ali era a eternidade do mundo. Ele não passava de uma gota de orvalho, sua vontade um pequeno raio de sol passando através da existência rumo ao momento da morte. Pieter Gefjon queria sua parte da eternidade agora, antes de entregar a vida a Deus.

Olhou para os dois homens à frente com um sorriso tão tênue que ficou escondido pela

barba.

— Partimos amanhã, com a maré cheia, antes do meio-dia. Van Noot, quando acabar o relatório, leve um barrilete de conhaque a Batuh.

As chuvas do fim da tarde haviam terminado, as nuvens assumiram a cor suave do pêssego e o mar apresentava o azul da cauda dos pavões quando Jan van Noot remava sozinho em direção à praia, levando um barrilete de conhaque. À medida que se aproximava da terra pontilhada de fogos, o coração batia mais forte no peito, mais de medo do que pelo esforço que fazia. Era o primeiro que se aventurava sozinho em terra, e a possibilidade de que tudo não passasse de uma cilada para capturar sua cabeça o assustava. Mas mesmo assim não desistiu.

Uma canoa com uma tocha aproximou-se dele perto da praia, trazendo Batuh vestido com peles e adornado com penas coloridas, depois acompanhou-o ao som de músicas e gargalhadas até a primeira ponta de areia. Lá foi cercado pelos nativos, que colocaram tochas na proa e na popa, empurrando o barco pela água pouco profunda até a praia. Os aborígenes pareciam maiores à luz do crepúsculo, os corpos lustrosos transbordantes de energia, e o holandês desejou

ter aceitado a oferta do piloto para trazer um punhal. A seguir compreendeu que uma pequena faca seria de pouca utilidade, ou mesmo uma arma de fogo entre as centenas de selvagens que ali se encontravam. O barrilete foi retirado do escaler e desapareceu num segundo entre os corpos pintados.

Batuh não disse nada a Van Noot. Apenas apontou para o extremo lamacento da praia, coberto de vegetação rasteira, na direção dos limites escuros da selva. O holandês começou a articular uma pergunta, mas o chefe dos nativos voltou-se e foi carregado pelos membros da tribo, as penas do cocar balançando ao ritmo selvagem dos tambores.

Van Noot seguiu ao longo da orla espantando os mosquitos e tentando enxergar os troncos e buracos de cobra do mar na luz que diminuía a cada passo. Parou no final da praia, à frente da espessa escuridão. Um medo profundo lhe apertava o coração. Era como se o negrume da selva se abrisse para o interior da terra. Vagalumes riscavam trajetórias irregulares e odores exóticos vinham da floresta, repleta de vozes de demônios. O holandês voltou-se para a baía, e seus olhos encontraram a visão reconfortante do *Zeerover* com as luzes acesas produzindo um

reflexo caloroso de amarelo nas águas calmas. Sentiu um intenso desejo de voltar para o escaler e esquecer aquela aventura, mas, antes que pudesse mover-se, ouviu uma voz próxima:

— *Tuan!*

Virou-se rapidamente e deparou com Malawangkuchingang em pé a sua frente. Ela tomou-lhe o braço e conduziu-o para a floresta.

— Mala — chamou o holandês enquanto andavam. — Passei toda a tarde num sonho, esperando que a noite chegasse.

— Não diga mais nada, *tuan* — pediu ela, certa de que não suportaria falar com ele. Se ele se mantivesse em silêncio, o desejo de agradar Batuh talvez se sobrepusesse à repulsa que sentia. — Nada de que possamos dizer pode se comparar ao que sentimos. Por favor, fique em silêncio.

Van Noot apertou mais forte a mão que o conduzia, e não disse mais nada por algum tempo, contendo a explosão de sentimentos no peito. Mas não conseguiu controlar o medo.

— Para onde está me levando?

— Você vai gostar. Não se preocupe — tranqüilizou-o Mala, divertida pelo tom ansioso da voz dele.

Continuaram através de uma trilha no meio

da escuridão quase total, escutando a bulha dos macacos e pios de pássaros estranhos. À doce fragrância que Mala exalava, os mosquitos pareciam picar menos, e em pouco tempo Van Noot adotava o andar balançado da companheira. Sentia-se como que flutuando ao lado dela no meio da noite, que se expandia com a enorme variedade de sons de insetos em volta deles. Bem no alto, as estrelas apareciam e desapareciam, conforme a maré do vento, como uma névoa de luz brilhante que perfurasse a copa negra das árvores.

Uma clareira luminosa abriu-se diante dos dois. Os galhos mais baixos estavam repletos de lanternas — pequenas cabaças de parede finíssima com centenas de perfurações minúsculas, cheias de vagalumes aprisionados no interior. No centro havia uma choupana construída sobre longas palafitas, coberta com folhas de palmeira. Mala conduziu-o pelos degraus acima para o interior escuro, que recendia a flores. Sentou-o no assoalho forrado com folhas macias de samambaias e tirou-lhe as botas.

O cabelo longo de Mala caía sobre o corpo de Van Noot enquanto ela o despiu, e as mãos ávidas do holandês quase lhe arrancaram o

sarongue. Quando os corpos se juntaram, ela fechou os olhos temerosa. O entusiasmo dele era a alegria que Deus havia negado ao homem que realmente amava. Não queria oferecer nada a esse cara-de-macaco, mas tinha de agir apaixonadamente ou ele suspeitaria de alguma coisa, e ela perderia Batuh, além do seu orgulho. A música que havia nas carícias do estrangeiro apanhou-a de surpresa. Os lábios dele procuraram os dela, mordiscando e acariciando com a língua, e Mala estremeceu de desejo.

Emaranhados na penugem negra e macia, os dedos dele executavam um desenho perturbador entre as pernas de Mala, e, com o rosto colado ao dela, o homem branco conduziu-a lentamente ao prazer. Ainda que no íntimo resistisse, dizendo a si mesma que tudo era fingimento, Ar Brilhante não conseguiu reprimir o desejo que o toque experiente lhe despertava e em pouco tempo parou completamente de fingir.

Rendeu-se ao odor de pólvora que se misturava a um cheiro subterrâneo, abandonando-se à alegria do próprio corpo, e as mãos caíram sobre as costas do parceiro. Um êxtase primitivo espalhou-se pelos membros dormentes, que agora pareciam dotados de movimentos próprios. Não era amor. Mas ao

mesmo tempo era. Sentiu-se leve, o coração batendo mais depressa e um relaxamento agradável nos músculos. Tremeu violentamente, um grito rouco escapou de seus lábios, e a paixão incontrolável fez com que movesse as pernas, abrindo-as.

Jan deitou-a de costas contra o leito de samambaias e penetrou-a de uma só vez. Cavalgou-a como a lua cavalga o vento, o suor brilhante como fósforos sobre a pele. Sua rigidez chegou ao máximo, acesa pela umidade de Mala, até que o desejo explodiu, espalhando-se em ondas quentes, deixando-os lânguidos e sem fôlego.

Fizeram amor mais duas vezes entre intervalos pacíficos, em que permaneciam deitados, escutando os sons noturnos da floresta. Depois Van Noot adormeceu, repleto e exausto. Mala limpou-se com um tufo de samambaias, colocou novamente o sarongue e saiu silenciosa como uma sombra.

Batuh esperava por ela à luz das estrelas. Tomou-lhe o rosto entre suas mãos e beijou-a nos olhos. Aquilo libertou todas as emoções contidas, e ela agarrou-se a ele soluçando.

— Agiu bem, Ar Brilhante — disse ele, com a suavidade de um pai. — Agiu muito bem. E, se

fizer por mim uma coisa mais, que exige muita coragem, provará ser uma esposa digna de um chefe.

Mala fez como Batuh havia pedido e acordou Van Noot, acompanhando-o até o *Zeerover*. Fizeram amor novamente na escuridão da cabina, e, quando ele adormeceu mais uma vez, ela vestiu-se e esgueirou-se pelo estreito corredor até o tombadilho.

A sentinela nos vaus e um homem que dormia numa rede na proa não a viram quando ela abriu a tampa do bebedouro e encheu um balde com água. Mancando um pouco em virtude do peso excessivo, Mala encontrou as escadas que levavam ao porão e baixou o balde cheio um degrau de cada vez, seguindo atrás com cuidado. No convés das armas, teve de fazer uma pausa até que a vista se acostumasse à escuridão e ela pudesse distinguir as formas acinzentadas das redes da tripulação. Todos estavam dormindo, e Mala passou entre eles e os vultos escuros dos canhões, até o centro do salão, onde Batuh havia dito que encontraria uma grande arca.

Colocou a mão no interior e sentiu o aro metálico e a tampa redonda de um barril. A tampa de cada recipiente possuía um orifício onde estava enfiada uma rolha, como um grande

cogumelo petrificado. Vários barris encontravam-se na arca, e ela mal teve força suficiente para conseguir retirar todas as tampas. Quando terminou, os músculos do braço doíam. Um odor como o da cinza saiu do interior dos recipientes. Com dificuldade, ela levantou o balde e vagarosamente despejou água nos barris, controlando os membros cansados.

Quando acabou, deixou o balde dentro da arca e fechou a tampa. Sentiu-se enormemente aliviada, e voltou em silêncio para o convés principal, onde brilhavam as estrelas.

— Mala — chamou uma voz profunda, fazendo com que ela parasse no lugar em que estava, encolhendo-se como um animal assustado. — Por que está a bordo?

Ela reconheceu a voz que falara em espanhol e viu a silhueta do capitão.

— *Tuan!*

Sonhos de diamantes zumbindo com o brilho amarelo dos marimbondos haviam-no mantido acordado, e ele viera até o tombadilho para se acalmar. Diamantes tinham-no atraído até Bornéu, mas ele agora compreendia que o que realmente desejava era o brilho leitoso da Via

Láctea. A graça de Deus, não as lágrimas de Deus. No poço da noite, repleto de solidão, havia

decidido dar os diamantes para o piloto, que possuía uma esposa e a esperança de uma família. Retornaria aos Países Baixos com a sua parte do lucro no comércio que realizaram e começaria uma nova vida. Os diamantes apenas imitavam a luz divina, pensara Gefjon, a alma em si era infinitamente mais valiosa. Ele perambulava pelo convés, respirando a luz pura das esferas celestes, pensando sobre as gemas que Batuh lhe dera em pagamento pela mulher, quando se surpreendera ao vê-la saindo do porão.

Mala terminou de subir a escada e andou pelo convés até onde estava o capitão, com a cabeça descoberta e os cabelos longos esvoaçando ao vento marinho.

— Subi a bordo com o representante da Companhia — disse ela curvando a cabeça.

— Ele pediu que viesse a bordo?

— Pediu.

— O piloto me disse que Van Noot estava apaixonado por você. Mas não pensei que se importasse com ele. — O capitão esperou, porém Mala não disse nada. — Onde está ele agora?

— Dormindo. Não consegui ficar lá dentro. Estava muito quente.

— Nesse caso, ele não vai se importar se

você vier comigo. Mala apoiou suavemente as mãos contra o peito de Gefjon e ousou levantar os olhos para encará-lo. Ele parecia solene e claro, como um deus adormecido.

— Não é dessa maneira que eu quero você.
— Ele retirou as mãos com delicadeza, enquanto os olhos dela baixavam. — Você salvou minha vida. O remédio foi do feiticeiro, mas você... Você foi o medo e o êxtase que me trouxeram de volta dos mortos. Vamos até a cabina. Dessa vez *eu* é que vou ler a Bíblia e contar o que enxerguei em você quando estava com febre.

Mala deixou-se conduzir através do corredor escuro até a cabina de comando, onde o capitão sentou-a numa poltrona de mogno e abriu as janelas, permitindo que a brisa do mar penetrasse e refrescasse o aposento. Ao lado da cama, uma lanterna de cristal abrigava uma chama fina, próxima à qual Gefjon abriu sua Bíblia e leu a passagem que dizia estarem os nomes dos mortos escritos nos céus. Quando terminou, olhou para ela.

— O que acha que significa?

— Não sei.

— Nem eu sabia. Até que tive febre e vi você. — Um débil sorriso desenhou-se sob a barba, sombrio com a lembrança. — Vi você

como a morte. A magnífica leoa da morte. Tive boas razões para acreditar nessa visão, porque estava morrendo. Essa certeza arrancou de mim a mais querida ilusão: de que Deus habita nossas ambições e nossos sonhos, e de que pode nos ajudar se orarmos. Pois eu lhe digo: não ajuda! Através das orações, ajudamos a Deus aprendendo quem somos de verdade, conhecendo nossos nomes reais, que estão escritos na escuridão de onde vêm todas as coisas. — Fechou a Bíblia. — Entende o que estou dizendo? Ficaria surpreso se entendesse.

— Entendo que você viu a verdade — respondeu Mala com os olhos brilhando, o rosto emoldurado pelos primeiros raios rubros da alvorada. — O pastor dizia freqüentemente que a verdade liberta as pessoas.

— Agora sou livre. Até esta noite eu era um escravo da Companhia, procurando fazer fortuna em terras estrangeiras... Como se o ouro pudesse me libertar desse mundo de sofrimento. O ouro é a luxúria, não a liberdade. Parece um pensamento simples, mas só quando contemplei a morte de frente é que pude enxergar essa verdade simples. E isso finalmente me libertou da minha fome de riquezas. Pela primeira vez nesses anos todos posso ir para casa. Posso sair

da Ásia sem dinheiro e chegar à Europa rico, e aceitar tudo o que me espera lá. Você é capaz de entender isso porque já foi uma escrava. Conhece a liberdade.

— Existe uma outra verdade, que eu preciso revelar — disse Mala, com a impressão de que sua voz flutuava longe do corpo. — Neste momento, sua vida está ameaçada. Enganei o representante da Companhia com a própria luxúria, e ele o enganou em seus propósitos.

— O que está dizendo? — As feições do capitão se contraíram. O terror dominou Mala, ao perceber que o rosto dele estava completamente alerta, e ela teve de fazer um esforço enorme para continuar.

— Nesse momento, o navio está cercado pelos piratas, *tuan*. Deus favoreceu Batuh.

Gefjon saltou da cama, apanhou a espada que pendia do espaldar da cadeira e saiu da cabina. Mala pegou a Bíblia e foi atrás dele. Estavam no corredor quando o alarme começou a tocar freneticamente. Vozes assustadas irromperam do alojamento da tripulação. Gefjon chutou a porta e saiu para o tombadilho, onde encontrou o piloto, que corria em sua direção, com o punhal na mão e o rosto congestionado pela fúria.

— Lanun!

O homem apontava a lâmina para o lado do mar, onde uma flotilha de *djongs* convergia na direção do *Zeeroover*. Em contraste contra o rubor da aurora, pareciam um enxame negro.

— Canhões! — bradou Gefjon.

— A pólvora está molhada — disse o piloto, segurando o braço do capitão. — Os canhões são inúteis.

A primeira saraivada de flechas derramou-se sobre o convés, o gongo silenciou, e a tripulação que saía dos alojamentos com punhais e cutelos nas mãos escondeu-se atrás dos escaleres. Uma seta cravou-se ruidosamente na prancha entre o piloto e o capitão.

— Levantar âncora! — ordenou o capitão. — Homens às velas. A segunda série de flechas derrubou dois homens que tinham se adiantado para o guincho da âncora.

— Cortem o cabo!

O rosto rude do piloto brilhava quando ele agarrou o braço de Gefjon e virou-o para si.

— Adeus, capitão. Vejo o senhor no céu. — Abraçou-o por um instante, depois soltou-o e correu pela escada que levava ao convés principal, gritando com a tripulação: — Cortem a porra do cabo, seus bêbados moleirões.

Outra saraivada de setas despejou-se sobre o convés principal. O piloto foi pregado pelo pescoço e pelo peito ao mastro da mezena. O primeiro *djong* bateu no casco, e os ganchos de abordagem foram atirados por sobre a amurada, entre os gritos de guerra do navio pirata.

Gefjon desembainhou a espada e virou-se, descrevendo um arco com a lâmina, cuja ponta parou exatamente no centro do pescoço de Mala, encolhida ao lado da amurada.

— Você colocou água na pólvora?

— Coloquei — admitiu ela.

— Por quê? Por que me salvou para matar-me outra vez?

— Se você morresse, os outros teriam ido embora. Batuh quer o tesouro.

— Tesouro! — exclamou Gefjon, aproximando a ponta da espada do pescoço de Mala, e fazendo com que ela batesse a cabeça ao recuar. — E essa então é a minha perdição? Cobiça?

O rosto do capitão estava lívido, e quando ele a viu apertando a Bíblia contra o seio, deu um passo atrás. Com um gesto brusco, jogou a espada no convés entre eles.

Mala viu os piratas por trás deles, rostos manchados e viperinos avançando como se

flutuassem pelo tombadilho. Abaixo, muitos marinheiros que haviam saltado para o mar estavam sendo arpoados como peixes. Dois homens que rezavam foram trucidados de joelhos. Os gritos desesperados de Jan van Noot chegavam até eles, ecoando pelo corredor desde seu camarote, onde os Lanun haviam-no encontrado. Mala tremia de horror e desespero.

— Então minha visão estava certa, afinal de contas — disse o capitão, devolvendo seu olhar aterrorizado com um sorriso amargo. — Você é mesmo a minha morte, e tudo o que eu consegui arrancar da minha sepultura foi cobiça. Cristãos e selvagens, todos cavando esse poço profundo. Como se pudéssemos arrancar o suficiente da terra para compensar tudo o que colocamos lá.

Os piratas agarraram o capitão, um deles puxando a cabeça para trás pelos cabelos. Uma lâmina emitiu um brilho azulado no céu da manhã e cortou-lhe em um só golpe o pescoço. O corpo caiu com um jorro de sangue e a cabeça foi levantada contra o alvorecer do dia.

Mala caiu de joelhos, apertando firmemente a Bíblia contra o corpo. A cabeça havia sido separada tão rapidamente do corpo que os olhos ainda estavam vivos e alertas, encarando-a com uma luz interna que já não existia.

Jabalwan esperava entre as folhas escamadas de uma casuarina que crescia nos limites pantanosos do mangue, ao lado da praia. Dali podia observar sem ser visto a pilhagem dos piratas. A neblina matutina pairava sobre as ilhas do delta, transformando em sombras espectrais as figuras em luta no convés. Os corpos decapitados dos holandeses estavam sendo atirados ao mar, acompanhados de gritos de júbilo que atravessavam a baía e chegavam aos ouvidos do feiticeiro como guinchos semelhantes aos dos morcegos. Ele levantou o rosto inescrutável para o céu.

— Vejo as nuvens nas asas do céu, com as costas voltadas para a terra. São as nuvens que carregam nossos espíritos. São elas que devolvem as profecias aos homens, na forma de chuva. Tudo o que interessa é o seu amor.

Quando Batuh e seus guerreiros voltaram da incursão ao navio, trazendo as cabeças do capitão e da tripulação, Jabalwan deixou de olhar para o céu e atravessou a ponte de troncos caídos que conduzia à praia. Ao vê-lo, os guerreiros saudaram-no aos gritos, levantando os troféus conseguidos. Ar Brilhante Entre as Palmeiras estava entre eles. Ela havia permanecido ao lado de Batuh no navio, e

manteve-se a sua sombra quando ele saltou na praia e andou triunfante até onde estava o caçador de almas.

Batuh parou diante de Jabalwan, segurando pelos cabelos as cabeças do capitão e do representante da Companhia, uma em cada mão. Van Noot tinha o rosto crispado num ríctus de horror, ao passo que as feições do capitão permaneciam serenas, a pele branca iluminada pelo reflexo do sol na água do rio.

Jabalwan tomou a cabeça do capitão e despediu os guerreiros com uma bênção. Batuh ficou desapontado por perder um troféu tão poderoso, com uma aura de glória e barbado como um orangotango dourado, porém, com as outras nove, e todas as tribos da floresta aguardando para ver como o botim seria dividido entre elas, deu-se por satisfeito. As tribos estavam orgulhosas dele, ansiosas por sua liderança. A lenda já estava entre as canções nos tambores como os feitos do mais bravo andarilho da selva, o aprisionador dos deuses, matador de Djang, o antigo chefe e aliado dos piratas.

Na verdade, não havia feito nenhuma aliança com os piratas. Eles teriam lutado pela posse do tesouro a bordo do *Zeerover*, mas Batuh só queria as cabeças. Também exigiu a volta de

Malawangkuchingang.

O corpo de Mala parecia tênue como um fio de fumaça. Olhava fixamente para Jabalwan e Batuh entre as dunas de areia, sem querer fechar as pálpebras, porque quando isso acontecia ela ainda via o último olhar do capitão, que trazia a vida inteira estampada no rosto. A imagem da cabeça decepada de Gefjon estava gravada em seu íntimo, e não mais a deixaria até o final de seus dias.

Batuh percebeu que Mala estava abalada, porém acreditava que a terra poderia curá-la, e levou-a para as Cabanas Grandes. Sua ambição de reunir as tribos era mais do que um sonho, agora que ele conseguira as cabeças douradas que tinham o poder de produzir o arroz da lama e fazer surgir os porcos selvagens nas clareiras da selva. Distribuiu os troféus entre as famílias poderosas das tribos que o aceitaram como líder de todos os povos da floresta. Os andarilhos da Cobra e os Caçadores das Paliçadas, vizinhos antigos dos Fantasma da Árvore, estavam dispostos a concordar, e logo iniciaram negociações para realizar casamentos entre as tribos confederadas. Outras tribos relutavam em aceitar alguém que não morasse na região delas. Estas se transformaram em verdadeira obsessão

para Batuh, que passou os primeiros meses tentando persuadi-las a abdicar da própria autonomia. Com o correr do tempo, ganhou a fidelidade de todas, exceto a mais primitiva e remota delas, os Nômades da Chuva.

Enquanto Batuh preparava uma incursão guerreira ao território dos Nômades da Chuva, esperando intimidá-los, Malawangkuchingang revelou-se grávida. Desde o retorno às Cabanas Grandes ela havia sido sua única mulher, carinhosa porém mais fria do que antigamente. No momento, as preparações para a guerra não deixavam muito tempo para a lascividade habitual, e a maternidade inesperada encheu Batuh de orgulho. Embora Mala parecesse menos fogosa do que quando eram apenas amantes, ele se importava com ela, que tinha sido sua amiga e professora, desafiando-o com seu conselho de amar para ser amado. Na linguagem de Batuh, o amor era como um filete de água. Não a violência das enchentes ou a solidão das nuvens que carregavam as chuvas para longe, mas apenas um filete de água. Nunca havia considerado o amor como mais do que isso, até que ela lhe fizera ver que aquilo que parecia pequeno era na verdade grande. Sozinho na selva, e depois na cidade com cheiro de azedo

dos caras-de-macaco, lembrara da fé inabalável de Ar Brilhante no filete da vida, e nisso encontrara forças para prosseguir. Agora ela seria a mãe do seu filho, e talvez lhe desse um menino que um dia iria reinar sobre as terras que ele unira e arrancara do seu filete da vida.

A gravidez de Mala foi cercada de presságios e premonições. Um pouco depois que seu ventre começou a inchar, uma surpreendente horda de libélulas chocadas nos lagos e riachos próximos às Cabanas Grandes infestou de tal maneira a aldeia, que pela primeira vez se podia pendurar carne para secar nas árvores sem que nenhuma mosca a tocasse. Os porcos que viviam próximos da cabana de Mala pesavam quase o dobro dos outros. Os campos voltados para sua varanda, embora mais áridos e sombrios, estavam muito mais verdes com o arroz que crescia. Os mais velhos quiseram carregar Mala pelos campos e pelo interior dos seus chiqueiros, contudo Batuh não permitiu. Sabia que os deuses enviavam os presságios do nascimento de um espírito poderoso, e quis evitar o risco de a esposa levar um escorregão na lama ou a mordida de um porco agressivo. Proibiu a todos de chegarem a menos de um braço de distância dela, e providenciou músicos e contadores de história

para que lhe preenchessem os dias vazios enquanto ele treinava seu exército.

Sonhos com uma luz clara que se derramava como chuva inundavam as noites de Mala. Durante o dia o traço líquido dos sonhos permanecia-lhe nos olhos, tornando as cores mais intensas, as sombras mais densas, e fazendo com que enxergasse formas onde o vento brincava no arrozal. Os anjos dos quais o padre Isidro falara em sua infância vinham velar por seu filho ainda não nascido. Em segredo estudou a Bíblia que pertencera a Pieter Gefjon. Quando conseguia escapar dos músicos e contadores de histórias, passava dias sozinha na floresta. Lendo, observando as abelhas carregar o pólen e rezando pela alma do capitão assassinado, cuja vida salvara apenas para traí-lo depois. No ar impregnado pelo aroma adocicado do pólen, sob as árvores em flor, ela ficou tanto tempo entretida em suas orações e alheia ao mundo que a cercava que as abelhas emaranharam-se em seus cabelos e ali permaneceram. Mais tarde, quando fazia amor com Batuh, as mãos dele foram ferroadas e incharam a tal ponto que ele não podia puxar a corda de um arco ou segurar um machado. Pelo resto da gravidez ele se recusou a tocá-la. As mulheres mais velhas da

tribo, que seguiam a vida amorosa de Batuh desde a adolescência, reconheceram o espírito mau que o privava da própria mulher.

Sob um sol brilhante ao meio-dia, Ar Brilhante deu à luz um menino. O trabalho de parto foi difícil e moroso, e as mulheres cantavam para mantê-la alerta e acordada. No auge dos esforços, quando os pulmões ardiam com o esforço da respiração, soou um choro de criança, e o canto cessou abruptamente. Não houve nenhuma canção de júbilo para juntar-se ao bramido do recém-nascido, e Mala desafiou sua exaustão para sentar-se e ver o que estava errado. Debilitada, estendeu o braço para o lado, à procura da mão que a havia confortado durante o parto, em busca de apoio para levantar o corpo e ver sua criança. Só que não havia mais ninguém a seu lado. O bebê estava deitado em seu colo, ainda com o cordão umbilical, e as parteiras afastavam-se correndo, tropeçando umas sobre as outras, algumas com as mãos sobre os olhos.

Batuh, que aguardava junto aos irmãos na varanda, ficou assustado com a fuga apressada das mulheres e as chamou de volta para ajudar a esposa. Nenhuma delas obedeceu. Quando a mais velha desceu o último degrau da cabana,

parou e olhou para Batuh com as mãos cruzadas sob os peitos murchos, num gesto de proteção contra o mau-olhado. Abriu um sorriso desdentado, que lhe punha à mostra as gengivas vermelhas e manchadas de bétel, alegre com a desventura do homem poderoso.

— A criança é um demônio! — exclamou antes de virar-se e correr atrás das outras.

Batuh encontrou Mala sangrando, com o bebê sobre a barriga. Era pálido como uma larva, a cabeça redonda coberta com um líquen esbranquiçado, os olhos como pedaços de vidro. O cordão estava lacerado próximo à placenta. Levantou a criança e percebeu que era um menino. A mãe estava pálida com a perda de sangue, e Batuh chamou pelos irmãos para que o ajudassem. Todos acorreram, porém, quando viram aquela criança com a pele da cor do cogumelo e os cabelos brancos, não ousaram penetrar no quarto. Batuh olhou à volta e encontrou os tufo de musgo que as mulheres haviam esquecido. Com eles fez um chumaço para estancar o sangue.

— Ar Brilhante, você me deu um filho! — disse ele, tentando sorrir.

— A criança é *orang puteh*, filho de um homem branco — sussurrou Mala, ainda fraca.

— Não importa — assegurou Batuh. — Ele tem o seu sangue, e será chefe de todas as tribos da floresta. Deixe que o povo tenha medo dele, e suas leis nunca serão questionadas.

Enquanto Batuh friccionava o cordão machucado com água de arroz, uma sombra apareceu à porta do aposento, e os dois se voltaram para encontrar a silhueta de Jabalwan, com seu cocar de penas pretas e vermelhas tocando os umbrais.

Batuh levantou-se e ficou entre o feiticeiro e a cama.

— A mãe é minha mulher e a criança é meu filho!

— Agora são meus — respondeu Jabalwan com voz sibilada como uma chama que se inflamasse. — Os dois são uma só vida, e são meus! Vai me desafiar?

Batuh pensou em apanhar a espada que havia tirado do cara-de-macaco e usá-la para perfurar o coração do caçador de almas, como havia feito com o velho chefe Djang. Jabalwan possuía apenas uma pequena faca na cintura. Sentiu as mãos cocarem, mas não as moveu. O rosto do feiticeiro parecia negro como a noite, os olhos escuros completamente alertas. Ele avançou e colocou uma das mãos sobre o ombro

largo de Batuh. Seu toque foi brilhante e vigoroso, como uma lufada de vento das montanhas.

— Se negar o que é meu por direito, perderá tudo.

Batuh afastou-se e Jabalwan curvou-se sobre o corpo desnudo e ensangüentado de Mala. De um tubo de bambu que lhe pendia do cinto, retirou um pó acinzentado, aspergindo-o na tigela que continha água de arroz. Levantou a cabeça da mãe e fez com que ela bebesse. Imediatamente os olhos de Mala se fecharam, e ela mergulhou num sono sem sonhos. Com gestos experientes, Jabalwan levantou o bebê dos braços inertes da mãe e colocou um pedaço de raiz negra em sua boca, fazendo com que parasse de chorar. Em seguida amparou-o num dos braços e com a mão livre sacou a faca e cortou de um só golpe o cordão umbilical.

— Você será chamado Matubrem-brem, menino-demônio — anunciou o caçador de almas.

— Para onde vai levá-los? — quis saber Batuh, preocupado.

— Para o lugar onde este mundo encontra o outro — respondeu o feiticeiro, olhando para o chefe por sobre o ombro.

Mala acordou em seu quarto na cabana e surpreendeu-se ao verificar que estava limpa e vestida com um belo sarongue de seda azul, com grandes crisântemos estampados, tendo o bebê dormindo tranqüilamente no colo. Ao lado da cama encontrou uma moringa com água fresca e uma tigela com frutas. A mais velha das parteiras encontrava-se por perto, os olhos brilhantes e dilatados pela noz de bétel. Quando percebeu que Mala tinha acordado, abriu um sorriso que colocou as gengivas à mostra, feliz com a oportunidade de ser a primeira a dar as novas:

— Você é a mulher do caçador de almas — anunciou a velha, engolindo algo que estivera mastigando. — Nada é bom demais para você agora. Os fantasmas vão tomar conta de você e do menino-demônio. Os animais vão trazer comida, e as nuvens vão dançar para vocês.

Batuh veio diretamente do treinamento de guerra, quando soube da notícia. Entrou vestido com a roupa de combate: calção marrom, revestido ao longo das costuras com hexágonos de casco de tartaruga, blusa branca acolchoada e enfeitada nos ombros com penas verdes. A espada pendia oscilante para trás, como uma cauda. Como Mala havia dormido por dois dias e

duas noites, esperava encontrá-la fraca e desorientada, contudo um simples olhar mostrou que ela estava alerta e consciente da nova situação, certamente informada de tudo pela língua ferina da velha parteira.

— Vou matar o feiticeiro — prometeu Batuh, assim que os olhares se encontraram.

— Não! — Com o movimento de Mala, um raio de sol atingiu seu colo, refletindo nos lençóis brancos de seda e iluminando a pele alva e os cabelos dourados do bebê. — Ninguém mais vai matar por nós. A velha me contou que você prometeu uma vida ao feiticeiro em troca de ajuda. É verdade?

Os olhos negros de Batuh concordaram. Mala aproximou-se dele sem deixar de encará-lo e pousou a mão em seu rosto largo. A infinita melancolia em que havia mergulhado desde a morte de Pieter Gefjon ainda não se extinguiu, e talvez nunca se extinguísse.

— Terá muitas mulheres, todas mais bonitas do que eu — disse ela suavemente. — Para nosso povo, você só vai se livrar de uma mulher feia e de um menino-demônio. Seja feliz.

Mas Batuh não estava nem um pouco feliz em perder a única mulher que realmente amava.

Naquele mesmo dia Jabalwan retornou às

Cabanas Grandes, acompanhado de uma tropa de orangotangos e dois Nômades da Chuva. A presença fantasmagórica dos dois homens da tribo inimiga, com o corpo todo pintado de branco e as pálpebras de vermelho, alarmaram os Fantasmas da Árvore, que saíram de suas cabanas com facas e machados de aço. O feiticeiro removeu do cocar um longo osso pontiagudo e segurou-o ereto sobre a cabeça. Os guerreiros sabiam que, se ele apontasse o osso para alguém, essa pessoa morreria, portanto não se moveram. Os pálidos Nômades da Chuva levavam sobre os ombros uma liteira coberta por um dossel de folhas de palmeira, que abaixaram devagar até o chão, em frente à cabana em que vivia Mala. Jabalwan fez um gesto e os grandes macacos subiram pelo tronco que servia de acesso à varanda, rumo ao quarto ocupado pela mãe e o bebê. Os irmãos do chefe e suas esposas saíram da casa aos berros, produzindo grande alarido. Batuh, que fazia tranqüilamente suas necessidades num riacho ali perto, veio correndo ao ouvir a gritaria, com a espada desembainhada. Quando viu Jabalwan, abaixou a arma.

Mala ainda dormia quando o cheiro acre dos macacos alertou-a no momento em que um

dos orangotangos apanhava a criança. Gritou e instantaneamente o antropóide colocou a criança de volta e recuou. Quando esticou novamente os braços, Mala deu novo grito horrorizado e encolheu-se na cama. Jabalwan entrou no aposento. Emitiu uma ordem para o macaco, um som que lembrou um latido, e fez com que o orangotango se retirasse.

— Eles não vão fazer mal a você — assegurou o feiticeiro. — São minhas crianças. Vai aprender a amá-las. Venha comigo.

Ele estendeu a mão e Ar Brillhante foi com o caçador de almas e seus macacos, sobre a liteira apoiada nos ombros dos guerreiros Nômades da Chuva. A ultima coisa que viu das Cabanas Grandes foi Batuh em pé ao sol abrasador, as lágrimas escorrendo no rosto, a lâmina da espada refulgindo como em brasa, e a outra mão erguida num aceno de despedida.

Ao longo de rios sinuosos com margens lamacentas e pontes suspensas trançadas com fibra vegetal, Jabalwan conduziu sua tropa através da selva densa e impenetrável, depois pelo terreno recortado e cheio de meandros das montanhas, onde a forte neblina logo obscureceu a floresta que deixaram para trás. Durante três semanas prosseguiram a jornada, parando em

pequenas aldeias somente para comer e descansar. A cada povoado, as pessoas examinavam com assombro Matubrem-brem e sua pele branca e presenteavam a mãe com os tesouros mais finos: vasos de cerâmica com boca larga, sarongues de seda fina adquirida dos mercadores do norte, uma cesta de pele de cobra para transportar o bebê, um abrigo feito com pele de esquilo, um cobertor de pele de iaque, uma blusa de penas de calau, velas feitas com resinas especiais para manter insetos a distância, além de uma profusão de bolinhos de arroz recheados com abelhas vermelhas. Os orangotangos carregavam os objetos, e a trilha avançava na região das montanhas, onde só os fantasmas perambulavam.

A viagem terminou num vale elevado, não muito distante da orla da floresta, onde árvores enormes formavam uma verdadeira massa de lianas, entre os campos floridos com rododendros e a charneca limitada pelos rochedos negros. No coração desse vale havia uma clareira onde erguia-se um abrigo sobre palafitas numa área coberta com samambaias. Coqueiros espalhavam-se pelo terreno entremeado de outras árvores frutíferas, e do outro lado um riacho corria refletindo o sol.

— Aqui você e seu filho irão viver — declarou Jabalwan, assim que os guerreiros baixaram a liteira. — Providenciarei para que tenham carne e outros alimentos que não possa arranjar por si mesma. E também vou protegê-los das mordidas dos fantasmas das cobras mortas. Os poderes do mundo querem que o menino viva. Quando crescer será um caçador de almas. Eu mesmo vou ensiná-lo.

Mala beijou as costas da mão calosa do feiticeiro.

— Vai viver aqui conosco?

— Não me verá outra vez, até que chegue o momento em que Matubrem-brem terá de deixá-la para vir comigo.

— E quando virá buscá-lo? — perguntou Mala com o coração apertado.

— Ao final do sétimo ano, quando terminar sua infância. Ele não é como as outras crianças, e não será como os outros homens. E por isso vão viver aqui no alto da selva, distante de todas as tribos, sozinhos com os espíritos que serão os professores do seu filho.

Jabalwan ajudou Mala a subir pelo tronco e entrar na cabana. Uma fragrância de canela pairava no ar, proveniente da madeira recém-cortada. Os macacos deixaram os presentes e a

bagagem sobre as redes, e Mala ficou aliviada ao ver a Bíblia entre eles. Percebendo-lhe o olhar, o feiticeiro observou:

— Vai ensinar seu filho com esse livro. Ele aprenderá a linguagem e as histórias de seus pais.

Num dos cantos do arejado aposento, protegido dos mosquitos por um pano transparente como as águas de um lago, estava um baú de madeira trabalhada e polida com seiva endurecida de pinho. No lado oposto havia sido colocada a arca de bambu dentro da qual Mala fora presenteada ao capitão do *Zeerover*. O caçador de almas foi até lá e abriu a tampa, retirando de dentro um objeto embrulhado num pedaço de seda vermelha.

— Quando o menino perguntar de quem é filho, mostre-lhe isso e conte-lhe sobre a coragem do pai.

Jabalwan levantou o pano, revelando uma pequena cabeça de cabelos loiros, com os olhos fechados como os de um recém-nascido. Perante tal visão, diferentes emoções despertaram no coração de Ar Brilhante, que apertou com mais força o bebê nos braços.

— É a cabeça do chefe branco do navio!

— É — confirmou o caçador de almas, em

sua voz rouca. — Eu mesmo a preparei. Ele será seu marido no outro mundo. Procure falar com ele. Vai reconhecê-la.

Os sete anos que Malawangkuchingang passou sozinha com o filho naquele vale escondido no topo da selva tropical foram certamente os mais felizes de toda a sua vida. Embora prisioneira, conheceu pela primeira vez a liberdade, pois não era perturbada pelo julgamento de outras pessoas. A solidão nunca chegou a incomodá-la, porque seu filho condensava tudo o que lhe era importante. Chamou-o de Jaki, como o pai do capitão, cujo nome encontrou no verso da capa da Bíblia. Com o passar do tempo, ele se revelou um menino saudável, forte e muito inteligente. Observar a vida desabrochando nele com uma intensidade quase animal era a maior alegria de Mala. Nos primeiros anos, ensinou-o sobre a terra, o verde e as jóias coloridas da natureza, e sobre as criaturas que viviam na floresta. Falava-lhe em dois idiomas: a própria língua nativa e o espanhol que aprendera com o padre Isidro, a qual reservava para contar sobre as vozes dos anjos e coisas de Deus.

No começo, Jaki quase não se interessava por Deus. Era apenas um ser invisível, e, como

todos os meninos de sua idade, estava mais interessado naquilo que podia ver e tocar. Seus amigos eram os animais da floresta, criaturas das quais se aproximava com ofertas de alimento, dedicação e uma animalidade inata. Mala não o ensinara a caçar, e os animais nesse vale remoto não demonstravam medo nenhum dele.

Os orangotangos de Jabalwan passaram a visitá-los com frequência.

Tinham sido treinados pelo feiticeiro para bater no mato rasteiro com grande varas a fim de espantar as cobras venenosas. Eram animais dóceis, que gostavam de carinho e de escutar as canções tribais com as quais Mala embalava o filho. Jaki adorava montar sobre as costas largas dos antropóides, e ocasionalmente era levado para fora do vale, aos campos floridos das encostas que conduziam aos picos rochosos. Ficar deitado na relva, entre as corolas banhadas de sol, escutando as canções pungentes dos orangotangos e observando as nuvens que passavam entre os cumes negros e pontiagudos, fazia parte das primeiras recordações de Jaki. Tinha então três anos de idade.

À noite, sob a luz suave das velas de resina, Mala lia para o filho trechos da Bíblia. A hora de

dormir para Jaki tornara-se uma profusão de imagens de desertos e profetas, exílios, guerras e salmos que expressavam um imenso amor pelo invisível. Durante o dia quase nunca pensava sobre essas imagens misteriosas, até que, em determinada ocasião, em seu quarto ano de vida, encontrou um dos macacos morto. O orangotango estava estendido ao pé de uma grande árvore, com o bastão que usara aos pés. Os olhos já tinham sido devorados pelos ratos, e as formigas estavam agora atarefadas nas órbitas vazias, apesar da chuva forte que caía sem cessar. Uma víbora havia mordido o pobre animal durante a noite, e o corpo com listras vermelhas e amarelas jazia com a espinha quebrada ao lado do orangotango, cuja boca caída num sorriso vazio parecia testemunhar uma vitória tardia. Mala e Jaki enterraram-no perto do carvalho grande, depois sentaram-se num tronco enquanto ela lia a Bíblia, sob a chuva que continuava caindo. Ali, pela primeira vez, Jaki escutou com atenção o que a mãe lia.

— Foi a mão do Senhor que realizou isto. Em suas mãos está a vida de todas as coisas vivas. Livro de Jó, capítulo doze, versículos nove e dez.

O coração de Mala encheu-se de pesar ao

observar nos olhos do filho uma necessidade desesperada de entender. Desse dia em diante, ela acelerou a iniciação de Jaki ao mundo mágico das letras e das palavras. O menino ouvia com uma atenção tão dedicada que chegava a parecer deslocada numa criança da sua idade. Mala questionava freqüentemente a própria capacidade de ensinar, rezando para que de alguma forma o menino soubesse de tudo aquilo que ela não era capaz de transmitir.

Ouvindo a mãe ler sobre linhagem na Bíblia, Jaki quis saber quem era seu pai. A noção de paternidade era incerta, pois ainda não vira nenhum homem adulto e imaginava algo parecido com uma mulher corpulenta, de ossos largos como um macaco, muitos pêlos no peito e uma barba espessa. Mala não teve coragem de dizer-lhe que o pai o havia concebido apenas para satisfazer a própria luxúria, e que ela só concordara por obediência ao único homem que amara. Em vez disso, contara tudo o que sabia sobre Pieter Gefjon, o bravo capitão do mar que havia lhe dado a Bíblia. Jaki ficou muito impressionado com as narrativas sobre o mar e os navios que haviam trazido os pais de ambos de algum lugar longínquo e distante para a selva. Não conseguia imaginar um curso d'água maior

do que a linha de lagos que ele às vezes enxergava perto do horizonte, quando ia aos campos de flores sobre o vale. Mala dissera que o mar era tão grande que nenhum homem lhe podia ver o fim, e só de pensar nisso o menino ficava tonto. Depois disso, Jaki pediu a ela que contasse tudo o que sabia sobre seu pai, o capitão do mar. Ela satisfez a curiosidade do filho, lendo a árvore genealógica de Gefjon e mostrando-lhe o nome igual ao do avô, que fora escrito naquela página antes que o pai nascesse. Jaki ficou intrigado com as linhas que o pai havia acrescentado sob o próprio nome. Mala não disse nada sobre o leão do momento final, que guardava a mina de assinaturas, e quando ele insistiu em querer entender ela lhe mostrou a cabeça do capitão.

— Ele é seu pai — declarou ela. — Pergunte a ele.

Explicou ainda que os piratas o tinham matado, e que Jabalwan preservara a cabeça! para que ela tivesse uma ligação com o marido, e para que Jaki conhecesse o rosto do pai.

Até então, Jaki havia pensado em Jabalwan como mais um dos mistérios da floresta, apenas um aroma de orvalho sobre a rocha que ia e vinha durante as noites em que as ofertas de

comida apareciam penduradas nos galhos baixos das árvores em volta da clareira. Mas a visão da cabeça encolhida, ainda com as feições tranqüilas e o ar de autoridade, encheu-o de respeito pelo feiticeiro oculto. Mala mostrou como ele podia falar com o capitão colocando a cabeça em frente à Bíblia, e esta em frente à janela, de maneira que as páginas ficassem voltadas para o vento das montanhas. Quando as páginas começavam a correr, Mala deixava cair um seixo entre elas. No local indicado pela pedra ela lia uma mensagem.

Na primeira noite em que Jaki questionou o pai, o seixo parou no número 31, na passagem em que Deus mandava Moisés matar os Midianitas, e Moisés repreendia os oficiais de seu exército por não matar todas as mulheres e crianças.

— "Portanto agora matem todos os machos entre os meninos, e matem todas as mulheres que conheceram homens deitando com eles" — leu Mala.

— Mas Moisés não levou ao povo o mandamento que proíbe matar? — perguntou Jaki, confuso.

A mãe não teve resposta e continuou a ler as citações do livro. Depois disso Jaki nunca

mais fez outra pergunta ao pai, embora continuasse a escutar as histórias do Deus vingativo. As narrativas enchiam-no de uma tristeza que era a própria história do mundo. O macaco morto que haviam enterrado próximo ao carvalho, o pai morto cuja cabeça encolhida jamais falaria de verdade, as mulheres e crianças assassinadas por ordem de um Deus cujo coração era tão vazio como o deserto azul do céu. Era um Deus de terror e de mistério, que Jaki temia, acima de tudo. Não perguntaria nada a esse Deus que sua mãe amava.

Mesmo tão jovem, ainda no sétimo ano de sua existência, Jaki sabia que era inimigo de Deus.

— Jaki! — chamou Mala da porta da cabana.

O menino saiu da escuridão da orla da selva e atravessou correndo o campo de samambaias para ser envolvido pelos longos cabelos da mãe, que tinham o cheiro da grama.

— Por que me deixou sozinha toda a noite? — perguntou Mala, passando os dedos pelos cabelos de Jaki, à procura de insetos.

— É noite ainda? — perguntou o menino com ar inocente, apontando o céu sobre a copa das árvores. — Pensei que já fosse de manhã.

— Acho que você pensou é que podia dar uma espiada no caçador de almas — respondeu Mala em tom de suave reprimenda, conduzindo o filho para dentro.

— Nunca senti o cheiro dele tão forte. Deve estar bem pertinho daqui. Eu só queria vê-lo.

— Está mesmo bem perto...

Mala dirigiu-se para o canto da choupana, onde guardava o baú com

todos os seus pertences: os sarongues, o colar feito de asas de libélula que Batuh havia lhe dado, a Bíblia e a cabeça encolhida de Gefjon. Retirou de lá o Livro e a cabeça, colocando-os sobre as tábuas do chão escrupulosamente varrido. Na penumbra, os cabelos e a barba loira pareciam uma neblina esbranquiçada em volta da cabeça, que tinha o tamanho aproximado de uma romã.

— Mãe, por que está tirando o Pai e o Livro do baú?

Mala fitou-o com um sorriso solene. Jaki sentiu um ar gélido espalhando-se ao redor deles, como o vento da montanha. O cheiro forte do feiticeiro estava mais presente do que nunca.

Com a intuição que aprendera a respeitar durante os sete anos de convivência com o caçador de almas, Mala soube que ele viria logo,

assim que a aurora brilhasse no horizonte. Em pouco tempo, na verdade. Desde o dia em que chegara ao vale, receara esse reencontro. Depois que Jabalwan partira, passara noites e noites abraçada ao bebê, imaginando o que faria quando chegasse o momento de rever Jabalwan. Sempre acreditara que, quando a hora chegasse de fato, palavras inspiradas lhe viriam aos lábios, e tudo seria resolvido. Agora, sete anos passados, as palavras não surgiam, e só o que restava era ansiedade. Mas sabia o que precisava ser feito. Colocou a cabeça encolhida sobre a Bíblia, passando-a às mãos de Jaki.

— Agora isto é seu, meu filho.

— Mas por quê, mãe?

— Vai precisar do seu pai mais do que eu agora, pois chegou a hora de partir.

Jaki quase derrubou os objetos, de susto.

— Você também vai? — indagou, ansioso.

— Não. — Mala precisou de toda a sua força de vontade para continuar a sorrir. — Eu preciso ficar.

— Não estou entendendo — declarou Jaki, pousando os objetos no chão em frente à mãe. — Por que eu devo partir?

— Só Deus sabe — respondeu Mala com suavidade, tocando com as costas da mão as

bochechas do filho, que começava a apresentar sinais de pânico. — Precisamos confiar em Deus. Sempre.

— Não gosto de Deus! — A confusão estampou-se no rosto de Jaki, e ele se lançou sob o abraço protetor da mãe. Neste instante, um cheiro almiscarado invadiu a ravina.

— Espere aqui — ordenou Mala, levantando-se e fazendo menção de ir em direção à varanda.

— Não! — O menino agarrou sua lança de bambu, ao lado da rede.

— O caçador de almas vem me buscar.

Antes que qualquer dos dois pudesse fazer algum movimento, ouviram o ranger do tronco que dava acesso à varanda, e logo a porta foi obscurecida por um vulto maciço e bamboleante. O animal inclinou-se para o interior da cabana, soltando um rugido primitivo e aterrador.

Jaki e Mala encolheram-se de medo perante o animal enorme que invadira subitamente seu abrigo. Contudo, da mesma maneira que viera, a criatura desapareceu na noite de um momento para o outro, deixando um cheiro que lembrava o de um tronco apodrecido.

Um urso, pensou Mala, recordando-se das histórias contadas por Batuh sobre os grandes

predadores peludos que viviam nas montanhas. Procurou mentalmente uma maneira de bloquear a porta, e estimava com os olhos o tamanho da arca de madeira quando uma figura humana pareceu materializar-se na abertura da entrada.

— Ar Brilhante Entre as Palmeiras, vim buscar o menino. Traga-o para fora.

A silhueta sumiu tão silenciosamente que os dois ficaram em dúvida se realmente haviam visto alguém. Jaki olhou alarmado para Mala. Nunca havia pensado no feiticeiro como perigoso, mas somente como guardião e protetor.

— Nossa hora chegou, meu pequeno guerreiro — disse Mala com ternura. — Não há nada que possamos fazer quanto a isso.

— Vou matá-lo — prometeu Jaki. — E também aquele bicho dele

— acrescentou, com um pouco menos de segurança.

— Mas o Livro não diz que é errado matar, meu filho?

— A menos que se mate pelo nome de Deus, como Jacó, Davi, ou Moisés com os Midianitas.

— Mas Deus não deseja que mate o caçador de almas — argumentou Mala. — Ele é seu guardião, e daqui em diante será seu mestre. Você irá com ele, e fará exatamente o que ele lhe

disser. Entendeu?

— Você me disse que ele viria me buscar quando eu fosse um homem, não foi? — Jaki procurou o olhar da mãe. — Sou um homem agora?

— Se você for corajoso o suficiente para partir com ele, e aprender o que tem de aprender, então é um homem.

A testa de Jaki franziu-se enquanto ele pensava. Finalmente declarou, com seriedade:

— Mala, acho que ainda não sou tão corajoso.

— É, sim, meu filho. — Ela o abraçou com força e virou-o para que encarasse a cabeça sobre a Bíblia. — Seu pai estará a seu lado; do mundo dos espíritos continuará cuidando de você. Sempre que tiver dúvidas sobre a sua coragem, lembre-se dele. Ele partiu antes, porque já sofreu muita coisa por que você ainda vai passar. Agora pegue seu pai e a Bíblia e vá com o caçador de almas.

Iluminada pela luz suave do amanhecer, a cabeça parecia uma maçã dourada, cuja vida ligava-se aos espíritos. Mala, no entanto, estava presente em carne e osso, com seu corpo morno e familiar. Jaki estendeu os braços para envolvê-la, mas a mãe segurou-lhe as mãos e disse com

firmeza:

— Você é um homem agora. Pegue o Livro e seu pai e vá!

Sua rispidez acabou com o controle do filho, que começou a soluçar. Mala largou-lhe as mãos e ficou em pé, dando-lhe as costas. Se permanecesse ao lado de Jaki mais um segundo, também sucumbiria à violência das emoções.

Postou-se no alto do tronco escavado na varanda, observando o feiticeiro na clareira, apoiado em sua longa zarabatana. Ele continuava exatamente como ela se recordava: usando apenas a tanga de pele de cobra, braceletes de fibras também de cobra e cocar com as penas sagradas vermelhas e pretas. Mas o olhar de Jabalwan dirigia-se para algum ponto atrás dela, onde Jaki saía pela porta, trazendo a Bíblia como uma bandeja com a cabeça encolhida sobre ela.

Jaki parou ao lado da mãe e olhou para cima, porém os olhos escuros de Ar Brilhante não se voltaram para ele mas continuaram fixos na aurora, onde o esplendor das cores amenizava a dor. O menino encarou então o caçador de almas na clareira abaixo.

O homem não se parecia em nada com o que havia imaginado. Era mais escuro do que

Mala, com a pele quase preta. Seu cabelo tinha uma aparência fuliginosa e cinzenta. O menino reparou nas serpentes vermelhas tatuadas nas pernas, e nas cicatrizes rituais do peito e abdome.

— Aproxime-se, rapaz — convidou o feiticeiro, com sua voz potente. Jaki avançou e parou em frente ao homem, olhando por sobre o ombro para o alto da varanda, onde sua mãe permanecia. Um raio avermelhado de sol iluminou o alto da choupana, como uma chama que brilhasse para saudá-lo.

Enquanto o menino olhava para trás, Jabalwan adiantou-se um passo e tomou-lhe os objetos.

— Agora são meus. Do mesmo jeito que você é meu — declarou, aproximando o rosto feio que irradiava uma escuridão capaz de obscurecer o céu do meio-dia. — Vá até a árvore onde procurou por mim antes que a sua mãe o chamasse. Espere lá.

O tom de comando na voz do feiticeiro era impossível de ser ignorado, e Jaki foi até a enorme árvore indicada. De lá observou o caçador de almas subir o tronco até a varanda onde estava sua mãe. Malawangkuchingang não recuou quando ele se aproximou dela. Em vez

disso, curvou a cabeça e esperou até ouvir o próprio nome.

— Ar Brilhante Entre as Palmeiras — chamou Jabalwan, num tom que a surpreendeu pela suavidade. — Cumpru muito bem sua parte. O menino foi bem-criado, tornou-se saudável e alerta. Será um caçador de almas.

Mala levantou a cabeça e encontrou o sorriso benevolente do feiticeiro. Numa das mãos ele segurava a Bíblia e a cabeça de Gefjon, com a outra oferecia um frasco de chifre de antílope.

— Beba isso. Vai conhecer a paz. Mala apanhou o pequeno recipiente.

— Verei meu filho outra vez?

Jabalwan sacudiu a cabeça numa negativa quase imperceptível.

— Agora você volta para o seu povo. Vai para onde iremos todos nós, só que foi abençoada por ter sido a mãe de um caçador de almas e não conhecerá a dor da partida. Algum dia todos nos reuniremos num local onde não existe a dor, porém ninguém chegará lá sem sofrimento.

— Então devo morrer — concluiu Mala, compreendendo a verdade. — Está me matando em troca de todo o amor que dei?

— O coração não morre quando

imaginamos...

O feiticeiro aguardou enquanto Mala levava o pequeno frasco ao nariz e sentia o cheiro da solidão absoluta, um aroma pungente como o de pétalas esmagadas. Estranhamente, ela não teve medo. Reconheceu a vontade inabalável no olhar do caçador de almas, e viu a pequena figura imóvel do filho, junto à massa verde da floresta.

— Vai devolver o Livro e a cabeça do pai ao menino?

— Quando ele merecer, terá os dois de volta.

Ar Brilhante concordou com a cabeça, e olhou uma vez mais para Jaki. Ergueu o frasco em saudação e ingeriu de uma só vez o licor gelado que havia no interior. O cheiro encorpado e embriagante espalhou-se pelas cavidades nasais e abriu um caminho gelado até o estômago, como uma longa estrada de luar. O frasco caiu de seus dedos, e a força se foi dos músculos, esvaziando-a como um balão. Mala caiu para trás, no chão da varanda.

Jaki viu de longe quando ela tombou e atravessou correndo a lareira em direção à mãe. Jabalwan encontrou-o ao pé do tronco e segurou-o pelo braço. Um raio inclinado de sol incidiu sobre o local onde Mala estava caída, com

as costas apoiadas contra a parede da cabana. Ela levantou o braço e acenou para ele. O menino então permitiu que o feiticeiro tomasse sua mão.

Mala sorria enquanto seu filho era levado pela clareira. Ele seria um caçador de almas, agora. Relembrou os tempos que haviam passado na relva em frente à cabana, onde ele aprendera a andar e a perseguir borboletas, onde aprendera a ler as palavras do Livro, assim como o padre Isidro a havia ensinado.

Ao lembrar do severo padre Isidro, sempre trajado de preto, as alucinações aumentaram de intensidade e foi como se ela visse cada detalhe da face enrugada do sacerdote com sua barba de sábio, cujo foco de atenção era o olhar benigno. Ele parecia contente com ela por ter tido um filho que seria caçador de almas. Jesus tinha vindo ao mundo para ensinar os homens a serem caçadores de almas. Seu filho sabia disso, porque ela o ensinara, e o sorriso do padre Isidro parecia cada vez mais brilhante e acolhedor.

O veneno tinha uma ação fulminante. As alucinações desapareceram e Mala sentiu a vida se escoando em direção ao sol, sua força dissolvendo-se e subindo junto com a névoa que se desprendia da selva, desaparecendo logo após

o horizonte numa lâmina contundente de luz.

As batidas do coração diminuía de ritmo, e a cada pulsação um pedaço maior de escuridão tomava conta de tudo, exceto do núcleo do brilho, que ia ficando fora de foco. Agora parecia de volta ao convés do *Zeerover* naquela madrugada oito anos atrás, quando havia ajoelhado em frente à cabeça decepada do capitão. A cena logo se dissolveu, deixando os traços severos de Batuh, o único homem que verdadeiramente amara. Ele olhava para ela com a mesma expressão de tristeza que havia demonstrado durante a despedida nas Cabanas Grandes, quando ela partira com o feiticeiro e a tropa de macacos.

O rosto de Batuh também desapareceu. Nunca saberia se ele iria ou não realizar o sonho de reunir as tribos num só povo. Em seu lugar ficaram as nuvens avermelhadas da aurora. A névoa subia suavemente da floresta em direção à luz, e Mala acompanhou a neblina silenciosa, que flutuava para o sol.

Nos limites da clareira, Jaki parou para olhar mais uma vez para trás, e Jabalwan percebeu que os músculos das pernas do garoto se retesavam antes mesmo que ele soubesse que iria correr de volta. O caçador de almas sibilou

como uma cobra e Jaki disparou para a cabana.

Jabalwan aguardou até que o rapaz compreendesse que a mãe estava morta. Quando ouviu o grito de dor, voltou-se na direção do vento, onde o urso estava esperando. Com estalidos da língua, ordenou que o animal atacasse a choupana e matasse qualquer um no interior.

Jaki tinha o rosto apertado ao pescoço sem vida da mãe, quando percebeu um grande vulto negro que avançava pela clareira. Era o urso que vinha em sua direção, emitindo um rosnado constante e ameaçador.

Jaki agarrou-se à mãe morta. Embora a morte viesse ao seu encontro, não conseguia abandonar todo o passado, e a mulher que representava sua vida inteira.

De longe, o feiticeiro observava impassível. Havia submetido outros meninos-demônio à mesma decisão terrível. Todos tinham morrido.

O sangue de Jaki pulsava rápido nas veias. Examinava ansioso o rosto da mãe, que fixava sem piscar o sol sobre as árvores. As presas enormes e amareladas encontravam-se muito perto e o menino encheu-se de terror. Tentou desesperadamente levantar o corpo da mãe, mas de nada adiantou. Ela estava morta. Morta como

o macaco que a víbora havia picado, ou como aquelas mulheres e crianças da Bíblia. As garras do urso já se cravavam no tronco, e depois de mais um passo a fera levantou-se numa sombra sobre a varanda. Antes de perceber o que fazia, Jaki saltou sobre o corrimão. Caiu sobre as samambaias lá embaixo e rolou para longe, voltando-se a tempo de ver o urso acertando uma patada em sua mãe. Não conseguiu mais olhar. Disparou pela clareira em direção oposta à do feiticeiro e embrenhou-se na floresta, correndo com todas as forças.

Jabalwan deixou que ele fosse. Assobiou para o urso, que se afastou da cabana. Mantinha o rosto impassível, como era exigido nessas ocasiões, mas no íntimo exultava. Depois de decapitar Mala e começar uma fogueira embaixo da choupana, o caçador de almas voltou para o interior da selva.

De seu refúgio Jaki viu a coluna de fumaça subindo para o céu, onde faíscas se levantavam como seres de luz na direção do sol. Ainda não sabia, mas estava tão perto do verdadeiro significado do poder quanto se podia durante a vida terrena.

Os Nômades da Chuva viviam no interior montanhoso da ilha. Eram malvistas pelas

outras tribos da floresta porque não se misturavam nem comerciavam com ninguém. O pouco metal que possuíam era roubado ou ganho em batalha. Dominavam perfeitamente as artes dos venenos, e sempre percorriam as cabeceiras dos riachos no alto das montanhas, jogando nas águas um cipó triturado, que matava os peixes para com eles se alimentar. Ocasionalmente o veneno era conduzido pela correnteza até outros afluentes onde as tribos se banhavam, e alguns homens caíam doentes e morriam. As tribos das terras baixas culpavam os Nômades da Chuva por quase todas as doenças que apareciam, e suas cabeças eram as mais valiosas. Procurar por eles equivalia a aventurar-se pelas montanhas, onde viviam os grandes ursos. Poucos voltavam dessas jornadas, não só por causa das feras, mas também porque os Nômades da Chuva estavam sempre em busca de cabeças para assegurar a fertilidade das terras pertencentes a seus numerosos clãs.

Jabalwan também era Nômade da Chuva. Seu pai havia sido um mestre de venenos e adivinho, que lia a sorte nos pássaros, e havia reconhecido no filho a força de vontade necessária para tornar-se caçador de almas. Com a mesma idade de Jaki, depois de ter aprendido

tudo o que o pai podia ensinar, Jabalwan fora entregue a um feiticeiro, um homem de rosto impenetrável, que o golpeava com espinhos venenosos a cada erro que cometia. Os venenos haviam-no atormentado, alterando sua mente e abrindo sua cabeça para o vento. Quando atingiu a maioridade, era vigoroso como uma árvore e tinha grande capacidade de resistir à dor, porque fora amarrado à terra pelas raízes da loucura e esculpido pelo invisível.

Instruídos por Jabalwan, os Nômades da Chuva enviaram um grupo de caça à floresta. Em poucos minutos encontraram o menino-demônio de cabelos loiros escondido sob uma pimenteira, e trouxeram-no para a aldeia amarrado de cabeça para baixo num varal de transporte, como um tapir. Sua cabeça teria sido um troféu valioso para a terra, mas isso o caçador de almas tinha proibido terminantemente. O menino foi atirado a um chiqueiro, uma construção baixa de toros, trançada com cipós resistentes, que protegiam os porcos dos ataques das panteras.

Jaki encolheu-se num canto, defendendo-se dos porcos mais agressivos com chutes até que o deixaram em paz e ele entregou-se a sua imensa tristeza. Os moradores da aldeia tinham se reunido para examiná-lo de perto, e durante

várias horas os rostos se sucederam, com expressões de espanto e incredulidade. O fato de ver tantas faces estranhas aprofundou ainda mais o pesar de Jaki. Durante a noite, dormindo mal acomodado e ouvindo os grunhidos agressivos dos porcos, sonhou que estava novamente com a mãe. Os dedos dela pareciam feitos de fogo, e o cabelo estava escuro como a noite. Ela dizia:

— Tudo bem, meu pequeno guerreiro, tudo está bem...

No dia seguinte, Jaki foi retirado do chiqueiro. Despiram-no do traje de seda azul e banharam-no com água gelada da montanha. Jabalwan havia informado à tribo que Matubrem-brem deveria viver como escravo entre eles, e, depois de lhe fornecerem uma tanga de tecido cinzento e grosseiro, levaram-no para os campos e ensinaram a ele o desprezível trabalho de semeadura e espaçamento das sementes de arroz na lama. Nesse dia, em duas oportunidades, ele tentou fugir. Da primeira vez em que foi recapturado, levou uma pancada fortíssima atrás da cabeça, que o deixou a ver estrelas. Da segunda, apanhou de verdade, depois foi amarrado a uma pesada pedra. Ao anoitecer deram-lhe papa de arroz e o trancaram

numa jaula minúscula, junto com um gibão fadado a ser assado e comido, mas que ainda não fora abatido porque era uma fêmea e estava grávida. Naquela noite nasceram dois filhotes. Um deles foi devorado imediatamente, mas Jaki conseguiu pegar o segundo a tempo, mantendo a mãe a distância com gritos e chutes. De manhã dividiu seu leite de arroz com a cria. O animalzinho era cor-de-rosa e cabia na mão do menino. Jaki deu a ele o nome de Wawa, que era a palavra para gibão no dialeto de sua mãe. Durante o dia, enquanto trabalhava no campo, o macaquinho se agarrou ao seu pescoço, apoiando-se nos cabelos loiros enquanto ele se arrastava na lama. Os nativos acharam aquilo divertido, e, quando o menino voltou para a jaula, encontrou uma pequena tigela de leite de arroz ao lado da sua papa. A mãe não estava mais ali, fora ao encontro do próprio destino.

Os Nômades da Chuva logo se acostumaram à presença do novo escravo e deixaram de se preocupar com ele, embora as crianças ainda estivessem bastante intrigadas e brigassem entre si para ver quem tinha coragem de molestá-lo. O pior dentre estes era Ferang, o mesmo que o acertara com uma pedra no rio, no último dia em que vivera no vale com Mala. Filho

do mais feroz guerreiro da tribo, era forte e musculoso, um pouco mais velho do que Jaki, com cabelos pretos e ondulados além de um olhar cheio de desconfiança. Enquanto os outros restringiam-se a lançar insultos e pedregulhos, Ferang ousava tocá-lo. Empurrava-o na lama enquanto trabalhava, afundava sua cabeça no rio quando o menino-demônio ia beber água, ou ainda sujava com excremento de porco a pedra à qual o outro estava preso, para que as moscas o atormentassem. Jaki não sabia como se defender, e Ferang acabava escarnecendo de seus débeis esforços para reagir. No final desses dias de tormento, Jaki deitava-se de costas com o macaquinho embaixo do braço e rezava, como sua mãe lhe havia ensinado. A cadência das palavras levava-o a dormir e invariavelmente a sonhar com a clareira e a cabana em que fora criado, e então sentia o ar carregado pelo cheiro de pólen trazido pelo vento da montanha.

Entre todos os rostos que vinham observá-lo, havia um que não exibia traços de zombaria ou malícia. Era uma menina, com olhos que pareciam ter acabado de acordar e belos cabelos agitados pelo vento. Quando ninguém estava vigiando, ela trazia pedaços de carne cozida recoberta com arroz. Nunca dissera nada a ele, e

raramente Jaki a via, mas os dias em que a encontrava pareciam mais agradáveis.

Entre as mulheres que iam com ele para o campo havia algumas que se mostravam mais amigáveis, porque seu trabalho duro amenizava o delas. Uma vez o menino perguntou a uma delas quem era a menina que o ajudava.

— É Riri, a filha do chefe — foi a resposta.

Seu pequeno coração se iluminou com a revelação. Quem mais teria posses suficientes para sentir piedade?

À época da colheita, enquanto os pais celebravam, as crianças penduraram Jaki, encolhido no interior de uma pequena cesta de vime, aos galhos baixos de uma gigantesca árvore e lhe atiraram sementes e bolas de lama durante o dia inteiro. Ao pé da árvore, Wawa protestava e guinchava, para enorme divertimento de todos que observavam, exceto Riri, que permanecia muda assistindo à cena de longe. Quando as festividades se encerraram, Ferang abaixou a cesta e um bando de meninos se atirou aos berros para a frente, arrastando-a para o rio. Atiraram a cesta na água e deixaram que a correnteza a arrastasse até esticar as amarras. Puxavam e soltavam os cipós, afundando e levantando o escravo. Quando se

cansaram da brincadeira, Jaki estava semi-afogado. Arrastaram-no para a jaula, jogaram sobre ele a aterrorizada mascote e foram embora.

Naquela noite, Riri veio até ele.

— Pequeno demônio, você já sofreu o suficiente — disse ela, cortando as lianas que prendiam a porta.

Pela primeira vez desde a sua captura, Jaki pôde ficar em pé em liberdade, e a amplidão do céu deixou-o tonto por um instante. Deu um passo em direção a Riri, que não recuou quando a mão dele tocou sua face, encontrando-a molhada pelas lágrimas.

— Vá — ordenou ela em tom de urgência. — Vá logo, antes que os outros descubram o que fiz.

— Meu nome é Jaki. Nunca esquecerei o que fez, Riri.

— Agora vá, Jaki. — Ela pareceu surpresa com a menção do próprio nome, e o menino-demônio sorriu.

Apanhou Wawa e saltou para a liberdade. Próximo aos limites da aldeia, voltou-se e percebeu que ela ainda o estava olhando. Um cachorro deu um latido de alarme e o vulto de Riri desapareceu. Jaki então virou-se e correu para o interior da selva. Em pouco tempo o cansaço o atingiu e ele levou às narinas os dedos

que haviam tocado o rosto de sua libertadora. O cheiro dela, parecido com o aroma do mel, teve o poder de reanimá-lo, e Jaki correu mais rapidamente sob a luz das estrelas.

Ao final da noite, Jaki estava completamente perdido. Parou ao lado de um córrego e ficou ali ofegante, ouvindo o murmúrio das águas, tentando se acalmar. Wawa sentiu a incerteza em seu refúgio no pescoço do menino, e tocou uma de suas bochechas.

— Aonde vamos agora, Wawa? Onde existe um lugar para nós? — indagou ele em voz alta.

— Venha aqui, Matubrem-brem — chamou uma voz grave e profunda, que parecia vir de todas as direções. — O seu lugar é comigo. Não entendeu isso ainda?

— Feiticeiro!

— Para onde pensa que está correndo, Matu? — O caçador de almas surgiu entre as sombras da noite, à distância de um passo.

— Como me encontrou? — Jaki recuou.

— Toda a floresta sabe onde você está, Matubrem-brem. Faz o ruído de um elefante correndo fora da trilha. Se não vier comigo, os Nômades da Chuva vão acabar encontrando você de novo, e voltará para o chiqueiro. É isso que deseja?

— Você matou minha mãe!

Jabalwan deu um passo na direção do menino, que afastou-se.

— Vai me matar também? Quer a minha cabeça como pegou a cabeça do meu pai?

— Vou fazer de você um caçador de almas. É o que sua mãe queria.

— Então por que a matou?

— O tempo dela havia passado. Eu a abençoei.

— Você a matou!

— Você vê as coisas com os olhos de um menino. Quando for um caçador de almas vai me agradecer pelo presente que dei a sua mãe.

— Nunca!

— Então saia correndo por aí. — O feiticeiro encolheu os ombros. — Vá procurar seu caminho no meio da floresta. Talvez eu encontre algum dia sua cabeça na cabana de alguma das tribos. — Voltou-se e caminhou rio abaixo.

— Espere! — berrou Jaki, correndo atrás de Jabalwan.

Tinha consciência de que seria incapaz de sobreviver sozinho na selva. Por um lado, não sabia caçar, e, por outro, estava sendo caçado. Já fora uma vez amarrado como um animal junto aos porcos e escravizado. Não voltaria a isso de

jeito nenhum. Além do mais, se permanecesse com o feiticeiro, sempre poderia surgir uma boa oportunidade de matá-lo para vingar a mãe.

Jabalwan caminhava sem olhar para trás. Continuou em ritmo de marcha ao longo da margem do rio, com a longa zarabatana pendurada ao ombro. Por volta do nascer do sol, atingiram o campo de samambaias onde o feiticeiro sabia que a Aranha morava. O menino ainda vinha a alguns relutantes passos de distância.

O caçador de almas a um dado momento parou e aguardou que Jaki se aproximasse, indicando com um assobio que o menino parasse ao lado. Depois mostrou uma teia cheia de pérolas de orvalho entre as folhas das samambaias. Como um pingo de escuridão, uma aranha estava exatamente no centro geométrico do entrelaçamento dos fios.

— Se quer ser mais do que minha sombra e um verdadeiro caçador de almas, precisa dar sua mão à Aranha.

— Mas ela vai me morder — protestou Jaki.

— Exato. E quando for mordido terá uma visão. É essa a primeira prova de sinceridade do caçador de almas. Talvez morra, porque os poderes do mundo podem não estar prontos para

você. Mas, se viver, saberá que é um dos escolhidos da Vida, e será para sempre seu próprio guia. Toque nela agora!

— Não!

— Mas você precisa, não percebe? Como o mundo pode saber que é sincero se não oferecer a própria vida?

— Você quer me machucar...

Jabalwan desviou o olhar da Aranha até o rosto do menino. Suas feições pareciam esculpidas em pedra quando falou novamente.

— O caçador de almas é a dor viva do mundo. A dor mora dentro dele. Não é ignorada nem expulsa. E pelo fato de a dor viver em seu íntimo sabe como arrancá-la de outras pessoas. É por isso que o caçador de almas é sempre bem-vindo em qualquer aldeia de qualquer tribo. E, por esse motivo, você tem de se entregar à dor antes que qualquer coisa possa acontecer. Toque a Aranha.

A Aranha era do tamanho da mão aberta de Jaki, e, quando ele a examinou mais atentamente, percebeu os pêlos grossos nas juntas das pernas e o brilho oleoso do corpo em forma de bulbo. Não conseguiu nem mesmo aproximar o braço da teia orvalhada. O feiticeiro viu o medo nos olhos do menino e cuspiu em

sinal de desaprovação.

— Não aprendeu nada entre os Nômades da Chuva?

— Tenho medo!

— O próprio medo é o único perigo. Ele nunca vai embora se não agir. Aja agora. Toque a Aranha.

Suor frio corria pela testa do menino, e seu estômago se revolveu, porém nenhum músculo se moveu. O feiticeiro voltou até a beira do rio e ficou a observar dali o garoto ainda rígido de medo.

— Matubrem-brem — chamou suavemente. — Afaste-se daí. Não está pronto ainda para isso. Venha. Primeiro eu lhe mostrarei a Vida, e você vai ver como o medo é uma coisa pequena. Venha.

O tom surpreendentemente delicado do caçador de almas teve o poder de arrancar Jaki do estado de transe em que se encontrava, e ele seguiu Jabalwan pelas margens, sumindo na névoa azul que se desprendia das águas do rio.

— Tudo o que enxergamos a nossa volta parece saber exatamente o que fazer — dizia Jabalwan ao menino-demônio. — Mas nós nunca conseguimos lembrar o suficiente para fazer o mesmo, portanto precisamos aprender a observar

o mundo. Sempre.

Viajando abaixo das copas perfuradas de sol, o feiticeiro mostrou a Jaki como espreitar usando todos os sentidos. Em alguns dias, enchia os ouvidos do aprendiz com cera de abelhas e vagavam em silêncio até que as cores ficassem mais densas e as sombras mais brilhantes. Em outras oportunidades, Jaki era vendado e conduzido através da floresta apenas pelos sons abafados do andar de Wawa e do feiticeiro. A mata começou a falar, e Jaki começou a aprender sua linguagem: a fome dos animais, o rastro de suas presas, as vulnerabilidades do sexo. Ficou maravilhado com a simplicidade direta da floresta. Observando apenas, era capaz de aprender os segredos do mundo. O Livro que sua mãe havia lhe dado não passava de um sonho pálido e indistinto quando comparado à realidade cristalina que era observar a floresta.

Um dia sentiram um cheiro novo no ar, um odor de carne úmida.

— A aldeia dos Caçadores das Paliçadas está a um dia de viagem. Eles me chamam para curar seus doentes.

— Como os escutou, mestre?

Como resposta, Jabalwan tocou o nariz

chato com o indicador, num gesto que significava espreita. O menino continuou com um olhar de interrogação, e o caçador de almas explicou:

— Ao amanhecer, quando o vento vira e traz até as montanhas o primeiro calor do dia, sento no alto das maiores árvores e escuto. Então ouço a música dos tambores. É só um sopro a mais no vento, mas o suficiente para entender o que as tribos dizem lá embaixo. Você também vai aprender, mas leva bastante tempo — completou o feiticeiro, dando uma palmadinha afetuosa na cabeça do garoto.

Durante as semanas que haviam passado desde que deixara os Nômades da Chuva, a raiva de Jaki havia diminuído, e ele se tornara a sombra do feiticeiro. O caçador de almas havia lhe ensinado a encontrar alimento e a não servir de comida para as feras da floresta, presentes em todos os lugares. A confiança advinda dos ensinamentos diminuiu o medo que antes sentia do caçador de almas, mas ainda não o demovera do propósito de vingar a morte da mãe. Não tinha a menor idéia de como realizar isso, porém percebeu que, quanto mais aprendia, mais próximo ficava de seu objetivo.

No caminho que levava à aldeia dos Caçadores das Paliçadas, Jaki sentiu cheiro de

urso. Uma breve rajada de vento, vinda do matagal à frente, trouxe um cheiro almiscarado e gorduroso. Ele agarrou o braço de Jabalwan, alarmado.

— Espere, mestre. Uma fera à frente!

— Muito bem, Matu — aprovou o feiticeiro, estalando a língua. — Seu estado de alerta ainda vai salvar várias vezes sua vida.

O matagal se abriu dando passagem a um enorme urso negro. Wawa guinchou e Jaki deu um passo atrás, caindo sentado num riacho ao tropeçar. Jabalwan sorriu, e o enorme animal aproximou-se dele, permanecendo a seu lado enquanto recebia carícias no pescoço.

— Esta é Papan, minha guardiã. Como o seu Wawa, está comigo desde que nasceu, e conhece todos os meus truques. Fica a favor do vento quando não quero que a vejam, mas hoje eu a chamei para que pudesse conhecê-la.

Jaki levantou-se, seguido pelo assustado gibão, e olhou com cuidado para Papan.

— É o mesmo que tentou me matar na cabana!

— É. E teria matado se você não tivesse saído de lá.

— Por quê?

— Precisa perguntar? — O feiticeiro

balançou a cabeça, divertido. — A menos que sua vida significasse mais do que a ligação com sua mãe, não poderia mesmo ser um caçador de almas. Por isso estaria melhor morto do que sozinho e órfão na floresta. Era a única coisa sensata a fazer.

Jabalwan mostrou a Jaki como sua mascote era capaz de imitar outros animais. Quando o feiticeiro levantava o punho fechado e o abria, a urso rosnava como um leopardo, e fazia isso com tanta perfeição que Wawa ficou intranquilo por um bom tempo. Com um movimento de cabeça, chilreados de vários pássaros eram produzidos com o focinho quase fechado. A um aceno diferente da mão do caçador de almas o animal voltou a esconder-se no matagal. Jabalwan prometeu ao menino ensinar como utilizar Wawa da mesma maneira, para confundir o inimigo.

— Animais são mais fortes do que as pessoas. As tribos pensam que são capazes de muito porque possuem fogo e armas, mas essas coisas não passam de atestados da própria incapacidade. Os animais são fortes por si só. Um feiticeiro sabe disso, e aprende com os animais. Wa-wa é sua circunferência.

Jaki fez cara de quem não entendeu.

— Wawa é sua alma. Está dentro do mesmo

círculo que você, no mesmo espaço, é capaz de tocar e perceber o mundo de uma forma mais profunda.

— Minha alma não está dentro de mim? — quis saber Jaki.

— *Dentro* de você? — caçoou Jabalwan. — Como os ossos e o sangue? Não, claro que não! A alma pertence ao mundo, não a você. Wawa não é seu bichinho de estimação. Precisa deixá-lo solto na floresta, para viver a própria vida. Vai voltar sempre que precisar dele. Essa é a força de nossas almas animais. Escutam nosso chamado, e estão conosco mesmo quando todo o resto nos abandona.

Construída diretamente sobre o rio, em pilares cobertos de cipós e lianas, a aldeia dos Caçadores das Paliçadas era acessível apenas por jangadas. À medida que se aproximavam, os homens gesticulavam em direção ao menino-demônio, e ele lembrou seus tempos de escravidão entre os Nômades da Chuva. Ao subir os troncos que levavam à grande plataforma circular em torno da cabana principal, Jaki tentou manter-se à sombra do feiticeiro, mas os Caçadores das Paliçadas cercaram a ambos em manifestações de alegria, colocando-lhes colares de flores e borrifando-os com água perfumada.

— Matubrem-brem — murmuravam homens e mulheres, apontando para ele das janelas, enquanto os mais próximos tentavam tocar seus cabelos claros.

O cheiro concentrado de tantas pessoas e animais presos perturbou um pouco Jaki, e, se dependesse dele, sairiam do povoado antes mesmo de o caçador de almas começar os cânticos de cura para os doentes. Contudo ficou e observou o que se passava. Jabalwan tratou mordidas de cobra, animais e febres. Bastava tocar os doentes para que melhorassem, e as raízes, resinas, chás e lama curativa foram suficientes para aliviar todos os males que encontraram. Havia também alguns que já estavam além de toda a ajuda, e a estes o feiticeiro dirigiu-se com carinho, dizendo palavras suaves. Jaki aproximou-se para ouvir.

— Descanse. O vento já sabe seu nome agora. Você já é parte da canção que o vento assobia para as estrelas. Pode descansar.

Por vários dias, os dois viajaram pelas aldeias rio abaixo. A cada povoado o feiticeiro curava os doentes, confortava os moribundos e partilhava de uma refeição com os clãs importantes. Depois de terem visitado muitas cabanas, o nome do estranho companheiro de

Jabalwan começou a ser comentado e os rumores correram mais rápido do que eles. Nas colinas das aldeias mais baixas, os nativos reuniam as crianças e jovens para que pudessem ver o menino-demônio, ou pedir-lhe que os abençoasse, ou que tocasse as pessoas para que tivessem boa sorte, pois era considerado como uma espécie de amuleto vivo. Durante a festa que sucedeu a sessões de cura, a ele eram servidos os melhores pedaços de carne depois do feiticeiro. Wawa, escondido nos cabelos loiros do menino, recebeu comida geralmente reservada para convidados humanos.

Certo dia, quando os dois perambulavam pelas florestas chuvosas das terras baixas, Jabalwan fez um sinal desconhecido para Papan, que produziu um ruído diferente de todos os que Jaki ouvira. Parecia um lamento musical, agudo e triste, e logo depois o vento trouxe um odor que o menino não reconheceu. Deu um passo em direção ao feiticeiro e segurou a pele negra e felpuda que ele usava. Um animal gigantesco com um único e ameaçador chifre na testa veio em direção a eles, bamboleando o corpo cinzento.

— Não tenha medo — tranqüilizou-o Jabalwan. — É como Wawa e Papan. Outro dos nossos amigos. Ela é um rinoceronte que eu

chamo de Emang, e vai nos levar até nosso próximo destino.

Emang balançava a cabeça volumosa ao lado do feiticeiro, que lhe agarrou uma das orelhas e pulou para seu dorso, estendendo depois a mão para Jaki. O rinoceronte entrou de novo na selva ao comando do caçador de almas, e iniciaram um galope desenfreado por uma trilha de javalis.

Diminuíram de velocidade quando se aproximaram da orla da floresta, onde as árvores eram substituídas por uma vegetação mais baixa constituída de arbustos, mato da altura de um homem, e terreno pantanoso. Durante os dias que se seguiram, ficaram maravilhados com as surpresas que o pantanal lhes reservava. Manadas de elefantes brincando e jogando a água para o alto, varas de porcos selvagens seguindo a trilha das frutas caídas na encosta onde cresciam mangueiras. Durante a noite, os vagalumes passeavam por todos os lados na escuridão, e o céu acima de suas cabeças cintilava por inteiro, intensamente estrelado.

Numa noite encontraram um bosque de árvores cobertas de musgos, e entre elas uma muito alta, com o formato de um raio, envolta numa chama brilhante e azulada que parecia

respirar ao comando do vento. Jabalwan explicou que era uma árvore-de-fogo, um lugar por onde os espíritos penetravam na terra. Durante toda a noite ficou sentado em frente ao local, mascando as raízes e conversando com os espíritos. Jaki permaneceu numa espécie de transe, ouvindo as palavras monótonas do mestre, que pareciam cair como gotas de chuva na areia. A vigília luminosa cessou à primeira luz da alvorada, quando a árvore espectral perdeu lentamente o brilho e transformou-se num tronco corroído por cupins. Jaki esfregou os olhos cheios de sono e seguiu timidamente o feiticeiro até a árvore-de-fogo. A madeira já morta revelou-se coberta por fungos de filamentos tão finos quanto um fio de cabelo, e, quando colocados no interior das mãos em concha de Jabalwan, emitiam um brilho frio e fosforescente. Ele colheu vários tufo do fungo e guardou a substância esponjosa no interior de um talo oco de bambu, que recolocou na bolsa de couro com os remédios, pendurada ao ombro, da qual nunca se separava.

Emang atravessou o que restava do bosque e chegaram a uma planície coberta de relva, tão ampla como um deserto. Montanhas distantes tremulavam próximas ao horizonte, confundindo-se com grandes massas de nuvens ao longe. Na

travessia dessa planície, Jabalwan explicou a Jaki sobre os três graus de feitiçaria.

— Meu pai lia presságios nos pássaros. Esse é o começo do aprendizado do feiticeiro, e já lhe ensinei tudo o que ele sabia.

Isso era verdade. Jaki havia aprendido a encontrar água observando o vôo circular dos papa-mel. Ouvindo os vários trinados dos pássaros da floresta, podia prever os movimentos de animais e as chuvas que iriam cair.

— Conhecer bem a arte da previsão pelos pássaros é tudo o que alguém precisa para ter uma vida longa na floresta — continuou o caçador de almas. — Mas não é o suficiente neste espaço aberto. Precisamos procurar poderes maiores aqui. Sou um feiticeiro das nuvens. Entendo a linguagem do mundo dos espíritos que fala por intermédio delas lá no alto. Juntos vamos observar as nuvens nas mãos do céu com as costas para a terra, e poderemos aprender sobre a Vida, pois são as nuvens que carregam nossos espíritos. E devolvem as profecias nas águas da chuva. Vou ensiná-lo a conhecer o que ainda será.

Durante muitas luas eles andaram pelos campos de relva, comendo grãos, insetos e pequenos animais que ficavam presos nas poças

fundas de água. O caçador de almas cumpriu sua promessa, ensinando a Jaki como ler os movimentos das nuvens para prever o tempo e adquirir perspicácia. A previsão do tempo não era nem um pouco difícil, pois mesmo as mudanças mais sutis eram fáceis de enxergar, quando comparadas às visões que o feiticeiro dizia que carregavam. No início Jaki não via senão o tempo nas nuvens, nos padrões de nuvens fofas e de baixa velocidade que antecediavam os dias de calor, ou nas altas e longas formações com o vento seco, ou ainda nas grandes chuvas que eram precedidas por nuvens maciças e turbilhonadas. Parados no campo, sob o início da chuva tropical, mestre e aprendiz observavam a dança das luzes no horizonte.

— Veja o que eu vejo, Matu. Veja o clarão de alegria na frente da tempestade, e a cor de sofrimento nas nuvens avermelhadas e rasgadas pelo vento. Lá vem ele de novo. Que cheiro sente no vento?

— Tapires — respondeu o menino, depois de levantar o nariz para o vento. — Mais ou menos trinta tapires a sudoeste daqui. Umas três horas de marcha.

— Só consegue pensar em comida? Aspire mais profundamente. Cheire a luz, além do odor

de sangue... Não sente?

Jaki ficou confuso. Sabia que estava certo sobre os tapires. O que mais havia? O vento estava mais úmido que a própria chuva. Trazia bem diluído o cheiro de podridão do delta.

— A um dia de viagem há um rio.

— Muito bem. Um rio. É verdade. Mas existe algo mais. Não sente as responsabilidades que vêm em nossa direção? O vento traz muita tristeza.

— Não entendo.

O sorriso de Jabalwan não era alegre nem triste. Um sorriso misterioso, como se ele quisesse compartilhar um segredo.

— Algum dia você saberá. Por enquanto a morte para você continua sendo apenas um cadáver. — O feiticeiro passou os braços ao redor dos ombros do menino, e os dois correram para um grande espinheiro, sob o qual já se abrigavam Emang e Papan.

No dia seguinte, assim que avistaram o telhado da cabana dos Ossos de Vento, Jabalwan despediu-se de Emang, que voltou para os campos. Os Ossos de Vento demonstraram tanta reverência pelo caçador de almas quanto as tribos do norte, apesar das diferenças existentes: calçavam estranhas sandálias, amarradas aos

tornozelos; sua arma era o *parang*, uma espada com duas lâminas largas e afiadas; e usavam uma túnica grosseira até os tornozelos. O feiticeiro completou seus deveres de curandeiro tratando desde ferimentos de javalis até febres, e fornecendo poções para os anciões da aldeia. Jaki foi recebido com menos estardalhaço, pois os Ossos de Vento já haviam recebido antes a visita de outros meninos-demônios, filhos dos deuses-diabos que levantaram uma cidade de muralhas mais ao sul. Não tinham nenhum respeito especial por esse tipo de criança, porque, quando elas começavam a aparecer, significava que os próprios demônios brancos estavam por perto, e com eles a tribo Estrela da Lua com bastões de fogo e morte. Ninguém tentou tocar o cabelo claro de Jaki, mas em compensação trataram-no sem nenhuma maldade.

Seguindo depois os cursos d'água para o sul, Jabalwan e Jaki encontraram outro feiticeiro. Estava esperando por eles embaixo das flores douradas de uma árvore, e cumprimentou o caçador de almas com a palma das mãos para cima e os olhos fechados, salientando as tatuagens vermelhas nas pálpebras. O estranho usava a mesma túnica que os de sua tribo, era

de constituição atarracada, com lábios grossos e olhos oblíquos, porém suas pernas tinham as mesmas serpentes vermelhas tatuadas das de Jabalwan. Ostentava também as cicatrizes no peito, formando um intrincado desenho que mais tarde o feiticeiro explicou representar as andanças da Lua e do Sol em seu romance interminável pelo céu. O nome do outro era Dano. Tivera notícias de que estavam em sua floresta e viera pedir a ajuda de Jabalwan.

Dano levou-os até um bosque de figueiras, cujo chão estava atapetado com folhas cor de violeta, o ar recendendo a pólen. Mostrou-lhes um toco de árvore, em cujo oco escavado havia um líquido verde e espesso banhando uma cabeça cortada há pouco tempo, a qual Jabalwan examinou com cuidado e admiração.

— Isto vai trazer muito poder para seus campos.

— Precisamos de algo mais do que isso — respondeu Dano, com ar preocupado. — A tribo Estrela da Lua fica emboscada em nossos poços de pesca, atiram em nossos homens no rio e roubam nossas mulheres e crianças para torná-los escravos. Para o chefe e seus guerreiros a guerra é inevitável. Quando soube que estava por perto, entendi que as nuvens o trouxeram para

que pudesse nos ajudar. E um Nômade da Chuva, Jabalwan, e sabe transformar uma cabeça num amuleto de boa sorte. Por isso preservei esta aqui, esperando por você. Fará o amuleto para nós?

— São os tempos do ferro, Dano. Sabe disso, não?

— Eu sei... São os tempos do ferro. Matubrem-brem está aqui, não está? — Dano voltou um olhar cheio de tristeza para o menino. — A profecia começa a se cumprir. Quer dizer que somos os últimos. Mas precisamos agir como se fôssemos os primeiros. Não é o que dizem os ensinamentos?

— É exato, Dano — concordou tristemente Jabalwan. — Vou ajudá-lo.

De sua bolsa de couro retirou tubos de bambu e alguns tubérculos retorcidos, que espremeu entre duas pedras até extrair poucas gotas de um líquido prateado. A essas gotas foram misturados pós retirados dos tubos, formando uma pasta esverdeada.

— Sem a sua pasta de amolecer os ossos, a cabeça nunca seria mais do que um enfeite comum de cabana — observou Dano, enquanto os dois misturavam a pasta com o líquido volátil no toco de madeira, produzindo um óleo espesso.

Imergiram a cabeça novamente nessa mistura, e tudo foi coberto com tufo de grama macia.

Durante os dez dias seguintes, Dano acompanhou Jabalwan e Jaki pelas aldeias da tribo em seu território. Entre os clãs do sul, que comerciavam com os deuses brancos, uma peste estava dizimando a população. Nenhum dos feiticeiros havia visto algo semelhante antes: febre alta, barulhos no peito como o crepitar da fogueira, azulamento das extremidades dos dedos das mãos e dos pés e morte. Os recursos de Jabalwan não foram mais eficientes do que os de Dano, e logo os dois curandeiros viram-se reduzidos a observar impotentes, andando pelo povoado, ajudando as pessoas a morrer e abençoando as jangadas da morte, quando carregavam rio abaixo os mortos, rumo à outra vida.

Na volta para o bosque de figueiras, Jaki adoeceu. A princípio pensou que a visão de todas aquelas pessoas doentes e morrendo havia entristecido sua alma, mas logo arrepios percorreram-lhe o corpo, e a pele ficou quente demais para tocar. Wawa atarefava-se pelo bosque, trazendo figos para o menino, e, quando viu que os presentes permaneciam intocados, começou a andar nervosamente em torno do

corpo prostrado de Jaki, mexendo nos dedos e orelhas para tentar reanimá-lo. Ao cabo de algum tempo, Jabalwan amarrou o gibão a uma árvore, onde ele ficou guinchando e se lamentando desconsoladamente. Jabalwan começou um jejum na esperança de ter uma visão que o ajudasse a curar o menino. A impotência que sentia em não poder salvá-lo aliou-se à impotência por não poder ajudar as tribos da floresta. As formas do mundo mudam, era o que ele havia aprendido como observador de nuvens. Mesmo assim nunca acreditara no fundo de seu coração que um dia todas as tribos da floresta desapareceriam nos tempos do ferro, como dizia a Profecia. Por que a Vida tinha objetivos suicidas? Por que os vivos tinham sede de morte? Mesmo os caras-de-macaco, que representavam a morte para seu povo, acreditavam num deus que se tornara homem para que pudesse morrer. Renascer, sim. Mas não neste mundo. Este mundo é a morte. Ele olhara, e sabia. "A agonia da vontade e do esforço é tudo enquanto os temos", Jabalwan pensava. "Sendo assim, nunca alcançamos o suficiente, pois isso é tudo o que temos. O resto é terror e solidão." Os vaticínios não mentiram. Jabalwan resolveu que, se Matubrem-brem morresse, jejuaria ele mesmo

até morrer.

Deitado de costas sobre a cama de folhas de figueira, tremendo à medida que o suor se condensava em sua pele, Jaki olhava para as nuvens no céu, e acabou por entender o que Jabalwan quisera dizer com observar a Vida no firmamento. As nuvens não passavam de sonhos febris da terra, e tudo o que se passava ali embaixo era refletido pelo vento lá em cima. O azul dos céus era o vazio da vida — em sua vida era a ausência de Mala. Sua solidão era como o movimento das nuvens para cima, procurando a imensidão e se diluindo. As formas das nuvens mudavam em redor do próprio calor, e cada momento era um novo começo. Havia tristeza onde o vento das alturas esgarçava o topo das nuvens, espalhando os vapores no vazio. Havia esperança na maneira como o céu ficava encapelado, formando rostos e animais diferentes, visões no brilho deslizante do céu. Tudo mudava e andava em direção de uma vastidão maior do que tudo que havia na superfície da terra.

— Mãe! — gritou Jaki, congelado em sua solidão, as lágrimas se misturando ao suor.

No quarto dia de sua doença a febre cedeu, e Jabalwan encerrou o jejum. O menino havia

melhorado o suficiente para sentar e observar Dano e o caçador de almas retirando a cabeça do toco. A carne adquirira um brilho vitrificado, e o pescoço estava completamente sem sangue, os nervos esbranquiçados pendendo como cordões. A solução que Jabalwan preparara amolecera os ossos e, sob sua supervisão, Dano extraiu o cérebro e os ossos do crânio como se fossem arroz empapado. Nesse meio tempo, Jabalwan aqueceu a areia branca do rio num caldeirão. O couro intacto da cabeça ficou esticado até que a areia estivesse bem quente, depois foi pendurado a uma armação de bambu pelos nervos arreventados, de maneira a que a abertura do pescoço ficasse para cima. Os olhos foram fechados com espinhos, e o interior foi preenchido pela areia quente, que produzia um leve crepitar quando entrava em contato com a pele molhada. Quando acabaram, a cabeça adquiriu os contornos de um ser vivo. Até mesmo o nariz ficou ereto novamente, e as pálpebras perfuradas incharam como se estivessem sonhando com alguma coisa. Jabalwan colocou a cabeça sobre a armação e amarrou-a com cipós de maneira que se mantivesse no lugar, enquanto um fino fio de areia escorria lentamente do interior. Em poucas horas, a

carne da cabeça tinha encolhido sensivelmente, e o processo foi repetido. Durante os dias que se seguiram, enquanto Jaki recuperava as forças, a cabeça foi encolhida até ficar do tamanho de um punho fechado.

Uma grande comemoração foi realizada pelos Ossos de Vento para festejar a chegada do novo amuleto de guerra. O clangor dos metais soava pela mata quando os nativos chocavam suas armas, a fim de levantar os espíritos dos ancestrais e aumentar o poder. *Arrak* — o vinho de arroz que faziam — foi consumido em grande quantidade, os odres de bexiga de javali passando de mão em mão, e ao anoitecer, quando os feiticeiros voltaram para a floresta, a maioria estava completamente bêbada. Jabalwan e Jaki despediram-se de Dano no bosque de figueiras e embrenharam-se na selva, para o interior, longe das canções de guerra e das risadas dos farristas. Quando pararam para o pernoite, o menino disse:

— Antes de chegarmos à vila dos Ossos de Vento, quando ainda percorríamos a planície com Emang, você me disse que as nuvens estavam cheias de visões. É verdade, mestre.

— Que bom que não estive me enganando esses anos todos — sussurrou o feiticeiro, numa

voz apenas um pouco mais alta do que os ruídos dos insetos noturnos.

Jaki riu, divertido. Desde sua doença, o caçador de almas parecia mais preocupado com ele, fazendo com que se alimentasse direito e não se cansasse em demasia.

— Você me disse também que existem três graus na feitiçaria. Adivinhação pelos pássaros e a espreita de nuvens já me ensinou. Qual é o terceiro grau?

— O mais avançado e verdadeiro de todos os feitiços — respondeu Jabalwan. — Sei pouco sobre isso, além do fato de que existe. É uma arte mais elevada do que a espreita de nuvens. É a leitura das estrelas. Aqueles que conhecem os movimentos das estrelas podem ler o destino do mundo. Enquanto nós enxergamos apenas nossa própria sorte, quem conhece a arte de ler as estrelas vê o destino das tribos. Mas, nos dias que vivemos, até um feiticeiro desajeitado como eu pode ver o mundo se aproximando do fim. Estou grato pelo que não posso ver.

Jabalwan levou Jaki para o sul. Evitaram as aldeias com a peste, e viram muito poucas pessoas durante a longa jornada.

Certo dia um odor amargo surgiu na brisa da manhã. Jaki pensou que o cheiro fosse de

carne queimada, proveniente de uma aldeia atingida pela peste.

— É pior do que isso — corrigiu o feiticeiro, apontando uma linha de muros esbranquiçados nas colinas próximas ao horizonte. — É a própria peste. Além das muralhas está a cidade dos caras-de-macaco. Amanhã vamos encontrá-los.

— Mestre, não sou o filho de um cara-de-macaco?

— É. Mas você pertence à floresta — respondeu Jabalwan, estreitando os olhos. — Conhece os pássaros e entende a linguagem das nuvens. Você não é um cara-de-macaco.

— Então por que me trouxe até aqui?

— Você é Matubrem-brem, o menino-demônio. Pessoas têm esperado por você desde o começo dos tempos. É a última testemunha da terra como nós a lembramos. Precisa ver para onde nos dirigimos. Acalme-se e aproveite, pois vai conhecer ambos os mundos.

O cheiro aumentou à medida que se aproximavam, e naquela noite Jaki não conseguiu dormir. O vento trazia a fumaça com odores azedos da cidade que veriam ao amanhecer. Lembrou-se dos acampamentos e das grandes cidades com muralha de pedra da Bíblia, apesar de saber que a realidade e o que

ele imaginava não eram a mesma coisa. Pensou em perguntar a Jabalwan sobre a Bíblia, mas, embora nutrisse agora um grande respeito e até mesmo afeição pelo feiticeiro, ainda mantinha certa desconfiança em discutir com ele, Mala e seus ensinamentos. Enquanto curava os enfermos, o caçador de almas freqüentemente abria sua bolsa, e Jaki teve oportunidade de espiar o interior algumas vezes, enxergando o ícone de Jesus pregado à cruz. Ficara impressionado pelo fato de que o deus de sua mãe e dos caras-de-macaco tivesse um lugar na bolsa do feiticeiro, porém não haviam conversado sobre o assunto.

Assim que a alvorada chegou, transpondo os picos rochosos da cadeia de montanhas, Jabalwan e Jaki contemplaram a cidade de Bandjermasin. A luz banhava as terras baixas, iluminando o rio que serpenteava e se dividia em muitos canais e ramificações até a foz, onde desaguava no mar. Os grupos de cabanas erigidas sobre palafitas pareciam frágeis como folhas mortas. No extremo mais distante do delta, erguia-se uma grande paliçada feita de troncos amarrados juntos, que cercava uma cidade cheia de domos e espirais, seteiras e minaretes. Apenas visíveis à sombra da muralha

estavam elefantes montados por homens cujos turbantes brancos pareciam centelhas de luz contra o fundo escuro da paliçada. Os elefantes, carregados com caixotes e engradados, marchavam em direção ao mar. Quando a luz aumentou, Jaki pôde distinguir o oceano, uma imensa extensão azul como o céu, tocando a terra em ondas brancas como nuvens. Vários navios grandes estavam ancorados ao largo, e as formas se assemelhavam a enormes teias de aranha tecidas em ouro pelo sol da manhã, flutuando sobre cestas bojudas. Mala havia dito que seu pai fora capitão de um desses navios. Tentou distinguir pessoas no convés, porém mal conseguiu seguir os elefantes com a vista até o porto de embarque.

O mau cheiro vinha dali. Fogos crepitavam sobre grandes caldeirões ao longo do litoral, lançando rolos de fumaça cinzenta e espessa.

— Alcatrão — explicou o feiticeiro. — Os caras-de-macaco aquecem as árvores até que elas soltem seu sangue negro. Usam o alcatrão para selar os grandes navios. O ar cheira mal, e a terra está deserta. — Ele apontou as grandes extensões vazias de árvores ao lado das margens do rio. — A terra deles não deve ter mais árvores, senão por que viriam tão longe para pegar as

nossas?

Jaki queria aproximar-se, mas Jabalwan recusou-se.

— Os caras-de-macaco são aliados da tribo Estrela da Lua. Se formos até lá, eles vão nos matar, ou, o que é pior, vender-nos como escravos. Estamos o mais perto que pretendo chegar, portanto olhe cuidadosamente ao redor, e lembre bem o que viu.

O sol havia levantado e a planície do rio adquirira suas cores habituais quando Jabalwan assobiou baixinho e se afastou. Jaki lançou um último olhar aos grandes navios, que eram como o de seu pai. Haviam desafiado as profundezas e atravessado longas distâncias para estar ali. Levantou a mão em saudação aos caras-de-macaco e às histórias que sua mãe contara, que sempre pareceram mais reais que a vida. Depois voltou-se e entrou novamente na selva.

A fetidez das árvores cortadas ia e vinha como uma lembrança ruim enquanto Jabalwan e Jaki se dirigiam para as tribos da Garra, um pouco ao norte de Bandjermasin. Muitos dos que ali moravam faziam a pequena viagem para trabalhar nos campos de arroz ao redor das muralhas da cidade. Alguns retornavam com *parangs*, turbantes e sandálias, fazendo e

mantendo a própria lei nas velhas povoações. Desafiavam os anciões e caçavam somente para si mesmos. Jabalwan evitou os lugares onde eles viviam, e visitou apenas as aldeias que conservavam as tradições primitivas. Ignorava os insultos que os homens de turbante e sandálias lançavam sobre ele e o menino-demônio, e nunca levantava os olhos para eles.

— Precisamos sair daqui — disse Jaki, preocupado. — Dá para sentir o cheiro do mal.

— Mal? — Jabalwan pronunciou a palavra com um certo desdém. — Quando entregar sua mão para a Aranha, saberá que não existe o mal. Só o medo.

— Eu estou com medo!

Jaki havia crescido bastante desde que deixara os Nômades da Chuva, e sua figura esguia e branca era tão alta quando a do feiticeiro. Apesar disso, o rosto ainda era o de uma criança.

— Tem razão para ter medo, pequeno demônio. Essas pessoas estão apodrecendo por dentro. Esqueceram de si mesmas. Por isso precisamos ser cuidadosos.

— Mas por que ficamos?

— Você é Matubrem-brem — declarou o feiticeiro, com certa intranqüilidade. — Precisa

ver o que está vindo.

— Por quê?

— A Aranha vai explicar tudo quando oferecer sua mão.

A praga havia matado muitos na tribo da Garra, e os que sobreviveram viviam precariamente de pilhagem e caça, ou trabalhando nos campos de arroz dos novos senhores. Apenas umas poucas famílias continuaram a plantar o próprio arroz, e mesmo assim eram freqüentemente roubadas pelos grupos sem lei do sul. Jabalwan procurou tais famílias e aconselhou-as a se mudarem para o interior da floresta, onde estariam mais protegidas. Mas os membros da tribo não queriam abandonar seus poços de pesca e a mina de sal. Mesmo assim prestaram as honras ao feiticeiro, pois, embora fosse um estranho para eles, falara a mesma linguagem, curara os doentes e contara as velhas histórias. Alimentaram o caçador de almas e o menino-demônio, embora mal tivessem o suficiente para consumo próprio.

Num final de tarde, o feiticeiro mantinha a todos da tribo interessados na história sobre a criação do mundo. Descreveu o Falcão que era a própria Noite predadora, e o seu ciúme do Sol, o

que o levou a tentar engolir a luz que havia no céu. Porém o Sol foi mais rápido que o Falcão da noite, deu a volta e arrebentou-lhe o crânio com um golpe pelas costas, espalhando os pedaços pelo mundo.

— E é por isso que o Sol atravessa o céu todas as noites — continuou o feiticeiro. — Ele gira, fazendo a dança da vitória em torno do corpo morto de sua inimiga, a Noite. — Fez um gesto amplo indicando a lua e as primeiras estrelas, que começavam a despontar por sobre os troncos mais altos. — A lua e as estrelas são os pedaços do crânio do Falcão, e o oceano é seu sangue. O cadáver cheio de plumas são as terras cobertas de florestas. Nosso ar é o grito de morte do Falcão, ecoando pelas gerações, cada vez mais fraco.

Nesse momento a escuridão mais densa da floresta se moveu, e vinte guerreiros penetraram na clareira. Usavam turbantes e capuzes, e alguns tinham os calções manchados de alcatrão. Os rostos escuros de fuligem pareciam emergir dos anos de raiva e desespero.

O chefe da tribo da Garra que acolhia o feiticeiro levantou-se e exigiu que os intrusos saíssem. Em vez de obedecer, continuaram se aproximando sem tirar os olhos de Jabalwan.

— Venha cá, homem-cobra — disse o chefe, os olhos de roedor encarando os do feiticeiro. Sua boca se abriu num sorriso maldoso que colocou à mostra os dentes corroídos e escuros. — Você diz às pessoas para saírem daqui. Para entrarem na floresta. Mas, se eles se forem, quem irá trabalhar em nossos campos de arroz?

— Cada tribo tem os seus próprios campos — respondeu Jabalwan tranqüilamente.

— Você fala de tribos, homem-cobra, mas não pertence a esta. Não é um da tribo da Garra — retrucou o chefe dos invasores.

— Ele foi convidado por mim! — protestou da varanda o dono da cabana. — Curou nossos doentes. Conta as histórias dos antigos e pertence mais à tribo da Garra do que você.

Os invasores irromperam em vaias e deboches, e o homem com olhos de roedor, adiantando-se, subiu pelo tronco e postou-se diante do líder da tribo da Garra.

— Meu pai era caçador. Minha mãe trabalhava nos campos. Eu sou da tribo da Garra — começou, em tom quase solene. — Mas eu não acredito mais em curandeiros! Não acredito em chefes, também. Já derreti as árvores para os grandes navios. Meus olhos estão abertos agora.

O chefe não recuou quando o *parang* do

guerreiro ficou sob seu queixo.

— Os velhos dias terminaram — continuou o guerreiro. — As tribos Estrela da Lua nos expulsaram de nossos poços de pesca e da mina de sal. Vieram com armas dos caras-de-macaco. Precisamos buscar nossas próprias armas no sul. Não queremos mais falar de feitiçaria. Também não queremos correr da luta. Somos um povo livre agora. Fazemos nossas próprias leis.

— A lei está no interior do homem — interrompeu Jabalwan, por trás do chefe da Garra.

— Qual é a besteira que está dizendo? — indagou o cara-de-rato, empurrando o chefe do clã para o lado.

— A lei está no interior do homem — repetiu Jabalwan, sustentando mansamente o olhar belicoso do outro. — Seus pais sabiam disso antes que nascesse. Eles obedeciam à lei, por isso você está aqui hoje. No entanto, se ignorar a lei, morrerá. O mal consome a si mesmo.

— *Esta é a lei!* — O homem levantou sua arma. — E é você quem vai morrer.

— Idiota! — bradou o líder da Garra. — Levanta sua espada contra um caçador de almas? Está condenado.

— Não sou seu inimigo — declarou

Jabalwan, acima das vozes dos guerreiros. — Estamos todos aqui neste momento porque nossos pais escolheram o caminho certo. Despreza a sabedoria deles?

— Você quer nos confundir, homem-cobra. Quer que fiquemos na ignorância de nossos pais. Escorraçados para as florestas pelas tribos Estrela da Lua. Se nossos pais eram tão espertos, por que estamos sendo caçados como animais por nossos inimigos? Temos é de pegar as armas que pudermos com os demônios do sul e matar nossos inimigos.

— Os caras-de-macaco é que são os verdadeiros inimigos! — declarou o caçador de almas, sem se alterar. — Eles estão simplesmente comprando vocês para servi-los, não percebem? O que será das crianças de vocês? Precisam deixar este lugar.

— E quem é você para nos dizer o que fazer? — escarneceu o invasor, apontando para Jaki. — Olhem só o filho dele! É um cara-de-macaco filho de uma puta. Não vamos escutar suas mentiras.

O feiticeiro afastou o braço que empunhava a lâmina na direção do menino.

— Então saiam daqui e voltem para o sul.

— Não sem levar a sua cabeça — respondeu

o renegado, girando a lâmina na direção do feiticeiro, que desviou o corpo para o lado apenas o suficiente para evitar o golpe. A família do chefe refugiou-se no interior da cabana e Jabalwan agarrou Jaki pelo braço, puxando-o para o outro extremo da varanda, com Wawa disparando à frente deles. O resto dos invasores correu em direção ao tronco que levava à varanda, enquanto o líder agitava o *parang* atrás do feiticeiro.

— Pule — ordenou entre dentes o caçador de almas a Jaki, enfiando a mão em sua bolsa de ervas.

Jabalwan desviou-se da arma do atacante girando o corpo. A mão saiu do interior da bolsa segurando a cabeça de uma víbora, que foi lançada no rosto surpreso do inimigo. A boca da cobra atingiu o cara-de-rato entre os olhos, e num ato reflexo a víbora picou, logo abaixo do turbante. O homem soltou um berro desesperado, levou as mãos à cabeça e caiu de costas com a cobra ainda grudada à testa.

A multidão se deteve por alguns instantes, observando fascinada a agonia do suposto líder, que arrancou a cobra, rasgando a carne da testa. Porém já era tarde, o veneno estava agindo no cérebro. Ele gritou e esperneou em convulsões

rápidas até morrer. Quando isso aconteceu, os companheiros rugiram de ódio e começaram a saltar sobre a amurada da varanda, em perseguição ao feiticeiro e ao menino-demônio que já se misturavam às sombras.

Um pouco mais à frente, Jabalwan fez com que Jaki parasse na trilha.

— Espere. Não podemos combater todos eles. Precisamos de ajuda.

— Vai chamar Papan?

— Não. Esta região é muito perigosa para ela. Mande-a de volta — explicou o feiticeiro, apanhando um bambu e espalhando o conteúdo fosforescente sobre a palma da mão. Era o fungo luminoso da árvore dos espíritos. — Seja rápido e esfregue isso na cabeça!

Enquanto Jaki fazia o que lhe fora ordenado, o feiticeiro removeu seu cocar, retirando de lá várias farpas escuras e longas, enterrando-as no chão de maneira que as pontas ficassem inclinadas e firmes. Como aviso, deixou uma pena vermelha no chão.

Quando levantaram para continuar, os perseguidores já estavam quase sobre eles. Viram o caçador de almas e o menino-demônio com as cabeças envoltas num fogo azul e fantasmagórico, e estacaram, tropeçando uns

sobre os outros. Jabalwan apontou a pena vermelha na trilha, voltou-se e desapareceu silenciosamente.

Jaki conseguia escutar os perseguidores discutindo se deveriam prosseguir ou não, depois o ruído dos passos que continuavam na direção deles. Aprontou-se para correr, porém o feiticeiro aumentou a pressão em seu braço, impedindo-lhe os movimentos. Nesse instante um grito cortou a noite, seguido de uma confusão enorme de vozes alarmadas. Rapidamente, o caçador de almas conduziu o menino para fora da trilha, no meio da vegetação cerrada e cheia de cipós. Abaixaram-se, enquanto flechas zuniam pela trilha onde se encontravam pouco antes. Jaki fez menção de correr novamente.

— Calma, pequeno demônio. A perseguição terminou. Um dos que nos caçavam foi ferido e tem grandes dores. Os outros não podem deixá-lo sozinho. Lembre-se da lição desta noite: não se deve matar quem nos persegue. Os mortos podem ser deixados para trás, mas os feridos exigem cuidado e diminuem a velocidade dos outros.

Naquela noite os dois viajaram no escuro, e o atrito contra os ramos e folhagens acabou por retirar-lhes o pó luminoso dos cabelos. Só então

acomodaram-se entre as raízes de uma grande árvore para descansar.

— Lembre-se desta noite, pequeno demônio — repetiu Jabalwan antes que adormecessem. — Você hoje viu demônios de verdade. Homens que perderam suas tribos... e suas almas.

— Não pertenço a nenhuma tribo — disse Jaki a seu mestre no dia seguinte ao da fuga noturna. — Onde está minha alma?

Haviam seguido a encosta de uma serra ao lado das terras baixas, e agora estavam nas colinas do norte. A trilha íngreme e tortuosa tornava-se mais difícil sob a chuva e enxurradas, retardando-lhes muito o avanço, mas em compensação impedia a perseguição dos inimigos. Sentados num grande pedaço de calcário esculpido pelas águas, os dois observavam a floresta plana abaixo, onde haviam estado, e comiam cogumelos e pedaços macios de rabanete.

— Você pertence aos Nômades da Chuva — respondeu Jabalwan.

— Não sou um deles. Vivi sozinho com minha mãe. Cresci no vale.

— Até que foi feito escravo por eles. Agora têm a sua alma. Você pertence a eles.

— Mas eu escapei de lá — protestou Jaki.

— Você foi libertado pela princesa Riri. Aliás, por fazer isso ela passou um dia e uma noite no chiqueiro com os porcos.

Ao ouvir o nome de sua libertadora, o menino viu novamente os doces e sonhadores olhos castanhos, o cabelo molhado de chuva e a pele com um toque de aurora.

— Pelo jeito você seria escravo dela de boa vontade, não? — O feiticeiro percebera o olhar de Jaki. — Calma, criança, você tem muito o que aprender.

— Sou criança mesmo — retrucou Jaki. — Mas não sou escravo.

Jabalwan não pôde evitar o riso, tal a prontidão da resposta. O menino-demônio parecia saber bem o que não queria.

— Você é um escravo até que se liberte e se torne um caçador de almas.

— Mestre, tenho seguido seus passos a todos os lugares. Aprendi a ler os presságios com os pássaros e vi a verdade flutuando entre as nuvens. Estou aprendendo.

— Pode continuar aprendendo durante toda a vida e mesmo assim nunca se tornar um feiticeiro. O aprendizado é o caminho das pessoas comuns. O caçador de almas faz mais do

que isso. Ele procura a sinceridade. Só por meio da sinceridade se adquire poder.

— E como eu encontro a sinceridade?

— Já esqueceu?

— A Aranha? — A comida pareceu perder a consistência e o sabor na boca de Jaki.

Nas muitas luas que haviam passado desde que ele enfrentara a Aranha, tinha mudado muito, graças à viagem ao lado do feiticeiro. Tudo que sua mãe lhe ensinara através da Bíblia empalidecera perante os novos conhecimentos deste homem. E o contato com a morte e o sofrimento em sua jornada pelas aldeias revelaram a suavidade da morte de sua mãe. Ainda não entendera por que ela precisara morrer, mas agora não tinha dúvidas de que o caçador de almas fizera o possível para evitar qualquer sofrimento a Mala. Os salmos não diziam "O Senhor é nosso guia até a morte"? Quanto mais conhecia Jabalwan, mais o respeitava, e já podia perdoar o que não tinha ainda capacidade para compreender.

— Mestre, na verdade, não tenho conhecimento sobre os pássaros e as nuvens. Só aprendi o que me ensinou, e, como diz, sou uma criança. Mas sei que não quero ser escravo. Aprendi a amar a liberdade que me mostrou. —

Jaki fez uma pausa, depois forçou-se a continuar. — Vou oferecer minha mão à Aranha.

Jabalwan sorriu sem contentamento. Entre eles estendia-se todo o terror do mundo. Será que poderia levar Jaki ao fundo desse terror através do poço da memória coletiva do sofrimento, que transformava a dor em mágica? O feiticeiro perguntou-se se teria esse poder com essa criança. Algumas vezes mal podia suportar o olhar dele; o azul transparente que lembrava a solidão e o infinito do céu vazando por olhos humanos. Continuamente precisava lembrar-se de que ele era apenas um menino, embora o olhar fosse assustador e as palavras às vezes desconcertantes. O curandeiro ficava secretamente feliz quando Matu fazia algum ruído durante a caçada, ou quando chorava durante o sono chamando a mãe, porque essas coisas mostravam que era humano e que precisava de carinho. Como todos os seres que procuravam ser mais, ele precisava de carinho.

A viagem para o norte à procura da Aranha foi menos alegre do que a ida. Emang levou-os mais rapidamente através da planície, ansioso para retornar antes que viesse a época das grandes chuvas. Quando chegaram ao destino, Jabalwan deixou que Emang voltasse, e

continuou a jornada com Matu a pé. Algumas vezes a tempestade transformava-se num véu espesso e prateado, que se despejava sobre a selva, e eram obrigados a procurar abrigo. Encolhidos ao lado de algum barranco, ou abaixados atrás de raízes enormes, contavam histórias um ao outro durante horas, à espera de que o temporal amainasse. Finalmente Jaki começou a falar sobre a religião que aprendera com a mãe na infância, e, quando contou a história do Dilúvio, o feiticeiro ficou fascinado. Em contrapartida, Jabalwan explicou como as chuvas que caíam a cada ano eram na verdade as velhas canções do ano anterior, ecoando de volta e libertando as águas do mar celestial.

Durante um intervalo na tormenta, subiram mais em direção ao planalto e encontraram uma fresta seca entre as rochas, sob uma pequena cachoeira. O caçador de almas apanhou a Bíblia em sua bolsa de couro, entregando-a para Jaki.

— Ensine-me o que sua mãe ensinou.

Jaki apanhou o Livro e quase o deixou cair. A textura de couro e o cheiro de ervas aromáticas arrastaram suas memórias do passado, produzindo uma nostalgia profunda. Lágrimas subiram involuntariamente aos olhos do menino, que levou algum tempo para se recompor.

Lembrou-se de que estava prometido à Aranha, e provavelmente encontraria em breve sua mãe. Abrindo a Bíblia na primeira página começou a ler em voz alta, tocando cada palavra enquanto traduzia o significado para a língua nativa que partilhava com o curandeiro. Jabalwan observava de perto, surpreso de perceber que cada palavra possuía uma forma, e que cada forma era constituída de elementos, os poderes imutáveis do alfabeto. Compreendeu imediatamente que cada letra era ligada a um som.

— Cada palavra é uma fórmula encolhida — observou ele com reverência. — Como é frágil e pequena a palavra escrita!

Jaki ficou surpreso com a fluência do caçador de almas, em quão rapidamente ele aprendia o alfabeto, e pela intensidade com a qual escutava as histórias que lhe contava. Jabalwan ficou intrigado com Elias, que julgou ser um companheiro seu, feiticeiro criado pelos corvos capaz de ouvir as vozes escondidas no mundo enquanto vagava pelo deserto, e que tinha deixado esta vida levado por um rodamoinho de vento.

Esperando ensinar ao jovem alguma coisa sobre a linguagem escrita da selva, Jabalwan

mostrou-lhe como ler os sinais que outros feiticeiros deixavam como mensagens. O que antes parecia um simples riacho podia ser uma página; uma folha de mato casualmente dobrada significava o nome de quem passara por ali; e os ramos espalhados de um ninho caído podiam escrever a rota até um poço de pesca. Esse tipo de linguagem era mais difícil de aprender, porque depressa era destruído.

— O desaparecimento da mensagem faz parte do sistema de escrita — explicou o caçador de almas. — Há quanto tempo foi deixada freqüentemente diz mais do que o próprio significado. As palavras da Bíblia não se enquadram no tempo. As nossas nunca deixam sua origem.

As monções tinham transformado a paisagem úmida num terreno mágico e perigoso. Um murmúrio virava um trovejar que sacudia a encosta, logo seguido de uma avalanche de lama e árvores arrancadas, que deslizavam pela selva encharcada e arrastavam tudo o que encontrassem pelo caminho. Wawa percebia esses fenômenos com maior antecendência e por isso passou a liderar o avanço para o norte. Ao longo do percurso viam arcos-íris e miríades de borboletas de asas vermelhas. Os insetos que

picavam voavam em nuvens de várias colorações. Os viajantes tiveram de passar no corpo uma pasta de raízes e tinturas de folhas, que repelia os insetos e atraía os espíritos dos animais. Caçar ficava cada vez mais fácil à medida que Jaki dominava o uso da zarabatana. Tinham assim mais tempo para sentarem-se nos galhos mais altos das árvores, onde a luz esverdeada era abundante, e ler o Livro. O ar era fresco e oxigenado, repleto de chilreados de pássaros e guinchos de pequenos macacos. As plantas se abriam para a chuva fértil, e flores surpreendentes surgiam, fazendo com que o menino esqueces-se, pelo menos por algum tempo, o compromisso com a Aranha. As horas que passava ensinando seu mestre a ler a Bíblia acalmaram ainda mais seu espírito. Pela primeira vez na vida, sentiu uma confiança tranqüila no desconhecido.

Um dia escutaram o chamado de Papan ao amanhecer. A urso estava ferida, com o quarto traseiro cheio de sangue coagulado e moscas. Quando limparam o local com suco de abóbora, perceberam que o ferimento fora produzido por arma de fogo. Jabalwan preparou uma poção para que o animal dormisse, e, quando isso aconteceu, extraiu vários pedaços de metal do

músculo, banhando o interior do machucado com uma pasta de líquen para evitar infecção. Levantou um dos pedaços de metal, observando por um momento sua circunferência prateada. Depois atirou-o em sua bolsa.

— As tribos Estrela da Lua estão por perto — disse ele. — Cada vez mais para o interior da floresta...

Durante cinco dias aguardaram que Papan ficasse completamente curada, sempre atentos aos ruídos da floresta. Assim que a urso se recuperou o suficiente para poder andar sem sentir dor, continuaram a viagem. Logo chegaram a uma curva do rio cheia de jangadas encalhadas, repletas de cadáveres em decomposição. O odor não era muito forte porque quase não havia carne entre os ossos, roídos por peixes e pequenos animais. Pássaros azuis e amarelos voaram quando soou o cântico dos mortos entoado pelo feiticeiro, enquanto ele libertava as jangadas. Depois que todas partiram flutuando pela corrente abaixo e sumiram de vista, ele voltou para a margem.

— Eram os mortos dos Nômades da Chuva. Foram mortos com paus-de-fogo.

— Não posso acreditar que a tribo Estrela da Lua tenha penetrado tanto na floresta —

comentou Jaki. — Principalmente do jeito que a chuva está caindo. Escutei os tambores à procura de alguma referência aos inimigos, mas não ouvi nada.

— Isso significa uma coisa terrível — disse o feiticeiro. — Os Nômades da Chuva não estão tocando porque o inimigo entende a música dos tambores. Foram atacados por outra tribo da floresta.

Jaki ficou estupefato. Até então a paz havia reinado entre os povos da selva, à exceção das tribos do sul, onde os nativos estavam enlouquecidos pela peste e pela influência dos caras-de-macaco. Todos caçavam cabeças, porém uma guerra entre eles era impensável. A ferocidade dos Nômades da Chuva sempre havia desencorajado os adversários a tentar mais do que algumas excursões esporádicas à procura de cabeças. Jaki preferia acreditar que de alguma maneira a tribo Estrela da Lua conseguira transpor as trilhas castigadas pela chuva, pois caso contrário teria de admitir a idéia de que as tribos da sombra estavam combatendo entre si com paus-de-fogo.

Mas o pesadelo transformou-se em realidade, como descobriram os dois alguns dias mais tarde, quando encontraram os Nômades da

Chuva num vale da montanha, bem distante dos costumeiros poços de pesca. A cabana principal fora construída às pressas e os campos de arroz estavam vazios ainda, porque todos com idade suficiente para empunhar uma arma guardavam as trilhas contra a aproximação do inimigo.

— Quem são? — indagou o feiticeiro ao chefe da tribo.

— Os Fantasmas da Árvore — disse o chefe, que como seus guerreiros estava vestido em trajes de guerra: lama branca pelo corpo, riscos vermelhos das garras da pantera nos olhos e penas pretas nos tornozelos. — Eles nos surpreenderam em nossa mina de sal. Fizemos o melhor possível, mas eles tinham armas novas, feiticeiro. Armas que ninguém conhecia. Pequenos paus-de-fogo que faziam o raio e derrubavam os guerreiros com uma chuva de metal. Veja!

O chefe puxou do pescoço um saquinho de couro, contendo algo pesado, e extraiu do interior um punhado de bolinhas de metal, idênticas àquela que o caçador de almas tinha examinado.

— Chame os guerreiros! — ordenou o feiticeiro. — Comecem a plantar o arroz, comecem a caçar.

— Mas, feiticeiro, os Fantasmas da Árvore

destruíram nossos campos. É por isso que estamos aqui. — Os olhos do chefe brilharam com lágrimas de raiva e impotência. — Perdemos os poços de pesca e precisamos encontrar outra fonte de sal. A menos que aceitemos a soberania do chefe dos Fantasma da Árvore, e façamos comércio com eles, vão continuar nos caçando como animais e destruindo tudo o que fizermos.

— Plantem o arroz — insistiu Jabalwan. — E continuem a caçar. Vou lhes mostrar uma fonte de água salgada não muito longe daqui. Vamos construir novos poços de pesca.

— Mas, feiticeiro, os Fantasma da Árvore...

— Vou visitá-los — disse o caçador de almas num tom que silenciou o chefe. — Vou visitar o grande guerreiro Batuh e fazê-lo entender que não deve molestar os Nômades da Chuva.

O chefe abraçou, aliviado, Jabalwan e os dois foram juntos para a Cabana, a fim de discutir os detalhes do novo arranjo. Jaki seguiu atrás, cheio de excitação ao voltar para o primeiro povo que conhecera como tribo. Rostos familiares apareciam em meio à multidão; expressões nas quais havia observado desprezo e zombaria, agora estavam vazias, ou cheias de incerteza. Observou a clareira tosca que haviam

aberto às pressas, percebeu as lianas crescendo sobre o terreno onde se plantavam os alimentos, os poucos e magros porcos amarrados a uma estaca, a fogueira armada com troncos meio queimados, consumindo o fogo passageiro das folhas secas de coqueiro. Todos os sinais de um povo que vivia com medo.

Entre as mulheres e crianças que se reuniram na varanda, um rosto bonito destacou-se dos outros, fazendo com que seu coração batesse mais rápido e o sangue esquentasse nas veias. Riri não era mais uma garotinha, tornara-se uma jovem mulher muito atraente. Ela o estudou com seus olhos escuros e mansos, enquanto o vento soprava seus longos cabelos sobre a face.

Um homem se colocou no caminho de Jaki tão inesperadamente que o menino-demônio chocou-se contra ele e quase caiu para trás. O guerreiro, que parecia uma árvore plantada no lugar, era Ferang.

— É bom lembrar do seu dono, menino-escravo — disse Ferang em tom de zombaria. — Parece muito bonito pintado como um lagarto no cio. Abaixei na lama, e vamos ver se rasteja tão bem.

Jaki tentou desviar-se de Ferang, mas o

guerreiro não permitiu.

— Só porque foi libertado pela filha do chefe, não quer dizer que tenha deixado de ser escravo.

— Sou o aprendiz do feiticeiro.

Ferang cuspiu no chão, em sinal de desprezo.

— Todo mundo sabe que você não deu sua mão para a Aranha. Por enquanto é escravo do feiticeiro, assim como nosso escravo. Rasteje na lama, lagarto fedorento! — O guerreiro acabou de falar e deu uma rasteira no menino-demônio, que foi incapaz de evitá-la e mergulhou na lama.

O chefe chamou Ferang, e antes de afastar-se ele levou a mão à tanga e agitou o pênis em direção ao menino enlameado.

Jaki ficou estendido na lama dos porcos. Jabalwan, que tinha assistido a tudo na varanda, apontou o rio.

— Lave-se.

Jaki saiu da clareira, sua cabeça quente com a raiva, o rosto e o pescoço queimando de vergonha. Chegando ao rio, não se incomodou em ver se havia algum crocodilo ou cobra à vista, e atirou-se às águas como se fosse a última coisa a fazer no mundo. Suas emoções se acalmaram imediatamente ao contato com o líquido gelado, e

ele deixou-se levar para a superfície, onde ficou a boiar de costas, observando as nuvens. Resolveu que *daria* a mão à Aranha. Preferia morrer a deixar que Ferang o humilhasse desta maneira mais uma vez. Um pequeno pássaro amarelo voou sobre o rio, com seu pio agudo e entrecortado, como que confirmando a resolução dele. Endireitou-se na água e viu o rosto de Riri na margem, sorrindo para ele.

— Riri!

— Precisa me chamar de princesa, como todos os da tribo.

— Princesa — corrigiu-se ele, pondo-se de pé, com o coração aos pulos. — Muito obrigado por me libertar.

— Isso foi há dois anos — disse ela, descartando o assunto com um gesto que espalhou seus cabelos ao sabor da brisa do rio. — Você era apenas uma criança, e eu também. Não faria aquilo de novo hoje. Por que voltou?

— O feiticeiro me trouxe até aqui. — A brisa mudou de direção e Jaki sentiu o aroma de framboesas esmagadas.

— Então será nosso escravo outra vez! — Os olhos dela brilharam.

— Não. Nunca mais serei escravo! — declarou Jaki, colocando sua resolução em

palavras pela primeira vez. — Vi a árvore dos espíritos queimando à noite e usei esse fogo na cabeça para escapar dos inimigos. Aprendi a entender os pássaros e a ler as nuvens. Não serei escravo outra vez!

— Quero vê-lo sem pintura — declarou Riri, apontando uma touceira que crescia à margem.

Jaki arrancou uma das canas, rachou-a em dois pedaços, extraiu com o dedo a gelatina que havia no interior, esfregando-a no corpo com água. Retirou a tinta que lhe cobria o corpo e olhou para a margem. Riri não estava mais lá. Uma risada cristalina lhe chegou aos ouvidos, vinda do alto, e ele virou a cabeça, enxergando-a entre os galhos baixos de uma árvore que se debruçava sobre o rio. Os seios balançavam ao sabor da gargalhada, e, pela primeira vez em sua vida, Jaki sentiu uma onda de desejo. Entrou de costas na água que já não lhe parecia tão fria, e ficou a examinar a visão maravilhosa que ela representava. Seu rosto era como música, continuava se alterando sem mudar de aparência.

— Você é feio — comentou ela, escondendo com a mão um risinho quase involuntário. — Não fique tão chateado. Não é sua culpa. Você é um menino-demônio, porque foi assim que os

espíritos desejaram. Ê por isso que eu gosto de você, porque é diferente dos outros, e ao mesmo tempo igual. Pelo mesmo motivo Ferang o detesta: acredita que sua feiúra é um mau presságio. Mas ele é um guerreiro, e tudo para ele são presságios. Não consegue ver que você também é uma pessoa.

Jaki saiu da água e soltou um assobio. Em pouco tempo Wawa saiu da selva e encarapitou-se em seu ombro.

— Volte — gritou a menina, quando viu que Jaki tomava a direção das árvores.

Ele continuou andando até que Riri o alcançou e segurou-o pelo braço. Parou no momento em que a pele dela tocou a sua, a suavidade do encontro aplacando seus sentimentos feridos. O rosto de Riri apagava todos os sons, exceto sua voz musical.

— Você não pode me deixar falando sozinha. Ê um escravo!

— Sou Matubrem-brem. Por isso sou feio, e por isso sou livre. — Tocou o rosto de Riri, como no dia em que ela o libertara.

Ele subitamente se deu conta de uma sensação de calor no abdome. O cabelo dela estava iluminado por trás, e os lábios entreabertos desenhavam um sorriso tímido. Riri

estendeu a mão e tocou o cabelo loiro e molhado, no ponto em que ele encostava no ombro.

— Meu pai me obrigou a passar uma noite com os porcos por ter soltado você. Mas estou contente por tê-lo libertado. Agora parece mais um feiticeiro do que um escravo.

— Riri! — uma voz de mulher chamou ao longe, e a menina retirou a mão, recuando com um riso alegre.

— Minha mãe — disse, antes de sumir pela trilha.

Jaki ficou ali parado, olhando para o lugar onde ela tinha desaparecido de seu campo de visão, até que ouviu o grunhido de Papan. Jabalwan saiu de uma touceira de canas, de onde estivera observando, junto com a urso.

— Riri gosta de você — observou o feiticeiro.

— Ela disse que sou feio.

— E tem toda razão. Mas mesmo assim ela gosta de você. Tem sorte por estarmos partindo imediatamente. Ela o poria trabalhando como escravo no campo de arroz antes do anoitecer.

Andaram até um pequeno bosque rio abaixo, que Jaki já conhecia. Não era o mesmo campo de samambaias onde enfrentara a Aranha da primeira vez, mas estranhamente era um local que também não parecia atingido pelo tempo.

— Mestre, Ferang diz que sou um escravo até que ofereça minha mão à Aranha. Como ele sabe que eu ainda não fiz isso?

— Ele sabe. Antes de você, ele mesmo havia se candidatado a ser caçador de almas. Enfrentou a Aranha uma vez e recuou.

— Por quê? Ele é um guerreiro.

— E muito mais fácil enfrentar adversários humanos do que a Aranha — respondeu o feiticeiro, encarando Jaki. — O irmão mais velho de Ferang deveria ter sido caçador de almas, e a Aranha o matou no teste. Se você tivesse dado sua mão à Aranha, os Nômades da Chuva, que sempre estão vigilantes, teriam visto e os tambores anunciariam um novo feiticeiro.

Jabalwan fez um gesto para que o rapaz esperasse, e avançou como uma sombra pelo bosque. Jaki ficou onde estava, prestando atenção ao bulício dos pássaros e pequenos macacos, depois seguiu o trajeto das nuvens que corriam pelos céus como pensamentos desajeitados. Tentou de todas as maneiras controlar a ansiedade, e mesmo assim deu um salto quando ouviu o assobio do feiticeiro. Jabalwan havia encontrado uma grande teia com pérolas de orvalho e fios escuros, onde repousava uma enorme aranha negra com manchas

vermelhas. O ar brilhava, carregado de umidade.

— Sabe o que fazer — disse Jabalwan, dando um passo para trás. Wawa estava pendurado num galho acima, observando intrigado o comportamento do menino.

Jaki aproximou-se da Aranha, estendeu o braço e... ficou paralisado de medo. Cerrando os dentes com força, moveu a mão até tocar um dos fios da teia orvalhada. Wawa soltou um grito de alerta. A Aranha deu o bote e Jaki imediatamente retirou a mão, fazendo a teia balançar. Jabalwan nunca tinha visto um movimento tão rápido e aproximou-se para ver melhor. Jaki lançou a ele um olhar angustiado e tornou a avançar a mão para a teia. Novamente a Aranha atacou, os dedos se retiraram numa velocidade fantástica, e as pernas negras se fecharam no vazio uma vez mais. O pavor dominou o menino, mas ele se lembrou das palavras de Ferang e do brilho de zombaria em seus olhos. Pela terceira vez a mão avançou na direção da Aranha, que estava se agitando com irritação.

Jabalwan já se aproximava para impedi-lo, pois a Aranha estava furiosa e certamente injetaria mais veneno do que um homem adulto poderia suportar. Quando chegou ao lado de Jaki, viu a Aranha retorcendo as pernas em volta

do dedo dele, que apesar da careta de dor mantinha a mão na teia. A faca de bambu do feiticeiro afastou o aracnídeo. As marcas das quelíceras na pele branca entre o polegar e o indicador de Jaki eram avermelhadas e a mão já começava a inchar. O feiticeiro escondeu sua preocupação e fez com que o menino deitasse.

— Fique aqui sem se mexer — disse ele. — Eu volto assim que puder. Não se mova.

— Fiz tudo direito, mestre? — quis saber Jaki, com receio de que sua relutância tivesse atrapalhado a iniciação.

— Fez tudo como devia, jovem feiticeiro. Agora fique quieto. Preciso colher algumas plantas para ajudá-lo com sua visão.

O som de seu novo título tranqüilizou todos os temores do menino, e uma onda de satisfação invadiu-lhe o peito.

O feiticeiro se foi e Jaki esperou, uma dor intensa na mão, que latejava profundamente. Wawa desceu da árvore e sentou ao lado do dono, pousando-lhe um dedo na testa. Fez uma careta engraçada e piscou, provocando um sorriso de Jaki.

— Não se preocupe. Ouviu o mestre, Wawa. Agora sou um feiticeiro. Nada de mal vai me acontecer.

O próprio Jabalwan não estava muito convencido disso. Como sempre acontecia quando era oferecida a mão, a Aranha dava o bote, mordida e se retirava rapidamente. Mesmo nessas ocasiões, o veneno às vezes matava. A inesperada reação de Jaki havia enfurecido a Aranha, e agora a morte parecia certa. O feiticeiro reunia apressadamente as plantas das quais necessitava para auxiliar o garoto, selecionando líquens e algumas folhas, que ia colocando no interior da sacola. Compreendeu naquele momento o quanto gostava daquela criança de aparência estranha, os olhos parecendo metálicos e o cabelo inconstante como o vento. O feiticeiro também havia vivido como um estranho em sua própria tribo, e entendia bem o sentimento do aprendiz. Até então, sempre observara sem paixão enquanto a Aranha escolhia os candidatos para a Vida e matava os rejeitados. Mas só o fato de pensar que esse menino pudesse morrer apertava seu coração.

Jaki enxergou a trilha do vôo das vespas como riscos luminosos de âmbar no céu morno. Começou a escutar um ruído parecido com a chuva, mas que vinha do interior das árvores. A dor em sua mão havia passado, na verdade nem sentia mais os dedos, o próprio braço e muito

pouco do resto do corpo. Sua visão começou a ficar embaçada, e ele percebeu que havia parado de respirar. Tinha de realizar um grande esforço para aspirar o ar a cada vez. Depois a visão clareou, cheia de raios brilhantes de luz e arco-íris. "Seja corajoso", ouviu uma voz feminina dizer. Isso era estranho, porque não tinha sentido medo desde que os ganchos da Aranha se cravaram em sua carne. Um silêncio absoluto pulsava entre as ondas de ruídos. Ocorreu-lhe o pensamento de que o veneno havia matado o medo dentro dele, junto com o resto de suas sensações, e ficou a observar placidamente o vento agitando as samambaias, pensando se iria morrer ou não. "Seja corajoso, pequeno guerreiro." Era a voz de sua mãe, e quando a reconheceu lembrou o dia em que ela morrera, quando a luz se refletia em seus olhos, embora a pele estivesse fria. Mala saiu de trás da árvore em frente a Jaki. Sua imagem era exatamente como ele se recordava, mas, como um reflexo na água, ficava tremulando e se dissolvendo. Ela sorriu, o vento agitou-lhe os cabelos e sua voz calma flutuou diante dele:

— Seja corajoso, que eu vou te mostrar uma coisa maravilhosa.

A visão começou a ficar embaçada

novamente, embora Mala se conservasse perfeitamente nítida. Jaki não conseguia saber se estava inspirando ou expirando, e aquilo bloqueou seu esforço para ver.

— Venha — convidou Mala, estendendo a mão.

Ele lutou para alcançá-la, atraído pelo brilho cintilante nos olhos dela. O toque da mãe atingiu-o como um jorro de água corrente, e ele se viu em pé no meio da névoa clara.

— Onde estamos?

— Na Nuvem dos Remédios — explicou sua mãe. — Por onde passam os mortos.

Visível através da neblina estava uma paisagem cujas cores lembravam a transparência de um vitral, formando um campo semelhante ao dos rododendros na encosta da montanha, onde tinha passado a infância. Quanto mais fixamente olhava, mais nítida a imagem ficava. Estrelas brilhavam num céu que era só luz, formando a aurora mais bonita a que Jaki havia assistido.

— Não pode ir para lá, pequeno guerreiro — disse Mala. — Ainda não, pelo menos. Aquele lugar pertence aos mortos. Você precisa ficar dentro da Nuvem dos Remédios.

Um vulto desceu a encosta, recortando-se contra o céu absurdamente estrelado. Um

homem alto, de ombros largos.

— Este é seu pai. Ele veio para cumprimentá-lo e dar-lhe poder para a sua estada no mundo.

O homem se aproximou, vagalumes voando a sua volta e deixando turvo o cenário. Jaki deu um passo na direção dele procurando enxergar através da névoa clara e ofuscante. Recuou num gesto de horror. O homem era um cara-de-macaco de um olho só, o olho ruim coberto com um tapa-olho cheio- de penas vermelhas, e o outro aberto desmesuradamente, repleto de uma luz cegante. O longo cabelo cinza estava atado em numerosas tranças finas que balançavam à medida que ele avançava, mostrando os dentes grandes e amarelos. A roupa negra e grossa parecia estalar quando movia os braços e pernas. O detalhe mais horrendo era a cabeça de uma víbora incrustada na testa, cuspiendo veneno. A mandíbula se fechava e as presas espirravam veneno. De repente souou um grito, um brado de guerra que parecia saído do fundo dos infernos. Jaki voltou-se e correu.

— Mãe! — chamou sem obter resposta.

Atrás dele a pavorosa visão procurava alcançá-lo, o grito desesperado encobrendo seu pedido de socorro. Jaki utilizou toda a sua força

naquela corrida através da neblina, o peso arrastando-o para trás, de forma que ele sempre estava apenas um passo adiante do monstro que o perseguia. Pequenas gotas de veneno passavam por ele em meio à névoa, algumas atingindo sua bochecha e ardendo como areia quente. Enxergou uma sombra indistinta à frente, e dirigiu-se em direção a ela.

— Mãe! — chamou mais uma vez.

— Matu — respondeu ao longe a voz assustada de Mala.

Ela nunca o havia chamado assim, e Jaki quase parou, só não o fazendo porque o veneno ardia na parte de trás de suas pernas. A sombra a sua frente revelou-se uma árvore enorme, maior do que todas que já vira até então. Aproximando-se, percebeu um buraco entre as imensas raízes, grande como uma caverna. Com o monstro rugindo como um javali em seus calcanhares, quase a tocá-lo, Jaki prosseguiu em direção à árvore, percebendo que as milhares de folhas eram na realidade bocas com dentes afiados como agulhas, que se fechavam no ar. Nesse instante um estrondo aterrador abalou o solo, e o menino cessou sua corrida desesperada. Um lagarto gigantesco, alvo como um verme, saiu do interior do tronco. Sua cabeça era

transparente, e Jaki pôde ver no interior do crânio do réptil o brilho de uma chama azul, do tamanho do punho de um homem. O grande lagarto branco lançou-se contra o homem de um olho só e apanhou-o entre as mandíbulas.

— Matu.

A voz de Mala chamava-o do interior do túnel entre as raízes. As folhas abriam e fechavam os dentes pontiagudos quando Jaki passou correndo entre elas para o interior da caverna. Ao longe continuava a soar o chamado musical da mãe, mas ele foi obrigado a parar e a avançar com as mãos estendidas à frente, pois reinava ali a mais completa escuridão. Andava cuidadosamente, os pés tateando o terreno como mãos, a garganta chamando pela mãe e o eco da própria voz respondendo a cada grito. Percebia que a escuridão em volta não estava absolutamente vazia e podia sentir o calor e o cheiro estranho de muitos corpos. Uma faísca luminosa brilhou à frente, expulsando as sombras por um momento.

— Quem é você? — murmurou o menino-demônio.

— Somos... você — respondeu o eco.

Jaki fixou os olhos com toda a intensidade nas sombras à frente e distinguiu formas

cinzentas, grandes massas desmanchando-se em partículas. Depois de algum tempo percebeu que cada partícula era uma pessoa, e estas formavam grandes multidões. Estava enxergando as tribos se movimentando em grupos enormes através das cinzas dos tempos. A horda de pessoas deixava seus pertences para trás, numa confusão de panelas, arcos de caça, cocares e amuletos. Largavam tudo e dirigiam-se para um horizonte deserto, transformando-se em poeira na distância. Atrás deles, apanhando as sobras, as peles e as armas caídas, vinham os caras-de-macaco com suas roupas desajeitadas. Multidões de homens brancos chegavam para ocupar o lugar das tribos que partiam. De súbito a cena toda tornou-se um turbilhão acinzentado, que se transformou de novo na mais negra escuridão. Aliviado pelo desaparecimento de imagens perturbadoras, o menino voltou a perscrutar o espaço em volta e não percebeu mais nenhuma presença.

— Matu... — soou novamente a voz da mãe, de algum ponto à frente. Jaki apressou-se em direção do chamado, e as faíscas ficaram mais freqüentes à medida que avançava, até que formaram uma espécie de sinfonia luminosa silenciosa, que gradualmente afastava as trevas.

Percebeu que estava numa enorme câmara subterrânea, no formato de um prato fundo, e as paredes encontravam-se a uma distância razoável, refletindo o calor das faíscas. A princípio, Jaki pensou que as luzes fossem vermes fosforescentes, porque se moviam enquanto emitiam sua luz fria. Quando examinou com mais vagar as cintilantes formações sob seus pés, ficou atônito. Curvou-se para ver melhor e verificou desta vez que as luzes eram na verdade palavras luminosas, escritas na mesma linguagem da Bíblia. Cada desenho elegante e rebuscado reproduzia um nome diferente: Cavalo Maluco, Donzela Branca, Cabeça de Babuíno, Barba Sangrenta, Coxas de Ferro, Corvo Velho... Um uivo assustador ecoou pela caverna, e quando Jaki olhou para trás viu o lagarto branco iluminado por uma luz fantasmagórica, avançando em sua direção, as escamas arrancando fagulhas das paredes sempre que raspavam nelas, com um ruído metálico e angustiante. O menino disparou a correr, encorajado pela voz da mãe, que o chamava da frente. À medida que progredia, notou que ia em direção a uma parede de luz, um fogo branco e cegante, que parecia tragar a escuridão. Ficou ofuscado pelo brilho dos nomes,

e o barulho feito pelo dragão branco aumentava. Jaki lançou-se no clarão com todas as forças do seu desespero. De repente viu-se na semi-obscuridade, com Mala curvada sobre ele forçando o ar a entrar em seus pulmões. O céu azul brilhava no alto, e os cabelos de sua mãe caíam-lhe sobre o rosto.

— Matu — sussurrou ela e seu rosto se transformou no cocar de pantera que Jabalwan usava.

Jaki sentou-se procurando a imagem de sua visão e caiu de novo, completamente tonto. O encanto que o havia trazido de volta do terror na Nuvem dos Remédios já passara. No lugar de sua mãe estava o homem que a matara, e que havia sido desde então o único pai que conhecera. O impacto de todo o amor e o ódio misturados fez com que Jaki irrompesse em lágrimas e soluços.

Jabalwan rolou para longe do menino e estendeu-se sobre a camada de folhas, olhando para as árvores sobre sua cabeça. Durante todo o dia anterior e parte da noite estivera debruçado sobre Jaki, pressionando-lhe o peito e respirando por ele. Durante a noite, o corpo do caçador de almas ultrapassara toda a fadiga, entrando numa espécie de transe até que ele se tornasse o próprio céu que soprava a respiração sobre a

terra. O rapaz viveria porque o céu descera sobre ele para salvá-lo. Gratidão e orgulho misturaram-se no peito do feiticeiro ao ouvir os soluços do menino.

Wawa, que havia pulado a noite toda sobre as árvores, cheio de impotência, desceu para a relva e executou vários saltos mortais. A manifestação do macaco penetrou na confusão que persistia em Jaki e ajudou a trazê-lo de volta. As lágrimas cessaram e uma lucidez estupenda brotou cristalina de seu íntimo, como se o mundo fosse um sino gigantesco a soar repentinamente. Piscou os olhos. O cerne do ódio pelo feiticeiro que envenenara sua mãe tinha desaparecido. Não exatamente desaparecido... O ódio tinha se tornado tão pesado que havia caído de seu corpo e passado para a terra. Agora ele pertencia ao Mundo. Não a sua tristeza, ou à raiva, ou ao medo, ou até mesmo a sua vida. Sua vida era agora a Vida do mundo, a grande corrente que não pertencia a ninguém. Por isso sua mãe dissera para ser corajoso, e ela o apresentara ao Mundo. "Serei corajoso, mãe", disse ele em pensamento para a Nuvem que o largara no mundo como uma gota de orvalho. Pensou também na verdade, mas não conseguiu encontrar palavras para ela. O amor que havia

aprendido no Livro era tão maior do que ele, tão intangível, que não precisava dele. Agora não, ele fluía com a Vida, com todas as coisas.

Sua mãe o havia chamado de Matu. Ele entendera: Matu era a vida que usava Jaki como uma máscara, como se fosse um cadáver se alimentando das memórias e dos sonhos, comendo até mesmo as letras vivas e cintilantes da Bíblia. Matu estava repleto de alegria de ser, e não de lembrar. Podia ler as nuvens no céu, e mesmo agora ainda escutava as árvores absorvendo água, e o trilho que as vespas deixavam no ar da clareira onde estava. Wawa piscava para ele, a Vida vibrando em cada pêlo do seu colar prateado e ondulado pelo vento, os olhos negros brilhando com a lembrança.

— Não se pode segurar tudo ao mesmo tempo, jovem feiticeiro — sussurrou a voz de Jabalwan. — Você agora escuta, sente e vê toda a Vida ao seu redor, mas irá ficando mais forte, e os seus sentidos irão voltando aos buracos certos. Precisa escolher uma direção e ignorar as outras, ou então perderá todas. Faça já sua escolha, enquanto o Poder está forte em você.

Matu olhou para cima, por sobre os ramos das árvores, e viu. Viu como nunca lhe acontecera antes os grupos de nuvens buscando

o vazio do céu. Era esse seu ferimento aberto, a vasta amplidão na qual se tornara a Vida com ausência de personalidade. Sabia que o que estava vendo nas nuvens era o seu íntimo. Era isso que Jabalwan tentara lhe transmitir. Havia mais do que o tempo nas nuvens. Ali os sonhos da Vida subiam em direção ao céu e dançavam ao sabor do vento, sacudindo suas lembranças e pequenos apetites. As formas das nuvens eram aquelas que o observador podia enxergar de onde estava. Viu na imensidão entre rolos de fumaça as tribos fugindo cada vez mais para o interior, abandonando as armas, as vestes sagradas e as crianças. Atrás deles, envoltos numa aurora avermelhada, vinha o povo de nariz comprido, os deuses-diabos em grandes grupos, com os cabelos e barbas dourados e uma expressão de cobiça no olhar.

— Escolheu bem, jovem feiticeiro — disse Jabalwan, colocando a mão sobre os olhos do menino. — Agora consegue enxergar a verdade, o mundo dos espíritos fora das tribos. Agora pode ver como as nuvens, com as costas para a terra, carregam nossos espíritos e despejam profecias quando chove. Desse dia em diante vai sentir mais fome dessas visões do que de comida. Vai jejuar e ferir-se para estar perto das nuvens. Elas

são a medida da sua vida e a forma do seu destino. Sempre que se elevar até elas, em orações ou pela dor, as nuvens vão carregá-lo, porque agora é um feiticeiro!

Jabalwan deixou que o sentido de suas palavras penetrasse na mente de Jaki, antes de continuar:

— Sempre serei seu mestre. Carrego o peso de mais dias de existência. A não ser por essa diferença, que é muito pequena, somos iguais. Ambos feiticeiros. Ambos fomos oferecidos à Vida.

Matu olhou para a face de Jabalwan flutuando acima dele, o rosto vigoroso iluminado pela luz da manhã, e tentou entender o que ele dizia. O tom das palavras era doce e tenso, e desaparecia assim que elas eram pronunciadas, como o ar através de uma flauta oca de osso.

— Prestei atenção quando você leu as palavras do Livro, e entendi alguma coisa desse outro mundo, tão diferente da Vida aqui na floresta. Entendo também a raiva que você sentiu quando abençoei sua mãe com uma morte fácil.

Matu sentou-se, com vontade de partilhar as visões que tivera, porém ainda estava fraco e a língua não se moveu. O caçador de almas colocou a mão sobre o cocar e retirou de lá um

espinho longo como um dedo.

— Embebi esse espinho no suor do *red toad*. Uma picada mata um homem adulto. Eu o estou dando a você porque agora os dois somos feiticeiros. Se a Vida mandar que me mate, use isto. — Jabalwan estendeu o espinho para Jaki.

Mesmo relutante, Matu apanhou o espinho devido ao olhar sério e solene do mestre. Mas, enquanto a mão aceitava, a cabeça balançava negativamente.

Por vários dias Matu convalesceu no campo de samambaias, bebendo água do rio e comendo líquens, observando o céu enquanto as nuvens revelavam seus segredos.

— O tempo das tribos está acabando — anunciou ele a Jabalwan no primeiro dia em que comeu carne. — As crianças estão ficando para trás. Os caras-de-macaco estão adotando e ensinando as crianças.

— Eu também vi — respondeu o feiticeiro, com expressão de tristeza.

— Então o mundo inteiro *vai mesmo* se tornar uma cidade dos caras-de-macaco, como vimos em Bandjermasin?

— Vai. Um dia o mundo todo será como uma só parede. Não viveremos para ver tal coisa, mas isso é tão certo quanto o céu é azul.

— E é bom? — quis saber Matu.

— Bom? Está pensando como o Livro outra vez. Para os feiticeiros não existem nem o bem nem o mal, lembra? — O caçador de almas fez uma pausa e apontou para cima. — O céu é profundo e carrega todas as coisas. Não importa para onde.

Assim que as forças do menino se recuperaram, Jabalwan levou-o rio abaixo, além das jangadas funerárias dos Nômades da Chuva. Os sentidos normais de Matu haviam retornado como o feiticeiro predissera, embora sua energia crescente tivesse acelerado toda a puberdade, que explodia incontrollável. Certo dia, enquanto andava com todo o cuidado pelo poço do rio arpoando peixes, deparou com a própria imagem que o fitava tremulante e cheia de assombro nas águas abaixo. Ficou surpreso com as mudanças que se haviam processado em seu corpo. O rosto tinha o formato como o de sua mãe, com os málares proeminentes e as orelhas pequenas e próximas à cabeça. Horrorizado, constatou que seu nariz era longo e reto, como o nariz grande do macaco do pântano, e não o belo nariz chato e largo que caracterizava o povo da floresta.

— Nunca vai comer se ficar aí tentando arpoar o próprio nariz — declarou Jabalwan da

floresta próxima à margem.

— Estou ficando feio de verdade, mestre.

— Quanto mais feio o feiticeiro, maior o poder. Será menos tentado pelas mulheres, porque com um nariz desses não irão procurá-lo tanto. Bons ventos as levem! — acrescentou o caçador de almas, vendo a expressão de decepção no rosto do rapaz. — Agora você não pertence a nenhuma tribo. Os Nômades da Chuva não têm mais direitos sobre você. É um feiticeiro, e como tal é casado consigo mesmo. Sua mulher é a vastidão do céu, e ela está nua somente para o seu olhar.

Matu ouviu alarmado essas palavras. Nas semanas que sucederam à iniciação pela Aranha, havia suportado com bravura suas primeiras crises de lubricidade. Sonhava com Riri desnuda, mostrando-lhe o corpo esguio e perfeito. Dormia mal e acordava banhado em suor frio, só conseguindo reencontrar o sono depois de tocar a si mesmo no local onde a febre do desejo queimava mais forte. O orgasmo o relaxava. Sozinho na floresta, enquanto Jabalwan amarrava penas na haste de suas flechas, ou mascava raízes para espreitar o céu, Matu pensava em Riri e tocava a si mesmo até que sua semente fosse expulsa. Então uma sensação

macia como o interior de uma nuvem se apoderava de seus membros.

— Só terei o céu como esposa? — perguntou Jaki, com ar preocupado. — Nunca terei uma mulher?

— Você é um feiticeiro — respondeu Jabalwan contendo o riso. —

Que tipo de mulher iria querer um feiticeiro? Nós não temos tribo. Nossa vida é ficar perambulando sem teto nem morada. Quem iria proteger nossa mulher e filhos enquanto caçamos? Teríamos de construir cabanas, chiqueiros e plantações de arroz. Não haveria tempo para espreitar as nuvens, ou curar os que precisam de nós.

— Mas... e o desejo? Você não tem desejo?

— Todo mundo tem desejo. Mas, quando um homem pensa demais sobre coisas do sexo, um cheiro de morte desprende-se de seus movimentos. Ele se torna hesitante e choraminga pelo prazer, e sua mente não está no vento, mas na memória. Até o futuro passa a ser uma memória para ele. Já está morto, mas acha que a vida é dolorosa. Arde de impaciência por uma morte insaciável. O desejo não é a Vida, mas a Vida é desejo.

— Existe alguma folha ou raiz que eu possa

mascar para diminuir o desejo, mestre?

— Não, jovem feiticeiro — sorriu o caçador de almas. — Seu desejo é como uma oração interminável. É o interior de sua vida, o anseio da alma pelo que ainda não está acabado, pela razão que leva as estrelas a se extinguirem.

— É por isso que o desejo é sempre mais forte à noite?

— Sim. Todos os nossos apetites são ecos do grito de morte do Falcão, quando o Sol arrebentou seu crânio em pedaços, que são as estrelas e a lua. Quando as costas do Sol estão voltadas para nós, o grito do Falcão é mais forte. Se prestar atenção consegue escutá-lo: sem memória, sem esperança. Repare como ele ecoa em seus músculos. O desejo também tem utilidade, assim como o Falcão que circula sobre a floresta sem cessar, tornando limpo o vento.

Matu concordou como se estivesse entendendo perfeitamente, embora no íntimo ainda alimentasse dúvidas. Os Salmos diziam: "Todo o meu desejo está perante vós..." O desejo de todas as coisas vivas?

— Nenhum feiticeiro tem esposa, porém as mulheres solteiras estão sempre dispostas a fazer amor com um feiticeiro, porque a fortuna sorri aos que abraçamos. Exceto à noite. À noite nos

transformamos em panteras...

Com aquela conversa, Jabalwan entendeu as necessidades de Jaki, e alguns dias depois, quando chegaram a uma aldeia dos Caçadores das Paliçadas, indicou ao chefe que o jovem feiticeiro já estava pronto para abençoar os campos de arroz. Enquanto o caçador de almas se ocupava em curar os doentes, Jaki foi levado para o bosque ao lado dos campos por muitas moças usando colares de flores e soltando risinhos. Elas tiraram sua roupa, deitaram-no e ficaram observando extasiadas os pêlos cor de ouro, antes de começarem a se satisfazer. Na maneira alegre e hábil das garotas, Matu aprendeu as delícias do acasalamento. Quando foi levado de volta, com a expressão satisfeita e os olhos revirados pela proeza sexual, a tribo aplaudiu. As moças então cobriram-no de lama. Dessa maneira, coberto de terra, ele caminhou pelos campos de arroz a abençoá-los, as pernas trêmulas em virtude da ardente iniciação.

No mesmo dia, durante as comemorações, Jabalwan alegrou-se ao verificar que Matu comia com um apetite devorador e que a graça voltara aos movimentos do menino, depois de semanas de inquietude. "A vida é a jornada das feras, não as esperanças dos homens", pensou o feiticeiro,

lembrando-se de sua promessa de visitar o chefe guerreiro Batuh, da tribo Fantasmas da Árvore.

A noite chegou, reduzindo o Sol a uma bola avermelhada na copa das árvores próximas ao horizonte, e a festa continuou. Uma lua negra, envolta num fino halo prateado, erguia-se nos céus quando os feiticeiros partiram para o interior da selva. O riso das mulheres acompanhou-os por um longo tempo enquanto caminhavam dentro da noite.

A visão que Matu tivera sob o efeito do veneno da Aranha continuava a atormentá-lo. Em algumas noites acordava cheio de terror sob a influência de um pesadelo, que invariavelmente era o mesmo. Era perseguido pelo homem de um olho só com a serpente na testa, cada vez mais para o interior da caverna, porém dessa vez não apareciam as luzes nem o chamado seguro da mãe, mas somente o ruído da respiração do homem de um olho só e o sibilar da serpente. Mesmo acordado, Jaki podia escutar o chamado sussurrante do perseguidor: "Jaki... Jaki Gefjon".

— Ele é a morte — explicou Jabalwan. — A morte é sempre mais palpável do que a Vida, em canções, em histórias, ou mesmo na vida real. O que mais pode seu sonho oferecer? Ele tem um olho só porque a morte não é ambivalente. A

caverna que ele guarda é importante, e seu pai fala sobre ela no Livro, mas você só poderia entender isso agora. Se parasse de ficar brincando quando pensa que ninguém está olhando, e se der ouvidos quando falo com você, talvez possa deixar que ele o alcance e tenha uma surpresa. É ele que guarda a mina de assinaturas.

Jabalwan ficara profundamente impressionado com o que Pieter Gefjon escrevera na capa da Bíblia. Embora o feiticeiro nunca tivesse visto um leão, entendeu quando o menino traduziu o original em latim como a mãe o ensinara. "Vi o leão do momento final." O leão era a parte animal de cada pessoa. A alma de pantera espreitava cada ser vivo, com a diferença de que apenas os humanos tinham consciência disso. Tal conhecimento era uma morte em vida, e só conseguindo ultrapassá-lo alguém poderia chegar até sua própria identidade.

O caçador de almas falava assim com Matu durante a lua nova, quando a luz na floresta era insuficiente para procurar comida, e a escuridão verde estava repleta de feras. Nessas ocasiões mascavam um pedaço de raiz negra que o feiticeiro trazia numa pequena bolsa de couro que tinha um olho pintado no exterior, e o

mundo dos espíritos se aproximava deles. O feiticeiro falava das Cabanas Grandes das Almas, e o mundo dos fantasmas ficava mais nítido em volta dos dois. Jaki percebeu que estava no interior da Cabana dos Ancestrais, enxergando tudo como uma neblina tremulante. Formas acinzentadas pareciam imersas em tristeza, rostos cor de violeta e bocas negras. A narrativa quase hipnótica de Jabalwan carregava-os cada vez mais para o interior da Névoa dos Mortos. O objetivo do caçador de almas era o grande caldeirão que fervia no centro da cabana, pois ali sentava-se com os espíritos ancestrais ao pé do fogo para escutar histórias. Porém Matu nunca tinha se aventurado até lá com o mestre, porque ao lado do caldeirão estava o homem de um olho só, com a cabeça de cobra na testa cuspidendo veneno.

— A morte já sentou por duas vezes junto a você — disse Jabalwan certa manhã. — A Peste e a Aranha deixaram a morte em seu corpo, e mesmo assim ela permanece como estranha e inimiga, mantendo-o afastado do pote onde fervem todas as visões. São os antigos feiticeiros que preparam esse cozido, a comida com a qual nossas almas se fortalecem para arrancar as almas das garras da doença e da morte. Sem

esse alimento, você não viverá muito como feiticeiro. Precisa criar coragem e encontrar essa Morte que o mantém afastado do caldeirão.

Mais tarde, naquele mesmo dia, os dois chegaram a avistar as Cabanas Grandes. Em todas as suas andanças, Matu nunca encontrara uma vila daquele tamanho. Seis cabanas erguiam-se às margens do caudaloso rio do Grande Amanhecer. A varanda de cada uma delas apresentava-se cheia de cabeças, e bandeiras coloridas tremulavam no telhado. À margem do rio, as casas continuavam, formando pequenos ancoradouros coalhados de engradados de bambu e cestas trançadas, que eram levados por canoas até uma flotilha de pirogas um pouco além da arrebentação. Não se viam campos de arroz ou qualquer outra plantação nas proximidades. Em vez disso, em vastas áreas de terra nua ao redor, guerreiros praticavam exercícios de luta. As mulheres agrupavam-se sob a sombra amena das varandas, supervisionando os carregamentos e mascando a noz de bétel. Crianças brincavam nos poços do rio, arpoando peixes apenas por esporte, depois deixando os corpos flutuar rio abaixo.

Por vários dias Jabalwan fez com que Matu

sentasse com ele no alto das árvores no penhasco acima do rio, observando as Cabanas Grandes da mesma maneira que haviam feito quando espreitavam os animais na selva.

— Observe com cuidado — aconselhou o feiticeiro. — Precisa conhecer muito bem essa fera antes de descer lá e domá-la.

Matu conhecera as tribos pelo aprendizado como escravo entre os Nômades da Chuva, depois pelas peregrinações com Jabalwan, mas nunca antes tinha espreitado uma delas como se fosse uma manada de elefantes, ou de tapires. As rotinas da aldeia intrigaram-no acima de tudo pela regularidade. Aos primeiros raios de sol sobre o rio tranqüilo, as canoas que haviam sido carregadas no dia anterior eram lançadas às águas, as sentinelas dos postos de vigia espalhadas pela floresta retornavam e patrulhas diurnas de doze homens cada partiam para as trilhas de javalis e poços vizinhos. Por volta do meio-dia outra flotilha de canoas já se dirigia novamente rio acima para as Cabanas Grandes, carregadas de caixotes, barris, sacos de verduras e animais mortos dependurados nos varais. Durante a tarde, enquanto prosseguia o trabalho no ancoradouro, os guerreiros praticavam.

Com Wawa adiante dos dois, Jabalwan e

Matu foram capazes de iludir a guarda redobrada e chegaram até a orla da clareira sem serem vistos.

— A cabana central com as bandeiras é onde mora o chefe — sussurrou Matu. — Eu o vejo sair sempre para verificar as jangadas de carga e falar com os guerreiros. Tem o porte de um homem poderoso.

— Seu nome é Batuh — respondeu Jabalwan, os olhos atentos perscrutando a clareira e o espaço entre as cabanas. — Ele foi o homem que promoveu o encontro de seu pai com sua mãe. É com ele que vamos falar agora.

— Talvez a gente devesse esperar um pouco — disse Matu, colocando a mão sobre o braço do mestre. — Todas as manhãs eu vejo o chefe passar para o lado da cabana onde estão as esposas. Fica lá se divertindo até que cheguem os barcos. É lá que ele deve estar agora.

Jabalwan sorriu à observação do menino e levantou-se junto à clareira. No exato momento em que o feiticeiro realizou o movimento, Papan rugiu do outro lado da aldeia, onde a floresta ficava mais próxima do claro e todas as cabeças se voltaram naquela direção. Sem perda de tempo, Jabalwan, Matu e o orangotango que os acompanhava correram através da clareira. Um

tiro de mosquete ecoou para os lados da floresta e os rugidos cessaram. O caçador de almas colocou a mão na testa do rapaz, onde uma ruga se havia formado.

— Não se preocupe, pequeno feiticeiro. Papan já foi ferida uma vez pelos paus-de-fogo. Sabe muito bem se manter a uma distância segura. — Estavam agora sob as cabanas, onde o cheiro de porcos e de sujeira era insuportável. — Me dê a agulha envenenada.

Matu retirou a agulha vermelha com a ponta negra da faixa que trazia à cintura. Jabalwan segurou-a à frente do macaco, gesticulou, e o orangotango apanhou o espinho e saiu correndo pelas sombras. O feiticeiro apanhou o cocar em sua bolsa de remédios e ajeitou-o sobre a cabeça.

— Não diga nada — avisou ele ao menino. — Simplesmente observe. Com atenção.

Jabalwan fez um sinal a Matu e os dois deram a volta aos pilares, de maneira que chegaram à frente dos guardas armados com *parangs* ao pé do tronco como se tivessem surgido do nada. As duas sentinelas gritaram alarmadas, e o feiticeiro fez sinal a eles para que fizessem silêncio e se mantivessem afastados. Os guardas subiram o tronco e foram para a

varanda, onde estavam penduradas várias cabeças encolhidas de aparência courácea. As mulheres na varanda levantaram-se assustadas com a presença do feiticeiro e seu acompanhante de cabelos dourados, porém cessaram os gritos e lamentos quando Jabalwan retirou da cabeça um osso fino e o apontou na direção delas.

Silenciosamente, os feiticeiros atravessaram toda a extensão da varanda e pararam ao lado da porta que conduzia ao quarto das mulheres. A voz de Batuh veio do interior do aposento:

— Deita aí e esquece esse barulho. Quando eu acabar, vou ver o que é.

Jabalwan soltou um rugido. Do lado de dentro houve um alarido de gritinhos femininos e uma série de ruídos agitados, depois Batuh apareceu à porta, ainda mais forte e musculoso desde a última vez que o feiticeiro o encontrara, havia doze anos. A medida de sua liderança foi a reação que teve perante a assustadora presença do caçador de almas e seu menino-demônio:

— Jabalwan! — disse ele, estendendo os braços em saudação. — Seu rosto feio tem aparecido nos meus pesadelos desde que tirou Mala de mim. — Olhou em seguida para Matu, os olhos negros arregalando-se com compreensão. — E este deve ser o filho bastardo dela, fruto do

momento de desejo de um cara-de-macaco. — Viu os olhos que ele odiava e temia, emoldurados pelo formato do rosto da mulher que amara. — Mesmo uma criança deve ser respeitada pelos seus feitos.

Matu ficou pouco à vontade, mas pensou numa resposta e olhou para o mestre, buscando permissão para falar. O feiticeiro assentiu.

— Em vez dos pais, as crianças governarão. Um sorriso largo abriu-se no rosto de Batuh.

— Já ouvi isso. Sua mãe disse uma vez. Ela leu no Livro. Acreditei nela e desafiei meus pais, e até mesmo você, Jabalwan. — O guerreiro voltou-se para o caçador de almas, enfrentando seu olhar. — Lembra de ter encontrado um exilado fugindo para as terras dos mortos? E de ter me avisado que era proibido? — Sua gargalhada mostrou os dentes amarelados e limados nas pontas. — Venham para dentro, onde não ficamos expostos aos olhares de toda a aldeia.

Matu seguiu atrás de Jabalwan e Batuh para o interior da cabana através dos aposentos das mulheres. Cabeças já escurecidas pelo tempo com lábios retorcidos pendiam do pilar principal. Uma delas tinha longos tufo de cabelo loiro.

— Seu pai — anunciou Batuh, com

deferência fingida e um gesto de zombaria para a caveira em decomposição acima deles.

— Mentira! — disse Matu, silenciando quando Jabalwan tocou o seu braço e produziu um estalido semelhante ao de um grilo.

— Está me chamando de mentiroso? — bradou Batuh ao rapaz. — A mim, que entreguei sua mãe a esse homem?

Mulheres entravam pelas portas. Jabalwan produziu novamente o estalido e arriscou uma olhada ao menino, cujo rosto estava pálido, os olhos denunciando o movimento incessante da mente, perdida em si mesma no momento.

— O pai do menino é a tempestade — disse o caçador de almas em voz alta e potente. — As nuvens com as costas para a terra. O menino é um feiticeiro. Foi picado pela Aranha e está vivo.

— As nuvens mijam em cima de vocês do mesmo jeito que em cima da gente — disse Batuh, torcendo o nariz como se sentisse um cheiro desagradável.

Um murmúrio passou pelas mulheres em volta, e Jabalwan voltou a falar gravemente:

— Vai amaldiçoar toda a aldeia se começar a falar mal dos espíritos, Batuh. Que tipo de chefe você é, que não se preocupa com o próprio povo?

Uma veia latejou na têmpora de Batuh, que se aproximou do curandeiro e disse em voz baixa:

— Veio para me destruir, feiticeiro? — Um sorriso retorcido mostrou a ponta de seus dentes aguçados. — Já fez isso quando tirou Mala de mim. Ela era minha arma, e a única que amei. Agora sou o morto que você nos ensinava a temer. Tenha medo de mim, Jabalwan. Só o compromisso com meu povo me impede de matar você e esse filho de cara-de-macaco agora mesmo.

— Batuh, não viemos para destruir você, pois nesse caso sua cabeça já não estaria sobre o pescoço — respondeu o caçador de almas em voz alta, dirigindo-se a todos. — Matubrem-brem e eu viemos abençoar os Fantasmas da Arvore. Os curandeiros que encontrei no caminho falaram muito bem da tribo. Dizem que estão tão fortes que não precisam mais plantar o arroz ou caçar a própria carne. Dizem também que as outras tribos pagam um tributo para que vocês sejam intermediários no comércio com os caras-de-macaco. Agora estão ricos, e as outras tribos em débito com vocês. Vim para reconhecer esse débito e abençoá-los com a sabedoria dos antepassados para que permaneçam fortes.

Batuh deu algumas passadas ruidosas e zangadas pelo aposento, com o intuito de afastar os guerreiros, que começavam a se interessar e continuavam entrando. Depois parou e correu os olhos pela multidão.

— É muito astuto, Jabalwan, usando meu próprio povo contra mim. Embora eu tenha acabado com a fome, distribuído cabeças para cada tribo, e mais a riqueza dos grandes navios, eles ainda me desafiam para honrá-lo.

— Sou o homem-cobra. Eles são as minhas crianças.

— O que quer de mim, homem-cobra?

— Nunca mais vai matar Nômades da Chuva — afirmou Jabalwan com voz de trovão. — Vai retirar imediatamente seus guerreiros e caçadores das terras a oeste daqui, e não andarão mais por aqueles lados. — Falou alto para que todos ouvissem.

Os músculos dos maxilares de Batuh se retesaram e ele disse:

— Pensa que está lidando com alguma das suas crianças idiotas? Eu sou Batuh, o chefe das tribos! Sou Batuh, o amado dos deuses-diabos. Não tenho medo de suas palavras, por que deveria obedecê-lo?

— Se não ouvir meus conselhos, os

Fantasmas da Arvore vão perder tudo o que você já lhes deu. Os filhos e os netos de todos serão escravizados pelas tribos que vocês hoje dominam.

Batuh gritou alguma coisa numa língua desconhecida, e quatro homens barbados usando turbantes invadiram a cabana com as cimitarras desembainhadas.

— O povo da floresta tem medo de se libertar do seu domínio antigo, mas os Lanun vão ficar contentes em cortar as cabeças dos dois.

— Lanun! — exclamou surpreso Jabalwan. — Então faz comércio também com os inimigos dos caras-de-macaco? E depois vende um ao outro?

— Os caras-de-macaco não vendem seus paus-de-fogo aos povos da floresta — respondeu Batuh. — Precisamos de armas para governar as outras tribos, por isso digo aos Lanun onde encontrar os grandes barcos mercantes. E agora, por saber isso, e por tentar enfeitiçar o povo contra mim, vou matá-lo. — Terminou de falar e fez um sinal aos piratas para que atacassem.

Jabalwan sacou do cocar seu osso pontiagudo e, apontando-o para o pirata mais próximo, deu-lhe uma estocada com ele. O Lanun gritou de dor largando a espada e

tropeçou, caindo aos pés do feiticeiro. Jabalwan moveu num arco o osso, apontando-o desta vez para um atacante distante, que surpreendentemente caiu sobre a amurada.

O rosto de Batuh parecia congelado numa expressão de surpresa diante do que tinha presenciado.

— Traindo a mim você trai o próprio povo e seus ancestrais. — A voz do caçador de almas era potente e ameaçadora. — Seus pais e os pais de seus pais não irão reconhecê-lo na Cabana dos Antepassados. A menos... — Recolocou o osso no cocar de cabeça de pantera e fez um sinal para que Matu se aproximasse da porta. — Não vai mais fazer mal aos Nômades da Chuva. A cada lua nova, irá pessoalmente à bifurcação do rio que existe a oeste daqui e deixará lá uma jangada com um saco cheio de sal, vinte sacos de arroz e um varal com carne fresca. Isso deve acontecer por dois anos. Depois disso, os ancestrais ficarão contentes se deixar os Nômades da Chuva em paz.

Jabalwan caminhou até o caldeirão e virou-o sobre uma estante com utensílios, derramando todo o conteúdo pelo piso e provocando um barulho enorme.

— Nesta casa os espíritos foram atacados e

obrigados a matar. — O feiticeiro apanhou uma lança de bambu e colocou a ponta no fogo. — Esta casa não pode mais existir. Saíam e mandem os guerreiros cortar os pilares, antes que as outras cabanas sejam atingidas pelo fogo purificador. — Remexeu a fogueira com o bambu, espalhando brasas e pequenos pedaços de madeira em fogo por todos os cantos.

Batuh correu em direção ao caçador de almas, mas parou quando Jabalwan levantou sua lança com a ponta em chamas. O chefe suava, sem coragem de completar o gesto.

— Vou matar você, homem-cobra!

— Se me matar vou voltar do reino dos mortos e vingar minha morte — respondeu Jabalwan, atirando a lança sobre a cobertura seca do telhado.

As chamas espalharam-se rapidamente pelas folhas secas. O feiticeiro inclinou a cabeça para trás e lançou o chamado da serpente, um lamento ermo e solitário, que não parecia poder sair de lábios humanos.

Toda a raiva do chefe transformou-se em medo, e os pêlos se arrepiaram, desde a nuca até o alto da cabeça. Agarrou sua espada cerimonial que pendia do pilar principal, olhou de relance a cabeça de Van Noot pendurada e correu para

fora. Matu afastou-se para que ele passasse.

Batuh atirou-se sobre a amurada da varanda, caindo no pó abaixo e desequilibrando-se, a espada rolando para longe de suas mãos. Todas as mulheres já haviam saído, os porcos sob a cabana estavam sendo libertados, e alguns pilares derrubados. Jabalwan agarrou a mão de Matu e correu com ele por todo o comprimento da varanda, desviando-se dos espessos rolos de fumaça. Juntos saltaram sobre a amurada, pouco antes que uma das paredes ruísse atrás deles.

Os Fantasmas da Arvore cortaram os pilares de esteio da cabana e logo tudo afundou, num turbilhão de fagulhas e grandes pedaços de madeira em brasa.

— Era a cabeça de meu pai que estava pendurada ali dentro? — quis saber Matu.

— Seu pai é o trovão e você é o raio — respondeu o feiticeiro, guiando o rapaz para longe das labaredas. — Como pode pensar de outro jeito depois de oferecer a mão para a Aranha?

Os nativos distanciavam-se dos feiticeiros à medida que eles se afastavam da cabana. Matu parou e olhou para seu mestre.

— Aquela era a cabeça do meu pai de

semente?

— A fronteira da morte não é um jogo. O Destino é feito de energia ancestral. Você sabe disso...

— Minha mãe mentiu para mim! — retrucou friamente Matu.

— Jan van Noot é seu pai de semente.

— Por que Mala mentiu para mim? — repetiu Matu numa onda de dor.

— Ela mentiu? — O feiticeiro franziu o cenho e encarou o garoto.

— Quem é Pieter Gefjon, então?

— Seu pai espiritual — respondeu Jabalwan em tom cortante. — É quem olha por você da Nuvem dos Remédios. Mala está com ele agora, enquanto Van Noot rasteja com os animais. Abra os olhos para a sinceridade de sua mãe, Matubrem-brem. Será que estava cego quando passou pela Aranha?

Jabalwan afastou-se e deixou Matu sozinho olhando para o fogo. A possibilidade de que Mala tivesse mentido para ele o deixava completamente enfurecido. Quem era aquele homem loiro? Como é que Batuh havia conseguido sua cabeça? Procurou em volta pelo feiticeiro e viu que ele caminhava em direção a um grupo de guerreiros.

Jabalwan chamou um guerreiro com um pau-de-fogo, e o homem veio até ele curvando a cabeça.

— Me dê sua arma e mostre-me como usá-la — ordenou o homem-cobra.

O homem obedeceu.

Batuh destacava-se entre seus guardas amedrontados, com os Lanun escondendo-se atrás do chefe. A fumaça que havia entre eles era como as fronteiras da terra que haviam percorrido juntos. O tempo foi condensado nos rolos de vapor que flutuavam, e Batuh entendeu, contemplando sua própria raiva e humilhação, que não estava lutando apenas contra os Nômades da Chuva e Jabalwan, mas também contra as hordas mortas, as tribos Fantasma dos Antepassados. O Futuro, assim como o Passado, era determinado pelo Poder, e ele sabia que o poder no momento estava com os paus-de-fogo dos homens brancos. Na visão cada vez mais clara de Batuh, ele viu que mataria de fato Jabalwan, assassinando o passado e tornando-se o primeiro ancestral do futuro.

Jabalwan e Matu viajaram bem para o interior da floresta montanhosa, bem longe de todas as tribos, para praticar com o pau-de-fogo. Enquanto treinavam, o feiticeiro contou a

história do *Zeeroover*, e sobre Jan van Noot, que havia falado incessantemente de si mesmo na noite que passara com Mala. Durante a viagem para o vale, Ar Brilhante lhe relatara tudo sobre o encontro.

— Seu pai de semente era mais uma máscara do que um homem — comentou ao final o homem-cobra. — Sua mente não conhecia coisa alguma sobre o espírito, e nada poderia afastar seu corpo da lâmina das facas.

A história de sua mãe fazendo amor com um homem que não a amava para que Batuh pudesse tomar as cabeças loiras e começar um império encheu Matu de raiva e tristeza. Nos dias que se seguiram, ele ficou abalado e absorvido pela realidade de que existia apenas em virtude da luxúria do pai e da duplicidade da mãe. Ele mesmo representava um dos primeiros passos para o desaparecimento das tribos.

Jabalwan percebeu o tormento do rapaz, porém não podia fazer nada, a não ser mantê-lo ocupado, evitando que caísse num torpor prejudicial. O feiticeiro queria explorar todos os segredos da nova arma, e passaram semanas nas colinas amarelas, misturando os pós necessários para fazer a poeira-relâmpago, até conseguir uma mistura tão eficiente quanto a da pólvora que

viera com o mosquete. Matu observava pacientemente e ajudava quando solicitado, construindo fogueiras de toros grandes para o carvão, colhendo enxofre no odor horrível dos "buracos do inferno" e cavando salitre nas paredes das cavernas. Além disso, providenciava as refeições, enquanto o caçador de almas misturava as substâncias em cascas secas de coco.

Quando começou a estação das chuvas, as experiências com o pó ficaram mais difíceis por causa da umidade, e Jabalwan resolveu ir para noroeste, no interior das montanhas, encontrar outros feiticeiros para mostrar o que havia aprendido.

Matu ainda estava abalado com as revelações recentes. Como se estivessem de acordo com a realidade, seus sonhos passaram a ficar cada vez mais lúbricos, ilustrando o ruído das gotas de chuva que caíam, fabricando imagens de mulheres nuas ondulando diante dele. Mesmo quando estava acordado, o mundo começou a ter aparência feminina. Flores que pareciam vaginas e o cheiro molhado de terra que subia do chão transformavam o dia numa meditação solitária sobre mulheres. Ele queria mais uma tarde de iniciação, com as garotas

famintas ao redor, mãos indistintas que se estendiam para tocá-lo, entre risinhos e brincadeiras, todas se satisfazendo com ele. Mas desejava apenas o calor de uma face, um riso que saberia reconhecer.

— Quero uma esposa — declarou por fim a Jabalwan. Primeiro o feiticeiro riu, depois percebeu que o rapaz falava sério e fez uma expressão de assombro:

— Você não pode ter uma esposa. É um feiticeiro.

Matu havia trazido o assunto à baila num fim de tarde, quando se encontravam no planalto, observando os vales abaixo varridos pelas cortinas prateadas de chuva que despencavam das nuvens. O céu acima deles já apresentava um azul limpo e profundo, perfurado pelo cintilar das primeiras estrelas. O mundo todo era como uma mulher. A própria terra coberta de árvores, vapores que flutuavam nos contornos ondulantes da montanha, os campos de relva que conduziam lascivamente como uma penugem prematura ao cabelo púbico que era o pântano, terminando no mar, a origem da fertilidade. O oceano era como um útero que continha todas as viagens que ainda pretendia fazer. Gostaria de encontrar isso tudo na forma

de uma mulher real, de carne e osso.

— Meus sonhos insistem em que primeiro sou homem, depois feiticeiro — disse Matu a Jabalwan.

O feiticeiro encolheu os ombros e fechou os olhos, resignado. Os círculos tatuados em suas pálpebras viram a imagem infalível, e seu corpo estremeceu.

— Você é Matubrem-brem. Não pode apegar-se às antigas tradições nem deixar que elas regulem sua vida. Pode partir. Tome uma esposa. Preciso ir até as montanhas mais altas para a reunião dos feiticeiros este ano. Aqueles de nós cujos afazeres permitem já estão no local. Encontramo-nos numa caverna em Kinibalu na primeira lua nova depois da época das chuvas. Irei até lá com as novidades sobre o pau-de-fogo e as notícias de sua iniciação.

— E eu?

— Você vai procurar os Nômades da Chuva e entregar isto para o chefe — respondeu o feiticeiro, abrindo os olhos e retirando da bolsa uma concha cor-de-rosa com as bordas marrons. — O que você acha que parece?

— Um botão de flor... Um crânio de tartaruga queimado...

— É o seu pinto depois que a faca de

bambu cortar a pele. — Jabalwan sorriu. — Esta concha dá o direito de ser circuncidado.

Matu fechou o rosto.

— É a única maneira de ter uma esposa. Precisa entrar para a tribo. Matu encolheu involuntariamente as pernas, ao imaginar o golpe, mas aceitou a concha das mãos do caçador de almas.

— A Aranha me ensinou a riqueza que pode vir dos riscos.

— Vai aprender com sua mulher os riscos que podem vir da riqueza — respondeu Jabalwan, estendendo a mão sobre o rapaz numa bênção. — Nunca esqueça a Aranha. Você já viu as teias que existem nas nuvens, caindo com a chuva e pairando sobre as florestas verdes e os animais famintos. Você viu tudo, e sabe que está nessa teia. Esquecer isso seria o pior dos crimes. Todo o mal vem desse esquecimento.

Jabalwan partiu durante a noite, seguindo as trilhas nos píncaros da região montanhosa, batidos com um vento forte e por vezes violento. Tais caminhos eram secretos para todos, exceto para os iniciados nessas reuniões. O vigoroso caçador de almas vagou pelos picos sobre os vales cheios de neblina e chegou até os Nômades da Chuva em duas semanas, percorrendo um

trajeto que Matu deveria realizar em quatro através da umidade da floresta. Informou ao chefe do resultado de sua ida até os Fantasma da Arvore e sobre o tributo que seria recebido. Falou também sobre Matubrem-brem e seu desejo de ter uma esposa. Não fez recomendação nenhuma quanto ao comportamento da tribo em relação ao menino-demônio e partiu no mesmo dia para as montanhas, acreditando que somente os poderes do mundo dariam a Matu a libertação de uma tediosa vida tribal, recolocando-o na busca do mistério.

Matu acordou e descobriu que Jabalwan havia partido. Uma pena vermelha sobre o local em que ele havia dormido era o único sinal da presença do feiticeiro. Num nicho estofado de folhas estava a zarabatana do feiticeiro, com os dardos e a Bíblia. Matu olhou por sobre os vales encobertos de névoa, à procura de um indício do rumo tomado pelo mestre. Nenhum sinal da direção escolhida pelo feiticeiro foi encontrado, portanto ele se curvou aos quatro cantos — em todas as direções, santo dos santos — e depois chamou Wawa.

O gibão de pêlo prateado balançou-se agarrado a uma touceira de bambus que crescia na encosta e veio em direção ao jovem feiticeiro.

Matu escolheu uma trilha de trepadeiras, que conduzia para oeste, e desceu o grande rochedo verde rumo ao mundo escuro e perigoso da floresta nas terras baixas.

Matu perambulou pelos vales durante várias luas, visitando locais que lhe lembravam Jabalwan. Estava zangado por seguir seu pênis e não o mestre. Pelo que ouvira contar, era assim que seu pai de semente fazia as coisas. E o estava dirigindo para oeste, à procura de sua tribo e de sua esposa. Foi aos lugares de poder, entre formigueiros da altura de homens adultos, esculpidos pelas chuvas com o rosto de bruxas, e ao pé dos leões de pedra que guardavam as ruínas de templos antigos. Passou dias nesses lugares, aperfeiçoando a prática da espreita que o mestre ensinara, e era como se Jabalwan estivesse com ele. Começou então a preparar sua própria bolsa de remédios. Matou um jacaré com a zarabatana que ganhara e aproveitou as escamas claras da parte de baixo para fazer a bolsa. Depois que o couro foi curtido e preparado, costurou bolsos internos usando couro de vários animais, com texturas diferentes, de maneira que através do tato pudesse determinar cada um. Em seguida colheu as plantas necessárias para um bom suprimento

inicial, além de minerais e pedaços de animais que Jabalwan usava para curar.

Cada aldeia que visitava era uma verdadeira escola de sofrimento para Matu. Os doentes e feridos lhe mostravam os limites da agonia da carne, e nas feridas abertas ele encontrou os ferrões insaciáveis da Aranha, devorando tudo aquilo que a sua teia tinha aprisionado. Algumas vezes lembrava-se o suficiente para encontrar a poção que repelia a voracidade da Aranha, deixando apenas corpos vivos com cicatrizes. Em outras oportunidades os ferrões dilaceravam a vida e Matu via-se repetindo os cânticos dos mortos que vira Jabalwan realizar. O trabalho levava dias em cada povoação, e em sua longa busca pelos Nômades da Chuva percebeu a verdade contida nas palavras do caçador de almas: "Não existem obstruções, só instruções".

Os curandeiros de cada povoado, percebendo sua sinceridade, ajudavam-no, transmitindo os próprios conhecimentos, e ele aprendeu muito nesse período. Sua aparência física era desagradável para os nativos, que a princípio se mostraram receosos, mas, depois que salvou algumas vidas, ganhou a confiança de todos. Aceitava o prazer rápido e ilusório das donzelas sempre que lhe era oferecido. Vivia

nessas pequenas aldeias como imaginava que o mestre teria feito, trabalhando de dia, coletando à tardinha e passando a noite na floresta. As canções dos tambores chamavam-no de Guerreiro do Olho-de-Sol. Costumava explicar que não era um guerreiro, não tinha armas, não cortava cabeças e usava sua zarabatana apenas para caçar. Contudo, por mais que protestasse, sua fama o precedia nas aldeias. Seus lábios finos, nariz proeminente, pele branca e olhos claros, mais a estatura elevada dificultavam o relacionamento inicial pelo excesso de respeito, e Matu distribuía pêlos de suas costeletas loiras e início de barba aos mais tímidos. Durante a tarde lia trechos da Bíblia para as tribos, que sempre apreciavam as histórias estranhas e violentas do Livro, e sua reputação como profeta da guerra e do sobrenatural logo virou canção.

As aldeias tornaram-se mais raras à medida que Matu progredia pelos vales, até que sua jornada se transformou em viagem solitária por semanas a fio, acompanhado apenas dos espíritos. Os sonhos com o cara-de-macaco de um olho só haviam cessado, e tanto o mundo visível quanto o invisível pareciam amigáveis. Wawa sempre trazia frutinhas silvestres e notícias do movimento dos animais das

redondezas, e certa feita encontraram Papan na catarata de um rio, onde os peixes grandes como antebraços viviam sob as grutas das pedras ocas. Mala vigiava escondida nas sombras das árvores, num raio de pôr-do-sol, ou na fumaça da panela borbulhando ao fogo. Jabalwan o visitara freqüentemente enquanto dormia, sugerindo rotas através da selva, comentando sobre as faces ocultas dos animais que havia encontrado durante o dia, e rindo com o rapaz sobre suas fantasias com Riri. Era ela quem ele imaginava tomar como esposa entre os Nômades da Chuva, a única mulher com quem sonhava. O medo de que sua mão pudesse já ter sido concedida a outro o impulsionava para a frente em sua jornada solitária. Seis meses atrás ela estava disponível quando viera até o rio para observá-lo. Sua imagem jovem e desejável assombrava as caçadas, fazendo com que errasse tiros que eram refeições garantidas. Não conseguia tirá-la do pensamento. Tinha de ir até Riri para ser amado ou rejeitado, sem esquecer a possibilidade de que quando a encontrasse poderia já pertencer a outro.

Numa tarde abafada e úmida, Matu divisou uma pena vermelha à sombra de um galho. Apanhou-a e fez uma busca mais cuidadosa na

área, logo descobrindo pegadas que levavam ao outro lado do vale. Embaixo do arco formado por uma raiz, encontrou uma folha de grama dobrada, o sinal dos curandeiros Nômades da Chuva.

Matu seguiu pela trilha de lama e chegou até um caminho de búfalos usado na outra estação. A selva já o havia coberto com trepadeiras e vegetação rasteira, porém o rapaz conseguiu seguir a trilha tomada pelo curandeiro. Wawa guinchou à frente, dando o sinal de aviso para cataratas. Gotículas de água eram trazidas pelo vento através de uma cortina de lianas e trepadeiras floridas, e à medida que se aproximava Matu distinguia menos na névoa úmida os troncos gigantescos das árvores seculares. A luz tornou-se baça e difusa, espalhando pelo próprio ar as cores das flores e adquirindo um odor refrescante de líquens. Parecia uma espécie de caverna sob a queda-d'água, e toda a luz existente penetrava através da cortina espumante, que formava vários arcos-íris. Sob os rochedos colossais Matu prosseguiu, aproximando-se da espuma luminosa, os pés procurando apoio entre as pedras molhadas e pontiagudas. Wawa assobiou seu sinal para a presença de humanos adiante. Continuando

através das pedras escorregadias sob a cortina de água, Matu finalmente saiu da névoa em que se encontrava, para descortinar a claridade brilhante de um amplo espaço aberto onde as águas se espalhavam em frente à cachoeira.

Pássaros aquáticos mergulhavam nos poços pouco profundos à procura de peixes, e próximo aos juncos da margem podiam-se observar os olhos atentos dos crocodilos. Rio abaixo, um pouco antes da primeira curva, algumas mulheres pescavam nos poços mais tranquilos. Uma cabana com o teto coberto de vegetação ainda verde misturava-se à vegetação na alta margem oposta, ao longe. Ao primeiro sinal de Matu, as mulheres saíram dali e sumiram de vista. O jovem e molhado feiticeiro sentou numa pedra e dispôs-se a esperar.

Entre os primeiros guerreiros que vieram recepcioná-lo estava Ferang, a animosidade vibrando no corpo forte.

— Então conseguiu nos encontrar — comentou ele, sorrindo dos companheiros que ficaram para trás em respeito ao menino-demônio. — Jabalwan nos disse que você já era um homem.

— Jovem feiticeiro, bem-vindo a sua casa — saudou uma voz do alto da margem.

Matu olhou acima e além de Ferang, e viu o chefe e sua família reunidos sobre o barranco. O chefe sorria para ele, o sol brilhando nas penas brancas do cocar. Suas mulheres e crianças olhavam para a figura alta de cabelos dourados. Riri encontrava-se entre eles, e ao vê-la o coração de Matu deu um salto. Ela havia se aproximado da borda, e sorria abertamente para ele. Matu passou por Ferang e foi até o barranco, subindo pela encosta quase vertical, apoiando-se em pequenas pedras e raízes salientes, de maneira que chegou ao topo o mais próximo possível de Riri.

O chefe e os anciãos ficaram impressionados com a nova maturidade do jovem feiticeiro, e ele foi conduzido até a vila em meio a gritos de comemoração. A chegada de Matu através das águas do Devorador de Homens tinha sido um bom presságio aos olhos da tribo. O *arrak* foi distribuído, mataram alguns porcos e a música brotou na cabana.

Matu gostou de constatar que a aldeia parecia muito mais saudável desde a última vez que a vira, perto de onde encontrara a Aranha. Os campos de arroz ondulavam à sombra de árvores seculares, além de vários outros vegetais plantados nas cercanias. As clareiras em frente

às cabanas estavam apinhadas de crianças brincando. Deu fios de barba loira para algumas delas, além de conchas e pedras bonitas que retirou da bolsa. Para Riri, deu um couro curtido da rara píton branca.

Ferang observava aquela movimentação com olhos ameaçadores. Quando Matu lhe ofereceu o crânio de uma píton, que era considerado um potente amuleto para captar poder na dança, ele ficou revoltado. Não aceitaria essa farsa de um ser humano como ele! A Aranha havia matado seu irmão, e no entanto deixara essa verdadeira aberração viver. Malditos fossem os espíritos e a Aranha! Maldito fosse o homem-cobra. Para vingar a vida que o mundo dos espíritos havia negado ao irmão, Ferang resolveu preparar uma cilada para o menino-demônio.

Matu era um feiticeiro, mas ainda assim precisava passar pela circuncisão. Ao som primitivo e lamentoso das flautas de bambu, os homens da tribo carregaram o rapaz para uma clareira de pedra no meio da floresta. Ofereceram a ele um chifre de veado cheio de um líquido com odor adocicado. Matu recusou, pois o cheiro denunciava um forte soporífero e ele não queria ficar narcotizado durante o primeiro dia de seu retorno à tribo. Os murmúrios de admiração que

seguiram a sua recusa cessaram quando o chefe apanhou uma bainha de pele de enguia e retirou dela uma lâmina curta, de lava escura e vitrificada. O prepúcio de Matu foi puxado para a frente, e com um só golpe vigoroso a lâmina ritual cortou a pele. O sangue jorrou sobre as rochas, e Matu rilhou os dentes com a dor. Os homens fizeram uma saudação e as flautas soaram novamente, tecendo canções alegres. Uma folha adstringente foi enrolada no ferimento, e passou-se a comemorar. Durante toda a noite os Nômades da Chuva festejaram com danças, músicas, histórias de heróis e muito *atrak*. Ao amanhecer, a tribo procurou as sombras e adormeceu.

Nas primeiras semanas que passou entre os Nômades da Chuva, Matu provou ser o melhor caçador, e lhe foi oferecido um quarto na cabana dos anciãos. A honraria tornou-se penosa para o jovem feiticeiro, pois ele havia dormido na floresta desde que deixara sua mãe, e ficou enjoado com os odores intensos de cozinha, de vários corpos reunidos e dos porcos barulhentos. Em pouco tempo começou a dormir na selva novamente, explicando ao chefe que sua habilidade de caça melhorava com o ar da noite na floresta.

Todas as noites, desde que seu ferimento cicatrizara, Matu se aproximava do local onde Riri dormia entre as filhas do chefe, e colocava um pedaço de raiz de mandioca em sua mão. Outros caçadores, incluindo Ferang, haviam feito o mesmo, e ele a havia visto sair com alguns deles em direção dos arbustos na orla da floresta. Riri nunca havia concedido assim seus favores a ele, embora continuasse a encorajá-lo com olhares diretos, não fugindo quando ele ficava a seu lado nos poços de pesca ou nas plantações.

Muitas outras donzelas solicitaram seu interesse através de gestos e olhares carinhosos, mas Matu nunca fez amor com ninguém. O sentimento que penetrava em seu corpo quando os olhos escuros de Riri o fitavam não se repetia com nenhuma outra. Desejava somente Riri.

De sua parte, Riri não entendia direito os próprios sentimentos em relação àquele homem grotesco. Sua atração por ele não diminuía nem um pouco desde o encontro no rio. Mas não era amor, e sim uma mistura de medo e excitação, perante o campo magnético e animal que envolvia a ambos. Queria estar perto dele da mesma maneira que às vezes ficava observando os cães devorarem os restos de esquilos e macacos depois que os caçadores tiravam a

carne. Sua fascinação pelo horror era fria, mas puramente sexual, e, quando percebia o cheiro de selva do jovem feiticeiro, sentia uma contração entre as pernas.

Ferang percebeu a fascinação de Riri e a paixão sem esperança de Matu, e imaginou um plano para destruir o rival, como tinha jurado fazer. Convenceu Riri a trabalhar no lado distante da plantação, onde um braço de rio cavara uma gruta estreita e profunda nas pedras. O estreito desfiladeiro estava atapetado com lianas e galhos caídos. No dia anterior ao que Riri deveria trabalhar ali, Ferang foi até a garganta e retirou todos os galhos, exceto um, exatamente em frente à encosta escarpada onde Riri estaria colhendo as abóboras no dia seguinte. Escavou com um pedaço de osso o meio do tronco que servia de passagem para o outro lado, depois virou o galho ao contrário, de forma que não se notava nada de cima.

Os Nômades da Chuva estavam ansiosos para mostrar ao jovem feiticeiro que o aceitavam como igual, embora tivesse sido escravo havia três anos. Todas as famílias convidaram-no para sua fogueira, e nas primeiras semanas ele visitou todos os clãs, incluindo o de Ferang, que era um clã de caçadores. Usavam o totem da raposa

alada e orgulhavam-se de ser descendentes de um famoso feiticeiro que viajava entre as tribos, como Jabalwan. Ferang usava presas de raposa enfiadas nas orelhas e estreitava o rosto pintando duas faixas de cor ocre que começavam entre os olhos e passavam pelos malaras proeminentes. Uma linha negra sobre o nariz e o queixo afilado completava a forma do focinho de uma raposa. Quando Matu visitou a fogueira do clã, e depois que entreteve todos com suas histórias do sul e do Livro, Ferang convidou-o para caçar. Ficaram de se encontrar ao lado da aldeia, nos limites das plantações, com a neblina da manhã.

Matu chegou cedo e avistou Riri entre as frutas pendentes no barranco. Ela estava na ponta dos pés, tentando alcançar as abóboras mais altas, os seios balançando levemente e os mamilos enrijecidos e escuros. O movimento havia repuxado sua tanga de pele macia para a abertura escura entre as pernas, e a silhueta esguia do seu corpo untado com óleo recortava-se contra o escuro do barro. Acenaram um para o outro, a manhã entre eles vibrante com a luz do sol. Ele colheu uma orquídea verde num tronco das cercanias e apressou-se na direção dela para entregar-lhe a flor. Antes de atravessar

o único galho sobre a garganta, experimentou primeiro a madeira com o pé, para ver se não estava comida por cupins. Observando que o galho ainda estava verde, prosseguiu.

Ferang espreitava quando o galho cedeu sob o peso de Matu, e o feiticeiro mergulhou na garganta cujo fundo era constituído de pedras afiadas. Os caçadores escutaram o grito alarmado de Riri e apressaram-se em direção ao local, encontrando Matu inconsciente, com a perna direita dobrada num ângulo impossível. Tinha ficado preso entre duas rochas e quebrara acima do joelho. Transportaram-no para a cabana acomodado numa espécie de maça, e as pontas quebradas foram encaixadas uma na outra.

Matu acordou com febre alta, a perna mergulhada numa onda enorme de dor, latejando fortemente. Mascou um pedaço de raiz-do-sono e sua agonia diminuiu um pouco. Riri chorava em frente à perna inchada, de tal modo que as lágrimas haviam molhado as ataduras de folhas. Ela enxugou o suor da febre no rosto de Matu e alimentou-o com caldo de arroz. Depois coletou e preparou as plantas que ele pediu.

A pasta de folhas que o feiticeiro preparou com a ajuda de Riri foi aplicada às bordas do

ferimento, para evitar a infecção, e as poucas gotas do suco azulado que extraíram das raízes amorteceram completamente a dor. Matu entrou numa espécie de transe por vários dias, enquanto os ossos solidificavam.

Em seu torpor, Matu voltou para a Nuvem dos Remédios. Mala estava lá, a fitá-lo com carinho, os cabelos longos agitados pelo vento.

— Me ajude, mãe — pediu ele.

Mala curvou-se sobre ele e colocou suas mãos frias sobre o ferimento. Quando falou, foi como se sua voz estivesse muito cansada, e tivesse viajado através de uma distância muito grande:

— Agora está aleijado. Nunca mais vai poder caçar como antes. Ele colocou a mão sobre a perna e só sentiu carne morta. A Nuvem escureceu e dissolveu-se em chuva. Jabalwan falou de algum lugar a favor do vento.

— Não existe a liberdade verdadeira em vida. Quanto mais você se debater, mais apertada fica a armadilha. Aonde pensa que vai, afinal?

Matu acordou com a compreensão de que não seria jovem outra vez. Seu corpo quebrara, e ele não correria mais sem precisar de muita força de vontade. Passou semanas deitado na cabana,

cozinhando em seu caldeirão de odores, cheio de remorsos pelo que havia perdido. Estava contente com a dor, e a sentia tecendo novamente o osso em sua perna, latejando piedade e sofrimento. Os dias de febre transformaram-se em longos dias de vigília, contemplando as nuvens e a chuva, relembrando numa angústia silenciosa o amor que o trouxera até onde estava.

A beleza de Riri parecia invencível, machucando terrivelmente seu coração à medida que ela cuidava dele com paciência e bom senso. Ele compreendeu pela triste melodia que havia no toque da pele dela, e nos sorrisos atenciosos, que ela nunca poderia desejá-lo. Com o passar dos dias, conseguiu entender o desejo real de Riri, que não era por nenhum dos caçadores que durante o dia traziam presentes da selva, e tocavam à noite melodias apaixonadas em suas flautas. Era por Ferang, que se havia conservado afastado desde o acidente. Matu percebeu o calor que existia no olhar dela quando via o rosto de raposa de Ferang, que veio em algumas tardes de transe febril. Ela achava que seus gestos de cuidado e de carinho de alguma forma redimiam a culpa que lia nos olhos de Ferang.

Matu sabia de tudo. Quando caíra, Ferang

apresentara ao chefe e aos mais velhos um galho comido por cupins, dizendo que fora aquele o causador do acidente. Apesar de o feiticeiro recordar-se perfeitamente do galho verde, confirmou a história do outro.

— Até um feiticeiro pode ficar descuidado quando ama — dissera Matu sorrindo aos mais velhos, silenciando assim os rumores e dúvidas a respeito do assunto.

Ferang começou a visitar Riri com freqüência, procurando com isso aprender mais a respeito do inimigo que não quisera denunciá-lo.

O feiticeiro fabricou uma espécie de muleta, e praticava sempre, andando de um lado para outro da varanda, a fim de fortalecer os músculos da perna imobilizada. Riri acompanhava-o a todos os lugares, tendo aprendido a respeitá-lo durante a recuperação. No início a ausência de orgulho que ele demonstrava parecia ridícula aos olhos da filha do chefe, especialmente quando ele insistiu em banhar e esfregar a perna com água de ervas e óleos de raízes, em vez de derrotar a doença com o desprezo de um verdadeiro guerreiro. Com o passar do tempo foi obrigada a admitir a eficácia dos métodos empregados: em duas luas a contar do acidente, Matu já andava sem o auxílio de

muleta ou bengala, mancando levemente. Começou a trabalhar nos campos de arroz e na cozinha para exercitar novamente o músculo.

Quando a terceira lua se levantou Matu fez um pedido aos anciãos. Queria que o enviassem para a bifurcação do rio, onde era entregue o tributo mensal dos Fantasma da Arvore. A princípio o chefe relutou, pois, nos dois últimos tributos que haviam recebido, o sal estava sujo, o arroz misturado com sujeira de porcos e as quantidades eram muito pequenas. O chefe achava que a beligerância demonstrada pela tribo inimiga não era tarefa para um homem capaz de fazer serviços de mulheres apenas.

— Mas é exatamente por ser um homem deficiente que estou pedindo para ir — argumentou o feiticeiro, ao pé do caldeirão. — Jamais voltarei a ser ágil como antes. Por que arriscar homens fortes? Se alguém tem de morrer, deixe que seja eu.

Os mais velhos acabaram por convencer-se diante dos argumentos e autorizaram-no a ir até o ponto de encontro, para trazer a jangada de volta rio abaixo para a vila. Ofereceram-lhe um acompanhante, e o feiticeiro escolheu Ferang.

Convencido de que Matu o havia escolhido com o único intuito de matá-lo na selva,

vingando-se de tudo, Ferang preparou-se para a batalha, pintando seu corpo com as cores de guerra. Pregou amuletos ao grande osso atrás do pescoço, e sobre o coração, para afastar golpes malignos, prendeu uma lâmina de bambu, envenenou novamente a ponta de suas setas e afiou as pontas de madeira, além de munir-se de um estoque razoável de pedras pontiagudas.

— Não estamos em missão de guerra, Ferang — disse Matu quando viu o companheiro.
— Se formos atacados, vamos nos esconder.

Insistiu em que Ferang cobrisse sua pintura com pasta marrom-amarelada e verde-folha. Com relutância, o guerreiro obedeceu e cautelosamente acompanhou Matu pelas passagens estreitas da selva fechada, vários passos atrás. Chegou a considerar a possibilidade de matar o feiticeiro pelas costas e deixar seus restos para os crocodilos, porém depois de alguns instantes na floresta obscura percebeu a superioridade do outro naquele ambiente. Arrastando a perna direita, e seguindo a uma velocidade inferior à que Ferang gostaria, o feiticeiro era muito mais silencioso e não deixava nenhum traço de sua passagem. Seus pés invariavelmente encontravam a saliência de alguma raiz, um tufo de musgo, ou até mesmo

um cipó grosso estendido pela trilha, onde podia apoiar o peso do corpo sem molestar o tapete de folhas caídas. Era como se ele fosse o centro preciso da floresta, com os sentidos todos em alerta. Os avisos que dava sobre os animais muito antes que aparecessem e a profundidade do seu olhar em frente ao fogo noturno acabaram por convencer o guerreiro de que realmente se achava diante de um homem que conhecia os espíritos. Esqueceu todos os pensamentos de traição e concentrou-se em sua defesa.

Matu sentiu-se grato pela prontidão do companheiro. Os espíritos o estavam punindo, assim como o Livro afirmava. As semanas de dor o haviam recordado a habilidade da Aranha e sua própria soberba. Não era diferente de nenhum ser vivo. A Nuvem dos Remédios lhe recordara que não existia liberdade exceto na limitação, e por isso se ferira. Amar Riri, Mala, ou as garotas nos campos de arroz era o mesmo que amar a Morte. "Estão querendo nos afogar com sangue", dizia o cântico menstrual das mulheres, quando a Cerimônia do Ferimento era celebrada no quarto minguante. Todos sabiam disso. A rendição da vida à morte, como a rendição dos homens às mulheres e vice-versa, era o destino humano desde o começo dos

tempos. Exceto para aqueles que Deus havia feito muito feios ou loucos demais para amar as mulheres. Ele estava entre esses últimos, e havia escolhido o amor de uma mulher porque lhe era negado. Havia amado a Morte. Sugara seus seios gelados. Desafiara a vontade de Deus quando procurara uma mulher, e seu ferimento era como um aviso de Deus, o sinal de um rompimento entre eles. Havia amado a Morte mesmo depois de ter conhecido a Vida. Mastigava a própria Morte a cada dia que permanecia com os Nômades da Chuva. Só agora tivera a oportunidade de realmente se libertar da tribo, e ele decidira que o primeiro desafio de seu ferimento seria beneficiar os Nômades da Chuva ou morrer tentando.

Dois dias depois, ao final da tarde, os dois chegaram ao local onde a jangada de tributos esperava. Esquilos e pequenos pássaros de asas vermelhas marinham pelos sacos de arroz, e a carne pendurada já havia sido levada pelos animais, o que significava que a jangada não fora perturbada por algum tempo. Matu fez sinal para que Ferang se detivesse.

— Espere um pouco. Primeiro precisamos achar a trilha que os Fantasma da Arvore deixaram.

— Qualquer criança pode ver que somos os únicos por aqui — respondeu o guerreiro, com um gesto impaciente.

— Espere aqui — repetiu Matu, afastando-se silenciosamente ao longo da bifurcação do rio.

Concentrou toda a atenção nos ruídos da selva, esperando ouvir o chamado de Wawa, apesar de saber que o gibão havia se distraído com uma fêmea no cio. Voltou para junto de Ferang.

— Vamos aguardar — anunciou o feiticeiro.

— Mas a tarde já está no fim. Quanto vamos ter de ficar aqui?

— Até de manhã, se for necessário.

— Mas o que estamos esperando, afinal? — protestou Ferang, apontando a jangada carregada. — O tributo está lá. É só ir flutuar a jangada até a curva do rio, e de lá pegamos a corrente antes do anoitecer.

Matu olhou para o rosto do guerreiro e não respondeu. O olhar de Ferang parecia brilhante e irredutível. O feiticeiro chamou por Wawa, e seu assobio imitou com tanta perfeição o pio do capitão-do-mato que os cabelos da nuca de Ferang se encaram. Mas não houve resposta ao chamado.

O guerreiro substituiu seu olhar de

desagrado por um de obstinada determinação. Abandonou a cobertura da vegetação e dirigiu-se pela margem diretamente para o tronco em que estava amarrada a jangada.

— Espere! — ordenou Matu, olhando as costas pintadas do guerreiro que se afastava.

Observou-o por mais alguns instantes, até que desaparecesse entre os juncos. Depois suspirou profundamente e partiu atrás dele.

Passaram por uma touceira de grandes bambus, onde um deslizamento de terra produzira uma grotta rasa, e penetraram na clareira em frente à margem em que estava amarrada a jangada, quando o chamado de Wawa soou atrás de Matu, avisando da presença de homens. Antes que Matu pudesse puxar Ferang para protegê-lo, três guerreiros dos Fantasmas da Árvore, pintados para a guerra, irromperam pela clareira.

A lança de Ferang partiu, trespassando o atacante mais próximo. Matu girou o corpo, e uma flecha longa passou por sobre seu ombro. Aproveitou o movimento e arremessou a ponta aguçada de sua zarabatana ao inimigo que havia atirado, atingindo-o em pleno peito.

Wawa guinchou novamente e o feiticeiro voltou sua atenção para a orla da selva. Dois

Fantasmas da Árvore penetraram na clareira, brandindo lanças com pontas de metal e *parangs*. Seu primeiro impulso foi correr, mas Ferang preparava-se para recebê-los com uma lâmina de bambu em cada mão. Com movimentos rápidos, o feiticeiro enfiou a mão na bolsa à procura da poeira-relâmpago que Jabalwan o ensinara a fazer. Uma lança foi atirada em sua direção, e pareceu um raio de luz metálica ao atravessar a luz do sol. Matu atirou-se ao chão, evitando por um triz a ponta mortífera.

Ferang fincou suas duas lâminas no solo, apanhou a lança e a atirou de volta aos atacantes. Errou o alvo, permitindo que os Fantasmas da Árvore se aproximassem mais. Matu encontrou a pólvora que estava procurando em sua bolsa, contudo percebeu que não teria tempo para acendê-la. Um dos guerreiros já levantava seu *parang* sobre ele. O feiticeiro atirou o pó em seu rosto e rolou para o lado. Ferang estava em combate com o outro atacante, e Matu precisava enfrentar sozinho seu oponente. Sacou a faca de bambu e recuou lentamente à medida que o guerreiro balançava seu *parang*. A perna convalescente tremia com o esforço, e ele caiu de costas ao evitar o ataque seguinte.

Wawa gritou e saltou do meio da vegetação, com os braços levantados e agarrando um pedaço de galho, as presas à mostra. O gibão acabou derrubando o guerreiro sobre Matu, dando-lhe tempo para atacar com a faca de bambu, acertando o ombro esquerdo do inimigo ao mesmo tempo que o galho empunhado por Wawa acertava o quadril. Louco de dor, o Fantasma da Árvore segurou a mão armada do feiticeiro e teria lhe cortado a garganta se o gibão não tivesse segurado o braço com a lâmina.

Ferang ainda media forças com seu inimigo. Vislumbrou a chance para uma estocada, realizou um falso ataque de lado e enfiou a lâmina de frente, atingindo as costelas do adversário. Rasgou para o lado de tal forma que o guerreiro caiu morto no chão.

Matu conseguira ficar de pé, e agora tentava evitar a arma do adversário, que agitava o *parang* sobre ele. A lança de Ferang atingiu o homem nas costas, fazendo com que caísse sobre o feiticeiro com um grito estrangulado. Matu saiu de baixo do inimigo morto, coberto de sangue.

Ferang sorriu aliviado ao perceber que o sangue derramado pertencia ao adversário, e Matu tocou a mão do gibão em sinal de agradecimento. Mas seu sorriso congelou-se ao

perceber a ponta de uma zarabatana saindo da vegetação atrás de Ferang. Deu um grito de aviso e o guerreiro voltou-se. Um dardo partiu do tubo longo e oco e enterrou-se profundamente no ombro de Ferang.

Matu arrancou a lança do corpo do inimigo que quase o havia matado e atirou-a violentamente contra o esconderijo do atacante, produzindo um grito de dor. Correu até a touceira de bambu e viu um guerreiro pregado ao chão na altura dos quadris. O homem tinha uma expressão de profundo desespero e afastou os colares da garganta, suplicando para ser morto. O feiticeiro vibrou um golpe com precisão de caçador e correu em auxílio do companheiro ferido.

Ferang estava dobrado na lama, com a seta na mão e o ombro sangrando. Matu retirou da bolsa uma pequena lâmina de lava vulcânica e abriu com dois cortes o furo da seta. Colocou uma bexiga de peixe com textura borrachosa na boca e sugou o ar, de forma a fazer vácuo no interior, colocando a seguir a abertura no ferimento. Em pouco tempo o sangue jorrou no interior do recipiente.

— Pode deixar, feiticeiro — balbuciou Ferang. — Sinto o veneno em meu coração. Está

frio. Já estou morto.

— Ferang — disse Matu, beliscando o canto dos olhos do guerreiro para que ele permanecesse acordado. — Escute aqui: você não vai morrer. Eu extraí o veneno.

— Já está no coração, posso sentir. É frio.

— Você não vai morrer!

— Minha alma já está partindo — sussurrou com esforço o guerreiro. — Diga que levei três inimigos comigo.

— Você não vai morrer. Vou caçar sua alma — afirmou Matu, apanhando um tufo de folhas para o coração no interior da bolsa. — Fique acordado!

Abriu a boca de Ferang e colocou-lhe os pequenos pedaços de folha na língua. O guerreiro tremeu violentamente, esticou de uma vez as pernas e parou de respirar. Um cheiro de fezes se desprende do corpo.

O feiticeiro bateu no peito de Ferang como se fosse um tambor, a fim de chamar a alma de volta, como havia visto Jabalwan fazer. Depois encolheu as pernas do guerreiro e pressionou-as contra o peito, forçando o ar para fora dos pulmões. Quando voltou a estender o corpo o ar penetrou novamente e a operação foi repetida. Matu continuou seus movimentos enquanto a

tarde se transformava em noite e o cheiro dos corpos atraía raposas e gatos-do-mato. No escuro não era mais possível enxergar o rosto de Ferang, e o caçador de almas tinha de julgar a centelha de vida que ainda habitava o corpo do guerreiro pela maneira como os músculos da caixa torácica respondiam ao movimento. Os braços do feiticeiro logo ficaram como que insensíveis. Ele levantou seu rosto para as estrelas que começavam a aparecer e conduziu o ritual do fôlego roubado pela noite adentro com concentração sobrenatural. Em algum momento da noite, depois que as nuvens cobriram o céu estrelado, e depois que um vento quente espantou os mosquitos e vagalumes, Ferang tossiu e voltou à vida.

— Por que você fez isso? — foi a primeira coisa que disse, assim que conseguiu recuperar o uso da fala.

O ar úmido da noite cheirava a morte, e o peito do guerreiro doía por causa das costelas machucadas, mas ele estava feliz.

— Sabia que fui eu quem provocou o acidente que quebrou sua perna?

— Posso ser um guerreiro meio desajeitado, mas não sou burro! — respondeu Matu.

— Então por que me salvou?

— Por um bom motivo, Ferang. Você tinha razão em me odiar — explicou com simplicidade o feiticeiro, servindo ao outro uma infusão de plantas revigorantes.

— Não entendo — replicou o guerreiro, depois de beber em um só gole o conteúdo do pequeno odre. — Todos na tribo gostam de você. Até Riri. Acho que ela seria sua esposa se você quisesse.

— Talvez... Mas eu também gosto dos Nômades da Chuva. Se não fosse por você, eu seria capaz de ter resolvido ficar com eles para sempre. Mas você me libertou. Quebrou minhas ilusões junto com a perna, Ferang. Devo uma vida a você.

— Então estamos quites.

Matu ajudou o amigo a subir na jangada e empurrou-a flutuando pela água rasa até a corrente que conduzia à aldeia. O guerreiro estava deitado sobre os sacos de arroz, usando o saco de sal para apoiar a cabeça. Ainda estava fraco, mas já em condições de enfrentar a pequena jornada.

— Para onde vai? — perguntou ao feiticeiro de cabelos dourados.

— Para o teto do mundo. Vou dançar seu triunfo sobre os Fantasmas da Árvore bem perto

das nuvens. — Matu acenou em despedida, à medida que a jangada flutuava levada pela corrente.

Ferang acenou de volta e viu o feiticeiro com o braço estendido por sobre a cabeça, os cabelos longos e claros formando uma aura em volta da cabeça, até que a selva se fechou sobre as águas.

A lembrança dos primeiros homens que foi obrigado a matar persistiu, e durante vários anos não se passou nenhum dia sem que Matu visse a imagem dos dois Fantasmas da Árvore que acertara com a lança. O pensamento de que ele também poderia ter morrido naquela tarde não suavizava a expressão de desespero no rosto do guerreiro pedindo para ser morto. A lucidez que transpareceu no pedido havia arrepiado o feiticeiro. *A morte não era um segredo.* Compreenderia essa verdade alguns anos mais tarde, quando a matança estava para começar novamente. *A vida era um segredo.*

Mesmo antes de matar os dois inimigos, Matu percebera que deixar Jabalwan e procurar uma esposa despertaram seu futuro sombrio. O chamado da vida o levava para a Morte, e as mortes dos guerreiros trouxeram-no de volta para a Vida.

Conhecera incontáveis mulheres nos

campos de arroz e não ficara satisfeito. Amara abertamente Riri e fizera papel de bobo. Matara para defender-se e agora estava perturbado. Olhou para as montanhas. As nuvens agrupavam-se ao redor dos picos mais elevados, e cachoeiras brilhavam como fitas prateadas pelas encostas escuras que abrigavam florestas profundas. Jabalwan estava lá e o ajudaria a encontrar novamente a Vida, esquecendo o gosto da Morte. Achava-se pronto agora para a fronteira entre as rochas e o sonho. Tinha então treze anos de idade.

As chuvas se derramavam em ondas silenciosas sobre os vales, e os rios transbordavam, trazendo uma profusão de serpentes que fugiam das águas. Matu conseguiu pele de cobra suficiente para fabricar um chapéu de chuva, cuja aba descia pelas costas. Também abasteceu sua bolsa com presas e fabricou uma tira larga com a pele das víboras afogadas.

Agora entendia por que a convenção dos feiticeiros era realizada na montanha mais alta no final da estação chuvosa. Os caminhos que levavam ao alto espumavam com a água que escorria, e sem aviso pequenas porções de terra se transformavam em avalanches, levando tudo que se encontrava à frente. Nos vales o nevoeiro

envolvia a selva e as encostas, eliminando toda a visão. Somente um feiticeiro seria capaz de encontrar o caminho nessas paragens. Sinais secretos tinham sido desenhados em musgos aderidos às árvores e rochedos, indicando a trilha oculta que abandonava os vales imersos na névoa e levava às regiões brilhantes acima das nuvens.

Naquela noite Matu encolheu-se com Wawa' sob uma saliência rochosa. Mastigaram raízes e carne-seca enquanto a chuva despencava sobre a encosta.

Perto do amanhecer, fogo e um estouro fortíssimo penetraram no reduzido abrigo. Matu levantou-se de um salto, batendo a cabeça na rocha que o protegera da chuva. Rastejou para fora e deparou com Jabalwan completamente nu, o cabelo revoltado pelo vento, com um mosquete levantado em saudação.

— Venha comigo — chamou ele, saltando para um rochedo mais elevado. — Depressa, antes que minhas bolas congelem.

O susto de Matu transformou-se em alegria quando viu o mestre, e seguiu-o sem perda de tempo. Passaram através de um pequeno planalto rochoso mais acima e transpuseram caminhos estreitos sobre abismos. Quando

pararam, o amanhecer brilhava como metal, e o único acesso para cima passava por uma enorme rocha coberta de lianas, cujo formato lembrava o de uma chaminé. Quando chegaram ao topo, encontraram-se sobre uma grande abertura na rocha que conduzia ao interior de uma gruta de onde se evolava vapor, trazendo o aroma de samambaias e salgueiros.

— Entrem, feiticeiro e animal — disse Jabalwan, sua voz solene ao vento morno. — Estamos em Njurat, o platô do céu!

Matu penetrou na caverna cheia de vapor, que provinha de uma série de poças de lama quente. À beira dessas poças cresciam samambaias gigantes, velhos ciprestes e salgueiros, numa confusão tropical de plantas aéreas e orquídeas, onde voavam pequenos pássaros cor-de-rosa.

— Deixe suas roupas aqui — ordenou Jabalwan.

Matu despiu-se e seguiu o mestre por uma trilha entre as poças borbulhantes. Alguns homens tinham lama sobre o corpo, outros sentavam-se nus à margem. Silhuetas escuras e brilhantes cobertas de barro negro tinham rostos impenetráveis como o das serpentes, movendo-se na luz difusa e contemplando as árvores que se

curvavam sobre eles.

— São feiticeiros de muitas terras — explicou o mestre. — Não vão enxergar você até que encontre o dragão.

Jabalwan caminhava à frente, sua silhueta vigorosa parecendo flutuar na névoa, e Matu sentiu-se contente por estar com ele novamente. Gostaria de expressar sua alegria e de dizer que não deveria tê-lo deixado, porém cada frase em que pensava soava falsa na hora de falar. Finalmente a curiosidade venceu, e ele perguntou:

— Que dragão é esse que vamos encontrar?

— O dragão é a terra — respondeu Jabalwan, descendo por uma fissura na rocha, coberta de líquens e trepadeiras. A superfície de pedra gotejava água limpa pelas raízes aéreas e pequenas flores brancas. — As poças de vapor são sua respiração subindo pelas pedras. Quando ele sonha, sua alma viaja através do céu na forma de poder nas nuvens. É por isso que a espreita das nuvens mostra os sonhos do mundo.

No fundo da fissura havia uma abertura negra, apenas o suficiente para que um homem rastejasse para o interior. Ao lado da entrada, quase invisível entre as raízes retorcidas de um

carvalho, estava gravado o símbolo dos feiticeiros que significava *goela*.

— Você mudou bastante neste ano em que ficamos separados — comentou Jabalwan, fazendo sinal para que Matu sentasse numa pedra em frente a ele.

Observou que o rapaz estava mais alto e musculoso, com os ombros mais largos e o cabelo cortado à moda da tribo. Demonstrou curiosidade a respeito da grande cicatriz na coxa de Matu, que lhe narrou a história de seu amor por Riri e o ciúme de Ferang.

— Então você mudou de fato, jovem feiticeiro. Quando nos encontramos pela última vez, o mundo todo era uma mulher para você. Agora que já passou o suficiente, sabe que, para um homem, uma mulher significa morte. É pena que tivesse de se ferir para aprender isso.

— Só a dor poderia ter me libertado, mestre. Dor é a única resposta para o amor.

— Agora precisa encontrar o dragão e reunir-se aos outros feiticeiros. Está pronto? — Jabalwan estendeu a mão e ofereceu um pequeno pão redondo a Matu. — Coma isso.

O jovem feiticeiro reconheceu pedaços de cogumelos e o tom azulado do fungo chamado *olho-forte*, que vira Jabalwan oferecer a pessoas

muito doentes que iam morrer. Mas não desejava comer o pãozinho, assim como recusara o narcótico quando fora circuncidado. A lembrança terrível da visão da Aranha ainda estava fortemente gravada em sua mente. Largou o pão no chão, para o lado que Jabalwan não podia ver. Curvou-se para apanhá-lo, como quem estivesse surpreso com a própria falta de jeito, e enfiou o pãozinho redondo e chato numa fresta da raiz do carvalho. Ali mesmo pegou um pedaço de musgo, que levou à boca e mastigou, voltado para o feiticeiro.

— Agora vamos rastejar para o interior do ventre da mãe — anunciou Jabalwan. — Venha logo, antes que o efeito do *olho-forte* comece.

Jabalwan deitou de costas e deslizou para o interior da abertura com o rosto voltado para cima. Matu foi atrás, rastejando sobre a barriga, contente por ter evitado o pão de cogumelos. As paredes apertadas de pedra eram cada vez mais estreitas, e ele ficou arranhado, sendo por algumas vezes obrigado a esvaziar os pulmões a fim de poder avançar. Esfolou a nuca e o crânio em determinado ponto, e teve de virar a cabeça de lado, a bochecha sangrando, para espremer-se com todas as forças. Subitamente, a passagem se alargou e Matu pôde colocar-se de pé,

sentindo a brisa na escuridão. Uma faísca luziu, e uma chama bruxuleante brotou da vela de resina na mão de Jabalwan.

O caçador de almas olhou para as pupilas do rapaz a fim de verificar se o pão de cogumelos fazia seu efeito. Matu perguntou onde estavam, mas o mestre limitou-se a fazer um sinal pedindo silêncio. Cada pequeno ruído, cada suspiro ou movimento dos pés no chão rochoso eram ampliados em ecos. Quando Jabalwan levantou a chama da vela acima da cabeça, a luz suave revelou um salão enorme, repleto de morcegos.

Desceram a inclinação suave de uma grande formação rochosa em forma de cogumelo, cuja superfície era lisa e fosca, e se aprofundaram num calor que cheirava a incenso, profecia e tochas. Um túnel escuro continuava o caminho para baixo. Jabalwan parou à entrada, apanhando uma tocha num nicho oculto na parede e acendendo-a com a vela. Imediatamente a escuridão se foi e as paredes do túnel brilharam com inscrições antigas em mica.

— O que significam? — perguntou Matu, maravilhado com os hieróglifos brilhantes.

— Ninguém lembra mais. Os primeiros feiticeiros escavaram este túnel muitas eras atrás. Agora fique em silêncio. Esta é a câmara

do dragão! — Jabalwan fez um gesto indicando a dianteira. — Vã encontrar o dragão da terra.

Agradecido por ter a mente clara, Matu avançou pelo túnel, com o mestre um passo atrás. Depois de algum tempo desembocaram num salão menor do que o primeiro, que apresentava várias formas confusas. Uma pedra com o formato de uma cuia projetava-se à meia altura. Jabalwan adiantou-se e tocou a pedra com a tocha, inflamando o óleo ali contido.

Uma chama azul brotou do nicho e iluminou a face gigante da morte. Matu recuou perplexo, diante de uma cabeça enorme e de aparência feroz. Os braços de Jabalwan ampararam-no, enquanto ele reprimia um grito. Era um crânio descomunal e maligno, maior do que três homens. As órbitas eram grandes buracos que fitavam o vazio, e o crânio estava preso a uma saliência de lava petrificada pelo que pareciam vértebras arrebitadas. Ao pé desta formação notavam-se três contornos arredondados agrupados, do tamanho de colméias de abelha. Eram ovos de cor acinzentada, cujas cascas estavam quebradas. No interior podiam-se ver os ossos petrificados de lagartos antediluvianos, retorcidos na posição fetal, imobilizados para sempre pela lava

derretida. Matu se recompôs e aproximou-se do ninho do dragão.

Sua primeira impressão foi de que tudo aquilo mostrava algum tipo de ídolo, esculpido pelos primeiros feiticeiros. Examinando com cuidado, porém, percebeu que os esqueletos tinham uma aparência muito predadora para terem sido construídos por seres humanos.

— O que é? — perguntou por fim.

— O dragão da terra. A mãe da vida. Esta é a sua cabeça verdadeira, descoberta pelos primeiros feiticeiros. Esta é a sua ninhada, nascida no momento da morte. Você está agora no centro do mundo.

Jabalwan ajudou Matu a sentar-se perto dos ovos com os esqueletos não nascidos. Sobre ele pairava ameaçadora a caveira, como se pretendesse defender ou devorar a própria ninhada.

Jabalwan deixou-o sozinho e logo uma música começou em algum lugar do salão, o som de flautas e trompas ecoando como se viesse de todos os lugares ao mesmo tempo. Se tivesse comido o pão de cogumelos, estaria agora às portas da Nuvem dos Remédios, porém em vez disso os grandes ossos a sua frente pareciam trancados em seu próprio destino, trazidos

novamente à vida pela luz inconstante do fogo. Olhando além, nos limites da penumbra, Matu divisou um caminho que penetrava mais fundo na montanha. Decidindo-se a explorá-lo, acendeu uma tocha no óleo que queimava e dirigiu-se para a passagem.

O corredor era alto o suficiente para que Matu andasse curvado. Ramificações laterais conduziam a uma catacumba de cabeças, uma sala cerimonial que guardava as "lágrimas da montanha" que os caras-de-macaco desejavam tanto, e um portal com o símbolo da serpente, que o fez parar. O *olho-forte* o impediria de perceber tudo aquilo, e não tinha certeza se lhe era permitido cruzar o símbolo-tabu da serpente. Mas a relutância desapareceu à medida que escutava os sons que os feiticeiros produziam, simbolizando ruídos do outro mundo. Em sua liberdade achou quase ingênua a tentativa deles e descartou a idéia de voltar. Retomou o caminho e ultrapassou o sinal da serpente, entrando na alcova proibida.

Duas cabeças estavam montadas lado a lado num pedestal na parede oposta. Uma era a cabeça encolhida de Pieter Gefjon, envolta em sua barba loira. A outra era ainda menor. Os cabelos negros e as feições eram as de Mala, sua

mãe.

Matu soltou um uivo gutural e saiu correndo da alcova, incapaz de suportar a visão dos olhos costurados de Mala. De volta à câmara do dragão, caiu de joelhos respirando pesadamente, o coração misturando dor, medo e raiva. Ficou assim por um tempo que lhe pareceu muito longo. Quando olhou novamente para cima viu Jabalwan com a tocha em frente a ele, a cabeça de Gefjon na mão, segura pelos cabelos.

— Você zombou do dragão da terra. — O feiticeiro parecia profundamente magoado. — Zombou de mim.

Matu levantou a cabeça e fitou o mestre como se não o visse.

— Por que fez isso? — perguntou Jabalwan.

— Sou Matubrem-brem.

— Não me venha com essa história. Você desperdiçou sua visão. Se tivesse comido o *olhofone*, teria falado com o dragão da terra. Ele teria lhe dito o que fazer com a visão da Aranha.

— Desculpe, mestre. — O choque de ter encontrado Mala ainda abalava Matu, que permaneceu em silêncio a escutar os pingos que ecoavam pela caverna, procurando o que dizer. — Não tive intenção de zombar...

— Tome — disse Jabalwan, passando a

cabeça às mãos do rapaz. — Prometi a sua mãe que a devolveria quando tivesse terminado a iniciação. Agora é sua. Você não é um verdadeiro membro da tribo, e não é um verdadeiro feiticeiro. Sua iniciação terminou, e agora é dono do próprio destino — finalizou o caçador de almas, voltando as costas e partindo.

Matu agarrou a cabeça firmemente e foi atrás do mestre, saindo da câmara do dragão e subindo pelo corredor por onde tinham vindo. Respirou profundamente, preparando-se para rastejar de novo através da garganta de pedra, porém Jabalwan tomou uma passagem lateral e dentro em pouco chegavam a uma fresta estreita que conduzia ao exterior. Do lado de fora, sob a luz cegante do sol, uma trilha descia pela encosta, levando à floresta imersa na neblina.

— Chame seu animal. Não podemos mais ficar em Njurat depois que você zombou do dragão.

Matu assobiou para Wawa e o gibão apareceu sobre o paredão rochoso envolto em folhas de samambaia, com um pedaço de melão cor-de-rosa na mão, protestando ruidosamente por ter de deixar aquele paraíso.

Naquela noite Jabalwan e Matu acamparam numa plataforma nas montanhas, sob um céu

coberto de estrelas sem a presença da lua. O feiticeiro mais velho não havia pronunciado nenhuma palavra desde a partida de Njurit. Matu pensou a princípio que ele estivesse zangado, mas depois percebeu que estava triste.

Jabalwan não havia sentido pesar quando o rapaz resolvera abandonar seu aprendizado e viver com os Nômades da Chuva. Mas agora que Matu havia abandonado seu lugar entre os feiticeiros, temia por ele. Quando sua voz soou, surpreendeu o rapaz com o profundo tom de tristeza.

— Você é um feiticeiro em seu espírito. Por que age como se nunca tivesse oferecido a mão para a Aranha?

— Não consigo acreditar como você, mestre. Sou o filho de um cara-de-macaco!

Jabalwan agarrou o braço do rapaz.

— Você é Matubrem-brem, o último dos feiticeiros. Não precisava zombar de nós.

— Mesmo assim zombei.

— E por causa disso desistiu de uma vida entre os outros. Agora não tem nenhum lugar no mundo a não ser o que você mesmo fizer. Ninguém vai andar ao seu lado, agora que deixou os Nômades da Chuva e a irmandade dos feiticeiros.

— E você, mestre? Vai andar comigo?

— Deu o seu prepúcio aos Nômades da Chuva, mas não quis ocupar seu lugar entre eles. Arriscou a vida para chegar ao Njurat, e fez pouco dos feiticeiros que o receberam. Não percebe, Matu? — O olhar de Jabalwan refletia o brilho frio das estrelas. — Perde um pouco a cada insinceridade.

— Sou sincero comigo mesmo.

— E está só, agora.

— Sempre estive só, a não ser por Mala... e você. Vai caminhar a meu lado, mestre?

— Não vou caminhar a seu lado. Entrarei sozinho na floresta. — Jabalwan olhou para Matu. — Mas, se eu encontrá-lo lá em sinceridade, então caminharemos juntos com o animal que anda dentro de nós.

No dia seguinte Matu seguiu Jabalwan como se nada tivesse acontecido para separá-los, e o homem-cobra ficou contente porque o rapaz queria andar com ele mesmo após a desgraça em Njurat. O menino-demônio era como um filho para ele, e estava determinado a ensiná-lo a sobreviver sem a irmandade dos feiticeiros e sem a proteção da tribo.

Conduziu Matu para o oeste, através dos vales montanhosos, dividindo espaço com

pequenas florestas de árvores pequenas, cactos e árvores petrificadas, cuja cor era a mesma das rochas. Mas não havia trazido o rapaz para mostrar-lhe as maravilhas da região, e sim conhecer os caminhos mágicos nessas plataformas repletas de labirintos. Vista dos picos, a terra parecia confusa, um verdadeiro emaranhado de gargantas e ravinas, desfiladeiros, colinas e vales imensos. Só era possível viajar com rapidez pelas trilhas elevadas que os feiticeiros estavam percorrendo.

Nas mais altas escarpas, Jabalwan falou sobre o punho do espírito:

— Não há nada de sobrenatural no punho do espírito — disse balançando perigosamente na borda de um rochedo, olhando para o precipício abaixo. — Existe um vento no corpo, e não são só peidos, por isso pode parar com o risinho. O vento é uma energia que se move no interior de nossos ossos. Os primeiros feiticeiros o chamaram de espírito do vento. É isso que cicatriza nossos ferimentos e faz o cabelo crescer. Se o corpo se fecha numa luta, o espírito do vento se transforma em punho do espírito. Todas as lutas são uma disputa com a gravidade, seja para subir uma montanha ou matar um homem. O equilíbrio é que define o resultado. Você

precisa aprender a cerrar o punho do espírito do vento.

Quando Matu tentou passar pelos caminhos que Jabalwan cruzava com tanta facilidade, escorregou e caiu. Não fosse pela corda amarrada a sua cintura e à de seu mestre, teria se despedaçado nos rochedos muito abaixo deles. Algumas vezes Jabalwan deixava o rapaz pendurado pela corda balançando no ar o dia inteiro, a contemplar os mistérios do espírito do vento. O caçador de almas tinha grandes esperanças em seu pupilo, cujos reflexos eram surpreendentemente rápidos, como já havia testemunhado no episódio da Aranha e nas caçadas. Estava contente porque Matu tinha abandonado sua fascinação por Deus e pelas histórias dos heróis de Deus, e agora podiam concentrar-se na habilidade, que era o único poder verdadeiro para os feiticeiros.

— A sabedoria é tão útil como um fantasma — ensinou ele ao rapaz. — A menos que encontre o seu caminho para os músculos, e se transforme em habilidade.

A viagem de aprendizado pelas alturas demorou três anos, e teria continuado ainda se os tambores não tivessem dado notícias sinistras sobre os Fantasmas da Árvore, cujos ataques

eram cada vez mais sangrentos. As tribos que habitavam os vales vizinhos aos Nômades da Chuva não haviam pago seus tributos, e em represália tiveram suas cabanas completamente destruídas. Jabalwan estava convencido de que os Nômades da Chuva seriam os próximos. Ele e Matu apressaram-se pelos caminhos das alturas até ficarem sobre o acampamento da tribo. Puderam avistar das montanhas um rio não muito distante, onde uma flotilha de canoas se aproximava da margem. Do outro lado estava o vale dos Nômades da Chuva.

Haviam erigido o novo acampamento na clareira em que fora construída a cabana de Mala. Matu desceu a encosta como se estivesse flutuando sobre as pernas, deslizando pelos campos floridos que conhecera tão bem na infância, até penetrar na floresta escura do vale. O odor de jasmim pairava no ar. Latidos de cachorros chegaram até eles, além de sons humanos nos arrozais e o burburinho das crianças nos caminhos da mata, que continuavam exatamente como ele se lembrava. Parou por um momento em frente ao carvalho sob o qual haviam enterrado o macaco, e viu através das palmeiras uma cabana grande, construída sobre palafitas ao lado do riacho

banhado pelo sol.

— Batuh mandou os guerreiros para destruir esse acampamento porque você e eu somos Nômades da Chuva — declarou Jabalwan, retirando seu cocar da bolsa de remédios e ajustando-o sobre a cabeça. As cores de plumagem dos pássaros recém-caçados na montanha eram vibrantes. — A tribo veio para cá porque foi neste vale que você nasceu. Quando se tornou Nômade da Chuva, este vale também tornou-se deles. Vê o pedaço que falta nesta raiz? Batuh não está atacando só a tribo, mas toda a Vida. Percebe isso?

Matu percebia.

— Destruindo a tribo de um feiticeiro ele destrói o espírito de todas as tribos. Ninguém mais vai resistir a Batuh. Ele quer usurpar a autoridade dos ancestrais — completou Jabalwan, balançando a cabeça. — Um guerreiro, um homem da morte quer reclamar a vida... Como se pudesse viver para sempre, mesmo na semente. O povo será escravo dos patrões de Batuh.

— É... já vi isso — comentou Matu com tristeza.

— Eu também. E nós não vamos conseguir impedir. Essa é a idade do Demônio, quando a

Vida vai se encolher até uma semente infinitesimal, talvez alguma coisa não humana... — Jabalwan cerrou os olhos com força, para evitar as lágrimas da derrota certa. As tatuagens com o olho da serpente tremeram por um momento, depois as pálpebras se abriram, mostrando um olhar novamente resoluto. — A morte não é um segredo. Sabemos o que precisamos fazer, agora. Lutamos pela Vida. Não podemos perder!

As palavras do mestre penetraram em Matu como dardos. Jabalwan tocou a ponta da zarabatana no rapaz, e ele sentiu algo parecido como uma descarga elétrica a percorrer seu corpo. Então soube com certeza: naquele dia haveria morte. O terror dessa certeza transformou-se em imagens de homens gritando, armas cortando os ares, sangue jorrando e outras eternidades da guerra. A morte não era secreta. Lutariam como os homens vinham fazendo desde o começo dos tempos.

Penetraram na clareira e o chefe veio na direção deles para recebê-los. Os batedores já haviam avistado os combatentes inimigos rio acima, e os guerreiros estavam se preparando para o primeiro embate, reunidos às margens do riacho.

Entre as mulheres que estavam na varanda, Matu avistou Riri. Uma criança agarrava suas vestes e um bebê sugava um dos seios. Uma associação estranha com a própria infância fez com que se sentisse mais leve. Riri percebeu seu olhar e sorriu. Matu agitou sua lança em saudação.

— Minha filha é esposa de Ferang — disse o chefe.

O feiticeiro sorriu com o pensamento de que, se tivesse ficado, talvez ela tivesse sido sua. Com ou sem ela, tinha chegado ao mesmo momento, no mesmo lugar. Hoje ela iria vê-lo morrer ou matar.

Ferang estava no riacho, completamente pintado para a guerra, como os outros, e suas mãos se moviam com familiaridade sobre as armas, como se pudesse sentir os ferimentos que elas continham. Quando viu Matu, levantou e veio correndo encontrá-lo. Jabalwan adiantou-se para tentar bloquear o ataque, mas o aprendiz deu um passo para o lado e amparou o corpo do guerreiro com os braços abertos, num abraço de contentamento. Ferang recuou e soltou um grito de guerra.

— Agora os Fantasmas da Árvore vão enfrentar não só os Nômades da Chuva, mas

também os poderes dos espíritos — gritou ele para os outros, entusiasmado. — Não podemos perder!

O som da mesma frase que o mestre havia usado com um significado muito mais amplo provocou um sorriso em Matu. Trocou um olhar com Jabalwan.

— Você ficou bem mais forte — observou Ferang, com as mãos nos ombros largos do amigo, aumentados por três anos de escaladas.

— E você ficou bem mais respeitável. Vi Riri e suas crianças.

— E também não preparo mais armadilhas para quebrar os ossos do meu próprio povo. Não podemos nos dar ao luxo de perder nenhum guerreiro agora. Não há mais lugares aonde possamos ir.

— Em três dias, o inimigo terá atravessado as armadilhas e os poços com farpas que colocamos no caminho, e irão passar pelo passo da montanha — disse o chefe. — Precisamos ir e encontrá-los. Eles não devem ver este vale.

Jabalwan ofereceu sua estratégia: usando as trilhas das montanhas, poderiam atravessar em algumas horas a cordilheira e cairiam sobre o inimigo naquela mesma tarde, quando menos esperavam. O plano foi imediatamente aprovado

e a expedição guerreira partiu pelo vale, seguindo os feiticeiros. O solo logo tornou-se rochoso e o vento frio das alturas soprou sobre os guerreiros que marcharam com bravura, o clangor das armas ecoando nas trilhas pedregosas. Quando chegaram ao cume, puderam enxergar o inimigo.

Os Fantasmas da Arvore pareciam formigas coloridas, com sua pintura de guerra, avançando ao longo do leito de um riacho em direção aos rochedos que protegem a entrada do vale. Jabalwan apontou uma clareira junto a um pequeno lago onde os guerreiros inimigos chegariam em breve.

— Dentro em pouco, o inimigo vai atingir aquele campo. Estaremos esperando entre as árvores, divididos em dois grupos — instruiu. — Um vai defender a passagem, e outro vai cortar a retirada.

A expedição de guerra desceu por entre os penedos pontiagudos, numa trajetória quase vertical pela encosta. Uma vez atingida a selva novamente, os guerreiros passaram a mover-se em silêncio, aliviados por estarem novamente protegidos, sob a cobertura familiar de vegetação entre o chilrear dos pássaros. Um rumor entre as árvores provocou na mesma hora a formação de um círculo de defensores com as lanças

agitando-se na direção do barulho.

Jabalwan riu e chamou Papan, para que ela se mostrasse. A vegetação se abriu e a urso do tamanho de um homem aproximou-se e abaixou a cabeça negra para que o feiticeiro cocasse suas orelhas.

— Venho chamando você há dias — disse ele ao animal. — Onde estava?

— Papan é o animal que está em seu destino — disse Matu. — Ela sabia onde encontrá-lo.

As pedras no leito quase seco do riacho brilhavam como ossos entre a vegetação verde. Jabalwan enviou Papan pela parte mais densa da mata e fez um sinal para que Ferang e Matu posicionassem seus homens nas árvores à orla da clareira. O chefe e o feiticeiro levaram seus guerreiros em direção à cabeceira do riacho seco.

O bando de Fantasmas da Árvore penetrou na clareira de pedras esbranquiçadas com as lanças e mosquetes nos ombros. No momento em que os líderes penetravam numa trilha que os conduziria de volta à floresta, Papan rosnou com raiva e as setas das zarabatanas voaram pelos ares. Os uivos dos homens atingidos ecoou pelos ares, e o restante do bando mergulhou sob a proteção ilusória dos arbustos, apenas para

serem trucidados pelos Nômades da Chuva que esperavam escondidos. Aqueles que bateram em retirada encontraram a morte nas setas atiradas pelos guerreiros ocultos mais à frente, que acompanhavam Jabalwan e o chefe. Todos os Nômades da Chuva saíram de seus esconderijos e começaram a matar os feridos e a cortar cabeças.

Na confusão dos gritos de vitória, ninguém escutou os guinchos de Wawa, que freneticamente avisava que outros homens vinham subindo o riacho. Matu havia se colocado no alto de uma árvore, para localizar Jabalwan e ouvir novas ordens. Separado dos guerreiros entregues a um verdadeiro frenesi de matar, o feiticeiro ignorava os pedidos do chefe para que se juntasse a eles na captura de cabeças. Olhava para a encosta da montanha, procurando um caminho de volta, quando viu novos guerreiros inimigos avançando pelo leito do riacho. Compreendeu imediatamente que os homens que haviam matado eram batedores, enviados para disparar qualquer possível armadilha. O exército que os atacava agora era muitas vezes maior, os corpos pintados de verde com a tinta da selva que os tornara invisíveis do alto da cordilheira.

Jabalwan gritou um alerta, mas era muito

tarde. Os paus-de-fogo do inimigo estavam carregados e as mechas, acesas. A descarga ensurdecedora ecoou como o trovão, derrubando o chefe e os guerreiros ao seu redor. Um tiro arrancou um pedaço da rocha entre os pés do feiticeiro, e ele atirou a lança no inimigo que vinha à frente, acertando-o no peito e expondo logo atrás a figura enraivecida de Batuh. O chefe dos Fantasmas da Árvore soltou um grito de alegria ao enxergar Jabalwan de pé no meio dos cadáveres dos companheiros, com uma faca de bambu na mão. O feiticeiro deu um passo para trás e parou, sentindo a importância do momento. Sustentou o olhar de Batuh e com a mão livre retirou seu osso do cocar e apontou-o para o chefe inimigo, lançando nele sua maldição. Batuh sorriu, apontou seu mosquete para o coração do caçador de almas e apertou o gatilho.

Matu viu Jabalwan ser atirado subitamente para trás pelo impacto do projétil e desceu da árvore. No solo, foi agarrado por Ferang.

— Não, Matu. Ele está morto. Precisamos de você para nos mostrar o caminho de volta às cabanas, para salvar as mulheres e crianças.

A vegetação ao lado do corpo de Jabalwan se abriu e Papan mergulhou na clareira em

postura de ataque, a saliva escorrendo das presas, os maxilares abrindo e fechando, as patas desferindo golpes no meio dos guerreiros, lançando sangue e entranhas pelo ar. Batuh gritou e caiu, enquanto a fumaça do fogo dos mosquetes espalhou-se em volta. A urso continuou a avançar, atingida em vários pontos, enlouquecida de dor e de raiva, e caiu quase aos pés do chefe dos Fantasmas da Árvore, finalmente vencida com o corpo trespassado por muitas lanças. Muitas lâminas de metal brilharam, e a cabeça de Papan foi levantada no ar como se fosse um barril.

Com o cérebro fervilhando e o coração apertado, Matu liderou os guerreiros de volta pela subida da montanha. Ferang conservou a mão em seu ombro até atingirem a parte mais alta do caminho. Os únicos Nômades da Chuva que tinham restado eram a expedição, Ferang e o feiticeiro. Esgueiravam-se por entre as mirradas árvores na montanha, tremendo de frio e de pesar.

— Não temos nem doze homens, entre os que sobraram — disse Ferang, examinando a floresta à procura de sinais que denunciassem movimento. — Os melhores guerreiros foram mortos ao lado do chefe. Precisamos voltar já

para o acampamento e levar as mulheres e crianças para um lugar seguro. Você nos mostra os caminhos do alto para o oeste, e faremos novo acampamento, mais longe dos Fantasma da Arvore.

— Não. — As lágrimas escorriam dos olhos de Matu, manchando sua pintura de guerra, vermelha e branca. Estava totalmente abatido pela tristeza, e tinha o corpo sacudido por soluços. Cerrou as pálpebras com força e finalmente conseguiu se controlar. — Você vai voltar e conduzir as mulheres e as crianças pela floresta atrás da cabana. De lá podem subir pela montanha sem muita dificuldade. Vão conseguir encontrar o caminho para um novo vale sem a minha ajuda.

— E você?

— Vou atrás do meu mestre. Segui-o quase sempre, e, quando não o fiz, nada deu certo. Não o deixarei agora e muitos Fantasma da Arvore irão comigo. Gostaria de ter alguns estilingues. — Ele escolheu três entre os doze que lhe foram oferecidos. — Não abandonem o vale até que suas cabanas queimem. Então saberão que estou morto.

Ferang não tentou impedi-lo quando Matu levantou-se e desceu a encosta, penetrando

novamente na floresta.

Os Fantasmas da Árvore acamparam no local da batalha para passar a noite. O fogo crepitava no centro do leito seco do riacho, e em volta dele os guerreiros fizeram um círculo com as cabeças dos Nômades da Chuva nos limites da zona iluminada, cada uma espetada na ponta de uma lança. Agora sentavam-se ao lado da fogueira mascando nozes de bétel, cantando ou afiando as armas. Duas lanças cruzadas suportavam a grande cabeça de Papan, e abaixo dela estava Batuh. Observava as chamas, vendo o futuro formar-se na escuridão circundante. Seu destino fora cumprido: o único homem que temia morreria. Agora, nenhuma tribo ousaria desafiá-lo. Tornara-se mais do que um líder. Agora era um chefe espiritual, um matador de feiticeiros.

O corpo de Jabalwan estendia-se no chão ao pé da fogueira, um buraco no peito onde fora atingido pelo projétil. O sangue fora drenado das veias antes que tivesse coagulado, e todos os homens haviam bebido dele para se tornarem guerreiros espirituais. De manhã o cadáver seria carregado rio abaixo até as Cabanas Grandes, onde seria encerrado numa caixa com sal e exposto no campo de batalha para todas as aldeias que ousassem pegar em armas contra os

Fantasmas da Arvore.

Um som estranho brotou da selva, um canto desconhecido e intencional, e Batuh levantou a cabeça para escutar melhor. Muitos homens se levantaram apreensivos, fitando a escuridão. Quando o lamento soou novamente, os guerreiros se entreolharam. O som não poderia ser produzido por uma garganta humana, e nenhum animal conhecido gritava assim. Raios brotaram sobre a floresta, e todos ficaram esperando pelo som dos trovões, que não vieram. A proximidade do uivo seguinte fez com que todos da tribo se pusessem de pé. Batuh agarrou sua espada espanhola e girou-a belicosamente no alto, derrubando inadvertidamente a cabeça de Papan. Caindo ao chão com um ruído cavo e girando loucamente, imobilizou-se numa posição que parecia olhar diretamente para Batuh, como se fosse guiada pelo espírito do feiticeiro morto.

Apanhando um mosquete carregado, Batuh gritou para a noite:

— É um truque dos Nômades da Chuva.

Mas nenhum dos homens acreditou nele, desde que ninguém, nem mesmo os Nômades da Chuva, se movia na selva durante a noite. Batuh viu o desafio a sua coragem nos olhares dos

guerreiros e empurrou-os para o lado com um movimento da espada. Com a coronha do mosquete apoiada nos quadris, avançou pelo leito do rio em direção ao local de onde presumivelmente havia partido o último som. Da margem soou novamente o grito sobrenatural, e o chefe teve um sobressalto, atirando em seguida na escuridão. O clarão do disparo iluminou as ramagens e o emaranhado de galhos assumiu um aspecto fantasmagórico e assustador.

Pintado de preto dos pés à cabeça, Matu observava escondido na escuridão da selva. A sua frente estavam três estilingues fixos a um galho, dois deles providos com pedras de pó-relâmpago envoltas em um tufo de líquens embebido em petróleo. A terceira continha um dardo venenoso com um seixo de contrapeso, destinada a Batuh se os outros projéteis falhassem. Assim que o tiro de mosquete ecoou, o feiticeiro disparou o primeiro estilingue em direção à fogueira do acampamento, e errou. A segunda pedra de pólvora partiu logo após na escuridão, e foi iluminada pelas chamas da fogueira, um pouco antes de atingi-la. Um silvo agudo soou quando labaredas azuis brotaram chamando a atenção dos guerreiros. A explosão do fogo espalhou brasas e fagulhas por toda a

clareira, como vagalumes avermelhados dançando loucamente na orla da floresta escura. Quando as trevas voltaram, Matu avançou com elas.

Os Fantasma da Arvore haviam fugido da explosão, e estavam reunidos num círculo apertado no centro do leito seco do riacho, agitando as armas em direção à selva, onde Wawa se movia gritando as canções dos mortos que Jabalwan lhe havia ensinado. Sem perda de tempo, Matu avançou até o local da fogueira, colocou o corpo do mestre sobre os ombros e desapareceu na mata.

Estava convencido de que os Fantasma da Árvore não ousariam persegui-lo quando descobrissem que o corpo do feiticeiro tinha desaparecido. Nessa noite dormiu com Jabalwan em seus braços, cheio de tristeza porém consolado com a sensação de tê-lo consigo, embora já o tivesse perdido.

Na manhã seguinte, chegaram reforços ao acampamento dos Fantasma da Arvore com grande estardalhaço. Eram, na maioria, de outras tribos que tinham vindo apoiar Batuh, na esperança de ganhar autoridade e prestígio nas próprias aldeias. A história do desaparecimento do cadáver do feiticeiro parecia fantástica à luz

do dia, cercados por tantas cabeças inimigas, incluindo a do chefe, e os novos combatentes ansiavam por participar desse ataque épico aos primitivos e misteriosos Nômades da Chuva.

Matu separou o corpo da cabeça de Jabalwan, enrolando-a em folhas largas com tufos de líquens. Levou o corpo para o rio, deixando que flutuasse com a correnteza, acompanhando-o por alguma distância rio abaixo até um local longe o suficiente para que pudesse queimá-lo sem despertar a atenção do exército inimigo. Não haveria uma jangada mortuária para seu mestre, porque ele ainda não havia morrido. O homem-cobra apenas mudara, e a pira funerária seria seu portal de entrada para a lenda. Enquanto juntava troncos secos Matu não entoava os cânticos dos mortos, pois queria conservar a alma do feiticeiro junto a ele. Em silêncio, arrumou o cadáver decapitado sobre a fogueira, e, quando as labaredas subiram, voltou-se e partiu.

No caminho para os vales elevados, o jovem caçador de almas recolheu as plantas necessárias para preparar a mistura que amolecia os ossos. Confeccionou depois um recipiente impermeável com casca de árvore e guta-percha, ferveu a mistura e mergulhou nela

a cabeça do mestre.

Amarrando o saco borrachoso e pendurando-o na ponta da zarabatana, como uma trouxa, Matu partiu em busca do vale que conhecera tão bem em sua infância. Por três dias perambulou pelos caminhos da montanha acima do seu destino, emitindo nas clareiras o chamado de Emang e procurando na espreita das nuvens o poder que Jabalwan havia chamado de espírito do vento. Sentiu o vento carregado com as fragrâncias frescas da selva e os odores dos caldeirões dos Nômades da Chuva, preparando comida no acampamento improvisado na floresta. Mesmo distante como estava, podia sentir o pesar da tribo. Mas não conseguiu aprisionar o espírito do vento, sobre o qual seu mestre falara.

Uma noite ele sonhou com a Nuvem dos Remédios e a brandura invadiu seu sono, devorando todas as outras imagens. Ao aproximar-se

a aurora, a nuvem se foi e Matu viu Jabalwan a sua frente, o corpo envolto numa espécie de luz líquida.

— A Vida é um segredo — disse o mestre. — Espaços enormes tocam a tudo, e cada passo nos leva a transpor grandes distâncias. Nunca

podemos ficar onde estamos. Só a morte é conhecida. Adeus feiticeiro! — Jabalwan sorriu. — A propósito, quando terminar com a minha cabeça pode deixar na floresta, para servir de alimento aos pequenos animais.

Wawa acordou-o, penetrando na saliência de pedra com notícias de que Emang se encontrava no vale. Enquanto o gibão matraqueava, Matu olhou para a aldeia lá embaixo, onde começou a soar o gongo de alarme. Os Nômades da Chuva atravessaram a clareira às pressas, procurando refúgio nas sombras da floresta. A distância, envolto ainda pela neblina, um exército apontava na entrada do vale.

Matu abriu o recipiente impermeável e retirou a cabeça encolhida. Com movimentos hábeis de sua faca, separou a pele dos músculos e ossos amolecidos. Assobiou para Wawa, a fim de que o levasse até onde estava Emang. Pendurou a sacola de remédios ao ombro, atou a pele flexível com os cabelos negros e molhados à zarabatana para que secasse e seguiu o gibão através de uma trilha de javalis, que levava a um poço pequeno, de águas escuras. O rinoceronte estava bebendo grandes goles que provocavam círculos concêntricos na água parada. Matu

cocou as dobras da pele grossa em torno dos olhos de Emang e depois montou no dorso cinzento do paquiderme. Wawa pulou na garupa e partiram, com os joelhos do feiticeiro fazendo pressão no pescoço da volumosa montaria.

Matu colocou o rosto de Jabalwan sobre o seu. A pele borrachosa se adaptou com perfeição, cheirando madeira apodrecida e o mentol usado na preparação da mistura. Atou a pele ao pescoço com finas tiras de couro, cobrindo tudo com o cabelo negro e abundante do mestre, incitando o rinoceronte a aumentar a velocidade. Emang passou através de touceiras de feijão e cortinas de lianas, surpreendendo os Nômades da Chuva que estavam por perto, que gritaram ao ver Jabalwan cavalgando o rinoceronte. Ferang percebeu a presença de Wawa e adivinhou o que estava acontecendo. Soltando um grito de guerra, chamou os guerreiros escondidos na selva.

A cabana apareceu a distância e Matu enxergou Batuh em frente ao tronco de entrada, incitando as tropas com a espada de aço apontada para o céu. O caçador de almas comandou então velocidade máxima ao rinoceronte, com um grito que esvaziou seus pulmões. Emang correu com toda a potência de

seus músculos, num galope que tornou indistintas as árvores ao redor.

Muitos inimigos não tiveram tempo de se afastar e foram esmagados pelo ataque do paquiderme. Outros saltavam apavorados para longe, e logo a multidão se abria em pânico à frente deles, entre gritos e tumultos. Alguns disparos de mosquetes foram ouvidos e os projéteis que atingiram a grossa couraça do rinoceronte tiveram o efeito de irritá-lo ainda mais, levando-o a aumentar a velocidade no meio da confusão geral.

Batuh permaneceu firme no local onde estava. Enfiou a espada na terra a seu lado e apanhou o mosquete. Disparou às pressas, e o projétil assobiou ao lado da orelha de Matu, que levantou a lança à medida que o rinoceronte se aproximava da cabana e diminuía o passo. Os homens saltavam da varanda, deixando Batuh sozinho.

Emang parou e Matu desmontou, a lança preparada. Batuh fitou-o com ódio, largando o mosquete e apanhando a espada.

— Você é um truque! — Com um golpe da lâmina, cortou a ponta de madeira.

Matu atirou a lança para o lado e enfrentou desarmado a espada que pertencera a Jan van

Noot.

— Vejo você através da máscara, menino. Venha... — Batuh fazia sinais com a mão para que ele se aproximasse. — Venha juntar-se ao seu mestre..

Foi como se um sopro de vento impulsionasse seu corpo para a frente, pensou Matu, assustado com a ousadia do próprio movimento. A espada girou e o caçador de almas moveu-se como um raio, evitando a lâmina de aço por centímetros. Percebeu então que estava sendo conduzido pelo espírito do vento.

O Tempo parecia parado para Matu, que observou cada traço de emoção no rosto do adversário, enquanto Batuh lançava novo golpe contra ele.

— Pula! Pode pular à vontade, porque vou acabar espetando você com isso. — Os dentes pontudos de Batuh estavam à mostra, as narinas dilatadas e a face maldosa aproximando-se do jovem feiticeiro. — Esta é a espada de seu pai, Matubrem-brem. Ele me deu quando me tornei chefe, e agora vai matar seu filho bastardo!

Quando Batuh atacou novamente, Matu só se afastou à última hora, o aço roçando-lhe a pele. Esse momento foi o encontro de todas as forças não equilibradas, um breve instante quase

imperceptível que explodiu em ação no movimento seguinte, quando Batuh virou a lâmina para matar. Matu percebeu a fraqueza de equilíbrio no braço estendido e agarrou o vigoroso adversário pelo ombro e pescoço, jogando-o ao chão.

Batuh chocou-se surpreso com a terra, a espada girando além do alcance de sua mão. Matu rapidamente apoderou-se dela, voltando a lâmina contra Batuh, que rolou para longe e pôs-se de joelhos, o rosto contorcido de raiva e frustração. O feiticeiro simulou um ataque de ponta, fazendo com que o adversário recuasse a cabeça. Nesse momento a espada descreveu um arco e abateu-se sobre o pescoço do chefe dos Fantasma da Arvore, que caiu de borco. Matubrem-brem colocou o pé nas costas do adversário e, segurando a espada com as duas mãos, arrancou de um só golpe a cabeça de Batuh.

Gritos angustiados partiram da multidão quando o feiticeiro levantou o rosto ainda agonizante para que todos o vissem. Um grito de guerra irrompeu da vegetação em volta da clareira e os Nômades da Chuva atacaram ferozmente os inimigos, que se puseram em fuga, dirigindo-se para a boca do vale. Matu, ainda

segurando a cabeça decapitada, montou no rinoceronte e liderou os guerreiros de sua tribo na perseguição aos Fantasmata da Árvore.

O sol se transformava numa luz esverdeada e dourada no interior da selva escura, entre os troncos seculares. Matu conduziu Emang a uma pequena clareira do lado oculto da mata, sob uma verdadeira cortina de lianas floridas. Retirou o rosto de Jabalwan e, depositando um beijo na boca coriácea, colocou-a sobre um tronco caído, onde os pequenos animais a devorariam antes do anoitecer.

Matubrem-brem levou a cabeça de Batuh para as Cabanas Grandes, onde ficou exposta num tronco até que toda a carne fosse arrancada pelos pássaros.

Emang carregou Matu das Cabanas Grandes para o leste, ao longo do rio do Grande Amanhecer. O feiticeiro levava a espada do pai ao cinto e a cabeça encolhida de Pieter Gefjon pendurada ao pescoço por uma tira de couro.

Revolta e tristeza misturavam-se no coração de Matu. Por que um feiticeiro de verdade tinha de morrer enquanto ele vivia? Será que precisava ainda colher cada pedacinho de dor nessa estrada que levava até a morte? Qual seria o motivo, afinal? Algumas sobras de orgasmos,

aqui e ali? Ou a sensação do estômago cheio após as refeições? Ou ainda o cansaço da velhice? Qual o sentido de viver, afinal? A Vida era secreta; só a Morte era certa e fácil de conhecer.

Matu estudou sua face refletida nas águas de um rio tranqüilo. Sentia-se grotesco. A pele era clara, o nariz apresentava-se como uma protuberância, em vez de achatar-se contra o rosto, e o queixo era fino com um risco no meio, tão diferente do formato arredondado e cheio dos povos da floresta. O que não dizer dos olhos, então? Faltavam-lhe as cores da terra, pareciam vazios como o espaço do céu. Os mares salientes lembravam sua mãe. Jabalwan tinha acertado em abençoá-la com uma morte fácil. Gostaria de obter a mesma bênção para si, apesar de saber que seria impossível. Havia se dado à vida, e a morte haveria de encontrá-lo como tinha acontecido com seu mestre. Estava resolvido a viver como aprendera com Jabalwan, e decidiu não atormentar-se mais com essa necessidade de entender as coisas. A Vida era apenas apetite e observação e não havia tempo para sonhar.

Mergulhou a Bíblia nas águas de um riacho, até que as páginas se soltassem. Levou-as então

para uma pedra achatada e começou a cortar cada palavra, usando uma pequena lâmina de lava vitrificada. A tarefa demorou vários dias, e quando terminou juntou tudo num saco de tamanho razoável. Com esse embornal de palavras do Livro, Matu prosseguiu sua viagem para o leste. Cada aldeia que visitava era agraciada com grande distribuição de palavras, como amuletos contra todo o tipo de mal. O feiticeiro as colocava sob a língua dos doentes, misturadas com o suor na fronte dos que tinham febre, e mergulhadas no sangue das feridas, para ajudar na cicatrização. Nos povoados atingidos pela peste, pedia a ajuda dos homens para aplicar as palavras a todos os tipos de objetos, armas, ferramentas, e até mesmo plantas. Quando atingiu o litoral, já não restava mais nenhuma palavra a distribuir e Matu carregava apenas a capa de couro da Bíblia que fora de Pieter Gefjon, com os nomes da família escritos a mão na parte interna.

Matu despediu-se de Emang na mesma praia em que Van Noot e Gefjon tinham encontrado as tribos da floresta pela primeira vez. Sabia que não retornaria mais aos Nômades da Chuva. Sua remota e primitiva tribo estava a salvo por enquanto da influência destruidora dos

caras-de-macaco. Decidiu dedicar sua vida às tribos do sul, que estavam sofrendo mais com os invasores.

Uma lua mais tarde, numa praia de areias brancas conhecida como a Tumba do Caçador de Cobras, Matu viu um *djong* de piratas Lanun penetrar na baía, navegando leve com a brisa favorável. Manteve-se à sombra na orla da floresta e observou os homens desembarcarem. Estava muito longe para ser atingido por tiros de mosquete, e a curiosidade em ver os piratas era grande. Usavam trapos vermelhos amarrados à cabeça, e seus calções pareciam imundos. A aparência deles incorporava tudo o que existia de ruim e podre aos olhos do feiticeiro, como atacar e matar as tribos. Aquelas caras de demônios mais pareciam uma caricatura dos rostos de seres humanos verdadeiros.

Um dos homens avistou Matu e imediatamente apontou sua arma. O feiticeiro esperou que alguém passasse uma mecha ao pirata, já que nunca tinha visto antes um fuzil de pederneira. Então a fumaça saiu da boca da arma e Matu sentiu um impacto na testa. O mundo escureceu completamente, enquanto seu corpo tombava na fimbria da selva.

O Silenos e o Fúrias do Destino

A humanidade se consome a si mesma.

Shakespeare

MATU ABRIU os olhos devagar. Um vento forte empurrava pequenas nuvens brancas na vastidão do céu. Um raio de sol reverberou contra uma vela verde enfunada. Ele levantou a cabeça para enxergar melhor, quase desmaiando novamente com a dor que o atingiu. A cabeça latejava e, a julgar pelo formigamento nos tornozelos e nos pulsos, concluiu que estava amarrado.

Através das pálpebras semicerradas, viu o leme de madeira encardida seguro por um timoneiro horroroso, a quem faltavam vários dedos. Olhou para outro lado do tombadilho, onde estava reunido um bando de homens imundos, os cabelos caindo em cachos engordurados por sobre bandanas escuras de suor. Os olhos eram vermelhos e inchados e os

rostos lembravam o dos roedores.

Piratas Lanun!

Sentiu odores rançosos, misturados ao miasma de restos de peixe em estado de putrefação, suor e urina. Matu contou dezoito homens. Um deles, com lábio leporino, aproximou-se, despejando palavras incompreensíveis pela fenda abaixo do nariz. Outros chegaram mais perto; assim, o rapaz pôde reparar nos piolhos que andavam pelas barbas sujas e nas manchas acinzentadas de sal seco na pele escura. Os olhos azuis pareciam deixar os piratas intrigados, falando todos ao mesmo tempo, rindo de sua aflição. Um grito à direita chamou a atenção de Matu, que moveu a cabeça na direção do som. Viu-se frente a frente com um rosto onde um buraco cheio de muco substituíra o nariz. O lábio superior, que se misturava com uma cicatriz, repuxou-se num arremedo de sorriso enquanto o pirata levantava a cabeça encolhida de Pieter Gefjon.

Matu fechou os olhos, controlando-se para impedir que o pavor tomasse conta de seus músculos. Falou consigo mesmo: "Você é um feiticeiro. Nenhum mal pode derrotá-lo, e a dor não importa mais. Você já está morto para este mundo. Deixe o corpo para os piratas. Logo vai

estar junto a Jabalwan. Nenhum mal pode derrotá-lo".

Quando tornou a olhar, a lâmina de uma faca balançava em frente ao seu rosto, ao ritmo da voz cava do pirata sem nariz. Atrás do homem e da tripulação, o horizonte parecia subir e descer com o movimento da embarcação. Matu foi assaltado por uma forte náusea e cerrou as pálpebras novamente. Não adiantou muito, porque o balanço continuava na escuridão, enquanto o fedor dos homens ao redor tornava-se mais acentuado. A cabeça doía horrivelmente no lugar onde o haviam atingido. Sentiu um bolo formar-se no estômago e subir incontrolavelmente à garganta, e vomitou saliva e bÍlis.

O capitão era um homem grande e careca, com bigodões virados para baixo e olhos rasgados sob a tira de pele de tigre amarrada à testa. Retirou a cimitarra que trazia às costas e cortou as cordas que prendiam o prisioneiro. O enjão seria o carcereiro do aborÍgine loiro dali em diante. Matu tentou levantar-se, mas suas pernas recusaram-se a suportar o peso do corpo no tombadilho oscilante, e ele caiu novamente. O capitão ordenou que o rapaz fosse mantido com vida para ser vendido aos mercadores de

escravos em Sangihe, do outro lado da ilha de Celebes, onde um branco saudável e musculoso poderia render até doze taéis de prata.

Matu curvou-se e permaneceu a observar o pirata sem nariz que afagava, com os dedos encardidos, os cabelos loiros da cabeça encolhida. Mais além, os homens espalhavam o conteúdo de sua bolsa de remédios pelo tombadilho: raízes, líquens, rolos de folhas e vértebras de serpentes. A capa de couro da Bíblia foi pregada ao mastro de cabeça para baixo, a cruz prateada manchada de sangue de peixe.

Ao longo dos cinqüenta anos em que os grandes navios vinham navegando naquelas águas, os europeus haviam se disseminado pelas ilhas e alguns piratas descendiam de marujos brancos, bem como de aborígenes, muçulmanos, indianos e orientais. Mas um nativo de cabelos dourados era um fato raro. A maior parte da tripulação, que só tinha visto cabelos loiros em escalpos, tocava com curiosidade os cachos amarelos na cabeça do prisioneiro. Depois abaixaram a tanga para examinar os pêlos púbicos e os órgãos genitais.

Com a cabeça quase explodindo de dor, Matu sentia-se completamente impotente nas mãos dos piratas que apontavam sua nudez,

entre risos de escárnio. Quando o homem sem nariz tocou sua coxa, tentou rastejar para longe, mas o enjôo tinha lhe enfraquecido os músculos. Tudo o que conseguiu com seus esforços foi provocar uma onda de assobios e gargalhadas entre os piratas. Dois deles adiantaram-se e levantaram-no com facilidade, colocando-o de bruços sobre um barril de água fétida. Matu esperneou e tentou reagir, provocando mais zombarias, enquanto as mãos imobilizaram-no, algumas acariciando-lhe a pele.

O capitão ignorou a tripulação, embora um dos piratas se colocasse sobre o nativo esfregando-se lubricamente contra ele. Tinham vários dias no mar até chegar ao destino, e o capitão estava contente com a diversão que o rapaz loiro proporcionaria aos homens. Deixaria que três marinheiros o possuíssem agora e talvez mais três no dia seguinte.

Matu fixou sua mente na espada do pai, que o capitão havia tomado para si assim que reconheceu a marca espanhola na base da lâmina. Tentou despertar a energia da arma que havia matado o inimigo da tribo, mas o espírito do vento não veio auxiliá-lo. Quanto mais esforços fazia para libertar-se, mais aumentava a dor entre as pernas. Com a cabeça abaixada,

Matu soltou o grito de guerra dos Nômades da Chuva, provocando gargalhadas entre os piratas.

Depois que o terceiro marinheiro satisfez sua luxúria aproveitando as reações ferozes do rapaz, o capitão ordenou que o prisioneiro fosse amarrado novamente. Durante a noite, alguns homens aproximaram-se dele para acariciá-lo, até que o capitão resolvesse amarrá-lo ao mastro, para ter certeza de que ficaria inteiro e à vista até o dia seguinte. E assim Matu passou a madrugada, os braços atados ao través mais baixo, como o deus crucificado que seus antepassados adoravam.

Ao amanhecer, exatamente no momento em que o feiticeiro era retirado do mastro para ser entregue aos homens que já aguardavam ansiosos, o vigia de proa deu o alarme. Um enorme navio vinha do sul na direção deles. Suas velas eram negras, e por isso não fora avistado até aquele momento. Agora era muito tarde para pensar em escapar. O capitão e a tripulação protegiam os olhos para identificar a bandeira que tremulava no mastro, mas Matu já conseguira distinguir o desenho no quadrado de pano preto na parte mais alta do mastro principal: um dragão alado, cuja forma do corpo era vagamente humanóide.

— Wyvern! — gritou o vigia, provocando olhares e expressões de puro terror na tripulação.

O som do nome do inimigo, mais a atitude dos piratas, trouxe novo alento a Matu, e, quando tentaram amarrá-lo outra vez, ele sacudiu dos músculos os efeitos da noite passada no mastro e derrubou dois homens com uma violenta contorção de corpo. A tripulação movimentava-se desordenadamente para os postos de batalha, e o feiticeiro pulou da armação do mastro para o convés da proa, os nervos em alerta com a consciência de que podia estar indo ao encontro da própria morte. Apanhou o *parang* de um dos piratas e voltou-se para enfrentar seis perseguidores armados com facas e espadas que vinham em sua direção. Aguardou-os com a concentração de uma cobra, a ponta da arma balançando nervosamente.

O estalar de madeira soou e o mastro principal veio abaixo com uma verdadeira nuvem de estilhaços. Dois dos piratas que o atacavam foram derrubados, e Matu equilibrou-se no forte balanço que se seguiu, aproveitando o movimento para golpear o homem mais próximo, com fúria e precisão. No instante seguinte viu-se frente a frente com o pirata sem nariz, que trazia

a cabeça de Gefjon pendurada ao pescoço. O homem tinha um facão numa das mãos e um punhal na outra, sorrindo com o abandono dos que sabiam que já estavam mortos. Matu viu o enorme navio de velas negras crescendo por trás daquele desvairado, dominando o pequeno juncó. Homens penduravam-se em cordas e começavam a saltar para o convés do *djong*, enquanto tiros de mosquete espocaram na amurada acima. Muitos piratas caíam, sangrando abundantemente. Aquela visão despertou em Matu a vontade de matar, e ele lançou a lâmina do *parang* para a frente, num golpe certo que penetrou exatamente no orifício cheio de muco do pirata. Removeu rapidamente a arma, arrancou a cabeça encolhida de Gefjon que estava no pescoço do adversário, colocando-a no próprio pescoço, e gritou como um guerreiro na batalha.

O navio chocou-se contra o lado do barco Lanun. O impacto arrebentou o casco do juncó e o convés se elevou, jogando o rapaz para o alto. Rolou sobre vários corpos e conseguiu chegar até a proa, caindo de costas. Ao olhar para cima, viu a silhueta volumosa do capitão Lanun. O oriental tinha a espada que fora de Van Noot levantada sobre a cabeça e abateu-a com tanta força em

direção de Matu que, quando este rolou para o lado, a lâmina ficou cravada na amurada.

O capitão conseguiu libertar sua arma exatamente a tempo de aparar o golpe que Matu endereçava a sua cabeça. O metal das armas retiniu, e o pirata aproveitou o peso para atirar novamente o adversário ao convés. Matu tentou derrubar o inimigo, chutando suas pernas para tirar-lhe o apoio, mas o homem era pesado e mantinha-se firme como uma rocha. Prendeu as pernas do rapaz entre as suas e preparou-se para dar o golpe de misericórdia. A espada subiu, desenhando um arco de luz refletida, e parou no ápice do movimento, como se tivesse atingido uma barreira invisível. Em seguida o sangue espirrou-lhe do ouvido e o pirata inclinou-se para o lado, os miolos saindo por um buraco na traseira do crânio. Um balanço do juncó fez com que o capitão caísse ao mar, ainda segurando a espada espanhola.

Matu olhou para cima e viu o grande navio sobre eles. Um homem com o cabelo grisalho e esvoaçante, um tapa-olho vermelho sobre a vista esquerda e longos bigodes com pequenos ossos amarrados às pontas agitava um mosquete fumegante na mão, fazendo sinais para que Matu viesse a bordo. Apontou para um dos cabos que

pendiam da amurada, onde os que haviam descido colocavam a carga do juncó em redes de transporte.

O pirata de um olho só não conseguia acreditar no que estava vendo: um adolescente de bela aparência, loiro e completamente nu, com uma cabeça reduzida pendurada ao pescoço e um *parang* gotejando sangue Lanun. Ainda era cedo para alucinações de grogue, e ele se inclinava por sobre a amurada para não perder nenhum detalhe da estranha visão a sua frente. O vento agitava os cabelos dourados do rapaz, e o pirata franziu a testa como se visse uma miragem ao perceber os olhos claros e os malares arrogantes do rosto jovem que se movia pelo juncó abaixo.

Todos os Lanun estavam mortos, estendidos pelo tombadilho, e o *djong* afundava lentamente, à medida que a água do mar penetrava. Matu curvou-se sobre os cadáveres em volta do mastro tombado e procurou a capa da Bíblia ainda pregada à madeira. Usou a lâmina larga do *parang* para arrancar a capa de couro e pendurou-a ao pescoço com uma tira de pano para que não atrapalhasse os movimentos das mãos. Não conseguiu encontrar a bolsa de couro entre os destroços, mas vislumbrou a zarabatana

emaranhada entre as redes. O convés inclinou-se perigosamente e Matu dirigiu-se para o cabo que lhe fora indicado. Colocou a zarabatana entre as pernas, marinhou pela corda acima e aceitou a mão calosa do pirata de um olho só que lhe havia salvo a vida.

Subindo a bordo, Matu pôde observar mais de perto seu benfeitor, que apresentava na testa a cicatriz de uma serpente enrolada em forma de oito. O tapa-olho possuía incrustações de diamantes formando o olho de uma víbora. Uma música que não era deste mundo soou em algum lugar na mente de Matu e ele de repente percebeu que estava diante do homem com a cobra na testa e um só olho, que o havia perseguido por noites incontáveis nas visões após ter oferecido sua mão à Aranha. Até as roupas eram das mesmas cores que apareciam em seus sonhos: um gibão negro com botões de prata abertos, mostrando uma camisa vermelha de seda por baixo. O calção também era negro, sobre as meias cinza e botas baixas e largas, enfeitadas com frisos vermelhos. Um cutelo pendia da cintura e o cabo de madrepérola de uma adaga se projetava do interior de uma das botas. Matu ficou imóvel, profundamente abalado por aquela fusão de sonho e realidade a

sua frente.

O pirata o encarava com seu único olho cinza, examinando a cabeça encolhida que pendia do pescoço do estranho personagem. O resto da tripulação também o percebera, e estudavam desconfiados o recém-chegado. Matu apoiou a zarabatana no ombro e levantou vagarosamente ambas as mãos, repetindo a saudação dos de sua tribo. O homem de negro sorriu ligeiramente, mostrando uma fileira de dentes amarelados, e deu um tapa amistoso no ombro do jovem.

— O grumete não parece ser nosso inimigo, marujos — gritou em malaio para a tripulação. — Acho que devia ficar a bordo.

Os homens romperam em saudações. Esses eram os primeiros caras-de-macaco que Matu tinha visto de perto e ele estava impressionado com as feições horríveis e as estaturas avantajadas. O pirata com a tatuagem na testa apontou para a capa de couro pendurada ao seu pescoço. Ele entendeu o gesto e soltou a tira de pano, passando o objeto às mãos do homem. O único olho se arregalou quando deparou com a inscrição em latim: "Vi o leão do momento final — ele guarda a mina de assinaturas". Levantou o rosto para Matu e numa voz potente perguntou

algo que ele não compreendeu.

Matu gesticulou para indicar que não estava entendendo e procurou na memória pelos ensinamentos que sua mãe tinha lhe transmitido muito tempo antes.

— Falo um pouco de espanhol — declarou por fim, hesitante. O pirata abriu a boca, assombrado, e a tripulação aproximou-se.

— Um aborígene nu, de cabelos dourados, e que fala castelhano! — exclamou ele em espanhol, mal contendo uma gargalhada.

Matu percebeu pelas rugas ao lado do olho que o homem era desconfiado por natureza. Viu também a noite naquele olho acinzentado, uma alma acostumada a sofrer. Apesar disso, as linhas do rosto duro e grave possuíam uma expressão nobre e enigmática.

— Bem-vindo a bordo do *Silenos*, jovem guerreiro. Como gostaria de ser chamado?

Matu entendeu perfeitamente a pergunta, mas não foi capaz de transportar o nome tribal para o espanhol, portanto usou o nome holandês que a mãe lhe havia dado.

— Meu nome é Jaki.

— Ah, como está escrito na sua árvore genealógica — observou o pirata, correndo um dedo sobre a escrita na capa do Livro, que já

começava a desbotar. — O nome do seu avô, não é? Mas o seu nascimento não está assinalado aqui.

— Não sou filho de ninguém — declarou Jaki com uma sombra no olhar. — Tive muitos pais, mas não pertenci a nenhum.

O olho cinzento mostrou um brilho de compaixão, antes de assumir a dureza habitual.

— Pois então será chamado de Jaki Gefjon. Um nome holandês. Posso ver em seu rosto que também possui sangue nativo... Quantos anos tem?

— Estou no meu décimo sexto ano.

— E como se meteu nessa situação?

— Fui apanhado em minha terra pelos Lanun — declarou Matu com simplicidade.

— O que aconteceu com seus pais?

Matu não conseguiu expressar as palavras de sua história em espanhol. O pirata bateu ruidosamente em seu ombro.

— Vai ter muito tempo para contar histórias estranhas mais tarde. Pela aparência e pelo cheiro dos seus ferimentos, precisamos limpá-los e fazer novos curativos. Se quiser, podemos tentar encontrar algumas roupas dos marujos. — O pirata devolveu a capa da Bíblia.

— Desculpe-me — começou Jaki, aspirando

a brisa do mar —, mas se este navio se chama *Silenos*, então você é Wyvern?

O homem jogou a cabeça para trás com uma gargalhada e saudou em direção ao alto do mastro principal, onde a bandeira negra tremulava como se fosse a vela mais alta, mostrando a imagem do dragão alado de duas pernas. — Aquele é Wyvern, grumete. Uma criatura saída do mundo dos pesadelos para se alimentar no mundo real. Mas como ouviu falar de nosso animal de estimação?

— Foi o nome que os piratas gritaram quando viram seu navio.

— Estou orgulhoso de que até mesmo os Lanun tenham aprendido a temer Wyvern — disse o pirata, gostando cada vez mais do selvagem loiro. — Embora essa gente não seja nossa presa normalmente, quando encontramos um barco deles sempre o aliviamos da carga e libertamos as pobres almas deste mundo atribulado. São homens vazios, de alma nua e escura, e estão muito melhor fora desta terra, onde ficam oprimindo inocentes como você. Meu nome é Trevor Pym — anunciou ele, olhando para Jaki. — Projetista e construtor do *Silenos*, ex-corsário com *sir* Francis Drake, com quem ataquei as cidades espanholas do Novo Mundo,

adquirindo certa familiaridade com sua língua.

— É também o capitão? — quis saber Jaki.

Pym voltou-se para sua atenta tripulação e perguntou em malaio:

— Sou o capitão?

Os homens confirmaram atirando chapéus ao ar e assobiando. Embora os rostos curtidos de tempestades tivessem um ar maléfico e fossem cheios de cicatrizes, tatuagens e ossos nas barbas e bigodes, estavam vestidos com calções cinza e camisas de linho. A maioria se achava descalça, porém alguns usavam sapatos de couro.

— Sim, ao que parece ainda sou capitão deste navio — afirmou Pym, passando o braço sobre os ombros de um homem afogueado, com barba e bigodes ruivos. — Este é o senhor Blackheart, o contramestre do navio e também o olho que me falta. Ele dirige o *Silenos* enquanto passo meu tempo com os espíritos. — Tirou um pequeno odre de pele de crocodilo do gibão e tomou um gole, deixando claro quem eram os *espíritos*.

O rosto crestado de sol do sr. Blackheart sorriu através da barba densa e hirsuta. Ele e o capitão eram os únicos de olhos azuis na tripulação. O resto dos homens parecia-se com

os Lanun, só que mais saudáveis e com melhores roupas.

— O senhor Blackheart é o único europeu a bordo, além de mim

— declarou Pym, como se adivinhasse os pensamentos do rapaz. — Geralmente não abrigo europeus, ou qualquer outro que se curve a reis e rainhas. Somos todos iguais a bordo do *Silenos*. Mas isso é assunto para depois. Por hora, o que deve saber é que o senhor Blackheart não é um europeu comum. É escocês, e defendeu seu lar em Orkney contra James, o rei que decidiu que *todos* os escoceses deviam servi-lo. Os homens do rei assassinaram-lhe toda a família e nosso amigo perdeu sua eloquência, por usá-la para despertar a rebelião contra soberanos.

— Pym fez um sinal ao pirata ruivo, que abriu a boca, mostrando um coto escurecido em lugar de língua.

— Cortada por levantar os companheiros escoceses contra um rei estrangeiro... Ele odeia os reis ainda mais do que eu. — Pym balançou a cabeça, demonstrando desaprovação. — Mas vejo que estou mastigando vento. Pouco interesse tais assuntos podem ter para um jovem estrangeiro.

— Os reis não são diferentes dos homens comuns — disse Jaki mansamente. — Eu sei

porque matei o rei do povo inimigo do meu.

— Verdade? — O capitão abaixou os cantos da boca, como se estivesse impressionado. — Nesse caso teremos histórias novas para ouvir, senhor Blackheart. Leve o rapaz lá para baixo, providencie um curativo para os ferimentos e encontre uma roupa adequada. Ouviremos as histórias depois que ele estiver vestido e alimentado.

Pym tomou mais um longo gole, piscou o olho para o rapaz e afastou-se para verificar a pilhagem. O contramestre conduziu Jaki através de um convés perfeitamente limpo, depois desceram uma escada estreita que cheirava como o interior de uma árvore. Jaki correu os dedos pela madeira envernizada, sentindo a textura aveludada, surpreso pelo brilho da luz que parecia brotar dos veios expostos. O balanço do grande navio era muito mais suave que o do junco, e não foi difícil ajustar o andar a seu ritmo.

A visão dos vinte e dois canhões no convés de armas, sobre os robustos carrinhos de madeira amarrados com cordas grossas, encheu Jaki de um ardor incompreensível. O poder contido naquela quantidade enorme de ferro negro impressionou-o, pois nunca tinha visto

tanto metal. O sr. Blackheart teve de puxá-lo pela mão para levá-lo dali.

O cirurgião de bordo desinfetou o ferimento na cabeça de Jaki enquanto o rapaz devorava com os olhos os instrumentos do profissional. Além dos bisturis e serrotes, as prateleiras estavam cheias de frascos e jarros de vidro transparente, contendo tinturas de ervas.

— Eu chamar Saja — gesticulou o cirurgião, apontando o próprio peito.

O homenzinho era um malaio de turbante verde, que usava uma camisa leve de ponjê, tecida com seda e lã, e uma calça bufante preta, além das sandálias nos pés. Passando os dedos no amuleto que Jaki trazia, perguntou numa imitação razoável do dialeto da floresta:

— Cabeça encolhida por feiticeiro da selva, *lah?* Esse penteado muito antigo. Há muito tempo ninguém usa. Onde conseguiu?

— Meu mestre — respondeu Jaki, contente por escutar de novo a linguagem da mãe, ainda que grotescamente pronunciada. — É a cabeça do meu pai espiritual. Meu mestre teve o cuidado de prepará-la da maneira correta.

Saja arqueou as sobrancelhas, intrigado em ouvir a linguagem das tribos pronunciada de maneira perfeita da boca de um garoto

obviamente europeu.

— Mestre, *lah?* Caçador de cabeças, *lah?*

— Não, meu mestre não era um caçador de cabeças. Ele era um caçador de almas. Treinou-me como feiticeiro.

— *Você*, caçador de almas? — Saja largou a cabeça encolhida como se ela tivesse se transformado em carvão incandescente.

A incredulidade estampou-se no rosto do cirurgião ao ver a confirmação nos olhos azuis do rapaz. Recuou na direção da porta, esbarrando na mesa ao sair.

O sr. Blackheart meneou a cabeça espantado com a atitude de Saja, e fez sinal a Jaki para que o acompanhasse. Prosseguiram através de estreitos corredores iluminados por clarabóias, seguindo para a popa no convés abaixo dos canhões. Ali havia um pequeno aposento, que era usado como lavanderia e também como sala de banho. Jaki esfregou-se com um sabão feito de pedra-pomes e alfazema, enxaguando-se com um balde de água doce, baixado através de uma abertura no teto do aposento.

Ao ver a cicatriz da circuncisão de Jaki, o sr. Blackheart fez uma carranca e passou a mão pela virilha, imitando a lâmina de uma faca.

O rapaz riu pela primeira vez nas últimas três luas, desde que Jabalwan havia morrido. A gargalhada espontânea e cristalina quebrou a casca endurecida de sua dor, e os sentidos deram a impressão de expandir-se.

— Fiz isso por uma mulher — declarou ele em espanhol. — E não valeu a pena.

O sr. Blackheart entendeu e caiu na gargalhada. Ainda rindo, conduziu Jaki completamente nu para o quarto e último convés abaixo deles, onde penetraram numa câmara escura, tão vasta quanto o interior da maior Cabana Grande que o rapaz já vira. O contramestre abriu algumas escotilhas, e a luz azulada revelou engradados repletos de peças de seda, reproduzindo as cores tropicais dos pássaros da selva. Baús vermelhos, pretos e azuis com acabamento em bronze formavam uma única pilha ao longo de toda a extensão do convés. Uma clarabóia enorme brilhava como um cristal, iluminando um grande volume central de carga. A brisa marinha, vinda das escotilhas, levantou uma das pontas da lona, mostrando uma pilha de barras metálicas manchadas.

— Prata... — disse Jaki baixinho, como se estivesse no interior de um templo.

Levantou o rosto em direção ao alto e

divisou os andaimes, dois andares acima, que serviam de passadiço para os homens no convés de armas. O brilho difuso e quase submarino da luz que penetrava pelo teto trouxe à memória de Jaki um trecho do Livro de Jonas.

— "Pois Tu me atiraste às profundezas, no coração dos mares" — recitou ele em espanhol.

O sr. Blackheart olhou para o rapaz por um instante e concordou pensativamente, depois o guiou por entre o verdadeiro labirinto formado pela carga. A temperatura ali na popa era amena, e diminuiu ainda mais quando desceram outro lance de escadas, desta vez de corda. Odores fortes provinham de alguns barris destampados, e atrás de um painel de papel havia um suporte para cabides, repleto dos mais variados tipos de roupa. O sr. Blackheart correu a mão entre quimonos, vestidos e trajes finos da corte e escolheu uma camisa azul de tecido fino com punhos pregueados, um colete de camurça e calça marrom com costuras negras na extremidade.

Jaki apanhou as roupas com uma sensação de dormência nos braços, surpreso ao sentir a textura fugaz dos tecidos. Segurou a calça à cintura tremendo de excitação. Essas eram as vestes do pai, e, quando as envergasse, seria

como vestir a alma paterna. A escuridão sepulcral da parte mais baixa do navio era rompida por lâminas de luz e lufadas frias da brisa do mar. Presenças pairavam ao redor, Jaki podia senti-las. O mistério completava mais um ciclo, e ele olhou para o contra-mestre com o rosto afogueado.

O sr. Blackheart ajudou Jaki a vestir-se e arranhou-lhe uma bolsa de cetim verde para a cabeça encolhida e a capa de couro da Bíblia. Depois levou-o pelos corredores com cheiro de madeira até a cozinha, onde as prateleiras estavam repletas de carne defumada, réstias de alho e raízes de gengibre. Um caldeirão de sopa borbulhava num fogão de ferro cujos pés imitavam as garras de um leão. Numa bancada ao lado do fogo, um chinês de cabelos longos cortava legumes e verduras. Levantou-se e colocou arroz cozido numa tigela de madeira, espalhando caldo de peixe fumegante sobre os grãos. Blackheart acenou e foi retomar seu posto ao timão. Jaki comeu vorazmente e deixou a cozinha com a promessa da sopa, ansioso para voltar ao tombadilho e aprender mais sobre seus generosos anfitriões.

Parou no meio do corredor. Cones de luz desciam das clarabóias, como troncos pálidos e

sem substância. Sozinho pela primeira vez desde que fora capturado pelos Lanun, Jaki ajoelhou-se e colocou a seu lado a bolsa verde. Agradeceu a Deus pela libertação e escutou as vozes fracas em seu próprio sangue.

— Jaki! — a voz de Mala pareceu tão real que o menino voltou-se para olhar atrás.

Mas verificou estar sozinho. A proximidade da voz dela fez com que seu coração desse um salto. Apurou novamente os ouvidos e escutou o mar embalando o navio, vozes estranhas na coberta e o vento soprando como um velho. Ele não era mais Matu. Sua mãe sabia disso, e o estava avisando. Jaki vestira as roupas de seu pai.

Neste lugar, neste mundo de barcos, Mala não era mais um segredo. O som da língua espanhola o havia trazido novamente para a sombra da mãe, mas ele sabia também que ela não estava perto. Ela se encontrava na distante floresta verde onde as chuvas caíam à noite, e ele agora não passava de um fantasma para este mundo. Havia morrido para a vida na floresta de sua mãe, e renascido no ventre do pai. A estranheza de tudo aquilo rompeu como uma torrente dentro dele, trazendo novamente o cansaço que havia sentido nas montanhas.

Passou a ponta dos dedos pelo tecido das roupas novas. Fechou os olhos e falou com o invisível.

— Estou vivo no outro mundo, mãe! E você está morta na floresta. Fale de mim ao meu pai espiritual, e não se esqueça também do meu pai de semente, embora ele não tivesse merecido seu amor em vida. Estou no mundo deles agora, à mercê dos poderes deles. Esses poderes são muito estranhos. Meus pais são homens do horizonte, e o pai deles é o vento. São tão feios quanto eu. Tenho medo de estar no meio deles, e sinto saudade da floresta, que é sua mãe assim como você é a minha. Espero ver novamente a selva, e encontrá-la nos rios e árvores, tocá-la na grama, e então saber que estou seguro e que nunca me afastei de você.

Jaki abriu os olhos e deparou com alguns homens que o observavam do corredor, com ar desconfiado. A privacidade também era um fantasma da floresta. Curvou-se aos marujos, apanhou a sacola verde e subiu as escadas estreitas para a luz do sol.

Pym estava no tombadilho superior observando o sol com um sextante, e o sr. Blackheart postava-se ao timão. Jaki permaneceu no degrau mais alto, a olhar as

costas largas do capitão, que segurava o instrumento de bronze com um espelho pequeno na ponta. As mãos do contramestre moviam-se rapidamente para registrar as palavras do capitão num livro bem menor que a Bíblia. Jaki ficou tão intrigado em ver o homem escrevendo quanto em ver o estranho aparelho. Pym voltou sua atenção para o jovem.

— Essas roupas ficaram muito bem em você — comentou ele depois de um breve exame. — Parece um rapaz natural lá do lugar onde cresci.

Continuou observando Jaki, reparando como o traje combinava com sua face diabolicamente bonita. Apesar disso, havia algo diferente, como se ele tivesse deslocado o seu centro de gravidade. Lembrava um lobo, sempre pronto para atacar ou fugir.

— Venha aqui, grumete — convidou o capitão, encaixando o instrumento de bronze num compartimento de madeira escavada no verdugo. — Não precisa de permissão para vir ao tombadilho neste navio. Você e qualquer um da tripulação podem andar pelo *Silenos* à vontade, até mesmo na minha cabina.

Pym passou afetuosamente a mão sobre uma grande pedra de amolar, esculpida na forma de um crânio gigante de rato, enquanto Jaki se

adiantava e corria os olhos pelo imenso navio de mastros inclinados, que havia substituído o velame enquanto ele estava lá embaixo. As velas negras foram trocadas por panos de cor cinza, que estavam enfunados no momento, captando a brisa constante e conduzindo-os com rapidez pelo mar encapelado. Os homens marinhavam pelos mastros apertando o cordame, e o espírito de Jaki viajou com eles pelas nuvens amareladas no céu da manhã.

— O cirurgião me disse que você é um feiticeiro. — A voz do capitão arrancou o rapaz do transe em que se encontrava. — É verdade?

— Sim... — Jaki ainda tinha um olhar vago ao responder.

— Você fala com os mortos?

— Falo.

O único olho de Pym fitou intensamente o jovem à sua frente.

— E o que dizem os mortos?

— Eles não respondem.

O capitão e o contramestre explodiram numa gargalhada em uníssono, quando repararam que Jaki não estava entendendo nada, riram mais alto ainda. Limpando o olho cheio de lágrimas, Pym finalmente conseguiu falar de forma inteligível:

— Desculpe, rapaz. Estamos rindo de alívio. Saja disse que convive com os mortos, e a última coisa que queremos neste navio é uma legião de fantasmas andando por aí. Já temos trabalho suficiente com os vivos!

O contramestre fez alguns sinais a Pym, que transformou a pergunta em palavras.

— O senhor Blackheart quer saber que tipo de feiticeiro você é.

— Eu estava aprendendo a caçar almas, quando meu mestre foi morto — respondeu Jaki, depois de pensar por alguns instantes.

— Almas, é? E o que fazia com elas depois que as caçava?

— Colocava de volta nos corpos que deixaram.

— Ah, então é uma espécie de cirurgião?

Jaki pensou nos serrotes de metal e nos bisturis que vira na sala de Saja, e não encontrou muita semelhança.

— Fui treinado para curar ferimentos e febres.

— E o que acha que pode fazer por este aqui? — Pym levantou o tapa-olho incrustado de gemas, expondo a órbita vazia transformada numa única pústula profunda, cheia de pus. Seu sorriso paralisou-se ao notar que o jovem não

empalidecera nem olhara para outro lado.

Jaki aproximou-se. Já tinha visto ferimentos no olho em outras oportunidades, e, pela membrana avermelhada que recobria os ossos, mais as bolhas inflamadas, podia dizer que o capitão devia sentir dores fortes e contínuas.

— Está sofrendo — declarou ele preocupado, tocando o rosto de Pym de modo a voltar o ferimento para a luz do sol. Um abscesso dominava o centro da cavidade, aprofundando-se além das órbitas. — Isso pode resultar em febre alta com facilidade, e até matá-lo se não o mantiver bem limpo.

— Eu o lavo com salmoura todos os dias, embora a cada vez queime como o fogo do inferno. Acho que vai mesmo acabar me matando. Já agüentei onze malditos anos.

— Não posso devolver seu olho, mas posso limpar a infecção e parar a dor.

— Agora? Pode fazer isso agora? — Pym abaixou o tapa-olho para evitar os dolorosos respingos de água salgada, depois apanhou um garrafão e deu um profundo gole na bebida fermentada de coco. — Eu seria eternamente grato a você se fizesse isso, rapaz. Um bom número de curandeiros e médicos de bordo já

praticaram suas habilidades nessa chaga. Alguns conseguiram diminuir a dor por algum tempo, mas ela sempre volta com a mesma intensidade.

— Eu posso ajudá-lo — afirmou Jaki com segurança. Seu olhar transmitia algo que não poderia ser dito em palavras. — A dor e a inflamação irão embora para sempre. Mas preciso entrar na selva para apanhar as plantas necessárias para curá-lo.

A expressão do capitão se encheu de suspeita e ele recuou um passo.

— Estamos vinte milhas ao norte de Celebes. Podemos parar por aqui.

— Não conheço Celebes — disse Jaki. — Tenho certeza de poder curá-lo, mas só se me levar de volta à praia onde os Lanun me apanharam.

— E onde seria isso, jovem feiticeiro?

— Na Cova do Caçador de Serpentes.

Pym olhou para o contramestre, cujas mãos gesticularam rapidamente no ar. O rosto se fechou quando entendeu o significado.

— Isso é em Bornéu. Estamos a quase duzentas milhas de lá agora. É muito tarde para voltar tudo isso. — O capitão parecia decepcionado. Aproximou-se mais de Jaki. — Já viu nosso tesouro: prata, seda, tecidos finos e

trabalhos de arte. Enfim, é o carregamento de um galeão holandês de mil toneladas que surpreendemos no mar de Java, indo dos Japões para a Batávia. Quero esse botim em terra antes que uma tempestade ou os espanhóis o tomem de nós. A viagem que está nos pedindo para fazer exigiria mais quatro dias!

O sr. Blackheart gesticulou, e Pym concordou resmungando.

— Claro, claro. Podemos colocar nosso tesouro a salvo e depois procurar essa tal de Cova do Caçador de Serpentes. Isso se quisermos perder a flotilha do ouro de Hsi Hang ao norte do mar da China. Ele só viaja uma vez a cada quatro anos. E isso é um preço muito alto para se pagar por um olho. Depois dessa viagem será a estação das monções e teremos de ficar em terra por alguns meses. — O capitão cocou o queixo e lançou um olhar penetrante a Jaki. — Não estaria mentindo para mim agora, estaria? Se o que você quer é retornar ao lugar de onde veio, não precisa se preocupar, porque mais cedo ou mais tarde eu o levarei lá, rapaz. Nesse meio tempo você pode participar de algumas aventuras conosco. Não precisa me prometer uma cura apenas para que eu o leve até lá, não é? Porque isso sim me deixaria furioso, e eu

acabaria usando seus ossos como anzóis. Entende o que quero dizer?

— Não estou mentindo, capitão Pym. Conheço muito bem a selva da minha terra, e posso encontrar lá plantas que porão fim imediato ao seu sofrimento. — Jaki sustentava o olhar do capitão. — Mas não podemos esperar muito, sem arriscar sua vida. A menos que possamos secar o sangue amarelo que está corroendo o olho até o cérebro, é certo que morrerá. Só não sabemos quando, mas pode ser a qualquer momento.

A dor enraizada no fundo da órbita provocou uma pontada, e Pym olhou para o sr. Blackheart, que manteve as mãos no timão e o olhar no horizonte, sem querer responsabilidade na decisão. O capitão considerou o botim nos porões do navio. Estava levando as riquezas para sua mulher, Perdita Iduna. Quando ela pusesse os olhos sobre esse tesouro, o rubor subiria as suas faces. Então poderia aliviar sua dor nas curvas dos lábios de Perdita, e no odor suave de especiarias que emanava de sua pele e do seu hálito.

Olhou para cima, já resolvido a levar o *Silenos* para Perdita, porém quando encarou o olhar límpido do rapaz a sua frente acreditou que

ele era capaz de curá-lo, e a esperança tornou-se maior do que pôde suportar. Pôs-se de pé.

— Abaixar as velas, senhor Blackheart — ordenou ele, batendo a palma da mão no topo achatado do crânio de pedra. — Vou expor o caso aos homens.

O *Silenos* realizou uma volta no vento, e Blackheart gritou ordens para que fossem baixadas as velas. O navio deslizou mansamente, e os trinta e dois homens da tripulação se reuniram no convés principal. Os rostos dos marujos voltavam-se para o tombadilho acima, fixando-se em Jaki, à medida que o capitão explicava a oferta de cura de seu ferimento. A eles o rapaz parecia muito infantil para ser um curandeiro competente, e pelo menos um marinheiro gritou em malaio:

— E o que acontece com o moleque se a gente se arriscar contra soldados e tempestades, e quando chegarmos a Bornéu ele não puder fazer coisa nenhuma pelo ferimento, e não passar de um impostor?

— Nesse caso ele será enforcado como impostor — prometeu Pym. — E vocês terão um bônus da parte do capitão por fazer essa viagem.

Houve muito falatório sobre a tolice que o capitão estava fazendo, porém, motivados pela

generosa oferta de ganho extra, os homens começaram a retirar os capuzes e chapéus. Quando a tripulação inteira estava de cabeça descoberta, Pym mandou os homens de volta ao trabalho e virou-se para Jaki.

— Meus homens concordaram em ajudar-me — comunicou em espanhol, sentindo um arrepio gelado, talvez uma premonição da ira que o assaltaria se no final das contas tivesse empenhado metade do tesouro japonês e todo o ouro de Hsi Hang numa esperança vazia.

Jaki viu o medo na pupila fria no centro do olho do capitão, e sorriu tranqüilamente, a luz azul dos próprios olhos acalmando o temor do outro homem.

Nos cinco dias de viagem para o sul, Jaki aprendeu muito sobre o mundo de seu pai. Pym mostrou-lhe a bússola de bordo, com sua fidelidade ao poder invisível do norte. Somente o ferro quebrava essa atração, e Jaki então entendeu por que os Nômades da Chuva e as tribos primitivas não admitiam o uso do metal. Eles acreditavam que aqueles que o tocassem perderiam instantaneamente sua alma animal, tornando-se humanos possuídos pelo espírito da terra. Mais interessante ainda para Jaki foi observar Pym navegando à noite. O capitão

apontava para a estrela do norte e mostrava os planetas, como minério incrustado nas paredes escuras de uma mina profunda. Matu lembrou-se de Jabalwan dizendo que a feitiçaria da noite era mais poderosa do que os presságios dos pássaros e a espreita de nuvens. O rapaz escutava atentamente tudo o que Pym dizia sobre as constelações e as doze casas de localização do Sol e da Lua, bem como a forma dos animais que usavam estrelas como ornamentos pelo corpo escuro.

Pym designou para Jaki uma cabina no castelo de proa, um belo aposento com uma janela estreita, um sofá persa com braços imitando garras de leões e um banco chinês de três pernas, laqueado de vermelho. Um membro da tripulação havia morrido de febre no quarto no ano anterior e ninguém mais quisera ocupá-lo, embora fosse confortável e tivesse uma boa vista da popa. Jaki não temia os mortos, além disso tinha consciência de que os poderes do mundo o haviam salvo e que seus pais o estavam guiando.

Durante o dia passava horas no mastro a espreitar as nuvens, esperando aprender mais sobre seus pais. As nuvens lhe mostraram um país muito distante, onde as casas, em vez de

longas, eram altas, erguendo-se como árvores em direção ao céu. Pessoas subiam e desciam por essas construções no interior de engradados, semelhantes ao que o cozinheiro usava para suspender os legumes da despensa no ultimo convés. Começou a não acreditar no que estava vendo e passou a observar menos as nuvens e mais os homens ao seu redor.

A tripulação ficou impressionada com a agilidade de Jaki para mover-se pelo cordame. A maneira regular pela qual os cabos se distribuíam era na verdade muito simples comparada ao emaranhado de galhos, cipós e lianas na parte aérea da floresta. Uma vez acostumado ao balanço do navio, Jaki subia até as traves mais altas nos mastros para executar os nós que os marinheiros ensinavam.

Sua ousadia logo conquistou o respeito de toda a tripulação. Até mesmo Saja abandonou suas apreensões sobre o feiticeiro, depois que viu os resultados de sua mágica benevolente no geralmente mal-humorado capitão. Desde que o rapaz subira a bordo, Pym não brigava mais com os homens, e Saja não precisava mais cuidar de cabeças contundidas e lábios partidos, provenientes dos acessos da fúria de Pym. Pela primeira vez em onze anos, o capitão juntou-se

aos seus homens à hora das refeições e contou com prazer suas aventuras. Aqueles que não o conheciam na época anterior à perda e inflamação crônica do olho, ficaram desconfiados a princípio com a atitude de Pym. Seu olho maléfico, geralmente frio, adquirira um brilho irônico e divertido, e a boca geralmente tensa encontrava-se relaxada e pronta para o riso. Porém os que lembravam de sua gargalhada diante dos canhões espanhóis e tempestades alegraram-se com a volta de seu espírito elevado. Esses fatos reforçaram a idéia de que o jovem de olhos azuis era de fato um feiticeiro que havia conjurado o mau humor do capitão.

Blackheart, que estava com Pym desde os primeiros anos na Ásia, ficou contente em ver o sofrimento do capitão diminuir, porém apreensivo. Sabia que, quando o rapaz loiro desaparecesse na selva e não voltasse com sua cura milagrosa, a fúria de Pym seria terrível, e provavelmente a ruína de todos. Com esse pressentimento, o contramestre observou Jaki conquistar a afeição de todos na tripulação. Seu interesse infantil em todas as atividades do navio fez com que tarefas rotineiras fossem executadas com ardor quase religioso. Pym sorria ao ver a lavagem do convés e o entrelaçamento do

cânhamo para confecção de cordas tornarem-se alvo da curiosidade do rapaz que todos queriam impressionar. Em poucos dias Jaki tornou-se a testemunha oriunda do mundo primitivo, a criança da selva ávida pelo conhecimento que haviam quase esquecido que possuíam. E todos foram como pais para ele.

Sob as estrelas a mover-se no céu noturno, o capitão pirata e o feiticeiro falaram da vida, dos mistérios e da teia do Destino. Jaki sentia-se quase hipnotizado pela voz grave e potente de Pym, que retumbava mesmo quando sussurrava.

— A esperança é vã e a razão, uma piada — dizia ele. — O mundo não passa de uma mentira, uma grande decepção. Pois a terra não dá a impressão de ser plana, e o sol parece levantar e esconder-se?

— E não é isso que acontece? — perguntou Jaki, cheio de admiração. — Meu mestre disse que podia ver a alma do mundo nas nuvens, mas não possuía entendimento das coisas além. Você possui. Sabe ler as estrelas.

— Também vejo o vento nas nuvens. E o tempo que o vento carrega com ele. Não sei nada sobre almas, além de sua relação com a morte. A alma se vai e nós morremos. Se o seu mestre disse que viu a alma do mundo nas nuvens, deve

ter sido a morte cavalgando sobre este nosso planeta. — Pym levou o garrafão aos lábios. — Pois eu vou lhe contar uma coisa que fará disparar seu coração. O mundo não é o cadáver do Falcão como sua gente acredita. As estrelas não são os pedaços do crânio dele. Cada uma é como o nosso sol. — O capitão estendeu um dos braços, indicando a amplidão do firmamento. — Sóis em número incontável, e tão distantes que parecem lascas de cristal.

Com mão trêmula, Pym abriu um pequeno painel na amurada, onde estava o sextante, e retirou sua maior luneta. Ofereceu-a a Jaki, indicando um grande ponto amarelo no céu.

— Olhe para lá, rapaz.

Jaki segurou o tubo de bronze e aplicou a extremidade ao olho, como vira o capitão fazer várias vezes. Através do cristal da lente o planeta explodiu em seu campo de visão como um olho amarelado, com vários pequenos pontos luminosos ao redor.

— É Júpiter — esclareceu Pym. — Um outro mundo, com suas próprias luas. Um punhado delas.

Jaki ficou maravilhado com aquele novo conceito e crivou o capitão de perguntas sobre o céu, as estrelas e os planetas. Sua mente

assombrava-se com as respostas, e a voz de Jabalwan parecia repetir em seu íntimo: "O céu é profundo". Na verdade muito mais profundo do que poderia supor o feiticeiro. Ou não? "O céu é profundo. Carrega todas as coisas. Não importa para onde." Pym tomava sua aguardente de arroz e contava a Jaki tudo o que sabia sobre o sol arrastar com ele os planetas, que giravam ao seu redor como bolinhas de vidro através dos dias e das noites.

— Percebe como os olhos nos enganam? Não podemos confiar em nossos sentidos. Não podemos confiar na própria vida — dizia o capitão. — Pois a aranha não tece sua teia invisível em pleno ar? E a nossa luxúria não promete vida enquanto nossos corpos já não são capazes de se satisfazer?

— Só Deus é bom — citou Jaki, olhando maravilhado pelas lentes da luneta.

— Deus! — A observação foi tão brusca que soou como o estalido de um chicote. — *Você falando de Deus?* Pensa que ele tem um lugar reservado para você no céu?

O jovem abaixou a luneta e olhou o capitão com incredulidade.

— Estou aqui, não estou? Pym soltou uma gargalhada.

— Está aqui porque o *Silenos* arrancou-o das garras dos piratas.

— Eu sou como o senhor, capitão. Sou um grão de poeira levado pelo vento. Não precisamos chamar a isso de Deus. De qualquer modo continua nos carregando.

— Carregando para onde? — resmungou o capitão. — Desde a dor do nascimento até a doença da morte, com freqüentes paradas pela fome e pelo sofrimento. É uma viagem que eu não faria questão de fazer.

— Não existe a verdadeira liberdade em vida — declarou Jaki.

— Por que não? Se Deus é tão bom, por que a vida é um sofrimento?

— A Vida é um segredo.

— Acho que não, menino da selva. — O capitão cerrou os olhos, embalado pelo álcool e pelo sono. Jaki pensou que ele não fosse falar mais quando Pym completou: — Somos apenas ignorantes.

O cheiro de terra alcançou o *Silenos* antes que as ilhas entrassem no campo de visão. As montanhas de Celebes, com a forma de uma nadadeira dorsal de tubarão, apareceram na distância a bombordo, enquanto de estibordo soprava um vento quente que vinha dos lados de

Bornéu. Jaki ficou nos mastros junto com um marinheiro com cara de morcego, escrutinando a costa com lunetas, à procura dos contornos esbranquiçados da Cova do Caçador de Serpentes. Reconheceu um rio de águas escuras e percebeu que a praia em que fora capturado pelos Lanun estava próxima.

Jaki assinalou a direção do rio e o sr. Blackheart dirigiu o *Silenos* pela estreita passagem entre os recifes, que permitiria o acesso à pequena praia. Usando sua própria luneta, Pym examinou os mangues e florestas alagadas à procura de sinais que indicassem a presença humana. Gritou uma ordem aos homens no cordame e as velas foram arriadas. O navio deslizou suavemente pelas águas esverdeadas do canal, rasas e transparentes, enquanto o contramestre girava o timão de modo a anular o impulso do vento. A velocidade diminuiu e a âncora foi lançada ruidosamente na tranqüilidade tropical.

— Carreguem o canhão — ordenou Pym ao sr. Blackheart. — A esta altura os holandeses e os espanhóis já devem estar percorrendo o canal a nossa procura.

O contramestre sinalizou, oferecendo-se para ir à terra. Pym sacudiu a cabeça numa

negativa e escolheu uma pistola de pederneira entre as que estavam na estante do tombadilho.

— Atiro melhor do que você, Blackheart. E, no caso de o nosso jovem loiro resolver desertar, eu quero ter o prazer de puxar o gatilho. Fique alerta por aqui.

Um escaler foi baixado e o capitão escolheu dois de seus melhores atiradores, embora Jaki tivesse garantido que o mangue estava deserto. Sabia disso porque os macacos de nariz longo brincavam na praia, e o vôo dos pássaros era despreocupado. Jaki tinha pendurado novamente no pescoço a cabeça encolhida e insistira em levar sua zarabatana com a ponta afiada, mas o capitão a estava mantendo fora de alcance do rapaz.

Tão logo a proa da embarcação raspou no fundo lodoso, Jaki saltou e dirigiu-se para a praia. Pym armou sua pederneira e levantou-se para perseguir o jovem, mas não houve necessidade. O rapaz de cabelos loiros atirou-se ao chão e abraçou a areia da praia. Não tinha esperança de ver novamente esta terra. Os aromas da floresta deixaram-no inebriado, e ele entoou um cântico silencioso de agradecimento à Aranha pelo seu retorno, e outro aos seus pais mortos.

Pym desengatilhou sua arma, colocando-a de volta no cinto, e levantou Jaki pelos ombros.

— Vamos lá, grumete. Sou procurado por todas as bandeiras que navegam na Ásia, e aqui me torno um alvo perfeito para eles, enquanto você fica aí resmungando. Vamos lá pegar o remédio que me prometeu.

Jaki foi até a orla da floresta e lançou um assobio sibilante. O pirata colocou a mão sobre a boca do rapaz, e num instante tinha o cano da arma engatilhada encostada à orelha de Jaki.

— Que truque é esse?

— Não é truque nenhum — explicou Jaki. — Estou só chamando meu animal de estimação, Wawa. Quando os Lanun me capturaram, ele voltou para a floresta.

— Mas já faz uma semana que isso aconteceu. Só um cachorro esperaria pelo dono por tanto tempo.

— Wawa não é um cachorro. Não sei o nome espanhol para dizer que tipo de animal é ele. Mas virá, porque é minha alma animal. Não deve ter ido muito longe.

— Se isso é um estratagema para chamar as tribos sobre nós, você morre, Jaki Gefjon.

Jaki libertou os ombros das mãos do pirata, deu-lhe as costas e entrou na selva. Pym e os

dois apreensivos marinheiros não tiveram outro remédio senão segui-lo.

Os odores ricos e profundos da floresta envolveram a todos assim que penetraram na sombra fria sob a copa das árvores. Os anéis suspensos das lianas misturavam-se aos troncos pálidos e cheios de fungos, tudo envolto em vapores miasmáticos absolutamente estáticos. Um cheiro de enxofre desprendia-se do chão quando pisavam na camada de lama e folhas apodrecidas, e a musica abafada dos pássaros chegava até eles de algum ponto mais adiante.

Jaki chamou novamente por Wawa, e Pym sibilou para que fizesse silêncio. Ele voltou-se e encarou profundamente o olho do pirata.

— Você está em meu mundo agora, capitão Pym. Pode matar-me se quiser, e morrerei feliz. Mas, se pretende ser curado, precisa fazer exatamente o que eu digo.

Pym assentiu e desarmou a pederneira.

— Vê esses cogumelos? — Jaki apanhou um fio azul-esbranquiçado do tronco de uma árvore e estendeu-o ao capitão.. — Apanhe uma boa quantidade deles e peça aos seus homens para fazer o mesmo.

O capitão deu a ordem a seus marujos e pôs-se ele mesmo a colher os fungos, enquanto

Jaki embrenhou-se na selva, deslizando como uma sombra entre a vegetação suspensa.

— Aonde vai? — gritou Pym ao rapaz.

Jaki não respondeu e desapareceu da vista deles em poucos momentos entre as nuvens de vapor. O chamado agudo flutuou na escuridão verde, parecendo vir de todas as direções.

Enquanto Pym estava ocupado colhendo os cogumelos azuis, Jaki deu a volta e retornou à praia, apanhando sua zarabatana. De volta à floresta, fabricou vários dardos de uma touceira de longos espinhos, e encontrou o veneno que queria numa trepadeira do gênero *Strychnos* no alto da copa das árvores. Agora a vida de Pym estava em suas mãos.

Um chamado como um latido agudo chamou-lhe a atenção e ele se deparou com os pêlos prateados que emolduravam o rosto de Wawa. Os dois se abraçaram entre efusivas demonstrações de contentamento. Depois o menino pediu ao gibão que fosse até o povo da floresta, mas Wawa relutava em sair de perto do amo, e acabaram indo juntos ao encontro dos Andarilhos da Serpente, numa cabana às margens do rio.

A lenda de Matubrem-brem era conhecida dos membros da tribo, que o receberam

calorosamente, curvando-se com respeito à cabeça loira que pendia de seu pescoço. Jaki despiu o colete e a camisa e ofereceu-os ao chefe, em troca de todos os odres de *arrak* que conseguiu carregar. De volta à selva, colheu todas as plantas medicinais de que precisava, depois apressou-se a correr até perto de onde havia deixado os piratas, a um local onde Wawa avistara um tapir. Usou um dardo envenenado para abatê-lo.

Pym tinha retornado à praia, onde deixara o escaler, e estava admoestando seus homens, que não tinham coragem de entrar com ele na selva para caçar Jaki, quando o rapaz apareceu, carregado de odres e arrastando um tapir. Wawa espiava timidamente por trás dele. Durante a caminhada até a praia, Jaki tentara explicar, tanto para si mesmo como para o gibão, por que estavam deixando a floresta.

— Nosso tempo aqui já acabou, Wawa. Um novo mundo, o mundo de meus pais está me chamando, e eu preciso ir. Quer vir comigo?

Quando chegaram à praia, o gibão seguiu timidamente o jovem feiticeiro pela areia ao longo do mangue.

— Pelo prepúcio de Cristo! — resmungou Pym em inglês, assim que avistou Jaki. Fez sinal

para que os homens ajudassem com o tapir, e caminhou ao encontro do jovem seminu. — Eu estava a ponto de zarpar desta praia podre! Por que demorou tanto?

— Estava apanhando seu remédio, capitão — explicou Jaki, sorrindo inocentemente. — Arranjei também um pouco de carne e aguardente de arroz de verdade!

O jovem abriu um dos odres e ofereceu ao pirata para que cheirasse. Assim que o odor penetrou em suas narinas, a expressão carrancuda se desfez.

— Aqueles cogumelos que pediu estão aqui. — O capitão abriu um dos bolsos do gibão de couro, mostrando um volume razoável de uma massa acinzentada. — Pegamos bastante?

— O suficiente para envenenar uma manada de rinocerontes — sorriu o menino. — Agora pode jogar fora.

— O quê?

— Eu tive de manter vocês ocupados — explicou Jaki, mostrando os fungos azuis e escuros que ele havia colhido. — Estes aqui vão limpar o sangue amarelo do seu olho. E estes vão expulsar a dor. — Estendeu a outra mão, que continha um punhado de frutinhas esbranquiçadas e folhas redondas com as bordas

prateadas. — Pelo tempo suficiente para que o fungo possa curá-lo permanentemente. Deite aí. Vou aplicar.

— No escalér. Estou pressentindo perigo no vento, e quero o *Silenos* ao largo, onde pode oferecer pelo menos uma boa luta. — O capitão curvou-se em direção ao macaco, que arreganhou os dentes e escondeu-se atrás do jovem loiro. — Não pretende trazer esse demônio para bordo, pretende?

— É Wawa, minha alma animal — avisou Jaki. — Não posso ir sem ele.

Pym rosnou para o gibão e fez um gesto mal-humorado para que os dois embarcassem.

No percurso de volta até o navio, o capitão deitou-se, e Jaki espremeu o suco leitoso das frutinhas e das folhas no interior da órbita inflamada. No mesmo instante, Pym sentiu a dor desaparecer como que por encanto, dando lugar a uma sensação refrescante e gelada em volta do ferimento. Jaki colocou um tufo de fungos no interior da cavidade amortecida.

— Faremos isso a cada cinco dias. No sexto dia, não vai mais sofrer com esse ferimento.

Pym olhou para o rapaz e o gibão a seu lado com um sorriso repleto de alívio e felicidade.

— Não confiei em você a princípio, mas

agora estou contente em constatar que me enganei. Deste momento em diante, Trevor Pym es-

tá em dívida com você, grumete. Pelo tempo em que essa dor se mantiver afastada, será meu amigo. O filho que o Deus que você adora nunca me deu.

— A dor não vai voltar nunca mais — garantiu Jaki.

— Então, Jaki Gefjon, será meu filho para o resto da vida — afirmou o capitão dos piratas, alargando o sorriso.

Dois dias mais tarde, ao largo dos rochedos de Mangkalihat, onde o estreito de Makassar se abria para o mar de Celebes, o *Silenos* encontrou três navios de guerra holandeses, escuros e pesados contra o brilho do sol reverberando nas águas. Haviam sido enviados para caçar os piratas que romperam o monopólio holandês com os Japões. Jaki ficou horrorizado ao ver o destino que havia trazido aos seus salvadores. Sabia que podia ter encontrado as plantas para curar Pym em praticamente qualquer das ilhas, mas havia insistido em voltar para a praia onde fora apanhado para encontrar Wawa. O pior era que o gibão não se mostrava nem um pouco agradecido e tinha ficado enjoado assim que subira a bordo.

Estava deitado nos braços de Jaki, e a única comida que aceitava era polpa de frutas, e mesmo assim freqüentemente vomitava. Todos seriam destruídos por sua levandade.

O capitão riu da preocupação de Jaki. Pym segurava a bolsa com as plantas que haviam posto fim ao seu sofrimento, e pela primeira vez em onze anos sentia-se inteiro e com clareza de raciocínio.

— Azar dos holandeses de me encontrarem curado — disse ele em espanhol, para que Jaki pudesse entender. — Senhor Blackheart, postos de combate! E vamos ouvir um pouco de música!

Os marinheiros começaram a se movimentar no convés, apanhando pistolas e polvorinhos. Escotilhas abriam-se ruidosamente contra o casco à medida que os canhões eram colocados em posição. Um ritmo crescente veio do convés de proa, onde um punhado de homens tocava tambores feitos de barris, batendo no couro com ossos humanos. Notas agudas de pífaros irromperam, e os rostos dos piratas assumiram um ar de fervor e selvageria enquanto brandiam as armas. Um canto grave e constante começou baixinho, depois foi aumentando de volume até parecer que o ar vibrava com a melodia que acompanhava os compassos

marciais dos pífaros.

— O que estão dizendo? — perguntou Jaki, chegando com Wawa ao tombadilho para estar perto do capitão.

— Somos os filhos da Morte/Sugamos seus seios de dor/Ficamos mais fortes?/Sim, ficamos mais fortes ao sugar os seios amargos da dor. — Pym soltou uma gargalhada satânica. — Os holandeses lutam por dinheiro. Os tolos! Nós lutamos por isto. — Seu dedo foi até a testa, tocando a tatuagem da serpente. — Eles já estão mortos sobre a água. Só que ainda não sabem.

— Mas são três navios, e muito maiores do que nós — protestou Jaki. — E vêm direto na nossa direção!

— Ah, vêm mesmo. Os idiotas. Fique só olhando. — O pirata mostrou um ponto nas ondas, próximo aos inimigos, e Jaki enxergou alguns barris boiando, que rapidamente se afastavam do *Silenos*. — A corrente é muito forte aqui onde o canal encontra o oceano, e os holandeses nos favorecem vindo atrás de nós. Logo que avistei esses navios, mandei alguns emissários de boas-vindas. Os primeiros devem estar chegando agora.

— Que emissários são esses, afinal?

Em resposta à pergunta de Jaki, uma

explosão soou sobre as águas. O navio capitania levantou a proa, envolto numa nuvem de fumaça e estilhaços de madeira. Em seguida outra explosão soou sobre o eco da primeira. Impulsionado para o outro lado, o navio-líder dos atacantes ficou desgobernado nas águas, e Jaki pôde ver as chamas irrompendo pelas velas e vultos humanos como tochas se atirando no mar. Várias outras explosões soaram quando o segundo navio holandês encontrou os mortais emissários do capitão Pym, que colocaram o casco em chamas.

— Artilheiros! — berrou o capitão do *Silenos*, vendo as velas do terceiro navio virando-se para a fuga. — A perseguição! — ordenou ele alegremente.

Wawa ficou apavorado e agarrou fortemente Jaki quando o movimento e as explosões começaram a soar no convés de armas. O rapaz abraçou-o também com força, alarmado com a loucura do capitão, que se curvava sobre a amurada do tombadilho, gritando ordens. Em meio a uma grande fuzilaria, o navio pirata cortava as águas do estreito em perseguição ao terceiro navio de guerra holandês.

— Eles estão em pânico — disse Pym, ainda em espanhol. — Dentro de mais um pouco vão

cometer o erro fatal de virar a canhoneira para cá a fim de nos afugentar. Então o caçador sente as garras da presa. — O pirata fechou a mão em forma de mandíbulas, na direção do navio holandês, que começava a diminuir o velame para dar uma guinada. — Agora vai presenciar a vantagem de se usar um timão. Blackheart! A eles! — Curvou-se depois até o tubo que se comunicava com o convés de armas e gritou em direção à abertura: — Depenem os covardes, mas sem colocá-los a pique. Vamos levar essa presa para casa.

O *Silenos* voltou-se de lado rapidamente enquanto os holandeses ainda não tinham chegado à metade da manobra, e o barco pirata disparou a primeira salva. Cada um dos tiros encontrou o alvo, destroçando os canhões inimigos, dispostos em camadas sobrepostas. A segunda salva fulminou os canhões restantes, derrubando também as amuradas no convés principal. A terceira teria derrubado os mastros, mas os holandeses baixaram sua bandeira em sinal de rendição. A um gesto de Pym, o *Silenos* virou-se de proa para o navio avariado, batendo fortemente contra o seu costado. Ganchos de abordagem foram atirados em direção ao navio de guerra, e os piratas marinharam pelas cordas,

com as lâminas nos dentes e as pistolas enfiadas nos cintos.

O capitão holandês apareceu no tombadilho mais elevado do próprio navio, gesticulando frenéticos sinais de rendição. Pym sacou sua pistola e atirou, acertando o homem na garganta e fazendo com que ele rodopiasse e caísse ao mar.

— Matou um homem que estava se rendendo! — disse Jaki, segurando o braço de Pym.

— E por acaso eles estavam nos procurando para pregar a palavra de Deus? — ironizou o capitão, aborrecido. — Não sou um cavalheiro, sou um pirata, que diabos! Se não quiser lutar, fique de lado.

Pym agarrou um polvorinho e recarregou sua arma. Uma escada de corda foi baixada do tombadilho inimigo, e o capitão subiu por ela. Jaki olhou para o sr. Blackheart ao timão, que levantou o punho em sinal de vitória. Os gritos da matança e o clamor da batalha aumentaram, até que somente exclamações de triunfo viessem do navio inimigo.

Jaki sentou-se no tombadilho, abraçando Wawa. Uma nuvem cobriu a luz do sol, e o rapaz estremeceu, sentindo sua vida tornar-se menor.

A maré baixava ainda quando o *Silenos* singrou as águas rasas das ilhas da costa leste de Bornéu, roçando suavemente o fundo nas areias da laguna de Maratua. Árvores enormes apareciam por sobre as dunas, agitando os galhos mais baixos ao vento do fim da tarde avermelhada. Jaki estava no castelo de proa, e sentiu o silêncio profundo que se estabeleceu depois do espadanar de água provocado pela âncora. Os pássaros do mangue se calaram e as gaivotas que circulavam sobre o navio voaram mais alto. O rapaz cheirou o ar e não sentiu nenhum odor humano na praia pantanosa.

Desde o dia em que haviam afundado os dois navios de guerra holandeses, Jaki tentava superar sua aversão à violência impiedosa dos piratas. Dizia a si mesmo que a selva com suas garras e presas não era muito diferente do mar. As tribos caçadoras de cabeça que guerreavam entre si só eram diferentes em escala, e, agora que estavam adquirindo mosquetes e canhões, iriam começar a matar mais e de longe. A vida criava malícia contra a abundância. Os piratas eram criaturas da vida, e Jaki resolveu aprender com eles, porque o capitão e seu contramestre eram europeus como seus pais. Na luz baça e misteriosa do sol poente, o feiticeiro procurou

sinais de outras pessoas, fantasmas, e talvez do futuro.

Pym subiu ao convés de proa e ficou quieto, observando o nativo loiro e seu gibão. Jaki em sua concentração nem piscava. O que ele veria? O gibão por sua vez também não lhe prestou a mínima atenção, entretido em descascar e comer a polpa de uma fruta espinhosa.

O capitão atravessou o convés, pisando ruidosamente com o salto das botas nas tábuas largas.

— Partimos com a próxima maré — anunciou de bom humor. — Com a água parada no meio da madrugada, saímos de Maratua em silêncio, do mesmo jeito que chegamos. — O olhar de Pym vagueou pela orla do mangue extenso e silencioso. — Estamos sozinhos aqui. Um jardim selvagem e suas crianças.

Jaki assentiu com um movimento de cabeça, sua atenção presa a uma névoa branca e densa que evoluía por entre as formas retorcidas e fantasmagóricas do mangue. Distraidamente enfiou a mão na bolsa que carregava pendurada e estendeu outra fruta para Wawa, sem tirar o olhar da neblina que circundava os troncos escuros. Procurava por Mala ou Jabalwan. Sabia que estava trocando a selva pelo mar, o mundo

de sua mãe pelo mundo de seu pai, talvez para sempre.

— Pode voltar, se quiser — disse suavemente o capitão, sentindo-se inteiro de corpo e com a mente aguçada. Estava preparado para oferecer uma libertação em troca da outra. — Pode levar nosso melhor escaler. É só navegar para oeste, e a corrente o deixará em casa. Se partir agora, avistará Bornéu amanhã ao anoitecer.

— Não tenho casa — declarou Jaki, fixando no pirata o olhar que parecia turmalina líquida à luz do crepúsculo.

— A selva. A história que me contou sobre os Nômades da Chuva e seu mestre caçador de almas me fez pensar que seu lar é a floresta.

— Aquilo foi só uma história. Já acabou.

A última luz avermelhada do sol filtrava-se através da mata. Uma sombra negra começou a formar-se na vegetação rasteira. Pym pensou sobre a resposta do jovem por alguns instantes, depois abruptamente aplicou uma ruidosa palmada ao ombro de Jaki, o que provocou um rosnado de Wawa.

— Que comece aqui uma nova história! Por que pensa que paramos aqui, grumete?

— Pensei que tivéssemos vindo para

apanhar água e comida.

— À noite? Entrando com a maré baixa? Qualquer navio armado que aparecer agora no horizonte e nos avistar pode reduzir o *Silenos* a lascas de madeira enquanto ficamos chorando na praia. — O capitão balançou a cabeça. — Não sabe nada sobre o mar, Jaki. Parece que pertence mesmo à floresta.

— Eu o curei.

— É verdade. Seja bendito por isso. Aliás, o motivo de estarmos aqui agora é exatamente este. A maior honra que lhe posso oferecer é a de contrariar a tripulação e deixá-lo ir para casa.

— Já disse que não tenho casa. Conhece minha história...

— Claro. Seu sangue é três quartos europeu e um quarto aborígene. Fala um espanhol razoável e lê a Bíblia em latim. E conhece tudo sobre a selva. Mas aqui no mar a vida é diferente. Não se pode ficar sozinho. Essa tripulação e eu somos mais unidos do que irmãos de sangue. Somos uma tribo de exilados, irmãos no sofrimento. Juntos vivemos e morremos.

— São como uma tribo no mar — disse Jaki, com as feições vibrantes. — Quero ir com vocês!

O capitão dos piratas levantou uma

sobrancelha, impressionado pelo tom decidido do rapaz.

— Já provou sua utilidade, feiticeiro. Tenho certeza de que todos nós ficaríamos contentes em tê-lo a bordo. Mas tem certeza de que pertence a este mundo? — Pym apontou o barco capturado, a reboque atrás do *Sílenos*. — Você viu ontem como funciona o nosso negócio. Cruzamos os mares e saqueamos os navios: espanhóis, portugueses, ingleses e os do país de seu pai, também. Na verdade não interessa a nacionalidade deles. Se usam as bandeiras de algum império, então são nossa presa. Matamos os que resistem e abandonamos os que se rendem. Se falharmos estamos mortos, pois os reis não mostram nenhuma piedade com piratas.

— Nem com as tribos — completou Jaki. — Vi tribos inteiras desaparecerem em nome de um império. O melhor que tenho a fazer é lutar contra os homens de cara-de-falcão, capitão Pym.

— Muito bem dito, jovem feiticeiro — aplaudiu o pirata. — Mas primeiro, se tem mesmo certeza de que quer se juntar a nós, precisa tornar-se um de nós e fazer o juramento em frente a Wyvern.

— Uma iniciação...

— Isso mesmo. Aceita?

— Estive no centro do mundo — afirmou Jaki, com uma simplicidade que provocou um arrepio em Pym. — Já encontrei essa criatura que o senhor chama de Wyvern. É uma mãe assustadora, capitão.

— A mãe dos pesadelos!

— Do pesadelo mais terrível — completou o caçador de almas. — A Vida.

— Vida! — gritou Pym, inflamado, assustando Wawa. — A mãe dos ratos, lobos e piratas! Você a conheceu sob as árvores na selva. Aqui, sobre o seio ondulante do mar é a mesma luta. Esteja certo do que está fazendo, pois Wyvern é uma mãe como nenhum país, Igreja ou monarca poderia ser. Somos bastardos da vida, órfãos de um deus que nos colocou aqui e depois nos abandonou. Juraria em nome dessa irmandade? — Pym segurou os ombros de Jaki para encará-lo de perto. — Juraria em frente a Wyvern para ser um de nós?

O rapaz sustentou o olhar e colocou sua mão sobre o ombro enorme do capitão.

— Vou jurar... mas não pelo saque. Sou um feiticeiro. Minha cobiça não é por ouro, capitão Pym. Quero maná.

— Maná! — O pirata soltou uma

gargalhada. — A força além de todas as doenças que os nativos do interior procuram. E pode-se saber como pretende encontrar esse maná entre piratas, meu jovem?

— Você vai me ensinar. Vai me ensinar tudo o que sabe sobre as estrelas e as direções no céu, e sobre as estradas do mar e seus caminhos. Esse é o maná.

— Você me surpreende, Jaki. É ainda uma criança de dezesseis anos e já conhece a verdadeira riqueza do homem — declarou Pym impressionado. — Pois eu lhe darei o maná. Se você se dedicar realmente a aprender, como acho que fará, em pouco tempo tornar-se-á um mestre navegador, cujo mapa será o céu. Vai jurar agora? — O único olho do pirata piscou.

— Leve-me até Wyvern. — A boca de Jaki moveu-se levemente, e na pouca luminosidade o capitão não conseguiu saber se foi um sorriso ou um selvagem arreganhar de dentes.

Em dois escaleres iluminados com tochas, a tripulação do *Silenos* remou até a praia de Maratua. As embarcações tocaram a lama negra da margem e todos desceram, afundando os pés até os tornozelos. Carregaram tambores, a bandeira enrolada e vários barris de vinho até uma duna coberta com vegetação rasteira. A

bandeira foi colocada entre duas árvores retorcidas e os piratas começaram a atirar os barris desarmados uns para os outros. Dispunham-se numa espécie de círculo, o vinho formando linhas de líquido vermelho e transparente no ar, antes de derramar-se pela areia, ao longo do trajeto que os homens realizavam, dançando ritos antigos que imitavam batalhas. Cada um segurava sua tocha para lembrar o sofrimento que o trouxera até Wyvern, e o compromisso assumido sem remorsos.

Pym posicionou Jaki no início do declive da duna, enquanto ele e o sr. Blackheart se colocavam um de cada lado da bandeira. Levantaram simultaneamente as mãos, como num sonho, e fizeram sinal para que o rapaz loiro se aproximasse. Wawa gritou quando Jaki se afastou, e lhe foi ordenado que esperasse na mata. Os barris de vinho voavam pelos ares, espalhando vinho, mas sem tocar o rapaz.

— Contemplem o símbolo de nosso sofrimento — gritou Pym.

O sr. Blackheart desenrolou a bandeira e amarrou as pontas inferiores, de maneira que a imagem feroz ficasse estendida sob a luz bruxuleante das tochas. Imediatamente os piratas pararam a dança e postaram-se em duas

fileiras em frente ao capitão e ao contramestre, todos com as cabeças descobertas.

Jaki olhou para os dois lados, mas nenhum dos homens prestou atenção a ele; todos os olhares se voltavam para a imagem na bandeira negra. O jovem feiticeiro reconheceu os contornos do enorme crânio do Falcão da Noite que desafiara o sol. As asas coriáceas pareciam vibrar à luz amarelada das tochas, e as pernas com escamas brilhantes moviam-se como se fossem vivas. Os olhos vividos do monstro pareciam fitos em Jaki, atraindo-o para o negrume em sua volta e guiando-o como se nada mais existisse no momento.

Facas luziram à mão dos piratas, e as lâminas aproximaram-se fervorosamente do rapaz no centro do círculo. Jaki encolheu-se de medo.

— Essas são as facas que irão encontrá-lo se algum dia ousar nos trair — gritou Pym em espanhol, o único olho vermelho ao brilho do fogo. — Nenhum ferimento ou cicatriz marca essa iniciação, Jaki Gefjon. A dor o trouxe até nós, e é a única marca de nossa irmandade. Somos os exilados do mundo. Pertencemos apenas a nós mesmos. E demos nossas vidas a Wyvern.

Ao som daquele nome as lâminas foram embainhadas, e os homens voltaram sua atenção para a frente outra vez.

— Você só vai dizer uma palavra — continuou Pym, em tom conspiratório, com as mãos estendidas à frente. — Precisa ser dita em malaio, assim toda a tripulação poderá entendê-la. Mas essa pequena palavra deverá sair de sua própria carne, pois ela entrega seu corpo a Wyvern e a nossa irmandade. Contemple o símbolo de nosso exílio. É exatamente essa a forma de seu sofrimento? São esses os traços de suas perdas? Jura por todo o sofrimento que já suportou nunca trair seus irmãos em Wyvern a nenhum de seus inimigos? Jura perante este monstro que escolheu pôr fim à vida antes de render-se ao inimigo? Renega todas as outras alianças e lealdades a tribos, coroas ou reinados? Jura tomar todos os impérios como inimigos? Jura que amará a morte para salvar Wyvern e seus irmãos? — O olho de Pym passeou pelo rosto de cada um em busca de confirmação para suas palavras, pousando finalmente em Jaki. — Diga bem alto a palavra que fará de você um pirata.

Jaki levantou os braços. Era o instante de um novo começo, do nascimento de uma outra

vida, para a qual havia se encaminhado. A forma berrante de Wyvern o espreitava, com seu olhar de fogo, como guardião final de seu destino desde o ventre da mãe. Gritou em malaio a palavra que o transformou num pirata, e lançou os homens numa comemoração ruidosa:

— Sim!

Enquanto o *Silenos* rebocava o navio de guerra holandês para o norte de Panay, onde Pym tinha o seu porto, Jaki retornou ao seu aprendizado com os cabos e os mastros, devotando-se às tarefas rotineiras do navio com a perseverança de um feiticeiro. Esfregando o convés, remendando as velas, trançando o cânhamo dos cabos, o rapaz era incansável. Pym manteve a palavra e lhe ensinou os rudimentos da navegação. Os piratas tratavam o gibão prateado como mascote de bordo, e Wawa logo se acostumou a seu mundo pequenino na vastidão do oceano.

Numa manhã, o capitão dos piratas chupava uma lima no tombadilho e apontou um local no horizonte envolto em brumas.

— Lá está Iduna.

A ilha tropical parecia um ponto verde a flutuar sem contato com a terra. A medida que se aproximavam, a visão transformou-se numa ilha

real, com uma vegetação luxuriante repleta de lianas que pendiam das encostas elevadas. O *Silenos* velejou até a foz de um rio largo e continuou corrente acima durante a tarde, chegando a um porto verdejante e escondido pela selva, onde estavam ancorados sete navios grandes. Uma flotilha de pequenos barcos partiu alegremente para recebê-los.

— Aqui é onde deixamos de ser piratas e começamos a viver como homens comuns. Aqui eu me torno Trevor Pym, legado de Iduna. Aqui podemos falar de almas, jovem caçador. E pode ralhar comigo pela minha maldade.

— Capitão, acho que sua maldade não é maior do que uma pantera que apanha sua presa.

— Falou como um poeta, Jaki — disse Pym, colocando as mãos sobre os ombros do rapaz. — Perdita vai adorar você.

Nesse momento o capitão ainda ignorava a magnitude de sua profecia. Perdita sempre fora completamente fiel, e a idéia de infidelidade lhe era tão estranha quanto álgebra. Mas, enquanto ela andava pelo ancoradouro ao encontro dos recém-chegados, viu o jovem alto e loiro ao lado do marido, e seus joelhos fraquejaram de tal forma que as criadas tiveram de ampará-la para

que não caísse. Pensando que o ocorrido sucedera pela emoção de vê-lo, Pym desceu do escaler e tomou-a nos braços fortes. Perdita encarou seu rosto familiar sem desviar os olhos, com receio de ver outra vez o jovem viril que acompanhava o marido.

— Perdita, meu amor! — exclamou o capitão, apertando-a contra o peito. — Você molha o sal em meus ossos. Não desmaie agora, porque eu trouxe coisas que irão assombrá-la. Um vaso de guerra holandês para ser reformado como navio mercante, um porão cheio de tesouros dos Japões, e este aqui. — Fez sinal para que Jaki desembarcasse. — Um feiticeiro de olhos azuis das florestas de Bornéu. É um feiticeiro de verdade, que sabe mais sobre curar do que aqueles aplica-dores de sanguessugas na Europa. Meu ferimento não é mais um poço de dor, Perdita. Ele curou meu sofrimento. Pela primeira vez desde que nos conhecemos, estou olhando para você sem a dor que a conquistou.

Jaki estava absolutamente assombrado com a beleza de Perdita. Ela tinha o cabelo cor de cobre, e seu corpo era esguio como a lua de uma semana. A pele tinha um tom moreno, realçado pela luz do final da tarde, e, quando Perdita pousou os olhos nele, castanhos e transparentes

como a resina das árvores, voltou a ser um menino na selva com Mala.

— O nome dele é Jaki Gefjon — disse o capitão, soltando-a. — E tem mais, minha Perdita. Ele fala espanhol. Não é inacreditável? Mostre a ela que não estou mentindo, Jaki.

— Minha senhora — pronunciou o rapaz com dificuldade. — Sinto-me encantado em conhecê-la.

— E eu em conhecer você — respondeu ela, oferecendo a mão como se fosse aproximá-la do fogo e temesse uma queimadura.

Jaki olhou para o capitão, e Pym assentiu expansivamente:

— Vá em frente e banque o cavalheiro, menino das selvas.

Jaki tomou a mão de Perdita, experimentando uma sensação eletrizante ao tocar a pele viva e fria.

— Bem-vindo a Iduna — saudou Perdita, sua mão queimando ao toque daquele belo jovem bronzeado de sol, com músculos alongados, feições aristocráticas e com olhos profundos da cor das lágrimas. — Precisamos honrá-lo por libertar meu marido das garras da dor.

— Pode soltar a mão dela agora — observou Pym.

Jaki obedeceu, mas a sensação permaneceu em seus dedos.

Iduna se constituía num grande Estado, encravado na selva. Garças, pavões, periquitos e cacatuas adornavam os jardins no interior da muralha viva formada pela impenetrável floresta tropical. Os caminhos sinuosos de pedra que levavam aos mirantes e às jaulas dos papagaios e macacos eram ladeados por canteiros naturais de hibiscos e jasmims. A casa principal era uma mansão com pilares gregos, janelas como as de uma catedral gótica, mosaicos e tapeçarias trabalhadas no interior, como numa mesquita. Esse era o local onde Pym adorava a vida, e Perdita personificava sua deusa viva. Ela usava sarongue de seda com cores vivas e percorria descalça o chão de mármore do palácio, o corpo brilhando aqui e ali com jóias, recendendo aos mais raros perfumes. De suas orelhas sempre pendiam dois brincos de ouro em forma de esfera, com as iniciais de Pym gravadas, lembrando a todos quem ela servia. Anões, eunucos e criadas de grandes olhos escuros atendiam à senhora, ao capitão e a seus convidados instalados em quartos espaçosos que continham elaboradas lanternas de marfim e papel, e sempre estavam discretamente

perfumados com incenso. Todos os tesouros que Pym juntara durante vinte e cinco anos de saques e pirataria estavam espalhados pela mansão, que possuía um certo ar imperial.

Durante os banquetes nos quais tomavam parte todos os piratas, Jaki ficou sabendo que Iduna era um reino independente, com sua própria bandeira e uma frota. Sobre um campo azul, duas moedas sem efígie se interligavam, uma prateada e outra dourada, representando o sol e a lua, o capitão pirata e sua noiva. Pym mantinha sua frota longe das vistas dos poderes europeus na Ásia, e, desde que nenhum caçador de piratas que o encontrou saiu com vida, ele tinha liberdade para visitar os maiores portos da Ásia como um respeitável comerciante, navegando sob a bandeira de Iduna.

Nos dias que se seguiram, Jaki voltou sua atenção inteiramente para os estranhos e maravilhosos tipos de comida servidos em Iduna, a melhor opção para não pensar em sua atração pela mulher do capitão. As carnes de caça e os peixes eram familiares, a cerveja foi uma novidade deliciosa, e o vinho de uva fermentada deixou-o tonto, a suspirar pela bela senhora do reino. Com a voracidade de um gafanhoto pôs-se a experimentar todos os tipos de vegetais das

terras distantes: pepinos do noroeste da Índia, aspargos e couve-flor da Pérsia, ervilhas silvestres, nabos, beterrabas e cenouras de Flandres, tomates do Novo Mundo, feijão da África, repolhos de Bruxelas e cerejas plantadas em Gothland pelos romanos, um século antes de Cristo. Quando não conseguia comer mais, Jaki vagava pelos vastos jardins do pequeno reino, e algumas vezes corria nu com Wawa pela selva circundante, numa tentativa de exaurir o desejo proibido pela intocável Perdita.

Numa dessas corridas desesperadas, Jaki passou por uma cortina de trepadeiras de jasmim e viu-se num recanto que oferecia uma vista elevada da mansão, onde um pequeno lago com flores de lótus refletia as árvores em volta, tudo parecendo avermelhado e irreal à luz do crepúsculo. Perdita estava lá, na grama alta, tendo seguido os caminhos de pedra que levavam até ali para ficar sozinha com o desejo despertado pelo belo jovem de olhos azuis. Quando viu o jovem feiticeiro surgir por entre a cortina de flores, profundamente perturbado por encontrá-la, um forte sentimento fez com que fossem irresistivelmente atraídos para os braços um do outro.

Caíram na grama, e Wawa saltou do ombro

de Jaki, gritando. O rapaz levantou-se a tempo de avistar o eunuco subindo pelo caminho de pedras que conduzia até o local onde se encontravam. Seus olhos azuis pousaram por um instante em Perdita, depois ele se voltou e seguiu Wawa para o interior da selva.

Jaki passou toda a noite numa árvore, cheio de remorsos por trair o homem que salvara sua vida. Será que a paixão era um acidente? Não sabia ele desde o início que essa mulher significava a morte? "Onde estive desde que cheguei? Não consegui ouvir a voz da Vida. Não sou mais um feiticeiro, e talvez nunca tenha sido. Recusei o *olho-forte* em Njurat, e agora estou cego. Meu estômago é meu rosto, e a fome meu único guia."

— Jabalwan! — Jaki gritou na escuridão da selva, assustando alguns animais noturnos e aprofundando o silêncio que se seguiu. — Quem sou eu, afinal? O filho do demônio com um estômago em vez de rosto?

Arrasado pela culpa, pensou em matar-se, contudo a mesma necessidade que o levava a oferecer a mão à Aranha há tantos anos o fez decidir ir ao encontro de Pym e deixar que o pirata fizesse com ele o que lhe parecesse melhor. Quando as primeiras luzes da aurora

apareceram para os lados do leste, Jaki deixou a selva e caminhou pela trilha de pedra que levava até a mansão. Wawa seguiu atrás.

Pym esperava por ele sentado numa cadeira de vime ao pórtico de colunas brancas. Estava sozinho, as botas apoiadas num tamborete esculpido em forma de dragão, com um cutelo nas mãos. O jovem parou nos degraus de mármore em frente ao pirata.

— Capitão, eu traí sua confiança — declarou Jaki sombriamente.

As botas bateram ruidosamente no chão e a mão do capitão descreveu um arco com o cutelo, a lâmina assobiando a centímetros das narinas do rapaz, cujos músculos se retesaram sem que no entanto ele se movesse. Pym soltou uma gargalhada e atirou o cutelo no tamborete, onde ficou vibrando com o cabo para cima. Mas uma lágrima escorria-lhe do olho.

— Ah, Jaki... — suspirou ele, colocando a mão no pescoço do rapaz e conduzindo-o pelos degraus do pórtico. — Você é mesmo um caçador de almas, não é? E foi buscar a minha no inferno. Se não tivesse voltado, aí sim, teria me traído.

— Coloquei minhas mãos em sua mulher... Senti desejo por ela, e teria...

— Sim, mas o que interessa é que não houve nada — atalhou Pym limpando a lágrima. — Entendo perfeitamente o desejo carnal, Jaki. Já passei por isso também. Aquele eunuco não estava lá por acaso. Costumo manter um olho em tudo que é meu. A minha mágoa é que *ela* queria você. Mas, para quem tem um coração negro como o meu, uma tristeza dessas não é muito difícil de suportar...

— Não... Não entendo.

— Acho que é uma daquelas coisas que não se pode explicar, mas apenas se sente que é verdadeira. Você curou meu olho e fez com que pela primeira vez na vida eu conhecesse minha mulher sem dor física. E despertou nela uma paixão que vai me encher de uma dor sem corpo, a cada vez que eu estiver com ela, por toda a minha maldita vida. — Uma sombra pareceu pairar por um instante sobre o rosto de Trevor Pym, mas logo se desanuviou. — Porém sua coragem em vir até aqui para confrontar-me prova que a dor é só minha, e que não houve traição nenhuma, como talvez eu desejasse para facilitar tudo. Por isso eu ri. Os deuses estão brincando conosco, meu rapaz. Trocam uma dor pela outra.

— Nunca mais vou tocá-la — afirmou Jaki

com fervor. — Vou tornar-me eunuco.

— Se continuar atrás da mulher dos outros, vai mesmo — riu o capitão.

— Estou falando sério. Vou decepar a parte que me atrapalha!

— Então é a sua cabeça que deve cortar. — O capitão, num gesto rápido, agarrou os testículos de Jaki, apertando o suficiente para provocar uma dolorosa pontada de dor. — O desejo não pode ser cortado, seu tolo! A morte não precisa da sua ajuda. Seja paciente.

— A única coisa que sei fazer é seguir os instintos — declarou Jaki, olhando para o chão.

— E claro! Você é um homem. Precisaremos arranjar uma mulher para você.

— Não tenho muita sorte com mulheres...

— E o que parece. De qualquer forma, não ouse desafiar sua falta de sorte por muito tempo. — Pym ergueu o nariz e aspirou o ar matutino. — A época das chuvas vai começar logo. Não teremos nenhuma presa no mar, portanto vamos fazer um passeio por aí. Primeiro conheceremos as ilhas, e, por Deus, você vai aprender inglês. Depois, com as tempestades no auge da fúria, vamos testar sua habilidade. Vou apresentá-lo às grandes cortes da Ásia, e então você poderá fazer com as mulheres o que fazemos com os navios

deles no mar.

O remorso amorteceu a paixão de Jaki por Perdita Iduna, e, quando os dois se encontraram no grande salão de refeições, os olhos do jovem não encontraram os da senhora. Mesmo assim sentia ainda o olhar ambarino queimando-lhe a pele depois que se recolheu com Wawa ao quarto que ocupavam. Pelas conversas com os criados soube que ela sempre tinha sido alegre, desde que se casara com Pym, e só agora, depois que ele chegara, Perdita se mostrava lânguida e pensativa. Toda a sua vida ela havia se devotado à observância das tradições ancestrais, que eram na verdade ritos tribais adaptados para englobar a fé cristã de seus avós portugueses. Usara sua grande fortuna para educar o povo da tribo de seu pai, que agora eram os cidadãos de Iduna, tripulantes de sua frota mercante e trabalhadores dos armazéns, cujo comércio rivalizava com as capitais européias. Até mesmo as famílias mais humildes haviam se convertido ao cristianismo, e agora todo o povo orava ao Deus pregado na cruz pela salvação de Perdita, pois acreditavam que seu desejo impuro traria a ira dos céus sobre eles.

Felizmente a ira de Pym era menor do que a divina. Perdoou sua mulher e culpou a si mesmo

por tê-la apresentado a Jaki. Perdita era sua alma e ele entendia perfeitamente as tentações terrenas de uma alma ligada a um corpo feio como o dele. Na verdade, além de perdoá-la, passou a dar-lhe ainda mais valor.

No dia em que o *Silenos* partiu, com Jaki e o capitão a bordo, o povo veio ao porto despedir-se, agitando os crucifixos sob a chuva quente. Jaki permaneceu em sua cabina, e pela janela avistou Perdita sozinha em pé na ponta do ancoradouro, o cabelo vermelho e molhado de chuva, os brincos de ouro balançando à medida que ela acenava lentamente.

Jaki aplacou seu remorso demonstrando um esforço intenso para aprender rapidamente tudo o que Pym ensinava. Nas primeiras semanas no mar, vagando pelo verdadeiro labirinto de ilhas das Filipinas, aprendeu o uso dos mapas e o segredo da navegação segundo Mercator, que poucos navegadores da época tinham compreendido. Embora todos os marinheiros já soubessem que o mundo era redondo, poucos podiam determinar sua posição exata porque não tinham habilidade matemática para transformar a distância num mapa plano em quilômetros percorridos na superfície curva do globo terrestre. Pym dominava esse

conhecimento e ensinou a Jaki como usar um sextante para determinar a posição de uma estrela em relação ao horizonte, no momento preciso que o navio estava na crista da onda, encontrando-se assim a latitude. De dia usavam um pequeno espelho para evitar olharem diretamente para o sol. A distância era calculada por meio de uma corda que possuía nós a intervalos regulares e era largada da popa com uma roldana enquanto se cantava uma canção ritmada. Media-se o tempo com uma ampulheta oval, apanhada num cargueiro holandês. Em pouco tempo Jaki tornou-se eficiente na multiplicação da distância leste-oeste que haviam percorrido pela secante da latitude para obter a mudança da longitude.

O instrumento mais importante que Pym possuía era um cronômetro marinho. Quando estudava no Oriel College, na Inglaterra, tomara contato com as descobertas de um astrônomo flamengo, feitas um século antes, de que observações cronometradas de corpos celestes poderiam ser usadas na determinação de longitude. A dificuldade desse método era achar um relógio preciso e resistente o suficiente para suportar a corrosão e os movimentos do navio em alto-mar. Pym não conseguia resolver a parte

mecânica do problema, até que viu um brinquedo chinês com sistema de contrapesos numa loja em Macau. O objeto consistia numa esfera *yin-yang* suspensa por dois anéis providos de contrapesos, de tal forma que a esfera permanecia em posição horizontal, não importando o movimento que se fizesse. Pym trocou a esfera *yin-yang* por um mecanismo de relógio, inventando dessa maneira o primeiro cronômetro marinho, cento e trinta anos antes de que se tornasse de uso comum.

A cabina do capitão possuía três lados com janela de vidro facetado, e estava sempre acessível a todo o resto da tripulação, pois não era provida de porta. Mesas para cartas, um globo terrestre e um telescópio montado sobre um tapete persa dominavam o ambiente. Nesse lugar Jaki recebia sua educação européia, aprendendo não somente navegação e língua inglesa, como havia dito de início o pirata, mas também História e boas maneiras usadas na corte. Livre da dor que o oprimia, Pym estava encantado pela oportunidade de rever conhecimentos que havia ignorado por mais de dez anos, e discorria sobre todos os assuntos com evidente prazer.

Jaki aprendeu a História dos gregos e dos romanos, bem como dos impérios que se

seguiram, cortados pela tempestade de Carlos Magno, depois os sarracenos e os reis feudais. Mas esses assuntos penetravam lentamente na mente do jovem criado nas selvas, e Pym achou mais fácil ensinar-lhe danças e canções populares. Para entretenimento do capitão e da tripulação, Jaki tornou-se adepto das danças da corte como a gavota e a *allemande*. Praticava todas elas com o sr. Blackheart enquanto os músicos do navio tocavam desajeitadamente as delicadas canções e os marujos arremedavam-lhes os movimentos com imitações bem-humoradas.

Sob sua bandeira prateada, o *Silenos* atracou em Manila para trocar bens excedentes por lingotes espanhóis. A cidade de telhados vermelhos era o primeiro porto verdadeiro que Jaki conhecia desde que Jabalwan o levara até as proximidades de Bandjermasin. Ficou estarrecido com o número de galeões atracados e os edifícios de pedra de três andares. Na cidade dominada pela enorme catedral, que por sua vez parecia dominar todos os lados, as carruagens puxadas por cavalos eram dirigidas por cocheiros emplumados, vestindo brilhantes armaduras metálicas, por entre a densidade do movimento de mercadores e habitantes.

Nos salões da corte, onde Pym e Jaki foram recebidos como emissários de Iduna, a aparência do jovem imediatamente chamou a atenção das mulheres. Durante as danças, Pym vibrava intimamente ao surpreender os olhares raivosos dos espanhóis, enquanto o rapaz fazia avanços surpreendentes com damas que eles cobiçavam havia semanas. Numa dessas vezes, por ignorância das regras de comportamento, Jaki quase foi arrastado a um duelo com um oficial ciumento, e apenas a intervenção de Pym, mais um pedido de desculpas, o salvou. Embora o capitão tivesse ocultado a tatuagem da serpente com uma bandana negra e estivesse usando um tapa-olho cinza, era uma figura imponente e impressionante, sendo que algumas palavras suas foram suficientes para impedir o duelo que Jaki inadvertidamente havia provocado.

Durante a viagem de mil e duzentos quilômetros de Manila até Macau, o capitão resolveu acrescentar aulas de esgrima ao currículo de Jaki.

— A coisa mais importante para se saber a respeito do duelo de honra é como evitá-lo — disse o pirata, enquanto lhe passava um espadim. — Lutar pela honra é estupidez. Numa luta no convés não há formalidade, e uma pistola

ou um cutelo serão melhores. Mas, se por algum erro de cálculo for obrigado a duelar, então terá de obedecer às regras, porque, se não o fizer, mesmo que vença será o perdedor. Seu oponente ou a testemunha terão o direito de agarrá-lo e executá-lo sumariamente. Evite sempre lutar pela honra. Ou então aprenda a fazê-lo com perfeição.

Pym pendurou um coco no mastro da mezena e Jaki praticava estocada no fruto que balançava incessantemente pelo convés. Quando mostrou dominar a técnica com precisão, o capitão ensinou-lhe o que sabia sobre paradas, fintas e defesa a curta distância. Ficou assombrado com a velocidade de Jaki. O rapaz tinha a rapidez de um mangusto lutando contra uma naja. O espadim não passava de um brilho faiscante em sua mão bloqueando intuitivamente os ataques antes que Pym tivesse tempo de se mexer. A tripulação encorajava Jaki, que ultrapassou a defesa do pirata e tocou-lhe a ponta da lâmina no peito. Mesmo com toda essa destreza, Jaki era enganado algumas vezes pelas fintas que confundiam seus reflexos intuitivos, e Pym concentrou-se em ensinar seu aluno a pensar mais antes de agir.

Numa tarde, as lições foram interrompidas

pela aparição de um grande junco. Pym assestou o telescópio sobre a embarcação que se aproximava e sentiu um estremecimento de prazer.

— Hsi Hang! — anunciou ele, para a alegria da tripulação. — Prenda bem o capacete, senhor Blackheart. Desfraldar Wyvern no mastro principal. Aprontar os canhões! — O capitão entregou sua arma a Jaki e ordenou! — Espere lá embaixo.

— O que está acontecendo?

— Hsi Hang, aquela serpente escorregadia, está tentando levar seu ouro para Jacarta e Cingapura na época das monções, pensando que estamos atracados em algum lugar por aí. Quem sabe quantos barcos já conseguiram passar por nós? Se você não tivesse agarrado minha mulher teríamos perdido esse também. — Pym deu uma palmada amigável no ombro do aluno. — Agora vá para a cabina até tudo terminar.

— Quero ajudar.

— Não. Hsi Hang tripula seus barcos com mongóis enlouquecidos pelo ópio. Eles lutam como lobos raivosos. Não haverá trégua. Vá para a cabina.

— É a minha vida que está em jogo — insistiu Jaki, agarrando o gibão negro do pirata.

— Fiz o juramento em frente a Wyvern. Agora quero vê-la em combate.

— Você pode morrer. Ou, pior ainda, ficar aleijado. Não poderei cuidar de você.

— Não passamos de poeira no vento, capitão Pym — sorriu Jaki.

— Nesse caso, você é mais pirata do que eu — respondeu o capitão, expondo os dentes como um tubarão. — Mas, por favor, deixe de lado esses brinquedos e apanhe uma pistola e um cutelo. E fique perto do senhor Blackheart.

Jaki foi trancar Wawa em sua cabina e voltou a tempo de ver Wyvern no topo do mastro. A imagem, como num pesadelo, parecia extrair forças do vento e ganhar vida, os olhos brilhando com toda a angústia do mundo, as asas negras suspensas e as garras estendidas. Aquela visão esfriou o estômago de Jaki, que por um instante teve vontade de retornar ao camarote e ficar lá com Wawa. Apenas a força da Aranha conservou-o ali. Seu destino esperava no tombadilho, à luz avermelhada do sol que morria.

A estante de armas achava-se vazia, mas um cutelo de cabo de osso estava apoiado no mastro de popa, próximo ao timão. O contramestre viu seu olhar e assentiu. Jaki sentiu um arrepio ao passar pelo sr. Blackheart,

cujo rosto mostrava uma decisão inabalável. A *sombra da Morte*. Apanhou o cutelo e fitou as nuvens para os lados do poente.

O *Silenos* tinha agora o seu curso paralelo ao junco e balançou subitamente ao disparar dos canhões, inclinando-se para o lado oposto da cortina de fumaça branca que seguiu as labaredas simultâneas. A água escura ao lado do junco produziu colunas alvas de espuma branca, e nuvens de poeira e estilhaços se levantaram dos locais onde a embarcação fora atingida. A segunda salva ribombou e o convés de armas do junco transformou-se numa confusão total de destroços.

O *Silenos* inclinou-se e cortou as águas contra o vento para interceptar a presa. Com os mastros rangendo e as velas estalando, o navio pirata desceu sobre a presa como um gato. Ao lado do capitão, no tombadilho, Jaki pôde ver os mongóis enfurecidos agitando *parangs* e mosquetes. Ao sinal de Pym, o *Silenos* manobrou de forma a disparar uma terceira salva de tiros, desta vez a curta distância. A fumaça que subiu ao lado do navio assumiu um tom róseo, e, quando se dissipou o suficiente para permitir a visão, os piratas enxergaram as amuradas e o convés do junco transformados numa barreira

entre o mastro derrubado e os pisos destruídos. Os mongóis apavorados corriam de um lado para outro. O leme fora avariado e a embarcação estava desgovernada. Blackheart lançou o *Silenos* em rota de colisão antes que o junco tivesse tempo de ser controlado e voltar-se para disparar com os canhões intactos. Um baque grave e surdo ecoou pelo madeirame do navio, e a voz de Pym se fez ouvir acima da confusão:

— Abordaaar!

Muitos ganchos de abordagem partiram do navio pirata em direção ao junco. Pym foi para o timão, e o contramestre apanhou seu cutelo e fez sinal para que Jaki o seguisse. Desceu as escadas até o convés principal com o rapaz em seus calcanhares, pulou sobre a amurada num ponto em que havia uma corda amarrada e desabou sobre o inimigo. Uma bala de mosquete com certeza endereçada a Jaki cravou-se na amurada do *Silenos* quando o jovem saltou para cair ao lado do sr. Blackheart.

O contramestre sacou sua pistola e olhou para os lados procurando um alvo. Por toda parte homens lutavam com vários tipos de arma branca. Um bando de mongóis irrompeu no convés, vindo de algum lugar do interior do navio, e Blackheart disparou contra eles. Um

tombou derrubando dois outros. Jaki quebrou uma lança com um tremendo golpe de cutelo e viu-se frente a frente com um guerreiro enfurecido. Atacou com as costas da lâmina e sentiu os ossos do crânio do adversário partirem ao impacto do golpe. "Quando precisar matar, deixe agir o animal que existe em você", soou a voz de Jabalwan acima dos berros dos feridos e do clamor da batalha.

— Jabalwan! — gritou Jaki, abrindo caminho através dos combatentes para chegar até o mestre. Sua lâmina cortou mais carne, e sangue quente jorrou-lhe no rosto. — Jabalwan! — Os pulmões expulsaram todo o ar, numa histeria despertada pela lembrança do corpo do feiticeiro caído na terra.

Com a pele pegajosa, Jaki continuou a abrir caminho naquele mar de rostos e lâminas levantadas. Membros foram cortados, e o terror instalou-se ao seu redor. A força dentro de Jaki parecia impulsioná-lo para a frente num ímpeto assassino, soluçando, enquanto avançava à procura do único homem que havia verdadeiramente amado.

Blackheart recuou, chocado pela visão daquela fúria selvagem. Jorros grossos de sangue espirraram e corpos sem cabeça caíram a seu

lado, os membros ainda tremendo com o que restava de vida, agonizando ao lado do matador enlouquecido. Ele gritava alguma coisa que o contramestre não conseguia entender, e os mongóis, conhecidos como assassinos impiedosos, começaram a fugir do demônio loiro. Era a primeira vez que Blackheart presenciava uma cena assim desde que se tornara um pirata. A maior parte da matança já estava feita, e a tripulação do *Silenos* andava entre os corpos, observando fascinada o rapaz em sua ânsia de matar, abrindo uma verdadeira trilha de cadáveres ao longo do convés. Na amurada da proa Jaki parou e voltou-se, o corpo sacudido de soluços.

Blackheart foi até ele, tirou suavemente o cutelo das mãos ensangüentadas e elevou-o acima da cabeça mostrando-o à tripulação. Os piratas saudaram-no e aproximaram-se, passando pelos corpos estendidos, a fim de tocar o demônio loiro para captar a energia das vidas perdidas que ainda pairava nos membros frementes de Jaki. Pym havia assistido a tudo do tombadilho no *Silenos* e sentia-se grato pela pouca luminosidade do crepúsculo, que havia escondido boa parte do horror da cena. Com o coração aos saltos, o capitão pirata não sabia se

ajoelhava em sinal de respeito, ou se virava as costas e saía dali. Gritou para que o ouro fosse trazido a bordo.

Nos porões do junco a tripulação encontrou trezentos e vinte quilos de ouro em barras, a maior quantidade que o *Silenos* jamais conseguira. A tripulação queria fazer meia-volta e retornar a Iduna, porém o céu para os lados do leste estava repleto de nuvens escuras que prenunciavam tempestade, ao passo que o brilho das estrelas podia ser visto no oeste. Pym ordenou que Wyvern fosse retirada, e em seu lugar recolocaram a bandeira de Iduna, continuando a velejar à frente da tempestade.

De volta ao navio, Jaki livrou-se das roupas ensangüentadas e lavou-se no pequeno compartimento da popa, vestindo depois calça de marinheiro e um gibão de couro. Em seguida subiu ao mastro mais alto e ficou a contemplar a escuridão da noite que descia. O poder que o havia feito entrar em transe assassino cessara de agir, e o jovem sentado na trave mais alta sentia-se insignificante e irreal entre as estrelas e a espuma branca das ondas.

O agradável aroma de lavanda desprendia-se de sua pele esfregada com vigor incomum, mas Jaki ainda podia sentir o cheiro do sangue

dos homens que matara.

— Não, eu não — corrigiu-se num sussurro que se misturou ao vento. — O animal que você encontrou em mim, Jabalwan. Foi ele que fez a matança. O mesmo animal que tem o rosto em meu estômago e a língua nos meus testículos, sentindo o gosto da morte no cheiro da mulher. As garras estão nos meus pés, mestre, arranhando o chão para buscar lugar na dança da tribo. Mas eu não tenho lugar nessa dança, porque sou o filho do demônio. Nem nos salões das cortes nas grandes cidades dos meus pais mortos, porque sou um pirata. Será que não posso ter um lugar como os outros homens?

Jaki ficou ali parado por muito tempo, à espera de alguma visão ou resposta que terminasse com aquela autopiedade, mas não ouviu nada além do vento, que parecia eterno e indiferente.

A fúria que possuía Jaki durante o ataque aos mongóis servira para despertar no capitão Pym a lembrança dos acontecimentos que conduziram ele mesmo à vida de pirataria, e, na noite que sucedeu ao festim de comemoração pela presa inesperada, sentou-se ao tombadilho com Jaki, a quem olhava com novo respeito.

— Uma mentira me trouxe a marca de

traidor. E essa mentira é o mundo. É por isso que não uso chapéu. Não tenho posto no mundo, por isso não me permito usar nenhum disfarce para a mentira impressa em minha testa. Minha obrigação perante Deus é ser predador deste mundo e me banquetear com a mentira. Todas as nações são piratas, mas apenas eu sou sincero, porque foi uma mentira que me fez agir assim. — Pym respirou profundamente através das narinas dilatadas e contou como ficara preso à dor de Lúcifer por onze anos, desde a tarde em que tivera um duelo de faca com um espanhol. — Ele perdeu a vida, e às vezes, rapaz... — a voz do capitão assumiu um tom de confidencia — às vezes eu invejo aquele espanhol por causa disso.

A dor tinha sido uma realidade durante quase toda a vida adulta de Pym, e ele sempre pensava em sua juventude, quando a poesia chegava até ele sem a bebida. Costumava dizer que sua família era antiga como os pães e os peixes. Uma família de homens do mar que poderiam traçar suas ascendências por quatrocentos anos até William de Wrotham, responsável pelos navios do rei John. O pai de Trevor Pym tinha morrido num combate com os espanhóis ao largo da ilha dos Açores quando o filho tinha dois anos. Pym navegara com os tios

mercadores desde os *ffjords* da Suécia e Noruega até as areias ardentes das praias do norte da África e da Grécia. Fora educado nas escolas dos melhores portos, e depois ingressara no Oriel College, onde havia estudado matemática e arquitetura, além de latim. Nessa época chegara a compor vários sonetos sobre os desperdícios da juventude e o olhar ciumento da morte.

— Ah, meus poemas despertaram muitas paixões entre as damas da corte... — suspirou Pym, sorrindo como um gnomo. — Cheguei muito perto de casar, constituir família e tornar-me um verdadeiro esteio da mesma sociedade que passei a vida inteira atacando. Imagine só; lorde Trevor Pym, armador de navios para o Reino. Mas minha vida seria bem diferente, embora naquela ocasião eu não soubesse disso...

Em 1585, Pym fora comissionado para a Marinha Real e iniciara a construção de seu destino. Naquele mesmo ano velejou para o Caribe como oficial júnior numa frota de vinte e nove navios de guerra, comandados por *sir* Francis Drake.

O capitão pirata balançou a cabeça, como se não acreditasse na própria história.

— Nossa missão era simplesmente arrasar o Maine espanhol. Durante os saques de

Cartagena e São Domingos aprendi a matar, e assisti à chacina de cidades inteiras. O fedor dos corpos em decomposição tornou-se tão comum quanto o cheiro de maresia. Os cadáveres empilhavam-se nos portos, inchados pelo gás dentro deles.

A verdade da guerra despertou no jovem Pym uma série de dúvidas, levando-o a questionar os valores que aprendera em Oriel até que passasse a encará-los como um amontoado de mentiras e decepções. Logo começou a ser evitado pela tripulação exultante e pelos oficiais cheios de empáfia por haverem cumprido à risca as ordens recebidas. Daí por diante realizava calado e mecanicamente seus deveres a bordo. Muitos anos depois compreendeu que aquele silêncio horrorizado fora na verdade seu primeiro ato como pirata.

Algum tempo depois desses ataques, foi escolhido por Samuel Quarles, um dos capitães da frota, para acompanhá-lo à terra, em Antro Cay. Tratava-se de uma busca excêntrica a uma suposta rosa azul que se dizia existir nos bancos de areia do Caribe. Ancorado ao largo de Antro Cay, Quarles teve o cuidado de fazer no diário de bordo uma anotação que selaria o destino de Pym para sempre: O ir. *Pym insistiu em remar o*

escaler até a ilha.

— Insisti coisa nenhuma — explicou Pym, indignado. — Ele me ordenou que aprontasse o escaler. Aquele filho de um dromedário...

Na verdade a história sobre a busca da tal rosa azul não passava de um engodo, e a mentira de Quarles sobre Pym era parte de um plano traiçoeiro. Quarles era herdeiro de imensa fortuna, porém tinha se metido em dificuldade e acabara endividando-se para financiar a capitania do navio com Drake. Seu ar empertigado e cheio de falsa bravura havia escondido seus propósitos reais, mesmo de seus superiores: tencionava vender a localização da esquadra aos espanhóis. A paga prometida pelo governador de Cartagena fora uma arca cheia de ouro inca, e deveria ser entregue num poço na zona da maré em Antro Cay. Esses detalhes Pym escutara mais tarde da boca do próprio governador. Quarles havia escolhido Pym para levá-lo até lá porque sua atitude reservada o transformava num bode expiatório ideal.

Planejou atirar em Pym pelas costas logo que eles trouxessem a arca do esconderijo. Quando os espanhóis terminassem com a frota inglesa, viriam apanhá-lo e um galeão o levaria para a Europa. Lá, ele rapidamente

providenciaria sua ida para a Inglaterra. Com o ouro inca escondido secretamente em seus cofres, contaria sua versão da história, incluindo a duplicidade de Pym e seu salvamento milagroso, obra da misericórdia divina.

Na realidade, os espanhóis atacaram antes da hora combinada, enquanto Pym estava no interior da pequena caverna quase submersa. Quando ouviu os primeiros tiros de canhão, saiu a tempo de ver Quarles fazendo sinais com espelhos para os galeões. Surpreso e ultrajado, atacou Quarles, e os dois se empenharam em luta corpo a corpo. Apenas Quarles estava armado, e Pym perdeu a parte superior da orelha ao tentar retirar o cutelo do adversário.

— Fiquei enlouquecido pela dor — disse o capitão indicando a parte da orelha que faltava. — E enfiei a lâmina no coração do miserável, que era meu capitão.

Um escaler cheio de homens armados fora enviado à ilha no momento em que o combate começara para trazer Quarles de volta, e a chegada deles selou o destino de Pym, pois viram quando este matava o capitão. Imediatamente foi preso e posto a ferros. Assim que o combate terminou, foi julgado e condenado à morte por traição e assassinato. O baú dentro do poço, que

Pym afirmava ser a prova palpável da traição de Quarles, encontrava-se sob as águas, coberto pela maré, e a corte marcial não esperaria a próxima maré por temer novo ataque dos espanhóis. Um ferro especial mantido a bordo para intimidar covardes foi aquecido no braseiro até que ficasse tão rubro quanto as brasas. Depois, Pym foi marcado na testa com o sinal da serpente, o símbolo da traição.

Quando o prisioneiro já estava no mastro, com a corda sendo colocada ao pescoço, começou o segundo ataque. Uma frota de galeões inimigos saiu de trás das ilhotas ao redor. O navio em que Pym se achava foi alcançado pelos espanhóis. Após a captura, levaram-no para o galeão do almirante espanhol, tratando-o como herói.

Nos dez anos que se seguiram, ainda aturdido com a ironia que o destino lhe havia imposto, Pym viveu no Caribe. A princípio serviu como marinheiro nos galeões espanhóis, embora os superiores nunca chegassem a confiar nele, principalmente depois que ele voltou a Antro Cay e descobriu que a arca estava cheia de coral, em vez de ouro inca. Nessa época, a cicatriz na testa tornou-se arroxeadada, e Pym recusou-se a cobri-la com um chapéu ou uma bandana. Se o mundo achava que ele era um traidor, usaria

ostensivamente sua marca de Caim.

Abandonado finalmente pelo navio espanhol numa ilha chamada Hispaniola, Trevor Pym tornou-se um bandoleiro das montanhas, assaltando viajantes ricos, até o dia em que roubou um navio de escravos no porto de Isabella e treinou os escravos como marinheiros.

Enquanto saqueava barcos de carga franceses, ingleses e espanhóis, Pym desenhou e construiu seu próprio navio, a embarcação de guerra mais veloz do Caribe. A princípio chamou-o de *Sin*, e gravou na proa um trecho que retirou de uma obra de Spencer: *Hyimns*.

Correndo um dedo pela cicatriz na testa, o capitão recitou de memória:

*Desço cada vez mais, como um dejetos
Num impulso abjeto, um apelo da carne
Para que possa expiar o pacto do pecado.
Recuperar minha alma, no estado calmo e
feliz*

Em que estava antes do meu trágico destino

Na carne o pecado teve origem, Portanto na carne deve ser satisfeito.

— E assim tem sido — finalizou ele, sorrindo sob o bigode torcido.

Em 1596 Drake retornara ao Caribe, e Pym pudera vingar-se depois de dez anos de exílio. Ao largo de Porto Bello, ele atacara a frota de Drake com o *Sin*, provocando os veleiros ingleses até que o perseguissem. Mantivera o navio em velocidade moderada, fazendo os inimigos acreditarem estar ganhando terreno. Dirigira depois sua embarcação para um estreito onde já aguardava uma bateria de canhões espanhóis. Nessa armadilha, Drake perdera a vida.

Depois disso, a fama de Pym como bucaneiro espalhou-se por todas as capitais da Europa, e os ingleses ofereceram um prêmio por sua cabeça. O mar do Caribe tornou-se perigosamente pequeno para Trevor Pym, que tomou uma rota de fuga ao longo da costa da América do Sul, dirigindo-se ao perigoso Estreito de Magalhães e contornando-o para chegar ao Pacífico, zona ainda não mapeada, e finalmente às ilhas das Especiarias. Durante a longa travessia, realizada com poucas provisões, Pym sofreu alucinações causadas pela fome, nas quais viu o símbolo da serpente criar pernas e asas. Dessa maneira, concebido no ventre da loucura, Wyvern tomou forma no mundo.

Por dezessete anos Pym encontrou pouca resistência ao saquear os navios que vinham da

Europa com a missão de enriquecer seus reis, governantes e as cortes. Não esqueceu o que havia aprendido na escola, e a aplicação prática disso era que a sua tripulação tornava-se a melhor equipe de navegação em águas asiáticas. Pym aplicava todos os seus conhecimentos de matemática e desenho para melhorar o desempenho e a eficiência militar de seu navio.

Enquanto na maioria das embarcações o casco era construído pela superposição de tábuas, mais os pesados ornamentos esculpidos em madeira, *Wyvern* tinha o casco afilado como o corpo de um tubarão, e sua pintura fora concebida para confundir-se com o horizonte. Possuía também um jogo de velas negras para navegar à noite, e outro azul e cinza para camuflagem diurna. Equipado com um dos primeiros timões do hemisfério, *Wyvern* suplantava facilmente a capacidade de manobra dos outros navios que precisavam alterar a posição das velas para mudar de direção. Possuía também uma popa arredondada e uma quilha saliente, bastante revolucionária na época dos galeões de fundo chato. Tal quilha possibilitava entrar e sair com maior agilidade dos atóis e recifes que abundavam no Índico e no Pacífico. Quando fugia, nenhum navio o

alcançava, e, quando atacava, nenhum era capaz de escapar. Os vinte e dois canhões de cano curto utilizavam pólvora em grão, cuja ignição era mais rápida do que a de serpentina, comumente utilizada por quase todos os navios para seus canhões de cano longo. Pym treinou seus artilheiros para que disparassem balas de treze quilos com tanta precisão que os conveses de armas eram completamente destruídos sem danificar os porões de carga.

— *Wyvern* é cheio de truques — disse o capitão, com um sorriso maroto, arregalando o único olho. — Mas a maior arma do *Wyvern* são os mapas. Os mapas, jovem feiticeiro, são tão novos e precisos quanto permite a ciência moderna. Sabendo exatamente onde estamos a qualquer momento, temos supremacia sobre os navios que nos caçam e sobre nossas presas. A fama do *Wyvern* já rendeu muito lucro sem ter de lutar, e por isso temos mais tempo para outras coisas — completou, levantando seu odre de pele de crocodilo e tomando um longo gole antes de continuar.

A felicidade de Pym pelo sucesso fora estragada em 1613. Famoso e dono de imensa fortuna, o pirata perdeu seu olho numa breve luta com um oficial espanhol. O ferimento

impregnou-se nele como uma segunda natureza e Pym começou a beber para aplacar a dor. Foi então que resolveu mudar o nome do navio para *Silenos*, usando o nome do sátiro lascivo e bebedor da lenda grega.

— Por que lutou com o espanhol? — quis saber Jaki.

— Por uma mulher. A incomparavelmente bela Perdita Iduna, a filha virgem de quinze anos do chefe guerreiro de Iloilo, nas Filipinas.

O chefe era um aborígene com sangue português, ansioso para fazer umas alianças com os poderosos espanhóis e conquistar o apoio deles para seu reino. Teria dado a mão da filha a um deles se o pirata não tivesse oferecido uma enorme fortuna como dote: uma arca do tamanho de um javali, cheia de pérolas e ouro. O chefe guerreiro aceitou o tesouro, e Pym casou com Perdita segundo o ritual em Panay.

Durante a cerimônia, o oficial espanhol chegou com um esquadrão de soldados armados. A tripulação de Pym mobilizou-se para enfrentá-los, e, para evitar um banho de sangue, Pym concordou em duelar com o oficial pela mão de Perdita.

O espanhol era um verdadeiro mestre com a faca, mas Trevor Pym era resistente, e lutou de

forma a deixar que alguns golpes o atingissem, para que pudesse chegar a curta distância do adversário e acertar sua garganta. Um desses golpes vazou seu olho. O capitão fez com que Saja cauterizasse o ferimento com pólvora e colocasse um pedaço de seda embebida em conhaque, depois continuou com a cerimônia.

Ele nunca se arrependera por ter perdido um olho no dia de seu casamento com Perdita. Ela era a esposa ideal para um pirata, com seu corpo esguio e seu rosto belíssimo, de uma fidelidade a toda prova, perdoando ao marido as longas ausências, e até mesmo orgulhando-se do desafio que o pirata lançava a todos os impérios. Pym gastava com a mulher toda a sua riqueza, tendo-lhe construído um palácio e um Estado próspero em Panay. Perdita dera à luz dois meninos e uma menina, todos mortos no momento do nascimento, e o marido amaldiçoara cada um deles. Não havia casado com ela para ter filhos, e assim, para proteger a vida da amada, mandara Saja extrair-lhe os testículos. Depois banhara-os em ouro e desde então Perdita os usava como brincos.

O olhar chocado de Jaki provocou uma gargalhada do pirata.

— Agora você sabe por que ela nunca tira os

brincos. O fato de casar com meu corpo não significa nada para mim. Nunca tive um corpo bonito. Além do olho, e do pedaço que perdi da orelha, faltam-me pedaços dos dedos em ambas as mãos. E isto aqui... — bateu com o dedo na cicatriz da testa. — Muito antes do espanhol eu já era um sujeito bem feio, e só lamento a perda do olho porque veio acompanhada de uma dor enlouquecedora desde o dia do meu casamento. Vinho e assassinato eram as únicas coisas que davam algum alívio... até que você me curou, feiticeiro. Agora toda a dor que sinto está exilada na alma.

O capitão se levantou, e com passos trôpegos pela bebida atravessou o tombadilho em direção a sua cabina. Mas Jaki não estava pronto para dormir e deixou-se ficar onde estava, voltando o rosto para o céu estrelado.

A história do capitão ressoava-lhe na mente como música, e ele não conseguia tranquilizar seus pensamentos. *Todo o mal do esquecimento*, dissera Jabalwan. Pym representava o mal e o esquecimento do mundo, e mesmo assim salvara-lhe a vida e se tornara o mais próximo que ele possuía agora de um parente. Como Mala e Jabalwan haviam sido, agora o capitão era a dor da vida para Matubrem-brem, a Aranha na

teia do mundo, que poderia matá-lo com seus ensinamentos, ou fortalecê-lo para viver como feiticeiro no mundo de seus pais.

Jaki era indiferente à revolta de Pym contra o mundo, assim como a sua própria vida como feiticeiro. Toda ambição e todo o desejo não passavam de mentiras diante da morte. Queria apenas viver a vida do animal que tinha o rosto em seu estômago, e isso simplesmente porque estava vivo agora. Do ponto em que se encontrava, a vida podia levá-lo a todos os lugares, e portanto a nenhum especialmente.

Escutou atentamente o som do grande navio ao cortar as águas, refletindo que a paixão e a nobreza brotavam com o sofrimento. Suportaria a dor que sentia por tudo que já perdera para a morte, assim como Pym e Jabalwan haviam suportado antes dele. Assim o mistério insondável da Vida exigia de todos os seres.

De algum lugar esquecido da memória, a voz de Jabalwan chegou até Jaki:

— "Cale a boca e vá dormir, Matu. A verdade ainda vai estar por aqui quando acordar. Um caçador de almas é a dor viva do mundo."

Na manhã em que a baía de Macau tornou-se visível, Pym presenteou Jaki com um espadim

cujo cabo parecia uma serpente, além de uma bainha com cinturão de couro marroquino.

— Dezoito anos atrás tomei isto de um soldado espanhol no mar de Banda, e desde então nunca precisei usá-lo num duelo. Vamos ver se você faz uso tão inteligente dele.

Jaki recebeu a arma sentindo o contato esfriar seus dedos, e pressentiu a morte na lâmina. O cinto de couro tinha um tom escuro de azul, com pequenas incrustações de prata. O peso total do conjunto deslocava seu centro de gravidade para baixo, à altura dos quadris, e ele teve de andar pelo navio todo usando a espada, o que lhe valeu risos e chacotas por parte dos marinheiros, que Jaki ignorou. Os dias que havia passado em Manila tinha sido desagradáveis porque ainda não se acostumara às desajeitadas vestimentas usadas na cidade. Seus movimentos haviam sido tolhidos, e isso era perigoso. Mesmo depois de deixar Manila, insistira em continuar usando as botas que Pym lhe dera. Aos poucos o couro cedeu ao formato de seus pés, e agora já conseguia mover-se graciosamente. Acostumar-se à espada mostrou-se na verdade mais fácil do que sentir o convés através do couro. Quando o *Silenos* aportou na baía sombreada de palmeiras, entre galeões, juncos, navios de guerra e iates,

Jaki carregava sua arma completamente à vontade.

A cidade chuvosa de Macau era uma babilônia de mercadores vindos de todas as partes do mundo. Árabes de turbantes e calças largas misturavam-se a chineses de cabeça raspada e portugueses de armaduras brilhantes nas ruas estreitas do mercado. O aroma das especiarias das ilhas Molucas misturava-se ao dos óleos aromáticos da Sumatra, enchendo o local de fragrâncias exóticas. Nas plataformas do porto cin-tilava o ouro do Sião, prata de Burma, sedas de Catai e pedras preciosas da Índia. Nas vielas sinuosas, homens rudes com trajes surrados contratavam os serviços de cartomantes e meretrizes de todas as raças, além de jovens rapazes. A tripulação do *Silenos* dispersou-se pelo mercado, ávida para gastar as fortunas que não puderam utilizar durante a estada de oito dias em Manila.

Jaki acompanhou Pym e Blackheart, que foram apresentar-se ao governador a fim de que ele desse permissão para estabelecer comércio com os mercadores indicados pela coroa, que ofereciam as melhores e mais lucrativas oportunidades e só negociavam com chefes de Estado. Como Iduna não podia sobreviver apenas

à custa de saques, Pym havia estabelecido relações comerciais legítimas com várias companhias européias, as mesmas que ele pilhava no mar quando tinha oportunidade.

O palácio do governador era ainda mais suntuoso do que as mansões mais ricas e do que a própria catedral de Manila, embora sua construção não estivesse terminada. Um círculo de árvores esculpidas erguia-se ao redor de um pátio com fontes de mármore negro, e uma série de colunas apoiava uma cornija de bronze e ônix vermelho. Havia plataformas ao lado de uma parede inacabada, e muitos blocos de granito espalhavam-se pela área, apinhada de trabalhadores.

Sentinelas com armaduras guardavam a entrada do palácio e cruzaram as alabardas à frente dos três companheiros. Pym adiantou-se e entregou uma carta escrita por Perdita. Um dos guardas desapareceu momentaneamente e voltou trazendo um jovem oficial trajando uniforme da cavalaria, que devolveu a carta como se segurasse alguma coisa suja e contagiosa.

— O governador não recebe emissários de pequenos reinados na selva, não reconhecidos por Lisboa — afirmou ele, como se assim descartasse o assunto.

— Não reconhecido? — O único olho de Pym faiscou. — Como não reconhecido, se Iduna negocia com a Espanha e a Holanda há dez anos?

— Pode ser, mas acontece que sua nação não está no catálogo dos reinos que têm o favor de Lisboa — objetou o oficial. — Por favor, vá conduzir seus negócios no mercado.

— Por Deus que não iremos! — protestou o capitão. O oficial português recuou um passo e os guardas se aproximaram. — Quero falar com seu oficial superior.

— Sou Diego de Almeida Cão, o oficial comandante da guarda do palácio. Meu superior é o próprio governador.

— Nesse caso falarei com o governador, Diego.

As narinas do oficial se dilataram com a afronta de ser chamado por seu primeiro nome cristão.

— Pois eu digo que não vai, senhor — disse ele, colocando a mão sobre a empunhadura da espada.

Pym e Blackheart retrocederam com os braços longe do corpo, porém Jaki avançou, a mão no punho de seu espadim, coração acelerado com a excitação do momento. Almeida

esperava, pronto para defender um ataque, mas o contramestre agarrou Jaki pelos ombros e tirou-o dali com um grunhido de alarme.

— Leve o mudo e esse seu bufão loiro e saiam da frente do portão — ordenou Almeida. — O governador não está procurando uma companhia de comediantes hoje.

Pym levantou a mão, num gesto conciliatório, e sorriu seu sorriso de tubarão.

— Por favor, comandante. Acho que houve uma pequena confusão entre nós. Não há necessidade de palavras ríspidas, porque ambos estamos aqui para servir o governador, o senhor como seu protetor, e eu como emissário de um reino pequeno, mas muito rico. Venho trazendo um presente valioso que o governador não gostaria de perder apenas por causa de um mal-entendido. — Pym removeu um saquinho de couro que trazia pendurado ao ombro, extraindo dele uma caixinha de jade branco que parecia brilhar com luz própria na sacola escura. O capitão levantou a tampa e retirou um rubi do interior. — Por favor, aceite isso como prova de que reconhecemos sua autoridade e permita-nos oferecer o restante ao governador.

Almeida retirou a mão do punho da espada, e, afetando indiferença, apanhou o grande rubi.

O brilho vermelho e transparente teve a propriedade de acalmar sua raiva. Olhou na direção dos guardas.

— Podem deixá-los passar.

As enormes portas de mogno abriram-se para um pátio interno de pedras cinzentas cobertas de trepadeiras. A maior parte da construção estava pronta no interior das paredes inacabadas, e eles passaram por uma série de arcos com incrustações de ouro até um saguão coberto de lambris de cedro.

— Espero que você entenda que foi *mesmo* um palhaço provocando Almeida daquele jeito — sussurrou Pym a Jaki enquanto andavam. — Os portugueses são verdadeiros assassinos com espadins. Ele nos teria cortado os três antes que pudéssemos dizer seu nome.

Jaki concordou com ar ausente, admirando o teto de mármore da antecâmara que levava ao gabinete do governador. Pym, que usava apenas uma bandana negra formal, fez um gesto para os outros dois descobrirem as cabeças antes de bater com a argola apropriada num leão em bronze, ao centro da porta. Anunciou-se como embaixador de Iduna ao criado com traje de cetim que estava à entrada, e entregou-lhe a caixa de jade cheia de jóias. O homem abriu o

delicado trabalho, examinou brevemente as gemas no interior e fechou novamente a porta. Momentos depois, voltou com um convite impresso para o baile que iria se realizar em duas noites.

— É só isso? — perguntou Jaki, indignado. — Uma caixa de jóias por um convite para dançar? Nem mesmo uma audiência com o governador para que ele possa agradecer pessoalmente?

— Vim para fazer negócios em Macau, não para escutar um homem igual aos outros cacarejar só porque é cunhado do sobrinho de um primo do rei. Vamos lá, temos coisas mais importantes a fazer do que ficar neste templo de cobiça. Vamos beber com as prostitutas!

Pym e Blackheart conduziram Jaki pelas ruas estreitas de Macau, comprando provisões para o *Silenos* e freqüentando tabernas, onde escutaram histórias de travessias e tempestades nos mares, do comércio de escravos na África, e da guerra na Europa, além, claro, de relatos sobre o ataque dos piratas em águas asiáticas. Naquela noite visitaram um elegante bordel com um belo jardim de palmeiras, assoalho coberto com ricos tapetes, paredes altas e espelhadas e lençóis de seda. O desejo de Jaki quase

desapareceu na presença das mulheres sofisticadas e ricamente trajadas, que riam com suas reações de espanto e óbvia inexperiência. Como as garotas dos campos de arroz, a única intenção dessas odaliscas portuguesas e orientais era agradá-lo, mesmo porque haviam sido regamente pagas por Pym para proporcionar um tratamento especial ao rapaz, que acabou deixando as preocupações caírem com as roupas.

Aliviado do desejo e sentindo-se vazio como um sonho, Jaki sentou-se depois sob uma palmeira, pensando em todas as mulheres que satisfizeram suas vontades. Os prazeres simples que aprendera com as moças no arrozal eram mais agradáveis do que os jogos sofisticados que o entretiveram nessa noite nos corpos macios e experientes das prostitutas. Ali ele tinha sido apenas mais um homem, humilhado pela própria paixão.

Sentiu saudade do tempo em que era somente um feiticeiro, e compreendeu que o caminho escolhido o conduziria cada vez mais longe, sem esperanças de voltar à vida na selva. Estava sozinho, e a solidão logo se transformou em melancolia. O destino parecia levá-lo a vagar cegamente entre acessos de fúria. Perdita Iduna

havia lhe mostrado isso quando o animal dentro dele quase devorara a ambos, mais o capitão. O desejo em si era uma coisa vazia e demoníaca.

Atingido por essa revelação, Jaki prometeu a si mesmo que a próxima vez que se ligasse a uma mulher teria de haver amor.

Na manhã do dia do baile na corte, a tripulação do *Silenos*, ancorado à entrada da baía, ficou observando a chegada do maior navio de guerra que já tinha visto deslizando para o interior do porto. Três conveses de armas, com pelo menos cem canhões, a maioria deles atirando projéteis de vinte e dois quilos. O casco era pintado de branco e mantido completamente limpo de cracas. A amurada de bronze brilhava e a popa arredondada era perfeitamente lisa, sem ornamentos ou enfeites de nenhuma espécie.

— É o próprio navio do demônio — comentou Pym, estudando as linhas hidrodinâmicas do casco. No topo do mastro tremulava a bandeira onde a cruz vermelha da Inglaterra de St. George se superpunha à cruz branca da Escócia: a Union Jack. — Uma fortaleza flutuante com a velocidade de uma barracuda e o tipo de quilha que temo mais do que qualquer outro. — Os olhos do capitão se apertaram raivosamente enquanto ele lia o nome

gravado na proa. — *Fúrias do Destino*.

O resto do dia Pym passou sentado em sua cadeira, tomando vinho de Lisboa e observando o enorme navio ancorado no porto, procurando nele sinais de fraqueza, o humor piorando à medida que o poderio da embarcação ficava mais patente.

— Nenhum outro navio na Ásia tem uma vela bujarrona, a não ser o *Silenos* — comentou o pirata com Jaki, que estava a seu lado. — E nós sempre temos o cuidado de escondê-la quando entramos nos portos, para que os outros não saibam de nossa vantagem. Olhe só o *Fúrias do Destino* com a bujarrona exposta. Em pouco tempo todos os navios de guerra por aqui vão ter uma também. E veja só aquilo! — Pym apontou uma corda amarrada do mastro de proa até o casco. — Eles têm um cabresto como nós. Que Deus o apodreça! Não gostaria nem um pouco de encontrar esse navio no mar.

O *Fúrias do Destino* estava atracado, e havia guardas à entrada da rampa de acesso, que evitaram responder às perguntas dos marinheiros curiosos enviados por Pym para descobrir quem era o capitão daquela embarcação tão moderna. Através da luneta, o capitão pirata observava a tripulação inglesa, que

descarregava os porões e guardava provisões. O imediato, um sujeito de rosto alongado com uma barba negra que a essa distância parecia uma mancha de alcatrão, supervisionava o desembarque de cavalos e vacas nos porões abaixo. O capitão, em uniforme completo, estava na amurada de popa olhando para o *Silenos* também com uma luneta. Trevor Pym não reconheceu de imediato o rosto quadrado e barbado que o observava, mas os marinheiros lhe trouxeram dolorosas recordações: as faces rudes e os belos cabelos dos marujos de Devon; as feições angulares dos homens de Yorkshire, e os marinheiros rijos e morenos de Wales. Cada rosto era como uma agulhada de recordações, trazendo de volta lembranças de quarenta anos de exílio. Pym passou a luneta ao sr. Blackheart e apanhou a bebida sob a cadeira.

A bordo do *Fúrias do Destino* o capitão inglês segurava com tanta força sua luneta que a capa de couro estalava sob seus dedos. Largou o instrumento por um instante e observou o sol refletido nas águas da baía para recuperar o controle. A visão do pirata de um olho só o deixara profundamente abalado. O pano preto na testa do traidor certamente encobria a marca da serpente, e ele segurou-se na amurada, fato que

não escapou da atenção do imediato, que se dirigiu ao tombadilho.

— Senhor... Alguma coisa errada?

— Volte aos seus afazeres, senhor Montague — ordenou rispidamente o capitão, provocando uma rápida saída do subordinado.

Desde pequeno o capitão William Quarles odiava Trevor Pym. Tinha apenas cinco anos em 1586 quando Pym matara seu tio Samuel Quarles em Antro Cay, privando a família das riquezas que o nobre parente havia ido buscar no Novo Mundo. Sob o reinado da rainha Elizabeth a fortuna da família havia sofrido muitos reveses, e o tio Samuel estava lutando para restabelecer o patrimônio quando fora assassinado. Durante toda a sua vida, William Quarles havia batalhado para restabelecer a posição que Pym roubara de sua família, e agora encontrava o próprio demônio causador de sua situação. Mal podia conter a ira. Mas com certeza não permitiria que Pym ou a raiva interferissem em sua carreira militar, construída por meio de muito esforço. Por ora, era melhor deixar de lado a idéia de colocar a ferro o traidor. Estavam num porto português, o miserável era traidor da Inglaterra, portanto Quarles precisava de provas de pirataria antes de prender Pym ou ele próprio seria

considerado um fora-da-lei e expulso de Macau, onde tinha vindo para restabelecer ligações diplomáticas e comerciais.

Procurou detalhadamente no outro navio a famigerada bandeira que atemorizava todas as rotas comerciais da Ásia. Mas Wyvern não se encontrava à vista, a não ser no formato singular do navio; os contornos do predador ali estavam: os mastros inclinados eram suas asas e o corpo esguio e feito para a velocidade era o corpo do dragão. As garras achavam-se escondidas, as aberturas dos canhões estavam fechadas, e várias delas tinham redes penduradas, como se fossem usadas somente para o embarque de carga. A proa afundava-se mais do que os outros barcos, o que denunciava uma quilha especial, e, em vez de leme, Quarles notou que havia um timão. Este certamente não era um navio comum, embora usasse as cores de embarcação mercante. O fato de disfarçarem um navio de guerra acabou de convencer Quarles, que começou a procurar pontos fracos.

Abaixo dele, através da vigia de um dos camarotes, outra tava assestada sobre o *Silenos*. Maud Rufoote, de dezesseis anos, soltava risinhos de vez em quando ao observar os homens seminus que trabalhavam no convés do

navio pirata. Era uma bela jovem, com cabelos castanhos cacheados, mãos ágeis e prestativas, além de um rosado saudável nas faces.

— Veja, Luci — disse ela à ama. — Ali tem um sem orelhas! Lucinda Quarles, a filha do capitão, lia encolhida em sua cama acolchoada, virando dolorosamente as páginas de um avantajado volume de poesias. Com um olhar entediado esfriou a alegria de Maud. Há muito deixara de brincar com o telescópio, e, embora não fosse mais velha do que a criada, sabia ler. Encontrava cenas mais vividas e reais nas páginas dos livros na biblioteca do pai do que nas lentes de cristal. Maud crescera no campo, em Devon, e ainda sentia saudade de casa, mas ficava sempre animada quando atracavam nos grandes portos. Adorava usar a luneta, com a qual alçava vôo, aproximando-se dos locais distantes e libertando-se por instantes do confinamento do navio, sem incorrer na ira do pai de sua patroa.

— Essa tripulação me parece ser a mais saudável que já encontramos na Ásia — comentou ela, sem se importar muito com a atitude de Luci. — Estou vendo um com uma enorme tatuagem nas costas, e um outro ali com anel de ouro enfiado no nariz... e mais dois, um

em cada lado do peito. Venha dar uma espiada, Luci.

— Estou ocupada, Maud — protestou Lucinda, mudando o tom de voz para ler um trecho da obra. — "Desde que vi todas as minhas alegrias chegarem a um crepúsculo..."

— Sidney! — reconheceu Maud sem tirar o olho do visor. — Você está lendo Sidney outra vez. Ele é muito deprimente. Não leia para mim agora, acabamos de chegar ao porto. Você por acaso vai lamentar seu amor perdido durante a viagem inteira?

No ano anterior, em Roma, Lucinda havia se apaixonado pelo seu professor de latim, um jovem poeta com olhos profundos e um rosto de quem estava faminto. Antes que seu amor pudesse ser correspondido, o pai fora designado comandante do *Fúrias do Destino*, e, estando a par da situação, ordenara que a filha o acompanhasse em sua missão pela Ásia, que deveria durar três anos. Quando voltassem à Europa, ela teria dezoito anos, e casaria com o cavalheiro que ele escolhesse.

Essa perspectiva a atormentara durante a vida inteira, e ela encontrava um perverso prazer adolescente em aumentar sua desgraça lendo passagens melancólicas dos poetas.

Há muito tempo odeio a noite, e ainda odeio mais a manhã,

Há muito tempo os pensamentos me perseguem como feras na floresta

E me fazem desejar estar deitado sob as montanhas.

Maud retirou uma das mãos da luneta, para fazer um gesto que afastasse as idéias mórbidas.

— Deitada sim, mas não embaixo de uma montanha... Luci, pelo amor de Deus! Você prometeu que nós não morreríamos virgens! — Maud voltou a olhar para o navio pirata. — Venha ver os asiáticos... Um deles está tocando rabeca. E olhe lá ao lado da bitácula! Um tipo europeu. Com um olho só e uma barba cheia de trancinhas, presas com ossos. É feio como um ogro, mas tem cara de ser inglês. E tem mais um, com os cabelos e a barba ruiva... Oh, Luci... venha ver.

— Qual é o nome do navio? — perguntou Lucinda, sem tirar os olhos do livro.

— *Si-le-nos...* — leu Maud com dificuldade. — Que nome esquisito!

— É latim, Maud. O *Homem na Lua* — traduziu Luci.

— Esse calor é insuportável — queixou-se a criada, passando a manga na testa para limpar o suor. — Estávamos bem na Itália... Você bem que podia ter tomado mais cuidado em esconder sua paixão. A essa hora estaríamos aos cuidados de alguma casa nobre, e não cozinhando embaixo desse sol miserável!

— Você sabe muito bem que as coisas não são assim, Maud. Meu pai não liga a mínima para o que estou sentindo. Ele me mantém por perto porque acha que sou sua propriedade, e ele não suporta separar-se de nada que pertence a ele.

— Luci! — Maud deu um grito ao focalizar a luneta em Jaki, que trançava cânhamo encarapitado no mastro da proa. — *Outro* europeu, e esse é bem atraente! O cabelo é tão bonito quanto o seu, ou até mais. Não tem barba, como um menino... Mas o corpo é de homem. E o rosto, então? Parece aquelas estátuas que vimos em Roma... Você precisa ver, Luci. — Maud estendeu o telescópio na direção da patroa. — Esquece um pouco esses poemas, e venha ver alguma coisa viva!

— Já estou indo — disse Lucinda, saindo da cama.

Ela suspendeu seu vestido engomado para

apoiar-se no peitoril e apanhou o telescópio. Maud apontou-lhe o cordame do mastro na proa. Quando fixou a imagem no ponto desejado, seu coração deu um salto. Ele era tudo o que Maud havia apregoado, e mais ainda, com o corpo atlético e bronzeado pelo sol, contrastando com o cabelo longo e quase branco que lhe caía sobre os ombros. Era o homem mais completo que já tinha visto. Suas feições eram calmas como o mármore, livre da rudeza e malícia sempre presente no rosto dos outros marinheiros. Mesmo fazendo o seu trabalho, parecia tão livre quanto as nuvens que passavam rápidas acima dele, intocadas pelos sentimentos humanos. Luci compreendeu que isso era uma fantasia, mas ficou curiosa em saber que tipo de emoções passaria pelo coração de um homem assim.

— É tão triste pensar que ele é um pirata...
— disse Maud, interrompendo-lhe as reflexões. — Só rezo para que seu pai não nos obrigue a assistir a seu enforcamento.

— Teria sido melhor me deixar com os poemas do que me chamar para ver isso — reclamou Luci, acomodando-se novamente na cama.

Porém, quando tornou a pegar o livro, não conseguiu se concentrar. A lembrança da

imagem que tinha visto pelas lentes lhe provocava um formigamento na sola dos pés, que subia pelas pernas do mesmo modo que quando escutava boa música. Observou a criada, de novo olhando pelo telescópio e suspirou profundamente para expulsar a visão de sua mente.

"Não seja boba", disse para si mesma. "Só uma criança se apaixona por uma imagem." Era lúcida o suficiente para compreender que não amava verdadeiramente o estranho que acabara de ver, mas o amor em si. Isso acontecera no ano anterior, e a levara a ficar em péssima situação diante do pai, o qual desejava que ela se casasse com um cavalheiro rico e importante. No entanto, ela queria o amor. Um sorriso divertido cruzou seu rosto quando imaginou o que diria o pai se soubesse que a filha se apaixonara por um homem como o desconhecido. Mas logo resolveu tirar o belo marinheiro da cabeça. Afinal ele era um pirata, e os piratas eram presas de seu pai.

Nessa mesma noite, sob a pesada chuva de verão, Pym, Blackheart e Jaki foram transportados em palanquins até o palácio do governador. Vestidos com as melhores roupas, passaram por corredores de uma ala que não conheciam até as portas do salão de baile, onde

foram anunciados pelo empertigado arauto como representantes do reino de Iduna. Penetraram na multidão empoadada e vestida de seda, até a poltrona de madeira entalhada onde se aboletava o governador, um homem gordo e careca, com um nariz proeminente e barba meticulosamente aparada. Os lábios vermelhos e carnudos lembravam o bico de um papagaio. Atrás dele, em pé, estava Diogo Almeida de Cão, o comandante que desafiara os piratas dois dias antes. Cumprimentou Pym com a cabeça e lançou um olhar hostil a Jaki.

O governador agradeceu breve e formalmente o presente, e logo apresentou os recém-chegados ao seu convidado de honra, sentado numa cadeira que lembrava um trono, a sua direita: o príncipe dos mercadores chineses, Hsi Hang.

Hsi, um volumoso mandarim, vestia-se ricamente segundo seus costumes e possuía as unhas inacreditavelmente longas.

— Capitão Pym — disse ele em espanhol perfeito. — Estive admirando seu navio, o *Silenos*, que se encontra no porto. As linhas do casco e os mastros inclinados indicam que ele deve ser muito veloz e fácil de manobrar.

Jaki não pôde deixar de notar a

animosidade no olhar dos dois homens que se defrontavam, escolhendo cuidadosamente as palavras.

— É muito lisonjeiro, Hsi Hang — respondeu Pym, em tom reservado. — Sua reputação como experiente homem do mar é reconhecida em toda a Ásia. Eu mesmo desenhei o *Silenos*, e de fato ele foi concebido para transportar rapidamente sua carga.

— Para evitar os piratas, não é mesmo, capitão?

— É verdade — observou cinicamente Trevor Pym. — Os Lanun sempre causam muitos problemas nesta costa da Malaísia. Mas até hoje não tive problemas com piratas em alto-mar.

— Então nunca ouviu falar de Wyvern? — Os olhos do chinês se estreitaram.

O capitão voltou-se para o governador com expressão de quem não estava entendendo.

— Hsi Hang está se referindo ao famoso pirata que ataca nossas rotas comerciais há quase vinte e cinco anos — esclareceu o governador, mantendo um olhar desconfiado e vigilante nos três companheiros. — É surpreendente que nunca tenha ouvido falar de Wyvern, capitão. Estou aqui há pouco mais do que um ano, e logo que cheguei em Macau

comecei a ouvir histórias a respeito dele.

— Certo, mas o senhor é o governador! — declarou Pym, fazendo uma reverência. — Imagino que muito poucos assuntos escapem a sua atenção, enquanto eu sou apenas um mercador.

— Há quanto tempo navega por essas águas, capitão Pym? — indagou Hsi Hang.

Antes que Pym pudesse responder, o arauto bateu no chão com sua maça pedindo silêncio:

— Comandante do *Fúrias do Destino*, capitão William Quarles da Marinha Real da Inglaterra, e sua filha Lucinda Quarles.

Pym aproximou-se de Blackheart e sibilou numa voz cheia de raiva:

— É esse o bastardo peidorreiro!

O contramestre apertou mais o ombro do capitão, e olhou para Jaki, porém a atenção do rapaz estava voltada para a porta de entrada.

Um homem atarracado, de cabelos castanhos e barba grisalha, achava-se parado à porta, examinando o salão com uma arrogância quase imperial. Usava uniforme de gala completo, o que incluía túnica de veludo azul com acabamento de arminho, calções justos também azuis, ligas e botas de couro polido. A jovem a seu lado, pálida como a luz do luar,

tinha o cabelo num tom loiro quase prateado. Vestia um corpete de veludo preto, um vestido branco de seda, e calçava sapatilhas cinza enfeitadas com pérolas.

À medida que os convidados se aproximavam do governador, Pym recuou com a intenção de misturar-se à multidão, mas Jaki adiantou-se, fascinado pela primeira mulher loira que via na vida.

O capitão Quarles curvou-se cerimoniosamente diante do governador e cumprimentou Hsi Hang com um aceno de cabeça que demonstrava familiaridade. Pym tentou novamente enfiar-se entre os convidados, contudo o governador foi mais rápido que ele.

— Comandante do *Silenos*, capitão Trevor Pym... este é o homem que vai limpar nossas rotas marinhas, protegendo-nos do temido Wyvern: Comandante do *Fúrias do Destino*, capitão William Quarles.

— Já me conhece? — perguntou o oficial inglês num português arrastado. — Eu certamente me lembro do senhor. Seu nome é maldito em nossa família. Acho que ainda era um aprendiz de imediato em noventa e seis, quando saí com a última expedição de Drake, para caçar os espanhóis no Novo Mundo. Lembro-me bem

de sua traição. Meu tio era Samuel Quarles, o capitão que o senhor matou na primeira viagem de Drake.

Hsi e o governador, que acompanhavam atentos as palavras do oficial inglês, olharam para o capitão Pym, que esboçou um sorriso seco:

— Infelizmente o senhor cometeu um engano — respondeu o pirata, em perfeito espanhol. — Na verdade o traidor era seu tio, não eu. Servi de bode expiatório para encobrir a traição dele, sem nenhum outro motivo a não ser que naquela época eu era ingênuo e não apreciava a matança que faziam.

Blackheart tentou gentilmente levar seu comandante dali, mas Quarles fez um gesto para que se afastasse.

— Não precisa temer por seu capitão — declarou em inglês o comandante do *Fúrias do Destino*. — Sou um homem respeitador da lei, e jamais procuraria vingança na corte do governador. — Quarles aproximou-se lentamente de Pym, provocando uma troca de olhares entre o mercador chinês e o governador. — Mas uma coisa eu lhe digo, Trevor Pym. A marca da serpente que está escondida sob esse pano negro irá levá-lo direto para a forca se nos

encontrarmos em território inglês. Ou pretende negar também a traição que terminou com a morte de Drake em Porto Bello?

— Mas, afinal de contas, o que é isso? — perguntou o pirata com ar ultrajado ao governador. — Pensei que tínhamos sido convidados para nos divertir.

O governador fez um gesto a Diogo Almeida de Cão, que adiantou-se e curvou-se primeiro perante o capitão inglês, voltando-se depois para sua filha.

— A dança já vai começar. Será que me daria a honra?

A moça aceitou com uma mesura, e o par afastou-se ao som dos primeiros acordes da orquestra. Blackheart aproveitou a oportunidade para levar Pym dali, cocando a palma da mão para lembrar ao capitão o dinheiro que os mercadores e comerciantes reunidos no enorme salão representavam.

— Tem razão — suspirou Pym. — Ainda temos os bens de Perdita para negociar. — Os dois se foram na direção da mesa de banquete, onde ceavam os homens de negócio.

Jaki deixou que os dois se distanciassem, e procurou com o olhar Almeida e Lucinda na pista de dança. Quando soaram os últimos acordes,

Jaki chegou ao lado do casal.

— Podemos dançar a próxima? — perguntou em espanhol.

— Senhor, ainda não fomos apresentados — declarou Lucinda, estudando com atenção as feições do rapaz. Pessoalmente, o impacto que ele lhe provocava era ainda maior que o de sua imagem no mastro do navio.

— Meu nome é Jaki Gefjon.

— Então é holandês. Está com aquele homem que meu pai considera um traidor?

— Sim — admitiu Jaki, a contragosto. — Ele é meu capitão. Almeida armou um sorriso cruel, mas, antes que ele dissesse alguma coisa, Lucinda interveio:

— Gostaria de tomar um refresco...

Os dois braços foram oferecidos como apoio, e a jovem tomou a ambos, mantendo porém a atenção presa aos cabelos loiros e ao perturbador tom azulado dos olhos de Jaki.

— Posso apresentar-me informalmente? — perguntou ela, continuando sem esperar resposta: — Meu nome é Lucinda Quarles.

— É inglesa, então. Macau fica a uma boa distância da Inglaterra.

— E você está bem longe das Terras Baixas — respondeu Luci, intrigada com o leve e

irreconhecível sotaque.

Almeida serviu à garota uma taça de *sherry* e conduziu-os até uma área afastada da mesa, onde predominava uma iluminação de lanternas de papel de seda, que emitiam uma luz suave e amarelada.

— Os holandeses parecem muito à vontade na presença de piratas

— comentou o oficial português.

— Acho que não sei do que está falando, senhor — replicou Jaki, formal.

— Acho que o comandante Almeida está se referindo à grande competição entre Portugal e Holanda pelo comércio nas ilhas de Especiarias — interveio Luci, numa tentativa de apaziguar a conversa.

— A senhora surpreende com sua habilidade política — observou Almeida friamente.

— Minha mãe morreu de peste quando eu era ainda um bebê, e fui criada por meu pai. Por insistência dele falo todas as línguas comerciais. Na falta de um filho, ele me instruiu em política de negócios, e por isso sei bastante sobre os interesses das potências européias na Ásia. Mas me faltam as virtudes femininas.

— Nesse caso, meus olhos estão me

enganando — disse o português.

— Pois a mim parece a própria encarnação das formas femininas.

— A forma é a menor das virtudes femininas — sorriu Luci, olhando depois para Jaki. — Não concorda, senhor Gefjon?

— A mulher deve orientar o homem — Jaki disse aquilo de uma maneira tão suave que as palavras pareceram abraçar a menina.

— Se vai citar a Bíblia, então já estou vencido. Jamais esperaria tal reação de um pirata — provocou Almeida.

— O senhor me chama de pirata porque sou holandês. Acho que não é um motivo muito bom.

— Eu o chamo de pirata porque o pai desta senhorita acredita que seu capitão é pirata. Aliás foi por isso que o Bantam do Sião convidou o capitão Quarles a vir até essas águas com seu navio de guerra; para ajudar-nos a limpar nosso império desses criminosos parasitas. Não é assim, senhorita Quarles?

Lucinda viu o rubor subir às faces de Jaki e colocou a mão em seu braço.

— Foi feita uma aliança entre o Bantam do Sião e o Império Britânico para a colaboração no combate aos piratas, em benefício de todos os impérios. Meu pai recebeu ordens do

Almirantado para perseguir esses criminosos, principalmente o infame *Wyvern*, que pilha impunemente os navios comerciais há quase dez anos. Contudo, meu pai não acusaria ninguém de pirataria sem provas concretas.

Um criado aproximou-se de Almeida e segredou-lhe alguma coisa ao ouvido.

— Peço que me desculpe, senhorita, mas o governador pede a minha presença. Quanto a você, holandês, foi uma tentativa digna de pena.

Depois que o oficial se afastou, Lucinda perguntou em tom de confidencia:

— Você é mesmo um pirata?

— Se eu fosse, você seria o meu maior prêmio.

— Agora você está parecendo aquele bajulador português.

— Desculpe. — Jaki corou instantaneamente e colocou a mão sobre a dela, que ainda repousava em seu braço. — Sei que acabamos de nos conhecer, senhorita Lucinda, mas me sinto atraído por você. Sei que gosto muito de você.

— O que pode conhecer sobre esses assuntos, seu bobo? Nem sabe como sou...

— O que existe afinal para conhecer? — Ele colocou o polegar no queixo dela. — Quando um

homem está num lugar muito alto pode ver longe. Ao seu lado, consigo enxergar até onde minha vida pode ir.

— Palavras ousadas e impetuosas para um pirata. Com isso quero dizer que acredito que seja mesmo um pirata, senhor Gefjon. Meu pai está completamente convencido de que é seu capitão quem usa o estandarte de Wyvern.

O coração de Jaki deu um salto, e ele correu os olhos pelo salão, à procura de Pym e Blackheart.

— Acredito que já seja muito tarde... Seu capitão logo será neutralizado; não há jeito de escapar.

— Estamos todos numa jornada arriscada — afirmou Jaki, com uma intensidade tal que impressionou Luci. — Você deve achar que sou um tolo mas, se a minha jornada não terminar esta noite, pode me conceder o favor de vê-la outra vez?

— Por quê? — Os olhos dela procuraram os de Jaki. — É porque eu tenho um rosto bonito?

— Você é bonita. Mas por trás de sua beleza pressinto uma alma forte... digna de amor.

— Amor? — A expressão da moça iluminou-se, como se ela fosse rir, mas não houve riso. — O que um rapaz como você sabe de amor?

— Não sei nada de amor — admitiu Jaki, com um candor que impediu a risada outra vez. — Mas sinto que tudo o que vier a aprender posso encontrar em você.

— Acabamos de nos conhecer e já fala de amor?

— Senhora — a mão de Jaki pressionou a dela —, por favor, não seja apressada em seu julgamento. Admito que sou um tolo em falar assim, mas sinto com muita força em meu coração que já a conheço. Não negue esse favor.

Ela o encarou, muito séria. Sempre se mostrara coquete, provocando oficiais, viscondes e homens de toda a nobreza da Europa, num jogo previsível e fútil, mas afinal ela tinha dezesseis anos e apreciava as palavras bonitas ditas no ritual da conquista, bem como a sensualidade anônima da cobiça masculina. Havia cedido seu coração apenas uma vez, ao poeta de Roma, e acreditara não poder amar novamente. De repente aparecia esse homem, quase um menino, que a encantava com seu sorriso e com os olhos asiáticos, azuis como o vazio das tardes. Era completamente diferente do poeta pálido e magro e ela estava decidida a não amá-lo. Ainda assim, sentia-se compelida a continuar com o jogo a que estava acostumada.

— O próximo porto do *Fúrias do Destino* será Cingapura. Talvez possamos nos encontrar lá um dia...

— Se eu for procurá-la lá, vai consentir em ver-me?

Antes de responder, a face de Luci demonstrou curiosidade, malícia e um ardor inesperado.

— Vou. Como consinto em ver todos os cavalheiros que procuram educadamente minha companhia.

— Então pode esperar por mim!

— Serei constante como os signos do zodíaco... — respondeu ela, em tom de flerte.

Jaki saiu, deslizando no meio da multidão, à procura de Pym para avisá-lo do que descobrira. Encontrou-o a aproximar-se da cadeira do governador, e enfiou-se entre ele e o contramestre.

— Quarles já sabe — murmurou disfarçadamente com a mão na boca.

— Parece que sim, grumete — respondeu Pym, sem olhá-lo.

— Precisamos sair daqui — insistiu Jaki.

— Calma, feiticeiro — ordenou o capitão, colocando a mão no ombro do rapaz e aproximando-o de si de modo a poder falar em

voz baixa. — Estamos na casa do governador. Ele não vai nos atacar aqui, nem podemos escapar, porque existem muitos guardas. Precisamos esperar e descobrir o que eles pretendem.

O governador acenava com impaciência e Pym avançou um passo à frente. Junto à cadeira do governador sentavam-se Hsi Hang e Quarles.

— Esta feliz reunião nos deu oportunidade de negociar tudo o que tínhamos para vender — comentou Pym graciosamente com o governador. — As festividades sempre inspiram bons negócios. Em que posso servi-lo, senhor?

— Para falar francamente, capitão Pym... Meu estimado hóspede, Hsi Hang, está esperando a chegada de um junco carregado com cem barras de ouro há três dias. O fato de não ter ainda chegado indica que está perdido.

— Cem barras de ouro representam uma soma considerável para ser confiada a um junco frágil — respondeu Pym com profunda consternação.

— O caso é que não suspeitamos de nenhuma tempestade, capitão Pym. Na verdade acreditamos firmemente que tenha sido atacado por piratas.

— Como pode ter tanta certeza durante a estação das monções? — quis saber o capitão.

— Havíamos feito um arranjo com Hsi Hang — interveio Quarles, a um olhar do governador. — Viemos para escoltar seu ouro até Macau, mas, quando chegamos para encontrá-lo, tudo o que achamos foi um monte de destroços flutuando. E não estavam intactos como deveriam se tivesse ocorrido uma tempestade, se entende o que quero dizer. O junco de Hsi Hang foi destruído a tiros de canhão. E isso significa pirataria!

— Mas que acidente terrível — lamentou Pym, gravemente. — Talvez agora com o senhor aqui, capitão Quarles, esses miseráveis estejam com os dias contados. Mas, ainda assim, não vejo em que possa ser útil nesse caso.

— Mas pode sim, capitão — afirmou o governador, cofiando a barba. — Veja bem, seu navio chegou da mesma direção e ao mesmo tempo que esperávamos o junco perdido.

— Receio que não tenhamos visto nada que se relacione a pirataria no trajeto para cá. Além disso, o mar da China não é tão pequeno assim, meu senhor.

— Capitão Pym! — exclamou Hsi Hang, sem conseguir mais se conter, apontando um dedo acusador com a longa unha tratada. — Talvez o senhor tenha pilhado meu navio.

— Está me acusando de pirataria, senhor?

A música cessou, e o governador acenou para que continuassem.

— Desculpe-nos, capitão, mas como queria que não suspeitássemos do senhor? Não somos tolos, todos os indícios apontam para si. Usa a marca de traição da serpente na testa. Seu navio é uma nave de combate disfarçada, e além disso chegou no mesmo horário, vindo da direção exata para ter cruzado a rota do ouro de Hsi Hang. Só queremos lhe dar uma oportunidade para desmentir tais acusações.

— E como eu poderia fazer isso?

— É fácil, capitão. Basta que nos dê permissão para revistar o *Sile-nos* — respondeu o governador.

— Nunca! — gritou Pym. — Sou o comandante do *Silenos*, e um

representante do reino de Iduna. Não vou permitir que uma acusação sem fundamento justifique a presença de importunos a bordo do meu barco.

— Então o senhor confirma ser um pirata! — disse o chinês. Pym avançou na direção de Hsi Hang, e Almeida colocou-se entre os dois, empurrando o capitão para trás. Antes que alguém pudesse impedir, Jaki avançou e

esbofeteou duas vezes o rosto do oficial português.

— Deixe-me lembrá-lo de que posso mandar prendê-lo e enforcá-lo por agredir um oficial do Reino — disse o governador ao rapaz.

Pym levantou conciliatoriamente as mãos, num gesto lento como o de um sacerdote.

— Governador, meu oficial só está me protegendo do seu. Afinal, sou um representante de Iduna, que tem compartilhado de boa vontade suas riquezas com Portugal. Asseguro-lhe que não somos piratas, e não seremos tratados como tal. Não nos convidou para vir pelo próprio punho? Será que a mesma mão pode ser traiçoeira e tratar seus hóspedes como criminosos?

— Certo, capitão. É verdade que sua ira foi provocada — admitiu o governador. — Mas devo insistir em que seu navio seja revistado. O que está em jogo aqui não é um assunto qualquer: são cem barras de ouro.

Pym hesitou um pouco, procurando uma resposta apropriada, e encontrou apenas o vazio dentro de si. Sentiu um frio na boca do estômago, e Jaki percebeu o impasse.

— Nossa honra é um assunto igualmente importante — afirmou o *rapaz*, dando um passo

à frente. — Para nós, mais valiosa do que simples riquezas materiais. Insisto em obter satisfações pelo insulto de seu oficial. — Blackheart tentou segurá-lo, mas Jaki soltou-se e avançou mais um passo. — Não foi a primeira vez que ele me insultou esta noite, e até agora deixei passar seus abusos com as palavras, mas não posso consentir que trate meu comandante como um criminoso que não sabe se comportar. Exijo um duelo. Agora!

— Jovem holandês, obviamente não passa de um tolo. — O governador sorria divertido com a belicosidade do rapaz. — Seu capitão não foi ofendido sem motivo.

— Isso é o senhor quem diz. — Jaki continuava ignorando os puxões do contramestre. — Ele ousou atacar o representante do reino ao qual sirvo sob juramento. Quero obter satisfação. E agora, se ele não for covarde!

Pym examinou as feições de Jaki, procurando adivinhar suas verdadeiras intenções, e percebeu-lhe a determinação, além de um brilho malicioso bem oculto no fundo do olhar. Então tudo ficou claro: estava ali a única chance real de escaparem do palácio. Mas não queria sacrificar inutilmente a vida de Jaki, por

isso adiantou-se e esbofeteou a face de Almeida. Um rubor sangüíneo subiu ao rosto do oficial português que apertou os lábios e voltou-se imediatamente para o superior.

— Muito bem, jovem holandês, se deseja tanto assim, sua morte será nosso divertimento esta noite — decidiu o governador. — Mas não aqui, onde podem ofender as mulheres presentes. Vão os dois até o pátio.

Almeida apontou a saída e Jaki seguiu-o para fora, sem olhar para os companheiros.

— Ele é um homem morto — declarou Pym a Blackheart, que tinha o desespero estampado no rosto. — Não podemos desperdiçar seu sacrifício. Volte ao *Silenos* e prepare para levantar âncora. Zarpamos imediatamente.

O contramestre hesitava.

— Não podemos fazer nada por ele agora. Jaki nos deu sua morte voluntariamente. Não podemos desperdiçar essa chance. Agora vá!

Quarles aproximou-se.

— Aquele jovem tolo não comprou sua fuga, traidor. Meu navio tem ordens de vigiar o *Silenos*. Se tentar zarpar vou explodi-lo em pedacinhos com os canhões — avisou ele, saindo depois para o pátio, entre a multidão curiosa.

Pym chegou ao pátio iluminado por tochas a

tempo de ver Jaki tirando as meias e os sapatos. Um riso percorria a multidão que tinha vindo para ver o duelo, mas Almeida não acompanhou o divertimento geral. Como soldado profissional que era, achava-se parado no centro do pátio, o espadim desembainhado com a ponta para baixo, um brilho avermelhado de morte refletido na lâmina. O governador e Hsi Hang estavam lado a lado sob a luz de uma lanterna, contudo Quarles não se encontrava à vista em lugar algum. Pym sabia que ele devia estar correndo para chegar ao *Fúrias do Destino* a fim de ter certeza de que o *Silenos* não escaparia. A filha do oficial inglês estava presente, com a criada ao lado, as feições incapazes de esconder a emoção.

Jaki aprontou-se e ergueu seu espadim em saudação. Almeida respondeu formalmente, com um sorriso irônico nos lábios. O português parecia relaxado e seguro, e Pym não pôde deixar de notar a postura amadora do rapaz. Almeida atacou imediatamente, procurando trespassar o adversário antes mesmo de combater. Mas quando a lâmina completou o golpe Jaki não estava mais no lugar. Movera-se com velocidade espantosa, o que provocou um murmúrio de admiração dos assistentes. Sua arma golpeou e encontrou o ar. Almeida havia girado o corpo e

aplicava uma estocada que Jaki só conseguiu evitar pela extrema rapidez de reflexos. O ruído de metal contra metal era o único som que se podia ouvir pela multidão silenciosa, e Jaki saltou para fora de alcance.

O medo corria através do corpo de Jaki. Seu inimigo parecia feito de movimentos líquidos à luz das tochas, movendo-se sinuosamente pelas sombras. Gostaria de sucumbir ao instinto animal que brotava em seu íntimo, mas sabia que se o fizesse perderia o delicado controle necessário para vencer um duelo formal. Precisava vencer como homem, não como animal. Só que o homem dentro dele estava apavorado.

Almeida avançou, fazendo uma finta e girando a ponta da lâmina para o corpo do adversário. As sombras enganaram o jovem pirata, Pym soltou um grito quando percebeu o erro de cálculo, e o aço cortou o ombro de Jaki.

Um fio de sangue escorreu da carne do jovem, que recuou rapidamente e impulsionou o corpo para a frente no meio do movimento, como o arremessar de uma flecha. Sua estimativa de tempo falhou por fração de segundo, dando ao adversário oportunidade de desviar-se e travar armas com ele. Por um instante os rostos dos contendores ficaram a poucos centímetros um do

outro. Os olhares se encontraram, travando ali a verdadeira luta de vontades, sem as lâminas de aço. Almeida sorriu com ironia, girou o corpo e retirou subitamente o apoio, fazendo com que o rapaz fosse projetado para a frente. Ao acompanhar a queda de Jaki, o oficial português desdenhosamente aplicou um golpe no traseiro de Jaki, usando o espadim como se fosse um chicote.

A multidão irrompeu em gargalhadas, e até mesmo alguns aplausos se ouviram. Jaki colocou-se de pé num salto, sentindo a dor e a raiva aumentarem de forma incontrolável. Procurou o olhar de Pym, que mantinha a mão para cima, pedindo calma. Jaki Gefjon respirou fundo, e quando atacou conseguiu fazê-lo lentamente, sem descuidar de seu adversário, ignorando a dor que sentia, fitando os olhos negros do oponente.

Almeida era apenas um borrão na noite chuvosa pouco iluminada pelas tochas, e estava determinado a terminar o combate agora, enquanto o holandês se achava alterado com a humilhação sofrida. Jaki porém permanecia alerta, e sua rapidez ao aparar o golpe apanhou de surpresa o português, que estava certo da vitória. Aproveitando-se da hesitação

momentânea do oficial, Jaki levantou a ponta do espadim, num bote inesperado que cortou a bochecha do adversário.

Agora o sorriso irônico desaparecera dos lábios apertados de Almeida. Olhava incrédulo para a mão que passara no rosto, vermelha de sangue brilhante. Atacou então sem nenhum resquício de piedade. Jaki defendeu com atenção todas as tentativas, recuando para o lado esquerdo e aparando um a um os golpes de Almeida. De repente desapareceu da vista do oponente, agachando-se e saltando como uma pantera para a direita do adversário, a lâmina atingindo Almeida na altura dos quadris.

Novamente o português recuou aturdido, percebendo pela primeira vez que, se aquele rapaz holandês não era um bom espadachim, era um lutador acostumado a matar, e certamente muito perigoso.

Colocando em jogo toda a sua habilidade, Almeida girou a arma num círculo curto, preparando um golpe letal que produziu um assobio sinistro no ar. Novamente Jaki saltou para o lado antes que o aço pudesse atingi-lo. Aquilo pareceu exasperar o português.

— Idiota! — desabafou ele, seguido de um murmúrio de apoio da multidão. — Lute como

um homem, holandês.

— Aproximem-se! — ordenou o governador.

Jaki chegou mais perto e terçou armas com o adversário, lutando para controlar a vontade de gritar também.

— Não pode fugir da sua morte! — gritou Almeida, saltando para a frente com os dois pés, o espadim num movimento quase vertical.

Jaki agiu o mais rápido possível, desviando a ponta aguçada com o lado da espada apenas um instante antes que lhe tocasse o coração. O ruído dos metais vibrando despertou alguma coisa em seu íntimo.

— A morte não é segredo! — berrou ele, a plenos pulmões.

No desespero, gritara em sua língua natal, e o som trouxe de volta sua vida na selva, perdida para sempre. Abandonando todo o controle mental, Jaki entregou-se às emoções e deixou que o poder dentro de si o impelisse através da escuridão, atacando com tamanha rapidez e ferocidade que somente a habilidade do espadachim português lhe permitiu aparar a seqüência de golpes.

Almeida recuou como pôde, esquecendo seu trabalho de pernas, procurando desesperadamente uma brecha para deter o

inimigo enfurecido. Quando teve uma breve oportunidade, lançou o espadim em direção ao peito de Jaki, onde penetrou até a costela, dobrando-se e resvalando para o ar, em vez de perfurar o pulmão. Suportando a dor do ferimento e acreditando não ter mais nada a perder, como fizera com a Aranha, o menino atirou-se contra o adversário, encontrando-o incapaz de desviar o golpe. A lâmina atravessou o peito de Almeida com uma facilidade surpreendente.

O oficial português soltou um grito e tombou com a face para o chão, expelindo uma golfada de sangue pela boca.

Pym avançou para o lado de Jaki e amparou-o com os braços. O estado do rapaz não era nada bom, encharcado de suor e sangrando no ombro e na costela. O capitão gritou para que a multidão abrisse espaço, mas o governador colocou a mão em seu ombro, e dirigiu-se a Jaki.

— É um espadachim bastante desajeitado — comentou ele de mau humor. — Ganhou só pela raiva.

— Mas ganhou — sublinhou Pym, com uma ponta de admiração na voz. — Agora, se nos dá licença, ele está ferido e precisa de cuidados urgentes...

O capitão apanhou a espada suja de sangue e recolocou-a na bainha. Jogou o menino sobre os ombros e andou apressadamente, abrindo caminho na multidão até os grandes portões do pátio.

Próxima à saída estava Lucinda Quarles, o rosto cheio de excitação e alívio. A criada tentava contê-la, segurando-a pelos ombros e tentando tirá-la dali. Quando Jaki passou, Luci estendeu o braço. O capitão parou por um instante.

— Sua jornada continua — disse a moça, levantando a mão para que Jaki visse o broche que nela continha. — Aceite isso como um símbolo da vitória de hoje, como uma prenda para quando nos encontrarmos outra vez.

— Está perdendo sangue, grumete — disse o capitão, passando pelos portões antes que Jaki pudesse articular uma resposta.

Pym correu pelas vielas estreitas sob a chuva até chegarem ao porto. Cada solavanco era canção solitária de triunfo sobre o silêncio da Morte. A imagem que aparecia sob as pálpebras fechadas de Jaki era formada pelas sombras das pessoas que havia matado. O mais próximo era o olhar negro de incredulidade no rosto de Almeida; por trás bruxuleavam chamas na forma dos mongóis que chacinara no junco. Mais para

o fundo ainda, as sombras apenas visíveis dentro da noite eterna eram os fantasmas dos Lanun à frente das figuras esmaecidas dos guerreiros Fantasmas da Árvore. O rosto apagado de Batuh estava entre eles, uma penumbra enorme que escondia os últimos e quase invisíveis guerreiros, os três que matara com Ferang, os primeiros homens a quem libertara. Sua vida e sua dor estavam sendo carregadas por esses espíritos. Tudo tinha acontecido porque abandonara a Vida para procurar seu lugar na tribo dos homens.

— Blackheart já aprontou tudo, e deve estar nos esperando — disse Pym, quando atingiram a proximidade do navio.

Entrando num pequeno escaler, o capitão estendeu Jaki sobre o fundo e começou a remar na direção do *Silenos*.

— Não estaríamos aqui se não fosse pelo que fez. Aquele idiota do governador estava resolvido a subir a bordo do *Silenos*. Na confusão que ficou aquele palácio, ele não vai conseguir reunir a guarda a tempo. Vamos aproveitar e levantar âncora assim que subirmos a bordo. Muito bom, grumete! Manejou aquele espadim como um verdadeiro profissional. Não vou mais chamá-lo de filho. De agora em diante, Jaki Gefjon, você é meu irmão!

Quando chegaram Jaki foi para bordo numa maça, colocada depois no convés. Saja examinou os ferimentos e declarou que não havia nenhum órgão perfurado.

— Solte nossas minas, senhor Blackheart — ordenou Pym quando Saja acabou. — A maré está entrando e os barris vão fazer a maior parte da luta por nós.

Virou a luneta para o *Fúrias do Destino* e viu cinqüenta canhões grandes apontados em sua direção. A noite, porém, estava escura, e o *Silenos* com as velas negras tornava-se quase invisível. Enxergou Quarles, próximo à luz de uma lanterna, observando através de um telescópio. Com certeza iria notar os barris sendo baixados pela amurada. Será que adivinharia suas intenções?

— Blackheart, jogue também algumas arcas de especiaria para fora, daquelas que pegamos em Manila, para dar a impressão de que estamos aliviando peso para fugir. Enquanto isso, vamos rezar para que ele não resolva abrir fogo antes de içarmos o pano.

Minutos mais tarde, quando os primeiros barris chegavam ao *Fúrias do Destino*, Quarles ordenou que seus homens recolhessem um deles. No momento em que os marinheiros atiraram um

gancho de abordagem sobre um barril, ele explodiu, detonando também vários outros ao redor do casco. Em rápida sucessão, uma série de estouros abalou a calma do porto em Macau.

— Levantem a âncora — ordenou Pym, assim que ouviu a primeira explosão. — Soltem o pano!

O *Silenos* virou a proa contra a maré e o vento enfunou as velas negras, impulsionando a embarcação na direção do alto-mar. Atrás, os outros barris alcançavam outros navios e as colunas do porto. Uma nova série de explosões sacudia toda a área. O *Fúrias do Destino* disparou doze tiros, mas a explosão que provocara a inundação dos conveses inferiores tirara o prumo do navio, e todos os projéteis se perderam nas águas da baía.

Pym enxergou Quarles no convés de seu navio, berrando ordens como um louco, a frustração estampada no rosto. O capitão pirata soltou um grito de alegria e mandou disparar um tiro de saudação. Enquanto o canhão despejava fogo e fumaça em sinal de triunfo, o oficial inglês apoiou-se na amurada, vendo o *Silenos* sumir na escuridão, entre a fumaça das explosões.

Cego de fúria, Quarles percorria o desordenado convés principal num tal estado de

espírito que os homens saíam do caminho para não incorrer em sua ira. Firmou-se depois sobre a amurada, inclinando-se para observar o casco a estibordo, examinando as tábuas esfaceladas pela explosão, perto da linha d'água.

Os danos na verdade não tinham sido muito extensos, mas certamente impediam o grande navio de guerra de partir em perseguição ao *Silenos*. O pirata havia escapado. O simples pensamento era suficiente para fazê-lo perder a calma, mas por outro lado os barris explosivos vinham a confirmar completamente suas suspeitas de que o navio de Pym era o infame *Wyvern*, e doravante os portos comerciais ficariam fechados para Iduna. Quarles podia caçar livremente o pirata.

— Vou pendurar o miserável no mastro do meu próprio navio — gritou o capitão do *Fúrias do Destino*. — Trevor Pym não conseguiu fugir! Não há lugar neste mundo redondo onde ele possa se esconder. Vou encontrá-lo e depois matá-lo.

Tais palavras queimavam em sua mente com o calor de uma angústia eterna. Sempre lutara contra o destino, determinado a vingar o sofrimento de sua família e a reconquistar tudo o que haviam perdido. Tornara-se ainda jovem um

oficial exemplar, e aos vinte anos conquistara o posto de navegador. Em 1607, amigos influentes de seu falecido tio conseguiram que William Quarles fosse designado para navegar com a flotilha do rei James que iria supervisionar um acordo entre a Suécia e a Dinamarca. Em Copenhague, ele conheceu e casou-se com a filha de um rico mercador. Com a nova fortuna do dote, mais o recebido pela missão, pudera comprar a capitania do seu primeiro navio, um cargueiro que fazia as lucrativas rotas comerciais entre o mar do Norte e o Mediterrâneo.

Por muitos anos Quarles viveu bem em Devon, na propriedade que tinha pertencido a sua família e que ele conseguira comprar sem o auxílio de herança ou de estudos na faculdade.

Em 1610 sua filha nasceu, e no mesmo ano a peste levou sua mulher em La Spezia. Quarles sempre se sentiu culpado em relação a isso, pois mantivera a esposa a bordo por mais tempo do que o necessário, em portos atingidos pela doença, quando todos os outros navios já haviam zarpado e portanto havia mais possibilidade de lucro nos negócios. Todavia, o sucesso obtido em La Spezia acabara custando a vida de sua esposa, uma dinamarquesa calada e paciente que o fizera experimentar o gosto da felicidade.

Durante os dezesseis anos seguintes, transformou-se num monstro de fúria contida contra o que chamava de injustiça da Providência Divina. Recusou-se a entregar a filha aos cuidados dos parentes da Dinamarca e levou-a consigo, desde que a menina começou a andar, acompanhada da criada, por todas as viagens que realizou. Lucinda era tudo o que lhe restava, e estava determinado a torná-la digna da fortuna e do prestígio que ele amealhara. Gastava todo o seu dinheiro com ela desde a infância, comprando-lhe as melhores roupas e jóias. Por outro lado, a criança presenciou desde cedo o trabalho de comando do navio e as exigências da disciplina.

Quando Lucinda completou sete anos, sua babá foi substituída por uma criada da própria idade, Maud Rufoote, uma garota da propriedade em Devon. Quarles responsabilizou-se pessoalmente pela educação da filha, e sua disciplina férrea entrou em choque com o romantismo e a imaginação próprios das crianças. Quarles proibiu-lhe todos os sonhos, a não ser os mais práticos. Mas Lucinda aprendia depressa, e logo dominava os assuntos que o pai lhe ensinava. Línguas, matemática, política e cinismo, esta última lição ajudando-a a esconder

dele o verdadeiro interesse na vida: o amor.

Quando Lucinda transformou-se numa bela jovem os desentendimentos começaram, já que ela obstinadamente se opunha aos casamentos que o pai tentava lhe arranjar com filhos de ricos mercadores ou nobres, pensando somente em sua segurança e felicidade. Mas ela sempre insistia na idéia de escolher o próprio marido.

Lembrando-se do olhar sonhador no rosto da filha ao conversar com o pirata loiro no palácio do governador, Quarles decidiu ir até o camarote de Lucinda. No corredor, levantou a cabeça, cheirou o vento que penetrava por uma vigia e pôde pressentir no ar úmido e quente a aproximação de um tufão. Dizendo a si mesmo que a filha podia esperar, fez meia-volta para tomar as providências necessárias em relação ao navio. Uma idéia irônica ocorreu-lhe enquanto caminhava: talvez a fuga de Pym fosse jogá-lo nos braços do tufão, e a Providência Divina realizaria a vingança que ele tanto acalentava. Mas, pensando bem, não gostaria que isso acontecesse, pois precisava obter do pirata uma informação vital antes de enforcá-lo.

Alguns anos antes de conquistar sua primeira capitania, Quarles recebera a visita de vários cavalheiros, muito bem vestidos, que se

apresentaram como membros de uma sociedade secreta à qual seu tio, Samuel, havia pertencido. A sociedade chamava-se Igreja dos Dois Ladrões, uma organização internacional de senhores muito influentes, que possuíam ligações com o papa. A família Quarles era tradicionalmente católica desde o tempo dos normandos, contudo William, já adulto, convertera-se à Igreja Anglicana para obter favores na corte. Apesar de não querer nenhum contato com papistas, Quarles examinou os papéis que eles lhe apresentaram: a correspondência entre o governador de Cartagena e seu tio Samuel que provava a traição preparada na primeira viagem de Drake, em 1585.

Quarles recusou-se a acreditar na veracidade dos documentos, apesar de nenhuma tentativa de chantagem ter sido feita. Na verdade, qualquer esforço nesse sentido teria falhado, já que toda a fortuna de William era proveniente do próprio esforço, e ele não se sentia tão disposto assim a defender a honra de um tio que mal havia conhecido. Desde esse dia sua sede de vingança se abrandou, e nunca mais voltou com a intensidade inicial.

Pym declarara veementemente sua inocência, e esse protesto parecia confirmar suas

suspeitas. Era claro que Trevor Pym permanecia fora-da-lei, pois ainda era responsável pelo assassinato de Drake em 1596, além dos anos de prática de pirataria. Mas assim mesmo Quarles queria saber o que realmente tinha acontecido.

Havia três anos os homens da sociedade secreta novamente o procuraram, acusando a presença de Pym na Ásia. Apesar de não ter mais certeza de que o pirata era o responsável pela ruína da família, Quarles estava firmemente determinado a descobrir a verdade, e usou todo o seu prestígio e influência para conseguir uma missão diplomática naquela região. Foi designado capitão do *Fúrias do Destino* e zarpou para estabelecer contatos comerciais disputados pelas potências européias.

Há um ano viajando pela África, Arábia, Índia, Siam e Malásia, nem um só dia havia passado sem que Quarles imaginasse seu encontro com o pirata que possuía a marca da serpente na testa. E o destino arrancara-o de suas mãos no momento em que concretizaria seus sonhos.

Enquanto descia a estreita escada e passava pelo local onde os marinheiros atiravam baldes de areia ao fogo, ele pensava na sala de mapas, onde iria procurar a localização exata do

reino de Iduna.

O tufão jogou o *Silenos* de um lado para o outro, rasgou velas, rachou tábuas de madeira e atirou homens ao mar. Teria afundado não fosse a habilidade do capitão em enfrentar temporais, sabendo a hora certa de deixar que o vento controlasse a embarcação e a hora de desafiá-lo. Chegaram a Panay em segurança, e o ouro de Hsi Hang foi derretido, transformado em moedas e distribuído.

Assim que isso aconteceu, o capitão Trevor Pym já estava impaciente para partir novamente em direção às ilhas Molucas, para pilhar os navios na rota do comércio de especiarias. Porém a tripulação achava-se muito assustada com o tufão e com a visão do *Fúrias do Destino*, julgando aquilo um mau presságio. A maior parte dos homens deu por encerrados seus dias de pirataria e debandou em direção às terras européias e outros pequenos reinos nas ilhas, para gastar o que havia juntado. Poucos entre os mais capazes permaneceram com Pym. Incapaz de encontrar marinheiros experientes para substituir os que se foram, o capitão perambulava pelos ricos salões do palácio em Iduna, bebendo até cair, geralmente até de manhã.

Embora amasse Perdita, Pym era um homem assombrado pelas lembranças de todos os que vira morrer e que matara. Sua própria vergonha e revolta tinham diminuído com a cura do ferimento, mas a culpa era grande demais para permitir que levasse uma vida tranqüila. Agora que os homens o tinham abandonado, sentia-se desorientado. Precisaria de enormes somas em dinheiro para contratar marinheiros capazes e não dispunha de muita coisa no momento. O simples pensamento de pedir o ouro de volta a Perdita o deixava doente, e preferia entregar seu navio em mãos inexperientes a tomar emprestado de Iduna. Perdita era cristã, e, embora o capitão acreditasse que a mulher cederia de bom grado o dinheiro, sabia também que a consciência dela seria perturbada por financiar suas aventuras pagas. A doação do produto dos saques para um reino cristão era uma forma de redimir o mal que causava, porém um empréstimo tornaria a esposa cúmplice em sua guerra contra a humanidade. Ficava mais inquieto a cada dia que passava, pois agora Quarles sabia onde encontrá-lo. Meses se passaram, porém, e o temido caçador de piratas não foi avistado pelas sentinelas postadas no alto dos promontórios rochosos de Panay.

Para evitar Perdita e o taciturno capitão, Jaki caçava e pescava na companhia de Blackheart e Wawa. Fizera um anel do broche que Lu-cinda lhe dera, e ficava horas fantasiando sobre uma maneira de chegar a Cingapura para encontrá-la, mesmo sabendo que isso poderia significar sua morte.

Contudo, tinha aprendido com Riri a inevitabilidade do destino. Se Lucinda estivesse destinada a ser sua mulher, a Vida o levaria até ela, portanto contentava-se em caçar e pescar nos vales profundos da ilha.

Certa manhã na selva, numa ravina coberta pela neblina, Jaki lembrou-se do Njurat e do seu legado com o último dos feiticeiros.

— Precisa de riquezas? — perguntou nesse mesmo dia ao capitão durante o almoço. — Posso levá-lo até um lugar repleto de diamantes.

— E onde seria isso? — quis saber o capitão, colocando o copo na mesa.

— Bornéu.

— E de quem é esse tesouro? Como podemos apanhá-lo só com metade da tripulação?

— O tesouro me pertence. Sou Matubrem-brem, o filho do demônio, herdeiro dos caçadores de almas, das desgraças e riquezas dos

feiticeiros. Esses diamantes representam para eles as lágrimas da montanha, choradas por conhecer as previsões que as nuvens carregam. Tudo o que temos a fazer é chegar até a caverna no topo da montanha onde estão os diamantes e apanhá-los. Não haverá necessidade de lutar, pois ninguém vai contestar meus direitos. Precisamos de homens suficientes para levar o *Silenos* até a costa norte de Bornéu, dali em diante conheço o caminho.

— Quantos diamantes? — indagou o capitão.

— O suficiente para comprar uma frota de navios. Ou um pequeno império.

— E quanto a Perdita?

— Você mesmo é capaz de admitir que ela estará mais segura se não nos encontrarmos aqui quando Quarles chegar — argumentou Jaki. — Iduna é um reino soberano e muito bem armado.

— Supondo que a gente apanhe esses diamantes, ainda teremos a tarefa de trazer tudo para cá, o que não seria nada fácil sem a tripulação...

— Pois eu diria que aí está um desafio digno de um homem como Trevor Pym.

O pirata ficou sério e fitou Jaki com seu

único olho acinzentado.

— É o que manda a Vida?

— Para os piratas — completou Jaki, sorrindo.

Pym passou violentamente o braço sobre a superfície da mesa, espalhando copos, pratos e talheres pelo chão. Depois levantou a mão para o alto, como se empunhasse um sabre.

— A Bornéu! — gritou, a plenos pulmões.

Com uma tripulação mínima, o *Silenos* evitou as rotas movimentadas do mar de Sulu contornando-o através do arquipélago Cuyo. Quando lançaram âncora numa enseada tranqüila e protegida na costa norte de Bornéu, o céu estava cheio de nuvens. Não tinham visto nenhum sinal das tribos muçulmanas por quilômetros e quilômetros de praias desertas, e Jaki subiu ao mastro de proa para gritar ao vento a tradicional saudação de feiticeiro:

— Ouça-me, povo da floresta! Sou o caçador de almas que volta do mundo dos espíritos além das tribos. Vejo as nuvens nas mãos dos céus com as costas para a terra. Leio as profecias que caem com as chuvas. Sou Matubrem-brem, e voltei para buscar o que é meu! Apareçam!

O balido de uma cabra chegou até eles, vindo do alto da colina. Pouco depois o vento

trouxe um lamento quase animal, a resposta que o feiticeiro aguardava. Jaki reconheceu o chamado de uma das tribos que tinha visitado com Jabalwan, e sentiu saudade do tempo em que andava pela selva. Chamou a tribo, e ao anoitecer a praia estava iluminada com uma grande fogueira. A tripulação do navio, que nunca tinha visto o povo da floresta, olhava espantada para os aborígenes.

Os corpos negros pintados e cobertos de peles de animais exóticos e plumas coloridas pareciam ferozes e perigosos aos piratas. Moviam-se ao ritmo primitivo dos tambores e gongos, e, quando Jaki juntou-se aos dançarinos, tornando-se incorpóreo como a fumaça da fogueira, reconheceram os movimentos imprevisíveis de sua luta. Porém tudo o mais que era familiar desapareceu, e Jaki tornara-se agora uma forma sinuosa em frente às chamas, deslizando na noite ancestral.

Depois de terminada a festa a tripulação retornou ao *Silenos*, e Jaki ficou com seu povo, cantando as fórmulas que aprendera com Jabalwan à beira do fogo que diminuía. A tribo queria que o feiticeiro fosse até o acampamento, e Matubrem-brem explicou que não podia, porque tinha vindo acompanhar o estranho cara-

de-macaco com um só olho direto até as montanhas para apanhar as lágrimas da montanha e levar o que pudessem carregar. Explicou que sua vida como feiticeiro tinha terminado quando fora morto pelos Lanun na praia. Desde então, renascera no ventre do mar, o mundo de seus pais, onde estava aprendendo novos mistérios.

Não falou a eles da saudade que sentia da selva. O cheiro das orquídeas pairava nas brisas noturnas, e ele pensou em embrenhar-se na selva e nunca mais sair. Porém o anel queimou em seu dedo quando teve tais pensamentos, e ele soube que já não poderia fazer isso. "Liberdade é esforço", ecoava a voz de Jabalwan em sua memória. Se ficasse, nunca poderia ser verdadeiramente livre. O anel feito do broche de Lucinda era a promessa de uma vida de amor e um futuro com a mulher que poderia completá-lo. Apertou o talismã contra o peito, ouvindo novamente o fantasma da voz de Jabalwan: "Liberdade é esforço... e se alimenta do nosso coração".

Ao nascer da aurora, Pym transferiu o comando do *Silenos* para o sr. Blackheart, deixando ordens para que zarpasse se ele não retornasse ao cabo de uma lua. Escolheu três

marujos e remou para a praia ao encontro de Jaki. O povo da floresta havia trocado as roupas européias do feiticeiro por uma tanga de pele de pantera e um bracelete de casco de tartaruga e pele de cobra, para que ele pudesse prender sua faca de metal à perna. Jaki esfregou óleo de coco em sua zarabatana, que estava brilhando, além de ter a ponta recém-afiada. Seu corpo encontrava-se pintado de verde e amarelo, com linhas pretas alterando os contornos dos membros e do rosto, de forma que parecessem afilados.

Pym passou a vê-lo com outros olhos, e até mesmo com um pouco de apreensão, visto que Jaki tinha uma aparência estranha e selvagem. Apenas os olhos azuis o distinguiam dos aborígenes, que o cercavam com familiaridade inacreditável. Os nativos possuíam o cabelo grosso e emaranhado como as fibras do coco, tinham as feições feias e achatadas, e os olhos pareciam vazios, como os dos animais.

— Está com uma aparência feroz, rapaz — comentou Pym, a mão no cabo do cutelo.

— Esta é uma terra feroz — respondeu Jaki, estendendo ao capitão uma folha enrolada contendo uma pasta amarela. — É melhor passar isso no rosto e nas partes descobertas, senão os

insetos vão comê-lo vivo antes de chegarmos às montanhas.

O povo da floresta tomou a dianteira e todos penetraram na selva, os piratas aproximando-se de Jaki, que sob a luz sombria e esverdeada parecia etéreo, como que perdesse substância.

Wawa logo subiu para a copa das árvores, extasiado por estar novamente em casa depois de um ano de ausência. Logo se dedicou a apanhar seus insetos e frutas preferidos. Pym viu o gibão sumir nas alturas, e, apesar de acostumado a subir no mastro mais alto, sentiu tonturas ao observar a copa longínqua das gigantescas árvores, que o tornavam pequeno e insignificante. Os formigueiros eram mais altos do que homens, as bromélias pendiam na penumbra como cabeças de enforcados, e grandes flores vermelhas atraíam moscas com o cheiro de carne pútrida que exalavam.

Expressões quase humanas espreitavam de vez em quando do interior do intrincado de lianas, cipós e ramagens. Eram bandos de macacos que protestavam contra a intrusão dos homens. Um canto de pássaro soou acima das folhas mais altas, cessando completamente depois de um assobio de Jaki. Pouco tempo depois, uma grande águia pousou num galho

próximo a eles e ficou em atitude de espera. Jaki assobiou novamente, e a ave de rapina virou de lado a cabeça, soltou um pio agudo e alçou vôo, sumindo na penumbra verde, depois acima. Pym ficou profundamente impressionado com aquilo, e Jaki sorriu ao ver o olho arregalado com assombro no rosto do capitão.

Naquela noite, Jaki preparou camas de folhagens para os piratas, e depois subiu ao cimo das árvores e ficou olhando as estrelas na escuridão, à procura de algum sinal dos espíritos para saber se o que estava para fazer era certo ou errado aos olhos dos feiticeiros ancestrais. Os ossos da lua já se haviam recolhido, e os morcegos voavam agitados.

— O que está escondido em todos os lugares não pode ser perdido — sussurrou ele nas trevas. — Jabalwan, meu mestre, você está em toda a parte?

Uma estrela riscou o céu, e nuvens escuras moveram-se perto do horizonte. Nenhum presságio de bom augúrio, mas por outro lado nenhum sinal ruim.

A jornada pela floresta durou vários dias, e durante as noites todos submergiam num sono profundo e exausto. Nove dias depois de deixarem o navio, alcançaram as trilhas

íngremes que levavam ao topo da montanha e ao caminho elevado dos feiticeiros. Os piratas ficaram contentes em sair da floresta úmida e quente e sentir novamente na pele o sopro do vento.

Lembrando sua primeira e quase fatal visita a Njurat, Jaki providenciara um amplo estoque de água para a travessia do deserto pedregoso, que foi menos árdua do que imaginara. Depois de dois dias e uma noite chegaram ao oásis quente nas alturas. Em vez da escarpa precária que Jaki escalara, um caminho gramado conduziu-os a Njurat, a caverna dos vapores quentes e clima paradisíaco.

Pym dançou de pura felicidade sobre a grama, entre exclamações de espanto dos homens diante do milagre que presenciavam naquele lugar, um jardim no teto do mundo. Maravilhados, os piratas seguiram Jaki pelo caminho cheio de salgueiros e ciprestes entre as poças borbulhantes, até a trilha que margeava as crateras. Estranhos pássaros cor-de-rosa com pernas longas encararam sem temor os visitantes e continuaram pesquisando a lama com seus bicos fortes. Wawa ia adiante deles, e Jaki esperou que ele viesse avisar se havia outros seres humanos, mas o gibão não viu ninguém.

Estavam sozinhos em Njurat.

Enquanto os homens usufruíam o calor e os jardins luxuriantes, Jaki e Pym foram à procura da entrada no fundo da fissura, onde o pãozinho de *olho-forte* fora rejeitado. Quando viu a exígua abertura, o pirata balançou a cabeça:

— Nunca vou conseguir passar por aí — afirmou ele, e bastou uma olhadela do rapaz para comprovar a verdade do que ele dizia.

Passaram a procurar a outra porta, por onde Jaki havia saído com Jabalwan na encosta da montanha. Ao entardecer, já desanimavam da busca, quando finalmente divisaram a pedra que deslizava. Com a ajuda dos marujos, conseguiram movê-la o suficiente para que um homem volumoso se espremesse para o interior. Um odor pesado e estranho saiu pela abertura, e os marujos hesitaram.

— É quase noite — observou um deles, mostrando o poente avermelhado nas montanhas.

— Não faz nenhuma diferença. É sempre noite aonde vamos — declarou Jaki, penetrando na montanha.

Pym agarrou a tanga de Jaki, e os marujos fizeram o mesmo, segurando a roupa do companheiro à frente, entrando no escuro em fila

indiana.

Jaki adaptou duas velas à ponta de sua zarabatana, segurando a luz acima e à frente deles. Sob essa chama tremulante, as paredes de pedra possuíam um brilho vítreo e fluido, proveniente da umidade que brotava. Todos procuravam pisar o mais leve possível, e os ecos dos passos pareciam dores antigas que voltavam. As chamas das velas refletiram-se nas paredes até que chegassem ao portal, depois foram desaparecendo à medida que penetravam mais, iluminando apenas o chão, onde podiam enxergar enormes estalactites e pilares.

Estavam numa caverna tão grande que não podiam ver as paredes, e Jaki reconheceu o poço do dragão, onde se havia defrontado com o enorme crânio em forma de lagarto e seus ovos petrificados. As velas que trouxera não eram suficientes para iluminar todo o lugar, por isso procurou a parede, seguindo-a para chegar à extremidade do corredor, onde havia tochas da primeira vez.

De uma só vez, os nichos rochosos escavados na rocha irromperam numa chama azulada, que caminhou pelo contorno do poço e acendeu o fogo amarelado na grande taça escavada na pedra. O crânio do dragão apareceu

suspenso nas trevas como que por encanto. O capitão e os marinheiros soltaram um grito de surpresa e terror, ao enxergar em sua frente a verdadeira face de Wyvern, o símbolo feito realidade.

— Esse é verdadeiramente o nono círculo...
— balbuciou Pym. — Onde diabos estão os diamantes?

Jaki balançou negativamente a cabeça e apontou para baixo. Figuras humanas estavam em pé no poço, as faces pintadas de branco como a dos mortos e os olhos faiscando, como fantasmas parados na escuridão.

Dois dos marujos gritaram ao ver aqueles rostos vazios de expressão, e um deles não resistiu e saiu correndo, descontrolado. Um dardo atingiu-o no pescoço, ele emitiu um grito truncado, caiu e permaneceu imóvel.

— Não se movam — avisou Jaki, largando sua zarabatana no chão. — Tirem os cinturões com as espadas! Rápido.

Pym e os dois marujos restantes, tremendo de medo, depuseram suas armas. Todos os olhares impassíveis dos estranhos personagens estavam fitos em Jaki. Um deles falou, e, embora não pudessem entendê-lo, sentiram o tom de comando que havia em sua voz.

— Matubrem-brem, voltou com um determinado propósito — disse o homem com o rosto pintado como um esqueleto.

— Sabe que propósito é esse, caçador de almas? — perguntou Jaki, tentando manter a voz o mais firme possível.

— Sabemos. — As doze faces pareciam ossos submergidos na penumbra. — Esperamos por você desde o começo dos tempos. É o ultimo dos feiticeiros, o filho órfão da semente estranha. Seu perfil foi traçado pelas profecias desde o início dos tempos. Você é aquele que não tem vergonha de trocar a Morte pela Vida. Em você, todas as profecias se tomaram realidade. Agora somos fantasmas, sem deveres a cumprir num mundo que está afundando. Você é o que resta: a vida desesperada do final dos tempos, esquecendo tudo o que já fomos. Sabíamos que iria voltar, porque não cumpriu ainda sua profecia aqui no centro do mundo. Não encontrou a Mãe da Vida. — O feiticeiro levantou os braços na direção do enorme esqueleto. — O sangue da terra não pode ser negado.

— O que quer de mim a Mãe da Vida? — quis saber Jaki, em tom resignado.

— O que negou quando veio com Jabalwan. — Cada um dos doze feiticeiros tinha um

pãozinho na mão. — O *olho-forte*.

Enquanto o homem falava, Jaki examinara dissimuladamente os arredores, avistando vários guerreiros ocultos entre as rochas. Tinham matado o marinheiro com facilidade. Seria impossível escapar. Só havia uma escolha: o *olho-forte* ou a morte.

— Sou Matubrem-brem. Vim realizar a profecia. Leve esses três homens daqui e comerei o *olho-forte*.

— Matubrem-brem e todos os seus amigos vão comer o *olho-forte*. A Mãe da Vida é que vai decidir quem sairá do centro do mundo... e quem fica.

Jaki voltou-se para o capitão e os dois marinheiros, que estavam sendo imobilizados pelos feiticeiros, com os braços atrás das costas. Tinham um olhar apavorado, e não pareciam entender nada do que se passava.

— Eles não vão machucar vocês — explicou em inglês. — Se fizerem exatamente o que pedem. Querem que comam um pão de cogumelos.

— Só isso? — perguntou aliviado um dos marinheiros.

— Tem cheiro de veneno — protestou Pym, com um pão em frente aos lábios.

— Não é veneno, mas um cogumelo que faz sonhar está misturado ao pão. Ficaremos doentes juntos, mas garanto a vocês que, se ficarem calmos e colaborarem com o efeito, nada de mal vai acontecer a ninguém.

Pym lutou, e os marujos choramingaram ao engolir o pão colocado em suas bocas. Jaki, sendo um feiticeiro, pôde pegar o pãozinho sagrado com ambas as mãos. Nesse momento lembrou-se da primeira vez com Jabalwan, e na chance que desperdiçara. Comeu o pão, e lhe foi dado um segundo.

— Isso vai nos matar — disse Jaki, enfrentando o olhar do caçador de almas.

— A Mãe da Vida é quem vai decidir isso, Matubrem-brem. Jaki comeu o segundo, e outro ainda lhe foi apresentado. Comeu e aceitou um quarto, depois foi levado ao fundo do poço, e colocado no ninho, entre os ovos chocados pelo dragão. Cada um dos piratas foi forçado a comer quatro pãozinhos, depois foram trazidos e sentados ao lado da tocha de petróleo.

— Vai ficar aqui até que a Mãe o liberte — disse o feiticeiro a Jaki. — Se algum de vocês vomitar, serão imediatamente abatidos. E agora, filho do demônio, finalmente vai ouvir a profecia que está realizando, da forma como a ouvimos

dos primeiros feiticeiros.

O homem com pintura de fantasma começou a entoar seu cântico ritual, repetindo as palavras com cuidado textual:

— O fim volta em círculo ao começo, através da fumaça no ar. Os mortos-vivos chegam do outro lado do mar, da longa noite do norte, e o fim retorna ao começo. A história deles é a da morte dos reis, e o deus deles é um rei morto. Derretem o norte como cera, e o fazem na forma de armas que matam sem sair de suas mãos. São a própria promessa da morte. Os corações são como machados, e o rosto tem a forma das chamas. Fortalecem nossos inimigos e nos derrotam. Seu triunfo são os mortos. Colocam em nossas mulheres testemunhas do fim: meninos-demônio cujos olhos são da cor da sombra do céu e das lágrimas. Um deles escolhe a Vida em vez de sua mãe, e a deixa; apesar de ser o único filho, concebido de um morto-vivo. Quando ele vier, os tempos que aparecem nas nuvens estarão chegando ao fim. Ele será a ultima das pessoas do sonho acordado. Será o fim das revelações, e, sem nenhuma vergonha, ele escolherá a Morte diante da Vida. Mas olhará pela segunda vez e verá os muitos que vão nascer na noite negra de sangue. Verá o fim, que é fogo,

o amor que imagina o mundo, e o desejo do amor, que encerra o mundo em chamas. Nos encontra em Njurat, onde o futuro junta seus pedaços. Nos encontra no lugar sagrado onde o fim se junta com o começo. O mistério virá com ele, e o povo do sonho acordado não existirá mais.

O caçador de almas desapareceu nas trevas e a caverna estremeceu, soltando poeira e pedaços de rocha. Jaki fitou a escuridão a sua frente, vendo cores flutuando nas trevas, e sentindo náuseas. Sabia que o cogumelo provocava convulsões, paralisava a respiração e podia até matar. Mas no momento nada podiam fazer, a não ser esperar.

— Estou enjoado — queixou-se um dos marujos.

— Precisa ficar calmo — disse Jaki, colocando uma das mãos sobre o braço do homem. A pele estava gelada e parecia cheia de energia. — Não se entregue ao enjôo. Se sujarmos este lugar sagrado seremos mortos. Fique calmo e logo o sonho vai passar. Lembre-se disso: nada que está vendo é real.

Depois a vertigem atacou Jaki e ele se deitou no fundo do funil de gravidade. O chão tremia ao redor, fazendo com que seus ossos

vibrassem. Olhou trêmulo para os lados, sentindo cheiro de morte nas narinas, um odor profundo, vindo de tempos antigos. Um ritmo histérico tomou conta do batimento do coração e da respiração. Não sabia mais dizer se estava inspirando ou expirando, e sentiu um temor irracional dominá-lo.

Os piratas estavam tremendo de frio, encolhidos e agarrados uns aos outros. Pym tinha as mãos sobre o rosto, e não parava de soluçar. Os músculos de Jaki também tremiam e se retesavam, e ele ordenou calma a si mesmo, porém seu corpo se dobrou com uma dor incontrollável. Todos estavam agora curvados, cada um fechado em seu próprio sofrimento.

O tempo parecia mover-se em espasmos. Segundos se arrastavam como horas, na mesma escuridão de dor, e as horas transformavam-se num turbilhão, passando como cores nunca vistas. Jaki olhou para os companheiros e viu uma radiação que se desprendia de seus corpos. Virou o rosto para o outro lado e viu um turbilhão que parecia querer levá-lo na direção de uma nuvem clara e brilhante. Reconheceu a Nuvem dos Remédios e recuou, sabendo que naquela direção só havia a morte. A face hedionda do monstro estava sobre ele e a

caverna encheu-se de cores. Um tremor vibrou além. O ar, claro como cristal, começou a sangrar e a Nuvem apareceu novamente, e no meio dela a Cabana dos Ancestrais. Pym estava lá como nas visões anteriores, mas não tão assustador, agora que conhecia o pirata com a víbora na testa. Achavam-se ao lado do caldeirão que fervia, ele, Pym e os outros dois marinheiros. Os quatro encontravam-se sozinhos, mas podiam ver as almas dos feiticeiros vagando na penumbra ao redor da Cabana dos Ancestrais.

Jaki reconheceu Jabalwan. O antigo mestre tinha a mão sobre os ombros de uma mulher, e a dirigia para o lado do passado. Seus olhos eram como cristal, os cabelos tinham a cor e a fragilidade da cinza, e a pele estava morta havia tanto tempo que possuía o mesmo tom negro e prateado da lua nova. Só poderia ser Mala, mas ela estava desaparecendo. Os outros já não eram mais visíveis, e Jaki voltou sua atenção para o caldeirão a sua frente, negro de fuligem com um fogo que queimava ininterruptamente havia séculos, agora apagado. No interior do pote ainda fumegante estava uma massa de carne derretida e fosforescente. Houve uma agitação na superfície, e um olho não humano se abriu dolorosamente no meio daquela massa.

— Me coma — pediu uma boca que lembrava uma fistula, com voz cavernosa.

Jaki encolheu-se ante aquela visão de pesadelo, e saiu correndo da Cabana dos Ancestrais e da Nuvem dos Remédios, encontrando-se de volta ao poço do dragão. Olhou para o próprio corpo, aliviado por estar acordado. Suas mãos tinham uma aparência esbranquiçada, como carne morta. A face do dragão não nascido a seu lado, ainda dentro do ovo petrificado, encheu-o de desespero, parecendo que o verme criava vida e se alimentava de suas mãos mortas, provocando uma grande dor. Era como se o inimigo mastigasse sua vida passada e arruinada.

— Calma, Matu! — A voz que falava em tom casual era a de Jabalwan. — A profecia está cumprida. Já viu o final em fogo. Finalmente a Cabana dos Ancestrais está vazia. Olhe agora para a Mãe da Vida. Sem desejos ou negações. Olhe o rosto da Vida!

O verme que se alimentava de suas mãos transformou-se num novelo brilhante de luz. Jaki rolou no chão e olhou para cima, na direção da cabeça suspensa sobre ele. Ficou paralisado de terror quando viu a Mãe da Terra. Estava viva, os ossos cheios de carne, os olhos brilhando com

um olhar frio, as presas pingando sangue, a cabeça e os membros se movendo. Jaki encolheu-se tentando recuar, mas seus reflexos mais rápidos pareciam ridículos diante do tamanho da criatura. As faces enlouquecidas balançaram num movimento selvagem e primitivo, e as presas agarraram um dos marinheiros. O corpo do infeliz se retorcia de dor entre os dentes pontiagudos que se enterravam em sua carne.

Jaki gritou, tentando acordar Pym e o outro marinheiro, porém o ronco surdo e grave que estremecia a caverna fez com que seu grito parecesse um intervalo de silêncio.

— Por que não me escuta, Matu? — dizia Jabalwan novamente. — Olhe para a Mãe! A beleza dela é terrível. Ela é a beleza da vida. O lado esquerdo do sangue. A que permanece quando tudo se vai. A que dá quando tomamos. A magia primitiva. Mãe de todos. A que rasteja na noite. Olhe para ela, você que será cadáver e vai ver a beleza terrível de todas as partidas.

Jaki olhou. Num estado de lucidez extrema, provocado pelo terror, viu a pele escamosa se desprender lentamente, e a carne úmida derreteu, num brilho difuso que só deixou os ossos. A ferocidade animal transformou-se numa

névoa entre os ossos esbranquiçados, líquida como o sereno da noite, tremulando como uma miragem.

— Está vendo? Os mortos querem viver novamente. — A risada escarninha de Jabalwan soou mais como um lamento. — O outro lado da Vida não é a morte, mas outro tipo de vida. O inimigo da Vida não é a morte, mas a indiferença. Agora vá, Sem Nome, de volta à fronteira de dor e sensações amortecidas. Cumpra o seu destino.

Jaki afastou-se do esqueleto que brilhava e colocou-se em pé com dificuldade. O chão tremia em meio a um rugido surdo e profundo, que parecia vir do âmago da montanha, e pedregulhos se desprendiam do teto. Pym e os outros dois piratas estavam encolhidos sobre si mesmos, e o rapaz flutuou até eles e debruçou-se sobre o capitão, que tinha o rosto banhado em lágrimas e uma expressão de profunda tristeza. Escapara do mundo e presenciara os poderes ocultos e secretos, passara pelo mundo procurando seres humanos e só encontrara corpos adormecidos por trás do próprio rosto, senis com ambição, e anestesiados perante a beleza selvagem da terra. Viu a si mesmo, por trás do único olho, como um ladrão de

cadáveres, cheio de maldade e cobiça.

— Não consigo suportar! — gritou o capitão, ouvindo ecos incontáveis da própria voz. — Sou um verme... e mesmo assim estou vivo! Sou a morte, e tudo que eu toco morre!

— Não! — gritou Jaki, para o pirata e para ele mesmo. — Estamos vivos! E somos livres!

O tremor cessou abruptamente, mergulhando a caverna num silêncio de catedral. As mãos de Pym tocaram o corpo, como que para certificar-se de que estava vivo e inteiro.

— Os diamantes! — exclamou ele, inesperadamente. — Eles são o preço do nosso sofrimento. Precisamos encontrá-los, Jaki.

Um olhar cheio de entendimento foi trocado entre os dois, depois Pym examinou os arredores da caverna escura repleta de ruídos e vibrações. O fogo reduzira-se a uma pequena chama azulada na pedra escavada, e a escuridão tinha um brilho próprio, proveniente da clarividência e do poder psíquico dos dois. O capitão sacudiu o homem que dormia a seu lado.

— Acorde, sonhador.

O marinheiro deu um pulo, os olhos brilhando com uma luz indefinida.

— Capitão... capitão! Vi toda a extensão da eternidade. Voei com as esferas dos anjos, e

testemunhei com esses olhos que a terra há de comer a mudança do céu pelo inferno!

— Eu sei. Estávamos lá com você. — Pym examinou o outro homem, que rolou de lado e voltou para eles um olhar vazio. — Está morto!

Jaki fechou os olhos do companheiro e levantou-se, procurando os guerreiros ocultos e os caçadores de almas. Parecia não haver ninguém com eles na caverna, o ar estava completamente parado. Saiu do poço e apanhou as velas de resina que haviam trazido. Seguido pelo capitão e o marinheiro, Jaki tomou o caminho que levava ao âmago da montanha, através do corredor estreito que descia ao nicho onde estavam as lágrimas da montanha.

Entraram na caverna menor afivelando os cinturões atrás de Jaki, que sentia como se seu corpo estivesse oco e difuso, e ainda tinha a visão colorida pelo *olho-forte*. No interior da câmara prendeu a vela na parede, espalhando uma luz oleosa pelo local. Os dois a seu lado aproximaram-se, e não puderam conter exclamações de espanto ao ver o nicho repleto de enormes diamantes em bruto. Pym ainda sentia os efeitos do cogumelo na visão, e teve de segurar uma das pedras próxima à chama para se convencer de que era real.

O pesadelo que tinham acabado de viver ficou esquecido perante o momento de incalculável riqueza. Os dois piratas tiraram a camisa e amarraram as mangas e a gola, fabricando sacos para o transporte, e enchendo-os com os diamantes. Depois arrastaram-se novamente pelo corredor estreito, de volta à câmara do dragão.

Não saberiam dizer exatamente o que havia na grande caverna mal iluminada. Os rostos esqueléticos dos feiticeiros apareceram por um instante na penumbra, e a Mãe da Vida os olhava de cima, no limite da luz das chamas, as mandíbulas adquirindo um brilho sobrenatural e belo acima deles.

— A Vida é um segredo — disse Jaki, em língua nativa. — Até que cada um de nós enfrente sua fúria e encontre a coragem para tornar o destino realidade.

A terra estremeceu violentamente dessa vez, derrubando os três no chão e rachando paredes de pedra. Pym agarrou o pulso de Jaki e puxou-o dali com urgência, praticamente arrastando-o para fora enquanto as paredes ruíam no poço. Olhando para trás, viram o enorme esqueleto tombar e ser soterrado pelo entulho.

Os três correram apavorados pelo corredor

de pedra que balançava como se fosse ruir a qualquer momento, os pilares no salão atrás deles desabando e produzindo uma poeira espessa, que os impedia de enxergar e entrava pela garganta, sufocando-os. Quando Jaki já não tinha esperanças de sair com vida do interior da montanha, irromperam como bêbados na limpidez do ar exterior. Correram ainda por algum tempo, caindo depois na grama, e Pym começou a rir como uma criança, enfiando as mãos no saco de diamantes. Wawa saltou apavorado de uma árvore e disparou na direção deles pela encosta íngreme. Todos puseram-se novamente em movimento, descendo para longe do platô que agora enviava grandes quantidades de água quente e lama para o ar, transformando a caverna aprazível num inferno de lodo fervente e vegetação destruída. Quando olharam outra vez para trás, com o deserto pedregoso à frente, Njurat já não existia. O flanco da montanha estava reduzido a uma nuvem de poeira e fumaça sob a chuva que não parava de cair.

A travessia do deserto gelado e varrido pelos ventos exigiu deles um esforço sobre-humano, e tiveram de descansar três dias ao chegarem nas terras baixas e inundadas. Em vários momentos a desajeitada carga que levavam quase os

afundou nas poças do pântano coberto de névoa. Quando atingiram a floresta estavam exaustos e fracos, uma presa fácil para as panteras e cobras da selva. Sem álcool, Pym tremia incessantemente, como um velho, e o marinheiro quase enlouquecido pela jornada e pelas visões começou a ver presságios de morte em todas as sombras ao redor. O raríssimo choro da serpente fez com que até mesmo Jaki acreditasse que a morte pairava sobre eles. A destruição de Njurat confirmava todas as predições, e sendo o último dos feiticeiros sentia-se só e abandonado.

Nesse mesmo dia a selva se abriu e os piratas avistaram a praia, o mar e o *Silenos* flutuando tranqüilamente nas águas verdes da enseada. Pym atirou-se às águas com um grito de alegria, e logo um escaler partiu do navio para a praia. O próprio Blackheart veio apanhá-los, e Pym surpreendeu o contramestre com um beijo na bochecha vermelha, subindo depois à proa do bote e estendendo os braços para o alto, como se quisesse envolver o mundo inteiro com sua alegria.

Em Panay, nenhum barco veio recepcionar o *Silenos*, que subia o rio chegando a Iduna, e Pym ordenou que os canhões ficassem prontos para a luta, suspeitando que sua base tinha sido

visitada pelos inimigos. Aproximaram-se e viram que os armazéns estavam desertos, bem como os navios que flutuavam no porto. O cavername queimado de um barco desconhecido saía da água rasa, como uma caixa torácica descomunal. Fios de fumaça se elevavam sobre as árvores, e os marinheiros desconfiados remaram em silêncio completo até o atracadouro, preocupados com o misterioso mal que recaíra sobre seu reino.

Não havia ninguém na mansão, embora os tesouros continuassem em seus lugares. Pym percorreu as salas vazias chamando por Perdita. No quarto, sobre a enorme cama com lençóis de seda, encontrou os brincos de ouro, e embaixo deles uma carta, escrita com a caligrafia da mulher:

Amado marido,

Agora sei que nunca mais vou vê-lo. Os anjos já estão chegando para me buscar. Apenas pela graça deles é que encontro forças para escrever-lhe, a fim de que possa entender o que aconteceu a nosso pequeno reino em sua ausência.

Um mês atrás, dois navios chegaram. Um deles era o maior navio de guerra inglês que já tinha visto, aquele mesmo sobre o qual você havia

me prevenido, o Fúrias do Destino.

Pym teve de interromper a leitura e apoiar-se na mesa ao lado da cama, antes de continuá-la.

Preparamo-nos para lutar, em virtude do seu aviso sobre o navio, mas ele usava a bandeira inglesa no mastro de proa, em sinal de paz, e rebocava uma embarcação cujo nome havia sido queimado, e por sobre ele uma inscrição do Livro de Daniel: "Mene, Mene, Tekel, Upharsin". As velas eram negras. O Fúrias do Destino levou esse outro navio até o porto e o capitão inglês anunciou de seu tombadilho que a tripulação de lá estava doente e precisava de cuidados médicos. Recusou-se a desembarcar e aceitar nossa hospitalidade... E nesse ponto eu deveria ter desconfiado da gravidade da doença. O capitão inglês declarou que havia trazido o navio até Iduna porque éramos o único reino cristão antes de Manila. Aceitamos os doentes, para que não morressem em trânsito.

Sei que vai ficar zangado comigo, Trevor, mas o Senhor disse que o que fizemos aos mais necessitados é como se o fizéssemos a Ele. Aceitei o navio com os doentes. Antes mesmo que

podéssemos retirar os infelizes, o Fúrias do Destino partiu. Ficamos estarecidos com o que encontramos no navio sem nome: uma centena de pessoas, a pele vermelha e cheia de bolhas estouradas. A maioria delas não conseguia falar, pois a língua estava inchada e cheia de pus. Aqueles que ainda podiam se comunicar disseram que a embarcação era dinamarquesa. Tinham perdido parte da tripulação durante uma tempestade e admitiram novos marinheiros em Walmahera. Esses marinheiros estavam doentes e contagiaram a todos. Nenhum porto os aceitou, até que o Fúrias do Destino os apanhou e prometeu achar abrigo para os doentes.

Tentamos curá-los com todo o nosso saber e caridade cristã, mas ao cabo de uma semana estavam todos mortos. Um pouco depois disso, nossa gente começava a adoecer. A praga espalhou-se com uma velocidade vertiginosa. Começamos a enterrar grandes quantidades de corpos, até que todos os sacerdotes caíram doentes, então passamos a queimá-los. Na última semana tivemos mais cadáveres do que gente para fazer fogo. Muitos fugiram para o interior da selva. Gostaria de ter ido com eles, mas a doença abateu-se sobre mim. Juntando as últimas forças, dei ordens para que uma enorme pira fosse acesa,

e que todos os corpos, inclusive o meu, fossem incinerados e assim não venham a contagiar você e os seus.

Embora lhe tenha sido infiel no coração, foi somente esse meu pecado, uma fraqueza por um rapaz de beleza sobrenatural. Perdoe-me, e tente não punir a si mesmo. Você sempre foi a personificação do amor para mim, meu marido. Sua descrença na vida após a morte indica que meu sofrimento terminará logo. Se estiver errado, prepararei sua vinda para juntar-se a mim, meu amor. Os anjos...

O que se seguia era ilegível a partir desse ponto. Pym desceu as escadas com um olhar inexpressivo e a boca aberta num grito silencioso. Jaki, que aguardava no pórtico, fez menção de segui-lo, mas foi impedido pelo contramestre, que abanou tristemente a cabeça.

Pym ficou completamente arrasado com a dor. Sentou sobre o monte de cinzas e chorou. Sua visão no poço do dragão voltou com lucidez redobrada, e ele entendeu que sempre estivera adormecido quando com Perdita. Agora que ela se transformara em cinzas, ele não mais dormiria.

Ao fim do segundo dia, levantou e foi diretamente para o interior da mansão. Ergueu

uma pira em torno do leito que dividia com Perdita e, sem voltar as costas ou apanhar nada que estivesse ali, partiu com Blackheart e Jaki para nunca mais voltar.

A bordo do *Silenos*, Pym ordenou que os navios no porto fossem afundados. Ficou no tombadilho, observando cada embarcação atingida abaixo da linha d'água afundar no porto. Depois mandou que as instalações de carga e os armazéns fossem destruídos. Quando terminou a devastação de Iduna, o capitão mandou que o *Silenos* se lançasse ao mar, e encerrou-se em sua cabina.

Um pouco depois, Jaki apanhou a sacola com sua parte em diamantes e levou-a até a cabina de Pym, onde estava o contramestre. Adiantou-se e derramou metade do conteúdo na mesa de madeira, entregando o restante a Blackheart, que olhou com surpresa para as jóias, enquanto o olho do capitão examinava Jaki.

— Que diabos é isso?

— São diamantes — disse o rapaz, muito sério.

— Claro que são diamantes! — resmungou Pym. — Mas por que está dando esses diamantes?

— Porque não preciso deles — afirmou Jaki com sinceridade, pois não tinha uso para as lágrimas choradas pela imensidão do passado. — A maior riqueza para mim é ter sobrevivido ao teste com o *olho-forte*, a iniciação pela Mãe da Vida. Agora sou um feiticeiro de verdade como meu mestre foi antes de mim.

— Tudo certo, grumete. Mas até os feiticeiros precisam de dinheiro quando não estão na floresta...

— Então considere tudo como pagamento pela cabina e pela comida.

— Não quero a porcaria dos seus diamantes! Tenho os meus, e não esqueça que paguei um preço tão alto quanto você, com aquele maldito cogumelo. Os pesadelos que tive embaixo de Wyvern ainda assombram meu sono, obrigado.

— Estou preocupado com o que o assombra quando está acordado, capitão.

Pym rangeu os dentes audivelmente, mas esperou que Jaki continuasse.

— É a alma de Perdita que o assombra, pedindo o sangue da vingança. E, para realizar essa vingança, precisa de armas e uma boa tripulação. Por que está me fazendo dizer o que já está cansado de saber? Meus diamantes vão

ajudar a pagar os homens de que precisa. É só isso! O que dei a Blackheart foi porque ele é você: seu olho que falta...

— Tem razão ao dizer que é um feiticeiro de verdade, Jaki Gefjon... para saber que a minha alma vaga junto a Perdita, e as duas vão perambular sem corpo até que peguemos a alma amaldiçoada de William Quarles e a lancemos no inferno.

Blackheart avançou até a mesa e despejou as jóias que tinha recebido sobre as que já se encontravam lá. Depois curvou-se para Jaki, tocou o coração com o punho fechado e abriu a mão em frente a Pym.

— Acho que entendi, senhor. O coração que entregou ao capitão vale muito mais do que os diamantes. — Jaki olhou para Pym. — O destino do inimigo está selado com a devoção de Blackheart. Todos nós estamos devotados à destruição do inimigo comum. Mas...

— Mas o quê?

— A Bíblia não diz que há um tempo para tudo? Agora é o tempo de lamentar, enterrar os mortos e recolher-se em orações. Ninguém entende melhor do que eu a dor da perda. Sei que cega mais do que o próprio medo. Mas, insistindo em expor-se ao inimigo antes de

libertar a alma de Perdita, poderá tornar-se uma presa fácil e decidir o próprio destino antes de realizar a vingança.

— Bah! — Pym levantou a bebida, derramando-a sobre os diamantes. — Isso é tudo que eu preciso para esquecer minha Perdita! Quantas vezes a bebida afastou minha punição injusta por matar o verdadeiro traidor, Samuel Quarles. Quantas vezes bebi para esquecer os assassinatos que minhas mãos foram forçadas a executar; atos para os quais eu não tinha estômago, até que queimassem na minha carne. — O capitão bateu na marca em sua testa. — E Deus sabe quantas vezes bebi para esquecer a paixão de Perdita por você. Uma paixão adúltera! Trevor Pym caiu de novo na cadeira, deu um longo gole e acenou para que Jaki saísse.

Pym retirou-se das atividades de bordo, mergulhado num transe de ódio, tão mudo quanto Blackheart, exceto nas oportunidades em que berrava instruções aos marujos. Não suportava a presença do feiticeiro por mais do que alguns minutos, pois o temperamento tranqüilo do rapaz não combinava com o fogo interior que o consumia.

Jaki deixou-o sozinho a maior parte do tempo, ocupando-se com as tarefas de bordo,

enquanto o *Silenos* se dirigia para o norte, navegando entre as miríades de pequenas ilhas entre as Filipinas e Manila, freqüentemente parando em algumas e recrutando marujos, embora a maioria estivesse muito fraca para entrar imediatamente em ação. Saja tratou deles com suas ervas, e o cozinheiro fortificou-os com seus caldos e cozidos. Pym rejeitou alguns, que tinham almas negras e irrecuperáveis, dando vazão à ira que o dominava. Nas noites escuras em que o ritual de iniciação era celebrado, os novos recrutas tremiam diante do olhar enlouquecido de Wyvern, que os contemplava da bandeira negra, e faziam seu juramento com o fervor de santos.

Shahawar Shirazi era um desses recrutas novos. Blackheart e Jaki encontraram-no entre os bêbados num canto cheio de lixo do ancoradouro em Manila. Era o único sóbrio num grupo de cegos, aleijados e maltrapilhos. Usava seu turbante desenrolado e amarrado ao pescoço, os cabelos negros e imundos estavam cheios de algas marinhas e areia, porém trançado com um pano verde, o que fazia supor que era muçulmano. A seu lado na areia havia uma cimitarra numa bainha surrada, e o colete que usava não passava de um trapo. Quando Jaki o

interpelou em espanhol, ele disse prontamente que fora marinheiro no *Nur-e Siyah*, um nome árabe que ele traduziu por: *Luz Negra*. À menção daquele nome, o sr. Blackheart tirou o homenzinho da praia cheia de vômito e levou-o para bordo do *Silenos*.

Enquanto Shirazi era alimentado, Pym contou a Jaki sobre o *Luz Negra*-, um dos mais formidáveis navios de guerra muçulmanos, a serviço do Bantan do Sião. Por três vezes chegara a perseguir o *Silenos* no labirinto de ilhas do arquipélago da Indonésia, mas o grande navio de seiscentas toneladas e setenta e dois canhões não possuía a velocidade da embarcação pirata. Restava o temor de que o poderoso navio de guerra conseguisse encurralá-los em alguma enseada, ou enquanto ancorados. Por isso Pym estava interessado em aprender o que pudesse sobre o *Luz Negra*.

Depois de alimentado, Shirazi contou-lhes que seu capitão era Rajan Kobra, um homem duro e intolerante, além de caçador fanático de piratas, que exigia o máximo de sua tripulação. Shirazi, que não sabia muito bem controlar a língua, reclamara da carga de trabalho, dos maus-tratos e do salário, insinuando que alguém desviava o dinheiro. Como resultado disso, fora

abandonado num bote sem mantimentos como castigo por fomentar rebelião a bordo, e só por milagre conseguira chegar em Manila. Os espanhóis não quiseram admitir um marinheiro muçulmano em seus navios, e ele ficou vagando entre os mendigos e os ratos, até que foi encontrado pelo contramestre e Jaki.

Pym perguntou ao rapaz sobre as rotas de patrulha do *Luz Negra*, e ficou sabendo dos movimentos de Kobra nas ilhas Molucas e nos mares de Banda, Flores e Java, bem como seus pontos de reabastecimento. O nome *Nur-e Siyah* resultava de uma crença sufi, que afirmava só se poder conhecer de verdade as coisas por intermédio dos seus opostos, sendo pelo não ser e produzindo luz celestial da escuridão da sombra do sol. O próprio Rajan tinha escolhido esse nome de um santo muçulmano de muito tempo atrás, e realizava todos os anos peregrinações a determinados mosteiros em Surabaja e Djambiem. Pym ficou tão animado com os conhecimentos obtidos por intermédio do rapaz que lhe ofereceu um lugar na tripulação. Shirazi aceitou de bom grado aquela oportunidade de vingança contra o antigo capitão e fez o juramento perante Wyvern.

Com uma tripulação completa e recém-

contratada, o *Silenos* navegou para o sul atravessando o mar de Celebes até o estreito das Molucas, procurando os navios fabulosamente ricos que comerciavam especiarias logo após as monções. Embora a riqueza em si não fosse o objetivo de Pym, principalmente depois da morte de Perdita, a luta era necessária para o treinamento dos homens, a fim de adquirirem a tempera suficiente para enfrentar Quarles.

Em Manila, trocaram vários diamantes por pólvora, munição e pistolas de pederneira com mecanismo suíço. Pela primeira vez o *Silenos* tinha armas de fogo novas para todos os membros da tripulação, incluindo o cozinheiro e o cirurgião de bordo. Todos os dias Pym promovia exercícios de tiro, tanto em pontaria como na rapidez do carregamento. Em poucas semanas, os marinheiros tornaram-se verdadeiros peritos em tiro de pistola.

Para Jaki, Shirazi era o mais interessante dos novos homens recrutados, porque era o único além dele a bordo que falava regularmente com Deus. Embora muitos fossem muçulmanos, a fé que professavam era mais uma maneira supersticiosa de usar talismãs que os protegessem na batalha e na doença. Shirazi rezava fervorosamente todos os dias em seu leito.

Enquanto os dois passavam alcatrão nas tábuas do casco, pendurados numa exígua plataforma, Shirazi falava sobre *alam al-mithal*, o reino que existia entre a mente e a experiência, o real e o ideal, Deus e o mundo.

— Somos centelhas de luz que saltam entre o céu e a terra — dizia Shirazi, acima do borbulhar fumegante do alcatrão fervente. — Nossas vidas são curtas, e nossa luz muito pequena. Por esses motivos precisamos sempre fazer o que sonhamos. Que sentido terá nossa vida se não agirmos assim?

Jaki descreveu sua visão com o *olho-forte*, para grande assombro do muçulmano.

— Percebi então, Shirazi, que o inimigo da Vida não é a Morte, mas a indiferença. Como você mesmo disse, temos de fazer o que sonhamos... apesar da dor. Não vejo nada de errado com orações, mas a maior virtude é a ação. Só podemos nos tornar as centelhas que mencionou se fizermos só o que acreditarmos ser correto. Se não for assim, valem menos do que lama.

Shirazi considerou longamente o que o outro dissera.

— Você fala como um *iman*, um homem santo que deve fidelidade à fé. Não esperava

encontrar alguém assim entre piratas...

— Será que somos simplesmente piratas? — perguntou Jaki, encolhendo os ombros. — Também somos centelhas do divino!

— Mas o *Silenos* ataca navios de carga. Isso dificilmente pode trazer algum mérito divino — objetou o muçulmano.

— A vida se alimenta da vida. Sempre foi assim. Se Deus abençoa os falcões, as panteras e os lobos, por que não nós?

— Mas nós matamos nossos semelhantes!

— Será que não é porque fomos feitos à semelhança de Deus? Imitamos nosso criador, que destrói a si mesmo em tudo o que cria.

— Pode ser... — admitiu Shirazi, depois de refletir um pouco. — O Corão fala da majestade de Deus, quando ateia chamas aos seres que criou. A majestade é a luz negra. Todas as outras luzes iluminam, porém a que está mais próxima de Deus é negra, e aniquila quem se aproxima. — O olhar escuro do muçulmano estava grave e distante. — Deu-me muita coisa para pensar, Gefjon.

Jaki começou a gostar do jovem imberbe de turbante que falava de anjos e até mesmo parecia um, com seus olhos negros e a pele da cor do deserto sem nenhuma tatuagem. Em Sangihe e

Manado, onde o *Silenos* foi bem acolhido com suas moedas de ouro, apesar da notícia recente sobre a identidade de Wyvern, os dois praticaram esportes juntos. Alugavam cavalos perto do ancoradouro e cavalgavam pelas praias, Shirazi divertindo-se com os esforços do companheiro para manter-se no dorso do animal durante os galopes. Caçaram com armas de fogo e zarabatanas na selva próxima à cidade, levando Wawa com eles, e brincaram nas copas das árvores e em lagoas tranqüilas. Na verdade, Shirazi foi o primeiro amigo humano de Jaki. Sob a luz das estrelas, catavam piolhos um do outro e trocavam histórias de sua terra natal ao lado da fogueira, rindo das travessuras de crianças. O feiticeiro ficou impressionado com a devoção do muçulmano a sua fé, e por mais de uma vez os dois se ajoelharam juntos para orar perante o Deus de Mistério.

A admiração de Jaki cresceu muito quando viu a coragem demonstrada em combate por Shirazi. Certa feita, ao largo de Ternate, no mar das Molucas, o *Silenos* encontrou uma caravela portuguesa e abateu seus barcos de escolta. Na abordagem, os portugueses cobertos de armaduras recusavam-se a render-se, dispostos a defender com as vidas a carga de cravo e

canela que transportavam. Shirazi caiu sobre eles como um leão enfurecido, a cimitarra abrindo caminho certo até as pequenas frestas expostas de pele, apesar do perigo. Por mais de uma vez, só a intervenção de Jaki poupou o amigo de um golpe de sabre ou de alabarda. Mesmo assim, a selvageria do ataque mais o desprezo demonstrado pela própria vida quebraram a resistência do inimigo, e o muçulmano voltou ao navio pirata carregado em triunfo pelos companheiros, ganhando de Pym um diamante escolhido entre as lágrimas da montanha.

Em duas outras oportunidades Shirazi lançou-se em ataques verdadeiramente suicidas, e só emergiu vitorioso devido à intervenção dos camaradas. A quarta vez foi a última. Havia perseguido um navio espanhol muito bem armado ao norte do mar de Ceram. Apesar do maior número de canhões do inimigo, a pólvora do *Silenos* queimava mais rápido, e seus canhões com eixos menos inclinados eram mais precisos a curta distância, e os espanhóis foram batidos. Com grandes rombos no casco e todos os conveses avariados, o navio arriou a bandeira em sinal de rendição, mas Pym ficou desconfiado.

Shirazi ofereceu-se como voluntário para

um grupo de abordagem, que juntamente com Jaki e mais meia dúzia de marujos iria num escaler até a embarcação inimiga. Carregaram o bote com barris cheios de pólvora, um deles ligado a um detonador de pederneira. Aproximaram-se gritando que os espanhóis largassem as armas, e o capitão apareceu sobre a amurada com as mãos levantadas, enquanto uma escada de corda era baixada. Antes de içar-se, Jaki desenrolou um fio encerado, amarrado à pederneira, e manteve-o na mão para qualquer eventualidade. Assim que todos subiram a bordo, foram cercados por espanhóis armados, que pretendiam mantê-los como reféns para negociar a libertação do navio. A cimitarra de Shirazi degolou o inimigo mais próximo, antes que qualquer um pudesse esboçar alguma reação, e o sorriso do capitão espanhol se desfez.

— Matem os pagãos! — berrou ele, enquanto mais homens eram abatidos.

Jaki puxou o cordão, detonando os barris de pólvora, cuja explosão sacudiu violentamente o navio e fez com que a descarga de tiros de mosquete se perdesse no ar. Shirazi ia à frente, oferecendo combate temerosamente a todos em seu alcance, e logo atrás vinha Jaki com um cutelo em cada mão, saltando como um felino.

Não tinha intenção de permitir que o amigo encontrasse a morte. De fato, em pouco tempo o muçulmano tropeçou numa pilha de tigelas e ficou esperando o golpe que terminaria com tudo. O espanhol foi abatido por Jaki.

— O Silenos chocou-se contra o costado do inimigo avariado, e a tripulação pirata lançou os ganchos de abordagem. À visão de Blackheart balançando acima da cabeça uma corrente provida de facas na ponta, mais os piratas atirando com precisão mortal, os espanhóis acharam melhor depor as armas.

— Parece desapontado... — comentou Jaki, ajudando Shirazi a levantar.

— Nenhuma glória é tão grande quanto morrer em batalha, matando inimigos de Alá.

— Se continuar a combater desse jeito, não vai ficar desapontado por muito tempo...

Os sobreviventes foram desembarcados em uma ilha próxima com algumas provisões, e o que restou do casco foi aliviado da carga de ouro e especiarias, depois afundado. Naquela mesma noite realizaram um conselho, no qual Pym expôs à aprovação dos homens o itinerário do *Silenos* para os próximos meses. Depois de procurar outras presas pelas ilhas ao sul de Timor, Flores e Sunda, iriam para oeste e para o norte, onde

Pym conhecia o sultão de Selagor, que trocava as especiarias por barras de ouro. Quando chegasse novamente a estação chuvosa, estariam a salvo das tempestades em Kuala Lumpur, ou em Málaca, gastando suas riquezas. O plano foi aprovado por unanimidade.

Duas noites mais tarde, durante a aproximação de uma tempestade no agitado mar de Timor, Shirazi caiu na água durante o turno da noite. Jaki e dois marujos baixaram ao mar um pequeno bote de quatro remadores para resgatar o companheiro, pois, apesar de estar ao alcance das bóias atiradas, não parecia em condições de apanhá-las, e logo sumiu na escuridão. O vento piorou muito antes mesmo que as amarras do pequeno bote fossem soltas, produzindo vagas enormes e fazendo com que os dois marinheiros desistissem e subissem ao navio, exortando Jaki a fazer o mesmo. Mas o feiticeiro não quis abandonar o homem que falava de anjos e desamarrou o bote, partindo sozinho na tempestade iminente.

O *Silenos* desapareceu lentamente de vista, os gritos dos homens perdendo-se no vento, que aumentava a cada instante. Jaki compreendeu que aquilo poderia ser sua morte, olhando para a verdadeira parede de escuridão a sua frente. Em

certo sentido, sentiu-se quase agradecido. Pym tornara-se um homem perturbado e amargo depois da morte de Perdita, e a espreita de nuvens não ajudara em nada, fornecendo visões do futuro que não passavam de um caos de devastação e muitas guerras de homens contra homens. Não entendia muito bem o motivo das lutas, já que toda guerra era fútil. A pirataria também não levava a lugar nenhum, e parecia não haver fim a loucura da violência. Dar sua vida buscando salvar outra parecia apropriado para um assassino, pirata e feiticeiro, cujo legado eram as lágrimas da montanha.

A cabeça de Shirazi apareceu por um breve instante a alguma distância do bote, visível apenas pela agitação de espuma branca no negrume da superfície do mar. Sem hesitar, Jaki ficou em pé e mergulhou no mar, sentindo o choque gelado das águas. Abriu os olhos no interior da escuridão líquida e não distinguiu nada além do vazio. Subiu novamente para respirar e olhar a superfície à procura de novos indícios, constatando que o bote não estava longe. Tomou fôlego e mergulhou, dessa vez descendo verticalmente com os olhos abertos na água salgada, virando a cabeça para um lado e outro à medida que nadava mais para o fundo.

Apesar do desespero pelo tempo que se escoava com a vida, Jaki sentia-se fisicamente bem, embalado no silêncio gelado do ventre negro do mar. Não fosse a procura angustiosa de Shirazi, o feiticeiro ter-se-ia deixado envolver pelo útero onde toda a vida tinha se originado, tamanha a sensação de paz.

Uma forma luminosa e vagamente humana flutuou acima dele, mexendo lentamente os membros fosforescentes. Mais por instinto do que por vontade, Jaki nadou na direção do vulto que pairava na escuridão total, acreditando mais numa visão do que no encontro do amigo perdido, porém seus braços encontraram o corpo de Shirazi e agarraram-se a ele, nadando com urgência em busca da vida.

Emergindo num jorro de espuma bioluminescente, as duas cabeças ficaram acima da superfície, respirando pesadamente o ar precioso sem pensar em nada. O bote flutuava quase sobre eles, e não foi difícil para Jaki subir enquanto segurava uma das mãos do muçulmano sobre a borda. Içou-o cuidadosamente, usando o que restava de suas forças. Shirazi não estava totalmente inconsciente, e pouco depois que foi estendido no fundo da embarcação agarrou com força os

ombros do amigo debruçado sobre ele, com uma expressão de suprema angústia no rosto torturado.

— Você de novo! Mais uma vez quer que eu fique neste mundo...

— Talvez, mas não por muito tempo, irmão.
— Jaki apontou a ameaçadora tempestade prestes a desabar sobre eles.

Os dois se encolheram no fundo da embarcação, enquanto a tormenta fustigava o mar durante a noite, ameaçando soçobrar o bote por várias vezes, e obrigando-os a jogar a água para fora com as mãos. Finalmente adormeceram, exaustos e agarrados um ao outro, de puro pavor ante a fúria dos elementos.

Acordaram de madrugada e perceberam que o tufão se dissipara. No céu da noite clara e úmida viram algumas estrelas e a luz prateada do luar.

— Estava errado, irmão! — disse Shirazi com voz fraca. — Apesar de tudo, sobrevivemos.

— É verdade. — Jaki sentou-se, olhando a superfície do mar, uniforme em todas as direções. — Mas sem comida nem água.

— Água demais, talvez... — comentou o muçulmano, sem enxergar sinal algum de navio no horizonte escuro.

Sentaram-se em silêncio pelo resto da madrugada, cada um imerso em seus pensamentos, certos da morte lenta que teriam. Ao amanhecer, Shirazi disse suas orações e levantou a cimitarra.

— Se for o seu desejo, posso libertá-lo rapidamente.

— Não é esse o costume do meu povo — respondeu o feiticeiro, sacudindo a cabeça.

— Nem do meu. Só Alá pode dispor de nossas vidas. Para isso ele tem infinitos caminhos. — O muçulmano embainhou novamente a arma. — E pena que para nós ele tenha escolhido um dos mais longos.

O sol invadiu o mundo com um calor abrasador e incessante. Os dois -sentaram-se olhando para baixo, os ombros protegidos pelos longos cabelos, um quase branco, o outro negro. Só ocasionalmente levantavam a cabeça para examinar o horizonte à procura de um navio. Durante o dia todo as nuvens remanescentes permaneceram ao norte, porém a grande distância, enquanto o restante do céu permaneceu luminosamente azul. Shirazi rezou a cada período do sol. Ao cair da noite, estenderam-se e dormiram profundamente.

O vento surgiu com o novo amanhecer.

Olhando para a lâmina ofuscante de luz que misturava céu e terra, o muçulmano realizou as orações, depois voltou-se para Jaki.

— Quando estava no grande navio, falávamos de *alam al-mithal* como uma coisa distante da realidade. O reino do Meio, onde as coisas são indistintas. — Shirazi vagueou o olhar, procurando o horizonte naquele espaço infinito. — Agora, *alam al-mithal* é tudo que existe...

Depois disso nenhum dos dois ergueu mais os olhos para o horizonte. O movimento do pequeno escaler tornava-se quase hipnótico, subindo e descendo de vagas grandes e constantes até que a gravidade pareceu sumir e flutuar em algum ponto fora do mundo. Os olhos de ambos estavam injetados, e os lábios rachados ostentavam filetes de sal cristalizado. O ar chegava a tremular com o calor que se desprendia da superfície ondulante.

— Anjos... — O muçulmano dirigia um olhar brilhante e esgazeado para uma nuvem solitária. — Os anjos vêm vindo para nos levar...

— Quietos, Shirazi.

— Não, Gefjon. Eu preciso falar...

E apesar disso não disse mais nada durante o resto do dia, a não ser as orações. O sol

continuou implacável, e o vento amainou um pouco ao final do dia. O cair da noite foi especialmente belo, as estrelas perfurando o manto azul-escuro e brilhando através dos últimos fiapos de nuvens vermelhas. Jaki encostou o anel na testa e adormeceu pensando em Lucinda.

Nesse terceiro dia, ambos dormiram além do amanhecer. Quando Jaki abriu os olhos a luz do sol já estava clara e brilhante, e ele examinou o horizonte ao redor, voltando o rosto para a brisa que soprava do oeste.

— Shirazi! — A voz soou mais como o crocitar de um corvo, mas o companheiro adormecido abriu os olhos e levantou com dificuldade. — O *Silenos*!

O muçulmano olhou para a direção indicada e examinou a silhueta escura que se destacava no horizonte. Depois pousou a mão fria sobre o braço do amigo.

— Não, meu irmão. Está vendo com os olhos do coração. Olhe outra vez.

Jaki semicerrou as pálpebras e examinou melhor a embarcação, que na verdade era maior que o navio pirata, ostentava velas verdes e tinha como figura de proa um anjo de asas abertas.

— *Nur-e Siyah*. O *Luz Negra* — murmurou

Shirazi, um olhar desvairado e os cabelos pendentes como enguias negras. — Por Alá, que é meu mestre! Agora você precisa me escutar: sou um traidor do juramento perante o dragão alado. Traí o capitão Pym, e também atraícoei você, a quem chamo de irmão.

— Do que está falando? — Jaki virou, de maneira a encarar o amigo.

— Estou dizendo que sou um espião. Sou um guerreiro muçulmano a serviço do *Luz Negra* e do seu capitão, Rajan Kobra. Quando o Bantam do Sião soube por aquele caçador de piratas inglês que Wyvern era o capitão Trevor Pym, de Iduna, imaginou um plano. Ficaram sabendo que Wyvern precisava de novos homens, portanto o Bantam mandou Kobra postar homens em portos-chaves, na esperança de que um ou mais deles fosse recrutado. Apenas eu consegui.

Jaki sentou-se, com uma expressão de incredulidade. O muçulmano umedeceu os lábios rachados e continuou com dificuldade:

— Minha missão era aprender o mais que pudesse, depois saltaria num lugar e numa data em que pudesse ser apanhado pelo *Luz Negra*, cuja rota eu tinha decorado. — Shirazi fez uma pausa, recuperando-se do esforço feito pelos pulmões que pareciam estar em brasa. — Pensei

que fosse apenas espionar piratas, e não homens que falam de *alam al-mithal*. Para evitar a indignidade de trair amigos a quem admiro, tentei várias vezes morrer combatendo pelo *Silenos*... Mas você sempre me salvava a vida.

— Mas por que não ficou conosco? — indagou Jaki, compreendendo finalmente o comportamento do amigo.

— Não seria capaz de trair minha lealdade com meu povo e minha fé. — Shirazi tirou a mão do braço do companheiro. — Por mais de uma vez tentei derrotar a mim mesmo, e pulei do navio antes do começo do tufão, acreditando que morreria antes de ser encontrado pelo *Luz Negra*. E mais uma vez você me salvou.

— Agora o *Silenos* está perdido.

— Rajan Kobra é um homem enérgico. Ele não vai se importar se você fala de anjos ou não. Vai fazer tudo o que puder para que fale sobre Wyvern.

— Não vai conseguir nada de mim.

— Sei que vai se manter em silêncio, meu amigo, mas não existe silêncio que Rajan Kobra não consiga quebrar. Precisa confiar em mim. Vamos fingir que é meu aliado, e que também está traindo os piratas.

Assim que puder, arranjo uma maneira de

libertá-lo. Devo isso a você.

— Não me deve nada, Shirazi. — Jaki observava o grande navio de velas verdes navegando na direção deles. — Eu mesmo escolhi meu destino. Você deve se manter fiel ao seu.

— Fique sossegado. Serei fiel e sincero comigo mesmo. Alá é minha testemunha.

O *Luz Negra* alcançou o bote e marinheiros de turbante recolheram os dois rapazes semimortos. Shirazi prostrou-se no convés, agradecendo a Alá, e Jaki permaneceu deitado porque não teve forças para levantar-se. Ficou ali mesmo, vendo aqueles rostos morenos e curtidos de sol, os mastros e o velame. Teve a impressão de escutar a voz de Pym: "Tábuas limpas no convés elevam a moral da tripulação. São a face do navio, mais do que a proa ou a popa, porque os homens ficam o dia inteiro olhando para elas". As tábuas do convés onde Jaki estava deitado mostravam-se encardidas, escorregadias e mal ajustadas umas às outras. Seu olhar pousou sobre as roldanas de madeira dentada usadas para levantar a maior parte do velame e reparou que estavam ressecadas e acinzentadas. "As roldanas da maioria dos navios eram feitas de carvalho, uma madeira muito resistente, mas no

Silenos tinham sido esculpidas em *lignum vitae*, a madeira mais dura que existe na terra. Era como pedra viva", dizia sempre o capitão Pym.

Shirazi estava de joelhos, falando rapidamente. Jaki levantou a cabeça e viu um homem moreno e atarracado, com um bigode negro e untado para formar pontas longas e agudas, lembrando um osso escuro espetado sob o nariz. O rosto anguloso parecia talhado em rocha, tal a imobilidade das feições e a frieza dos olhos negros sob o brilho do turbante branco. Sorriu ao ouvir alguma coisa dita por Shirazi e mostrou dentes que poderiam ser os de um lobo.

— Sou Rajan Kobra — afirmou ele, num espanhol carregado de sotaque. — Fez bem em juntar-se a Shahawar Shirazi, jovem holandês. Meus homens vão levá-lo para baixo e refrescá-lo. Esta noite festejaremos e brindaremos ao fim de Wyvern.

Jaki foi levado por um corredor que fedia a água estagnada, suor e madeira suja. Deram-lhe chá numa vasilha e lavaram-no com água salobra no convés inferior, enquanto os marinheiros se admiravam com os cachos dourados e o tom queimado de sua pele. O chá desceu como uma trilha fervente em suas entranhas debilitadas, e ele vomitou. Depois

lavou a boca e tomou mais com sofreguidão.

Shirazi não estava com ele, e Jaki preocupou-se com as diferenças nas histórias que ambos iriam contar. Aceitou a camisa marrom e a calça larga que um dos homens lhe ofereceu, e vestiu-as com movimentos lentos, pois ainda estava enfraquecido pelos dois dias de sede e exposição ao sol. Tonto pelo esforço, sentou-se ao lado do barril. O marinheiro levantou-o e deitou-o numa das redes no convés de armas.

Ali estendido, recuperando as forças, Jaki procurou analisar o navio inimigo. A manutenção era malfeita, e o interior feio e barulhento, mas, por outro lado, qualquer veleiro comparado ao *Silenos* pareceria assim. O profundo respeito que sentia por Pym aumentou, assim como a resolução de não trair seu capitão. Depois, caiu num sono profundo e sem sonhos.

Acordou sendo sacudido, e a primeira coisa que viu foi um sorriso desdentado pairando na escuridão à luz de uma lanterna. Em um instante foi colocado de pé, ficando totalmente alerta. Seguiu o marinheiro sem precisar de ajuda, em direção ao tombadilho, onde ficava a espaçosa cabina do capitão, profusamente iluminada por lâmpadas a óleo e forrada com

luxuosas almofadas e tapetes. Os lambris de madeira que cobriam o aposento eram decorados com finas incrustações em prata, representando o contorno de mesquitas, minaretes e arabescos trabalhados com extrema perícia.

Rajan Kobra acomodava-se num almofadão sob as janelas de cristal transparente, com o brilho esverdeado de uma safira destacando-se no turbante imaculado. Trajava sedas e cetins que refletiam e deixavam passar a luz amarelada das lâmpadas, tornando fluidos os movimentos. Fez um gesto para que o rapaz entrasse e sentasse a sua frente, depois dispensou o marujo. Ao lado da almofada na qual Jaki havia se acomodado via-se uma bandeja de prata repleta de tâmaras, laranjas, bananas, amêndoas, pasta de pistache e um cálice cheio de vinho.

— Coma e beba — ordenou o capitão do *Luz Negra*. — Shahawar contou-me sua história. Estou honrado em conhecer um homem que suportou os rigores da selva, do mar, e não perdeu a fé no único Deus verdadeiro.

Jaki ficou feliz em poder matar sua fome, além de não precisar falar durante algum tempo. Devotou toda a atenção à doçura das frutas, quebrando prazerosamente seu jejum.

— Por que resolveu abandonar seus companheiros piratas? — quis saber Kobra, depois de ter aguardado pacientemente que o jovem comesse.

— Shirazi deve ter contado...

— Shahawar me contou tudo. — Os olhos negros e penetrantes do capitão estavam fixos em Jaki. — Você também vai me contar tudo.

— Na verdade estou com ele por causa do *alam al-mithal* — respondeu Jaki, animado com o vinho, percebendo um brilho de interesse nos olhos do capitão muçulmano. — Sou um homem devotado ao espírito, um feiticeiro entre o povo da floresta que me criou. Se vou trabalhar no mar, é melhor trabalhar com homens que entendam o fato de que somos todos apenas faíscas entre o céu e a terra.

— E quanto aos piratas que abandonou? Onde está sua lealdade em relação a eles?

— Somos todos piratas perante Deus — declarou Jaki, tomando mais um gole de vinho. — Minha primeira lealdade é para com Deus. Além do mais, Shirazi convenceu-me de que o senhor é um capitão muito compreensivo.

— Então vai me contar tudo o que sabe sobre Wyvern?

— Claro! Vou contar tudo! O nome do navio

é *Silenos*, e seu capitão é Trevor Pym, um traidor marcada na testa, pelo ingleses, com o símbolo da serpente.

A chama das lâmpadas reluziu no olhar de Rajan Kobra.

— Então pode me dizer o plano de viagem...

— Depende dos caprichos do capitão.

O capitão muçulmano sacudiu lentamente a cabeça numa negativa e apertou os olhos, cheio de desconfiança. Jaki não desviou o olhar.

— Já ouviu falar em estrapada, Jaki Gefjon? O rapaz abanou a cabeça.

— Se mentir para mim, seu pirralho, será amarrado ao mastro pelas pernas e atirado de lá para baixo. Da primeira vez as articulações arrebentam, e você gritará com uma dor insuportável. Da segunda vez as pernas são arrancadas do corpo, mas você não morre, porque cauterizamos a ferida com alcatrão fervendo. Depois é a vez dos braços. Quando terminar, vai continuar a bordo deste navio, vivendo como um verme na água do porão. Podemos conservá-lo vivo por muitos anos, e durante esse tempo você rezará todos os dias ao Deus Único para que lhe conceda a morte. Mas sem braços e pernas você não poderá fazer nada, a não ser esperar pela misericórdia de Alá. —

Rajan inclinou-se para a frente, com um brilho sádico nos olhos. — Qual é mesmo o plano de viagem de Wyvern?

Jaki fez uma pausa, bebeu o restante do vinho, suspirou e lembrou-se da Aranha. Enfrentou Kobra com um olhar transparente e tranqüilo.

— Meu povo me chama de feiticeiro. Não tenho medo da dor, nem mesmo que dure o resto da vida, se for esta a vontade de Deus. Contarei tudo quando estiver convencido de que é realmente o homem compreensivo do qual Shirazi me falou.

— É pena... Vou ter de mandar preparar a estrapada, Jaki Gefjon, e então você me contará tudo o que preciso saber. — O capitão muçulmano bateu palmas e a porta da cabina se abriu. Dois marinheiros entraram e arrastaram Jaki dali.

Trancaram-no num pequeno compartimento do convés inferior, onde o piso era inundado pela água malcheirosa dos porões. Sentou-se numa trave do cavername por três dias e três noites, contando o tempo pela réstia de luz que penetrava entre as tábuas mal ajustadas. Algumas vezes lhe atiravam restos de comida que tinham a aparência de lixo, e ele tentava apanhá-

los antes que caíssem na água. Quando não conseguia refúgio no sonho, passava o tempo com suas memórias, fingindo que estava na selva com Wawa ou Jabalwan, na copa fresca e luminosa das árvores. Levava aos lábios o anel de Luci e repetia juras de amor.

O rangido da porta interrompeu os devaneios do prisioneiro, e logo em seguida o rosto de Shirazi apareceu na fresta.

— Jaki! Precisamos nos apressar — sussurrou o muçulmano, evitando as perguntas do amigo com o indicador na boca, em sinal de silêncio.

Jaki quase não podia mover-se sozinho, e o amigo teve de arrastá-lo até o convés superior. Shirazi já havia baixado um bote ao mar e apontou uma massa negra de terra próxima ao horizonte.

— Sumbawa. Pode chegar lá antes que Kobra perceba que fugiu — disse ele. — Mas precisa partir já, e quando chegar lá tem de se esconder na floresta, porque certamente vão mandar gente atrás de você. Minha cimitarra está no bote.

— Venha comigo — pediu Jaki.

— Não posso. Neste momento estou a caminho da cabina de Kobra, para fornecer os

últimos detalhes do plano de viagem do *Silenos*. Nos três dias em que ficou preso, contei tudo o que sabia a ele, e deixei-o acreditar que havia ainda mais. Se eu for agora com você vão nos apanhar antes mesmo que desembarquemos. Por favor vá embora agora, enquanto pode. Estou em paz com você.

Jaki segurou as mãos do amigo entre as suas e sentiu as lágrimas umedecendo seus olhos.

— Muito obrigado pela vida que me dá de presente.

— É um presente muito frágil, Gefjon — respondeu o muçulmano, ajeitando-o no interior do bote. — Não passa de uma faísca...

Jaki reuniu todas as suas forças para manobrar os remos e afastar-se do *Luz Negra* em direção à silhueta escura da ilha de Sumbawa. Sua atenção voltou-se para o brilho das estrelas, que amenizou a dor em seus músculos.

Chegando à praia escura, respirou com o corpo todo o agradável cheiro da floresta, que para ele representava a vida novamente. Usando como apoio a cimitarra, saiu do bote e arrastou-se para debaixo de uma palmeira, onde ficou semidesmaiado. Ao amanhecer, pôde ver o *Luz Negra* navegando ao longo da costa. Assim que

avistaram o bote encalhado na praia, a âncora foi lançada e um escaler partiu no encalço do fugitivo.

Jaki embrenhou-se na floresta, respirando pesadamente, e depois de algum tempo subiu ao cimo de uma árvore alta, de onde poderia observar a praia, deixando-se ficar relaxado, enquanto passava o cansaço dos músculos doloridos. Os marinheiros muçulmanos desembarcaram e começaram a procurar na mata, batendo a área mais próxima ao bote do prisioneiro. Em pouco tempo as picadas dos insetos se tornaram insuportáveis para eles, e abandonaram a busca. Voltaram ao navio rebocando o bote.

Jaki permanecia na copa elevada, e viu quando o *Luz Negra* recolheu a âncora e virou-se para partir. Antes não tivesse olhado. Pendendo do gurupés, na proa, estava o corpo desmembrado de Shahawar Shirazi.

O vagabundo que chegou em Jacarta com as primeiras chuvas das monções tinha uma aparência surrada, o cabelo amarrado atrás com peles de enguia, o corpo completamente nu à exceção de uma tanga suja e rasgada. A pele escura e queimada de sol estava curtida pelos ventos, e uma cimitarra pendia de uma tira de

pele de cobra.

— Senhor Gefjon! — gritou uma voz de mulher.

Jaki correu o olhar pelo porto apinhado de navios e embarcações de todos os tipos. Juncos, sampanas e lorchas ficavam lado a lado nas águas calmas do porto, juntando a fumaça recendendo a peixe frito ao odor forte da maré baixa e ao nevoeiro úmido que envolvia Jacarta.

Durante as últimas luas, tinha percorrido mil e cem quilômetros através dos terrenos pantanosos das ilhas de Raba e Lombrok, das escarpas rochosas de Bali e das florestas de Java. Nadara pelos estreitos entre as ilhas, depois roubara uma canoa em Lombrok e velejara para oeste, seguindo as nuvens que pairavam sobre as montanhas das ilhas Sunda. Não tinha parado em nenhum instante, obcecado pela idéia de alcançar Johore a tempo de prevenir o *Silenos* de que Rajan Kobra sabia de seu refúgio. Se o navio fosse apanhado no longo corredor que era o estreito de Málaca, os piratas seriam presa fácil para os canhões do *Luz Negra*.

Jaki ignorara a própria exaustão, e em alguns momentos ouvia vozes na chuva prateada, enxergando coros de anjos nos raios de sol que ocasionalmente se infiltravam pelas

nuvens carregadas. Só acreditou em seus ouvidos quando a voz chamou uma segunda vez.

— Senhor Gefjon!

Olhou na direção do som e viu um atracadouro cheio de caravelas holandesas. Atrás delas enxergou os mastros enormes e o casco branco de um navio de guerra. Colocando a mão sobre os olhos para protegê-los da chuva fina, examinou com cuidado a grande embarcação, e teve uma sensação gelada no estômago ao constatar que se encontrava diante do *Fúrias do Destino*.

— Senhor Gefjon! — repetiu a voz feminina.

Então conseguiu vê-la. Acenando com uma luneta de uma cabina no castelo de proa estava Lucinda Quarles. Jaki levantou a mão com o anel e acenou de volta.

Lucinda fez com que sua criada distraísse a sentinela do tombadilho, enquanto amarrava desajeitadamente uma corda ao batente da janela. Sem perda de tempo, Jaki penetrou na água escura do porto, nadou até a corda e içou-se até a cabina.

Lucinda deu um passo atrás, colocando as mãos na boca, tal a surpresa provocada pela nudez molhada de Jaki.

— Parece que rastejou por metade da Ásia

— comentou ela franzindo o nariz. — Quando enxerguei você pela luneta, pensei que o tivesse reconhecido, senhor Gefjon, mas... está muito diferente sem roupas.

— Espero que não a esteja ofendendo, senhorita Lucinda — balbuciou ele, o coração batendo descompassado no peito. Examinava o rosto dela, à procura de algum sinal de amor, mas em vez disso ela o observava com um misto de curiosidade e interesse. O cabelo loiro caía sobre os ombros em cachos mais longos do que da última vez que a vira. — Tenho pensado muito em você desde aquele dia em Macau, há um ano.

— Um ano? É... Acho que já faz um ano mesmo.

Luci aproximou-se, atenta ao corpo musculoso e esguio de Jaki, à procura das cicatrizes deixadas pelo duelo com o oficial português, no peito e no ombro. Quase não conseguiu encontrá-las, e observou-o de mais perto, enquanto sentia o sangue pulsar forte nas veias.

— Devo confessar que algumas vezes pensei que não fosse mais ver você — disse ela, receosa.

— Nossos caminhos se cruzaram outra vez, mas apenas por um instante. Preciso partir imediatamente e encontrar meu capitão. Tenho

estado separado dele há algum tempo.

— Para onde vai? — perguntou Lucinda, subitamente ansiosa.

— Johore.

— Mas é para lá que zarpamos esta noite! — O rosto dela se iluminou. — Chegaremos em Cingapura dentro de quatro dias e cinco noites.

O coração de Lucinda deu um salto com a simples idéia da aventura. Os dois anos que vivera a bordo do *Fúrias do Destino* tinham sido monótonos e arrastados. Desde a contaminação do reino de Iduna, havia quase um ano, seu pai ficara obcecado com a idéia de livrar as rotas marítimas de todos os piratas. Cruzava metodicamente cada região, afundando os navios que se recusavam a se identificar. Notícias recentes de Wyvern inflamaram a obstinação de Quarles, que passava os dias trancado na cabina, determinando rotas de patrulhas e coordenando novas táticas de busca, baseado nas informações que recolhia de oficiais mercantes recém-chegados.

A cada porto que tocavam, Lucinda era apresentada à corte local e

tinha de desempenhar seu papel de filha exemplar e donzela casadoura. Só que não encontrara nenhum pretendente digno de amor,

e a lembrança do pirata holandês permanecera mais viva a cada baile que freqüentara. Na verdade odiava os homens que lhe faziam a corte, melosos e pródigos com os elogios, com um olho na fortuna do rico capitão. Lucinda sabia que sua vida como esposa de um homem importante seria parecida demais com o confinamento que sofria a bordo. Isso tudo contribuía para realçar a lembrança dos momentos de desconcertante sinceridade que passara com Jaki Gefjon.

Encarando o olhar azul carregado de sentimentos, ela reconheceu o momento único em que seu destino poderia tomar outros rumos.

— Venha conosco. Por favor!

— Mas como? — perguntou Jaki, atônito. — Seu pai sabe que sou pirata. Ele me enforcaria!

— Isso se ele soubesse que você está a bordo. Mas ele não precisa saber... Esta é minha cabina particular. Você vai ficar aqui comigo.

— Mas, senhora, eu não posso! — protestou Jaki, olhando em volta. Num canto ficava uma cama com dossel e uma cortina de veludo; abaixo de uma escotilha decorada com rendas, via-se uma escrivaninha laqueada de vermelho, um vaso com plantas decorativas e duas poltronas estofadas. Uma porta de cana-da-índia entreaberta deixava ver o vaso de cobre e a

banheira esmaltada no pequeno aposento contíguo. — Se seu pai me encontrar aqui, sua honra será comprometida.

— Meu pai nunca entra nesta cabina — respondeu Lucinda, sustentando o olhar dele, agitada com a resolução já tomada. — Mesmo quando o *Fúrias do Destino* parte para a batalha e sou deixada em terra, minha cabina fica trancada. Até meu pai respeita meu aposento.

— Mas sua criada...

— Maud não vai criar problemas — interrompeu ela, colocando um dedo nos lábios de Jaki. — É minha melhor amiga, e não me trairia nem para defender a própria vida. Além do mais, você precisa ir para Johore, e este é o navio mais veloz da Ásia. Fique comigo... Vamos nos conhecer melhor. Quero ver quem é você.

Jaki ficou alerta por um momento, à escuta de vozes ou sinais premonitórios que o ajudassem a tomar sua decisão. Ouviu apenas o murmúrio da maré e os rangidos das cordas... e aceitou.

Lucinda era um pouco mais nova do que Jaki, e o cheiro próximo da masculinidade dele abafava todas as cautelas. Decidiu que faria amor com Jaki. Era como se ele fosse o seu brinquedo bonito, cheio de inocência, e

obviamente apaixonado. Muito mais interessante do que os bajuladores empoados das cortes que visitara.

Banhou-o com água perfumada e pediu que a criada adaptasse ao tamanho dele um par de calções e uma camisa que apanhou no guarda-roupa do pai. Cortou o cabelo comprido de Jaki à maneira francesa, em cachos compridos e irregulares, com uma fita azul enfeitando o mais longo deles.

Ao anoitecer, quando o *Fúrias do Destino* zarpou, Jaki estava banhado, penteado, vestido e bem alimentado, já que comera peixe assado, bolinhos, repolho cozido e tomara cerveja. Maud foi enviada ao convés superior a pretexto de uma dor de cabeça imaginária, e Lucinda apagou uma das duas lanternas, decidida a perder sua virgindade naquela mesma noite. Deixou os pratos sujos sobre a escrivaninha e levou Jaki pela mão até uma das poltronas.

Ela acomodou-o no estofado e sentou-se num dos braços, os dedos brincando com os cachos loiros, sem demonstrar nenhuma pressa. Perguntou sobre a viagem que ele havia realizado entre as ilhas. As palavras fluíram de Jaki como do interior de um campo magnético, irradiado pelo toque dos dedos de Lucinda. Ao perceber o

brilho divertido nos olhos dela, ele se interrompeu.

— Senhora, está brincando comigo — protestou.

— E se estiver, senhor Gefjon? Tem algo contra isso?

— Preferia emocionar seu coração a divertilo — retrucou ele, amuado, afastando-lhe a mão.

— Como ele é sério... — A mão voltou a arranjar o cabelo, de maneira que o cacho mais longo caísse sobre o ombro. — Sua vida tem sido muito dura, senhor Gefjon. Nunca chegou a aprender a brincar.

— Se vamos só brincar... — A voz de Jaki tornou-se um sussurro enquanto os dedos suaves de Lucinda traçavam um caminho que parecia queimar a pele de seu ombro. — Podia me chamar de Jaki.

— Mas isso é tão íntimo e pessoal... — A mão de Lucinda penetrou na abertura da camisa e deslizou sobre a pele até o ombro.

— Lucinda... — murmurou ele. — O que está fazendo é perigoso. Ela se inclinou lentamente até que sua boca tocasse a orelha de Jaki, e o corpo sentisse o calor do companheiro.

— Perigoso para quem?

Jaki teve a sensação de quebrar-se ao meio.

Levantou as mãos e tocou suavemente o vestido, os dedos aumentando a pressão à medida que sentiam o calor da pele sob o tecido. Lucinda não recuou, como a princípio temera, mas aproximou o corpo do dele. As mãos foram atraídas pelos contornos quentes do corpo feminino, e Jaki surpreendeu-se ao constatar que ela era maior do que as moças dos campos de arroz e as raparigas de Macau, e no entanto mais macia.

As testas se tocaram, e o cabelo de Lucinda caiu sobre o rosto de ambos, os olhares se encontrando de perto na luz mágica que penetrava através dos fios loiros e longos. Ela estava enamorada da inocência demonstrada em sua nudez física e emocional. Queria que ele fosse o primeiro a ter o que os cavalheiros educados que o pai tanto apreciava não conseguiram. Ele era como o espírito de sua infância, sincero como um animalzinho e vulnerável a qualquer crueldade. Naquele momento ainda não o amava, e a paixão dominou seus sentimentos apenas quando aproximou os lábios da boca entreaberta e sentiu o corpo pressionado de encontro ao dele. Quando se beijaram, foi como se nunca antes tivesse acontecido qualquer coisa fora do clima que os envolvia.

Jaki tomou-a nos braços e carregou-a para a cama. Cada um ocupou-se com as roupas do outro, numa brincadeira erótica, até que os dois ficassem resplandecentemente nus. Ela maravilhou-se com os toques e sensações que a molharam por dentro e por fora e culminaram num rodaminho de prazer que a deixou ofegante e sem fôlego. Ele sentiu a cumplicidade dos corpos como a própria essência do amor. Penetrou-a devagar e alerta como um predador, sentindo as batidas do coração dela, fitando-a no fundo dos olhos, encorajando-se a cada murmúrio. Depois abandonou-se totalmente à paixão que os dominava, explorando seu rito milenar em todas as variações do prisma erótico. Fizeram amor muito lentamente, depois num ritmo que batia os quadris, girando na cama, depois arqueando os corpos, que pareciam não ter peso, como arco-íris entrelaçados.

Jaki não desapontou a paixão de Lucinda, e naquela noite fizeram amor novamente, enquanto Maud dormia profundamente e sonhava com tempestades em alto-mar.

Os quatro dias que se seguiram foram uma verdadeira sucessão de aventuras amorosas, cada uma mais tempestuosa do que a outra, enquanto os dois davam vazão aos desejos de

uma intensidade animal. Lucinda temia que, com o prazer que ambos estavam recebendo, alguma coisa se perdesse, o *pholgiston* como ela dizia, a essência flame-jante da alma. Jaki escutava pacientemente esses temores, e a entretia com histórias da floresta, como a do amor inextinguível do céu pela terra, que só se satisfazia duas vezes por dia, num abraço que queimava o horizonte. O resultado era a beleza do amanhecer e do crepúsculo.

Lucinda ficava intrigada com as coisas da selva, e Jaki, por sua vez, não conseguia conter sua curiosidade sobre a Europa e os muitos portos que ela visitara com o pai. A cada dia partilhavam os segredos dos mundos que conheciam, e, a cada noite abafada pelas chuvas das monções, os corpos se juntavam numa reconciliação dos mistérios e contradições. Quando chegava a aurora, os jovens saciados jaziam em lânguido abandono, enquanto os olhares se procuravam, azul mergulhado no azul. Partilhavam então em silêncio a excitação da descoberta do outro. Só não pensavam no futuro...

Ocasionalmente a voz autoritária de Quarles se fazia ouvir através das paredes, e Jaki tremia ao reconhecer a frieza e o timbre de

maldade do homem que infectara Iduna e levara Perdita à morte.

— Como é ele? — quis saber numa dessas madrugadas. — Seu pai.

— É um homem amaldiçoado — respondeu ela, encolhendo-se contra o corpo quente do companheiro, procurando afastar o arrepio de frio que sempre sentia ao pensar no pai. Mergulhou profundamente em si mesma e confessou algo que não diria nem para Maud, sua confidente: — E eu sou essa maldição.

Jaki abraçou-a com força, e Lucinda contou o que sabia sobre a ascensão social e financeira do pai, sobre a recuperação das propriedades perdidas e o golpe que se constituíra a perda da esposa.

— Eu era muito nova para lembrar dela... Mas sei que ele a amava... E ainda ama. Ela deve ter sido uma mulher muito forte para atrair o amor e o respeito de um homem como ele. Meu pai não se importou com nada desde que ela morreu, a não ser sua carreira. E eu atrapalho isso, é como se minha mãe me tivesse deixado no lugar dela, e todos os dias eu o faço lembrar dessa ausência. Ele acha que ainda está preso ao meu destino. Criou-me como criaria um filho, só não me obrigou a fazer exercícios físicos. Agora

que sei alguma coisa sobre o mundo, quer que eu me comporte como uma donzela casadoura, que está louca para ter um monte de filhos e cuidar do lar. — E você está louca para fazer o quê?

— Alguma coisa grande. Não sabia muito bem o quê, até agora...— respondeu Lucinda, depois de franzir a testa por um momento. — Mas sei que não quero continuar vivendo desta maneira, porque isso vai com certeza me levar aos braços de algum homem, numa casa grande, tranqüila e sem sonhos, onde não poderei ser feliz. — Olhou para ele, com os olhos cheios de decisão. — Criança, quero ir com você.

— Vou usar minhas lágrimas da montanha para construir uma casa longe de tudo que queira nos separar. — Jaki puxou-a para si.

Enquanto abraçava a mulher que preencheria o vazio de sua existência, veio à lembrança dele um dos salmos que a voz suave de Mala entoara na cabana da clareira: "Dia a dia a conversa se derrama em progresso, e noite a noite a sabedoria chega".

Quando veio o amanhecer do dia em que o *Fúrias do Destino* atracou em Cingapura, os dois viram-se frente a frente com o futuro. Em algum lugar do percurso o amor encontrara Lucinda Quarles, e o divertimento passara a ser uma

necessidade carnal de estar perto daquele homem com cheiro de floresta. Não queria que ele se fosse, apesar de saber que o pai o mataria se ficasse. Jaki jurou voltar a Cingapura na próxima lua nova, depois que avisasse seus companheiros e eles tivessem escapado.

— Vou voltar, não se preocupe — afirmou ele, o rosto mergulhado nos cabelos perfumados. — E da próxima vez não vamos mais nos separar. Venho com minha fortuna, e vou pedir sua mão a seu pai. Sairemos da Ásia, e você vai me mostrar a Europa. Talvez possamos morar nos Alpes e ter um castelo perto de um lago, para criar nossos filhos num ambiente de paz.

— Sonha mais alto do que eu posso acreditar — disse Lucinda tristemente. — Mas mesmo assim vou esperar pela sua volta.

Beijou o anel de âmbar para selar sua promessa, e concordaram em encontrar-se na próxima lua nova, ao lado do leão de pedra que guardava o porto de Cingapura, a Cidade dos Leões.

Jaki amarrou uma corda ao batente da janela e balançou-se nela uma vez antes de soltar e deixar-se cair no piso de pedra escorregadia. Acenou e foi envolvido pelo nevoeiro matinal que pairava sobre o

ancoradouro.

William Quarles deixou o sr. Montague no convés de popa supervisionando a última fase das manobras de atracação e abriu a luneta para observar os outros navios no porto. Atrás dele os passadiços estavam sendo fixados e a tripulação começava a desembarcar a carga. Enquanto se debruçava sobre a amurada para apoiar-se melhor, enxergou de relance um jovem loiro saltando da janela da cabina da filha, no castelo de proa abaixo dele. Não teria considerado o salto possível se não o tivesse visto, pois tanto a distância quanto a profusão de cabos estendidos exigiam a precisão de uma pantera. Ansioso por ver o rosto do jovem, debruçou-se sobre a amurada utilizando o telescópio, e obteve uma série de imagens desfocalizadas de cabos, cracas que aderiam à parede de pedra, e durante um breve instante viu o rosto do pirata loiro que Lucinda conhecera um ano antes. Bateu violentamente com a luneta na amurada, num desabafo de fúria. Depois gritou pela filha.

Lucinda escutou o berro do pai, mas, antes mesmo que pudesse chegar até a porta, esta abriu-se violentamente e Quarles entrou, rugindo sua indignação. Parou à beira da cama, procurando na expressão assustada a

confirmação do que acabara de ver. Um gemido brotou-lhe da garganta, e ele acertou um tapa no rosto da filha que a jogou sobre a cama.

Quarles esperou que Lucinda se sentasse, enquanto a criada arregalava os olhos e se esgueirava na direção da porta.

— Sente-se, Maud — ordenou secamente o capitão.

Mesmo enquanto falava com a criada, os olhos do pai não deixaram Lucinda, que no momento sentava e limpava o sangue da boca, os olhos fuzilando de raiva. Nunca havia apanhado em toda a vida, e sentiu seu interior revolver-se enquanto lia os pensamentos do pai. Ele a via como *sua* filha, *sua* propriedade. Agora queria reafirmar isso de qualquer maneira, *como já deveria ter feito há muito tempo*.

— Quem era o homem na sua cabina? — indagou Quarles, entre dentes.

— Era o homem que eu amo — gritou ela, calando-se ao receber nova bofetada no rosto.

Tomado por novo acesso de fúria, o pai arrancou um dos puxadores de cortina do dossel, derrubando os panos sobre a cama e açoitando as costas da filha com o cordão.

— Pare! Pare com isso, senhor! — suplicou Maud, chorando.

Quarles voltou-se para a criada e ficou satisfeito ao ver o medo abjeto estampado nos olhos dela. Pelo menos ali sua ira tinha produzido o efeito esperado. Sabia muito bem que a obstinação da filha era semelhante a sua própria, e ela nunca diria a verdade sobre o pirata. Mas a pequena Maud revelaria tudo que quisesse saber.

— Vá para minha cabina.

Maud foi até a porta e esperou, temerosa de que sua patroa pudesse apanhar novamente. Tudo o que Quarles fez foi olhar para o corpo trêmulo da filha e amaldiçoar o dia em que se havia deixado seduzir pelo amor.

Por muitos dias, Jaki vagou ao longo da costa pantanosa de Johore num barquinho que comprou com algumas moedas que Lucinda lhe dera. Queria achar o *Silenos* o mais rápido possível, mas mesmo assim estava grato pelo intervalo proporcionado em sua busca, que lhe permitira meditar sobre a enorme felicidade que encontrara com Lucinda, a mulher que seria sua esposa, mãe dos seus filhos, e que lhe daria um lugar entre a luz e a escuridão.

Um pouco além de Málaca, numa enseada escondida, o crepúsculo assumia um tom esverdeado quando Jaki foi cercado por uma

verdadeira horda de sampanas. Ficou de pé em seu bote, com a cimitarra na mão, olhando ansiosamente para todos os lados, à procura de armas de fogo entre o inimigo, e deu seu grito de guerra.

Uma gargalhada gutural se fez ouvir em resposta.

— Blackheart! — Jaki abaixou a cimitarra.

— Ainda vai morrer bravamente, Jaki Gefjon. — A voz possante de Pym ecoou atrás, e o jovem voltou-se a tempo de ver a figura maciça saltar de uma sampana para o bote, quase derrubando-o da embarcação. — Acho que poderia aproveitar um homem como você.

Abraçaram-se como dois ursos, o cheiro familiar de conhaque em Pym lembrando um perfume para o rapaz. Blackheart firmou o barquinho com o pé.

— Minha única oração no último ano foi para que aquele escaler que atirou ao mar pudesse salvar você da tempestade.

— Pois salvou mesmo, capitão — confirmou Jaki, sorrindo. — Sua oração deve ser forte. O bote foi encontrado pelo *Luz Negra*, e fiquei sabendo que Shirazi era um espião a serviço dos muçulmanos. Vim avisá-lo de que Rajan Kobra sabe que o *Silenos* está aqui e planeja nos

encurrular no estreito com o *Fúrias do Destino*.

— Pois então voltou para me avisar da cilada que você mesmo tinha previsto — disse Pym, colocando a mão no ombro de Jaki e cocando o bigode, fazendo com que os ossinhos nas pontas balançassem. — A verdade é que tratei muito mal você nos últimos dias que passou a bordo, Jaki, e fiquei angustiado com isso desde que se foi na tempestade. Se o *Silenos* nos levar até a liberdade dessa vez, vou recompensá-lo por sua inteligência, para redimir minha má-fé. — O capitão voltou-se para a sampana. — Senhor Blackheart, vamos para o navio. Zarpamos esta noite.

O piloto escocês fez um gesto com as mãos, como se raspasse alguma coisa, indicando que o casco estava em manutenção.

— Não interessa! Vamos acabar de aprontar o navio à luz de tochas. Pagamento triplicado em ouro para os homens que trabalharem. Não vamos ser apanhados em terra por aquele imbecil do Quarles, e muito menos pelo fanático a serviço do Bantam do Sião. Precisamos partir antes do amanhecer!

A flotilha de sampanas retornou à praia escondida, onde o *Silenos* estava tombado de lado na areia. À luz das tochas, Jaki verificou

que a maior parte das cracas havia sido raspada do fundo, e o casco estava parcialmente alcatroado e calafetado.

— Diabos me carreguem se não temos dois dias de trabalho aqui — resmungou Pym. — Mas não podemos esperar agora... Venha. Precisa me contar os detalhes, vamos até a torre de vigia.

Wawa estava lá, descascando limas para Pym, e assim que avistou Jaki veio correndo e guinchando desesperadamente, e atirou-se nos braços do rapaz. Quando conseguiu acalmar o animal, Jaki contou sua história enquanto o capitão supervisionava o endireitamento do navio.

— O amor é a armadilha mais mortal — sentenciou Pym, ao ouvir o relato sobre Lucinda Quarles e o romance de quatro dias a bordo do *Fúrias do Destino*. — Veja o que aconteceu com Perdita por causa do amor. Se eu a tivesse cedido ao oficial espanhol que pediu primeiro sua mão, ainda teria meu olho esquerdo, e ela seria uma duquesa em Manila. Como fui idiota ao pensar que poderia construir uma vida para ela! — O remorso se estampou em seu rosto. — E você também é um tolo, se pensa que aquele animal do Quarles vai ceder de bom grado a filha. Você é pirata e mestiço. Nenhum cavalheiro inglês

consentiria em tê-lo como genro.

— Então podemos fugir...

— Duvido! Ele vai seguir vocês até o fim do mundo. — Pym viu que suas palavras trouxeram um início de sorriso aos lábios de Jaki. — Pensa que estou brincando? Pois não estou. Quarles só está aqui na Ásia por minha causa. Ele veio para vingar a morte de seu tio Samuel, aquele cachorro traidor, que o resto da Inglaterra ainda acredita ser um herói. Mal chegou a conhecer o tio. O que você acha que ele seria capaz de fazer para recuperar a filha? — O sorriso de Jaki se desfez lentamente. — Escute aqui, jovem amante, não deve confiar seu coração à filha do inimigo. A Ásia está cheia de mulheres bonitas. Pode apaixonar-se em Jacarta, Macau ou Manila.

— Pretendo vê-la novamente na lua nova, na Cidade dos Leões. Pym reconheceu a decisão estampada nos olhos azuis do jovem e suspirou resignado.

— Certo. Você vai vê-la outra vez... se sobrevivermos à habilidade do pai dela em nos caçar. Mas, quando for ao encontro dela, não se exponha de maneira nenhuma. Pelo menos não no início. Escute o conselho de uma velha cobra que está acostumada a rastejar perto dos falcões. Teste o amor dessa jovem, e se ela for realmente

sincera, aí sim. Dane-se o resto do mundo e fique com ela. Mas escute o que eu digo, Jaki: primeiro faça um teste.

Pym concentrou-se em aprontar o navio para a manhã, e Jaki ficou a pensar sobre a loucura de seu coração. Um pouco antes da aurora, o *Silenos* deslizou para o mar e navegou para o norte ao longo da costa, em direção a Klang, o ponto onde o estreito ficava mais espaçoso. Logo avistaram o *Luz Negra*, que vinha a toda velocidade diretamente para o navio pirata.

Jaki interrompeu seus pensamentos e foi para o lado do capitão, na bitácula. Blackheart estava ao timão, e soltou um grunhido, aguardando ordens.

— Mantenha as velas a todo o pano, senhor Blackheart — ordenou Pym. — Dirija o navio diretamente para o *Luz Negra* e não desvie nem um milímetro.

— Capitão! — chamou Jaki, apreensivo. — Quando estive a bordo vi os canhões do *Luz Negra*.

— Ê, você me falou. A maioria dispara balas de vinte e dois quilos, não é isso?

— Ê. A gente não deveria fazer a volta e fugir bem perto da costa, onde ele não pode

navegar?

— E ficar com um navio de guerra de seiscentas toneladas no nosso rabo? — O capitão sorriu com malícia. — Ternos o vento pela popa e o melhor timoneiro destas águas. Além disso, temos o único timão dessa luta. Vamos direto para Rajan Kobra, rezando para que ele desvie primeiro. Se isso acontecer, manobramos junto com a proa do *Luz Negra*, esvaziamos os canhões no nariz dele e saímos para o alto-mar. Isso tudo se tivermos sorte.

— Kobra é tão cruel quanto teimoso — comentou Jaki, ouvindo o rangido do cordame e das velas, à medida que o *Silenos* ganhava velocidade. — O navio dele é muito maior, e, se houver um choque, vai nos arrebentar. Se desviarmos antes, seus canhões de longo alcance nos reduzem a pedacinhos.

— Seu otimismo é minha inspiração, grumete — disse Pym, dando uma palmada amigável nas costas do rapaz. — Todos para os postos de combate! Preparem os canhões! — gritou o capitão com voz tonitroante, depois sorriu como um tubarão para Jaki. — Você é um feiticeiro. Já vi com meus próprios olhos seu poder em ação. Comi seu pão profano de cogumelos. Conjure os poderes dos espíritos para

nos ajudarem, feiticeiro. Invoque uma maldição contra o *Luz Negra* e terá as lágrimas da montanha de volta.

Na verdade, Jaki tinha convicção de que estavam condenados. Já se achavam próximos o suficiente para enxergar os marinheiros muçulmanos no cordame, ajustando as velas para alinhar o curso com o do navio pirata. Todos os esforços para dissuadir Pym tinham sido em vão. Nunca mais veria Lucinda. O desespero misturou-se à raiva, e esses sentimentos deram lugar a uma calma fatalista. Era esse o presente que a Aranha lhe dera.

Olhou para o alto, procurando os cirros esgazeados, esperando encontrar tristeza nas nuvens, mas em vez disso viu formas que pareciam cimitarras prateadas à luz brilhante do sol, impulsionadas pelo mesmo vento que os levava adiante. O céu inteiro lembrava um exército de anjos. Jaki sentiu-se um feixe de luz solar acima de seu corpo animal, que parecia em estado de choque.

Começou a rezar como se não dependesse de sua vontade.

— Poderes do mundo, protegei minha jornada. Afastem meus inimigos e deixem que eu vá livre de seus malefícios. Assim como servi com

a minha própria vida, carreguem minha vida em sua sombra, livre do poder e da ganância dos inimigos. Poderes do mundo, vossa vontade seja feita!

O fervor da oração fez com que o transe passasse e Jaki retornou ao corpo com os músculos em estado de alerta.

O vento aumentou por trás do *Silenos*, imprimindo mais velocidade e fazendo com que a espuma levantada borrifasse o convés, impedindo a visão. No instante seguinte, o *Luz Negra* penetrou na zona de calmaria produzida pela proteção da cadeia de montanhas, e suas velas afrouxaram completamente.

— Firme no curso, Blackheart.

Pym abriu a luneta e observou o navio inimigo, à procura de canhões de proa. Encontrou-os logo acima da figura alada do anjo. Usavam projéteis de treze quilos, mas seu alcance não rivalizava com a precisão dos canhões preparados do *Silenos*. Viu também a tripulação muçulmana movendo-se no convés com as velas que possibilitariam o uso dos canhões grandes de estibordo. Mas o vento que impulsionava o *Silenos* lançou-o para a frente como uma flecha, e o navio pirata chegou a distância de fogo antes que o *Luz Negra*

completasse sua lenta manobra.

— Estibordo, senhor Blackheart! Suave... —
O navio obedeceu com prontidão. — Isso!
Apontar e fogo!

A descarga precisa dos canhões laterais do *Silenos* derrubou o mastro da proa e explodiu a pólvora dos canhões, destruindo completamente o castelo de proa, que foi pelos ares numa coluna de fogo e estilhaços.

A luta acabara. Blackheart conduziu o navio para longe do alcance dos tiros do *Luz Negra*, e Pym mandou dar uma descarga de saudação na direção do inimigo enquanto escapavam. Sorria ao deixar de lado o telescópio. Depois abraçou Jaki, levantando-o do chão com Wawa agarrado às costas.

— Navio à vista! — Havia medo na voz que gritou na gávea. Pym largou Jaki e debruçou-se sobre a amurada da popa. Com todas as velas enfunadas, havia um navio branco bem visível ao sol forte.

O *Fúrias do Destino* dera a volta ao promontório Klang, aproveitando o mesmo vento forte que impulsionara o *Silenos* na direção do *Luz Negra*.

— O cão dos infernos está atrás de nós — berrou Pym. — Vamos precisar da sua feitiçaria

outra vez para correr mais que aquele miserável sabujo do império.

Jaki olhou para as nuvens em forma de cimitarra e viu que elas já tinham sido esgarçadas pelo vento. Sua mágica já se fora, e ele olhou desconsolado para Pym.

— Você já mostrou o que sabe — disse pensativamente o capitão, mexendo nos ossinhos do bigode. — Agora vou mostrar o que *eu* sei fazer. — Voltou-se para o contramestre. — Saia devagarinho de perto da costa. Vamos pegar menos ventos de través em mar aberto, e daqui por diante precisamos de toda a velocidade possível.

Pym andou desde o tombadilho até o castelo de proa, estudando o velame, mandando que fossem substituídas algumas velas rasgadas, depois determinando com precisão a direção do vento e ordenando leves alterações nas vergas para aproveitar melhor o impulso. Mesmo assim, por volta do meio-dia, o *Fúrias do Destino* estava chegando a distância de fogo. Através da luneta, Pym observou Quarles no castelo de proa olhando para ele. Acenou alegremente, mas não obteve resposta.

Os primeiros disparos do navio de guerra inglês atingiram o mar, sobre a esteira do

Silenos. Pym tentou soltar seus barris de pólvora, mas Quarles já conhecia esse truque e postou atiradores com mosquetes na proa, que detonavam as minas antes que elas se aproximassem do navio. O *Silenos* disparava o canhão de popa, que no entanto não tinha o alcance necessário para atingir seu perseguidor. A única alternativa no momento era a velocidade, contudo a cada hora o inimigo se aproximava mais.

Por volta do meio da tarde, o *Fúrias do Destino* recomeçou a disparar os canhões de proa. Bolas de ferro de treze quilos arrebentaram o castelo de popa do *Silenos*, colocando fora de combate os canhões traseiros, quebrando os caibros das cabinas e derrubando dois conveses. Dois tiros acertaram na linha d'água, e o mar começou a penetrar.

Os piratas taparam os furos com lonas de velas enroladas, mas mesmo assim a água continuava entrando e os porões acumulavam já um peso extra que retardaria o navio. Pym desceu até os porões para supervisionar a retirada da água com os baldes, e ficou aliviado ao ver que o leme e o timão estavam intactos. O fogo pesado dos perseguidores diminuía muito sua velocidade, e a tripulação do *Silenos* teria

pelo menos uma hora até a próxima salva. Jaki foi ajudar a tirar a água dos porões, jogando-a pelas escotilhas abertas. O alcatrão estava sendo derretido e aplicado sobre as lonas gotejantes. O trabalho já terminava quando os canhões inimigos trovejaram novamente. O casco acima dos porões cedeu para o interior, deslocando tábuas inteiras. A amurada desabou com estrondo e a luz do sol penetrou nos porões.

Jaki sentiu que estava perdido. Subiu pelos escombros e corpos despedaçados, ignorando os gemidos dos feridos, até atingir o passadiço. Queria morrer em espaço aberto.

O tombadilho encontrava-se semidestruído. O mastro rachou, a maior parte da guarda do timão desapareceu e a pedra em forma de crânio de rato reduzira-se a pó. Blackheart não estava à vista em lugar nenhum. Pym sentava-se próximo ao local onde se erguera a amurada, com o rosto molhado de lágrimas. Wawa apareceu e refugiou-se ao lado de Jaki.

— Blackheart... — balbuciou Pym. — A bala arrancou a cabeça dele. Acabei de jogar a cabeça no mar, atrás do corpo! — Enxugou as lágrimas com a manga do casaco. — Pensei que você estava morto também lá embaixo. Os últimos tiros derrubaram tudo aqui. Deve ter muita gente

morta lá embaixo.

— Tem mesmo. — Jaki olhou em direção ao inimigo, agora mais recuado devido ao número de tiros. — Acabou, capitão. Estamos perdidos.

— Só estamos perdidos quando morremos! Não esqueça isso, grumete, e vai viver até a hora de morrer. Olhe só os homens!

Jaki viu os piratas firmes em seus postos nos canhões e no cordame, prontos a executar as ordens do capitão.

— Não pretendo desistir da minha vida. E nem da deles. — O único olho de Pym estava arregalado, como se enxergasse coisas que os outros não viam. — Quarles é a morte. E nós podemos parecer um moribundo que tenha a peste. Vamos agüentar até o momento em que tudo se acaba. — Apontou para o oeste. — Em mais uma hora estaremos navegando ao crepúsculo. Depois será noite. Pegue o timão, grumete. Vou calcular a posição do sol.

Jaki saltou a parte destruída do tombadilho e agarrou a roda do timão, enquanto o capitão apanhava seu sextante. Ainda com lágrimas brotando do olho, gritou os números, como se o contramestre estivesse a seu lado para anotá-los. Depois deixou o instrumento e desdobrou as cartas.

— Estamos aqui, ao largo de Tandjungbalai
— sentenciou ele, batendo no local mencionado.
— É um lugar cheio de ilhotas e recifes e vamos chegar lá ao anoitecer, despistando Quarles. Escute o que eu digo: se isso não acontecer, minha alma substituirá a sua no fogo do inferno.

Trevor Pym tinha toda a razão. O sol afundou imerso em vermelho, e as chuvas obscureceram a visão das estrelas. Ao crepúsculo, o *Fúrias do Destino* disparou mais uma salva. Um dos tiros arrebentou a amurada de estibordo e matou mais um pirata, mas o restante das balas perdeu-se no mar. Quando anoiteceu, o navio de guerra ainda perseguia o intrépido *Silenos*, e Pym ordenou que o velame usado durante o dia fosse substituído pelas velas negras, todas em seqüência para evitar perda de velocidade. Com as luzes apagadas, o navio pirata navegou por entre as ilhotas e recifes, e observaram o perseguidor passar com todas as luzes acesas ao alcance de um tiro de mosquete. Quando suas luzes tornaram-se apenas um brilho esmaecido no horizonte, o *Silenos* deslizou novamente para as águas do estreito, rumando para Selangor, onde Pym conhecia um sultão que o ajudaria a reparar o navio em troca de ouro e diamantes.

Tábuas foram estendidas em frente ao timão, mas nenhum homem quis ficar no local onde Blackheart tinha morrido, até que Pym ofereceu pagamento triplicado. Jaki acompanhou o capitão abaixo do tombadilho para fazer uma estimativa dos danos. Saja estava ocupado com os feridos, e provavelmente trabalharia a noite inteira; os mortos foram apressadamente atirados ao mar. A cabina de Pym desabara para o convés inferior, e os dois vasculhavam os destroços, à procura de um tubo de marfim com cartas náuticas, que o capitão queria encontrar a todo custo.

Um pouco depois da meia-noite acharam o que procuravam embaixo das tábuas quebradas da escrivaninha. Tratava-se de uma presa de elefante do tamanho de um antebraço, inteiramente esculpida com leões bizantinos de rostos humanos.

— Isto é seu agora, feiticeiro — disse o capitão, estendendo o tubo entalhado para Jaki. — Eu mesmo desenhei essas cartas, quando estive no Novo Mundo, há trinta anos. Agora, meu tempo está contado.

— Como assim, está contado? Você mesmo disse que só estamos perdidos quando morremos. E parece bem vivo para mim!

— Pode ser, mas tive um presságio do meu destino. Perder Blackheart tirou o vento de dentro de mim. Sem meu fôlego não vou caminhar por muito tempo mais, grumete. A Vida tem sido pródiga para mim, e mais livre do que qualquer coisa, exceto o amor talvez. — A expressão no rosto do capitão tornou-se sombria. — Toquei brevemente esse amor com Perdita, e depois, mais uma vez, quando você me devolveu a beleza do mundo sem a dor que me corroia. Quando pensei que você estava perdido naquela tempestade, lamentei tê-lo tratado mal por várias vezes. Foi você que me mostrou que o amor é a própria verdade. E essa verdade me atingiu em Njurat, na encarnação de Wyvern, a sua Mãe da Vida. Que monstro é a vida, hein? Só agora percebi que estar acordado é sentir dor, e a dor nos faz querer adormecer. A Mãe da Vida nos ama até a morte... Você sabe disso melhor do que qualquer homem que conheço, e é por isso que estou lhe entregando minhas cartas do Caribe. Mostram em grande detalhe muitas rotas desconhecidas, ilhas e recifes. — O olho do capitão perdeu-se em recordações. — Trinta anos... Depois que eu partir, vá embora da Ásia, Jaki. Este lado do mundo agora pertence a Quarles e a homens como ele. Os impérios são

vorazes. Você mesmo me mostrou isso nas nuvens. Não se deixe devorar por eles como eu. Vá para o Novo Mundo, onde ainda há espaço para um pirata que queira pilhar o império. E saqueie sem nenhuma piedade, grumete! Em nome da escuridão que contém toda a luz. Saqueie por Wyvern, a Mãe da Vida!

Jaki não teve coragem de dizer a Pym que seus dias de pirataria estavam para acabar. Não existia raiva nele, como a que servira para impulsionar a carreira do capitão. Estava repleto não de ódio, mas de amor. Afagou o anel de Lucinda, com a mão que apertava o tubo esculpido com homens-leões.

— Capitão, o senhor está vivo! E o *Silenos* vai ser reconstruído — afirmou, numa voz que lhe pareceu alta demais e ecoou pela cabina destroçada.

Pym apanhou um pedaço retorcido de metal, que fora o seu cronômetro marítimo, e riu tristemente.

— Pegue o presente e me deixe sozinho para lamentar a perda do meu contramestre.

Jaki e Wawa saíram da cabina e foram diretamente para as vergas mais altas, render o marinheiro que vigiava. Olhou para o alto por alguns instantes, depois encostou o âmbar do

anel no marfim trabalhado, e sentiu um arrepio ao perceber os dois destinos diferentes se tocando. Ele era asiático e queria a Europa, para que Lucinda e os filhos pudessem viver num clima de paz nos Alpes. Os mapas representavam o desconhecido e o mistério que não desejava mais, e quase atirou o tubo de marfim ao mar. Não queria nada com esse Novo Mundo, queria Lucinda e uma vida simples e tranqüila. Mas não podia ter nada disso por enquanto, pois seu destino como pirata ainda não estava cumprido.

— O amor ignora as distâncias — disse Pym a Jaki.

O *Silenos* estava em Selangor, ancorado numa enseada escondida, e os dois se encontravam no tombadilho. Uma chuva morna de verão caía, produzindo uma luz púrpura perto do horizonte marinho, e esverdeada para os lados da terra, onde crescia uma vegetação luxuriante.

Jaki usava calção de camurça, meias marrons e calçados de lona até os tornozelos; sob um gibão de couro, vestia uma camisa de seda azul, sem colarinho. A cimitarra que pertencera a Shirazi pendia de sua cintura, e no pescoço levava a cabeça encolhida de Pieter Gefjon. Com Wawa a seu lado e a zarabatana no ombro, estava pronto a iniciar a jornada para encontrar

Lucinda.

Enquanto os dois procuravam palavras para se despedir, o ar vibrava com o som dos martelos e das serras que trabalhavam nos reparos do *Silenos*.

— Não importa se vamos nos ver novamente ou não. — O único olho de Pym estava embaçado pela emoção. — Não cheguei a me despedir de Perdita nem de Blackheart, por isso muitas coisas não foram ditas. Mas esta será uma despedida suave porque nós dois sabemos que o amor ignora as distâncias. Seja o que for que nos separe, partilhamos o amor na cura da dor em meu olho e em tudo o que você sabe sobre o mar.

— Não vai nem considerar o convite para vir comigo? — perguntou Jaki, indicando o pequeno veleiro azul que flutuava ao lado do *Silenos*.

— O quê?! E passar o resto dos meus dias em terra, vendo você criar sua família? Nem pensar. Estou tão perto de terra agora quanto quero estar. Se tiver sorte, vou morrer no mar. — Pym piscou com ar maroto e deu um gole no inseparável frasco de conhaque. — E aceite mais um conselho, grumete: se eu fosse você não usaria essa cabeça no pescoço quando encontrar sua dama. Por mais parente que seja.

Jaki riu, depois explicou:

— Só estou usando para me ajudar em nossa despedida, capitão. Para me lembrar de onde eu venho, e poder ver para onde estou indo.

— E aonde está indo, Jaki Gefjon? — quis saber o capitão, passando as mãos no rosto para enxugar lágrimas e chuva.

— Meu pai foi o dinheiro, mas fui criado por um povo que não tinha nem palavra para o dinheiro. Cresci na madrugada do mundo, seguindo meus instintos, embora meu mestre tenha feito o possível para me libertar deles. Sempre busquei meu lugar no mundo, e meus instintos não foram suficientes para me afastar das armas de fogo e dos homens que a usam e buscam dinheiro. Então encontrei você, meu último pai. Tudo é sempre doloroso, não? Temos ódio do império e sua ganância por ouro e poder, e esse ódio é o único amor real neste mundo ferido. Mas a era que está por vir não tem amor. Pensei que tivesse visto isso nas nuvens comigo.

— Vi sim. Mas meu destino é diferente do seu. Nunca conheci a madrugada do mundo. Fui criado pelo dinheiro, e não reconheci o mal até que ele se voltou contra mim. Pelo menos tive o privilégio de conhecer a dor e sentir a força do mistério no sofrimento. Aprendi que existe muito mais na Vida do que dinheiro. Sinto também que

nos tempos que virão os ferimentos do mundo aumentarão, e todo o mistério se perderá. Só vai restar o dinheiro, e sua estranha geometria de comprar e vender pessoas.

O capitão ficou em silêncio por um instante, depois a serpente tatuada em sua testa se franziu.

— É melhor não dizer mais nada... Não se pode acrescentar nada à verdade. — Pym abraçou Jaki com força. Quando se separaram, enfiou a mão no bolso e tirou de lá a capa de couro da Bíblia, que os Lanun pregaram ao mastro.

— Guarde isso para mim — disse suavemente o rapaz. — Já encontrei meu lugar no que chamam de família. É com você, Trevor Pym. Daqui, guiado por seus ensinamentos, posso deixar a mina escura do passado e entrar na luz do mundo, onde vou encontrar minha própria casa.

— Construir sua própria casa, grumete — corrigiu o pirata, levantando uma sacola que estava a seu lado. — Se começar a procurar pelo mundo, só vai encontrar encrenca. A força bruta é a única lei na selva, e continua a valer. Mas use a cabeça e não o coração. E deixe que isso o lembre sempre da alegria maligna do céu. — Pym

abriu a sacola. No interior estava a bandeira do navio dobrada em triângulo, e um saco de couro do tamanho de um coco maduro. — Wyvern. Um artista chinês a bordou para mim, há três décadas. Quero que ela fique com você. E a bolsa de couro também. Dentro está o que resta das lágrimas da montanha. Estou devendo isso a você por sua mágica. Além do mais, se vai arrumar uma esposa e viver nos ferimentos do mundo, vai precisar de uma fortuna. — Abraçou Jaki mais uma vez e empurrou-o suavemente. — Agora vá. Estaremos sempre juntos em nossas andanças.

Pym voltou-se e começou a gritar ordens para os marinheiros que aplainavam as tábuas do convés. Jaki olhou mais uma vez para as costas largas do capitão e seus cabelos longos e prateados, depois desceu ao bote que utilizaria. Wawa foi atrás dele, e juntos desdobraram a vela, afastando-se lentamente do *Silenos*, naquela estranha tarde de chuva e sol.

Quando olhou novamente para trás viu Pym e Saja numa piroga com dois marinheiros, certamente com intenção de apanhar suprimentos e remédios para os feridos na praia. O pequeno veleiro estava começando a ganhar velocidade para sair da enseada quando o rapaz

avistou a proa de um grande navio que dobrava a ponta. Sentiu um frio na boca do estômago.

O *Fúrias do Destino* deslizou suavemente para o campo de visão.

Jaki olhou para a praia no momento em que Pym estava desembarcando, e da vegetação saiu um bando de homens armados que agarraram o capitão e os piratas antes que estes percebessem o que estava acontecendo. Nem mesmo uma faca chegou a ser desembainhada. De onde estava, o rapaz pôde ouvir o rugido de protesto do capitão, que foi subjugado por três brutamontes. Ele esperneou bravamente, e por um momento Jaki pensou que iriam dar um tiro nele, mas a pistola desceu e abateu-se sobre a cabeça de Pym, colocando-o fora de combate.

Do rochedo que dominava a vista da enseada elevava-se um fio de fumaça, e Jaki compreendeu então que Pym havia sido atraído pelo sultão de Selangor. O *Fúrias do Destino* ainda estava muito longe para ter acompanhado a cena na praia, mas com certeza Quarles era o responsável por tudo aquilo. Pym era o prisioneiro, e o *Silenos*, o prêmio.

Jaki soltou um grito de desespero e impotência, assustando Wawa a seu lado. O primeiro impulso foi o de voltar para a praia e

cair sobre os homens que levavam Pym, mas sabia que isso seria morte certa, e não mudaria nada. Viu os homens desesperados no convés do *Silenos*, esperando que ele fosse tomado pelo inimigo. Escaleres de quatro remos estavam sendo baixados à água, enquanto na praia os soldados britânicos embarcavam em várias pirogas para perseguir os fugitivos. O *Silenos* não podia ser tomado! Jaki virou seu bote em direção ao navio pirata.

Com o vento a favor, Jaki atingiu o *Silenos* no momento em que as pirogas começavam a sair da praia. Amarrou seu barco, e subiu com Wawa nos ombros por uma das cordas que pendiam da amurada e gritou ordens para que os homens reunissem os feridos e abandonassem o navio. Pediu que cinco dos canhoneiros o acompanhassem até o convés de armas, para apontar os canhões.

— Esperem até ter certeza de mandá-los para o inferno — ordenou, agarrando um longo comprimento de pavo.

Seguiu para o convés de baixo, onde ficava o paiol. Rastejou freneticamente entre canhões tombados para conseguir penetrar pela porta semidestruída.

Na escuridão do exíguo depósito abriu um

barrilete de pólvora, deu um nó numa das extremidades do pavio e enfiou-o pelo orifício cheio do pó negro. Desenrolou o pavio atrás de si enquanto percorria o caminho de volta. Quando atingiu o convés de armas, constatou que os canhoneiros já haviam partido. Através das vigias pôde ver que muitas pirogas tinham sido atingidas, mas um bom número delas continuava a avançar na direção do navio pirata. Apanhou uma das velas fumegantes usadas para disparar os canhões e acendeu o pavio.

Disparos ecoaram pela enseada quando o *Fúrias do Destino* disparou contra o navio pirata, para desativar os canhões e impedir a tripulação de escapar.

Os canhoneiros estavam no bote azul, discutindo se deviam ou não partir. Jaki pulou a bordo com Wawa, e logo começaram a afastar-se do *Silenos*.

O navio de guerra inglês disparava toda a bateria lateral de canhões de longo alcance, e dois dos escaleres que levavam os feridos foram atingidos. Jaki estendeu a vela para aumentar a velocidade, e viu os mastros do *Silenos* ruírem para o lado da proa e o que restava do tombadilho voar pelos ares. Depois as pirogas com os soldados ingleses chegaram ao navio

pirata e o fogo cessou. A bandeira Union Jack estava sendo içada no mastro de popa quando tudo explodiu.

Um estrondo gigantesco pareceu sacudir as águas da enseada, levantando o *Silenos* numa nuvem de fogo, fumaça e espuma, espalhando destroços por toda a parte. Pedacos de madeira em chamas, de todos os tamanhos, traçaram desenhos flamejantes no céu úmido e acinzentado, silvando ao cair nas águas escuras e marcando o local com um penacho de fumaça branca. Grandes pedacos caíam ao redor do bote, fazendo com que os piratas se atirassem ao fundo para proteger-se. Jaki, porém, permaneceu parado, como num transe, a observar o local onde estivera o *Silenos*.

Tomou o leme e dirigiu o bote pelos destroços flutuantes cobertos por uma espécie de névoa esbranquiçada. O vento crescente levava essa neblina através das águas, e com ela o veleiro em que Jaki permanecia ereto, contemplando a vida que deixava para trás. A frente, a chuva caía como uma parede cinzenta, misturando céu e mar.

A explosão do *Silenos* estremeceu toda a estrutura do *Fúrias do Destino*, e Lucinda sentiu uma onda de pavor, que teve a propriedade de

colocá-la em movimento. Tinha permanecido encolhida sob os lençóis durante todo o tempo desde que se iniciara a perseguição ao navio pirata. Seu pai, que nunca a levara numa expedição desse tipo antes, a obrigara a acompanhá-lo na caça e destruição do navio do amante. Ao clangor dos sinos e apitos que conclamavam os homens para os postos de combate, Lucinda se enfiara sob as cobertas, tremendo a cada tiro de canhão. Quando a explosão monumental sacudiu o navio, ela se levantou e foi até a janela. Não conseguiu distinguir nada entre a fumaça e a chuva, a não ser dois pequenos botes e um veleiro a distância.

Mais uma salva do *Fúrias do Destino* vibrou através do madeirame, e os dois botes apinhados de piratas foram destroçados e desapareceram rapidamente na água escura. Lucinda voltou o rosto, para não ver os corpos mutilados que ainda lutavam para permanecer à superfície.

— Estou vendo ele! — gritou Maud de repente, apontando para o veleiro que sumia em direção ao mar aberto. — Ali em pé no barco a vela!

Lucinda olhou novamente, protegendo os olhos da chuva com a mão em concha, e divisou uma silhueta de cabelos loiros em pé no veleiro.

Só podia ser Jaki.

Um pouco acima, no tombadilho, William Quarles também via seu inimigo fugindo no veleiro, que já se encontrava fora do alcance de tiro, e era muito pequeno para perseguir naquela costa coalhada de recifes. Mas Quarles não ficou preocupado com isso. Conseguira obter de Maud a data combinada para o encontro dos dois amantes, e com um tapa na cara obtivera a promessa de silêncio em relação a Lucinda.

Por enquanto ficava satisfeito com a captura do pirata mais famoso em toda a Ásia: o capitão Trevor Pym. Mandou que Lucinda subisse ao convés para assistir à chegada dos prisioneiros. Queria que visse como eram bonitinhos os comparsas do namorado.

Quarles esperou até a noite, quando o *Fúrias do Destino* navegava para o sul através do estreito, algum tempo depois que os gritos de protesto de Pym cessaram. Só então apanhou um odre de conhaque e desceu até o último convés, onde estavam os prisioneiros. Os três marinheiros piratas foram trancafiados no calor malcheiroso dos porões, e Pym estava preso numa jaula de bambu acima deles, onde não havia espaço suficiente para ficar em pé. Ali era menos provável que contraísse a doença

hemorrágica que às vezes matava os que tinham sido mordidos por ratos, e Quarles não queria arriscar-se a perder o prisioneiro por um acaso do destino. O famoso pirata tinha sido capturado por William Quarles, e seria executado publicamente por ele. O fim do legendário Wyvern pela coroa britânica seria uma grande demonstração política na Ásia.

Quarles chutou a grade de bambu com a bota, e Pym saiu do seu estupor. Seu olho abriu-se pesadamente, depois fechou-se outra vez, com expressão de quem estivesse nauseado. O capitão inglês abriu o odre e aspirou o aroma forte que se exalou do interior. Aquilo despertou o interesse do prisioneiro.

— Conhaque puro — anunciou ele, indicando o frasco com um gesto. — Uvas esmagadas, capitão. Veio de Veneto, na Europa.

— Foi seu tio Samuel quem traiu a frota, não eu — afirmou Pym, o rosto distorcido pelo ódio.

— Sei disso — admitiu Quarles. — Li algumas cartas que meu tio escreveu para o governador espanhol. Parece que ele vendeu mesmo a rota da frota. Ainda assim, não traiu a Inglaterra, nas apenas defendeu suas convicções.

Pym afastou-se da bebida e cruzou as mãos

à frente dos joelhos, para que não tremessem.

— Meu tio não era um traidor por natureza — continuou o capitão inglês. — Parece que foi levado a fazer o que fez por uma sociedade secreta que emprega meios desclassificados e imorais para obter um fim nobre. A Igreja dos Dois Ladrões.

— A canalha papista! — interrompeu o pirata. — Há séculos que infestam a Europa com suas intrigas.

— E você foi uma das vítimas. — Quarles balançou o frasco de maneira a que o líquido fizesse barulho. — Beba comigo à inocência da sua juventude, capitão Pym, que inadvertidamente negou a mim a inocência da minha.

Pym remexeu-se para lutar contra o tremor que lhe assaltava os músculos e estudou seu captor. O rosto de Quarles brilhava com malícia sob a luz amarelada da lanterna. Mas quando falou novamente não havia traço de desdém em sua voz.

— Eu e você partilhamos um sofrimento: fomos ambos desafiados pelo destino, capitão. Você foi marcado como traidor, eu fui obrigado a viver uma vida de pobreza no estaleiro. Nenhum de nós estava preparado para assumir seu

destino, ou o merecia de alguma forma. Você se tornou pirata e eu escolhi uma vida tão dura quanto a sua, e talvez até tão predadora. A única diferença é que escolhi servir, não desafiar a ordem. Agora tenho uma capitania, uma bela filha, e o respeito de meus pares, enquanto você... — Quarles fez uma pausa e ofereceu distraidamente o odre de conhaque. — Vai ser pendurado no mastro do meu navio como única recompensa por quarenta anos de pirataria.

— A isso eu bebo — afirmou Pym, aproximando-se das grades e colocando o braço para fora.

Quarles depositou a bebida a alguns centímetros fora do alcance do prisioneiro e ficou observando sem sorrir os esforços que este fazia para alcançá-la.

— Somos nós os dois ladrões, capitão Pym. Seus piratas o amam tanto que lhe foram fiéis até a morte. Nenhum deles se rendeu, mas mesmo assim o senhor é desprezado pelo mundo, enquanto eu sou respeitado em cada porto e honrado na Inglaterra. Por outro lado, minha tripulação tem medo de mim e minha filha me odeia. Somos ladrões os dois porque roubamos nossas vidas do acaso e traçamos nossos próprios destinos. Você infelizmente construiu o

seu de uma maneira particular demais.

— Você matou minha mulher — acusou o pirata, retirando a mão.

— Você tinha então uma mulher? — O rosto do oficial demonstrou uma surpresa sincera. — Você me espanta cada vez mais, Pym. Jamais pensei que fosse capaz de ser fiel a qualquer um que não você mesmo. Mas, pensando bem, a mulher é sempre uma parte de nós mesmos... — Quarles apanhou uma caneca de madeira do bolso, encheu-a e colocou-a ao alcance do prisioneiro. — Posso lhe assegurar que a minha ação em Iduna foi inteiramente tática. A morte de sua esposa foi uma casualidade da minha estratégia para fazê-lo aparecer. Teria encontrado você em mar aberto, mas estava me evitando. Eu também perdi minha esposa com a peste. Sou capaz de entender sua dor. Beba, Pym, pois logo vai juntar-se a ela. Ou não acredita na vida depois da morte?

Pym apanhou o copo e virou-o na garganta antes que as mãos trêmulas tivessem chance de derrubar alguma coisa. *Festina lente*, Trevor!, pensou ele, brindando à própria sede. Fechou os olhos enquanto sentia o líquido queimando garganta abaixo, aliviando seus músculos e fortalecendo o sangue.

— Fiquei surpreso com a capa da Bíblia que encontrei no bolso do casaco — disse Quarles, mostrando a capa interna com a caligrafia dos Gefjon. — Quem é esse Jaki Gefjon, do qual você carrega a árvore genealógica?

— O rapaz está vivo?

— Vivo, e de olho na minha filha. — O sorriso do oficial inglês era cruel. — Ele pensa que escapou. Mas eu vou armar uma cilada usando o próprio coração dele.

— *Homo homini lupus* — sibilou Pym.

— É verdade. O homem é o lobo do homem. A única espécie que ataca a si mesma. É isso que nos leva para o Mal. — Quarles leu em voz alta a inscrição em latim feita por Pieter Gefjon. — O que me diz disso, professor, agora que está enfrentando o leão do momento final?

— Será que foi tão mal-educado que não conhece a tradição da Doutrina de Assinaturas? A profundidade da morte guarda nossas correspondências. Não podemos enxergar nossa relação com o todo até o momento da morte. Por isso idiotas como você estão condenados a viver vidas parciais, acreditando que os heróis são vilões, e os verdadeiros criminosos, heróis.

— Você se tem em alta conta para um pirata — comentou Quarles, o riso sacudindo a

barriga volumosa.

— Sou um alquimista. Li os manuscritos em Oriel, e aprendi a viver as verdades para que a dor da vida não me transformasse no valete bajulador em que você se tornou. Trabalhei em meu navio como num alambique, destilando o rebotalho humano do império e transmutando-o no ouro da vontade livre de homens fortes. Este foi o trabalho de Trevor Pym, que só ousei fazer por aceitar o papel que o destino traçou para mim.

— Está iludido!

— Pode ser, mas o homem cuja árvore está segurando é um verdadeiro espírito alquímico. O próprio Mercúrio, filho das trevas.

— Bobagem, Pym. É apenas um jovem, mal saído dos cueiros. Vou esmagar a ele como esmaguei a você.

— Escute o que eu digo: — O dedo do pirata enfiou-se entre as barras para indicar o espaço em branco onde deveria estar o nome de Jaki. — É melhor ter medo do rapaz.

— Ele logo vai fazer companhia a você no inferno — retrucou o orgulhoso oficial, guardando a capa novamente no bolso. — Acredita no inferno? Pois olhe ao redor, Pym. Isto aqui é o céu.

— Você matou minha mulher. Foi quando realizou sua vingança contra mim, William Quarles. O que vai fazer agora é na verdade um favor, e a morte que promete é um prêmio.

Quarles levantou, sentindo esvaziar-se o gosto do seu triunfo com a súbita volta do controle ao prisioneiro. Chutou o frasco de bebida para o alcance de Pym, e voltou-se para sair.

— William! — chamou o pirata. Quarles se deteve e virou-se para o prisioneiro com um olhar entre curioso e divertido. — Quando estiver vestido de algas no fundo do mar, com peixes em vez de olhos, serei como um rei. Mas você... — Pym apanhou o odre e despejou um gole na garganta. — Escute o que eu digo...

Jaki estava em pé no meio do aguaceiro tropical num ancoradouro do porto de Serangoon. Cingapura estendia-se a sua frente como uma constelação que tivesse despencado sobre um pântano. As tochas brilhavam entre as sombras do mangue que circundavam os acampamentos de Changi, Seletar, Serangoon, Siglap e Bedok. O impassível leão de pedra permanecia à entrada do estreito de Johore, marcando o local onde o porto se aprofundava para os navios de maior calado. Ali reluzia a

lanterna do *Fúrias do Destino*. Os conveses estavam muito bem patrulhados, e os armazéns ao redor do navio de guerra tinham patrulhas armadas em grupos de três.

Acima do pedestal da estátua cresciam grandes árvores floridas, plantadas havia muitos anos num jardim suspenso que se derramava sobre o caminho ao lado da estátua, onde Jaki deveria encontrar Lucinda dentro de dois dias. No momento, as atenções do portador de Wyvern voltavam-se para a construção de pedra no interior das muralhas de bambu, em Changi. Era ali que mantinham Pym prisioneiro. Jaki e os vinte sobreviventes do *Silenos* haviam seguido o navio inglês para o sul desde Selangor, em pirogas e pequenos barcos. Depois que o *Fúrias do Destino* se distanciara, a perseguição demorara mais cinco dias, o rapaz temendo que o capitão fosse levado para o acampamento inglês de Surabaja, do outro lado do mar de Java. Ficara quase aliviado ao chegar a Cingapura e ver o inimigo ancorado. Ali pelo menos havia uma chance de libertar Pym.

Jaki havia deixado as canoas no mangue que circundava Changi, e, depois de prender Wawa, liderara os piratas até as proximidades dos portões, para tentar resgatar a vida de Pym.

Estava em pé na chuva, os piratas escondidos na vegetação atrás dele. Aproximou-se dos guardas e gritou uma oferta de pagamento em troca de auxílio. Sua promessa de diamantes atraiu uma infinidade de guardas de turbante para o portão, e pediram para que ele se aproximasse. Jaki não quis se expor nem desperdiçar nenhuma chance de negociação por menor que fosse, portanto atirou-lhes um dos diamantes. Foi imediatamente levado para o interior do acampamento. Alguns minutos depois, os portões se abriram e um bando desordenado de guerreiros amontoados saiu do interior, brandindo seus *parangs*. Os guardas reapareceram nas guaritas com os mosquetes e abriram fogo contra a escuridão. Um projétil passou assobiando ao lado da orelha de Jaki, que desembainhou a cimitarra e soltou seu brado de guerra na chuva. Os piratas escondidos dispararam suas pistolas, e a maioria dos cavaleiros foi derrubada pela descarga certaíra. Os atacantes saíram de seus esconderijos, rumando para o portão aberto.

Agarrando as rédeas de um cavalo ferido, Jaki fez com que o aterrorizado animal se dirigisse novamente para o interior, e os piratas seguiram atrás. Nova descarga partiu das torres

de vigia, matando o cavalo e arrancando a orelha de um atacante. Três dos piratas pararam para fazer pontaria e abateram os guardas.

No interior do pátio, Jaki liderou os homens até a construção de pedra. Pym apareceu numa pequena janela com grades de ferro. Os trovões ribombaram no céu e mais cavaleiros surgiram de ambos os lados da prisão de pedra, ao mesmo tempo que guardas de turbante atacavam pela retaguarda.

— Bater em retirada! — gritou Jaki aos piratas.

Todos se dirigiram aos portões, para sair antes que fossem cercados. Três homens foram abatidos pelo fogo dos mosquetes, e mais quatro tombaram sob as lâminas dos cavaleiros. Quando chegaram aos portões, os piratas se reagruparam e prepararam as pistolas, esvaziando-as sobre os perseguidores. A longa prática fez com que cada tiro atingisse o alvo, e conseguiram deter o avanço dos cavaleiros. Sem perda de tempo embrenharam-se novamente no mangue banhado pela forte chuva tropical.

Ocultos no pântano, viram os portões se fechar novamente e logo depois o número de guardas foi dobrado. Perceberam por fim que não tinham mais nenhuma chance de libertar Pym, e

decidiram seguir cada um o próprio caminho.

— O capitão não está morto até que seja enforcado — argumentou Jaki veementemente.

Ninguém disse uma palavra, mas um a um foram voltando as costas e desaparecendo nas sombras. Apenas cinco rostos permaneceram, olhando para ele, como raios no centro da escuridão.

Os seis homens vasculharam os pântanos ao redor de Changi, rastejando ao longo da cerca de bambu à procura de uma brecha para entrar. Depois de algum tempo, descobriram uma falha suficiente para permitir que se esgueirassem para o interior. Foram novamente detidos, porém, pelas paredes de pedra em cujo topo havia guardas muçulmanos. Vigiarão durante algum tempo, ouviram um dos guardas comentando que Pym ficaria esperando até que o Bantam do Sião e uma delegação de sultões locais chegassem para assistir à execução e contemplar a superioridade britânica ao proteger-lhes os interesses.

Dois dias mais tarde, ainda não tinham conseguido nenhum progresso para penetrar na prisão e Jaki resolveu comparecer ao encontro marcado com Lucinda, como havia prometido.

A noite estava límpida, sem o habitual

aguaceiro tropical, e as estrelas pareciam luzes claras no céu de Cingapura. Tomando um caminho que passava pelos jardins suspensos que acompanhavam o paredão de pedra de Serangoon, Jaki sentia o coração aliviado com a perspectiva de rever a amada. A lembrança dos dias e noites que passara a bordo do *Fúrias do Destino* amenizava o sentimento de perda do *Silenos* e da prisão de seu capitão. Além do mais, não perdera a esperança de achar uma maneira de libertar Pym.

Lembrou-se do conselho do capitão, sobre não confiar no coração à semente do inimigo. Não quis desrespeitar totalmente o aviso, e estava evitando os caminhos iluminados do porto. Usava camisa e calção negros, além de um turbante da mesma cor sobre os cabelos loiros, o que o tornava quase invisível na fimbria da luz das lanternas. Os macacos guinchavam nos galhos sobre sua cabeça, enquanto Jaki dava a volta a uma densa formação de touceiras de jasmim e mimosa. De repente, divisou vultos escondidos embaixo das árvores próximas do leão de pedra. Teve um sobressalto ao constatar que eram soldados ingleses com os sabres desembainhados. Ainda não o tinham visto, e ele retrocedeu silenciosamente por onde viera,

aborrecido porque Pym tinha razão.

Uma vez escondido nas sombras, procurou Quarles entre os vultos, com a idéia de capturá-lo e trocá-lo depois por Pym, mas não achou a volumosa silhueta do inimigo entre os soldados de tocaia. Ao longe, no caminho que conduzia do porto até o leão de pedra, divisou duas figuras femininas. Reconheceu Lucinda e sua criada, e ficou surpreso com a descoberta. Por que iriam elas expor-se desnecessariamente... a não ser que também ignorassem a emboscada? De onde se encontrava, pôde verificar que não estavam sendo acompanhadas. Esperou até que chegassem a um ponto de onde os guardas não poderiam vê-las ainda, e saltou para o caminho abaixo, à frente das duas. Removeu então o pano da cabeça, para que pudessem reconhecê-lo.

— Jaki! — exclamou Lucinda, um tom alegre de surpresa na voz.

No mesmo instante, ele soube que ela não o tinha traído e estendeu os braços. Ela veio em sua direção.

— Sabia que você vinha. Eu sabia!

Os dois se abraçaram, depois Jaki enfiou a mão sob o gibão e sacou sua pistola, apontando-a para a criada que se esgueirava para longe.

— Pare aí, traidora, ou vou ser obrigado a

atirar.

— Não me mate, por favor! — Os olhos de Maud estavam arregalados de medo. — Só fiz o que achei melhor para minha ama!

Lucinda olhou para sua criada apavorada sem entender nada do que estava acontecendo, e voltou-se para Jaki, com uma expressão perplexa no rosto. Ele lhe contou sobre os marinheiros ingleses escondidos mais adiante.

— Fui obrigada a dizer tudo, minha senhora. Se o senhor Gefjon só a procurou depois que saímos do porto, não poderia ter havido outro motivo a não ser marcar um encontro, não é mesmo? Por que razão ele teria ficado tão pouco tempo? Não pude mentir para seu pai, senão ele iria perceber! — Maud estava à beira das lágrimas. — E não podia afirmar que você tinha recusado, depois que gritou a seu pai que o amava!

— Nada seria pior para mim do que perder este homem — censurou Lucinda, agarrando-se a Jaki, que abaixara a pistola, mas conservava o olhar alerta vagando pelas sombras que os envolviam.

— Por favor me perdoe — suplicou Maud, as lágrimas escorrendo pelo rosto convulsionado. — Não consegui suportar quando ele bateu na

senhora!

Lucinda aproximou-se e abraçou carinhosamente a criada, encostando o rosto ao dela.

— Eu devia ter percebido... — disse baixinho. — Saímos do navio com facilidade algumas vezes, mas hoje foi a mais fácil de todas. Papai providenciou a troca da guarda mais cedo, não foi?

— Ele queria que você visse seu namorado ser capturado — concordou Maud.

— Se o seu pai sabe que já deixou o navio, deve ter mandado uma patrulha na retaguarda para encontrar os outros — interrompeu Jaki. — Temos de sair deste caminho.

— Você fica aqui, Maud — ordenou Lucinda. — Se gosta de mim tanto quanto diz, vigie o caminho, e se chegar alguém use o nosso assobio.

A criada concordou e fixou a atenção nas sombras, lançando olhares de vez em quando na direção do casal, que se embrenhava na escuridão.

— Volte para me pegar, Luci — sussurrou ela para a noite. Jaki segurava a mão de Lucinda, guiando-a através das touceiras de mimosa para a parte mais alta do jardim, acima

dos mastros dos grandes navios e dos halos de luz amarelada que brilhavam refletidos nas águas escuras do porto.

— Até esta noite, não sabia se você estaria aqui ou não — disse Jaki suavemente. Viu então a marca vermelha no ombro, e a mancha escura no rosto. — Seu pai bateu *mesmo* em você, não foi?

— Isso não é nada — afirmou corajosamente Lucinda.

— Então foi o que Maud quis dizer... Seu pai a espancou!

— Ele é meu pai, e da maneira dele acha que me ama e quer me proteger. Não consigo odiá-lo, apesar de tudo.

No escuro, os cabelos quase brancos de Lucinda pareciam exalar uma aura de claridade e magia à luz fria das estrelas. Os olhos brilhavam atentos, em contraste com a palidez do rosto. O cheiro lembrava o dos riachos na selva, e as formas pareciam delicadas e frágeis ao toque.

— Virá comigo? — A mão de Jaki acariciou o rosto da amada.

— Já providenciei passagens para nós numa fragata sueca que vai para Surabaja — afirmou Lucinda. — De lá podemos ir para a Europa. Eu vendo minhas jóias, e nós vamos

procurar um lugar para viver.

— Veja! Você não precisa vender suas jóias. — Jaki retirou uma bolsa de couro do bolso e expôs os vários diamantes em bruto que estavam no interior, todos do tamanho de um dedo polegar. — Estes são só alguns dos que possuo. São o legado da minha tribo. O dinheiro nunca vai nos dominar.

Beijaram-se, completamente esquecidos do dinheiro, e o gosto dos lábios de Lucinda foi o consolo que ele sempre mereceu, desde os dias verdes da infância na selva.

— Pegue o resto de seu tesouro agora, meu amor. O navio parte ao amanhecer... — pediu ela.

— Não posso — sussurrou Jaki, quase inaudivelmente. — Preciso ficar e salvar meu capitão.

— Pym? — perguntou ela, sem acreditar. — Meu pai vai enforcá-lo amanhã ao meio-dia. Chegam dignitários de toda a Ásia para assistir à execução. Não há nada que possa fazer!

— Não tenho nenhuma escolha nisso, eu garanto — justificou Jaki, com medo de quebrar o encanto. — Eu preciso pelo menos tentar. Já lhe contei como ele cuidou de mim...

— Sei que ele aprendeu a amá-lo, mas

mesmo assim ele é um pirata, não percebe? — O olhar dela tornou-se suplicante. — Você vai ser capturado e pendurado ao lado dele!

— Se for esse o meu destino...

— Não! Não vamos falar de destino! — A expressão de Lucinda era decidida, o olhar firme. — Não somos mais crianças. Agora fazemos nossos destinos. Eu suplico, Jaki, não me deixe por esse motivo.

— Lucinda, precisa lembrar que também sou um pirata. Não posso abandoná-lo enquanto há esperança. Certamente entende isso, não é? — As lágrimas lhe assomaram aos olhos. — A fé é tudo que tenho na vida. Sem ela você estaria casando com um cadáver vivo. E para sempre lamentaria deixar a segurança ao lado de seu pai.

— Você me subestima, Jaki — retrucou ela, mordendo os lábios para não chorar.

— Lucinda... logo depois que eu salvar o capitão venho buscar você. Nada vai me deter!

— Maud já me traiu. Se eu voltar agora... Nunca mais vou poder vê-lo. Há uma caravela holandesa que parte para a Batávia com a maré do amanhecer. Meu pai já tem a passagem, e, se não fugirmos hoje, vai mandar-me de volta à Inglaterra.

— Eu te encontro — afirmou Jaki com olhar decidido e uma expressão desesperada no rosto, que parecia dizer que a jornada seria tão perigosa que ele não queria pedir a ela que fosse com ele. — Eu a encontro em qualquer lugar que ele a mande.

Um assobio soou no caminho abaixo deles. As mãos de Lucinda afastaram-se de Jaki, mas a insistência do olhar continuou:

— Se você me tem em tão alta conta que um pirata vale mais, então talvez tenha sido um erro vir até aqui. — O olhar dela parecia magoado. — Deve pensar que não passo de uma boba.

Lucinda virou as costas e enveredou pelo caminho, em direção a Maud e ao brilho das lanternas do *Fúrias do Destino*, esperando a cada passo que Jaki a chamasse, ou fosse atrás dela.

Jaki ficou parado, sob a luz das estrelas, vendo a forma farfalhante do vestido que avançava pelas sombras, e completamente incapaz de se mover.

Usando um turbante, com o rosto pintado num tom mais escuro, Jaki observava o embarque de Lucinda e Maud acompanhadas por

um soldado. Escondido atrás de uma pilha de engradados próxima à caravela holandesa, viu quando as duas subiram pela prancha, logo seguidas por uma quantidade notável de bagagem. Logo após, os marinheiros soltaram as amarras, e a pesada caravela afastou-se lentamente do paredão de pedra, seguindo a maré que vazava pelo estreito. Jaki assistiu a tudo, com o coração oprimido pela impotência.

Por volta do meio-dia, ele e os cinco piratas remanescentes misturavam-se à multidão na praça em frente ao porto, enquanto Pym era conduzido através de um corredor de marinheiros armados com mosquetes, para bordo do *Fúrias do Destino*. Parecia bêbado, cantando em altos brados uma canção do mar enquanto era empurrado para a frente, a marca da serpente em sua testa assumindo um tom quase escarlate. Marinheiros emplumados mantiveram-no em pé durante a entrada cerimoniosa do Bantam do Sião e os sultões de Selangor, Johore, Trengganu, Kelantan e Kedah. Todos sentaram-se no tombadilho, em poltronas de mogno esculpidas como tronos.

O Bantam era magro e tinha a pela acinzentada, mas seu porte no interior das roupas de seda adornadas com rubis e

esmeraldas lembrava o de um pontífice, acostumado a ser obedecido com fervor. Sua figura destacava-se naturalmente dos sultões com as barbas untadas e perfumadas, que antecipavam a comemoração que Viria em seguida, estreitando os olhos inchados, não acostumados ao sol do meio-dia. Hsi Hang estava logo atrás dos tronos, ao lado de Rajan Kobra, que sorria desde o início e soltou uma gargalhada quando Pym dobrou-se em dois e vomitou no convés. Três marinheiros levantaram-no e apoiaram-no no mastro principal, enganchando sua gola num suporte.

Quarles andava em frente aos potentados como um pavão, a papada inchada de orgulho e realçada pelas rendas do colarinho. O penacho no chapéu balançava com a veemência com que descrevia os crimes do pirata ali presente. Pym observava atentamente, o ódio brilhando em seu único olho, agora sóbrio e atento, fixo em seus acusadores.

Jaki forçou caminho entre a multidão que se acotovelava para ver o famoso pirata Wyvern. Por toda a manhã tinham procurado uma maneira de libertar o capitão quando estivesse a bordo do navio de guerra. Circulavam em volta do *Fúrias do Destino* junto ao paredão de pedra,

ao lado dos juncos luxuosos de Hsi Hang, e junto à proa reformada do *Luz Negra*, mas Quarles havia postado soldados por toda a amurada. Saja e os dois marinheiros capturados com Pym tinham sido julgados e enforcados no dia anterior, e seus corpos foram banhados em alcatrão e pendurados de cabeça para baixo nas docas, como exemplo para desencorajar a pirataria. A visão dos cadáveres escurecidos destruiu a esperança de Jaki, que chegou a pensar em um ataque desesperado para matar Quarles. Se houvesse a mínima chance de consegui-lo antes de ser abatido, valeria a pena tentar. Mas com aquela quantidade de homens e armas de fogo, Jaki só podia mesmo observar.

Chegou a hora de Pym falar, e ele foi retirado do mastro, ficando em pé entre dois marinheiros. Com um olhar desafiador e digno, endireitou o corpo. Falou em inglês, mesmo sabendo que a maior parte das pessoas na multidão não iria entendê-lo. Ainda assim, ninguém ousou interromper o discurso de um condenado.

— Bantam, sultões, e majestosos pseudojuízes. Ouçam bem as palavras daquele que mandam antes da hora para o esquecimento. Acusam-me de traição e pirataria. Declaro-me

inocente de ambos. Quanto à acusação de traição, afirmo que matei Samuel Quarles. Admito isso com a frieza de um homem que vai morrer. Mas o traidor era ele, não eu. Samuel Quarles foi quem vendeu a frota de Drake para os espanhóis, e foi maldição de Deus que eu estivesse lá para testemunhar tudo e matá-lo por sua traição. Esses fatos são também do conhecimento desse gordo e emproado capitão, sobrinho do traidor. Declaro isso perante Deus e seus anjos caídos. — As feições de Pym tinham a expressão apaixonada da verdade, e seu olho fixou cada um dos sultões.

— Agora que os ambiciosos representantes do império vão me enforcar, admito também que fui eu quem pilhou e saqueou sob a bandeira do monstro Wyvern. Fui quem atrasou o saque dos europeus sobre a Ásia, mas por vingança, seus demônios balofos! Só ataquei seus impérios porque representam o mal, e ninguém ousa fazer nada. Vocês são o mal porque pisam sobre os homens para aumentar sua desmesurada estatura. Prestam lealdade não a Deus, mas ao ouro e ao dinheiro. Que a maldição dessa eterna pilhagem recaia sobre suas cabeças e sobre as cabeças de seus filhos. — Pym balançou os grilhões na direção da multidão, depois abaixou

os braços. — Não há liberdade verdadeira na Vida. Estamos todos acorrentados ao mistério e a miséria. Todos vão para onde estou indo agora.

— Mas não tão rápido — comentou Quarles. — Ou de modo tão vergonhoso.

O capitão pirata ignorou a provocação de seu captor, voltou-se e começou a subir no mastro. Chegando ao través no alto, teve as mãos atadas novamente. Uma corda foi colocada em seu pescoço enquanto ele olhava o movimento das nuvens. Assim que sentiu o nó apertado, saltou para o vazio. O corpo de Trevor Pym caiu por um breve momento, depois retorceu-se na ponta da corda esticada, enquanto a alma libertava-se do invólucro mortal.

Uma saudação elevou-se pouco a pouco da multidão, e William Quarles voltou-se exultante para o Bantam do Sião. A maior parte dos convidados já estava se retirando, ansiosos pelo banquete, porém o Bantam e Hsi Hang permaneciam sentados, pálidos, observando a dança executada pelo cadáver do pirata.

Jaki não piscou até que o corpo de Pym ficasse imóvel no ar. Então cerrou os olhos, e esperou que a luz avermelhada que sempre surgia o conduzisse até as promessas indecifráveis e imemoriais.

Uma vez terminado o enforcamento, começaram as festividades no palácio de Serangoon. O *Luz Negra* soltou as amarras e deixou o porto.

Jaki e os cinco piratas seguiram atrás em sua jangada, sem serem notados, no meio da profusão de juncos, caravelas e sampanas no interior da enseada. O navio de guerra muçulmano navegou para o oeste, ao longo do largo estreito de Johore. Jaki supôs que o *Luz Negra* fosse seguir pela parte costeira até um riacho adiante, onde se abasteceriam de água e carne antes de lançar-se ao mar aberto. Um plano começou a tomar forma em sua mente, enquanto observava o *Luz Negra* deslizando suavemente ao longo da costa escura coberta de vegetação.

Trocando de posição com um dos remadores, que foi para a proa. Jaki começou a remar num ritmo alucinante, movido pelo fervor de sua raiva. O bote avançou pouco a pouco pela margem oposta, emparelhando com o navio de guerra muçulmano e ultrapassando-o numa curva do canal.

Jaki estava furioso por ter sido novamente roubado pela morte, mas sabia que não podia entregar-se a essa fúria. Os assassinos de Pym o

apanhariam facilmente se desse vazão aos sentimentos e atacasse como um animal raivoso. Só o transe de feiticeiro poderia proporcionar a calma necessária para caçar homens, e sua respiração se alterou para enterrar fundo a violência e equilibrar a alma. O rosto foi empalidecendo de uma forma surpreendente e o olhar adquiriu uma rigidez fora do comum. Enxergava através dos séculos de assassinatos, procurando pela alma de Pym. Os marinheiros, vendo sua palidez, pensaram que o pesar da perda o consumia; mas, quando viram a força sobre-humana que ele estava imprimindo aos remos, acharam tudo aquilo muito estranho.

Jaki parou de remar, e os homens tiveram de redobrar os esforços para manter o ritmo. Ficou sentado imóvel, com todos os sentidos alertas, atento à floresta do litoral. Sentiu as brisas que se filtravam por entre as árvores, o cheiro das algas nas poças deixadas pela maré, e soube exatamente o momento de parar o bote.

Ordenou que os homens remassem por um canal menor até que estivessem fora da vista, escondidos pela vegetação. Apanhou a cabeça encolhida na bolsa de couro e pendurou-a ao pescoço.

— Escondam-se e esperem por mim —

pediu ele. — Voltarei ao anoitecer.

— Aonde vai? — perguntou um dos homens, com ar de suspeita. Mas o feiticeiro já desaparecera no interior da selva.

Wawa seguia à frente, e, pelo seu guinchar, Jaki sabia que não havia nenhum homem ou animal de grande porte nas imediações. Moveu-se entre as árvores, procurando pela camada de folhas que atapetava o chão. Aqui e ali parava para coletar pequenas plantas rosadas que cresciam entre as frestas de troncos apodrecidos. A solidão da floresta e os ruídos familiares tiveram o poder de diminuir o pesar que o oprimia. Sentia a presença de Jabalwan nos odores refrescantes que as plantas exalavam e no cheiro da terra fértil. A presença invisível continuou a guiá-lo, e o feiticeiro seguiu um caminho irregular através da mata, colhendo mais daquelas plantinhas de aparência inocente, e no entanto famosas entre os caçadores de almas por seu veneno letal e sem gosto, de ação retardada. Quando recolheu uma quantidade suficiente para encher uma das mãos, parou para apanhar um cipó torcido e venenoso, e dirigiu-se para o riacho que corria em direção à praia.

Ajoelhou-se em frente a um ponto onde o

ribeirão formava um poço, antes de cair num filete e atingir a água salobra mais abaixo. Depois de esmagar as plantas entre duas pedras, espalhou a pasta pela superfície, misturando depois com cuidado para não agitar o fundo de algas. Quando terminou, o *Luz Negra* entrou em seu campo de visão, e ele se esgueirou para o interior da vegetação.

Mas o grande navio não se deteve como Jaki havia calculado. Passou majestosamente ao longo do estreito, e o feiticeiro amaldiçoou a própria intuição que o levava a ter tanta certeza de que o *Luz Negra* para-ria ali. Wawa guinchou, indicando que a embarcação manobrava para fazer a volta. Jaki olhou ao redor, vendo a formação de mau tempo para os lados do ocidente, e calculando que Rajan Kobra resolvera reabastecer e talvez até pernoitar, aguardando que a tempestade passasse, em vez de aventurar-se em mar aberto sem suprimentos.

Observou aliviado o anjo de asas estendidas flutuando no canal, depois lançando âncora e baixando um escaler que se dirigiu à praia. Os homens descarregaram mosquetes, arcos, lanças e baldes, e, enquanto os oficiais se embrenharam na mata para caçar, os marinheiros vieram em direção ao riacho e provaram a água. Achando-a

satisfatória, puseram-se a carregar os baldes para encher um largo tonel no centro do escaler.

Um tiro de mosquete rompeu o silêncio da selva, e pouco tempo depois a expedição de caça retornava com um javali de presas proeminentes atado de cabeça para baixo a uma vara de transporte. Carregaram o escaler com mais alguns baldes de água e partiram de volta ao navio.

Jaki agarrou a cabeça encolhida que pendia junto ao coração e ergueu-a na neblina onde os mortos esperavam.

— Que a justiça seja feita — murmurou, os olhos fixos nas primeiras estrelas.

Aproveitando as últimas luzes do crepúsculo, o feiticeiro colheu mais cipós e bagas venenosas, além das plantas necessárias para fazer pintura de guerra, depois regressou ao local onde os piratas aguardavam escondidos na piroga. Contou a eles o que fizera com a água do *Luz Negra*, e prometeu-lhes um grande massacre ao amanhecer. No transcorrer daquela noite, deitaram-se com as armas na mão, pensando no capitão Pym.

Assim que a aurora surgiu, Jaki preparou suas tintas e pintou o rosto dos piratas com desenhos de guerra. Seus cutelos e sabres

tinham as lâminas envenenadas com as plantas recolhidas no final do dia. Todos subiram a bordo da piroga e remaram silenciosamente até o navio de guerra muçulmano. A essa altura, quase todos já teriam bebido da água envenenada, mas mesmo assim o tamanho do *Luz Negra* ainda impressionava. Havia uma sentinela no alto do mastro, e uma no castelo de proa, além de duas lanternas acesas na popa. Jaki ordenou que seus homens preparassem as pistolas, e desenrolou uma corda com um laço na ponta, atirando-a à amurada. Depois de experimentar o cabo, Jaki e Wawa se içaram a bordo do navio inimigo.

A sentinela no alto do mastro não deu nenhum sinal de alarme quando os dois se moveram pelas sombras do convés. O gibão subiu pelo cor-dame e aproximou-se lentamente do homem. O guarda levantou de-bilmente um braço na direção do animal, depois deixou-o cair novamente. Wawa recuou, em seguida avançou outra vez na direção da sentinela, que não esboçou nenhuma reação. O guarda no castelo de proa jazia sentado com a cabeça pendente e a língua inchada e azulada. Jaki guiou os piratas até o convés de armas, entre a tripulação adormecida. Muitos estavam mortos, e os que não haviam bebido da água dormiam. Suas

gargantas foram cortadas com relativa facilidade, até que um soldado despertou antes da hora e começou a gritar, dando o alarme.

Alguns homens levantaram das redes, porém os disparos das pistolas derrubaram a metade deles. Os que restaram ainda estavam meio adormecidos, e não foram páreo para os piratas ávidos de vingança. Enquanto os companheiros se atiravam à matança, Jaki dirigiu-se aos aposentos dos oficiais.

Três apareceram no corredor, dispostos a combater o invasor, e Jaki atirou-se a eles.

— Shahawar Shirazi pede a vida de vocês!

Os muçulmanos não entenderam, mas reconheceram o nome e atacaram. O corredor era estreito demais para os três, e Jaki soltou um brado de guerra lançando-se contra o primeiro com tamanha fúria que o lançou sobre os outros dois, derrubando-os. O feiticeiro atingiu-os sem nenhum remorso, fazendo com que o sangue jorrasse, e só parando quando cessou o último grito. Ergueu-se e subiu as escadas, em direção ao camarote do capitão.

A porta estava escancarada, e a cabina aparentemente vazia. Um arrepio gelado percorreu-lhe o couro cabeludo, e Jaki olhou para o tombadilho a tempo de ver Rajan Kobra

apontando-lhe duas pistolas. Mergulhou de cabeça para o interior do camarote, ao mesmo tempo que uma das armas disparava, arrancando um pedaço de madeira do batente.

Jaki girou no chão, recuando de costas, e Kobra moveu-se apontando a arma carregada. Um grito horrível veio do alto, precedendo a figura prateada de Wawa, que pulava do cordame diretamente sobre o capitão muçulmano. A arma disparou e o projétil perdeu-se no céu, enquanto homem e animal caíam sobre o tombadilho.

Jaki levantou-se e atacou com a lâmina erguida, vendo seu adversário arregalar os olhos quando o reconheceu.

— Você! O feiticeiro! — bradou ele, desembainhando sua cimitarra e pondo-se em pé.

Os dois se estudaram em largos círculos, a ponta das cimitarras ondulando nervosamente, aguardando qualquer sinal de fraqueza para atacar. Com um ataque amplo e inesperado, o guerreiro muçulmano foi o primeiro a tomar a iniciativa, e os metais se entrechocaram. Jaki foi atirado para trás pela força do golpe, e sentiu o medo brotar em seu íntimo. Kobra era um assassino maníaco e fanático, e a força de sua raiva rivalizava com a fúria do oponente. Mais

uma vez as cimitarras se chocaram, e Wawa guinchou ao ver Jaki recuar outra vez.

O feiticeiro saltou para o lado como um felino, porém não conseguiu muito tempo de vantagem com a manobra: o muçulmano girou agilmente e executou uma finta com a lâmina larga, invertendo subitamente o movimento e atirando a ponta em direção ao coração de Jaki. Kobra soltou um grito de triunfo ao sentir que o aço penetrava na carne.

O muçulmano sorriu maldosamente ao torcer a cimitarra para que o ferimento se alargasse, e só então percebeu que a lâmina penetrara na cabeça encolhida e não no corpo do adversário. Essa pequena demora lhe foi fatal, porque a ponta afiada da arma que pertencera a Shirazi rasgou-lhe a garganta.

O sangue esguichou sobre Jaki, que levantou e decepou com um só golpe a cabeça de Rajan Kobra. Desenrolou o turbante, juntando-o aos cabelos longos, e foi pendurar seu troféu no poste da popa.

A matança abaixo do convés já havia terminado, e os piratas chegavam à coberta, ainda excitados com o combate. Ao enxergarem Jaki sujo de sangue pendurando a cabeça do capitão muçulmano, irromperam em saudações,

levantando as espadas e cutelos.

— Insultamos nosso capitão aqui nos alegrando, enquanto seu corpo ainda está na ponta de uma corda no porto de Serangoon — gritou Jaki acima da algazarra, silenciando os companheiros. — Recolham a âncora! Icem a vela principal! Vamos dar a Trevor Pym um enterro digno de um rei pirata!

Jaki manobrou o pesado navio de guerra, e em pouco tempo estavam voltando para Cingapura. Passou o leme para um companheiro e contemplou a cabeça encolhida de Pieter Gefjon, que havia sido rasgada ao meio, vazia da areia fina que estivera em seu interior. Agora não passava de um pedaço de pele e alguns tufo de cabelo, com as feições indistinguíveis. Jaki retirou-a do pescoço e pendurou-a junto à de Rajan Kobra. Seu primeiro pai lhe salvara a vida, e o espírito que habitara a cabeça agora se fora, levando o inimigo com ele.

Com um balde apanhou água do mar e lavou o sangue e a pintura de guerra das mãos e do rosto. Como da primeira vez que envergara as roupas do pai, agora precisava retirar essa personalidade que envergara, para nascer outra vez, como uma pele de cobra na muda. Era chegada a hora da renovação.

Wawa, encarapitado no alto do mastro, guinchou lá de cima, e o rapaz viu as primeiras lorchas e sampanas, que indicavam a proximidade do porto.

— Mantenham-se na água mais profunda! Desenrolem todo o pano que puderem! E apontem a proa direto para o capitão Pym! — gritou Jaki, dirigindo-se para o convés de armas.

Correu por entre os grandes canhões escuros, lembrando do tempo em que ficara cativo, vendo sangue e cadáveres por todos os lados. Com o cheiro acre da morte nas narinas, encontrou um grande barril de pólvora, que rolou até a pequena porta do paiol. Jaki podia ver um número maior de pequenas embarcações através das escotilhas, indicando a proximidade do porto. Enfiou um pavio de tamanho médio no barril, estendendo-o no caminho de volta. Assim que chegou à coberta, procurou a entrada do porto de Serangoon com o olhar.

Gostaria muito de desfraldar Wyvern, mas já não havia tempo para isso. A guarnição postada por Quarles no estreito que dominava a entrada disparava um tiro de saudação ao navio muçulmano. Os marinheiros ingleses acenavam aos piratas, tomando-os a distância pela tripulação de Kobra. O oficial comandante só

percebeu o erro quando a popa do *Luz Negra* passou por ele, com a cabeça de Rajan Kobra pendurada.

Não havia tempo a perder. O navio, agora com o vento a favor, navegava tão rápido que a proa levantava dois leques de espuma na água calma do porto. Jaki acendeu as mechas e largou-as atrás de si.

O branco e imponente *Fúrias do Destino* ainda estava ancorado em frente ao leão de pedra, o corpo de Pym oscilando na ponta da corda. O convés achava-se apinhado de marinheiros, que se acotovelavam para observar a velocidade incomum do *Luz Negra*. Logo soaram os gritos de alarme, e as portinholas dos canhões se abriram.

— Larguem o escaler e abandonem o navio!
— ordenou Jaki. Assim que o bote foi lançado, Jaki substituiu o homem do leme, que se juntou aos outros no escaler ainda preso à popa. Chamou Wawa, atirou a bolsa de couro ao fundo daquela embarcação e mandou que o gibão entrasse. Wawa recusou-se terminantemente quando percebeu que o dono não iria junto, e por fim o rapaz soltou a corda depois de combinar um ponto de encontro. A partir daí concentrou-se em manter o rumo firme na direção do *Fúrias do*

Destino.

Os canhões do navio de guerra inglês abriram fogo, e o *Luz Negra* estremeceu ao receber no castelo de proa a maior parte da descarga. Parte do velame também foi atingida, e Jaki lutou ao timão para evitar que o grande navio se desviasse e fosse de encontro a dezenas de embarcações pequenas, ancoradas em ambos os lados do *Fúrias do Destino*. Embora a velocidade tivesse diminuído um pouco, o cordame rangia como um instrumento enlouquecido, e a proa continuava cortando as águas cada vez mais depressa.

Olhando à frente, Jaki divisou a figura de Quarles no tombadilho de seu navio, a luneta apontada e um ar de incredulidade no rosto. Enxergava a imagem da cabeça cortada de Rajan Kobra ao fundo, e em primeiro plano o pirata loiro.

— Abandonar o navio! — ordenou Quarles, antes que a segunda salva fosse disparada.

Jaki sorriu quando viu os marinheiros em pânico correndo por todo o convés. Amarrou o leme na posição correta, chamou Wawa e apressou-se até a amurada.

— Morte ao Império! — gritou ele, com um último olhar para o corpo de Trevor Pym, que

balançava no mastro. Depois pulou com Wawa nas águas do estreito.

Jaki nadou com o gibão agarrado às costas na direção do mangue. Quando a colisão ocorreu, virou-se de costas, e teve tempo de ver o *Luz Negra* atingir o *Fúrias do Destino* a meia-nau, mais próximo à popa, prensando-o contra o cais de pedra. No instante que se seguiu, o navio inglês saltou de lado e perdeu os mastros, sendo praticamente atirado fora d'água. O estrondo inicial que sacudira o porto se foi, e só ficou o ruído das madeiras mais leves que caíam, além dos gemidos dos feridos.

Jaki continuou em direção à margem, e, assim que tomou pé no fundo lodoso, o paiol do *Luz Negra* explodiu. Os dois enormes navios se uniram num enorme abraço de fogo, seguido por uma chuva de fagulhas e pedaços de granito quando o paiol do navio inglês detonou também, pulverizando o leão e o pedestal de pedra. Os fragmentos afundaram a maior parte dos pequenos barcos nas cercanias, e as madeiras ardentes começaram simultaneamente dezenas de incêndios. O porto de Serangoon transformou-se num cenário totalmente devastado, os armazéns ruindo e o fogo formando uma enorme pira para os dois navios de guerra.

Com esforço Jaki se pôs em pé e voltou as costas para Cingapura. Penetrou na vegetação do mangue, que se fechou sobre sua silhueta. Em pouco tempo Wawa ia na frente, correndo sobre a grama, saltando nos galhos mais baixos e brincando nas margens dos canais. À frente, algumas árvores sombrias lembravam aquelas da primeira vida que conheceram, muito tempo atrás, além do caminho percorrido.

Dormindo com Satã

O céu e a terra não são humanos.
Tratam as pessoas como coisas.

Tao Te Ching, 5

JAKI ESTAVA deitado sobre a macia camada de folhas à orla da floresta, as mãos atrás da cabeça, sentindo o corpo e a mente amortecidos. Rolos de fumaça negra provenientes do porto em chamas passavam no alto empurrados pelo vento. Muito acima da copa das árvores as nuvens formavam caras de animais que olhavam para baixo, como se quisessem ver qual direção Jaki tomaria agora.

Lucinda estava mais longe a cada minuto que passava. Se ele levantasse agora e corresse até onde os companheiros aguardavam com o bote, usasse a raiz mágica para obter forças e remasse a noite inteira através dos pântanos e alagadiços, talvez fosse capaz de alcançá-la. A caravela holandesa que a levava para Bantam tinha partido no amanhecer do dia anterior, mas seu grande deslocamento e calado obrigavam-na

a uma larga volta em vez de seguir diretamente para o sul, através do mangue e das ilhotas e recifes de coral. Porém, mesmo que encontrasse a embarcação, e conseguisse subir a bordo sem ser apanhado, a questão que martelava em sua mente era outra. Será que Lucinda queria vê-lo? Ao lembrar a expressão de raiva no rosto dela na noite anterior, não tinha certeza sobre o que ela diria.

Wawa apareceu na copa das árvores, estalou a língua e aproximou-se. A mente de Jaki vagava entre as nuvens, além do topo das ramadas mais altas, procurando algum sinal que lhe indicasse o que fazer a seguir. A fúria que o impelira a destruir o *Fúrias do Destino* e o *Luz Negra* estava exaurida, e agora tudo parecia vazio dentro dele. Ainda não se passara um dia desde que Pym morrera, e o capitão já parecia tão distante quanto Mala ou Jabalwan. Sentiu um aperto no coração ao imaginar aqueles rostos tão conhecidos se dissolvendo na chuva. *Os mortos voltavam com as profecias da chuva.* Mas onde estava a profecia nas nuvens que passavam sobre sua cabeça? As imagens de animais pareciam tão impassíveis quanto os poderes do mundo. A distância o mar continuava o eterno movimento das vagas, e o vento soprava suas

orações. Não importava o que ele decidisse, o mundo apenas observava.

Os dedos longos do gibão tocaram o rosto de Jaki, que piscou e virou-se para observar o animal. Wawa acenou, convidando-o para voltar à selva e deixar de lado aquele mundo barulhento de tumultos e explosões. Jaki gesticulou a ele que esperasse e ficasse quieto, mas o gibão estava agitado e foi acocorar-se ali perto, guinchando baixinho.

Pela primeira vez em muito tempo, Jaki observou o companheiro cuidadosamente. Percebeu que ele havia passado por muitas privações e que o desejo de voltar à segurança da selva, onde pertencia, jamais morreria. Agora estava sentado à sombra, tremendo como uma mulher que tivesse perdido o filho.

Por um instante a mente de Jaki seguiu Wawa pelo interior da floresta, onde vagavam as corças e a luz solar penetrava aqui e ali. Mas no íntimo sabia que não podia regressar à terra de sua juventude. Lembrava-se da profecia ouvida em Njurat. "Quando ele vier, os tempos que aparecem nas nuvens estarão chegando ao fim..." Ele era o filho do demônio, trazendo a revelação do fim dos tempos. O último dos feiticeiros. Se voltasse para a selva, poderia viver como

Jabalwan vivera, amenizando o sofrimento dos moribundos, mas, para cada um que curasse, as armas de seu pai matariam centenas. Pym havia revelado essa verdade. Com tudo o que Matubrem-brem pudesse oferecer, não passaria de uma testemunha silenciosa da destruição das tribos. A profecia seria cumprida, e ele veria as pessoas do sonho nas nuvens terminarem em fogo. Seria esse o desejo dos poderes do mundo?

Não podia imaginar qual seria seu destino agora, como não pudera fazê-lo havia dois anos, quando Jabalwan morrera e ele vagara amargurado pelas aldeias, distribuindo as palavras do Livro Sagrado de sua mãe. A diferença era que agora o vazio se mostrava ainda maior, pois estava realmente sozinho, e nem ao menos as tribos se achavam presentes para consolar sua dor.

Olhou para o anel de âmbar no dedo e sentiu que Lucinda seria o único futuro possível... se ainda o quisesse. A raiva estampada no rosto dela voltou-lhe à lembrança. "Tudo o que fiz a ela", pensou Jaki, "foi como se tivesse feito a mim mesmo." Depois novo pensamento lhe ocorreu: "Talvez a mesma coisa aconteça com ela, e só esteja querendo magoar a si mesma".

A esperança renasceu dentro dele, e Jaki olhou bem de perto o anel, afundando-se em sua luz dourada e cálida. A inimiga da vida não era a morte, mas a indiferença. Mesmo que houvesse dor em seu caminho, e talvez a raiva da mulher amada, era para lá que a vida o levava. A visão que tivera em Njurat permanecia em sua lembrança. O vazio que o atingira ali era seu verdadeiro inimigo, e até a ira de Lucinda tornava-se preferível a isso. Sentou-se.

Wawa, animado com a movimentação, chegou mais perto.

Jaki estendeu as mãos, e o gibão atirou-se para abraçá-lo. Depois de acalmá-lo com murmúrios carinhosos, o rapaz disse baixinho:

— Não posso voltar com você para a selva, Wawa. Sei que era para lá que gostaria de ir, e viver livre, como no começo, mas agora pertenço ao mundo de meu pai e preciso voltar. Vem comigo?

Wawa olhou para Jaki com estranheza, virando a cabeça de lado num esforço para compreender o que fora dito. Quando Jaki levantou e deu os primeiros passos em direção ao mar, o gibão guinchou em protesto, depois, com relutância, seguiu atrás dele.

Enquanto andava pelo pântano Jaki

pensava em como a cabeça reduzida de seu pai o salvara da estocada mortal de Rajan Kobra, e subitamente adquiriu uma nova compreensão. Dali em diante estava sozinho, sem a presença de espíritos para aconselhá-lo ou preveni-lo de coisa alguma. Tinha chegado até esse ponto seguindo outras pessoas, sem trair os amigos e sem dar trégua aos inimigos. Agora possuía um objetivo e nenhum mestre, e a escolha entre ser feliz, bom, mau ou solitário dependia exclusivamente dele. Ali, naquele caminho entre as grandes casuarinas e as formas fantásticas e retorcidas do mangue, Jaki sentiu-se livre. Pela primeira vez podia decidir a própria vida. Quase bêbado com sua liberdade, repetiu a palavra em todas as línguas que conhecia, cada uma soando mais estranha do que a outra.

— Sou mesmo livre, Wawa? — perguntou ele ao gibão. — Acho que a liberdade deveria pertencer apenas a Deus; os animais e os homens são muito pequenos para ela. Hoje fui libertado pelos poderes do mundo, e o que eu quero? — Ele admirou o brilho do anel. — Quero amarrar meu destino ao de outra pessoa. Não quero ficar sozinho com toda essa liberdade!

Sua decisão de encontrar Lucinda fossem quais fossem as conseqüências levou-o a

deslocar-se com rapidez incomum pelos baixios repletos de raízes aéreas. Minutos depois, Wawa avisou-o de que havia humanos à frente. Com alívio, Jaki constatou que não eram inimigos, mas sim os companheiros que o aguardavam no local combinado. O bote que haviam utilizado para capturar o *Luz Negra* estava amarrado a uma árvore caída, e dois homens encontravam-se no interior, com uma nuvem de insetos ao redor. Quando o feiticeiro mostrou-se em espaço aberto, os dois tiveram um sobressalto, mas logo que o reconheceram baixaram as pistolas.

— Voltou então, *lah!* — exclamou Kota, um malaio atarracado, que servira como carregador de pólvora no convés de armas do *Silenos*.

Pym o salvara em Celebes, onde o encontrara enterrado na lama até o pescoço, abandonado num pântano para que os caranguejos lhe devorassem os olhos. Seu rosto era marcado por inúmeras cicatrizes em forma de crescente, onde as cobras o haviam mordido. Fanaticamente leal a Pym, ele havia liderado a matança nos porões do navio muçulmano. Olhava para Jaki com expressão de alívio.

— Sabíamos que estava vivo — disse o outro.

Mang era um javanês alto e sem o menor

senso de humor, com as bochechas afundadas como um macaco e os olhos estreitos como os de um demônio. Jaki sabia que ele podia ser maldoso e hábil, e era capaz de perceber a sutileza de todas as mudanças do vento, ou dos sentimentos no rosto dos homens. Seu couro cabeludo era assustador, sem grandes porções de cabelo. Mang usava um pano preto amarrado à cabeça, preso com um osso de dedo humano.

— Onde estão os outros? — perguntou Jaki em malaio, olhando para o bote e certificando-se de que a bolsa de couro e a zarabatana ainda se encontravam lá.

— Estávamos preocupados com seus tesouros, feiticeiro — respondeu Mang. — Os outros três disseram que você tinha morrido em Serangoon. Queriam os diamantes que carrega na bolsa. Foi muita esperteza colocar Wyvern em cima das pedras. Depois de vê-la ali, ninguém teve coragem de mexer em nada. — Três rastros estavam marca-

dos na lama rio abaixo, e Mang seguiu o olhar de Jaki. — Houve uma pequena luta...

— Por que não foi com eles? — quis saber Jaki levantando a bolsa de couro, percebendo pelo peso que o conteúdo permanecia intacto.

— Eu era um ladrão em minha tribo, e o

capitão Pym me tornou um marinheiro. Ensinou-me a ler as mudanças do tempo e a apanhar os ventos. Foi isso o que ele fez... — Mang bateu com o nó dos dedos na madeira, para afastar as más influências dos mortos.

— Você era o feiticeiro do capitão — acrescentou Kota, colocando as mãos fechadas ao lado das têmporas. — Grande poder, *lah*. Nós seguir você.

Jaki analisou os homens a sua frente. Tinham provado sua lealdade além de qualquer dúvida, porém por motivos completamente diferentes. A atitude de adoração de Kota lembrava um pouco o respeito místico que os povos da floresta demonstravam para com o caçador de almas por sua mágica. Estava ligado a ele por uma espécie de reverência religiosa. Mang era mais pragmático. Pym havia ensinado a ele os segredos do mar, e talvez Jaki ensinasse os mistérios dos venenos e de caçar homens, que demonstrara conhecer tão bem ao vingar o capitão.

— Sabem o que é isso? — Jaki levantou o anel.

Os dois assentiram, pois estavam presentes no dia do duelo com o oficial português, e sabiam de quem tinha recebido aquilo.

— A prenda que ganhou da filha de Quarles — disse Mang.

— Quero casar com essa mulher — declarou Jaki. Kota sorriu com aprovação, mas Mang franziu a testa.

— Vimos quando ela partiu ontem — observou ele. — Uma caravela holandesa levou-a rio abaixo além de Changi. A esta altura já deve estar no mar.

— A caravela está se dirigindo para Bantam — esclareceu Jaki. — Precisa evitar as águas rasas e dar uma volta para o leste, passando por fora das ilhas do delta. Se partirmos agora e formos direto para o sul através dos alagadiços, poderemos encontrá-la quando completar a volta.

— Nenhum bote pode navegar tão depressa — protestou Mang. Jaki atirou sua bolsa de volta à embarcação e enfrentou o olhar do pirata.

— Quer apostar?

Maud acordou na escuridão sentindo um forte cheiro de animal. Tateando em busca do lampião com os dedos ainda amortecidos, teve a sensação de tocar em pêlos longos e macios. Abriu os olhos e viu um rosto negro que mais

parecia uma caricatura humana. Gritou. O animal mostrou as presas e sumiu na' escuridão.

— Que foi, Maud? — quis saber Lucinda, ainda meio adormecida, tentando sentar-se na cama.

— Senhora! — balbuciou a criada, ajoelhando-se sobre os lençóis, ainda sem fôlego com o susto. — Um incubo me agarrou. Eu vi aquele rosto horrível perto do meu!

Lucinda procurou o isqueiro de pederneira para acender uma vela, na mesinha ao lado da cama, e sentiu um calafrio ao notar que não estava onde o colocara antes de dormir. Endireitou o corpo, completamente desperta.

Uma faísca brilhou na escuridão por um instante e uma débil chama amarelada se elevou, quase no centro do quarto. Maud gritou novamente.

— Quieta, Maud — ordenou Lucinda, a voz abafada pelo assombro e pela prudência. — É o senhor Gefjon!

Jaki colocou a vela acesa novamente sobre o criado-mudo e ajoelhou-se ao lado. Seu rosto parecia a sombra de um anjo, abatido pelo cansaço, os olhos brilhantes de preocupação, estreitos de tanto enfrentar o vento. Estava molhado e tinha uma aparência febril.

— Viajei muito para chegar aqui — declarou ele, em voz baixa. Uma batida soou na porta.

— Os gritos de Maud atraíram o guarda — murmurou Lucinda. Ela levantou as cobertas e Jaki subiu para a cama, chamando Wawa,

que obedeceu sem demora. Lucinda saiu e fechou bem as cortinas em volta do leito antes de ir até a porta, entreabrindo-a.

— Minha criada teve um pesadelo — disse ela ao corpulento imediato inglês. — Foi só isso.

O homem enfiou a cabeça no interior da cabina e abriu a porta para olhar na direção de Maud.

— Não há nada a temer, senhoras. — Passou os olhos pelo quarto e fixou-os em Maud. — Estou aqui para garantir que nada de ruim aconteça com vocês. Mas não posso fazer nada se insistem em manter a janela aberta, deixando entrar vento encanado.

O guarda penetrou na cabina, foi até a janela e fechou-a. Havia água no chão. Com dificuldade, o corpulento inglês abaixou-se, tocou um dos dedos na poça e provou-a.

— Água do mar... — estranhou ele. — Como é que veio parar aqui? Lucinda apenas olhou para o rosto do homem, sem saber exatamente o que dizer.

— Claro que é água do mar, seu tolo! — interveio Maud. — A senhora abaixou um trapo até o oceano para molhar minha testa. Por mim eu teria usado da nossa água de beber, mas achamos que você devia estar dormindo e preferimos nos virar sozinhas a ter de pedir alguma coisa aos holandeses.

— Mas agora temos um tratado com eles... — observou o imediato, voltando-se depois para Lucinda. — A senhora, que é filha de capitão, deve saber que somos aliados, não?

— Mesmo assim... — retrucou Lucinda. — Há apenas quatro anos eles massacraram nossos representantes comerciais em Amboina. Não esquecemos aquela selvageria, e quanto menos contato tivermos com os holandeses, melhor. Agora, se nos dá licença, gostaríamos de continuar a dormir.

— Pois não, senhoras — aquiesceu o imediato gordo, com um sorriso divertido no rosto. — E, se sua bela criada tiver sonhos maus outra vez, pode mandá-la bater em minha porta, que eu a acalmarei pessoalmente.

Assim que ele se foi, Lucinda fechou a porta e empurrou a penteadeira contra ela. Depois abriu o cortinado da cama. Jaki sorriu para Maud.

— Obrigado — sussurrou ele.

— Não fique convencido, pensando que menti por sua causa — disse ela, indignada. — Sirvo apenas à minha senhora.

— Lembro bem disso. Há duas noites você teria me deixado pendurado na ponta de uma corda ao lado do capitão para servir a sua senhora.

— Para poupar-me da ira de meu pai — disse Lucinda. — Cheguei a pensar que ela tinha razão. Agora saia da minha cama.

Jaki mandou Wawa se acomodar no alto do dossel. Depois tomou as mãos de Lucinda entre as suas.

— Como nos encontrou? — quis saber ela, removendo deliberadamente as mãos, embora os olhos estivessem arregalados de espanto.

— Vim num bote com dois companheiros pelos recifes. Agora eles estão cortando caminho mais perto da costa e devem encostar de novo em menos de uma hora. Temos pouco tempo para partir.

— Partir? Como partir? — Lucinda retrocedeu um passo.

— Voltei para buscar você, Lucinda. Quero que seja minha mulher e venha comigo para a Suíça, como combinamos.

— E o que aconteceu com Pym, seu capitão?

— Está morto. Como você disse — admitiu Jaki, baixando a cabeça.

— Já entendi... Você agora tem espaço para me encaixar em sua vida. — Lucinda riu e voltou-se para a criada. — Serei eu um brinquedo, Maud, para ser usada como e quando ele quiser?

— Não, minha senhora — respondeu Maud, sem olhar para a patroa.

— Pretende me levar à força? — Lucinda olhou para Jaki.

Na verdade ela esperava que sim, e ficou um pouco desapontada quando Jaki deixou cair os braços e sentou-se na cama.

— Viajei muito, e em condições difíceis, para encontrar você — disse ele por fim, em tom de urgência. Observou-a por um instante, estudando-lhe o rosto e encontrando ali um sinal de esperança. — Lucinda, jamais vou forçar você a fazer coisa alguma. Se vier comigo, não vai perder sua liberdade. Minha intenção não é retirar nada, mas apenas acrescentar.

O tom sincero da voz dele fez com que Lucinda se aproximasse.

— Não quer vir comigo, Lucinda? — Jaki

pousou a mão sobre a dela, que desta vez não recuou. — Trouxe os diamantes, suficientes para que a gente viva bem o resto dos dias. Venha comigo.

— O amor pode ser destruído pela dor. Se eu ficar, posso retornar à Europa sem riscos e casar com um cavalheiro. Se sair com você agora, no meio da noite, será que me deixará partir na próxima oportunidade de escolha que tivermos?

Jaki apoiou o rosto contra a mão dela, sentindo o perfume que lhe trazia lembranças perturbadoras.

— Quero você — declarou ele, levantando o olhar para encontrar o dela. — Queria antes mesmo de conhecer você. Só que o meu passado me manteve afastado. Agora o passado morreu. Se vier comigo, darei minha vida a você. Ninguém vai ficar entre nós outra vez.

— E para onde iríamos? Meu pai iria nos perseguir.

— Podíamos trocar de nome e mudar para a Suíça.

— Não. A Suíça não é longe o suficiente para um homem como meu pai.

— Será que importa para onde vamos? Você já me perdoou...

— Claro que eu perdôo você. Como poderia não perdoar? O homem que eu amo voltou por mim.

Uma onda de alegria tomou conta de Jaki, e teria beijado impudica-mente Lucinda, não fosse o olhar escandalizado de Maud.

— Senhora, se for com ele, seu pai vai matá-lo! — interferiu a criada, espantada com a própria ousadia.

— Primeiro ele precisa nos encontrar. Iremos para o Novo Mundo. Mesmo o capitão Quarles não conseguirá nos achar lá — declarou Jaki.

Maud atirou-se de joelhos perante a patroa.

— Luci, por favor... Diga que não está falando sério. Não pode ir com este homem. Ele é um pirata. Que tipo de vida vai ter com ele?

— Maud, você já me causou bastante aborrecimento. Não estaríamos aqui se não tivesse contado tudo a meu pai.

— Como eu podia ficar em silêncio quando ele estava batendo em você? — As mãos da criada agarravam o vestido de Lucinda. — Se você for, ele vai me matar.

— Então venha conosco.

— Fugir com a senhora... e esse pirata? Prefiro morrer.

— Deixe-a aqui, Lucinda. Não precisamos de ninguém atrasando nossa viagem.

— Meu pai é mesmo capaz de matá-la se a deixarmos aqui — explicou Lucinda, voltando-se para Jaki. — Além do mais, sou uma dama e preciso de uma boa criada. A família dela tem servido a minha há gerações... — Colocou a mão sobre a de Maud, que tremia. — Venha conosco em boa-fé, amiga. Preciso de você.

— Eu suplico, senhora, não me peça isso...

— Maud, prometo a você que viveremos tão bem quanto a bordo deste navio. Pode acreditar em mim. Depois, você não me deixa alternativa: se ficar aqui vai alertar os guardas, que irão atrás de nós.

— Não vou contar nada... — balbuciou Maud, meneando enfaticamente a cabeça.

— Acredito que não queira contar nada — continuou Lucinda, em tom paciente. — Mas nossos guardas conhecem meios de fazer você falar, mesmo que não queira. Precisa vir conosco. Não tem escolha, minha irmãzinha. Prepare suas coisas.

— Vou gritar — anunciou Maud.

Como num passe de mágica, uma faca surgiu nas mãos de Jaki. Num momento ele estava quieto e sentado, no outro apontava a

lâmina para a garganta da criada. Wawa teve um sobressalto, mas não guinchou.

— Jaki! — A mão de Luci segurou com firmeza o braço que empunhava a arma. Uma onda de frio percorreu sua espinha, e ela voltou-se para a criada. — Maud, vá pegar suas coisas.

Maud primeiro recuou de joelhos para longe da faca, depois levantou. Quando ela se virou, Jaki colocou a arma de volta à bainha sob a camisa, e piscou para Lucinda. Ela refletiu um pouco sobre a precisão e rapidez dos movimentos e achou que a piscadela fora mais para acalmá-la do que para insinuar que ele não teria matado Maud.

— Quando é que o seu bote vai nos encontrar?

— Daqui a pouco — respondeu o rapaz, encaminhando-se para a janela e procurando a proa escura da embarcação entre as vagas que refletiam a lua crescente.

Em seguida, enquanto Jaki emendava lençóis, próximo à janela, Lucinda reuniu seus vestidos favoritos e fez uma trouxa com eles. Depois reuniu as jóias, colocando-as numa caixa de cânfora: um broche de rubi em forma de salamandra, vários alfinetes para cabelos enfeitados com pérolas, um colar de esmeraldas,

brincos de topázios, safiras e jade branco, pulseiras de ouro feitas na Itália e alguns anéis de brilhante. Quando terminou, surpreendeu um olhar de Maud para a penteadeira encostada à porta e colocou o braço em seu ombro.

— Nem pense nisso, Maud. Ele mata você para me proteger. E, se ele não matar, meu pai mata, quando te encontrar. Venha conosco em paz. — Lucinda sorriu para a amiga. — Irmã, já passamos por muita coisa desde que éramos pequenas, e sabe que eu gosto muito de você. Quando alcançarmos o primeiro porto, posso mandá-la de volta à Inglaterra, se ainda estiver descontente. Com um bom dinheiro pelos seus serviços.

— Luci, tenho maus pressentimentos...

— Se eu ficar, sei o que vai acontecer comigo, Maud. Casarei às pressas com um cavalheiro respeitável de alguma influência na corte e passarei o resto dos meus dias enfiada num pequeno feudo, criando mais meninas e meninos que farão o mesmo algum dia. Depois de tudo o que já vimos nesse mundo, será que preciso me conformar com isso? Se fosse homem, ousaria dizer que comigo iria ser diferente, mas sou mulher e preciso obedecer a meu pai. Pois bem, não vou obedecer! Vou tomar o destino nas

mãos e construir um novo clã.

— Ele dificilmente parece o pilar de um novo clã, minha senhora

— comentou acidamente Maud, olhando de relance para Jaki.

— E por isso mesmo que preciso de você, Maud. Ele é matéria em bruto e precisamos lapidá-lo. Nossa tarefa é a de refiná-lo, e não é pequena, mas pelo menos vamos depender apenas de nós.

— O barco está chegando — avisou Jaki, olhando pela janela e vendo o bote aproximar-se a custo, subindo e descendo nas ondas. Não acompanharia durante muito tempo a caravela. — Precisamos partir já.

Lucinda deu uma olhada para fora, tentando localizar a embarcação, e colocou a mão sobre a de Jaki, procurando seu olhar.

— Antes que eu vá com você, criança, precisa me prometer uma coisa. — Ela fez um gesto, mostrando a amplidão da noite estrelada.

— Estou inteiramente ao seu dispor lá fora, Jaki. Precisa jurar que jamais me abandonará. Quando partirmos, será como marido e mulher.

— Como marido e mulher — repetiu ele com fervor, olhando emocionado para Lucinda. Sentiu a intensidade da ligação que havia entre eles.

Toda a sua vida anterior o tinha conduzido para aquele instante, e por algumas vezes chegara a duvidar que a Vida lhe permitisse chegar até ali. Mas o espírito que subira com ele às nuvens, e o carregara através das selvas e do mar, o depositava nesse momento supremo. Tudo isso Jaki quis dizer, mas leu nos olhos dela que Lucinda também sabia. Colocou-lhe o anel de âmbar no dedo, mas ela o retirou, segurando-o na palma da mão.

— Quando tivermos casado de verdade eu usarei este anel — disse, beijando-o rapidamente.

Jaki experimentou a resistência de sua corda improvisada, depois levantou o colchão que havia atado à ponta dos lençóis. Juntou a trouxa de vestidos, a caixa de jóias e a valise da criada num grande embrulho de tecidos que prendeu firmemente ao colchão e empurrou o conjunto todo pela janela.

A corda se esticou quando o colchão atingiu a superfície do mar e foi pouco a pouco se encharcando, rebocado pela vagarosa caravela.

— Você primeiro, Maud — instruiu Jaki, segurando-a pela mão. Ela pensou em resistir, mas a visão do rosto próximo e assustador do feiticeiro fez com que desistisse da idéia.

— Não tenha medo. Se cair não vai se machucar. Deslize de um nó para o outro. Agora vá, depressa! Sua patroa estará logo atrás de você.

Maud agarrou-se desajeitadamente à corda de lençóis e desceu como um saco produzindo o ruído de quem caísse na lama.

— Agora você — comandou Jaki, auxiliando Lucinda a passar pela janela.

Ela escorregou com mais facilidade e foi colocar-se ao lado oposto do colchão encharcado, para equilibrá-lo e evitar que afundasse.

Jaki agarrou nos dentes um odre de couro com água potável e mandou Wawa na frente. Depois atirou-se para baixo, cortando a corda improvisada assim que atingiu a superfície do oceano.

Livre da tensão que o rebocava e o mantinha à superfície, o colchão começou a afundar, girando no torvelinho lento e poderoso da esteira deixada pela caravela.

— Batam os pés! — ordenou Jaki, dando o exemplo.

As duas juntaram-se a ele no mar, segurando a borda do colchão e nadando com as pernas, até que estivessem fora da influência da esteira do navio.

— Feiticeiro! — a voz de Kota chegou até eles, vinda de um ponto não muito distante.

Maud soltou um grito ao ver que o colchão afundava lentamente.

— Feiticeiro! — A proa do bote apontou sobre a vaga seguinte e dirigiu-se a eles.

Wawa foi o primeiro a saltar no bote. Não gostava de ficar em contato com água salgada. Mang e Kota ajudaram as mulheres a subir a bordo, e Jaki passou-lhes o odre de couro, a caixa de cânfora e a valise de Maud, que mergulhou para apanhar. O colchão era uma mancha esbranquiçada sumindo na água escura.

— Meus vestidos! — gritou Lucinda, aproximando-se da borda apenas para divisar a trouxa que afundava amarrada ao colchão.

Jaki agarrou a borda do bote e subiu.

— Não faz mal. A água do mar já tinha estragado tudo mesmo. A gente compra outros novos — disse ele, afagando o rosto da amada.

Os homens se revezaram nos remos até o amanhecer, quando entraram nas ilhotas com a maré. Kota estava à popa, usando um remo como leme, e Mang encolhia-se na proa, completamente exausto. Maud ajoelhou-se no fundo do barco, os cabelos despenteados. Uma coluna fina de chuva prateada e translúcida

descia entre as ilhotas de coral, cercada pela luz alaranjada e acolhedora do sol prestes a nascer. A luminosidade filtrada pelo mangue de formas retorcidas era violeta, conferindo um tom irreal à aurora.

— Esta é a manhã mais bonita de toda a minha vida — disse Lucinda, respirando profundamente a brisa que vinha da terra.

Jaki envolveu-a nos braços, sentindo a plenitude de um homem que retornasse do reino dos mortos, e sorriu. A Vida tinha sido complacente em trazê-lo até aquele lugar. Dessa manhã em diante, o passado pertencia aos fantasmas. Agora estava ligado a esta mulher e ao mundo diferente que se escondia em cada amanhecer.

Por volta do meio-dia, já haviam encontrado uma pequena aldeia no mangue, e trocaram bijuterias da caixa de Lucinda por um barco maior, provido de uma vela tosca. Jaki deu um grande diamante a Kota e a Mang como tinha prometido, e disse-lhes que estavam livres para partir, se desejassem. Nenhum dos dois aceitou, pois o senso de sobrevivência do feiticeiro e os diamantes eram incentivo suficiente para que ambos ficassem. Juntos, puseram-se a reparar o barco para deixá-lo em perfeitas condições e

depois negociaram comida e água com os nativos.

Partiram no dia seguinte, com uma aurora esverdeada às costas.

— Para onde está nos levando? — quis saber Maud.

— Vamos subir o estreito de Málaca, navegando perto da costa — respondeu Jaki. — Em um mês mais ou menos, dependendo do tempo, chegaremos a Dagon, onde podemos trocar diamantes por um barco maior e arranjar uma tripulação. Dagon é um grande porto.

— Sabemos disso — retrucou Maud, indignada. — Já estivemos lá. Há um representante comercial da Inglaterra em Dagon. Mas não acredito que cheguemos. A esta altura, os guardas já sabem que fomos seqüestradas, e os holandeses vão dar prioridade a isso, voltando para avisar o capitão Quarles. O *Fúrias do Destino* vai apanhá-lo pelo pirata que é.

— O *Fúrias do Destino* não existe mais — disse Jaki, baixando a cabeça.

Maud virou-se rapidamente para examinar o rosto de Jaki, e Lucinda sentiu um peso no coração.

— Foi destruído no porto de Serangoon, há dois dias — completou Jaki.

— Não acredito em você — declarou a criada.

Lucinda buscou o olhar de Jaki para saber a verdade. Ele assentiu e tomou-lhe as mãos entre as suas.

— Meu pai está bem?

— Ele está vivo. Tanto quanto eu saiba, ninguém morreu.

— Como foi? — quis saber Lucinda.

Jaki contou a história da colisão dos dois navios no porto.

— Seu pai teve tempo de abandonar o navio — assegurou ele. — É muito pouco provável que tenha se ferido.

— Nesse caso o Bantam deve estar furioso — comentou Lucinda, aliviada em saber que o homem ao qual amava não era responsável pela morte de seu pai.

— O Bantam não pode culpar seu pai pelo que aconteceu. De qualquer forma, as notícias vão chegar a Dagon antes de nós. Quando desembarcarmos lá saberemos sobre seu pai.

— Você é um monstro! — explodiu Maud. — Como pode dizer que a ama e ao mesmo tempo atacar sua família?

— Não é bem assim, Maud — interferiu Luci. — Meu pai recebeu uma missão antes de

deixar a Inglaterra. Veio até aqui como um soldado para aumentar a influência da Coroa. Foi usado pelo Bantam para caçar piratas, e Jaki o enfrentou nos próprios termos. Quem perdeu mais? Meu pai, que ficou sem o navio, ou Jaki, que perdeu seu capitão?

— Menospreza seu pai, um representante do rei, e chama esse pirata de marido — retrucou Maud, fora de si. — Senhora, acho que perdeu o juízo. Está louca!

Lucinda não se conteve perante o desabafo da criada, e desferiu-lhe um tapa no rosto.

— Cuidado com a língua. Não esqueça sua posição!

— Sei muito bem minha posição! — Maud irrompeu em lágrimas. — Você é que parece ter esquecido a sua. Eu era a criada de uma dama. E continuo sendo uma criada!

Lucinda ficou olhando enquanto Maud se enrodilhava num canto, perto da popa, o corpo sacudido por soluços. A raiva passou e ela aconchegou-se a Jaki.

— Me abrace — pediu ela. — Estou com medo...

— Não se assuste. Nada mudou entre nós — garantiu ele, passando-lhe o braço em torno dos ombros. — Maud está nervosa porque se

sente sozinha.

— Ela não gosta de você. Pensa que fiz uma grande besteira casando com você, e duvido que vá reconhecê-lo como meu marido — disse Lucinda, com a cabeça ainda apoiada no ombro de Jaki.

— Mas o que interessa é que sou seu marido, não importa o que ela ou qualquer pessoa pense. Precisamos acreditar um no outro, para ter força juntos.

— Acredito em você — afirmou ela, apoiando a mão no peito dele. — Não importa o que tenha acontecido com meu pai, não o culpo por nada. Ele é um homem cruel, que vive pela lei da espada. Em meu coração, eu o deixei por você.

— Então formamos um só.

— Sei que acredita em mim, e ainda há uma coisa que precisamos fazer, Jaki. Quando chegarmos a Dagon, temos de organizar um casamento. Quero que isso ocorra na frente de Maud e de todos, inclusive do representante comercial inglês. Quero que meu pai fique sabendo, pois assim terá de aceitar como consumado o fato de que pertencemos um ao outro, mesmo que não concorde.

Jaki assentiu e abraçou-a com mais força,

sentindo-lhe a tensão. Com o canto dos olhos, percebeu que Maud continuava encolhida no canto, chorando de medo. Perguntou a si mesmo quando fora a última vez que sentira medo.

Pensou em todas as situações pelas quais passara recentemente, desde a aventura no mar com Shirazi, até a destruição dos navios e do porto, em Serangoon. Estranhamente não se lembrou de ter sentido medo uma única vez.

Porém, em Njurat, com Pym, sob a influência do *olho-forte*, fora diferente. Ficara simplesmente aterrorizado pelo dragão, ou a Mãe da Vida, como Jabalwan a chamara. Conhecera o mais puro terror quando enfrentara o olhar do monstro, e aquilo parecia tê-lo curado de todo o medo. Recordou-se da pavorosa nitidez de sua presença e escutou a voz do fantasma de Jabalwan: "Olhe para a Mãe. Ela é a beleza da Vida, a beleza terrível de todas as partidas".

Estreitou a companheira nos braços, finalmente compreendendo as palavras do mestre. Havia contemplado o vácuo que sustentava tudo. A mulher que apertava de encontro ao corpo já estava desaparecendo. O hálito se evolava, o calor se desprendia para juntar-se às nuvens. Cada instante se recriava e desaparecia para surgir de novo no instante

seguinte. A compreensão deixou-o de algum modo mais livre, e mais seguro.

De uma certa forma, também ficou triste, pois esse conhecimento jamais poderia ser passado para Lucinda, ou qualquer outra pessoa. A percepção só podia partir da Mãe, da beleza do mistério. Mas que pessoa, em sã consciência, buscaria uma beleza tão terrível? O medo continuaria protegendo o segredo.

A percepção da importância do legado de Jabalwan atingiu-o completamente. Somente um feiticeiro poderia buscar deliberadamente a dor e o medo que levavam até Wyvern, a Mãe da Vida e apenas ela, a primeira partida da criança, poderia transmitir a impressão de eterno nascimento, a essência da beleza aterradora que contemplara. E, então, era como se uma claridade e uma objetividade fora do comum libertassem o coração de todo o medo.

Agora Jaki sabia o que compartilhar com sua mulher. Lucinda tinha medo, e ele jamais o teria de novo, portanto precisava tomar a si o sentimento dela. Precisaria de toda a sua habilidade de feiticeiro para prender-se a ela de todas as maneiras no encantamento que envolvia tudo o que estava vivo. O casamento seria o primeiro ritual de cura, a primeira chance de

tomar a si um pouco do medo de Lucinda.

— Em Dagon faremos um casamento do qual toda a Ásia ouvirá falar — prometeu a ela em voz alta, e a si mesmo prometeu lembrar-se de que sua mulher, Maud, Kota e Mang sentiam medo, assim como o resto do mundo.

O vento varria o porto de Serangoon, obrigando os pescadores malaios a se abrigar sob as árvores com suas pirogas e os mercadores chineses a embarcar nas lorchas. William Quarles, ereto sob a chuva, tentava manter a dignidade na proa de uma sampana carregada com uma pilha de lixo. Na água parada flutuavam carcaças apodrecidas de cães e porcos mortos com a destruição dos navios, ao lado de restos fecais e bandagens sujas de sangue.

A balsa de lixo estava apinhada de soldados ingleses, que o furioso Bantam permitira que fossem levados a vinte quilômetros do porto, onde o lixo seria despejado. Ali um navio inglês os recolheria. Quarles contemplou pela última vez a carcaça enegrecida de seu navio contra o paredão de pedra, como os restos de um animal gigantesco. A fetidez de lixo que envolvia a todos combinava com o estado de espírito do capitão inglês, cujo ódio estava todo dirigido ao jovem pirata que esmagara seu navio com o *Luz Negra*.

Só a morte podia pagar esse crime. Só *a morte!*

— Jaki Gefjon — Quarles repetiu baixinho o nome que ouvira da boca da criada apavorada. Felicitou-se por ter tido o bom senso de enviar a filha para Jacarta, onde ela nada ficaria sabendo sobre o ocorrido até que ele fosse chamado pelo Almirantado. A essa altura já teria imaginado um plano para apanhar o pirata. — Vou encontrá-lo, Jaki Gefjon. E enforcá-lo como enforquei seu capitão.

Foi como se as palavras ditas em voz alta tivessem o poder de deixar sua humilhação nas águas sujas do porto, com os detritos que boiavam.

Sob uma plêiade de estrelas, o pequeno veleiro que levava Jaki e seus companheiros navegou para o norte ao longo do estreito de Málaca, depois pelo mar de Andaman. Jaki orientava-se pelos astros como Pym lhe havia ensinado, demonstrando habilidades de feiticeiro da noite que teriam causado inveja a Jabalwan. Durante o dia, descansavam em enseadas incrustadas na selva e escondidas das vistas de qualquer navio que passasse. Aproveitavam para comer, banhar-se, dormir, e às vezes comerciavam com nativos.

Em algumas oportunidades, quando saíam

dos esconderijos, ao crepúsculo, ou durante as longas viagens noturnas, cruzavam com barcos piratas, cujas tripulações compunham-se de homens de rostos ferozes, alguns usando colares feitos de orelhas e narizes humanos. A cada encontro, a visão de Wyvern tremulando no mastro infundia respeito e evitava qualquer tipo de aproximação. Não foram molestados nenhuma vez.

Durante a maior parte da viagem, no entanto, não viam ninguém, e os dois amantes tiveram oportunidade de conversar sobre o que fariam quando chegassem a Dagon. Decidiram vender alguns dos diamantes de Jaki para comprar roupas e passagens para o Novo Mundo, talvez a Guiana, ou Curaçau, ou qualquer uma das colônias holandesas. De todos os impérios, os holandeses eram os mais tolerantes, e Lucinda acreditava que poderiam conseguir terras, construir uma casa e criar as crianças livre das influências européias que tanto mal tinham feito a ela.

Maud conservou-se fechada em si mesma, zangada com a patroa por obrigá-la a suportar uma viagem daquelas e com medo de que Kota ou Mang a molestassem. Quando contraiu febre, recusou ajuda de quem quer que fosse e tentou

curar-se jejuando e banhando-se com água de eucalipto. Só aceitou auxílio quando ficou fraca demais para fazer qualquer coisa. Kota e Mang revezaram-se para abaná-la com folhas e abrandar-lhe a temperatura, Lucinda limpava o suor de sua fronte e Jaki preparou cataplasmas com algas e plantas colhidas na floresta para secar as pústulas que se espalhavam pelo seu corpo. Deitada ao lado de um rio, Maud tomou uma infusão escura de gosto horrível, que curou sua febre em questão de horas. Com a saúde recuperada, o ressentimento que sentia foi embora, e a criada arrependeu-se da raiva, envergonhando-se por ter se isolado. Voltou documente aos seus afazeres como criada de Lucinda, lavando-lhe as roupas e ajudando os outros a preparar a fogueira e a comida.

Assim que recuperou completamente as forças, Maud procurou o perdão da patroa. Quando as duas se banhavam num poço, mencionou o assunto:

— Esqueci meu lugar, senhora. Alimentei esperanças de chegar à Inglaterra e rever tia Timotha. Quando vim com a senhora, esse sonho foi por água abaixo... Me perdoa, senhora?

— Claro que sim, Ratinha! — disse Lucinda.
— Você é minha única amiga de verdade. Jamais

suportaria perder você... nem para a febre nem por um motivo bobo qualquer.

— Fiquei com muito medo quando fugimos da caravela, mas a verdade é que esta viagem não é tão terrível quanto eu supunha...

— O pior já passou. Jaki vai cuidar da gente até chegarmos a Dagon. De lá, se quiser, pode voltar para a Inglaterra, como prometi.

Maud observou uma borboleta de asas azuis, que passava entre elas, depois sacudiu negativamente a cabeça.

— Não quero me separar de você, Lucinda. Realmente esqueci quem eu era, e lembrei durante a febre. Agora, irei aonde você for. Seria muito bom se pudesse ser sempre assim. — Maud lançou um olhar em volta, abrangendo a cortina de vegetação suspensa sobre o poço onde se banhavam.

— É ao senhor Gefjon que devemos agradecer por tudo isso — lembrou Lucinda. — Embora você o considere um pirata, precisa admitir que ele tem feito todo o possível para nos acomodar da melhor forma.

— Ele não é, de fato, o homem com quem eu sempre pensei que você se casaria, mas é ousado e generoso. Cuidou muito bem de mim durante a febre. Tem bons sentimentos e é muito

bonito, Luci. Desculpe ter questionado seu bom senso ao escolhê-lo para marido.

— Queria também me desculpar por ter batido em você... — acrescentou Lucinda, olhando para a amiga, depois imergindo a cabeça na água límpida com o coração satisfeito. O cabelo flutuou, como uma grande flor de lótus prateada.

No dia do seu quadragésimo sétimo aniversário, exatamente uma semana depois da destruição do *Fúrias do Destino*, William Quarles chegava a Jacarta. O navio de carga que o recolhera e a sua tripulação da barcaça de lixo ao largo do porto de Serangoon era malcheiroso e tinha péssima manutenção, além disso não fora concebido para transportar passageiros, por isso os marinheiros tiveram de dormir no convés e aceitar meia ração. Ninguém havia se queixado, mas Quarles podia ver nos rostos irritados que seus homens o consideravam culpado pelo desconforto que eram obrigados a enfrentar. Em vez de ancorar com segurança à entrada da baía, ele havia ordenado que o *Fúrias do Destino* fosse amarrado aos mourões do paredão, para que tivesse a satisfação de enforcar Pym em solo inglês, com uma multidão para presenciar o ato. Poderia ter realizado tudo num cadafalso em

terra, ou no navio à entrada da baía, mas sua arrogância pusera tudo a perder, e os homens estavam ansiosos para vê-lo prestar contas perante o representante inglês em Jacarta.

Logo que chegaram ao porto, Quarles embarcou no primeiro escaler que foi para terra, a fim de chegar antes da tripulação e negar-lhes o prazer de vê-lo anunciar seu fracasso.

Embora o calor fosse causticante, o capitão usava o uniforme completo, incluindo a jaqueta de veludo vermelho e o chapéu emplumado de oficial. No porto não havia nenhuma comitiva a esperá-lo, embora as bandeiras do navio sinalizassem informações de importância. Quarles perguntou-se se algum navio mais rápido havia trazido as novas antes dele. Tinha conhecimento de que os sultões utilizavam pombos-correio para comunicar-se. Sentiu uma contração no estômago ao pensar que talvez se encontrasse em situação tão desfavorável que ninguém se importava com formalidades. Subiu as escadas de pedra do ancora-douro com a disposição de um condenado que subisse os degraus do cadafalso.

Havia muita atividade nas docas. Pequenas embarcações que recebiam a carga dos navios já se dirigiam através das águas espelhadas para o

cargueiro recém-chegado, enquanto estivadores javaneses aguardavam à sombra dos armazéns. Três caravelas holandesas flutuavam impávidas como catedrais presas aos mourões, ao lado dos guindastes imóveis, e Quarles reconheceu uma delas como a que transportara sua filha. Lucinda com certeza ainda estava muito magoada com ele, tanto pelo tapa que recebera quanto pela cilada armada contra o amante. Se aquele pirata miserável não tivesse escapado, seu maravilhoso navio ainda estaria navegando sob seu comando. A atitude da filha seria parecida com a do resto da tripulação, que agora o abandonava.

No edifício suntuoso que servia de sede para o escritório comercial inglês, o capitão penetrou no salão de recepção, onde vários oficiais da Marinha acomodavam-se em sofás de vime, sob um enorme ventilador que um idoso servo malaio fazia funcionar. A entrada de Quarles quebrou o marasmo e um murmúrio correu pelo aposento enquanto o capitão se dirigia para a escrivaninha do secretário. Ele não tinha amigos de escola nem parentes entre os oficiais, e nunca fizera o menor esforço para mostrar-se simpático a eles. No momento, simplesmente os ignorava.

Atendido pelo secretário, Quarles providenciava os arranjos necessários para alojar

sua tripulação sem navio, quando escutou o nome de sua filha entre os murmúrios dos oficiais. Olhou para o homem que havia mencionado o nome de Lucinda e dirigiu-se a ele.

— É da minha filha que está falando, senhor?

O homem que fora interpelado permaneceu sentado e arqueou uma sobrancelha, com ar de surpresa.

— Ora, capitão... então não sabe o que aconteceu com sua filha?

— O que quer dizer com isso? — Quarles deu dois passos na direção do oficial.

— Foi seqüestrada por piratas, homem! Não sabia?

Quarles sentiu um aperto no coração. Agarrou o sujeito pelo colarinho e ergueu-o da cadeira.

— Diga a verdade, seu miserável! Senão eu...

Vários gritos irromperam no aposento, e o irado Quarles foi seguro por trás e afastado do estupefato oficial.

O secretário levantou-se de sua escrivaninha e aproximou-se do capitão, fazendo gestos para que ele se acalmasse. Quando falou, seu tom de voz era confidencial.

— Sua filha e a criada não estavam na caravela holandesa quando atracou. O guarda que as acompanhava nega saber qualquer coisa sobre o desaparecimento, e olhe que foi interrogado pelo próprio adido comercial! — Vendo que o agitado capitão não se impressionava com aquilo, o secretário continuou em tom frio: — De qualquer forma, é melhor falar diretamente com ele do que provocar tumulto na recepção.

Com um sacudir de ombros, Quarles libertou-se dos homens que o seguravam, curvou-se de má vontade perante o secretário e deixou o aposento sem olhar para os lados. Percorreu quase correndo o caminho de cascalho que levava à residência do adido comercial inglês.

Abriu a porta de entrada sem bater, deixando estupefato o mordomo, que arregalou os olhos quando o irado capitão penetrou no escritório particular de seu patrão simplesmente empurrando as portas duplas.

O adido, um homem delicado e esbelto, possuidor de vastas suíças e olheiras profundas, não pareceu alterar-se muito com a tempestuosa aparição. Levantou a cabeça do documento que estava redigindo.

— Quarles. — Colocou de lado a pena e

indicou uma poltrona em frente. — Sente-se, por favor.

— O que aconteceu com minha filha? — perguntou o capitão, aproximando-se da escrivaninha e ignorando o convite.

— Sente-se, William. — O tom de comando era evidente agora, e Quarles acomodou-se onde lhe fora indicado. Só então o adido continuou: — Ninguém me avisou que o *Fúrias do Destino* estava no porto. Teria ido encontrá-lo com todo o cerimonial adequado.

O capitão fechou os olhos e abaixou a cabeça.

— O *Fúrias do Destino* não está no porto. — O calor parecia sufocá-lo em seu uniforme. Removeu um pacote empapado de suor do interior do gibão. — Meu navio foi destruído por piratas no porto de Serangoon. Aqui está meu relatório completo.

O adido comercial revirou os olhos e deixou-se cair no encosto da poltrona.

— O *Fúrias do Destino*, perdido? — Apoiou uma das mãos à frente, como se estivesse com dor de cabeça. Permaneceu imóvel por quase um minuto. — Que fatalidade... O Almirantado vai ficar profundamente desapontado ao saber desta grave perda. O rei anda bastante cético a respeito

dos investimentos realizados na Ásia, e isso pode muito bem ser um golpe fatal para o apoio financeiro à companhia.

— Lucinda é a única pessoa que me resta na família...

O adido pareceu voltar do profundo desespero em que havia mergulhado. Deu um suspiro resignado.

— Sim, sim, é claro... Lucinda... São tempos negros para todos nós. — Balançou a cabeça gravemente. — Mantive o guarda que acompanhava sua filha e a criada na prisão do porto, para que pudesse interrogá-lo. O homem diz que escutou ruídos estranhos na cabina durante a noite. Mas ao verificar, foi tranqüilizado pela própria Lucinda, que alegou um pesadelo da criada. Uma hora mais tarde, quando voltou para ver como estavam, não encontrou nenhuma das duas, e a janela da popa achava-se aberta, com uma corda de lençóis amarrada numa ponta e cortada à faca na outra. Isso aconteceu ao lado de Pulau-Pulau Riouw. É provável que elas tenham sido levadas por um barco pequeno. O mistério maior é saber de onde veio esse barco, e quem tem tanta ousadia para fazer isso.

— Sei quem foi — declarou Quarles, com

uma certeza que lhe dava calafrios. — Ela teve um amante. Um maldito pirata! O mesmo que destruiu meu navio.

— Mas como pode ser isso? — O adido arqueou uma das sobrancelhas. — Lucinda não embarcou antes da destruição do navio?

— Embarcou. Mas ele podia ter passado pelo mangue e pelas ilhotas do lado sul, com um barco a remo.

— Mas isso não seria possível, William. Nenhum barco pequeno conseguiria essa velocidade. Falei pessoalmente com o capitão da caravela, e com os oficiais holandeses. Todos me asseguraram que isso seria impossível, e não há nenhuma evidência para não acreditar neles. Se não tivessem encontrado uma corda presa à amurada, obviamente jogada pelo exterior, não acreditariam que alguém tivesse subido a bordo de uma caravela navegando a todo o pano.

— Esse não é um homem comum... — Havia dor na voz de Quarles ao lembrar o aviso que Pym lhe fizera antes de morrer, e que já lhe custara o navio. O adido lançou-lhe um olhar intrigado.

— Deve ser mesmo um homem extraordinário... Mas para onde podem ir? Já notifiquei todos os agentes da companhia pela

Ásia. Duas mulheres inglesas não podem aparecer em nenhum porto sem levantar suspeitas.

— Se é que vão aparecer em algum porto. — As narinas de Quarles se dilataram como se ele estivesse sentindo um cheiro desagradável.

— O pirata foi criado na floresta. Talvez resolva levar minha filha para o interior, na selva.

— Meu caro William — começou o adido, com um sorriso paternal.

— Se me permite a liberdade, devo dizer que conheço Lucinda, e por todos os atributos e virtudes que ela possui, não acredito que venha a abraçar a vida na selva. Acho mais fácil que esse jovem se curve à vontade dela. Pode acreditar em mim. Se os dois estão vivos, o mais provável é que se encontrem em Serangoon, onde você não é mais bem-vindo, e onde eles acreditam que não pode persegui-los.

— Pode ser... — admitiu Quarles, desanimado. — Como vai ter oportunidade de ler em meu relatório, parece que a simpatia do Bantam pelos ingleses terminou definitivamente. Só os poderes que abertamente apreciaram minha derrota têm acesso ao porto agora.

O adido comercial reclinou-se em seu

assento e pôs-se a brincar distraidamente com os fios mais longos das suíças.

— Você está esquecendo que todos os portos estão abertos para os membros da Igreja dos Dois Ladrões... Se não estou enganado, sua família já compartilhou nossa fé.

— Senhor! — disse Quarles, empertigando-se. — Sou leal apenas à Igreja da Inglaterra.

— É claro, é claro. Mas a Igreja dos Dois Ladrões tem um grande débito com seu finado tio Samuel, pelos nobres serviços que prestou à nossa causa. Esse benefício recai sobre você, meu caro William. Vou providenciar para que nossos contatos no Sião e em Cingapura mantenham os olhos abertos em relação à sua filha. Nesse meio tempo, temos esse assunto desagradável do *Fúrias do Destino* para resolver. — O adido pensou por alguns instantes, com os olhos fechados e um ar de profunda concentração, depois continuou: — O Almirantado vai exigir sua volta imediata à Inglaterra. Vou retardar o relatório por tanto tempo quanto puder, mas ambos sabemos que notícias desse porte acabam criando asas. Precisamos fazer com que parta o mais rápido possível, para que não receba as ordens do Almirantado. Acredito que a companhia não terá

nenhuma dificuldade em arranjar trabalho para um capitão com sua habilidade e envergadura moral.

Quarles permaneceu sentado, em silêncio, pensando nas implicações de sua cumplicidade com a Igreja dos Dois Ladrões. Embora a associação com os papistas não o agradasse nem um pouco, se quisesse encontrar Lucinda e o miserável que destruíra seu navio não tinha nenhuma outra alternativa no momento. Com esforço, respondeu numa voz estrangulada:

— Ficaria muito agradecido, senhor.

— Claro que ficaria. — Um sorriso aflorou por um breve momento no rosto magro do adido comercial. — A Igreja dos Dois Ladrões sempre cuida dos seus protegidos...

Dagon era uma cidade de sonho. Mesquitas, templos e pagodes erguiam suas torres acima da cidade arborizada, que possuía amplos passeios, lagos e pontes laqueadas de vermelho. Canais sombreados por amendoeiras de copa baixa e ampla cortavam as ruas, desembocando no mar. O sol se refletia em raios cegantes no Shwedagon, um pagode revestido de ouro puro que dominava a vista da cidade, e era o seu centro. Na encosta ao redor localizavam-se as casas dos mais abastados comerciantes, entre

jardins suspensos de vegetação que a distância lembravam os desenhos intrincados de uma tapeçaria. Na parte mais baixa, um verdadeiro labirinto de casas de argila espalhava-se até os moinhos de arroz no rio Irrawaddy, onde se erguia o porto, de aparência sólida.

Depois de navegarem por várias semanas pela costa selvagem, os viajantes apreciavam a esplendorosa visão de Dagon enquanto manobravam no rio. Assim que atracaram, Jaki, Lucinda e Maud alugaram um palanquim e seguiram pela estrada ao longo do rio em direção à cidade, deixando Kota e Mang para que vendessem o barco pelo que pudessem conseguir.

Desceram em frente ao Shwedagon. Depois de entrarem no riquíssimo pagode, falaram com um dos patriarcas, ao qual Jaki mostrou um diamante. O religioso pediu-lhes que aguardassem ali, foi para o interior do templo e retornou com um príncipe trajado ricamente com sedas e jóias, que depois de acertar os detalhes cedeu-lhes o uso de uma de suas residências em troca do diamante. Tratava-se de um palácio que não ficava longe do pagode de ouro, e o príncipe acompanhou-os pessoalmente até lá, dando as ordens necessárias aos criados e retirando-se em

seguida.

Os servos, vestidos com túnicas folgadas e turbantes, conduziram os viajantes pela escadaria de entrada para o interior da vasta residência. Painéis de mármore rosa adornavam os pilares largos e cenas pintadas em morim cobriam as paredes, representando passagens lendárias. O chão era coberto com lajes negras e polidas. Cada aposento era um arranjo único de tapetes ricamente trabalhados, mobília em madeira-de-lei e porcelana chinesa. Jaki maravilhava-se a cada passo, e logo lembrou de mandar um dos criados chamar Kota e Mang no porto.

Lucinda e Maud foram levadas pelas servas até um aposento inteiramente de mármore, com uma banheira que mais parecia uma piscina, provida de torneiras das quais jorrava água quente.

Depois de banhar-se em local semelhante, Jaki foi conduzido até um salão, onde um verdadeiro banquete o aguardava, numa mesa com incrustações de jade: potes fumegantes de arroz, *aubergines*, petiscos, pratos de *dhal*, lagostins aferventados, carnes ao caril, *chutneys* de frutas, coalhadas com açúcar e amêndoas, além de um bule vitrificado com chá fumegante.

O criado sorria sollicitamente ao lado de uma cadeira de ébano entalhado.

Jaki sentou-se, atirou uma fruta para Wawa e estava começando a servir-se quando irrompeu pelo aposento um homem de botas altas e chapéu emplumado, com as esporas e a espada retinindo. O mordomo aproximou-se dele e foi bruscamente empurrado para o lado.

— Onde está a senhorita Quarles? — perguntou o invasor, em inglês.

— Quem está querendo saber? — retrucou Jaki, levantando-se.

— Sou Robert Fletcher, adido comercial inglês em Burma — anunciou orgulhosamente o recém-chegado. — Fui informado de que a filha do capitão William Quarles chegou há pouco nesta casa, e vim imediatamente. Pela autoridade que me é concedida pela Coroa Britânica, exijo vê-la agora mesmo.

Jaki estudou por um momento o movimento do bigode e do cavanhaque, que acompanhavam os lábios finos, apertados, numa demonstração de impaciência.

— Estamos na Ásia, senhor Fletcher. Sua Coroa não significa nada aqui...

— E quem é você? — indagou o inglês, arqueando as sobrancelhas.

— É meu marido — respondeu Lucinda, entrando no aposento pela porta interna. Trajava um sári azul e tinha o cabelo prateado inteiramente caído sobre um dos ombros. Maud vinha logo atrás, com expressão preocupada.

— Minha senhora. — Fletcher curvou-se com deferência, tirando o chapéu ao abaixar-se. — Sou Robert Fletcher. Seu pai está muito preocupado com sua saúde e bem-estar. Todos os adidos na Ásia foram avisados de que estava em perigo.

— Senhor Fletcher, como pode ver perfeitamente, não corro perigo algum — afirmou Lucinda, colocando-se ao lado do marido. — Minha criada e eu agora somos membros da casa de Jaki Gefjon.

Ao ser mencionado, Jaki fez uma reverência exagerada para o inglês, que olhava ao redor, sem entender muito bem.

— Senhorita Quarles, sabe quem é este homem?

— Claro que sei! É meu marido.

— Seu marido? — repetiu Fletcher, chocado. — Meu Deus, mulher, este homem é um pirata! Como se não bastasse, é ainda o responsável pela perda do *Fúrias do Destino*. — Olhou para Jaki com expressão severa. — Não

sei as mentiras que ele contou para arrastá-la até aqui, mas certamente não é digno da senhorita. Não apenas é um pirata como também o filho bastardo de um mercador holandês, nascido de uma noite de prazeres pagãos. — Disse com arrogância a última frase e esperou algum tempo pela reação. Como o rapaz permanecesse impassível, resolveu mudar de tática: — Seu pai vai ficar muito desgostoso em saber desta situação.

— Então meu pai está bem?

— Bem? Dificilmente eu diria que ele está bem. Perdeu seu navio, o orgulho da frota asiática, caiu em desgraça total no porto de Cingapura, foi expulso de lá com toda a tripulação. Anos de diplomacia para colocar um pé na Malásia foram por água abaixo de uma só vez. No momento, sua única obsessão é encontrar você. Já desafiou uma ordem do rei para voltar à Inglaterra. Não vai descansar enquanto não arrancar sua única filha das mãos do maior inimigo.

— Senhor Fletcher, precisa dizer a meu pai imediatamente que não sou prisioneira. — Lucinda aproximou-se do visitante. — Simplesmente resolvi viver minha vida em vez de casar com o homem que ele indicasse.

— Mas, senhorita, antes de tudo ele é seu pai — retrucou o adido, chocado. — Está obrigada pela honra a amá-lo e obedecê-lo.

— Pode me chamar do que quiser, mas a verdade é que estou aqui por minha livre e espontânea vontade. Diga a ele que não lhe guardo rancor. Afinal é meu pai, e o amei muito como filha. Agora meu destino me leva para outro lugar, e dei minha vida a Jaki Gefjon de todo o coração.

— Acho que o melhor, senhorita... — disse Fletcher, aproximando-se como se fosse se despedir. Num gesto rápido, no entanto, agarrou a mão de Lucinda e prendeu-a contra o corpo com um braço, enquanto desembainhava a espada com o outro. — ...é você mesma dizer a ele.

O inglês agitou a ponta da lâmina para impedir que Maud se aproximasse. Os músculos de Jaki contraíram-se de uma forma quase imperceptível e subitamente relaxaram. A espada na mão de Fletcher ficou imóvel, depois caiu no chão.

Kota deu um passo para o lado, ainda com a ponta do *parang* encostado ao pescoço do inglês. Continuou pressionando até que o outro entendesse e largasse Lucinda. Mang entrou com

uma pistola pronta na mão e apanhou a espada do chão.

— Degolo? — perguntou Kota, com simplicidade.

— Não, ainda não. Ele precisa entregar um recado — respondeu Jaki.

— Não precisou muito tempo para cair no meu conceito, senhor Fletcher — observou Lucinda, com os olhos fuzilando. — Mesmo assim está convidado para o meu casamento formal. Daqui a uma semana, nos jardins desta casa. Espero que compareça, assim saberei que meu pai vai ouvir a narrativa completa da cerimônia.

— E deixe as armas e os soldados do lado de fora. Não quero ser obrigado a matar no dia do meu casamento.

Robert Fletcher apanhou sua espada com Mang, colocou o chapéu na cabeça e retirou-se. O mordomo curvou-se perante os patrões para desculpar-se, e foi brigar com os servos que estavam na porta.

— Então nosso casamento vai ser dentro de uma semana? — perguntou Jaki, puxando uma cadeira para Lucinda.

— Errei em não consultar você primeiro? — Com um gesto, ela convidou todos a se sentarem

à mesa.

Jaki balançou a cabeça, sorrindo.

— Eu prometi um casamento, não prometi?

— Ele espalhou uma generosa porção de molho de caril sobre um pão branco e redondo.

— Mas confesso que esperava fazer tudo mais rápido. Por que esperar uma semana? Precisamos arranjar um navio e sair ao mar. Não ouviu o que Fletcher disse? Seu pai está nos procurando.

— Eu sei, mas em uma semana há tempo apenas para que ele receba as notícias de Fletcher e envie uma resposta — justificou Lucinda.

— Além do mais, precisamos desses dias para organizar a viagem ao Novo Mundo. Depois de comer vamos visitar um conhecido de meu pai, que talvez possa se interessar por nossos planos...

Um jinriquixá levou Jaki e Lucinda por um caminho encravado na encosta ao lado do pagode de ouro. A visão das luxuosas casas coloniais entre jardins, pagodes e capelas aos poucos se descortinou aos olhos dos jovens à medida que se aproximavam da curva do rio. Em pouco tempo Lucinda fez um sinal para que o cule parasse em frente a uma construção com

intrincadas curvas nos beirais do telhado, e a bandeira holandesa hasteada no jardim. Pediram que o cule aguardasse e foram atendidos por um idoso criado burmês.

— Avise o secretário do adido que Lucinda Quarles, filha do capitão inglês William Quarles, está aqui em negócios urgentes. Diga-lhe por favor que é um assunto comercial.

A porta se fechou e logo em seguida se abriu. Os dois foram acolhidos pelo próprio adido da Holanda, um homem ruivo e rotundo, que ostentava um par de óculos na ponta do longo nariz. Lucinda o havia conhecido no ano anterior, durante a ratificação da aliança em Burma com os ingleses. Ele inclinou e beijou sua mão cerimoniosamente.

— O delicioso desafio que fez a seu pai agitou nossa vida monótona nesta cidade sonolenta — comentou ele com um sorriso. — Não pensei que chegassem até aqui. Como passaram pelos piratas ao longo da costa?

— Meu marido nos proporcionou uma viagem segura pela costa — informou Lucinda olhando para Jaki.

O adido da Holanda fez uma mesura para o rapaz e apresentou-se:

— Sou Jacob Boeck, a serviço da

Companhia das índias Orientais. Seu nome é holandês, pois não?

— Meu pai era um capitão da sua companhia... — começou Jaki.

— Um homem que apreciava os nativos, a julgar pelo seu rosto — interrompeu o adido em holandês, alargando o sorriso. Percebeu que Jaki não entendera, e Lucinda parecia aborrecida, por isso continuou em inglês. — Ele ainda está vivo?

— Não. Foi morto por piratas antes que eu nascesse.

O adido assentiu e introduziu os visitantes em seu espaçoso escritório, que ostentava painéis pintados em veludo e aquarelas em peças de seda. Depois que todos se acomodaram em poltronas acolchoadas, o adido voltou novamente sua atenção para Jaki.

— E você acabou se tornando pirata, como aqueles que mataram seu pai...

— Qualquer navio europeu armado navegando na Ásia é pirata, senhor — respondeu Jaki sombriamente, encarando o interlocutor.

Boeck inclinou-se para a frente ao ouvir tal opinião da boca de um rapaz.

— Fala impensadamente, senhor. Talvez durante os anos que viveu como pirata não tenha aprendido a distinguir entre navios de comércio

armados para proteger suas mercadorias e navios que saqueiam outros.

— Os poderes na Europa saqueiam uns aos outros — retrucou Jaki, ignorando a mão que Lucinda colocara sobre sua perna, num pedido mudo para que contivesse as palavras. — Holandeses, ingleses, portugueses, espanhóis... Não apenas matam e roubam entre si, mas a sua cobiça atinge os nativos de uma maneira muito mais contundente do que os piratas costeiros que estão há séculos nessas águas, antes de vocês chegarem. A mim parece que os verdadeiros piratas são os navios europeus com seus canhões.

Boeck cofiou as suíças e voltou a atenção para Lucinda Quarles. Observou que ela era uma mulher de rara beleza, cujo olhar denotava inteligência, uma combinação rara quando aliada à ousadia demonstrada com a fuga. Lembrou-se também de que era filha de um poderoso capitão da Marinha inglesa, com quem havia feito um tratado de cooperação dois anos antes. Se conseguisse devolvê-la a Quarles, poderia usar essa vantagem nas próximas negociações. Considerando esses motivos, Boeck resolveu refrear seus impulsos em relação ao insolente rapaz a sua frente.

— Senhor Gefjon, parece esquecer o papel desempenhado pelos governos. Os sultões e os chefes que encontramos aqui são os únicos com quem fazemos negócio, e eles não parecem nem um pouco relutantes em receber nosso ouro e nossos produtos em troca dos deles. E, quanto à disputa entre as nações da Europa, é uma rivalidade muito antiga.

— É, eu sei. Isso vem desde as presas e as garras na floresta — disse Jaki calmamente, ignorando a raiva no rosto do holandês. — O ser humano vem sendo predador do ser humano desde tempos muito antigos, como prova a Bíblia. A única coisa que diferencia os reis dos piratas é a quantidade de poder.

— Mas que opinião arcaica — comentou Boeck, voltando-se em seguida para Lucinda. — Meu criado me disse que vieram para discutir negócios...

— É verdade — assentiu ela, somente agora percebendo o quanto faltava de tato e diplomacia ao marido e desejando ter vindo sozinha. — Como deve estar ciente, não faço mais parte da casa de meu pai, tendo decidido casar com o homem que amo.

— Uma escolha nada tradicional, e que trouxe muito aborrecimento, se posso dar crédito

ao que se diz por aí.

— Felizmente estou aqui para desmentir o que se diz por aí — observou ela com um sorriso encantador. — Meu marido e eu não somos de fato muito tradicionais, e para evitar aborrecimentos a todos é que viemos aqui, procurando uma maneira legítima de nos estabelecermos no mundo.

— Uma aspiração justa, se me permite comentar. Mas como pretende isso desafiando seu pai, e todas as convenções?

— É precisamente por isso que estamos aqui, *mynheer* Boeck. Precisamos de sua colaboração.

— Minha? — estranhou o adido, preocupado. — Não vieram me pedir asilo, pois não?

— Claro que não. Meu pai iria pressioná-lo de todas as formas se ficássemos aqui. É fácil prever o que aconteceria. Em qualquer lugar da Ásia ou da Europa que fôssemos, ele iria nos perseguir. É por isso que precisamos de sua ajuda. Queremos ir para o Novo Mundo!

— E um passo ousado, minha senhora — opinou Boeck, arqueando a sobancelha e deixando transparecer sua surpresa.

— Essa é uma época de ousadias —

replicou Lucinda.

— Mas como posso ajudá-los?

— Pode nos ceder concessões nas colônias do Novo Mundo. Em troca, é claro, de bens de valor que podemos oferecer agora. Uma transação comum, que um adido realiza todos os dias.

— Pode ser, mas não iniciada por uma mulher que foge do pai — contrapôs Boeck, estreitando os olhos para esconder uma chama de interesse. — Que bens de valor tem para oferecer?

Jaki enfiou a mão na bolsa de couro e depositou uma mancheia de enormes diamantes em bruto sobre o tampo polido de ébano. Lentamente, e com um olhar cético, o adido apanhou uma das pedras para olhá-la de perto. Já vira muitos brilhantes e sabia avaliá-los, pois sempre examinava as jóias da família, na Holanda. Percebeu que apenas a gema que estava em sua mão compraria toda a propriedade rural de seus tios avarentos, os quais dominavam os negócios da família e o obrigavam a aceitar serviço no estrangeiro. Com muita relutância colocou-a com as outras, mirando com novo respeito aquele monte sobre a mesa. Suspirou.

— Sinto muito, mas não posso aceitar essas pedras em troca de concessões nas colônias — declarou por fim.

— Por que não? — quis saber Lucinda. — São pedras de primeira qualidade! Provavelmente as melhores que já viu.

— Sem dúvida, são diamantes notáveis — concedeu Boeck. — Mas se eu os aceitasse, seu pai os tiraria de mim. Ou pelo menos tentaria com todo empenho, porque o acordo que assinamos proíbe negócios com bens pirateados.

— Não são bens pirateados! — protestou Jaki. — São a herança do meu povo. São meus por nascimento.

— Senhor, não pode esquecer que é um pirata. Pense o que quiser a respeito de sua herança, ou dos poderes da Europa, continua sendo um pirata. Suas atividades em Serangoon demonstraram para toda a Ásia que é um homem perigoso. Nenhum governo pode negociar com o senhor, pois se o fizesse seria isolado pelos outros, aqueles a quem você chama de piratas.

Lucinda colocou novamente a mão sobre a perna de Jaki, que desta vez apenas bufou e se manteve em silêncio. Depois voltou-se para o adido com um sorriso.

— *Mynheer* Boeck, quem é que precisa

saber de onde vêm os diamantes? Nós com toda certeza não estaremos em posição de identificar coisa alguma, já que nos encontraremos no Novo Mundo. Com os contatos que possui, poderá encaminhar essas pedras ao lugar a que devem pertencer: a Holanda, onde se encontram os melhores lapida-dores de jóias da Europa.

— Minha senhora, sei que não é ingênua. Por que fala assim? Todos sabem que está aqui em Dagon com seu... marido. Em pouco tempo seu pai saberá, também. Ele tem boas fontes de informação, e eu não poderia esconder dele um negócio desse vulto. Essas pedras fatalmente reviveriam as hostilidades entre ingleses e holandeses, e esse prejuízo seria muito maior do que o lucro...

Lucinda afundou novamente na cadeira, desiludida com a atitude do adido holandês. Jaki tomou sua mão e preparou-se para levantar e abrir o próprio caminho até o Novo Mundo. O mesmo pensamento pareceu atingir a companheira, que se colocou de pé antes dele.

— Pensei que fosse mais hábil nos negócios, *mynheer* Boeck — declarou ela. — Mas não seremos intimidados em nossos esforços para atingir o Novo Mundo. Iremos com ou sem a sua ajuda. O senhor simplesmente perde uma

oportunidade...

Jaki ofereceu-lhe o braço, e os dois dirigiram-se altivamente para a porta.

— Por favor — chamou o adido, levantando-se. — Não posso aceitar os diamantes mas talvez possa ajudá-los.

— Como? — quis saber Jaki.

— Posso fornecer-lhes concessões em nossa colônia no Brasil, o suficiente para garantir uma grande quantidade de terras, mais do que o suficiente para um começo no Novo Mundo — disse Boeck, olhando para Lucinda. — Se puderem me oferecer outros bens de valor que não sejam provenientes de piratas.

— Se esses diamantes não são bons o suficiente... — Jaki fez menção de sair, mas foi retido pela mão de Lucinda.

— Que bens seriam esses? — indagou ela.

— Nenhum que possuam... ainda. — O adido fez sinal para que se sentassem, aguardando até que o tivessem feito para continuar. — Sou responsável por uma caravana que parte de Dagon em pouco tempo, viajando para o norte ao longo do Irrawaddy. Depois de negociar em Burma, a expedição segue para oeste, penetra na índia em direção às grandes capitais de Benares, Agra e Lahore. A viagem é

longa e árdua, mas em compensação apresenta possibilidade de grandes lucros. Geralmente nesses casos um agente da companhia acompanha a caravana, mas nessa temporada estou com falta de pessoal e ninguém do escritório quis correr os riscos da viagem, para trocar chaleiras e tecidos por gengibre e índigo. Acredito que você, a filha de um capitão de comércio, esteja familiarizada com as taxas européias e asiáticas para tais mercadorias, pois não?

— Um peso de cem libras em plantas de índigo valia cinco libras esterlinas quando deixamos Londres há três anos — disse Lucinda, orgulhosa. — A taxa corrente em Jacarta é aproximadamente um décimo, por volta de oito *shillings*. Um pote lacrado de cerâmica com gengibre fresco é mais valioso do que ouro na Europa, e em qualquer porto asiático pode ser comprado por três *pennies* a onça, quatro *shillings* a libra.

O sr. Boeck sorriu, evidentemente impressionado com o tino comercial de Lucinda.

— Pelo que vejo, sua presença iria me assegurar a ventura de possuir um representante inteligente e capaz de negociar. Em troca dos seus serviços, eu lhes daria concessões de

nossas terras no Brasil, bem como passagens de Surat, na costa ocidental da Índia, para o Novo Mundo. Dessa maneira poderei ajudá-los sem romper os termos do tratado que firmei com seu pai. E ele, por sua vez, não vai chegar a ameaçá-los no interior da selva.

Quando Jaki percebeu que Lucinda escutava interessada a proposta do adido, resolveu interromper.

— Só mesmo um tolo, ou uma pessoa ignorante da vida na selva, poderia aceitar essa sua oferta. Minha mulher e eu já sofremos o bastante para chegar até aqui. Não pretendo sujeitá-la outra vez a esse tipo de perigos.

— Senhor, não penso que a senhora seja ingênua, nem que esteja pensando em recusar tão precipitadamente minha proposta — respondeu Boeck, voltando-se depois para Lucinda. — Com seus diamantes, podemos assegurar que suas acomodações sejam muito confortáveis. O capataz e os tratadores de animais são muito competentes, e sua única tarefa será supervisionar o comércio nas cidades principais. Quando chegar em Surat, terá conquistado seu lugar no mundo e realizado um feito raro para um homem, quem diria para uma mulher. E tudo ao alcance da filha de William

Quarles. Vai pensar sobre o assunto?

— Sua proposta é perigosa — disse Lucinda, oferecendo a mão para a despedida. — Mas afinal, *mynheer* Boeck, quando desafiei as convenções, sabia que haveria dificuldades... Vamos considerar o assunto. Afinal, o que é a aventura senão a dignidade diante do perigo?

— Uma verdade poética — concordou o adido holandês, beijando a mão da visitante e chamando o servo com um pequeno sino de prata. — Espero que resolvam aceitar minha oferta, porque acredito que encontrarão menos perigo na selva do que no mar, onde os aliados de seu pai estão em toda a parte.

Depois que os visitantes partiram, Jacob Boeck sentou-se à escrivaninha e apanhou o manifesto da caravana na qual pretendia encaixar Lucinda. Pensativo, fez uma revisão na lista de nomes que levariam a carga de tecido fino de lã e chaleiras para o interior de Burma. Entre eles haveria alguém com atributos especiais para aproveitar aquela oportunidade única. Um homem traiçoeiro e habilidoso o suficiente para livrar-se do rapaz insolente e roubar os diamantes e leal o bastante para trazer os diamantes e Lucinda de volta a Dagon. Muitos poderiam matar, mas poucos teriam a sensatez

de colaborar com uma pessoa poderosa como ele. Acabariam roubando os diamantes e estuprando a mulher, assassinando-a em seguida. Um dos nomes lhe chamou a atenção: um sujeito que já havia trabalhado para a companhia e para os sultões, portanto já habituado a obedecer. Boeck tocou a sineta chamando o criado.

— Vá buscar Ganger Sint — disse, assim que ele apareceu.

— Lucinda, a selva é brutal — argumentava Jaki. — Lá nossos diamantes valerão menos do que cascalho.

Os dois estavam sentados num balcão da casa, que permitia uma boa visão da cidade de Dagon, e recebiam no rosto a brisa que vinha do no. Lucinda segurava-lhe a mão e a acariciava para acalmá-lo. O céu desse começo de noite estava brilhantemente colorido pelas nuvens vermelhas e pelas velas e lanternas acesas, principalmente no templo dourado.

— Ainda ontem estávamos no mar... — disse ela. — E a qualquer hora eu esperava que os homens de meu pai aparecessem no horizonte e caíssem sobre nós. A caravana não pode ser mais perigosa do que isso, e até bem menos, se usarmos os diamantes para nosso conforto.

— Eu não queria expor você a mais perigos

e necessidades — sussurrou ele. — A vida a bordo de um navio é algo a que você está acostumada, e além do mais seria muito menos cansativo.

— Mas onde arranjaríamos um navio capaz de fazer a travessia? Você mesmo viu as embarcações que estavam no porto. Todas eram inglesas ou holandesas. Nunca poderíamos comprar passagens nelas sem alertar meu pai.

— Não precisamos comprar passagem — disse Jaki, com uma súbita idéia.

— Como não?

— Eu e os homens podemos tomar um navio, depois navegaremos para as Maldivas através do golfo de Bengala. Pym me contou sobre as enseadas piratas. Com a bandeira de Wyvern podemos juntar a tripulação e as provisões necessárias para navegar ao longo da costa da África e atravessar o Atlântico para o Novo Mundo.

Lucinda mostrou-se incrédula.

— Mas vocês são só três! Não tem gente suficiente nem para tomar um grande navio, quanto mais para navegá-lo em alto-mar.

— Em dois dias nas docas eu consigo juntar uma tripulação — prometeu ele, excitado.

— Piratas! Não vim com você para viver

como pirata!

— Os espanhóis são piratas para os ingleses. Os ingleses são piratas para os holandeses. Os holandeses são piratas para os portugueses. Que importância tem isso, afinal? Tomamos um navio holandês, navegamos através do golfo de Bengala e o entregamos aos portugueses como presa de guerra. Seremos acolhidos como heróis, não como piratas, e poderemos usar nossos diamantes para comprar a passagem para o Novo Mundo.

— Não, Jaki. — Lucinda cruzou os braços, inflexível. — Deixei o mundo de meu pai para vir com você porque pensei que fosse realmente se preocupar. Não se preocupar com o poder, mas comigo e com os filhos que teremos juntos. Pretendo trabalhar duro com você para construir um lar, nem que seja nos confins do mundo... Mas não quero viver como pirata. — Ela estendeu a mão para tocar o rosto do companheiro. — Criança... Já esqueceu os dias e noites que passamos conversando sobre o que era realmente importante para nós?

O contato era suave e teve o poder de acalmar a agitação da longa viagem. A voz dela soava firme e segura, e o rosto tinha o formato exato dos desejos de Jaki emoldurado pelos

cabelos que a luz do horizonte colocava em chamas. Será que os dois corpos poderiam abrigar o mesmo desejo? Tudo o que tinha aprendido sobre a Vida com Mala, Jabalwan e Pym falava de violência. "A vida é secreta, mas o pouco que conhecemos é violento." Pensara que havia abandonado todo o medo em Njurat, mas agora compreendia que se enganara. Olhou para Lucinda, cuja face lembrava agora uma sombra, à luz que esmorecia. A sombra da partida que se repetia a cada instante. Percebeu nesse momento que o medo apenas caminhara para fora do seu coração e se alojara na mulher que amava. O medo voltava para ele na fragilidade do corpo, na aparência delicada dos braços e pernas, e nos olhos que lembravam espelhos de cristal. Ele tinha medo por ela.

— Lucinda, escute um pouco o que eu digo: não sou pirata, mas conheço os métodos deles. Quando estivermos em segurança, prometo a você...

Ela interrompeu o que o companheiro dizia pousando um dedo sobre seus lábios.

— Por favor, Jaki. Não adianta tentar me convencer. Lembra-se do que me contou sobre o costume em sua tribo? Quando um homem casa com uma mulher, vai morar com ela e sua

família. — Lucinda roçou os lábios no rosto de Jaki e suavizou a voz. — Agora casou comigo... Tem de viver sob o meu teto.

Jaki tomou-a no colo e levantou o rosto para o céu. Ela conhecia bem sua alma. Enquanto a envolvia com os braços, aconchegando aquele corpo frágil contra o peito, suspirou e sorriu com triste compreensão para o manto espesso da noite.

Agora que sua ama estava sozinha no mundo, sem nenhum criado que falasse inglês, Maud se desdobrava para dar conta sozinha dos intermináveis preparativos necessários para a realização da cerimônia de casamento. Ouvia os desejos de Lucinda quando as duas se banhavam em água de jasmim, durante as tardes quentes e abafadas.

Nos quatro dias que se seguiram, o pátio ao redor da casa encheu-se de pavilhões, tendas e lanternas, tudo instalado sob o comando de Maud, auxiliada por um intérprete. Ela conseguiu que o chefe dos monges oficiasse a cerimônia, depois perambulou pelos monastérios contratando dançarinos, cantores e sacerdotes dervixes.

No dia anterior ao casamento, Jaki encontrou um mascate cego no porto, que

comprava e vendia objetos roubados de navios mercantes pelos piratas. Com ele, Jaki achou uma tradução inglesa da Bíblia, encadernada em vaqueta marrom, que comprou e ofereceu a Lucinda como presente de matrimônio. Naquela noite, ele abriu o Livro e leu:

— "Assim como o noivo se regozija com a noiva, Deus se regozijará conosco."

Choveu no dia do casamento. Cortinas translúcidas de umidade se elevaram pela encosta, e a neblina se desprende do rio e suavizou tudo com sua luminosidade difusa. Maud não gostou e falou até em adiar a cerimônia, mas Lucinda e Jaki mostraram-se irredutíveis. Os monges asseguraram unanimemente que aquilo era um ótimo sinal, e para prová-lo foram dançar e cantar na chuva, com o rosto elevado em êxtase religioso, as gotas correndo pela cabeça raspada, ao som cavo dos tambores, alternado com o tilintar dos címbalos. Os convidados observavam curiosos das varandas, e como Lucinda havia previsto, toda a população européia da cidade estava presente. Robert Fletcher, assim como os outros adidos, havia comparecido acompanhado pela esposa, filhos e criados. Wawa passeava entre todos, brincando com as crianças e recebendo

guloseimas, que atapetavam as mesas levadas para dentro em função da chuva.

Lucinda usava um diáfano véu amarelo sob uma coroa de flores púrpura e um vestido branco de seda chinesa, com estampas prateadas representando nuvens e os vapores do vento, para homenagear as visões do marido. Em poucos minutos a chuva tornou o vestido brilhante e líquido, colando-o ao corpo. Jaki também estava encharcado, mas permanecia resolutamente em pé no altar, com a água escorrendo do chapéu que Lucinda havia insistido para que usasse.

O mordomo acompanhou a noiva, e Jaki abraçou-a enquanto o sacerdote entoava sutras e Maud chorava copiosamente. O anel que por tanto tempo acompanhara Jaki finalmente foi colocado no dedo de Lucinda. Os dois se olharam através da chuva, e Jaki viu seu destino com tanta nitidez quanto se estivesse realmente no topo de uma montanha, ao amanhecer de um dia muito claro. Deixava para trás as sombras da noite que percorrera, e doravante seu caminho seria sempre iluminado pelo sol que agora contemplava.

Lucinda reconheceu no olhar do marido toda a alegria que havia imaginado quando era

menina, sentindo que o sonho terminara, e em seu lugar ficava a chance de construir tudo o que agora parecia possível.

Beijaram-se, e a música irrompeu entre os monges enquanto Kota e Mang disparavam uma salva de tiros com as pistolas. Os dervixes recomeçaram sua dança na chuva, enquanto Jaki e Lucinda voltavam no meio deles para o interior da casa.

Na varanda, Robert Fletcher foi o primeiro a adiantar-se para cumprimentá-los, o rosto torcido num sorriso formal:

— O dia de hoje será um grande desgosto para seu pai, mas acredito que mesmo assim ele teria orgulho de sua coragem. Tomara que nunca se arrependa, senhora. Eu lhe ofereço a bênção tradicional inglesa: *Pão para viver, e pudim para sempre.*

— A única bênção que espero do senhor é que transmita a meu pai a alegria que presenciou hoje aqui — respondeu Lucinda, sorrindo friamente.

Como presente de casamento, Jacob Boeck entregou-lhes o manifesto da caravana e os papéis que garantiam salvo-conduto através de Burma e da Índia. Quando Lucinda aceitou, dizendo que estava pronta para a viagem, o

sorriso do holandês se alargou. Depois de beijar-lhe a mão, estalou um tapa de satisfação no ombro de Jaki.

— Como dizemos em Burma, olhe sempre para a frente, e os demônios não conseguirão pegá-lo.

Lucinda ficou contente em segurar o futuro nas mãos, e Jaki sentiu-se feliz em vê-la assim. Misturaram-se alegremente com os convidados, e a festa estendeu-se por toda a tarde, continuando noite adentro.

Os papéis do manifesto que Lucinda leu com cuidado estavam datados de maio, *ano da graça de 1627*. Nessa época do ano, os ventos quentes e úmidos já prenunciavam as monções, e Jaki, Lucinda e Jacob Boeck encontravam-se no ancoradouro, onde a caravana se reunira para partir. Wawa atormentava os porcos presos nos engradados que estavam sendo embarcados na balsa que realizaria a primeira parte da viagem.

A princípio, Lucinda recusara-se a usar botas, mas Jaki insistira tanto, aterrorizando-a com histórias de aranhas, lacraias e escorpiões, que ela acabara cedendo. Na cabeça usava um chapéu de palha com um laço verde que podia ser usado como véu, para proteção contra mosquitos. Uma saia cor de vinho e um casaco

preto completavam o traje, que era ao mesmo tempo bonito e prático para uma viagem na selva. Jaki a observava, orgulhoso, apoiado em sua zarabatana de mais de dois metros, tendo pendurada a tiracolo sua sacola de remédios com enfeites de osso. Achou que a esposa estava preparada tanto para visitar um califa quanto para negociar com um nativo.

Quatro grandes barcaças, a flutuar na água cor de canela do Irrawaddy, com a proa pintada com olhos para afastar o mau agouro, estavam unidas em fila por uma grossa corda, aguardando os viajantes. Os conveses estavam cheios de caixas, engradados, peregrinos, animais e uma tripulação nativa que segurava as cordas que se prendiam aos búfalos d'água que puxariam das margens o conjunto rio acima.

— De acordo com o combinado — dizia o adido, equilibrando os óculos na ponta do nariz —, seu nome aparece como representante e única responsável perante a Companhia pelas negociações em cada parada, de tal modo que ao final da viagem, em Surat, você é quem determinará os lucros ou as perdas. Tirando a possibilidade de incidentes naturais, essa viagem deverá ser bastante lucrativa. Confio muito em sua experiência diplomática para negociar. — O

holandês sorriu como um querubim. — Quanto ao dia-a-dia da jornada, não precisa se preocupar com nada, porque os nativos tomam conta de tudo e o capataz resolve todos os pormenores do transporte da carga. Ele já fez essa viagem outras vezes para a Companhia, e vai decidir sobre o andamento da marcha e os pontos de parada.

— Sujeito, é claro, à minha apreciação — observou Lucinda. — Se é que vou mesmo ser responsável por essa viagem.

Jaki observou o sorriso desaparecer lentamente do rosto do adido diante da irredutibilidade de Lucinda.

— É claro, é claro — concedeu ele afinal. — Mas seria interessante fazer o que ele sugerir, pois Sint conhece as estradas e os perigos. Pode confiar nele.

Boeck acenou na direção de um grupo de carregadores na lorchá que acomodaria os Gefjon durante a viagem, e um homem corpulento veio na direção deles. Usava um colete curto sem camisa, calças de marinheiro até os joelhos, sapatos apertados nos tornozelos, um brinco de ouro numa das orelhas e um chapéu achatado cobrindo parte dos cabelos loiros e oleosos. A face barbeada exibía inúmeras marcas de varíola

e os olhos eram pequenos e oblíquos, atribuindo-lhe um certo ar de maldade.

— Este é Ganger Sint — apresentou Boeck.

O capataz olhou para os jovens com as pálpebras semicerradas. Não se curvou nem estendeu a mão, e Lucinda voltou-se para Boeck. Jaki, no entanto, permaneceu apoiado em sua zarabatana, encarando Sint e observando os vestígios de incursões na selva em seu corpo: estrias de fungos e marcas de sanguessugas na perna, uma cicatriz no ante-braço com o formato típico das presas de uma grande serpente, além do amarelo crônico nos olhos, que indicava a incidência de muitas febres.

— Farei tudo para que a viagem seja confortável para vocês — declarou Ganger Sint, num inglês carregado de sotaque. — Estão prontos para subir a bordo? Devemos partir o mais cedo possível.

O adido holandês permaneceu no ancoradouro enquanto a lorchá carregada zarpava, e Ganger Sint gritava para que a caravana iniciasse sua marcha. Os búfalos esticaram as cordas, incitados pelos chicotes dos guias, e a longa fila de barcaças começou a mover-se corrente acima.

A parte inicial da viagem tinha sido

programada para que subissem o rio antes da chegada das monções, quando a enchente alargaria as margens e tornaria impossível o uso dos búfalos. Nesses primeiros dias, até que chegassem a Prome, havia muito pouco que Lucinda e Jaki pudessem fazer, a não ser sentar à proa da lorchá e observar as margens do Irrawaddy. O ar estava repleto de umidade e odores de algas e de animais selvagens, como os macacos, cujo alarido ouviam acima dos ruídos dos animais enjaulados nas barcaças. Em algumas oportunidades o vento virava, e eram envolvidos pelo mau cheiro dos animais presos, misturado ao odor adocicado do ópio que a tripulação e alguns peregrinos fumavam.

Jaki praticava sua leitura com a Bíblia que dera de presente à esposa, sentindo grande nostalgia ao rever as histórias que conhecera na infância. Lucinda examinava os mapas que Boeck fornecera juntamente com o manifesto, e consultava freqüentemente Ganger Sint sobre o progresso da caravana. Os búfalos estavam sendo muito forçados, e ela indagava se seria possível diminuir o ritmo para poupar os animais.

— Não, senhora — explicou o capataz. — Precisamos chegar a Prome antes da chuva forte,

senão afundamos e perdemos a carga.

— Mas no trecho que vem depois... — Lucinda apontava com o dedo o local mencionado no mapa. — Talvez possamos andar mais devagar aqui. O senhor Boeck deve ter programado apressadamente esse trecho. Quarenta e cinco quilômetros por dia parece muita coisa...

— Isto aqui é território dos Mon, senhora — disse Ganger Sint, tocando com o dedo grosso a região indicada. — Se demorarmos um dia a mais do que o necessário nessa área, correremos o risco de encontrar os nativos. Seria perigoso, porque as armas deles são mortíferas. As chuvas estarão caindo forte quando passarmos por lá, e isso vai mantê-los em casa enquanto atravessarmos o território.

— Mas será que os membros da caravana e os animais vão agüentar?

— Pode deixar isso comigo, senhora — garantiu Sim. — É só se preocupar com a estratégia de vendas para Prome. Teremos de nos desfazer das barcaças, e os compradores se mostrarão duros como rinocerontes porque sabem disso.

Assim que Ganger Sint se retirou, Jaki se aproximou.

— Por que não apanha um bote e vai até as barcas ouvir a opinião do pessoal? Só para saber o que eles dizem sobre os Mon e a jornada de quarenta e cinco quilômetros por dia...

— Não foi assim que meu pai me ensinou — respondeu Lucinda. — O comando fica enfraquecido quando os oficiais se misturam com a tripulação.

Jaki ficou alguns instantes em silêncio, considerando o que ela dissera, depois declarou:

— Pois eu não sou representante da Companhia. Vou até lá descobrir o que eles acham sobre isso tudo.

— Gostaria que não fosse. Esse é o trabalho do senhor Sint.

— Isso quer dizer que confia nele?

— Por que não confiaria?

— Ora, ele é um homem da Companhia — respondeu Jaki. — Além do mais, está aqui a mando de Boeck, e não para cuidar das pessoas.

— Só os piratas se regem pela maioria, Jaki. Nessa caravana não vamos fazer as coisas da maneira do capitão Pym. Pretendo manter a autoridade. Ganger Sint faz o serviço dele, e nós fazemos o nosso.

— O seu, você quer dizer. Eu não estou no comando por aqui, e Boeck ainda me considera

um pirata. Meu nome não está escrito nesses seus papéis, e o seu aparece com o sobrenome do seu pai. Só faço parte desta caravana porque você está aqui. Deixe que eu vá até onde estão os outros.

— Jaki... — começou Lucinda.

— Prometo que vou de chapéu — completou ele, na esperança de consolar a esposa, apanhando o chapéu de couro de corça do gancho onde estava pendurado.

A princípio protestara contra a insistência de Lucinda para que ele usasse o chapéu. Ela afirmava que, de cabeça descoberta, ele parecia um mendigo. Argumentava também que até mesmo camponeses cobriam de alguma forma a cabeça, ao que Jaki retrucava que os chapéus não passavam de símbolos sociais para designar a suposta supremacia de uns sobre os outros, e sua atitude não passava de um gesto de protesto contra os impérios. Ela o chamara de anarquista.

Mas Jaki sabia que ela não tinha visto os barracões nos pântanos de Bandjermasin, onde os trabalhadores eram recolhidos à noite em chiqueiros como se fossem animais, depois de ter trabalhado para os holandeses o dia inteiro. O pai não havia mostrado a ela as fileiras de negros acorrentados pelos portugueses, que

aguardavam sem nenhuma esperança no porto de Macau, nem ela tinha sido prisioneira dos Lanun, servindo de pasto aos apetites sexuais de homens com chapéus. Por tudo isso, quando ele afirmara que preferia a anarquia a ser subjugado por outros homens, ela o olhara com total incompreensão, e depois para o alto, mortificada por ter um marido com a cabeça tão vergonhosamente descoberta.

Jaki levou Wawa com ele no pequeno bote e os dois flutuaram corrente abaixo, da lorchá até a primeira barça, onde Kota e Mang tinham montado uma tenda para protegê-los do sol, bem como a suas mulheres recentes. Os dois estavam ricamente vestidos como mercadores, e Jaki lembrou-se do dia do casamento, quando os companheiros pela primeira vez usaram trajes semelhantes, graças às bolsas de ouro que haviam conseguido com os diamantes. Naquela oportunidade, estivera certo de que os dois seguiriam o próprio caminho, mas eles haviam se aproximado de um grupo de exportadores e com algumas frases trocaram o ouro por tecido, especiarias e ferramentas. Kota e Mang resolveram segui-lo onde quer que fosse, e agora estavam ali, acomodados como paxás.

— Quem diria! De piratas sem lei a

respeitáveis e gordos mercadores, hein? — provocou Jaki ao se aproximar.

Mesmo com as vestes em cetim e as plumas nos chapéus, os piratas não tinham perdido o ar perigoso. Toda a vida passada no convés do *Silenos* não pudera ser escondida pelas barbas bem aparadas. Conversaram enquanto Wawa arrancava tâmaras dos cachos que passavam próximos à margem, para grande divertimento das mulheres a bordo. Nenhum dos peregrinos tinha visto um gibão prateado, e logo uma pequena multidão se reunia em torno de Wawa, dando a Jaki a oportunidade de misturar-se a todos e conversar com eles. Formavam um grupo heterogêneo, composto de monges e freiras, soldados cujos mosquetes portugueses representavam tudo o que restara das causas e das tribos perdidas, mercadores de grãos, ladrões em disfarce de jogadores, prostitutas itinerantes e pastores que levavam os gordos animais para servir de alimento aos viajantes e para serem vendidos ao final.

Jaki dirigiu-se para a popa, onde ficavam os membros da caravana, composta de escravos, condenados e prisioneiros de guerra, que ajudavam a impulsionar com varejões a barcaça e retiravam os detritos flutuantes que se

depositavam entre as embarcações. Apanhou uma das varas que não estava sendo usada e pôs-se a trabalhar até suscitar a curiosidade dos outros. Explicou-lhes em malaio quem ele era, mas todos já sabiam. A destruição dos navios em Serangoon o havia tornado famoso entre os marinheiros nativos, e eles queriam saber por que não estava em sua luxuosa lorcha.

— Não somos como você — declarou um deles, apontando as roupas de Jaki.

— Somos diferentes de algumas maneiras — concordou Jaki, retirando da bolsa de remédios um pequeno casco de tartaruga que continha uma pasta de folhas e raízes e aplicando-a sobre a perna cheia de feridas do homem. — Mas somos iguais em outras. Ambos pertencemos a tribos, e eu só fico à vontade quando estou entre os que conhecem os costumes das tribos.

Muitos dias se passaram antes que os trabalhadores confiassem nele, porém cotidianamente Jaki vinha tratar as feridas na perna do homem, e logo espalhou-se a notícia de que o pirata de Serangoon era um curandeiro, e conhecia os costumes das tribos. Visitou todas as barcaças, sentando-se com os nativos e partilhando suas refeições de peixe e arroz. Ao

crepúsculo, quando os batelões paravam para o descanso noturno, ele participava das histórias que eram contadas. Uma das coisas que os homens mais apreciavam nele é que não temia Ganger Sint, que chegara a matar subordinados quando eles o enfrentavam, e era muito rápido com o chicote. Quando ele passava, um silêncio temeroso acometia os trabalhadores.

— Não é direito misturar-se desse jeito — dissera Sint a Jaki, quando ele estava ajudando a passar uma das barcaças por uma curva do rio coalhada de troncos flutuando.

— Eles são meus amigos — respondeu o pirata, sem levantar os olhos da água lamacenta.

— Não está direito deixar sua mulher sozinha por tanto tempo — acrescentou o capataz, aproximando-se.

Jaki largou o varejão, endireitou-se e encarou o olhar frio do outro.

— A criada da minha mulher está com ela para atender no que for preciso, e eu estou com ela todas as noites. Mas não acho que isso seja da sua conta.

— É que não gosto de ver outros homens fazendo o meu trabalho!

— Então empurre você mesmo — retrucou Jaki, oferecendo-lhe o varejão.

— Eu manejo os homens, e você fica fora do meu caminho — resmungou Sint, afastando o pedaço de madeira. — E guarde bem essa sua sacola de truques. Se essa gentinha percebe que está levando diamantes, um deles vai acabar cortando sua garganta.

Nessa tarde o vento mudou, e o ar quente parecia mais pesado do que nunca. Ao crepúsculo, Wawa acompanhava Jaki, que remava um pequeno bote da margem até a lorcha. Enquanto amarrava o cabo à popa da embarcação maior, um estalido seco ecoou, e o mastro veio abaixo na direção dele. Jaki se atirou sobre a borda um pouco antes de o bote espatifar-se em mil pedaços. Quando veio novamente à tona, viu Wawa que se debatia a pouca distância agarrado ao chapéu, e apanhou o gibão com uma das mãos enquanto segurava o casco da lorcha com a outra.

O rosto de Ganger Sint apareceu sobre a murada, olhando para o bote destruído de uma posição onde não podia enxergar Jaki e Wawa. Com uma vara longa provida de um gancho na ponta, apanhou a bolsa de remédios, que flutuava entre os estilhaços de madeira.

Jaki lançou-se na direção da bolsa e puxou o varejão das mãos do capataz, que apanhado de

surpresa quase largou a madeira. Enfrentaram-se por um instante, e Jaki chegou a pensar que o outro fosse empurrá-lo de volta para o fundo. Porém Sint puxou-o para perto da lorch, atirando logo depois uma corda. O gibão subiu primeiro, e Jaki seguiu logo atrás.

— Vento traiçoeiro — comentou Sint, com o chapéu caído sobre as costas e o cabelo arrepiado pelo vento. — Só está vivo por causa da Providência Divina!

Jaki arrancou a sacola de couro das mãos do capataz e passou por ele. Abaixou-se para examinar o convés no local onde estivera preso o mastro. As cravelhas de ferro que calçavam a base do mastro estavam soltas.

Lucinda e Maud vieram correndo. Jaki as tranqüilizou e levou-as para o interior da cabina. Maud encarregou-se de secar o gibão com uma toalha, enquanto o rapaz tirava as roupas molhadas.

— Sint tentou me matar. As cravelhas do mastro foram arrancadas — declarou ele a Lucinda.

— Como sabe que foi Sint quem fez isso? O vento andou mexendo o mastro o dia inteiro, e além do mais ninguém examinou o mastro desde que estamos a bordo.

— O vento não teria arrancado aquelas cravelhas — respondeu Jaki, meneando a cabeça.

Lucinda não disse nada, mas a incerteza transparecia em seu olhar.

— Por que Sint estava a bordo? — perguntou o rapaz. — Ele deveria estar nas barcaças, cuidando da tripulação.

— Acontece que você estava nas barcaças quando o vento chegou, e ele veio para reforçar as amarras.

— Ele veio foi para soltar aquelas cravelhas e me acertar depois, se eu escapasse.

— As cravelhas tendem a se soltar se não forem reapertadas — replicou Lucinda, aborrecida. — Está culpando Sint porque não cuidou bem da lorcha e isso quase custou sua vida.

— Acha isso mesmo? — As narinas de Jaki se dilataram. — Se ele veio a bordo da lorcha para ver se estava segura, então por que não viu as era velhas soltas?

— Estava ocupado enrolando as velas e fechando escotilhas. Mas, de qualquer maneira, isso não era responsabilidade dele. Era sua!

— Hoje de manhã ele me disse que tomasse cuidado com os diamantes na minha sacola —

respondeu Jaki, engolindo a raiva. — Eu nunca disse nada a respeito disso a ninguém. Como é que ele sabe?

— Provavelmente Boeck contou alguma coisa...

— É. Foi o que eu imaginei também. Ninguém mais sabia. — Jaki terminou de se enxugar. — Se eu tivesse morrido esta noite, esses diamantes já estariam a caminho de Dagon no bolso de Ganger Sint. E ele teria levado você também.

— Por que está dizendo estas coisas? — As bochechas de Lucinda estavam vermelhas de raiva. — Sou a responsável por esta caravana, e tenho os papéis de Boeck para provar isso. Ele não se transformaria num renegado!

— Pois fique sabendo que, se eu estivesse fora do caminho, Boeck não hesitaria um segundo para apoderar-se de você e tirar proveito disso nas negociações com seu pai.

— Desta vez você está errado, Jaki Gefjon! Imagina que todos os homens são piratas porque é só isso que conhece. Boeck é um representante do seu império, e um cavalheiro. Tenho sua palavra por escrito!

— Você é mulher, Lucinda. A palavra que empenhou com você não vale nada para ele.

— Está falando como uma criança agora.

— Então é o que sou. Mas não pretendo tornar-me uma presa fácil para Ganger Sint. Pelo menos não de novo.

— O que vai fazer?

Jaki abriu a bolsa e contou onze diamantes.

— Amanhã todos vão saber que tenho esses diamantes. Vão saber que são meus, e o que significam para mim.

— Mas por que fazer um espetáculo de si mesmo para esses primitivos?

— Exatamente porque não são apenas primitivos. São pessoas como eu e você. Uma vez que todos saibam sobre as pedras, elas não poderão ser roubadas sem despertar suspeitas.

Jaki reuniu seus estranhos objetos e recolocou-os no interior da bolsa. Sem olhar para Lucinda vestiu a calça, apanhou a bolsa e uma camisa, o chapéu molhado e dirigiu-se para a porta onde a zarabatana estava pendurada desde que chegaram.

— Aonde vai? — perguntou Lucinda.

Sem responder, ele apanhou a zarabatana e saiu.

Andou zangado pela chuva até o convés de popa, verificou que a âncora estava segura e procurou por Ganger Sint. Não havia ninguém no

convés, e ele se abaixou para verificar novamente o encaixe do mastro. Não seria de todo impossível que o vento o tivesse derrubado, mas não achava nem um pouco provável que isso tivesse acontecido. Levantou o alçapão e desceu para os porões.

Todas as escotilhas estavam abertas, e o ar parecia pesado com a umidade, numa mistura de odores almiscarados, principalmente o cheiro do homem, como nas Cabanas Grandes. Aquilo lhe despertou um desejo intenso de estar novamente na selva e sentir-lhe os aromas frescos, de uma vida que no momento parecia muito distante.

A tripulação acotovelava-se em volta de um antigo fogão de ferro, onde borbulhava um pote negro com cozido de macaco. Ganger Sint estava numa rede, as mãos atrás da cabeça e as botas no chão a seus pés. A tripulação e o capataz observaram enquanto Jaki avançava até a parte imediatamente abaixo de onde estava o mastro, para examinar a braçadeira. Esticou a zarabatana e cutucou a madeira acima, produzindo um rangido ao balançar a peça usada e gasta.

Jaki fitou Ganger Sint, que observava com as pálpebras semicerradas, e considerou a possibilidade de estar errado em seu julgamento

sobre o homem. Sua pergunta foi logo respondida pelo brilho hostil nos olhos do capataz, a não ser que isso também fosse ilusão. Passou por ele e caminhou por um corredor estreito para a cabina de proa onde ficavam as provisões.

Maud estava lá com Wawa. Depois de enxugá-lo com um pedaço de lona, alimentava-o com ameixas e leite de coco.

— Você está bem? — perguntou ela. — Wawa ainda está assustado.

— Wawa está sempre mais feliz na selva. Viu os apetrechos de costura por aí?

Maud apanhou uma mala de couro entre outras caixas e pilhas de lona dobrada e passou-a a Jaki, que se acomodou sentado sobre um rolo de corda. Apanhou um carretel de fio preto encerado, uma agulha larga, e com extremo cuidado começou a coser as lágrimas da montanha nos lugares dos botões de seu gibão.

Maud deixou-o lá com Wawa e voltou para a cabina onde Lucinda chorava com o rosto no travesseiro.

— Por que ele sempre faz as coisas do jeito dele? — queixava-se ela. — Por que casou comigo se não quer ficar a meu lado?

— Ele é um pouco selvagem, só isso — disse

Maud, enxugando as lágrimas do rosto da amiga.

— Mas antes ele era tão razoável... Por que agora insiste em se misturar com essa tripulação malcheirosa?

— Vamos dormir agora — aconselhou Maud. — Jaki não deve demorar. Ele é um homem criado na terra, um pouco parecido com minha tia Timotha, que ainda fabrica bonecos de palha para atrair bons fluidos para a colheita. Eles têm a própria sabedoria, que a nós parece tola. Agora Jaki é seu marido. E ama você, mas da maneira dele. É preciso que confie nele.

Maud apagou a lâmpada. No escuro gotejante o futuro parecia subitamente estranho a Lucinda.

— Nós vamos conseguir chegar ao Novo Mundo, Maud. E, quando chegarmos, Jaki será um homem de graça e autoridade, e não mais um selvagem!

— Claro — concordou Maud, duvidando que isso realmente acontecesse. — O inglês dele está melhorando, e já vai a todos os lugares com chapéu.

No dia seguinte, Jaki apareceu no convés com seu gibão negro provido de quatro grandes diamantes como botões, e mais sete costurados na aba do chapéu. Os homens da tripulação

ficaram simplesmente pasmos perante a visão de pedras em bruto daquele tamanho. Ganger Sint colocou as mãos na cintura e cerrou os dentes ao deparar com ele exibindo as gemas que já considerava suas. Boeck havia falado com ele sobre as jóias, afirmando que possuía arquivada uma descrição de cada uma delas, mas Sint não acreditava nisso, pois o adido não dissera o número exato de pedras. Já tinha elaborado um plano para voltar à Europa com elas e vendê-las ao maior preço possível fora da Companhia. Agora que todos já tinham visto os diamantes, um acidente com Jaki não seria convincente.

Precisava assassiná-lo fora das vistas dos outros, no trecho da selva depois de Prome, onde podia alegar que as pedras haviam se perdido com o corpo. Isso representava um esforço muito maior, mas mesmo assim o satisfaria. Teria muito prazer em matar com as próprias mãos o arrogante pirata.

Prome estava a dois dias de marcha, e resolveram rebocar a lancha atrás da última barcaça, em vez de consertar o mastro. Jaki visitou cada um dos batelões, contando a história das lágrimas da montanha a quem quisesse ouvir. Mang e Kota, impressionados com a atitude corajosa, acompanharam-no e acabaram

conhecidos como os piratas de Serangoon.

Lucinda desapontava-se cada vez mais com Jaki. Nada parecia se ajustar ao que ela sentia no momento. Não era raiva nem arrependimento. Amava-o por sua ousadia, e ao mesmo tempo temia por seu comportamento infantil. Desejava seu abraço, mas não conseguia abandonar os próprios ideais para aceitá-lo como era.

Na noite anterior à chegada em Prome, Jaki retornou à cabina. Sem Lucinda, sentia-se como uma criança sem pais. Havia dormido sozinho por dois dias no compartimento de provisões, e aproveitara a escuridão e a solidão para repassar sua vida com ela e lembrar o que ela representava em sua vida. Será que era apenas a beleza que o atraía? Mesmo que fosse só isso, era o bastante. A beleza dela lembrava a sensação de olhar a vista do alto dos platôs de Bornéu, e distinguir cascatas e vales entre o verde aveludado da floresta, abaixo do longínquo azul-cobalto do mar iluminado pelo sol da tarde. Mas penetrar nessa beleza, assim como percorrer os caminhos que penetravam na vista, era um trabalho árduo. Resolveu retomar esse trabalho, e voltou para a cabina com ar de ladrão que viesse devolver o produto do roubo.

Lucinda estava examinando o manifesto à

luz amarelada do lampião, procurando traçar uma estratégia para as negociações do dia seguinte, no mercado de Prome. Maud estava sentada a seu lado costurando, e quando viu Jaki entrar pediu licença e levantou-se.

— Vim para me desculpar... — começou ele.

— Desculpas por quê? — quis saber Lucinda, endireitando-se. Jaki fechou a porta atrás dele e tirou o chapéu. Os diamantes faiscaram com um brilho líquido ao refletir a chama amarelada.

— Por isto.

— Os diamantes são seus. Deve usá-los como achar melhor.

— Desafiei você e segui meus instintos.

— Talvez não fosse uma coisa tão ruim afinal... — disse ela, levantando-se.

— Tudo o que nos separa é ruim — declarou Jaki com dificuldade.

Lucinda reconheceu o esforço que ele fez para dizer aquilo, e foi tomada por uma onda de simpatia e amor. Aproximou-se dele, e foi acolhida em seus braços.

— Fique comigo, criança — pediu ela, a cabeça apoiada no peito do marido. — Não consigo paz longe de você. Fique comigo...

Ele apertou-a nos braços, com vontade de

prometer que ficaria para sempre. Mas o medo contido na palavra *sempre* impediu que falasse, e sentiu como se o coração fosse uma fruta madura, querendo arrebentar.

Enquanto observava a chuva caindo em cascata sobre o mar, William Quarles acreditava que sua filha estava morta. Nos dias em que permanecia no tombadilho de seu navio vendo o sol poente a iluminar as profundezas verdes da selva sobre as ilhas, convencia-se de que aquele frangote pirata a levava para o interior da floresta, onde ela vivia como uma rainha paga.

Na verdade, não lamentava sua ausência mais do que havia lamentado a da esposa, que morrera de peste em seus braços. Gastara as queixas todas na infância, trabalhando nos estaleiros, e agora só restava revolta dentro dele. Mas como alguém podia desafiar a peste que se esconde em todos os lugares, ou os piratas criados na selva? Embora grandes avanços estivessem acontecendo no combate à peste na Europa, e mesmo que os mares da Ásia ficassem livres de piratas, a selva permaneceria selvagem. Algum dia, no entanto, depois que ele tivesse morrido, a floresta seria domada pelo império, e os piratas seriam extintos. A esse objetivo devotava toda a sua vida.

Durante os primeiros meses após a perda de Lucinda, Quarles capitaneava barcos que levavam escravos de Surabaja até as colônias agrárias inglesas e holandesas nas ilhas das Especiarias. Os nativos nas Molucas tinham sido dizimados por doenças européias, ou recusavam-se terminantemente a realizar o trabalho escravo, portanto a mão-de-obra tinha de ser importada da África, onde a escravatura era uma prática de vários séculos entre as tribos. O espírito rude e exigente de Quarles adaptava-se bem a esse tipo de tarefa, e ele procurava corresponder de todas as maneiras à confiança da Companhia.

Quando tinham muita chuva, ou nos dias em que avistava a selva por muito tempo, Quarles era perturbado pela lembrança de Lucinda. Nessas ocasiões sentava-se sozinho em sua cabina e apanhava na escrivaninha a capa encadernada em couro da Bíblia de Jaki Gefjon que tomara de Pym. Era seu único contato com o inimigo, e jurava ao Deus verdadeiro que haveria de vingar-se, assim que o miserável caísse em suas mãos.

Depois da terceira viagem, na volta a Surabaja, um envelope pardo aguardava por ele no escritório da Companhia, lacrado com o selo do adido comercial em Jacarta. No interior

encontravam-se dois papéis: o primeiro o informava do paradeiro de sua filha, que havia sido vista junto com sua criada e o pirata por Robert Fletcher, em Dagon; o segundo era uma ordem do Almirantado, para que retornasse imediatamente à Inglaterra para prestar declarações sobre a perda do *Fúrias do Destino*.

Prome era uma aldeia à beira do rio, com os telhados de sapé irrompendo a abundante vegetação tropical, coberta por uma cortina de chuva. Tudo assumia um tom enevoadado a distância, a fumaça das chaminés misturando-se aos vapores da floresta. Nos dois lados do rio erguiam-se penhascos cobertos pela mata, com cipós e lianas floridas pendendo das alturas, lembrando enormes minaretes. O paredão rochoso que se estendia para o leste estava pontilhado de cachoeiras, ao passo que ao lado oeste via-se incrustada a vila cheia de lixo nas ruas, atrás de uma tosca paliçada.

Jaki sentiu um arrepio ao contemplar aquele enorme portal cercado pela neblina, que chegava a cobrir a superfície do rio. Era como se estivesse diante da fronteira definitiva entre o passado e o futuro. "A luz da selva é mais mortal do que a escuridão", a voz de Jabalwan repetiu, vinda de algum ponto da memória. Jaki agarrou

com mais força sua zarabatana.

Lucinda percebeu a apreensão nos músculos tensos do maxilar de Jaki, e sentiu um momento de dúvida sobre a vinda deles na caravana.

A profecia do feiticeiro dizia que o futuro estava além da selva, e ela mesma sabia que Jaki estava muito mais à vontade no mar. Só que o destino preferira que passassem primeiro pela selva. Prometeu a si mesma que seria mais tolerante com as maneiras primitivas do marido. O reino culto da índia seria um lugar mais apropriado para refinar as maneiras dele; por hora tentaria mantê-lo junto a si, e tão afastado dos problemas quanto possível.

Gritos de boas-vindas interromperam os devaneios de Lucinda. Habitantes trajando sarongues e turbantes coloridos apinhavam as margens do rio Irrawaddy, e acenavam folhas em saudação enquanto as barcaças contornavam os bancos de areia e encalhavam suavemente. Os aldeões, que haviam sido prevenidos vários dias antes, logo colocaram rampas para que os viajantes desembarcassem.

Ganger Sint foi o primeiro a penetrar na aldeia, liderando os homens até uma tenda festiva, montada no centro das ruínas de um

antigo templo. Lucinda e todos os que estavam na lancha foram saudados ao final da tábua larga por um homem de pele escura como a lama do rio, cuja barba era encimada por um olhar que parecia em constante estado de alerta. Ao avistar os diamantes de Jaki, os olhos se arregalaram e ele executou uma curvatura exagerada, dizendo algo em holandês. Jaki deu um passo atrás, sacudindo negativamente a cabeça e apontando Lucinda, que lhe falou em holandês e entregou-lhe a carta que Boeck havia preparado. O homem estudou atentamente a carta por alguns minutos, depois curvou-se com maior extravagância do que da primeira vez, dando a entender que era ele o responsável pelo abastecimento das caravanas que seguiam para o norte por terra. O mercador colocou ambas as mãos no peito e pronunciou o próprio nome:

- Prah.

Levantou o rosto provido de suíças em direção aos aldeões que aguardavam nas margens e fez um sinal. Assim que sua mão se moveu, a multidão avançou pela água rasa e começou a descarregar os volumes e engradados das barcas.

Prah levou-os através da vila, que se constituía em um semicírculo de cabanas

construídas sobre palafitas, as ruas apinhadas com crianças, porcos e cachorros, que despertaram em Jaki recordações das muitas aldeias na selva que já visitara. Só que agora as pessoas não se juntavam para saudá-lo, ou qualquer um da expedição, mas sim a carga, que levavam com a reverência devida a urnas sagradas.

Objetos europeus eram vistos por todo o lado. Peças de linho coloridas enfeitavam as árvores, e praticamente todos os casebres tinham painéis de ferro e espelhos pendurados nas janelas. As moças favoreciam com sorrisos a tripulação da caravana. Os velhos e os muito jovens que não estavam nas barcaças olhavam cheios de cobiça para a carga. Havia um certo vazio no rosto deles que provocou uma profunda angústia em Jaki. Era esse o futuro das pequenas vilas: um chefe mercador, suas mulheres oferecidas de graça aos estrangeiros e a reverência cada vez maior pelos objetos. Jaki ficou contente quando Lucinda tomou sua mão.

Entraram na cabana de Prah, uma das maiores, com uma cortina de contas à entrada e as janelas guarnecidas de um leve tecido azulado. O interior estava acarpetado com pele de antílope, e todos removeram os calçados. O

incenso fumegava em tripodes chinesas esculpidas em formato de cabeça de dragão, e um relógio de pêndulo suíço estava pendurado sobre uma cômoda holandesa. Um vaso persa fora colocado próximo a um tabuleiro de xadrez laqueado, com peças esculpidas em jade verde e branco, não muito distante dos almofadões que Prah indicou para que se acomodassem. Bateu palmas, e uma criada entrou trazendo xícaras de porcelana e um bule de cerâmica japonesa com chá fumegante.

Enquanto degustavam a infusão verde, discutiam a conversão da caravana para prosseguir por via terrestre, usando tabletes de argila para desenhar o que estavam comerciando. O progresso das negociações era lento, não tanto por culpa da linguagem, mas pela obstinação de Prah em conseguir o máximo de lucro possível. Por outro lado, Lucinda estava determinada a levar sua caravana pelas florestas de Burma até o passo de Manipur para a Índia com o mínimo de perda possível, e não queria começar deixando que um ávido mercador da primeira aldeia levasse vantagem.

Ela relanceou os olhos pela profusão de objetos na cabana, até pousá-los no tabuleiro de xadrez, quando uma idéia lhe veio à mente.

Apontou as peças de jade e fez um gesto de quem começa a jogar. Prah estreitou os olhos e mostrou as pedras de Jaki. Lucinda fez um sinal negativo, removendo uma pequena bolsa de veludo da cintura, e espalhou suas jóias sobre o tampo laqueado da mesa. Prah passou os dedos pelos alfinetes, broches e anéis, numa atitude evidente de que aquilo não era suficiente. Lucinda encolheu os ombros, sem mais nada a oferecer, e o mercador em resposta olhou para onde Maud alimentava Wawa. Lucinda franziu a testa, pensou por um momento, depois fez um sinal afirmativo. Prah levantou-se e dirigiu-se para a mesa de xadrez.

— O que vai fazer? — perguntou Jaki quando ela fez menção de se erguer.

— Vou jogar xadrez com ele para ganhar os elefantes que estamos precisando. Deseje-me sorte. Jogo pelas minhas jóias... e por você, Maud.

— Luci, você não faria isso! — Maud arregalou os olhos.

— Parece que você é a única coisa em que ele está interessado, Maud — justificou Lucinda, tentando parecer despreocupada, soltando uma gargalhada nervosa que só piorou a situação. Acrescentou rapidamente: — Não se preocupe,

não há perigo algum. Sabe muito bem que não vou perder! Jogo com meu pai desde que tinha nove anos. Não tem perigo...

— Tome os diamantes — disse Jaki. — É o que ele quer na verdade.

— Certamente que não! — recusou firmemente Lucinda. — Não quero que compre tudo o que preciso. Posso usar o que já é meu.

— Por favor, senhora. Eu lhe suplico! — pediu Maud. — Não jogue comigo.

— Maud. — Lucinda tomou as mãos da amiga entre as suas. — Não estou jogando. Jamais jogaria com você, Ratinha. Mas você precisa me ajudar agora. Preciso de uma isca, só isso. Ele acha você atraente, não vai acontecer nada.

— Por favor, minha senhora. Eu não suportaria ficar com ele! — Maud olhava aterrorizada para o rosto lúbrico do homem a examiná-la. — Precisa ser dessa maneira?

— Preciso fazer isto da minha maneira, Maud. Esta caravana é minha responsabilidade. Não quero usar os diamantes de Jaki, porque ele nem ao menos queria fazer esta viagem. Você é tudo o que tenho. Vai me ajudar?

— Estou com medo...

— Pode confiar em mim — assegurou

Lucinda, sentando-se diante do tabuleiro.

Prah estendeu as duas mãos fechadas, e a moça escolheu a direita,

que continha o peão de jade verde, concedendo o início ao anfitrião. O jogo desenvolveu-se rapidamente, e Prah iniciou com um ataque dos cavalos que tomou o centro do tabuleiro, enquanto Lucinda respondeu com uma falange de peões ao lado da rainha, esperando conter o avanço do adversário. Mas a verdade era que os cavalos se constituíam apenas num artifício para desviar a atenção do verdadeiro ataque. Um roque seguido da penetração do bispo conseguiu inesperadamente dar cheque-mate no rei de jade verde.

Lucinda recostou-se na cadeira, o coração batendo forte e um rubor nas faces, com raiva por ter sido enganada tão facilmente. Maud começou a chorar, e Jaki arrancou um diamante de seu colete, colocando-o sobre o tabuleiro.

— Jogue outra vez!

Prah balançou negativamente a cabeça, medindo com os olhos semi-cerrados a intensidade do desconforto de Lucinda e a rapidez da reação de Jaki. Só concordou quando um segundo e um terceiro diamantes foram colocados a sua frente.

Maud e Jaki juntaram-se a Lucinda, que tirou novamente a peça verde. O ataque de cavalos também se repetiu, só que desta vez Lucinda não fez nenhuma tentativa para bloqueá-lo, movendo suas peças para os flancos, fora do caminho do adversário. A cada lance de Prah, Maud continha um soluço. Não conseguia mais suportar o olhar cúvido do homenzinho e cerrou as pálpebras. O movimento das pedras continuou em sua mente, como búzios decidindo seu destino. Quando espiou de novo, Prah já não sorria. Seus peões aglomeravam-se no centro do tabuleiro, atrapalhando os próprios movimentos e tornando-se alvo para o exército de Lucinda.

Pelo número de peças capturadas ao lado da esposa, Jaki percebeu que ela estava levando a melhor. Observou fascinado a maneira calma e estudada como ela jogava, sacrificando peças em troca de vantagens de posição no futuro. Era a mesma serenidade com a qual tratava Maud, oferecendo-a como isca em troca dos elefantes de que precisava para continuar sua jornada para a Índia.

— Xeque-mate — anunciou ela, interrompendo suas reflexões. Maud não se conteve e abraçou a ama, chorando de emoção. Prah permanecia fitando o tabuleiro, olhando

incrédulo para as peças de jade que decretavam sua derrota. Finalmente levantou o rosto.

— Você ganhou — admitiu ele, falando devagar numa mistura de inglês e holandês. — Assim como eu ganhei a primeira. Vamos jogar uma decisiva, agora.

— Chega de jogos! — declarou Lucinda com veemência. — Arrisquei minha criada e os diamantes de meu marido, e ganhei.

— Precisa me conceder outra partida.

— Gostaríamos de ver os elefantes agora, por favor — finalizou Lucinda, levantando-se.

Prah gritou alguma coisa que ninguém entendeu, e em seguida entraram pela porta traseira dois homens com o rosto coberto por uma dobra dos turbantes, com cimitarras desembainhadas. Maud gritou, e Jaki pulou para a frente das mulheres empunhando a zarabatana.

Os dois em seguida jogaram as armas ao chão, e o rosto irado de Prah abrandou-se. Parados à soleira da porta de entrada estavam Kota e Mang, empunhando pistolas engatilhadas.

O calor do meio-dia transformou a aldeia num forno, e o trabalho de carga dos animais arrastava-se vagarosamente. Ganger Sint saiu do caramanchão e cambaleou pela área lamacenta

onde os elefantes e os búfalos estavam sendo carregados com as mercadorias da caravana. Tentou usar o cérebro encharcado de álcool para contar os animais, mas logo desistiu, desanimado com o grande número deles. Dirigiu-se para a cabana de Prah, onde o mercador observava tudo da varanda com cara de poucos amigos. Sint equilibrou-se nos degraus, enquanto berrava:

— Seu imbecil! Idiota! Devia ter limpado ela, não ficar inventando jogos. — O capataz balançava a cabeça, desconsolado. — Uma mulher, ainda por cima! Quantos holandeses durões vieram aqui comigo, e você tirou cada centavo deles. — Sint não percebia o efeito que suas palavras causavam em Prah, cujos olhos fuzilavam. — Podia ter resolvido aqui mesmo esse assunto... Mas não, a mulherzinha tinha de perder da outra...

Aquilo foi demais para Prah. Com uma das mãos empurrou o capataz bêbado pelos degraus abaixo, fazendo com que se esborrachasse de costas na lama. Em seguida fez um sinal para seus dois homens, que arrastaram Sint pelo campo imundo entre os trabalhadores, deixando-o estendido. Jaki aproximou-se e abaixou-se para examiná-lo, verificando que estava

inconsciente.

— Amarrem-no a um búfalo — disse a Kota.
— Não podemos esperar por ele!

— Deixe ele aqui, *lah*. Não precisamos da sombra desse homem entre nós.

— Ele viria atrás da gente. E prefiro mantê-lo ao alcance da vista. Jaki voltou aos elefantes, onde o *mahout* estava mostrando como usar

o gancho para ordenar ao animal que se abaixasse, a fim de ser montado. Jaki lembrou-se dos paquidermes que vira em Bandjermasin, usados pelos holandeses para substituir estivadores. Eram todos como gigantes tristes e resignados, da cor das nuvens carregadas que pairavam acima.

Os ruídos de uma infinidade de animais feriam o silêncio profundo na floresta adiante, e a luz opaca e insuficiente desafiava o senso de amplitude que existia no mar e no rio. A selva só oferecia sombras e incerteza, obrigando a usar outros sentidos, como o olfato, o paladar, o tato. Jaki chegou a sorrir quando lembrou de sua viagem pela floresta com os olhos vendados, levado por Jabalwan e guiado pela voz de Wawa. Assobiou chamando o gibão.

As chuvas caíram assim que a caravana penetrou na floresta. O ritmo hipnótico dos

pingos ao baterem na folhagem tomou-se uma cadência melancólica que combinava com o estado de espírito dos elefantes. Lucinda e Maud viajavam numa liteira coberta, sobre o primeiro paquiderme, ao lado do *mahout* e de sua mulher. As crianças e alguns peregrinos iam logo atrás, num carro puxado por búfalos. Jaki tomou a dianteira, mandando Wawa à frente, mas chamando-o constantemente para que não se afastasse muito. Na retaguarda Kota e Mang se alternavam. A floresta não parecia nem um pouco com a que Jaki conhecera em Bornéu. Ali plantas estranhas na aparência combinavam-se com os lamentos de animais diferentes, estabelecendo um clima tenso.

Ao anoitecer, quando pararam para montar acampamento, Jaki foi avisado com um assobio de Mang de que Sint acordava. Quando chegou lá, o capataz acabara de ser desamarrado das costas do búfalo, e ainda não estava totalmente consciente. Jaki providenciou para que ele fosse levado para perto da fogueira.

Sint piscava sem parar, tentando expulsar a dor de cabeça, e deparou com a visão de Lucinda, sentada com a criada à beira do fogo. Olhou para a inglesa como se a visse pela primeira vez. Sua beleza era comparável à de

qualquer moça bonita na Holanda, e no entanto até agora simplesmente a considerara como uma adolescente que fugia do pai. Porém, em mais de dez passagens por Prome como capataz para a Companhia, nunca vira ninguém tirar de Prah um figo podre sem pagar muito bem por ele. Aquela mulher, contudo, conseguira os elefantes que desejava sem desembolsar um centavo. Gostaria de falar com ela e expressar seu respeito, mas sabia muito bem como seria recebido. Ela era a voluntariosa filha de um capitão inglês, que havia tomado como marido um jovem feroz e de rosto bonito. Como todas as coisas boas deste mundo, estava fora do alcance de Ganger Sint.

Sabia agora que matar esse pirata insolente não seria suficiente. O rapaz teria de sofrer pelas próprias mãos para redimir o senso de perda que havia nele agora. Sint permaneceu quieto em seu lugar, observando Lucinda comer pão e carne de cobra preparada com alho-porro pela mulher do *mahout*. Jaki estendeu a mão que continha os três diamantes arrancados do gibão, e o capataz arregalou os olhos quando o jovem pirata deu uma pedra a cada companheiro e uma à criada.

— Senhor Gefjon! Por que está me dando isso? — protestou Maud.

— Acho que já está na hora de parar com essa história de me tratar por senhor. Me chame de Jaki, como os meus amigos.

— Jaki — começou Maud abaixando timidamente os olhos. — Não posso aceitar tanta riqueza do senh... de você.

— Estou lhe dando isto por sua ajuda hoje. Agora, como Kota e Mang, você está livre. Tem alguma coisa de seu. Fique conosco o tempo que desejar, e vá quando tiver vontade.

Maud olhou para Lucinda, que concordou com relutância.

— Hoje eu perdi você, Maud. — Havia humildade na voz de Lucinda. — Se não fosse por Jaki, estaria perdida para sempre. Pode aceitar o diamante, e, se quiser voltar para a Inglaterra quando chegarmos a Surat, vá com a minha bênção.

— Só depois que me ensinar a jogar xadrez... — sorriu Maud. — E eu puder derrotá-la!

— Vou guardar o que sobrou em meu gibão — anunciou Jaki sorrindo também e passando seu chapéu a Lucinda. — Os outros são seus, para fazer o que quiser com eles.

Ela atirou o chapéu de volta, e Sint pôde ver a decisão que havia em seu queixo erguido. Jaki

já tinha visto aquela expressão quando recebera uma reprimenda por exhibir os diamantes, e não se surpreendeu com o tom frio da resposta.

— Às vezes você me faz sentir frio por dentro, como se nunca me houvesse mostrado seu coração, e eu estivesse dormindo com Satã. Não casei com você por causa dos diamantes, seu bobo! Pode dar todos, se quiser, e fazer seus servos tão ricos como você. Mesmo assim vou continuar te amando — completou Lucinda, corando com a veemência colocada nas palavras.

Jaki estendeu a mão e tocou com delicadeza o rosto da esposa, que procurou o fundo do seu olhar, admirando o animal livre que existia dentro dele.

— Você me ama melhor quando tenta entender meu coração — disse ela. — E acho que preciso tentar entender melhor o seu...

Sint não entendeu a cena a que assistiu. Nem compreendia o que levava uma mulher como Lucinda a deixar o conforto de uma vida rica e luxuosa para estar na lama, cercada de mosquitos. Desde pequeno conhecia a morte bem melhor do que a vida, pois quando tinha nove anos de idade os espanhóis invadiram sua vila na Holanda matando a todos, queimando as casas. Escondera-se no poço enquanto sua mãe

era arrastada para o celeiro. Quando vira que não havia mais ninguém para responder a seus gritos, arrastara-se para lá, e a encontrara nua, deitada, com os intestinos azulados no colo. O resto de sua infância transcorrera de forma a que ele esquecesse que era um menino. Alistou-se na Companhia mais por comida do que por dinheiro, oferecendo-se como voluntário para proteger os interesses asiáticos.

Durante os dias que se seguiram, Sint escondeu seu ódio, evitou a companhia de Jaki e procurou manter-se mais na retaguarda, perto o suficiente para observar sua presa. Observando a maneira como Jaki se movimentava, parecendo completamente à vontade, rindo e tranquilizando a esposa e a criada quanto aos vários ruídos, experimentou um ressentimento que até então não conhecera. Jaki era vivo demais, contente com a própria existência, transformando Sint numa verdadeira caricatura do ser humano que gostaria de ser. Como uma aranha, o capataz esperou...

Jaki estava consciente da atenção de Ganger Sint, silenciosa mas palpável, e por vezes chegou a pensar em picar sua jugular com um espinho envenenado. Só o respeito pela esposa o impediu de fazer isso. Ela perderia prestígio se

ficasse sem o capataz na travessia da índia, portanto Jaki resolveu evitar tanto quanto possível a morte de Sint. Durante o dia alternava a vigilância com Kota e Mang, com um sistema de assobios para indicar os movimentos do outro.

Por várias vezes, no decorrer do dia, Maud tentou devolver o diamante a Jaki, percebendo que Lucinda ficara um pouco ressentida com aquilo, mas ele não aceitou. Quando pararam para acampar durante a noite, os esposos pareciam muito felizes em sua tenda de folhas, rindo e brincando. Lucinda repetiu então que não se importava em absoluto com o que ele fizesse com os diamantes. Jaki percebeu que ela refreava o impulso de criticar-lhe as atitudes, talvez esperando que saíssem da selva, e sentiu-se grato por isso.

A floresta tropical continuou sua batalha incessante contra o avanço da caravana. Lucinda teve febre, bem como vários peregrinos e mercadores, e Jaki sentiu-se aliviado pelos conhecimentos de ervas que Maud havia adquirido com a tia Timotha. A ajuda dela foi vital para que todos os doentes pudessem ser atendidos. Os cipós e as samambaias davam a impressão de crescer a olhos vistos sob a torrente tropical que caía sem cessar, obrigando

os batedores a abrir a golpes de facão a trilha para o avanço da caravana. Certa ocasião uma menina foi picada no pescoço por uma cobra, e teve a respiração paralisada. Jaki fez-lhe um furo na garganta onde enfiou um canudo, pelo qual ela respirou até que o remédio diminuísse o efeito do veneno.

Encontraram pegadas de um felino de um tamanho que Jaki nunca tinha visto. Pela largura e profundidade, diria que pertenciam a uma pantera de três metros.

— Tigre — explicou o *mahout*, quando foi chamado. — Não conte a ninguém. Muito pânico! Ruim.

Jaki guardou segredo por dois dias. No terceiro, um dos homens desapareceu ao lado do poço onde fora beber água. Ganger Sint encontrou as pegadas perto do local, e sentiu que sua ira tinha tomado forma animal nas sombras da selva.

A caravana foi agrupada de maneira mais compacta, e as saídas laterais para buscar água passaram a ser acompanhadas por homens armados de pistola. Mas, mesmo com todas as precauções, outro homem desapareceu da retaguarda.

Três dias se passaram antes que o tigre

atacasse novamente. Em cada uma dessas noites Jaki ficou de tocaia num esconderijo de folhas que montava próximo à retaguarda, esperando a fera com a zarabatana entre as pernas cruzadas. Na terceira noite, quando olhos brilhantes como brasas apareceram na escuridão, estava cochilando, e só o guincho assustado de Wawa o despertou para o perigo.

Levantou a zarabatana, apontou para os olhos suspensos no escuro, e soprou com todo o fôlego que conseguiu juntar. Um rugido surpreendentemente alto feriu a noite, e Wawa pulou aterrorizado para os braços de Jaki. Os elefantes irromperam em barritos assustados, e os viajantes acordaram cheios de medo. O rugido se repetiu, desta vez mais longe, e só então Jaki percebeu que os olhos amarelados já não se encontravam ali.

Sint e o *mahout* chegaram correndo, ainda semidespidos, o capataz com uma pistola engatilhada e o condutor de elefantes com um punhal *kris* e um facão.

— O que fez? — perguntou o *mahout*, aturdido.

— Ele acertou o tigre com um dardo, foi isso que ele fez! — disse Ganger Sint exasperado, voltando-se depois para Jaki. — Não está

caçando porcos, moleque. Aí fora há um tigre de Bengala. Mesmo que o acertasse três vezes seguidas com esses dardos de brinquedo não o mataria. Seu tolo! Agora vamos ter de sair atrás dele.

— Não! Não podem ir! — pediu o *mahout*, brandindo perigosamente o *kris*. — A selva é a boca do tigre!

Lucinda e Maud abriram caminho entre a pequena multidão nervosa que se aglomerava em torno de Jaki, seguidas de Kota e Mang.

— Perdemos alguém? — quis saber Lucinda.

— Aumentem as fogueiras — ordenou Sint para que todos ouvissem. — O selvagem acertou o tigre com um dardo. Enquanto o veneno vai agindo, irrita cada vez mais o bicho, e ele não pára de atacar. Não para comer, mas para matar. Vão todos para perto do fogo, e armem-se bem.

Um rugido alto e raivoso ecoou na floresta escura, como que a confirmar as palavras do capataz, e os mercadores aproximaram-se do fogo para cumprir as instruções.

— Agora não temos escolha — disse Sint para Lucinda, examinando com o olhar as trevas ao redor. — Assim que o dia amanhecer, vamos seguir suas pegadas, ou então ninguém mais

estará a salvo.

— Não. Ninguém vai perseguir essa fera! — Lucinda falou em tom autoritário, olhando diretamente para o capataz. — Vamos nos agrupar mais e ficar juntos. Usamos os elefantes como barreira móvel para proteção, e continuamos a avançar. Podemos postar homens com arcos e mosquetes no limite dos acampamentos, e assim não perdemos ninguém.

— Senhora, não estamos jogando xadrez agora — argumentou Sint. — Cada peça que sacrifica é uma vida humana.

— Sou a responsável — afirmou Lucinda, enquanto outro urro soou na selva. Ignorando a interrupção, ela continuou: — Não vou permitir uma caçada. Não podemos nos dar ao luxo de perder o capataz e guia. Aí sim, ficaríamos indefesos!

— O capataz é nossa proteção! — gritou um dos mercadores. — Foi escolhido pela Companhia. Deixe que ele resolva!

Alguns murmúrios de aprovação correram pelo grupo.

— O capataz está sob meu comando — afirmou Lucinda, com a pausada voz de comando que aprendera com o pai. — Eu decido o que é melhor para a caravana. Vamos ficar juntos e

proteger os flancos. Ninguém deve deixar o acampamento. — Fez uma pausa e olhou diretamente para o capataz. — Estamos entendidos, senhor Sint?

Sint, um pouco surpreso, assentiu brevemente com a cabeça e foi organizar a colocação de homens com pederneiras nos limites daquela área. Depois sentou-se ao lado da fogueira, com o mosquete atravessado sobre as pernas cruzadas.

Lucinda ordenou que colocassem tochas no perímetro das tendas,

e arrumou as pessoas num círculo em volta da grande fogueira, os rostos encarando temerosos a escuridão. Jaki sentou com Maud e Wawa, próximo ao local onde Kota e Mang se acomodaram com as esposas entre eles. Quando Lucinda veio juntar-se a eles, Jaki manteve os olhos baixos, envergonhado, e aceitou o consolo da mão que pousou no seu joelho. Apertou ainda mais a zarabatana a seu lado, desejando acima de tudo estar sozinho com sua derrota.

— Você fez o que pôde — sussurrou Lucinda, em tom carinhoso. — Fez mais do que todo mundo.

— É minha culpa...

— Você não criou o tigre, Jaki.

— Mas feri. Isso vai fazer com que ele se torne terrível.

Novo urro se fez ouvir na selva, provocando inquietação nos elefantes. Wawa se agarrou ao dono. Kota passou uma pistola carregada a Jaki, que cocou a cabeça do gibão e deu a arma a Lucinda.

— Já acertei o tigre esta noite.

— Esta devia ser a sua arma daqui para a frente, Jaki — recomendou Lucinda. — A zarabatana não é mais suficiente.

Ele não olhou para ela, mantendo a vista na escuridão espessa à frente. Lucinda tinha razão. Não podia mais carregar o passado aonde quer que fosse, mas detestava admitir isso. A zarabatana pertencera a Jabal-wan, e desistir dela seria abandonar o ultimo elo fisico com seu mestre. A Vida o trouxera muito além do que suspeitava como feiticeiro, e ainda assim ele teimava em agarrar-se à arma antiga. Agora precisava saber qual era na verdade o seu lugar naquele mundo de armas de fogo, grandes navios e dinheiro. Ou talvez já tivesse uma boa idéia sobre a resposta, mas faltasse coragem para encarar a verdade. Envergonhava-se de ser ainda possuído pelo passado.

Precisava começar a vida novamente, mas

depois de consertar seu erro. Decidiu então que enfrentaria o tigre como fizera com os piratas no mar, e antes disso com a Aranha. Iria sozinho, aos primeiros sinais do amanhecer.

Sob a luz baça e indefinida da aurora, enquanto Lucinda dava as ordens a fim de preparar a caravana para a jornada diurna, Jaki apanhou seu chapéu, a zarabatana, uma pistola e entrou na selva com Wawa. Em pouco tempo o gibão voltou com o grito que sempre emitia avisando da presença de humanos.

Seguindo com cuidado redobrado, logo avistou depois da curva uma cabeça calva surgindo de trás de um antigo altar de pedra. Um homem baixo e franzino saiu da proteção onde estivera se aliviando, amarrando a faixa que prendia o hábito laranja. Como andava sem olhar para o chão, tropeçou numa raiz mais alta, rolou pelo chão e agilmente pôs-se de pé outra vez. Um sorriso cortês desenhou-se em seu rosto ao curvar-se para Jaki, que, surpreso, retribuiu a saudação.

O desajeitado monge tentou se comunicar num dialeto cantante, e Jaki, sem entender nada, tentou falar em inglês, no pouco de holandês que conhecia e depois em espanhol.

— Então fala a língua dos jesuítas — respondeu finalmente o monge, num espanhol quase sem sotaque. — Posso beber de seu cantil?

Jaki alcançou o pequeno odre que pendia de seu ombro e ofereceu-o ao homem, que bebeu sofregamente.

— Vim aqui para rezar, há duas semanas, quando o tigre começou a perseguir meus companheiros. Fiquei encurralado nas ruínas, a caravana com a qual estava viajando se dispersou e ninguém voltou para me buscar. Ontem à noite ouvi os elefantes barrindo e o tigre perturbando vocês, por isso incluí mais gente às minhas orações.

— Quem é você? — perguntou Jaki.

— Dhup é o meu nome — respondeu o monge, mantendo o incansável sorriso. — Um monge que tenta seguir os passos de Buda. Estou viajando para Sarnath, o famoso parque na Índia onde o Iluminado teve sua primeira revelação.

Tiros e gritos irromperam na direção do acampamento, e Jaki partiu correndo para lá, seguido de perto por Wawa e pelo monge.

O lugar encontrava-se em completa confusão. Os búfalos escoiceavam e os elefantes tentavam agrupar-se, apesar dos protestos do

mahout. As pessoas fugiam da frente dos paquidermes, em meio aos gritos das crianças e dos homens tentando restabelecer a ordem. Jaki procurou desesperadamente por Lucinda.

Foi encontrá-la em meio a um agrupamento de homens armados com pistolas e lanças. No centro estava Ganger Sint, o rosto convulsionado de quem discutia com veemência; em frente a ele Lucinda sacudia a cabeça numa negação e agitava os braços, tentando manter o controle da situação. Ao aproximar-se, Jaki viu no chão o corpo destroçado de uma garotinha. A mesma que ele salvara da mordida de cobra.

— Você! — Ganger Sint apontou para o pirata assim que o viu chegar ao lado da esposa. — Foi você quem começou tudo isso. Agora precisamos ir atrás do tigre. E você vai com a gente.

— Ninguém aqui vai atrás dele — insistiu Lucinda. — Podemos matá-lo quando atacar novamente.

— Três de nós já morreram. Quantos mais vão ter de perder a vida enquanto nos escondemos atrás dos elefantes? — Sint voltou o olhar para Jaki. — Você é um caçador. Pode seguir o rastro dessa criatura?

— Posso.

— Você é meu marido. Eu o proíbo de ir — disse Lucinda, puxando o gibão de Jaki.

— Eu seria completamente inútil se ficasse.

Os dois estavam agora falando de perto, evitando que os outros ouvissem.

— Você não pode me proteger se estiver lá. Preciso de você aqui, para me apoiar contra Sint. Jaki, por favor, me ajude a impor minha autoridade, ou então teremos um motim!

Jaki colocou a mão na nuca da esposa, aproximando o rosto até tocar-lhe a testa.

— Posso ser mais útil ajudando a acabar com o mal que comecei.

— Está me deixando como aquela vez em Cingapura, para tentar salvar seu capitão. Não faça isso de novo, Jaki. Se me ama de verdade, fique comigo.

— Claro que amo você de verdade, tanto é que estamos aqui e não no mar. — A mão dele apertou a nuca de Lucinda, depois a largou: — Vou sozinho atrás do tigre.

— Mas isso é rematada estupidez — argumentou Sint. — Você pode segui-lo, mas vai precisar de homens armados para abater o bicho.

— Kota! — chamou Jaki. — Você fica aqui e protege minha mulher com sua vida. Mang, vai usar presas de tigre hoje.

— Ou elas é que vão me usar — sorriu ferozmente o pirata, dando um passo à frente.

— Todos os outros permanecem aqui — insistiu Jaki. — Ou então não irei. Não quero a caravana inteira fazendo barulho atrás de mim.

Ganger Sint chegou a se permitir um sorriso de satisfação, que diminuiu quando Jaki entregou o chapéu a Lucinda.

— Acho que o tigre não vai reparar...

Lucinda segurou o chapéu, e também a mão de Jaki.

— Não vá, Jaki. — As lágrimas começaram a brotar no rosto dela. — Fique comigo.

Ele queria consolá-la, mas não conseguiu dizer nada. Apanhou o mosquete de Kota e o passou às mãos de Lucinda.

— Voltarei — prometeu com voz firme antes de penetrar na selva. A trilha do tigre mostrou-se relativamente fácil de seguir, mesmo à luz difusa do amanhecer, pois as pegadas eram enormes. Wawa guinchou do alto, enquanto Mang e Sint avançavam ruidosamente atrás dele. Jaki fez um gesto para que esperassem e adiantou-se. Sabia que não era muito seguro expor as costas ao capataz, mas andar assim na selva era morte certa de qualquer maneira. Sinalizou para que Sint fosse para o lado direito e torceu para que

Mang pudesse observar qualquer traição a tempo de evitá-la.

A caçada exigia que os sentidos se mantivessem em total alerta. Jaki levava uma pistola de um tiro, e sua zarabatana para usar como lança, na qual confiava mais. "A esperança não tem tribo", pareceu dizer a voz de Jabalwan dentro dele. Se tivesse alimentado esperanças durante as batalhas de que já participara, talvez não estivesse agora às voltas com o tigre. Parou por um instante e ouviu os ruídos descuidados de Mang e Sint atrás dele. Precisava desistir da esperança e encontrar seu lugar no centro do mundo, aquele ponto desesperado onde a paixão se condensava em um só ato por vez. Era aí que o tigre vivia.

Wawa chamou mais adiante, e Jaki avançou tão silenciosamente que os outros dois não perceberam quando se afastou. O gibão gritou outra vez, agora com uma nota de urgência, e o rapaz parou imediatamente, chamando Wawa para junto dele. Em resposta veio o assobio que significava perigo.

Jaki assobiou outra vez, ordenando que o gibão ficasse onde estava.

Wawa então gritou como nunca tinha feito antes, com uma nota humana de angústia. Jaki

abandonou todas as precauções e correu em direção ao som. Subitamente, o cheiro almiscarado do grande gato feriu suas narinas, e um rugido eriçou todos os pêlos de seu corpo, e Jaki girou para enfrentá-lo. Mas estava sozinho no solo da clareira. O tigre encontrava-se acima, na copa das árvores. Jaki olhou para o alto e viu Wawa pendurado num galho, com o pêlo prateado sujo de sangue e os intestinos à mostra, balançando fora do corpo.

Jaki soltou um uivo de dor, e novo rugido veio de cima. O tigre achava-se entre os galhos, o corpo amarelado quase invisível no jogo de luzes e sombras da selva. Jaki ergueu a pistola e disparou. Entre a fumaça e o cheiro acre da pólvora, pedaços de ramos e folhas em profusão vieram abaixo, e o pirata largou sua arma. Usando a zarabatana, recolheu Wawa e depositou-o no chão.

Curvou-se sobre o amigo, soluçando. A pequena mão do gibão segurou debilmente uma madeixa de cabelos loiros. Limpando as lágrimas, Jaki procurou os olhos negros e embaciados de Wawa.

— Descanse — sussurrou ele, começando o cântico dos moribundos. — O vento sabe seu nome agora. Você é parte da canção que ele

canta para as estrelas. Descanse.

A mão de Wawa relaxou, e os olhos se abriram, perdendo toda a luz. Jaki soluçou de novo e encostou o rosto no focinho ainda quente. De algum lugar atrás, o tigre rugiu novamente.

Jaki levantou cheio de raiva sem se importar em apanhar a pistola, e lançou-se para a frente com a lança em riste, um grito de guerra escapando da garganta.

Na clareira adiante, encontrou Mang estendido no chão, com o lado direito do pescoço destroçado e a cabeça torcida num ângulo estranho. O vento que agitava a copa espalhou o cheiro recente do grande predador. Mas um rugido soou pela clareira, e o rapaz gritou em resposta.

A folhagem moveu-se atrás dele, e Jaki girou para ver o corpo do tigre em pleno ar, com as garras estendidas e as presas descobertas. Levantou a ponta aguçada da zarabatana, mesmo sabendo que não teria tempo, e desabafou toda a agonia de suas perdas num uivo enlouquecido.

O impacto do corpo do animal atirou Jaki ao chão. As garras rasgaram o colete e a carne abaixo, enquanto os maxilares trituravam a zarabatana ao lado da cabeça. Espantosamente,

no instante seguinte o tigre se foi. Jaki ficou deitado sobre a camada de folhas, ainda tonto de dor. Fixou com dificuldade o olhar na madeira destrocada de sua arma, e finalmente compreendeu que ainda estava vivo.

Juntou suas forças para sentar-se com dificuldade, e viu Ganger Sint sair de uma moita ao lado de onde estivera o tigre. O capataz sorria, e levantou o mosquete para apontá-lo na direção de Jaki.

Um rugido vindo da moita ao lado paralisou-lhe o gesto, e o tigre atacou, vindo de trás de uma cortina de lianas. A boca de Sint desenhou um grito silencioso, e o tiro partiu a esmo, no momento do encontro entre os corpos. Um grito fino de terror elevou-se então, terminando abruptamente num som vazio e gorgolejante, quando as presas do grande carnívoro lhe rasgaram o pescoço.

Jaki colocou-se em pé enquanto o tigre sacudia o corpo do capataz, voltando depois o focinho ensangüentado para ele. Jaki deslizou lentamente para o interior de uma cortina de cipós, e o grande predador moveu-se em seu encalço.

Correndo como nunca havia feito em toda a sua vida, Jaki saltava as pedras e raízes, ouvindo

as passadas surdas que lembravam tambores atrás dele. O vento trazia cada vez mais forte o cheiro do grande gato. Depois de uma moita, ficou surpreso com a claridade do sol, e a caravana a sua frente. Jaki corria mais do que nunca, mas em terreno aberto compreendeu que seria devorado à frente de todos.

Os elefantes debandavam e as pessoas fugiam para onde podiam. Todas, menos uma, que não se moveu. Daí por diante Jaki ficou cego pelo terror, até que o tiro de mosquete o trouxe de volta à realidade. Abriu os olhos e viu o rosto de Lucinda através de uma cortina de fumaça, ainda apontando o mosquete. Nesse segundo que Jaki nunca esqueceria, o rosto dela era uma máscara de concentração e ansiedade; então um peso enorme atingiu-o nas pernas.

Em um instante, Lucinda estava a seu lado, puxando-o de debaixo das patas dianteiras do animal. Jaki sentou-se e olhou o corpo gigantesco do tigre estendido, com um buraco na órbita de um dos olhos, onde o tiro o acertara. As penas verdes do dardo envenenado ainda sobressaíam no centro da testa do felino.

O último arrepio de medo estremeceu o corpo de Jaki, apesar da mão que a esposa lhe colocava no ombro. Percebeu então que estava

fitando a fera de olhos arregalados e boca aberta. Depois de Njurat, pensara ter perdido o medo, mas fora um grande engano. *Vida era medo. Não sentir medo era aproximar-se da morte.* O rosto relaxou, e Jaki sentiu um vácuo dentro dele. Quando o medo se foi, todas as outras emoções ficaram amortecidas.

Pôs-se em pé com dificuldade e abraçou a esposa. Sua camisa e o gibão estavam empapados de sangue, e sulcos profundos da carne marcavam o lugar atingido pelas garras da fera. Agora que a ação passara, a dor fazia arder os ferimentos.

— Já acabou. Já acabou... — dizia Lucinda para acalmá-lo. Apanhado pela morte no meio do movimento, o tigre parecia um raio dourado estendido, as listras negras sobressaindo-se no pêlo fulvo e prateado.

— Tigre velho, *lah* — disse Kota, levantando a cabeça do animal com a lâmina do *parang* para expor os longos bigodes prateados.

O vazio no peito de Jaki era imenso, e ele fez sinal para que Lucinda o esperasse, depois levou Kota e vários homens até os cadáveres na selva. Enquanto Mang e Sint eram carregados para o acampamento, ele foi até o local onde jazia o corpo de Wawa. Abaixou-se ao lado do gibão,

espantou as moscas e chorou copiosamente. Ouviu um soluço atrás de si e olhou por sobre o ombro, enxergando Lucinda com as mãos no rosto.

— Wawa — disse ela num sussurro, como se assim pudesse chamá-lo de volta.

Ajoelhou ao lado do marido e chorou com ele.

Os carregadores confeccionaram vários coletes e um gibão da pele do tigre, e usaram os dentes e as garras para fazer um impressionante colar utilizando os bigodes como suporte, que foi oferecido como presente a Lucinda. Ela tentou dar a Jaki, mas este insistiu para que ela o usasse.

— Se não fosse por você agora eu estaria com Wawa — acrescentou ele enquanto prendia o adereço ao pescoço da esposa. — Você tinha razão. Teria sido melhor esperar. Daqui por diante vou prestar mais atenção ao que diz.

Com a morte de Wawa e a zarabatana de Jabalwan destróçada, ficou claro o final de sua vida como Matubrem-brem. Deixou os dois pedaços da zarabatana na floresta, no lugar onde o gibão foi morto. Sua vida tribal, que começara a morrer quando Jabalwan partira, agora estava

definitivamente enterrada. Resolveu prosseguir como Jaki Gefjon, filho do capitão holandês.

O problema era que não havia a menor consistência em tal resolução. O vazio que o acometera após a morte do tigre permanecia, como se o tiro tivesse carregado junto sua alma. Não conseguia encontrar a si mesmo. Nem mesmo se entristecia ao pensar em Wawa e nos anos que haviam passados juntos.

Por vários dias Jaki isolou-se na dianteira da caravana, aceitando apenas os carinhos da esposa e os chás que Maud preparava. Os outros o ignoravam, acreditando que seu poder passara para Lucinda quando ela matara o tigre. Mas grande parte do tempo, andando solitário pelas grandes veredas da selva, Jaki perguntava-se o que faria Jabalwan em seu lugar. Rezou aos ancestrais e ofereceu nozes de bétel para o espírito de Wawa. Quase sempre procurava ficar adiante dos outros, ou junto ao búfalo da frente, onde viajava Dhup, o monge desajeitado, que continuava tropeçando nas raízes ou desviando de um cipó apenas para dar com a cabeça num tronco, depois rindo das próprias trapalhadas. De qualquer modo, dava a impressão de estar tão ocupado consigo mesmo que não prestava atenção ao feiticeiro.

E, numa curva do rio, Jaki teve finalmente o encontro com a morte, que o rondava desde o episódio do tigre. Estava à frente da caravana e detivera-se junto à margem para colher frutas silvestres.

Ficou subitamente alerta ao ouvir um ruído estranho na vegetação densa que cobria o barranco sobre a correnteza. Antes que pudesse esboçar qualquer gesto de aviso, uma túnica alaranjada entrou no campo de visão suspensa em pleno ar. Era Dhup, lutando para manter o equilíbrio, balançando braços e pernas na tentativa de agarrar a folhagem no barranco, que resistiu por um instante, depois cedeu. O monge caiu com estardalhaço na água, submergindo instantaneamente. Voltou à tona num ponto próximo a Jaki, o rosto em pânico, os braços tentando agarrar alguma coisa, depois desapareceu.

Jaki largou o chapéu cheio de frutinhas e precipitou-se na torrente. As águas geladas envolveram-no, como se as correntes tivessem vontade própria, levando-o rio abaixo sem a menor resistência. Por puro acaso colidiu com Dhup, que movimentava braços e pernas em desespero, tentando atingir a superfície. O monge em pânico agarrou-se a Jaki e os dois

afundaram.

O rapaz lutou para libertar-se do abraço férreo de Dhup e assim que conseguiu, foi imediatamente agarrado pelo pescoço. Os dois rolavam imersos na correnteza, numa confusão de braços e pernas, e a maior parte do ar escapou dos pulmões de Jaki. A luz da superfície girava, confundindo imagens da selva e das nuvens com o brilho opaco da profundidade. Uma dor surda no peito provocou novo esforço desesperado do rapaz em direção à luz, mas o monge puxou-o mais uma vez para baixo. Com uma espécie de resignação tranqüila, Jaki viu a mancha da superfície distanciar-se cada vez mais, à medida que afundavam.

Parando de se debater inutilmente, Jaki refletiu que aquela era uma maneira bem estúpida de morrer, arrastado pelo medo de outra pessoa. O tigre teria sido melhor, para poupar Lucinda da incerteza do desaparecimento. Ela talvez nunca encontrasse seu corpo.

Todos os pensamentos então se reduziram à dor. O último fôlego foi exalado involuntariamente de seus pulmões.

Ruídos abafados, uma superfície áspera, e Jaki sentiu-se lançado para cima, livre do aperto

mortal do monge. O ar atingiu-lhe novamente os pulmões e a luz explodiu-lhe no rosto. Começou a se agitar convulsivamente, e só então percebeu encontrar-se em terra firme. A correnteza os carregara rio abaixo, depositando-os sobre um grande banco de areia.

Jaki virou-se de lado, lutando contra uma dor lancinante no peito e respirando com dificuldade. Dhup vomitava grandes quantidades de água. Os sentidos agora pareciam estranhamente aguçados, e o rapaz olhou para as nuvens que deslizavam acima, maravilhando-se depois com a luz do sol que se refletia como música na folhagem das árvores, produzindo um halo luminoso em duas garças que bicavam a água rasa, à procura de comida. Um riso alegre brotou-lhe dos lábios, e Jaki abriu novamente os braços para o Mundo.

Quando Jaki e Dhup subiram à margem, ajudando-se mutuamente, a angústia que se instalara desde a morte de Wawa subitamente se foi. Os dois voltaram às gargalhadas para a caravana, divertindo-se com as constantes trapalhadas do monge, e cantando juntos em espanhol uma música sobre como eles eram tão feios que foram rejeitados pelo belo rio.

Jaki continuava determinado a abandonar a

nostalgia de seu passado tribal, e passou a devotar-se intensamente à esposa, obedecendo-a com um fervor parecido com o que demonstrara em relação a Jabalwan. Retirou os diamantes do chapéu e colocou-os de volta na sacola de couro. Em vez de viajar sozinho, ficou ao lado de Lucinda, e aplicou-se em vestir-se como um europeu. Conversava somente em inglês, esquecendo a língua tribal que usara para falar com as nuvens. De qualquer forma, elas não diziam nada de novo: as tribos do céu, ignorando as muralhas que se erguiam ao redor, ainda vagavam como gado, guiadas pelos homens com rosto de falcão. Sentado no alto do elefante, ao lado de Lucinda, Jaki perguntava sobre os países que ela visitara com o pai. Queria revestir suas memórias com o futuro, substituir o passado pelo novo.

A região que percorriam parecia combinar com a determinação de Jaki. A floresta cedeu lugar a um terreno seco e poeirento, e por várias semanas eles viajaram na trilha batida, entre tufo de grama e rochas avermelhadas, através do deserto além do rio. Na faixa mais próxima à margem cresciam árvores frutíferas e frondosas, em terraços irrigados pelos habitantes das aldeias. Eram trechos que havia séculos serviam

de pontos de descanso para as caravanas provenientes da China, Índia e Indonésia. A cada vila, os viajantes eram recebidos com vinho de arroz, frutas e água gelada.

A jornada tornou-se muito mais agradável sem as chuvas, os perigos da floresta e a ameaça de Ganger Sint. Lucinda começou a escrever um diário e, nas noites estreladas, os viajantes aprendiam xadrez à beira da fogueira e escutavam histórias à luz fria da lua.

Maud contou uma história que tinha escutado de sua tia Timotha, sobre o rei Barley, que governara uma cidade por um ano sem que nada lhe fosse negado, até que, na primavera seguinte, cortaram-lhe a garganta segundo um ritual, sendo o sangue usado para fertilizar os campos. Kota narrou episódios sangrentos de seus anos como pirata e Jaki relatou o arrogante reinado de Batuh e a batalha final, quando Jabalwan voltou dos mortos. Mas somente quando Lucinda falava sobre os portos da Índia que havia visitado com o pai a roda na fogueira ficava realmente animada.

Jaki escutava avidamente, querendo saber tudo sobre o reino que se estendia à frente deles, e o que aprendia o assombrava cada vez mais. O Império Mongol era imenso, estendendo-se por

toda a Índia até as montanhas da Pérsia e ao mar que conduzia à África. Lucinda descrevia palácios de mármore sem rivais no mundo todo, e outros viajantes falaram de fontes das quais jorrava vinho, e jardins de cujas frutas se extraía ópio. Embora o reino fosse muçulmano, o imperador era alcoólatra e viciado em drogas, e adorava ver os inimigos serem estraçalhados por elefantes.

Dhup também tinha uma história para contar, e numa ocasião em que ele e Jaki ficaram sozinhos à beira da fogueira, o monge disse de onde viera. Carregava uma maldição. Ainda criança, fora o único sobrevivente da peste que havia se abatido sobre uma aldeia nas montanhas. Depois disso vagara sozinho, e todas as vilas que o recebiam acabavam vitimadas pela doença, que no entanto nunca o acometera. Tornara-se famoso na região, e teria sido morto a pedradas se um mosteiro budista não o recolhesse, dando-lhe asilo. Lá também a febre apareceu, porém os monges não o expulsaram. Em vez disso ensinaram-no a administrar ervas e remédios aos que caíam doentes. Alguns morreram, mas a maioria sobreviveu. E Dhup dedicou-se a curar o próprio corpo. Depois disso, ninguém mais contraiu a peste ao redor dele.

— Nuvens malignas descem à terra — sentenciou Dhup —, da mesma maneira que as bênçãos. Só os arrogantes se julgam bons ou maus.

— Fala como um mestre que tive — comentou Jaki.

— Talvez eu tenha aprendido com o mesmo mestre.

Jaki ficou contente. A despeito da falta de jeito do monge, que quase o tinha afogado, ele também o acordara para a vida, e, de uma certa maneira, sentia-se ligado a ele por uma espécie de parentesco. Talvez Dhup também fosse uma espécie de feiticeiro.

— Por que o céu manda o mal?

— Quem sabe a verdade? Nós simplesmente o chamamos de mal.

— É o que penso, também. — Jaki começava a achar que o sorriso tímido do monge escondia mais sabedoria do que parecia. — A Vida é um segredo. Mas nossas pequenas vidas estão em nossas mãos, e precisamos escolher. Como se pode escolher, quando se é mau? Meu povo me chamava de filho do demônio, e eles devem ter razão. Vi por muitas e muitas vezes uma destruição terrível cair sobre todas as tribos. O mal deve estar em mim, ou eu não veria

tudo isso. Tenho tentado ser bom, embora ainda não entenda direito bom e mau, e aos olhos dos outros seja um pirata e filho do demônio. Alguém que se pode matar. — Jaki seguiu as chamas mais altas que subiam na direção das estrelas e deixou que os pensamentos corressem soltos. — Minha mãe tentou me ensinar coisas sobre Deus e a Bíblia. Mas era um Deus cruel e vingativo aquele, que matava suas próprias crianças. Minha mãe aceitava aquilo tudo, e acabou sendo morta apenas por ser mãe do menino-demônio. Esta é a justiça divina... Agora tudo o que digo a mim mesmo é que a vida é secreta e não pode ser conhecida, apenas vivida. Mas não parece o bastante. Como posso aprender a viver com o mal que existe em mim?

— Mas você já sabe — sorriu Dhup. — Como os diamantes que chegou a usar no chapéu, a gente vive além dos erros. O mal consome a si mesmo, enquanto o bem persiste. E só continuar escolhendo o bem e deixar que o mal se consuma.

— E como reconhecer o bem do mal?

O sorriso de Dhup se alargou. Ele esticou a mão e tocou com o indicador no ponto entre os olhos de Jaki.

— O conhecimento está aí... — Parou de

sorrir e retirou a mão. — Mas não pode ser transmitido a mais ninguém. Pertence a cada um de nós.

Dhup inclinou-se num cumprimento e foi deitar perto do fogo para dormir. Jaki continuou pensando.

"Segunda-feira, 12 de outubro de 1630", escreveu Lucinda na folha de papel de arroz do diário encapado em couro. A tinta marrom depois de seca ficava com a cor do sangue coagulado.

"Viajamos vinte quilômetros hoje e acampamos num local adequado, próximo ao Paço Imphal. Para o norte estendem-se montanhas majestosas, com os picos coroados de gelo, o que torna frias nossas noites. Estamos contentes agora pelos cobertores de pele de iaque que compramos por um bom preço nas terras baixas.

"Deste promontório tivemos ao amanhecer nossa primeira visão da índia abaixo de nós. Boatos de guerras entre os Estados perturbam os viajantes, mas para nós de qualquer forma não há volta. Boeck teria muito prazer em confiscar nossos lucros e declarar nulo o contrato, se não chegarmos ao objetivo, que é Surat.

"Também estou perturbada, embora não seja pelos boatos. Já havia visitado a índia com

meu pai, e a visão deste vasto país me lembra a profunda raiva que ele deve estar sentindo. As mesmas virtudes que tanto admirei em criança — a força de vontade, a imponente de sua presença física e a autoridade ao lidar com os homens — são hoje minha perdição. Mesmo agora, quando já se passaram seis meses de minha fuga.

"Este meio ano foi o mais feliz de minha vida, porque conheci a liberdade e o amor, mas mesmo assim minha alegria foi empanada pela lembrança dolorosa do que o meu pai chamava de amor: o comportamento respeitoso e cheio de medo, conseguido através de ameaças. Não tenho nenhuma dúvida de que ele me perseguirá, e se conseguir me encontrar vai usar de todos os recursos para conseguir que eu faça o que quer. Acredito que nem mesmo Jaki com todos os seus poderes primitivos poderia enfrentar a fúria veemente do homem cujo navio destruiu e cuja filha roubou. E como deve parecer justa a ira a meu pai... Deus permita que eu não veja mais esse homem amargo.

"Jaki está se aplicando muito em se tornar um verdadeiro cavaleiro europeu, e lê pelo menos uma página da Bíblia todos os dias. Quando não lê, coloca o livro à luz do sol, senta-

se em frente a ele e fica observando como se estivesse olhando um animal. Aprendi a não questionar seus motivos, e ele não é muito a favor das conversas metafísicas. Esse é o legado de seu passado como feiticeiro, ainda que eu ache meio fatigantes as histórias tristes sobre as pessoas nas nuvens. Hoje de novo ele me disse que os livros são como uma parede que nos separa do mundo dado por Deus e nos volta apenas para as coisas pensadas pelo homem. Minha resposta que Deus nos deu o benefício da escolha, e que essa parede de livros é nosso baluarte contra o caos não pareceu convencê-lo. Descobri que ele não consegue entender a idéia de caos. Como se o mundo, com suas misérias, não pudesse ser aperfeiçoado. Por vezes chego a pensar que ele teria sido mais feliz com sua tribo se não tivesse tido um pai holandês. Mesmo assim está resolvido a assumir sua personalidade européia, e continua me obedecendo em tudo, como se eu fosse de fato sua professora. Rezo todos os dias para não instruir errado esse homem inocente e sincero.

"Maud estava hoje muito contente por deixar Burma, país de que ela não gostava. Ela bem se recorda da opulência discreta da princesa que nos recebeu na índia quando estivemos aqui

com meu pai. Partilho sua esperança de que a viagem será mais confortável daqui para a frente."

Lucinda abandonou a pena e olhou ao redor. Ali perto Jaki acomodava-se numa pedra achatada, olhando para a Bíblia aberta em frente a ele. Maud estava ocupada, juntamente com algumas esposas dos mercadores, fervendo lentilhas num caldeirão para a refeição noturna, todas rindo às gargalhadas de alguma história picante que uma delas contara. O pavilhão da caravana tremulava suavemente à brisa da tarde e uma flauta tocava solitária no ar, que trazia o cheiro doce do ópio. Um bando de pombos brancos voava em largos círculos sobre as colinas e os tabuleiros cultivados. Ao longe a cadeia de montanhas marcava os limites ao norte, e, no espaço que se estendia abaixo, a índia resplandecia em tons sutis banhados pela luz violeta do crepúsculo. Lucinda aspirou o cheiro de resina que vinha na brisa daquela terra abençoada e sorriu com a placidez de um peregrino.

— A selva vai derrotá-lo — avisou Jacob Boeck. Encontrava-se ao lado de William Quarles e Robert Fletcher, em pé num ancoradouro de pedra no rio Irrawaddy. Flutuando abaixo deles

estava a jangada que o capitão inglês havia aparelhado para subir o rio até Prome. Os três vestiam-se com grandes colarinhos rendados, mangas bufantes, gibões curtos de couro, botas altas e chapéus emplumados. O coche que os havia levado até lá aguardava na estrada, uma silhueta contra as luzes de Dagon, ainda acesas.

— Ontem à noite recebi notícias de Prome — continuou o adido holandês. — O capataz que mandei com a caravana de sua filha foi morto por um tigre. Os mercadores que encontraram sua sepultura voltaram depois disso.

— Pois nós é que não vamos voltar — garantiu Quarles, encarando Boeck. — E se alguém deveria ser dissuadido dessa viagem, esse alguém era minha filha. Não esqueci, senhor Boeck, que foi o senhor quem a enviou para a selva.

— Por favor, capitão Quarles. Sua filha estava determinada a escapar do senhor. Se eu não a tivesse ajudado, ela teria ido aos portugueses — argumentou o embaixador holandês, colocando a mão sobre o ombro de Quarles. — O pirata tem diamantes, e teria comprado uma passagem para sair da Ásia. Iriam despistá-lo completamente, pois pretendem chegar ao Novo Mundo. Pelo menos agora sabe

que estão na rota das caravanas de especiarias, em Burma. Tenho meios de mandar uma mensagem para um contato na Índia. Por que arriscar-se na selva, se podem esperar a chegada deles em Surat?

Fletcher acenou sua concordância com a cabeça. Na verdade, via toda essa escapada como uma aventura infrutífera e desconfortável, mas a esperança de uma promoção obrigava-o a acompanhar Quarles.

— Senhor — disse ele —, o conselho do adido é sensato. Já estive em Prome. É um lugar muito primitivo, e além disso a chamada trilha das especiarias desaparece na selva fechada antes de atingir as terras secas mais ao norte. Com aquele pirata criado na floresta liderando a caravana, é quase impossível que consigamos alcançá-los.

Quarles voltou as costas para os dois homens e olhou para as curvas do rio que a luz do amanhecer revelava pouco a pouco. As palavras de Boeck traziam uma verdade que ele tentava evitar, pois o feria profundamente: Lucinda estava fugindo dele! O que a teria afastado? Querer que ela casasse com um cavaleiro? Querer riquezas para ela? Sentia-se ultrajado, e procurava entender a traição da

filha. Havia batido nela, era verdade, mas como qualquer pai devia fazer quando o filho dava um mau passo. Sempre a protegera e a sustentara, além de ter providenciado a melhor educação possível. Em sua cabeça, o amor paternal estava acima de qualquer reprovação, e a atitude de Lucinda desafiava sua determinação. Ela era sua filha, sangue do seu sangue, e não iria permitir que um pirata qualquer a levasse.

Até então, Quarles havia mantido uma luta incessante a favor da expansão da civilização contra o caos de selvas, pestes e piratas. Mas que causa poderia ser maior do que a proteção da própria família? O império sobreviveria muito bem sem ele, ao passo que a teimosia da filha, alimentada por um romance com um pirata, a levava agora a sofrer em algum recanto da selva. Quem a salvaria se não ele?

— Senhor Fletcher, entre na jangada e veja que a tripulação cuide dos seus deveres — disse Quarles, decidido. — Senhor Boeck, pretendo regressar com minha filha.

Jaki devotava-se completamente a sua mulher, determinado a aprender tudo sobre o mundo dos pais. Obedecia-a cegamente, mesmo contra a própria experiência. Certa ocasião, quando tiveram um problema com as mulas que

não suportavam o cheiro dos camelos, Jaki expulsou os mercadores e seus camelos, embora estivessem há muito mais tempo na caravana do que os donos das mulas. No entanto estes pagavam uma taxa muito superior, e Lucinda era uma negociante agressiva e oportunista. Quando a caravana atingiu as aldeias de especiarias e Manipur, atravessando o Paço de Imphal, dois elefantes e três camelos já se tornavam necessários para carregar o lucro obtido até então.

Nas encostas azuis das grandes montanhas do norte, proliferavam templos e santuários. Missionários védicos, com rostos severos e bravios, juntaram-se à caravana e desfiavam a série de deuses para o céu, o vento e os poderes da luz, demonstrando seu conhecimento da continuidade cósmica ao andar sobre o fogo, enfiar agulhas na pele sem que sangrasse ou contorcer os membros do corpo como corda. Jaki entabulava longas conversações com esses feiticeiros que eram chamados de faquir, enquanto Dhup apenas sorria com benevolência. Quando a caravana parava, Jaki gostava de sentar nos degraus dos templos antigos e escuros, observando as libélulas douradas voando entre as flores de hastes longas,

enquanto Lucinda comerciava com os tímidos habitantes locais.

Maud mantinha-se ocupada colhendo hibiscos, jasmims, flores de manga e todas as plantas que encontrasse e julgasse útil. Jaki ficou curioso com as versões européias dos remédios que aprendera a preparar com Jabalwan. Juntos procuraram os curandeiros locais e experimentaram o uso de raízes e ervas desconhecidas, realizando curas entre os enfermos da caravana. Jaki até mesmo começou a carregar outra vez sua sacola de remédios, arranjando espaço entre suas relíquias pessoais.

Lucinda, indiferente à paixão dos dois por plantas, passava a maior parte do tempo nos mercados das vilas, competindo com outros mercadores. Sua aparência constituía uma vantagem a mais, porque todos queriam fazer negócio com a dama de cabelos dourados. A essa altura da viagem, ela já havia aprendido a estimar bem as necessidades e desejos dos habitantes locais, e quando atingiram a cidade-templo de Sarnath, estavam carregados de riquezas.

Sarnath resumia-se em duas torres antigas numa baixada cheia de ruínas às margens do rio. Estava atulhada de tendas de mercadores com

bandeiras coloridas para chamar a atenção dos clientes, além das cabanas de mestres espirituais que procuravam pupilos demonstrando *siddhas*, ou poderes sobrenaturais. Um deles, vestido apenas com uma tanga, atirou uma corda no ar, e quando ela caiu estava transformada em serpente. Outro jogou uma corda para o alto, e quando ela se esticou e enrijeceu, o homem subiu e do alto ficou materializando flores, que atirava aos circunstantes. Os doentes se acotovavam entre os curiosos, ansiosos por um milagre que os curasse.

As duas torres, vazias por muitos séculos, estavam cobertas por trepadeiras e vegetação, havendo inclusive uma árvore perto do cimo de uma das construções. Os peregrinos haviam limpado a parte inferior, expondo painéis de pedra negra com desenhos que representavam figuras humanas, flores de lótus e animais, tudo escurecido e gasto pelo tempo.

Dhup passeava por entre as oferendas de incenso que os numerosos peregrinos acendiam nas frestas das pedras. Depois de tropeçar numa cesta cheia de cobras venenosas, quase espalhando o pânico pela multidão, encontrou um caminho pela escadaria e postou-se ao lado de uma coluna que suportava um elefante de

pedra, e de lá contemplou o parque das Corças com seus mercadores barulhentos, mendigos, pedintes e cachorros disputando com os pombos o excremento humano, que se acumulava em todo lugar pelas ruínas. Seu eterno sorriso persistia. Nesse local, dois mil anos antes, a Roda da Lei havia sido exposta pela primeira vez, e ainda girava no choro das crianças, nos gritos dos mercadores e nos lamentos dos moribundos. Por sobre os odores fortes das especiarias e do incenso, vinha o cheiro de carne humana queimada sobre águas sagradas do Ganges, onde os corpos eram cremados para que as almas se libertassem definitivamente desse mundo.

Jaki e Maud avançavam pela multidão, inspecionando os faquires e curandeiros, adquirindo pós e elixires. O espaço compreendido entre as ruínas parecia esconder todos os aspectos da natureza humana: uma mulher puxou o sári até a cintura e defecou ao lado de um leão esculpido em pedra; um menino mendigo, as pernas aleijadas, tocava apaixonadamente uma flauta de bambu; mães e bebês com as faces cavadas pela fome agachavam-se com o olhar parado à sombra de vacas brancas. Jaki percebeu a expressão de desagrado no rosto de Maud e tentou animá-la.

— A índia não é inteira assim. Sarnath é na verdade a imensa sepultura da índia. Dhup contou que oito quilômetros ao sul há um rio sagrado, onde os nativos acreditam que se forem cremados não precisarão renascer novamente. Os moribundos de todas as partes do país vêm morrer aqui.

Quando voltaram à caravana, a carga do elefante líder estava sendo retirada por vários carregadores. Lucinda sorria ao lado de um mercador chinês trajando um quimono verde de seda, que se curvou quando Jaki se aproximou.

— Por que ele está levando nossos lucros? — perguntou ele à esposa.

— Porque eu negocieei tudo — respondeu Lucinda, com um sorriso orgulhoso. — A carga era muito pesada para os nossos elefantes, e agora temos espaço para apanhar mais mercadorias.

— Negociou tudo? — estranhou Jaki. — Mas de qualquer maneira os elefantes vão ter de carregar o produto da troca. A menos que sejam jóias, não vejo onde está a vantagem.

— Melhor do que isso. — Lucinda enfiou a mão na bolsa de veludo onde carregava suas jóias, e tirou um maço de papéis impressos com caracteres chineses. — Papel-moeda! É assim

que os chineses o chamam. Notas de troca.

— Mas isso é só papel — protestou Jaki, examinando cuidadosamente um dos papéis. — Não vale nada!

Ela recolheu a nota, enrolando-a com as outras e colocando de volta na bolsa de veludo.

— Quando estivermos na parte ocidental da índia, qualquer dos representantes chineses de lá troca essas notas por ouro, prata ou bens para vender.

— Ele lhe disse isso? — perguntou o feiticeiro com ar desconfiado, encarando o pequeno negociante.

— É uma idéia engenhosa. Os holandeses vêm fazendo o mesmo na Europa há trinta anos. É um dos motivos pelo qual o império deles se expandiu tão rapidamente.

Jaki balançou a cabeça, sem parecer muito convencido, mas não disse mais nada. Teve a atenção distraída por uma cena que ocorria ali perto.

O *mahout* gritava com um grupo de homens, mulheres e crianças que tentavam se aproximar das pessoas de cabelo dourado. Jaki dirigiu-se até lá, e o mercador chinês aproveitou a oportunidade para se retirar.

— Ciganos — disse o *mahout*. — Gente

muito má. Estou expulsando eles.

Pareciam anões, com o corpo atarracado e pernas curtas. Os homens tinham cabeças alongadas e sobrancelhas que lembravam a dos macacos encimando olhos escuros e vítreos, além de barbas cinzentas. As três mulheres cobriam-se com véus e seguravam as crianças apertadas junto às saias escuras. Um dos dois homens conseguiu livrar-se das mãos do *mahout* e aproximou-se de onde estavam Jaki, Lucinda e Maud. Atirou-se na poeira aos pés dos europeus, e Lucinda convidou-o a levantar-se, colocando uma moeda de ouro na mão suja e calosa.

— Obrigado, senhora — disse o cigano, repuxando os lábios arroxeados e mostrando dentes quebrados. — É muito generosa com viajantes que passam necessidade... — acrescentou em espanhol, um brilho maldoso luzindo nos olhos.

— Vamos indo, Lucinda — chamou Maud, puxando a manga da patroa.

— Lucinda! — exclamou o cigano. — Um nome luminoso... Uma criança luminosa. Deixe que eu tenha a oportunidade de refletir essa luz sobrenatural sobre coisas que ainda vão ser.

Jaki deu um passo para ficar ao lado de Lucinda, e viu o indivíduo retirar algo envolto em

pano verde do interior de seus andrajos e em seguida desembulhar um maço de cartas com fundo verde e ilustrações detalhadas e coloridas de animais fabulosos e figuras simbólicas.

— Quem é você? — indagou Jaki, em espanhol.

— Apenas um mendigo de quem essa senhora teve piedade. Vou botar as cartas para ela, se ela assim o permitir.

— Vamos embora, Luci — insistiu Maud. — Esse homem é mau. De verdade. Sou capaz de sentir até o cheiro.

Jaki concordava. O ar em volta do cigano tinha cheiro de amônia, que sobrepujava até mesmo os odores do mercado e dos animais.

— Você já deu dinheiro a ele. Deixe-o ir embora.

Mas Lucinda não se mexeu. As imagens belas e misteriosas das cartas a atraíam, e ela estava curiosa para saber o que o homenzinho faria com elas.

— Deixe-me aceitar a oferta, assim ele vai se sentir menos mendigo. — Ela fez um gesto em direção à tenda que ocupava e sentou-se. — Pode abrir as cartas.

Maud e Jaki trocaram um olhar apreensivo, e o rapaz ajoelhou-se ao lado de Lucinda e

tomou-lhe a mão.

— Isso está me parecendo a feitiçaria que deixei de lado para estar com você. Não se deve olhar para trás. Lembre a mulher de Lot...

— Não seja supersticioso, Jaki — respondeu Lucinda num sussurro. — Não pretendo deixar que os truques mágicos desse homem interfiram de qualquer forma em minha vida. Não tenho medo deles, sou inglesa, e meu destino está nas mãos de Deus. E não existe feitiçaria que possa mudar isso!

Jaki levantou-se e deu um passo para trás. Maud tomou seu braço, e juntos ficaram espiando por sobre o ombro de Lucinda.

O cigano ajoelhou-se na poeira e ofereceu à dama seu maço de cartas.

As cartas tinham um odor acre, que lembrava pó de carvão, e as mãos de Lucinda pararam de embaralhar antes mesmo que ela tivesse consciência disso. Devolveu as cartas ao cigano.

O homem jogou cinco cartas ao chão, com a face colorida brilhando contra a poeira: A Torre, A Matilha, Três Espadas, Cinco Copas e o Sol. Um indicador encardido pousou sobre a primeira, que mostrava um minarete de pedra partida por um raio, com um cavalo branco

saindo do interior.

— A parede partida — resmungou o cigano.
— Você está livre dos degraus tormentosos da torre intacta. A torre alta e solitária, onde você era uma rainha da escada ancestral... e também uma prisioneira. Mas agora está livre... Livre.

Jaki ficou subitamente alerta, e Maud começou a roer as unhas. O dedo agora se apoiava na segunda carta, que representava cachorros de caça em plena ação, com as orelhas e caudas eretas, os olhos brilhando de excitação e os corpos esguios saltando para a frente.

— Você ama o que ama e obedece aos desejos do coração. Mas não há maneira de possuir totalmente o objeto de seu amor. — O dedo passou para a terceira carta, um coração preso a um poste por três espadas. — Pois você é o sacrifício, presa à árvore da vida. A crueldade da beleza, o coração condenado... — Hipnoticamente, o dedo tocou a quarta carta, três taças derramadas à margem de um rio, e mais duas sobre um solo rachado, tendo entre elas uma rã coberta de alcatrão. — Mais uma alma perdida para a febre de Deus. Na jornada para o lar de seus desejos, você morrerá...

Jaki avançou e agarrou o cigano pela camisa com tanta violência que esta rasgou e o

homem caiu de costas na poeira. O rosto sujo transformou-se numa máscara de medo, e a mão partiu em busca da faca. Lucinda segurou o marido.

— Calma, Jaki. É só uma tentativa de ganhar mais dinheiro... Calma, meu amor.

Jaki permitiu que a esposa o puxasse para trás, mas manteve o olhar fixo no rosto do cigano, que levantou a última carta para que todos a vissem.

— O Sol. Dois corações que batem como um só sangram ao serem separados, mas vejam... o Sol. — Sua mão balançava no ar, porém a imagem era perfeitamente visível: uma criança brincando num canteiro de flores, sob um sol colorido com rosto de leão. — Você morrerá, generosa senhora. Já provou a liberdade e vai morrer, mas sua semente viverá. No lugar onde o mar lambe as dunas, sua semente está acorrentada às estrelas. O que mais se pode querer?

Jaki livrou-se dos braços de Lucinda e chutou as cartas num monte de poeira.

— Saia daqui, seu demônio!

O cigano recolheu freneticamente o baralho, depois Jaki agarrou-o pelos cabelos e arrastou-o vários passos antes de atirá-lo longe. O homem

foi acudido pela família e depois encarou o feiticeiro cheio de ódio, agitando o punho fechado, até que fosse levado dali.

Maud, que até então parecia em estado de choque, saiu correndo na direção de sua tenda e entrou por um instante. Quando saiu, evitou Lucinda, que admoestava Jaki por seu comportamento, e passou por trás dos elefantes. Levantou as saias e correu atrás dos ciganos.

— Esperem — pediu ela em inglês. Depois, em um espanhol rudimentar, completou: — Eu tenho algo para vocês.

Os ciganos, receosos e zangados, mantiveram as mãos próximas às armas, mas o mendigo que tinha lido a sorte adiantou-se um passo. O cheiro de amônia aumentou quando o homem retirou as mãos de dentro da camisa e as estendeu. Esperava outra moeda de ouro para retirar a profecia, e ficou espantado quando sentiu uma pedra sendo colocada na palma calosa e quase atirou o objeto ao chão.

— O que é isso?

— É um diamante — respondeu Maud, o rosto pálido e tenso procurando as palavras que necessitava em espanhol. — Um diamante em bruto. Muito valioso. Aceite. Mas poupe minha ama desse destino. Poupe!

— Deve gostar dela de verdade — comentou o cigano, girando a pedra entre os dedos.

— Ela é tudo o que tenho na vida. Sou criada e seguidora dela.

O cigano esfregou a pedra em sua barba, depois enfiou-a no bolso.

— Está feito. Agora ela encontrará o próprio destino.

— Obrigada — Maud suspirou aliviada, afastando-se enquanto a família do homem o cercava ansiosamente.

Não havia nada a temer: Lucinda não queria mesmo que ela ficasse com a pedra, que agora tinha usado para mudar-lhe o destino. Relanceou o olhar pela caravana, onde tudo parecia em ordem, acalmado-a. Entre os trabalhadores, divisou a tenda de Kota, com a portinhola aberta e os olhos vigilantes do pirata brilhando no interior. Ele tinha observado toda a cena.

Kota saiu de sua tenda, ainda sem camisa e segurando a calça larga, andando apressadamente na direção de Jaki. Maud sentiu um frio na boca do estômago, levantou a saia e correu novamente. No momento em que alcançou Lucinda, Kota já havia sussurrado ao ouvido do patrão, cujo rosto começava a demonstrar uma

expressão de raiva.

— Você deu seu diamante ao cigano?

— Maud! — Lucinda levantou do banquinho onde estava, numa reação de incredulidade.

— É verdade, minha senhora. Mas o cigano suspendeu sua praga. Está livre daquele destino, agora!

— Sua tola! — cortou Lucinda. — Jogou fora sua fortuna.

— Foi por você que eu fiz isso! — As lágrimas subiram aos olhos de Maud. — Queria que ele poupasse você.

— Meu destino não pode ser afetado pelo poder insignificante daquele homenzinho! — Indignada, Lucinda tomou a face da criada entre as mãos, obrigando-a a encará-la. — Volte já até onde está aquele cigano e recupere seu diamante.

— Não, minha senhora... — balbuciou Maud, balançando a cabeça.

— Não me desafie, Maud!

— Por favor, Luci. Não faça isso comigo. Eu não quero o diamante!

— Pois você vai apanhá-lo! — Lucinda parecia inflexível. — Ou então ficará aqui em Sarnath, mendigando sua volta à Inglaterra.

— Pegue as pistolas — disse Jaki a Kota

antes de entrar na própria barraca.

Colocou a bolsa de couro no ombro e desembainhou a espada que havia adquirido em Dagon. Sentiu o olhar reprovador ao passar por Lucinda, censurando-o por dar um presente tão valioso a uma serva. Não quis parar para discutir, mas em seu coração cresceu a admiração por Maud. Quando se aproximou dela, colocou a mão em seu braço.

— Desculpe por demonstrar minha raiva. Você agiu de boa-fé — disse ele. — Eu é que devia ter feito o que você fez. Agora vá para sua tenda, enquanto converso com o cigano.

— Não. — Ela enxugou as lágrimas e apoiou a mão no braço que empunhava a espada. — Preciso ir com você.

— Ciganos, *lah!* — resmungou Kota, juntando-se aos dois com uma pistola em cada mão, apontando para um grupo de maltrapilhos, que se dispersou imediatamente, entrando numa caverna soturna.

— Guarde a arma na cintura. Não quero ninguém morto por causa desse assunto — disse Jaki ao pirata, aproximando-se depois de Maud e entregando-lhe outra pistola. — Fique aqui e use isso, se for preciso.

Afastou-se com Kota até a boca da caverna

e semicerrou os olhos, para acostumar a vista à escuridão. Passaram pelo arco corroído e perceberam que os pilares eram formados de ossos, enquanto as paredes e nichos interiores encontravam-se atulhados de crânios humanos. Era um templo da morte. Jaki sentiu uma repugnância instintiva ao constatar que os ciganos viviam numa sepultura, e por isso não eram molestados pelas demais tribos. Ao penetrar mais na fria e úmida escuridão, pediu ao pai que o ajudasse.

Muitos olhares furtivos pontilhavam as sombras, e não havia bondade em nenhum deles. Um macaco guinchou, e os ciganos abandonaram os cantos e vieram em direção aos intrusos, a palma das mãos estendidas.

Jaki levantou a espada, e os pedintes recuaram. Reconheceu a família que abordara a caravana e avançou na direção dela. A mulher coberta com o véu soltou um grito e os ciganos se enfiaram novamente nos nichos que cercavam o templo principal.

O cigano adivinho esperava por ele com um cutelo na mão, mas um golpe seco e bem aplicado por parte de Jaki fez com que a arma voasse longe. Desesperado, o homem tentou acertar um soco no pirata, que girou o corpo e

prensou o adversário contra uma coluna de pedra, apoiando a ponta da espada contra a pele embaixo do queixo.

— O diamante! — pediu Jaki, em espanhol, pressionando a lâmina.

O homem ainda estava meio tonto com a rapidez dos acontecimentos, mas sentiu a pressão do aço na garganta, obrigando-o a levantar mais a cabeça.

— Foi dado de boa vontade — soluçou ele, tentando livrar-se da ponta da espada com a mão. — Não roube a última esperança que Deus concedeu aos danados. Nossas crianças estão sofrendo...

A espada moveu-se mais para cima, e o homem foi obrigado a ficar na ponta dos pés. Lágrimas brotaram-lhe dos olhos, e ele retirou a pedra da faixa à cintura.

— Leve o diamante e será amaldiçoado com a morte em vida! Se me matar, a maldição se estenderá aos seus filhos!

— Só quero o diamante — afirmou Jaki, apanhando a gema e afastando a espada.

— O diamante é meu por direito — protestou o cigano, encorajado pela retirada da lâmina. — Não roubei nada, foi a senhora quem me deu.

— Querendo que você mudasse uma coisa que não tem poder para mudar — retrucou Jaki, recuando e fazendo sinal a Kota para que fizesse o mesmo.

Andaram de costas na direção da saída, mas, antes que atingissem o portal de ossos, os ciganos se juntaram num grupo entre os invasores e a saída. Algumas espadas apareceram, ameaçando golpear os piratas, e Kota disparou as duas pistolas na direção do ataque. Depois colocou-as no cinto e apanhou seu *parang*, postando-se ao lado de Jaki. O adivinho agora sorria para eles, vendo a saída bloqueada.

— Devolvam o diamante. Ou então vamos retalhar vocês dois, e depois pegamos a pedra de qualquer jeito.

Jaki e Kota colocaram-se costas contra costas e progrediram lentamente na direção da saída, enquanto o cigano apanhava seu cutelo e os outros avançavam com machados e cimitarras.

— Corra para a porta — sussurrou Jaki a Kota, em malaio. — Salve Maud!

— Não! — respondeu o fiel e teimoso pirata. — Nosso sangue vai se misturar aqui!

Um uivo curto partiu do adivinho, e de uma

só vez os ciganos atacaram. Os dois invasores estavam no centro da luta, e só não foram mortos porque giraram suas lâminas em círculos, evitando que os primeiros inimigos chegassem a uma distância que permitisse atingi-los. Mas o número de atacantes aumentava, e muitos começavam a golpear visando as pernas de Jaki e Kota. Em mais alguns instantes seriam retalhados com certeza.

Uma explosão ecoou no interior do templo, ribombando nas paredes antigas e provocando a revoada de uma infinidade de morcegos no silêncio que se seguiu. Da porta, em silhueta contra o clarão do exterior, Maud abaixou a pistola que disparara.

Aproveitando sem perda de tempo o vazio que se formara entre eles e a saída, os piratas atingiram o portal em dois saltos. Arrastando Maud, correram para fora. Atrás deles, o cigano vociferava:

— Minha maldição vai com esse diamante! A sombra da morte que existe aqui vai acompanhá-lo para sempre.

Jaki sorriu, abriu a bolsa de couro e retirou de lá a bandeira pirata. Quando desfraldou Wyvern, a imagem flamejante do dragão alado adquiriu um brilho quase sobrenatural contra o

fundo. Os ciganos estacaram imediatamente.

— Esta é minha maldição para vocês — gritou Jaki.

Gritos e gemidos se fizeram ouvir do bando de maltrapilhos, que medrosamente retornava ao interior escuro do templo, tropeçando uns sobre os outros.

Voltando-se para regressar ao acampamento, Jaki embainhou a espada e começou a dobrar o estandarte pirata com a ajuda de Kota. Curvou-se para Maud.

— Devemos nossas vidas a você — disse, aliviado.

Maud soltou um suspiro e sorriu, acompanhando com os olhos o que os dois faziam.

— Essa é a mesma bandeira que nos salvou dos ataques de piratas durante a viagem. Quem é esse monstro?

— As garras da Vida — respondeu o feiticeiro. — Nossa Mãe.

— Parece tão terrível...

— E é mesmo. Ela nos ama até a morte. — Jaki estendeu o diamante para ela. — E isto aqui é seu, Maud. Guarde-o, ou troque pelo valor justo.

— Não quero ficar com ele, Jaki. Lucinda

não gosta disso. Eu sinto...

— Quero que você fique com ele — insistiu o rapaz.

— Por que quer me dar o diamante, senhor Gefjon? — quis saber

Maud, caminhando na frente com Jaki. Kota, um pouco mais atrás, protegia a retaguarda.

— Temos muitos diamantes. Você é parte da família, por que não pode ter um?

— Fico muito honrada com isso, mas sou apenas uma criada, e não faço parte da família...

— Para mim é diferente. — Jaki parou e olhou para Maud. — Casei com Lucinda, mas não com todos os hábitos e crenças dela, embora eu faça força para aprender a me comportar como europeu, e ela esteja me mudando. Só que algumas coisas nunca vão mudar para mim. Na minha tribo, a família partilha de todos os bens. Para mim, você sempre será a irmã de Lucinda, não sua criada. Aceite o diamante. Lucinda mandou que voltasse para apanhá-lo, ele é seu.

— Está amaldiçoado. Lucinda vai morrer!

— Toda a vida é amaldiçoada. A Mãe da Vida é terrível! Devora sua cria. Todos vamos morrer — argumentou Jaki.

— Jaki, não posso aceitar. Sou apenas uma

criada. Na minha terra serei sempre uma criada, e nem diamantes podem mudar isso. Mas... — Ela baixou o olhar, procurando coragem para falar. — A sua preocupação em querer partilhar sua riqueza, essa eu aceito. É um presente que não posso perder, nem ninguém pode roubar. Assim como sou irmã de Lucinda aos seus olhos, para mim você também é como um irmão. — Só então ela fitou Jaki, vendo a compreensão nos olhos dele, e um sorriso em seus lábios.

Lucinda esperava por eles, ainda procurando saber onde havia errado. Por que Jaki oferecia resistência a sua sabedoria e insistia em misturar classes sociais? Algumas vezes chegava a pensar que ele era uma criança de natureza desconhecida, um ser primitivo que não se modificaria. E agora, com a necessidade que crescia dentro de si, precisava mais do que nunca civilizar o marido.

— O diamante — anunciou Jaki, passando-lhe a bela pedra de brilho embaciado. — Maud não quer aceitá-lo de volta, acredita que está amaldiçoado. Quer ficar com ele?

— Quero. E vou usá-lo como você usou os seus.

— Luci, o cigano o amaldiçoou! — avisou Maud.

— Maud, vá fazer o jantar — ordenou Lucinda, despedindo Kota com um aceno de mão.

— Não tem medo da profecia do cigano? — quis saber Jaki, acompanhando-a de volta à barraca.

Ela riu antes de responder.

— Quando eu era criança, costumava esconder-me no escritório de meu pai, nas ocasiões em que ele se encontrava com membros de uma organização secreta que tentava sempre recrutá-lo. Eles se intitulavam: A Igreja dos Dois Ladrões. Usavam túnicas e chapéus pontiagudos, queimavam incenso e liam antigos volumes que falavam sobre anjos, profecias e a providência da mão escondida de Deus. Mas nunca apareceu nenhum fantasma. Eram todos seres humanos e, quando acabavam, tiravam as togas e bebiam vinho como todos os mortais. Depois voltavam bêbados para casa. Isso me curou de toda a fé no sobrenatural — concluiu Lucinda. — E nem tenho medo da morte. Afinal, o que há para temer? Pelo amor de Deus, quando morremos, simplesmente voltamos a ser o que éramos antes de nascer!

Ao chegarem em frente à tenda, ela tomou-lhe o rosto entre as mãos.

— Meu amor, preciso contar uma coisa. — Os olhares de ambos se encontraram. — Não tenho medo de morrer, mas tenho medo da vida... E muito cruel. Precisamos lutar tanto ainda para chegar ao nosso lar, no Novo Mundo!

— Mas chegaremos, minha gazela. Não se preocupe.

— Não tenho medo por mim... Mas por outro. — Lucinda fez uma pausa, e completou timidamente. — Por quem carrego dentro de mim.

— Você está esperando um filho? — perguntou Jaki, atônito.

— Estou. Não sangro desde que entramos na índia.

— Mais ou menos duas semanas...

— Para mim é o suficiente. — O orgulho tornara as faces de Lucinda afogueadas. — Sinto as mudanças dentro de mim.

Jaki aproximou-se e abraçou-a suavemente. Assim ficaram por algum tempo, deixando que a mágica energia fluísse de um para o outro.

A jangada que subiu com William Quarles e Robert Fletcher pelo rio Irrawaddy voltou a Dagon seis meses depois, com os dois ingleses vestidos em andrajos e tremendo de malária. Haviam atingido Prome, embora o rio estivesse

coalhado de troncos e detritos trazidos pelas monções, mas a viagem levava muito mais tempo do que tinham previsto de início. O progresso era lento, e o cheiro de podridão uma constante tal a quantidade de animais mortos que boiava ao lado das enormes árvores seculares. Perderam horas no trabalho de desobstrução do caminho. Prah, o mercador que perdera os elefantes jogando com Lucinda, resolveu vingar-se do pai da moça, e conseguiu arrancar-lhe o sabre mais todo o ouro que possuía, em troca de um elefante velho e cansado e um guia preguiçoso que ninguém mais pensaria em contratar.

Quando enfrentaram o verdadeiro paredão em que a selva havia se transformado desde a passagem da caravana e a queda das chuvas, Fletcher fez o que pôde para dissuadir Quarles de continuar. A floresta estava constantemente coberta com uma espécie de névoa que dificultava muito a visão do chão e do emaranhado de cipós. Mas o capitão inglês estava obcecado pela idéia de alcançar Lucinda enquanto ela estivesse negociando nas terras altas.

Fletcher ficou fortemente tentado a deixar que Quarles entrasse sozinho na floresta, porém ainda ambicionava receber uma recomendação

do capitão, que, embora tivesse o prestígio abalado com o episódio em Serangoon, continuava um homem poderoso na Ásia. Penetraram no inferno da selva, e então o oficial começou a falar dos piratas, de parasitas e de um frio que sentia no peito, possível de ser curado apenas com o toque da filha. O adido inglês se deu conta de que o capitão Quarles não era apenas um homem obstinado, mas estava louco.

Na noite seguinte, o irascível elefante que os transportava fugiu enquanto dormiam, levando no lombo duas sacas de arroz, toda a água potável que possuíam e a bússola. Mesmo assim, Quarles queria continuar, e, se não fosse o guia recusar-se terminantemente a seguir sem o paquiderme, era o que teria feito. A volta para Prome tornou-se quase impossível, pois o capitão teve febre e foi arrastado numa liteira improvisada.

Dois dias depois Fletcher também adoeceu, e os dois ingleses ficaram reduzidos a se arrastar atrás do guia. Sem ele, certamente teriam morrido, pois estavam tão fracos que não tinham forças para procurar comida ou acender o fogo. Quando finalmente chegaram a Prome, cambaleando como bêbados, os olhos

amarelados fixos à frente e os cabelos sujos de cinza, os habitantes da aldeia os tomaram por loucos e quase foram apedrejados. Prah, apiedando-se deles, mandou-os de volta rio abaixo na mesma jangada que usaram para subi-lo, provendo-os com frutas e arroz.

Em Dagon, Jacob Boeck ficou alarmado em saber das novas sobre os dois ingleses. Receoso de que pudessem vir a morrer, transformando aquilo tudo num incidente político muito desagradável, notificou imediatamente o adido inglês em Jacarta, que foi visitar Quarles assim que o capitão ficou em condições de sentar na cama e ouvir.

— Você foi tolo em se enfiar na selva atrás de sua impetuosa filha — observou o adido, acomodado numa poltrona a uma boa distância da cama. — Ignorou a ordem do Almirantado que lhe enviei em Surabaja. Essa foi a sua maior besteira.

— Não posso voltar — murmurou Quarles, olhando para o teto. — Não tenho mais nada no mundo. Só minha filha...

— Não diga bobagens, William. Você tem um nome, e aquela propriedade em Devon, que demorou tanto a conquistar de volta! Precisa defender a ambos, ou vai perdê-los.

O olhar do capitão inglês vagava pelos ornamentos do aposento, representando guirlandas e bagas, imitações pobres e rústicas de luxuriante vegetação da floresta, que ele ainda via mesmo com os olhos fechados, assim como continuava sentindo o cheiro de decomposição e umidade da camada podre do chão.

— William, está me ouvindo? — Os olhos do adido pareciam negros e distantes. — Quer que eu volte em outra hora?

Quarles prendeu sua visão aos lençóis, forçando-se a percorrer de volta os quentes túneis verdes da floresta até seu quarto de enfermo.

— Não posso voltar à Inglaterra sem minha filha — declarou por fim, com a voz abalada. — Minhas terras, meu nome... Nada disso tem valor sem ela.

— Já havia previsto esta atitude — declarou o adido, com um gesto de compreensão. — E tomei a liberdade de mandar ao Almirantado uma carta, informando que você está envolvido numa missão diplomática vital. Com isso, consegui algum tempo para você.

Quarles olhou para seu visitante sem entender muito bem seus motivos.

— A Igreja dos Dois Ladrões está do seu

lado, William.

— Jurei lealdade apenas à Igreja...

— Anglicana. Já sei. Você tem resistido constantemente ao nosso chamado. Mas será que a Igreja da Inglaterra vai salvar sua pele agora? Será que eles têm um plano para recuperar tanto sua reputação quanto sua filha voluntariosa? — O adido sorriu paternalmente ao ver a expressão incrédula do capitão, e continuou em tom de conspiração. — Você não entende completamente a Igreja dos Dois Ladrões... Acha que é coisa de papistas. Pois posso lhe assegurar que ela é muito mais antiga do que a Igreja de Roma. Na verdade, é bem mais antiga do que a própria Roma. — Observou por um momento o rosto de Quarles — Vejo que não está acreditando em mim... Pois bem, quando os romanos invadiram a Bretanha, destruíram nossos santuários, derrubaram os menires e nos impuseram sua religião. Porém nossa fé céltica não morreu com os romanos. Nossos deuses mudaram de nome, e, quando os romanos se tornaram cristãos, mudaram de nome outra vez, de acordo com nossa escolha. Ainda somos as crianças da floresta. Como os dois ladrões que foram crucificados ao lado de Cristo, pertencemos a este mundo e ao outro. Não

servimos a nenhuma coroa, mas à própria vida. Lutamos pela luz e pela vida, prosperidade e fertilidade, e contra a pobreza e a derrota, neste mundo e no outro, e somos seus guardiões. Eram essas as crenças que seu tio Samuel abraçava, William.

— Qual é o plano? — indagou o capitão inglês, com voz fraca. O adido recostou-se novamente, considerando que se Quarles jamais seria um idealista, pelo menos era firmemente determinado, e desesperado o suficiente para realizar o que ele tinha em mente.

— Boeck nos informou que a caravana de Lucinda possui salvo-condutos para atravessar o Império Mongol, em direção à Índia e Surat. Como deve saber, o império está agitado, com Jahangir moribundo ou já morto e nenhum herdeiro definido. Eles não apreciam estrangeiros e não permitem o acesso da Inglaterra às suas terras, mas a Igreja dos Dois Ladrões entrou em contato com uma facção mongol que tem grandes chances de assumir o poder quando Jahangir morrer. Suas chances aumentariam muito se possuíssem armas de fogo para os homens que os apóiam. Temos vinte e três caixas de pistolas de pederneira holandesas, cento e quinze armas no total, apreendidas numa caravela portuguesa,

que por sua vez as conseguiu durante o ataque a Amboina, no ano passado. Pretendo mandar um recado a essa facção, anunciando que trocaremos essas armas por sua filha Lucinda, e depois pelos direitos de comércio quando assumirem o poder.

— Mas você não precisa de mim nesse plano — observou Quarles, desconfiado.

— Precisamos sim, William. Como eu disse, os mongóis estão praticamente em guerra pela disputa do poder, e o resultado disso é incerto. A Inglaterra não pode fazer nenhuma declaração formal de apoio, mas, afinal de contas, podemos apostar, não podemos? Sua missão será unicamente pessoal, sem a aprovação da Coroa. Se tiver sucesso, conseguirá sua filha de volta, e a Inglaterra conseguirá um aliado na luta pelo Trono do Pavão. Se falhar, pode perder a vida. Mas isso não deve perturbar em absoluto um homem que desafia uma ordem do Almirantado e se lança sem pestanejar ao interior das selvas de Burma...

— O adido fez uma pausa, os olhos assumindo um brilho indagador.

— Posso fazer os preparativos necessários para sua missão em Surat? Quarles cerrou as pálpebras, e o mundo verde e implacável da selva

passou novamente diante dele. Num sussurro quase inaudível, deu a resposta que o comprometia:

— Pode.

Lucinda conseguiu que um joalheiro em Varanasi engastasse o diamante em bruto num suporte com garras de ouro e passou a usá-lo pendurado numa corrente também de ouro trançada e fina como dois fios de cabelo, sobre o colar com as presas do tigre. A exibição desses emblemas de poder impressionava os habitantes simples das aldeias, e logo corriam histórias fabulosas sobre a Dama do Tigre, que viajava nos mexericos, à frente da caravana. Multidões reuniam-se à frente das vilas para ver a mulher de cabelos dourados que havia livrado Manipur de todos os seus tigres.

Lucinda sabia o bastante sobre o império que atravessavam, pois havia dois anos, enquanto viajava com o pai através das representações comerciais inglesas, em Ajmere e Ahmadabad, tivera oportunidade de ler o diário do primeiro embaixador inglês na Índia, Thomas Roe. Dez anos antes, Roe havia conseguido direitos de comércio em Surat, depois de muita intriga na corte do Império Mongol, que a esta altura já contava cem anos de existência.

Durante a viagem, muitas das histórias que Lucinda contava ao pé da fogueira eram sobre o imperador Jahangir, que colecionava pinturas de São Bernardino de Siena, Santo Antônio e João Batista. O imperador era amigo dos jesuítas portugueses e embora fosse ele mesmo muçulmano, passava os dias bebendo vinho e fumando ópio em seu riquíssimo palácio, onde promovia lutas de elefantes para o próprio entretenimento. À noite, retirava-se para o harém de cem mulheres que eram guardadas por eunucos e nunca apareciam em público. A esposa favorita de Jahangir, Nur Jahan, possuía muita influência, e sempre instigava sua famosa crueldade para com os inimigos, até mesmo contra o filho mais velho, que tentara se rebelar, e como castigo tivera suas pálpebras costuradas.

Algumas semanas antes, quando ainda enxergavam os picos nevados ao norte, as aldeias encontravam-se alvoroçadas com a notícia da morte de Jahangir. O Império Mongol transformava-se num imenso campo de batalha pela sucessão entre os filhos do imperador, e antes de entrar no país Jaki sugeriu que voltassem.

— Temos lucros suficientes para Boeck — disse ele a Lucinda. — Vamos voltar a Dagon e

comprar passagens para o Novo Mundo.

Mas Lucinda não se deixou convencer. Com o cabelo claro e luminoso agitado pelo vento, tinha uma aparência muito diferente do que no início da viagem.

— A guerra é diferente na índia — explicou ela. — Não é como na Europa, onde os espanhóis devastam todo o campo, destruindo as colheitas para fazer da fome uma arma no inverno. Aqui as batalhas são estritamente entre guerreiros. Uma casta inteira é criada e educada unicamente para lutar, e só eles é que fazem isso. Fazendeiros permanecem fazendeiros, mesmo na guerra. Nossa caravana vai passar sem ser molestada. Aliás acho até que seremos bem-vindos, porque durante as batalhas os homens são sempre ávidos por novidades. — Ela abriu os braços, indicando a vastidão da terra sob o véu de chuva fina que se estendia à frente deles e acrescentou, cheia de esperança: — Teremos grandes lucros nesta terra.

A caravana foi recebida do lado de fora da recém-construída cidade de Mirzapur por uma comitiva de ávidos comerciantes e curiosos, que conduziram a longa fila de elefantes, camelos, mulas e gado através da água rasa do rio em direção ao mercado ainda inacabado, onde uma

verdadeira multidão aguardava. Lucinda ia no alto do elefante líder, com Maud a seu lado, adorando toda aquela atenção. Nos dois dias desde que tinham deixado Sarnath, ela havia carregado o elefante que seguia logo atrás com sedas chinesas, fardos de índigo, pimenta-do-reino, chá verde e preto, nanquim e cascas de canela, além de madeiras raras: cânfora, sândalo e *bosmellia*. Agora, na cidade que nascia à beira do rio, Lucinda pretendia dobrar seus lucros.

Assim que a caravana chegou à margem do rio, irromperam tiros na quietude da tarde quente. Alguns elefantes barriram, assustados, e os gritos de alegria da multidão foram morrendo até o silêncio completo, enquanto as pessoas se afastavam para dar passagem a dois garanhões negros montados por espadachins. Com as cimitarras desembainhadas e os turbantes negros puxados sobre o rosto, os cavaleiros se dirigiram diretamente para o elefante de Lucinda.

Jaki e Kota levaram instintivamente a mão até suas pistolas, mas não julgaram prudente sacá-las, pois as margens do rio se encheram de guerreiros trajados com uma túnica negra e turbante, parecendo prontos a atirar com seus mosquetes. O comandante então cavalgou pelo corredor que seus batedores tinham aberto na

multidão, detendo-se diante do elefante de Lucinda.

— Sou Subahdar Hadi — anunciou ele em inglês, voltando-se na sela incrustada de prata para examinar Lucinda. Arqueou as sobrelanceiras e os olhos negros cintilaram. — A senhora deve ser a famosa Lucinda Quarles. Sim, eu sei seu nome. O embaixador Boeck da Companhia Holandesa alertou-me há meses de que viriam para cá. Confesso que mal acreditei, até que ouvi rumores sobre uma certa Dama do Tigre, com os cabelos cor de ouro. Tenho a honra de lhes dar as boas-vindas ao reino de Uttar Pradesh, onde sou um servo do grande imperador mongol Shahryar.

— Obrigada, Subahdar Hadi — respondeu Lucinda com uma inclinação cortês de cabeça e uma rápida olhada ao marido para assegurar-se de que ele e Kota não tinham sacado as armas. — Não merecemos uma recepção deste porte. O embaixador Boeck deve ter-lhe contado que somos apenas uma caravana de mercadores a caminho do escritório da Companhia Holandesa em Surat. Nunca imaginamos ser recebidos por um potentado, quanto mais um que fala nossa língua com tanta fluência.

— Não sou um potentado, senhorita

Quarles — protestou Subahdar, sorrindo sob a barba negra. — Sirvo ao mongol como *farrash khanah*, ou, como diria em sua língua, sou apenas responsável pelos acampamentos. É a vontade de meu amo que agora eu supervisione este porto no Ganges, por isso aqui me encontro. — Seus olhos estavam pintados, assim como os lábios, e o brilho de um rubi se destacava na orelha direita. — Há quinze anos, foi desejo do imperador Jahangir que eu acompanhasse *sir William Hawkins* numa viagem ao redor do império. Como ele ficou conosco por três anos, pude adquirir certa familiaridade com sua língua. Aceitará minha hospitalidade em Mirzapur?

— É muito generoso, senhor — respondeu Lucinda com deferência — Mas somos apenas uma caravana comum, indigna de sua atenção. Eu mesma não me chamo mais senhorita Quarles, visto que me casei com Jaki Gefjon. — Nesse ponto ela sorriu e indicou o marido, que avançou um passo e executou com perfeição a curvatura apropriada para dignitários, como Pym lhe ensinara.

— Ah, é o pirata! — exclamou Subahdar, divertido, enquanto Jaki finalizava sua medida. — É claro que *Mynheer Boeck* me falou sobre

você, porém mesmo que ele não tivesse mencionado coisa alguma, ainda assim eu conheceria seu nome. Nos últimos meses sua notoriedade tem apimentado as conversas por todo o império. O Bantam da Malaísia cujo porto dizem que você destruiu desarmado, avisa que você é um selvagem imprevisível. É verdade que foi criado por uma tribo de caçadores de cabeça em Bornéu?

Jaki olhou para o anfitrião e sorriu.

— Será que algum de nós é responsável pelos acidentes de nascimento?

O Subahdar soltou uma gargalhada estranha, composta de vários grunhidos, mas que serviu para quebrar a tensão entre os membros da caravana. Todos suspiraram aliviados ao ver o rumo polido que tomavam as conversações.

— Muito bem colocado, senhor — aplaudiu o comandante, depois sibilou uma ordem a um dos cavaleiros a seu lado. — Por favor, acompanhem-me até o acampamento, longe deste calor opressivo. Seus mercadores podem negociar em nosso novo mercado, enquanto terei a honra de entreter vocês.

Lucinda comandou seu elefante, que obedientemente se ajoelhou para que ela e Maud

pudessem descer. Jaki e Kota, certamente afetados pelas boas maneiras do anfitrião, adiantaram-se para ajudar as damas.

O cavaleiro suspirou audivelmente e apontou a palma da mão primeiro para Maud, depois para Kota.

— É uma lástima! — disse afinal. — Mas não posso estender o convite a seus criados. Hoje fui chamado a Mandu, e meus servos estão sobrecarregados com os preparativos da viagem. Precisam me desculpar por isto, mas seus subalternos terão de acompanhar a caravana a Mirzapur.

Jaki fitou o Subahdar com uma certa desconfiança, mas antes que pudesse dizer alguma coisa, Lucinda interveio.

— Não necessitaremos de criados sob sua hospitalidade — assegurou ao anfitrião, virando-se depois para Maud: — Quando for ao mercado, veja se consegue esquecer um pouco as especiarias e os chás, e tente trocar o aparelho de porcelana por tecidos.

Jaki entregou sua pistola ao companheiro. Kota pareceu aliviado em não ir, pois anos de batalhas constantes deixaram suas marcas no rosto do anfitrião. Enfiou a pistola na faixa da cintura e misturou-se ao pessoal da caravana.

O Subahdar indicou dois cavalos negros ricamente ajaezados, e um sorriso surgiu-lhe novamente nos lábios enquanto observava a maneira desajeitada de Jaki ao montar. Lucinda cavalgou com as saias levantadas, para choque dos servos que nunca tinham visto uma mulher montar assim, quanto mais com os cabelos quase brancos e olhos que refletiam o céu.

— Ouvi dizer que em Burma usava um chapéu muito incomum, *sir* Gefjon — observou casualmente o Subahdar enquanto cavalgavam a passo pelo caminho que levava ao rio. — Poucos homens, a não ser reis ou tolos, usariam diamantes nos chapéus. Por que desafia a cobiça dos homens?

— Não os exponho mais — respondeu Jaki.

— Mas agora todos sabem que carrega diamantes — insistiu Hadi.

— São pedras sagradas. Meu povo as chama de lágrimas da montanha, pois acredita que foram choradas pelo sofrimento da vida. São tudo o que resta do legado do meu povo. Se a avareza de outro homem as tomasse de mim, levaria também o sofrimento que existe nelas. E talvez fosse até melhor para mim.

— Jovem pirata — o Subahdar balançou tristemente a cabeça —, pensa como um

primitivo. — Estou surpreso que tenha conservado suas pedras sagradas e o sofrimento por tanto tempo. — Olhou por sobre o ombro o diamante de Lucinda ao pescoço. — São ambos muito jovens, não são? Menos de vinte, eu diria. Tenho três vezes a idade de vocês, e já vi reis e tolos sofrerem por haver subestimado o mal. Estou feliz por Alá tê-los enviado a mim antes que fossem encontrados por um dos muitos governadores despóticos desses pequenos feudos. Seus homens são bandidos, e vocês estão usando seus deuses favoritos como ornamento.

— Mas este não é seu reino? — indagou Lucinda. — E os governadores não são todos muçulmanos? O Corão proíbe roubar mesmo de infiéis, não é isso?

— Seu conhecimento sobre o Livro Sagrado é um sinal de civilização — observou Hadi, aproximando seu cavalo do de Lucinda e olhando-a com admiração. — Mas o Corão também diz que ninguém deve ser forçado a abraçar a verdadeira fé. Embora governemos estas terras pelas armas, não impomos civilidade a ninguém, portanto agradeço a Alá por estarem comigo e por dar-me a oportunidade de tratá-los como merecem.

Logo após a curva do rio, puderam enxergar

uma profusão de tendas coloridas de azul, verde e amarelo.

— Seu comércio, senhora Gefjon, vai ser feito a bordo de nossos mercados flutuantes — informou Hadi, apontando para uma parte sombreada ao lado da margem, onde ancoravam barcas com a forma de pássaros predadores. — Ali terão oportunidade de trocar seus rústicos objetos ocidentais pela melhor mercadoria de nosso império.

Desmontaram e foram levados sobre carpetes coloridos até uma enorme tenda no centro do acampamento. Imitando o Subahdar, tiraram as botas e seguiram-no para o interior da grande barraca, erigida sobre dozes pilares laqueados de verde com seis metros de altura, que suportavam um tablado de madeira que servia como segundo andar. Veludos e brocados pendiam ao longo dos pilares, formando com a tapeçaria também pendurada um complexo que dividia o enorme salão em doze câmaras. Pequenas janelas no alto permitiam que raios de sol penetrassem aqui e ali, iluminando o couro bege e macio no chão.

— São os signos do zodíaco — anunciou Hadi, subindo por uma grossa escada de corda esticada. — A parte superior, onde comeremos,

representa o céu que fica acima dele. Mas, antes de se juntarem a mim, talvez queiram refrescar-se.

A um gesto seu, uma criada trajada com um sári azul saiu de um dos compartimentos e curvou-se para Lucinda, ocorrendo o mesmo com um criado que se apresentou a Jaki. Em cada um dos dois cubículos a que foram introduzidos havia uma banheira de madeira com incrustações de madrepérola, cheia de água perfumada e fumegante. Tiraram as roupas empoeiradas e foram convidados a deitar em mesas cobertas com pele de gazela. Os músculos foram massageados, a pele esfregada com frutas adstringentes, os dentes e gengivas massageados com pasta de amêndoas, e Jaki foi barbeado. Então foram imersos na água fumegante e ambarina, perfumada com canela. Ao sair, os criados envolveram-nos em toalhas de algodão cru, untaram ambos com aloés e óleo perfumado e trouxeram roupas locais: um sári cor de pêssego para Lucinda e uma camisa estampada de Dacca e calça azul para Jaki. Quando os dois saíram dos reservados e viram um ao outro trajados como nativos, a pele brilhando, irromperam em risos alegres. Como toque final, um colírio escuro foi pingado em seus olhos,

tornando-os mais brilhantes.

O andar superior apresentava-se cheio de almofadas coloridas, travesseiros e encostos acolchoados, e um verdadeiro banquete estava servido sobre uma rica tapeçaria. No alto da escada de corda postava-se um servo com uma adaga de cabo de madrepérola numa bainha trabalhada em ouro e damasco, que admitiu Lucinda, mas brecou Jaki. Apontou a bolsa de couro, e o rapaz a tirou do ombro.

O Subahdar saiu de trás de um fino painel desenhado e trocou frases em seu idioma com o guarda.

— Desculpe — disse ele a Jaki, finalmente. — Mas meu capitão é muito desconfiado para permitir que entre com uma sacola deste tamanho sem examiná-la. Será que poderia satisfazê-lo nos mostrando o que carrega no interior?

— São só os pertences dele — explicou Lucinda, sentindo-se revigorada com a massagem e o banho.

Jaki colocou sua bolsa sobre a pele no chão e repetiu o que tinha escutado de Jabalwan:

— Ela é feita de couro de cobra, e o desenho costurado a ela com presas de cobra, conchas e ossos representa os poderes do mundo. — Abriu

a sacola, e a primeira coisa a aparecer foi o chapéu, com os diamantes no interior. — As lágrimas da montanha sobre as quais já falei — anunciou.

Logo abaixo estavam a Bíblia e uma luneta que pertencera a Pym, ambos examinados pelo capitão, à procura de lâminas escondidas. Depois chegou a vez das ervas: canudos de folhas, pedaços de raízes secas tubos de bambu cheios de ervas, além de pequenos frascos contendo essências e pós que adquirira durante a viagem. Sob essa coleção de remédios, encontrava-se o tubo de marfim esculpido, que continha os mapas do Novo Mundo. Aquilo intrigou Hadi, e ele desenrolou cada pergaminho, porém sem examinar detidamente seu conteúdo, pois enxergou no fundo a bandeira dobrada em triângulo, que poderia conter uma arma no interior. O guarda insistiu em abri-la, e o anfitrião deu um sorriso ao ver do que se tratava.

— Permite que eu a exponha enquanto comemos? — indagou, visivelmente entusiasmado com o magnífico trabalho de artesanato. — É costume em nosso povo que se pendurem as tapeçarias dos hóspedes.

Hadi percebeu que era um trabalho chinês antes mesmo que Jaki o informasse. A imagem

era assustadora com seus detalhes, perfeita no faiscar do olhar de predador, no corpo enrolado, onde as escamas de jade e pedra negra se alternavam, nas asas estendidas como a inexorável geometria da noite, e nas garras em posição de ataque.

O anfitrião olhou para Jaki com outros olhos enquanto comiam e conversavam sobre negócios. A mesa era farta, provida das iguarias da região: perdizes assadas, perna de cabrito, codorniz, carne de corça, leite de camela, iogurte, pasta de coco e de pistache, várias verduras, vinho gelado e noz de bétel enrolada em hortelã.

Usando roupas familiares a Hadi, a juventude de Jaki era mais aparente, assim como suas forças primitivas. O anfitrião estava impressionado com aquele cruzamento entre um bárbaro do norte e aborígene do sul, que não possuía ainda idade para ter uma barba completa. Sem as botas, revelava pertencer a uma das castas mais baixas de ser humano: um homem das florestas com as solas dos pés grossas e dedos grandes e separados. As mãos também eram calejadas e apresentavam musculatura anormal, como as de um macaco. A camisa muçulmana deixava entrever uma grande cicatriz no ombro, e o formato do rosto jovem e

belo parecia tão predador quanto o monstro na bandeira. Ali estava um homem que tinha muito de sua parte animal. Um homem a ser respeitado, porém não honrado.

O Subahdar voltou o olhar para a mulher, e ficou contente ao verificar que nela não havia sinal algum de animalidade. Ela parecia ignorar o andar felino e macio do companheiro, bem como suas crenças infantis. O que a havia atraído com tanta força nele? A mensagem que recebera de Boeck o tinha informado de que a filha de um rajá inglês fugira com o pirata que amava, e Hadi imaginara um homem feito, esbanjando autoridade, com uma vasta barba e as maneiras educadas dos embaixadores ingleses que entretivera em outras oportunidades. Riu de si mesmo perante a ansiedade que o assaltara quando tinha decidido entregar a moça ao poderoso rajá inglês.

— Precisam ficar em Mirzapur enquanto viajo — disse ele a Lucinda. — As estradas são muito perigosas para continuar daqui sem uma escolta militar. Descansem até eu voltar, então poderei conseguir uma guarda que os acompanhe até Surat.

— É mesmo uma pena não podermos ficar, Subahdar — desculpou-se Lucinda, relanceando

o olhar para o companheiro. — Terei um filho na primavera. Assim que for possível, pretendemos partir para o Novo Mundo.

— Uma criança? — admirou-se Hadi, coçando a barba negra. — Mas o Novo Mundo não é um lugar perigoso demais para se criar uma criança? Ouvi dizer que é uma terra selvagem, cheia de fanáticos religiosos, piratas e aborígenes.

— É por isso que ela vai comigo — observou Jaki, mergulhando uma fatia de pão e um pedaço de codorniz no molho de laranja. — Desde que eu preencho todos os requisitos citados. — Sorria enquanto falava, mas estava tenso e cheio de dúvidas. Não estava gostando nem um pouco do olhar calculista do anfitrião, que não escondia suas intenções.

— Mas o Novo Mundo também possui colônias, Subahdar, postos avançados do império — acrescentou Lucinda, apertando o tornozelo de Jaki para que ele controlasse as palavras. — Fizemos arranjo com os holandeses para nos estabelecermos no Brasil.

— Então não podem de fato demorar muito por aqui, se pretendem viajar até o outro lado do mundo em seis meses — concordou Hadi, levantando sua taça de água com limão, num

brinde que aprendera com os outros ingleses. — Nesse caso precisam me acompanhar amanhã. Deixem a caravana para trás. Posso fazer notas de comércio pelos seus bens, e vocês cavalgam comigo para Mandu. O príncipe Dawar Bakhsh gosta muito de receber estrangeiros. Poderão realizar ótimos negócios com ele, e ele providenciará uma escolta que os leve até a costa. Além de fornecer proteção, eles poderão apresentá-los aos rajás mais ricos no caminho.

Lucinda aceitou prontamente, depois de certificar-se de que os criados poderiam acompanhá-los, mas Jaki, incapaz de conter o temor e a desconfiança que o guerreiro lhe inspirava, levantou-se e foi até um telescópio que estava montado sobre um tripé, em frente à janela de treliças. Espiou através da ocular, constatando que o instrumento estava dirigido para o rio, onde barqueiros com o rosto marcado de varíola suavam para deslocar fardos de mercadorias. Enquanto o anfitrião discorria sobre as vantagens do telescópio numa batalha, Maud entrou no campo de visão, levando uma cesta de pêlo de cabra, que a julgar pela aparência devia ser a mais macia do mundo, importada da Cashemira. Em segundo plano, mais distante, os mosqueteiros que haviam visto

realizavam elegantes manobras táticas.

Hadi afastou Jaki e espiou pela ocular.

— Esses atiradores de Rawalpindi são o orgulho de nosso exército — comentou ele. — Suas manobras são segredo de Estado.

— Não precisa temer nenhum tipo de espionagem, Subahdar — arriscou Lucinda. — Pretendemos ir para muito longe do império.

— Para os reis, nenhum canto da terra é longe demais — respondeu Hadi. — Até mesmo o Novo Mundo é tocado pelo velho...

— No mercado, ouvi dizer que o imperador tinha dois filhos, e que eles estão lutando pelo trono — comentou Jaki. — É por causa dessa guerra que foi chamado a Mandu?

Os olhos do anfitrião se estreitaram, cheios de desconfiança.

— Jovem pirata, você espia meus soldados e faz perguntas sobre guerras... — Por um momento teve vontade de mandar levar aquele jovem inconveniente e enforcá-lo, mas sabia que seria muito mais fácil manejar a filha do rajá com o amante, do que sozinha. — Tem muita sorte em ser casado com uma mulher tão civilizada. Ela tem muito a ensinar para você. — Bateu palmas, e os criados trouxeram água de jasmim para que todos lavassem as mãos.

Quando a refeição foi dada por terminada, o Subahdar anunciou:

— Esta noite ficarão em meu acampamento. Seus criados serão avisados e equipados para nossa jornada. Amanhã ao alvorecer partimos para a primeira etapa, até Saugor.

Mais tarde naquela noite, depois de ter trocado suas mercadorias por esculturas de marfim, tapeçarias, jóias e roupas de seda, Lucinda e Jaki foram acomodados num dos compartimentos da grande tenda, com uma jarra de cristal contendo vinho e uma pelota negra de ópio do tamanho de um dedo polegar.

— Não gosto desse Subahdar — comentou Jaki, assim que ambos se deitaram.

— Como pode dizer isso depois de todos os presentes que ganhamos, mais essa magnífica hospitalidade?

— É exatamente porque está demonstrando tanto interesse em nos conservar ao lado dele que estou desconfiado. Além disso... não gosto do jeito como olha para você.

Lucinda riu e agarrou Jaki pela orelha.

— Está com ciúme, é?

— Será que a presa pode ter ciúme do predador?

— Você é desconfiado demais... — Lucinda

se inclinou e beijou o marido. — Nosso anfitrião é muito agradável. Já estive com ingleses antes. Vamos aproveitar a hospitalidade... — Ela serviu uma taça de vinho, tomou um gole e passou-a a Jaki.

— Lucinda, estamos em perigo neste lugar — disse ele, segurando-lhe a mão junto com a taça. — Eu sinto isso, não sei explicar direito... Mas precisamos achar um jeito de nos livrarmos de Hadi.

— Às vezes você parece um garotinho... Afinal, a gente encontrou riquezas aqui. Não foi por isso que viajamos tanto? Essa é nossa fortuna, Jaki, a riqueza das crianças. Não pretendo desistir só porque você está com medo.

— Não é sempre que fico com medo.

— Não mesmo! Na selva você demonstrava tão pouco medo que quase fiquei viúva. Agora se enche de receios, e podemos perder tudo o que já conseguimos... — Lucinda passou a mão pela franja do companheiro, afastando-lhe os cabelos dos olhos. — Cresci entre embaixadores e dignitários, e Hadi é antes de tudo um diplomata. Conheço o comportamento dessa gente, Jaki. Confie em mim, criança, e comporte-se como hóspede respeitável que é.

— Não somos hóspedes, Lucinda. Somos

prisioneiros.

— Você tem muito a aprender — disse ela, balançando a cabeça. — Estou contente por ser sua professora.

Jaki tomou um longo gole esperando acalmar suas tensões, e apanhou o pedaço de ópio, girando-o entre os dedos. Tinha um cheiro pungente de tristeza, como terra onde houvesse morrido um animal na estação passada. A bordo do *Silenos*, Pym não permitia que se fumasse ópio, mas em Macau e nas vielas escuras de Chan-chiang, onde fora recrutar homens com Blackheart, tivera a oportunidade de ver as escuras casas de fumantes, cheias de catres apertados.

Apanhou um pequeno estilete na mesinha, e retirou um pedaço da massa negra, levando-o à chama da vela. Apanhou o cachimbo com a outra mão, e, assim que o ópio borbulhou, expelindo a fumaça, foi colocado no forninho e aspirado através do longo bocal. Os pulmões de Jaki encheram-se de uma sensação fria, e ele ofereceu o cachimbo a Lucinda.

— Não, obrigada — recusou ela. — Cavalgar elefantes e cavalos já é o suficiente para o bebê. Ópio é uma coisa de que ele não precisa.

Jaki tragou profundamente mais uma vez.

As cores se tornaram mais densas, e seu olhar foi atraído para os raios avermelhados de sol que penetravam através da treliça de madeira. O calor do dia se dissipava muito lentamente na tenda, e o vento não chegava a estremecer a chama da vela ao lado da cama.

— Acho que vou aceitar o convite de nosso generoso anfitrião — disse Jaki, levantando-se.
— Vamos dar uma volta no jardim?

Lucinda espreguiçou-se e estendeu-se na cama.

— Hummm... Esse cheiro me deixou relaxada. Acho que vou descansar... Mas não demore. O Subahdar disse que partiremos ao amanhecer, e ele me parece um sujeito muito pontual.

Jaki sorriu em resposta, o relaxamento provocado pelo ópio tornando suas feições ainda mais jovens, como uma criança com os olhos profundos. Descalço, atravessou a extensão da tenda e penetrou no jardim, que consistia de uma descida em espiral plantada com limoeiros cuidadosamente aparados. Ciprestes interrompiam a cadência, aparecendo aqui e ali entre touceiras de hibiscos cujas flores se fechavam até o dia seguinte. Ao longe, podia-se avistar a superfície líquida e coleante do Gânges.

Jaki sentou-se num banco de pedra no centro do jardim e pôs-se a observar as nuvens no céu que realizava sua transição para o anoitecer. A sensação provocada pelo ópio parecia desincorporá-lo, de uma certa maneira, e ele flutuava livre com a noite que chegava. Um grito distante soou no cipreste atrás dele, e Jaki ficou estarecido. Era o chamado que Wawa emitia toda vez que alguém se aproximava.

Abaixou-se atrás do banco e ficou olhando a escuridão do jardim. A serenidade que emanou do medo fez com que Jaki apurasse os ouvidos, à escuta de qualquer som. "Wawa está morto", ouviu nitidamente a voz de Lucinda dizendo em algum lugar de sua mente. Os raios oblíquos de luar penetravam entre os galhos das árvores, criando sombras e formas ilusórias onde voavam mariposas reais ou imaginárias. Homens se aproximavam, e Jaki viu as sombras se delineando nas alamedas, tão consistentes quanto os raios da lua.

— E isso... — murmurou Jaki, ao compreender que o ópio abria o *olho-forte*, a comunicação entre o mundo dos vivos e a Cabana dos Mortos.

As árvores tornaram-se os pilares que sustentavam a Cabana acima do solo da floresta,

as estrelas tornaram-se lâmpadas, emitindo sua luz através dos bambus que compunham a parede. Entrando pela porta, o luar iluminava o caldeirão no centro da Cabana dos Mortos.

A visão e sua superposição com a realidade deixaram Jaki perturbado, e ele fez uso de toda a sua razão para enxergar claramente. Em pouco tempo a lua era a lua, as estrelas apenas estrelas, e ninguém se aproximava. Estava sozinho no escuro, e sentou-se no banco novamente.

Ouviu outra vez o chamado de Wawa, mas desta vez não se moveu nem resistiu aos efeitos da visão. Atrás dele, os mortos saíam da Cabana. A sua esquerda, passou a silhueta volumosa de Mang, as mãos sobre a garganta destroçada pelo tigre. A expressão era calma, e o olhar estava fixo no portão para o outro mundo que brilhava mais adiante, a oeste.

Uma gargalhada à direita fez com que virasse o corpo inteiro. O capitão Pym, com o pescoço torcido num ângulo impossível, fitava Jaki, apesar de encontrar-se quase de costas para ele.

— Agora sou sujeira de minhoca, é o que sou. Sim, senhor! E você também vai ser, dentro de pouco tempo. A vida cria a morte.

Cegamente...

— Espere um momento! — gritou Jaki, angustiado.

— É preciso ter um momento para se poder esperá-lo. — Pym soltou nova gargalhada. — É muito tarde para isso.

E foi engolido pela escuridão.

— Seu coração salta como se fosse viver para sempre — disse uma voz familiar a suas costas.

Ainda abalado pela visão de Pym, Jaki voltou-se para encontrar um jovem de olhar melancólico e longos cabelos negros. — Shirazi! Encontra-me prisioneiro outra vez.

— É isso que sonha? — O muçulmano balançou tristemente a cabeça — Tornar-se um homem como seu pai? Pensei que era um pirata longe da selva. Está fazendo o que quer, aqui no coração do império? É verdade que você é um prisioneiro, Jaki. Mas não do Subahdar. É prisioneiro em seu próprio coração.

Jaki abriu a boca para falar novamente, mas Shirazi voltou-se e desapareceu. O perfil rude de Batuh passava agora, os olhos cheios de hostilidade enquanto cruzava o jardim, fitando o rapaz. Outras sombras deslizavam furtivamente, e Jaki não precisou mais olhar para saber que

eram os homens que matara. Exceto por Batuh, nenhum fez qualquer sinal de reconhecer sua presença, tão determinados estavam em deixar a Cabana dos Mortos.

— Legião? Não é assim que a Bíblia chama os que são impuros? — perguntou Jabalwan.

Jaki andou em direção à conhecida voz de seu mestre e encontrou-o de mãos dadas com Mala, junto ao tronco entalhado que servia de escada à Cabana dos Mortos. Os dois pareciam etéreos e inconsistentes ao luar.

— Você é um entre muitos, Matubrem-brem? — perguntou o caçador de almas. — É por isso que encontramos o último dos feiticeiros entre os impuros, os fazedores de guerra, os adoradores do poder?

— Mestre! Mãe! — A força do encontro tirou-lhe o fôlego, e Jaki precisou respirar fundo antes de continuar. — Estou sozinho, não tenho tribo. Preciso começar minha vida com o que puder conseguir! Escolhi com meu coração. Estou errado?

— Em Eclesiastes o Livro diz: "Os corações dos homens estão cheios de maldades" — sentenciou Mala. — "A loucura está nos corações enquanto vivem, e, depois, ela passa para os mortos."

— Mãe, não fale contra mim! — Jaki sentiu as lágrimas que queriam brotar. — Meu coração é sincero! Amo Lucinda, e amo a criança que ela carrega e que também é minha! — Voltou-se para Jabalwan.

— Mestre, a Mãe da Vida me abençoou em sua partida em Njurat. Ela me disse para sair pelo mundo e completar minha vida. Sou apenas metade feiticeiro. Tenho pai, e mãe também, e é o espírito dele que pretendo viver agora. — Olhou tristemente para os fantasmas. — Estou errado?

Jabalwan tomou Mala pelo braço, e os dois começaram a se distanciar na neblina. O feiticeiro fez um gesto em direção à Cabana dos Mortos.

— Vá então a seu pai, e veja por que você foi chamado de filho do demônio! — disse, antes de desaparecer.

Limpando as lágrimas que haviam corrido pelo rosto, Jaki olhou para a Cabana dos Mortos. Visível através da porta, seu pai inclinava-se sobre o caldeirão. Um fantasma com a cabeça descoberta e a pele clara como a luz das estrelas, vestido como um holandês de sua época, com botas altas, calções até o joelho e um grande gibão de couro. Suas mãos estavam imersas no pote.

— Pai! — chamou Jaki, esperando inutilmente por uma resposta. Voltou a chamar: — Pieter Gefjon! Sou eu. Seu filho!

O fantasma olhou por sobre o ombro, incomodado. Seu rosto era duro de feições, as sobrancelhas bastas e desgrenhadas, e a barba inclinada para trás, certamente por ter passado anos a fio arrostando o vento. Quando avistou Jaki, sua expressão se suavizou.

— Pai, preciso de ajuda! Eu... — Jaki deu um passo hesitante na direção do espectro. — Queria sua bênção. De que outra maneira posso encontrar meu lugar no mundo?

Pieter Gefjon ajoelhou-se e tirou as mãos do caldeirão. Trazia uma criança derretida. Estava morta, suas feições inconsistentes trazendo ainda um ríctus de horror. O capitão Gefjon então arrancou um dos braços pegajosos e comeu a carne amolecida.

Jaki fechou os olhos com toda a força e desabou sentado no chão. Quando os abriu outra vez, só enxergou as árvores e os raios prateados de luar. Fechou de uma vez seu *olho-forte*, e permaneceu ali por longo tempo, sentindo um intenso frio interior, a observar o movimento das nuvens.

A estrada da cidade portuária de Surat

estava parcialmente obstruída por deslizamentos de terra na encosta da montanha que ladeava o rio. William Quarles, ainda fraco e trêmulo em virtude da malária, cavalgava com esforço uma égua baia com arreios decorados de couro vermelho. Guias mongóis iam à frente, homens com túnicas negras e capacetes pontudos, armados com cimitarras, escolhendo cuidadosamente o caminho na estrada perigosa. Atrás deles seguia uma carroça que mais parecia um caixão, puxada por uma mula de um olho só. Cheia de chifres e cabeças de cabra, a pequena carroça estava pintada com as cores da deusa negra Kali, a demoníaca Durga, imperatriz de todos os horrores mortais. Nenhum dos bandidos Rajput que abundavam por aquelas bandas teria coragem de colocar as mãos numa oferenda para Kali, portanto as cento e quinze pistolas no fundo falso da pequena carroça estavam seguras. A não ser que a mula perdesse o passo e a carroça despencasse pelo barranco.

Um dos guias gritou e mostrou um ponto esbranquiçado no céu, esvoaçando por sobre a copa das árvores que cresciam no alto das encostas. Quando se aproximou mais, Quarles pôde ver que era um pombo. Pousando sobre a carroça, pôs-se a bicar uma das carcaças, e

permitiu ao condutor que removesse a faixa atada a sua perna. Um dos cavaleiros desmontou, foi até o condutor e, apanhando o pergaminho, examinou-o com cuidado. Depois veio até o capitão inglês e entregou-lhe a mensagem.

Quarles ficou surpreso ao constatar que a missiva estava escrita em inglês, e assinada pelo oficial mongol contatado pela Igreja dos Dois Ladrões. Todas as comunicações anteriores haviam sido trazidas por intermediários de Surat, porque o oficial era um Subahdar, ocupando portanto um cargo político importante demais para arriscar-se a deixar documentos escritos. Essa mensagem indicava que Quarles tinha atingido o domínio do Subahdar, e ficaria sabendo da verdade sobre o acordo. Leu:

Estimado capitão,

Sua filha está a salvo sob minha proteção. Escrevo para alertá-lo de que ela se encontra enamorada de seu consorte pirata, e esperando um filho dele. Acredito que isto não altere nosso arranjo inicial. Por favor, mantenha-me informado de seus planos, para que possa alterar minha própria estratégia. Devo liquidar o pirata? Pela glória de Alá. Hadi Fath Izar.

O guarda que trouxera a pequena ave aguardava ao lado, segurando uma prancheta, uma pena e tinta para escrever. Quarles tinha o olhar parado na correnteza do rio. O choque de pensar em Lucinda esperando um filho, e do pirata ainda por cima, fez com que o capitão se agarrasse com mais força a sua sela, para não cair. Apenas a certeza de que a filha estava novamente ao seu alcance manteve sua disposição de prosseguir.

Um soluço subiu-lhe ao peito, mas Quarles o sufocou. Havia suportado todo o sofrimento sem nenhuma lamúria: a pobreza, a morte da esposa, a destruição do navio, o desaparecimento da filha, a brutalidade da floresta. Não iria chorar agora.

Nas costas do pergaminho recebido, o capitão Quarles escreveu:

Nobre Subahdar, nossa estratégia permanece a mesma. A própria deusa Kali fornecerá os instrumentos para a vitória do nosso príncipe. Poupe o pirata para que eu possa tirar a vida de meu algoz com minhas próprias mãos. Seu servo, William Quarles.

As mãos de Jaki não tinham descanso. Nos quatro meses que se seguiram à morte de Wawa e à quebra da zarabatana, havia aprendido a jogar xadrez, manobrar os arreios de um cavalo, e até mesmo a escrever algumas palavras em inglês. Durante esse tempo mantivera as mãos ocupadas, porém agora elas tinham vontade de sentir o toque familiar da arma e acariciar o amigo perdido.

Foi depois da visita à Casa dos Mortos que ele começou a usar de novo as mãos como fazia quando era criança. No início contentou-se em trançar fibras vegetais e esculpir em madeira vermelha e macia pequeninos apitos. Enquanto a jornada prosseguia pelo interior do Império Mongol, Jaki percebeu que o impacto da visão causada pelo ópio não diminuía nem um pouco, e compreendeu que suas mãos não estavam meramente nostálgicas, mas fabricavam uma arma. O tubo oco de madeira, na medida certa para encaixar entre os dentes, não era um brinquedo musical, e sim uma zarabatana em miniatura, de um tamanho apropriado ao pedaço que tinha restado de sua alma animal.

Furtivamente Jaki iniciou o preparo de uma seta que se ajustasse à nova arma. Em seus passeios solitários pela mata colheu frutas

venenosas e alguns tipos de folhas, que assou sob as pedras da fogueira do acampamento até que se transformassem numa espécie de pasta escura. Noite após noite o processo era repetido fora das vistas dos outros, até que a resina se tornasse uniforme, negra e consistente, semelhante à bolota de ópio que trouxera consigo.

"Domingo, 31 de janeiro de 1631", escreveu Lucinda em seu diário de papel de arroz. Estava sentada sob a sombra do toldo de sua tenda, diante do pequeno vale de Saugor, em cuja encosta, mais à frente, reunia-se a cidade inteira para saudar a chegada da comitiva do Subahdar. O alarido da multidão, misturado à música de pífaros e os ocasionais barridos dos elefantes, chegava até ela através dos pinheiros esparsos.

Hadi entrou a cavalo no acampamento, acompanhado por dois oficiais. Maud levantou-se da bancada onde colocava algumas plantas para secar, e Kota apareceu na porta de sua tenda, sem camisa e com os olhos vermelhos de sono. O Subahdar ignorou a ambos e desmontou, curvando-se perante Lucinda, que fechou o diário e afastou a cadeira de lona para cumprimentá-lo.

— Por favor, não se levante — protestou

Hadi. — Depois de termos viajado até aqui já podemos nos considerar companheiros.

— Por que não está na fortaleza para receber as boas-vindas da gente desta cidade? — quis saber Lucinda, acomodando-se novamente. — Meu marido foi para lá há uma hora com aquele seu amigo monge.

— Estou justamente a caminho de lá — respondeu ele, cruzando as pernas após sentar-se. — Mas primeiro preciso me encontrar com meus batedores. Embora seja mulher, gostaria de falar tão abertamente com você quanto falaria a um homem, se isto a agrada. Estamos ainda longe de Agra, cara Lucinda, e este território é controlado por Rajputs, hindus. Meus batedores já se entenderam com eles e serão hospitaleiros aos seus senhores muçulmanos, mas quero certificar-me disso pessoalmente. Preciso partir ainda hoje para Mandu. Você e seu marido seguirão depois. Já recebi garantias de que os Rajput não interferirão na sua passagem. Mesmo assim, serão acompanhados por meus guardas.

— Por que tem tanta pressa em alcançar Mandu, Subahdar?

— Como já havia dito, sou o responsável pelos acampamentos do infeliz Shahryar, que foi ainda esta semana substituído no cargo de Grão-

Mogol por seu irmão Shah Jahan — respondeu Hadi, baixando a voz e aproximando a cabeça, em tom conspiratório. — O príncipe Dawar Bakhsh, que será o anfitrião de vocês em Mandu, assim como eu próprio, somos partidários de Shahryar. Estamos para encontrar, nos próximos dias, os emissários de Shah Jahan. Não espero que viaje tão rápido com a gravidez, portanto irei na frente.

— Está em má situação, Subahdar? — indagou Lucinda, a testa franzida numa preocupação inocente.

Hadi sorriu, dissipando-lhe os receios.

— Senhora, não estamos na Inglaterra, onde a lealdade prestada à pessoa errada pode custar a cabeça de alguém. A grande fraqueza de nosso império é que o direito de sucessão não é claramente definido em nossas leis. A Inglaterra é regida pelo direito de progeneritura, eu acredito. Nossas tradições guerreiras deixam aos filhos, e até mesmo aos sobrinhos, o direito de contestar o trono. Eu servi bem o velho Mongol, e, como sou um muçulmano na Índia, meus conhecimentos não podem ser desperdiçados com lealdades tardias. Eu e o príncipe teremos uma reunião com os emissários do novo Mongol, para que possamos jurar fidelidade a Shah Jahan.

Quando vocês chegarem a Mandu, a transição para a nova ordem estará completa.

— Desculpe minha curiosidade...

— Sua curiosidade é perfeitamente natural — sorriu Hadi. — E permita, em contrapartida, que eu também seja um pouco curioso. Posso fazer uma pergunta sobre seu marido?

Lucinda piscou, apanhada de surpresa:

— Que tem ele, Subahdar?

— Ele não é refinado como você. Pelo contrário, sua parte animal é bastante evidente. Não entendo como alguém com a sua cultura pode entregar a vida inteira a um homem assim.

— O que você chama de parte animal, Subahdar, eu considero a verdadeira natureza humana, intocada pelas convenções da sociedade. — Ela sentiu o rubor subir-lhe ao rosto com a veemência das palavras e resolveu se controlar.

— É por isso que está fugindo para o Novo Mundo para ter seu filho? — indagou Hadi, sustentando o olhar desafiante de Lucinda. — Para escapar das convenções?

— Para uma mulher, as convenções são uma verdadeira prisão. Eu não teria nenhum tipo de liberdade no mundo de meu pai, portanto ou forçada a procurar um mundo próprio, ou

construir um. Jaki é a única pessoa que já conheci que entende a liberdade.

— Talvez porque ele não tenha nenhuma tradição para impor convenções.

— Todas as crenças que ele tinha nas tradições foram destruídas por comerciantes cujo único deus era o dinheiro.

Hadi brincando distraidamente com a pérola na orelha, analisava a expressão inflamada de Lucinda, maravilhado com a determinação demonstrada por aquela mulher, jovem e de aparência tão franzina.

— Todas as mulheres da Inglaterra são decididas como você?

— Quer dizer, tão arrogantes? — Ela sorriu e balançou a cabeça. — Acho que preciso dar esse crédito a meu pai, que me criou como se fosse um filho e me levava a todos os lugares aonde ia. Na verdade, tenho uma formação peculiar entre minha gente, e é melhor para mim nem retornar mais à Inglaterra.

— Mas que tipo de vida pretende levar numa terra selvagem?

— O tipo de vida que possamos construir. — Ela fez uma pequena pausa. — E não o que quiserem nos impor.

— Pois então desejo muito boa sorte a vocês

— disse calmamente o Subahdar.

Embora seu rosto não traísse nenhuma emoção ao se despedir, Hadi nesse momento imaginava a expressão dela quando a entregasse ao pai, em Mandu. O Corão era muito claro sobre a posição das mulheres, e esta era uma aberração, uma verdadeira heresia viva.

Depois de observar o Subahdar e seus homens afastando-se a galope na direção da fortaleza, Lucinda abriu novamente o diário. Escreveu:

O Subahdar em pessoa vai a nossa frente para Mandu, prestar fidelidade ao novo Mongol. É realmente muita sorte tê-lo como protetor nesta terra conturbada e cheia de perigos.

A viagem para sudoeste em direção a Mandu transcorreu tranqüila, em meio a cenários belíssimos. As montanhas Vindhya, pináculos verdes e enormes rochedos dividiam as planícies com as florestas e a bacia do Gânges de um lado, e do outro o Deccan, o vasto e primitivo território ao sul. As montanhas se constituíam nos limites do Império Mongol. Dhup dissera a Jaki que em tempos antigos o Vindhya conseguira impedir nesse ponto o avanço dos

invasores arianos, que vinham do norte trazendo o sânscrito e os mistérios do vento.

Jaki gostaria de fugir com Lucinda para aquelas montanhas verdes, iludindo a vigilância dos homens do Subahdar. Com Kota deixando uma pista falsa, poderia embrenhar-se calmamente na selva, e, de alguma maneira, atingiriam o litoral e conseguiriam um barco. Só que Lucinda não queria nem ouvir falar em escapar.

O casal estava sentado num tronco com os pés mergulhados num riacho ao lado da estrada. A cada oito quilômetros a carroça que conduzia Lucinda e as mulheres dos oficiais realizava uma parada seguindo as ordens do cirurgião do Subahdar, preocupado com a gravidez de Lucinda. Os doze guardas que Hadi destacara para acompanhá-los tinham instruções para atender a todas as necessidades dos viajantes, e haviam trazido *sharbat*, uma bebida de lima verde, além de manga frita, arroz com açafrão, frutas cristalizadas e várias carnes que foram buscar numa aldeia próxima.

— Afinal, estaríamos fugindo de quê? — perguntou ela indignada, quando Jaki mais uma vez tocou no assunto. — O Subahdar nos deu uma verdadeira fortuna em notas negociáveis.

Quando as trocarmos em Surat, compraremos dois navios e ainda vai sobrar a fortuna de um rajá.

— Riqueza... — suspirou Jaki. — Então isto quer dizer que Hadi nos comprou?

— De uma certa forma — concordou Lucinda. — Estamos fazendo negócios sob autorização da Holanda. A Companhia das Índias Orientais já ganhou uma fortuna à custa dos nossos esforços. Por que não devemos nós mesmos tirar partido desse trabalho? Estou animada com a generosidade do Subahdar. Não cometeu nenhum deslize esse tempo todo. Se fugirmos dele como você quer, além de desistir de tudo o que acumulamos durante esses oito meses, ficamos sem a proteção dos soldados, com o risco de ser mortos por algum dos bandidos que andam por aí.

Jaki admitiu que ela tinha razão e apenas suspirou novamente. A verdade era que se haviam tornado prisioneiros de Hadi, manietados numa corrente de ouro, tendo por cela a vastidão selvagem. A menos que Lucinda e ele resolvessem desistir do dinheiro, não tinham outra escolha a não ser prosseguir.

Apesar da confiança demonstrada por Lucinda, Jaki permanecia taciturno. A visão

havia lhe mostrado que ele era um prisioneiro em seu coração com uma clareza além de qualquer dúvida. Não tinha a fé que Lucinda demonstrava na civilização, e estava pessoalmente convencido de que viveria muito melhor sozinho e sem dinheiro nas montanhas do que rico e vigiado por uma porção de homens armados. Mas quem pensava assim era o animal que havia dentro dele, e esse animal permanecera nas selvas de Burma. Teria sido estraçalhado pelo tigre se Lucinda não tivesse abatido a fera, sabendo esperar o momento exato. Ela entendia esse mundo de cidades e impérios, dinheiro e negócios, e a essa altura Jaki aprendera a confiar nela. Tentou esquecer a idéia de fugir das paredes, e lembrou-se de uma visão que havia partilhado certa vez com Jabalwan: o mundo inteiro seria uma enorme e única prisão, no futuro. Em sua solidão, falou sobre o assunto com Dhup.

O monge havia recebido um cavalo, e saíra-se melhor cavalgando do que andando. Ele e Jaki seguiam atrás da carruagem de Lucinda, falando sobre limites e obstáculos impostos pelo mundo, que determinavam a personalidade de cada um.

— O que você quis dizer com *vento*, quando falou que o vento segue o tigre? — perguntou o

feiticeiro.

— Lembra disso? — maravilhou-se o monge, arregalando os olhos.

— Na época, pensei que estivesse falando sobre o cheiro do tigre trazido pelo vento, mas não foi só isso, foi?

— Por que faz essa pergunta?

— Kota uma vez me contou sobre um marinheiro chinês que podia quebrar uma verga de madeira rija com as mãos nuas. Esse homem afirmava que conseguia segurar o *vento* na barriga. Andei também observando atentamente seus modos "desajeitados". Você não é o que parece.

— Ninguém é o que parece — respondeu o monge. — Estranho é que tantos dentre nós ignorem as forças que existem dentro de si.

A lembrança dos faquires realizando seus *siddhas* veio imediatamente a memória de Jaki, e no entanto ele sabia que Dhup não estava se referindo a eles.

— Meu mestre, já próximo ao fim da vida, levou-me às montanhas para mostrar uma força que ele chamava de *espírito do vento*. Pendurou-me com uma corda sobre os penhascos, exposto ao vento, e uma vez chegou a me derrubar sem encostar em mim para mostrar o que podia fazer

o espírito do vento, quando controlado. Disse que era um poder abundante, uma espécie de energia que corre no interior dos ossos, que faz crescer os cabelos e cura os ferimentos. Tentou me ensinar o movimento para canalizar essa energia, fechando o punho do vento. Já ouviu falar nisso?

— Para um homem com uma mulher e um filho para nascer, você tem estranhos pensamentos. — O monge balançou tristemente a cabeça redonda. — Devia encarar essa força interior como a perseverança da paz com o mistério da Vida, que não termina. Você é um marido, e logo será um pai. Não é o momento para pensar em você mesmo e na força que faz seus cabelos crescerem. Deixe essas coisas para os que vivem sozinhos e que devotaram suas vidas a essa força. Você casou com o mundo. Conquiste seu próprio lugar nesse mistério, Jaki, e pense mais nos que o cercam e dependem de você. O que mantém as pessoas unidas é uma dor sem ferimento. Todo o amor nasce dessa dor. Os que conseguem compreender isso são mais sábios do que o bem ou o mal. Faça o bem secreto.

Depois disso Dhup começou a entoar sutras, e Jaki preferiu cavalgar em silêncio, corroído pela única certeza de que prosseguiram

na direção do desastre. Se o coração e seus apetites significavam a loucura, então o que era o amor? Seria como Dhup afirmara, nascido da dor? Era esse o significado da visão que tivera com o ópio, de seu pai devorando a criança? Será que não havia nada à frente deles, senão uma enorme muralha e um apocalipse de nuvens avermelhadas, num longo assassinato chamado vida?

Por outro lado admitia que o monge tinha razão: não era o momento de pensar em si mesmo. À frente deles estava Mandu, trazendo perigo para todos que amava. Uma vez que não conseguia dissuadir Lucinda de separar-se do Subahdar, passava com ela a maior parte do tempo, praticando xadrez, enquanto guardava seus pensamentos mais negros para si mesmo.

Mandu finalmente surgiu a sudoeste, os domos das mesquitas e das torres do palácio iluminados pela luz do sol matinal. Estendendo-se ao longo da encosta das montanhas Vindhya, a cidade muçulmana brilhava contra a vegetação verdejante. As muralhas subiam e desciam pelas colinas até onde a vista alcançava.

— Mandu tem doze quilômetros de comprimento — informou o Subahdar, mostrando a extensão da cidade com um gesto

amplo da mão repleta de anéis. — Todo o perímetro da muralha mede quase quarenta quilômetros.

Hadi havia chegado ao acampamento durante a noite acompanhado de vinte cavaleiros para substituir a escolta que os acompanhara desde Saugor. Trouxera alguns pergaminhos para Lucinda, explicando serem cartas de apresentação para facilitar os negócios com os rajás no caminho para Surat, o que a deixara exultante. Jaki ficou feliz por ela, mas manteve sua opinião de que eram apenas papéis. A visão da cidade ao amanhecer, essa sim, deixou-o impressionado. Mandu era fantástica, de uma beleza riquíssima em detalhes.

Por uma hora viajaram através de um vale com muitos pinheiros. Próximo a um riacho, o Subahdar deu ordem de parada para o descanso das mulheres. Desmontou e seus homens fizeram o mesmo, amarrando juntos os cavalos e dispersando-se pela trilha, alguns procurando um lugar mais afastado para suas necessidades fisiológicas.

Jaki amarrou o cavalo à carruagem de Lucinda e, com a bolsa de couro a tiracolo, atravessou uma extensão de rocha nua, embrenhando-se numa sombria mata de

salgueiros. Agachou atrás de uma árvore como se fosse esvaziar os intestinos e removeu um pequeno embrulho de folhas da sacola. No interior estava a minúscula zarabatana, do tamanho aproximado da unha do dedo mínimo, além de um pequeno espinho envolto em cera vegetal cuja ponta fora embebida em veneno. Com todo o cuidado ele retirou a cera e inseriu a seta no orifício, tampando depois as duas extremidades de novo com cera. Certificando-se de que não era observado, aplicou com o polegar uma pelota de cera ao céu da boca, inserindo em seguida a zarabatana e fixando-a ao palato. A possibilidade de que o veneno escapasse da vedação existia, mas era preferível correr o risco, pois esta seria a última parada antes de Mandu. Na capital do inimigo era bom ter a oportunidade de dar ao menos uma picada mortal.

Apanhou os diamantes e escondeu-os na dobra de Wyvern, enterrando tudo sob o cascalho e a camada de folhas, marcando o local com uma pilha de três pedras. Colocou pedregulhos no interior da bolsa, Para compensar a ausência de peso.

Cavalgaram ainda por uma hora antes que a trilha se elevasse a um altiplano ensolarado, com árvores esparsas e borboletas esvoaçando

entre elas. A trombeta de um arauto soou adiante, ecoando por entre os vales. Na curva seguinte os penedos desapareceram ao lado da estrada, e a vista de colinas infindáveis em tons ferrugem descortinou-se perante os viajantes, sob um céu absolutamente sem nuvens.

No alto do torreão que dominava a entrada monumental, o arauto tocou novamente sua trombeta, e as sentinelas abriram os portões e levantaram as lanças em saudação ao Subahdar. O caminho havia se alargado o suficiente para permitir que quatro cavaleiros cavalgassem lado a lado; e assim Jaki e Dhup passaram sob os portões ladeados por dois soldados, atrás da carruagem das mulheres e do vagão pintado de Kota. Enquanto passavam pelo gigantesco arco de pedra, o feiticeiro notou os arqueiros e soldados com mosquetes a patrulhar a parte interna da muralha. Além das árvores que ladeavam a alameda podiam-se ver grandes estruturas de madeira em forma de "X", apoiadas contra o paredão. Em cada uma delas havia uma dúzia de corpos nus estendidos ao sol, atraindo dezenas de abutres. A pele lhes pendia como trapos e as órbitas estavam todas vazias.

— Quem quer que tenha encontrado o mundo, encontrou um cadáver — recitou Dhup

em inglês, mencionando os sutras. Aproximou seu cavalo da montaria do Subahdar e perguntou: — Quem são esses desafortunados?

— São rebeldes — respondeu Hadi, sem desviar os olhos das tropas perfiladas em saudação. — Homens leais a Shahryar. Partilhavam da mesma devoção que eu e o príncipe Dawar Bakhsh, e não foram suficientemente políticos para aceitar Shah Jahan como o novo Grão-Mogol. Eu próprio estaria pregado lá se não fosse esperto o suficiente para abandonar preferências pessoais e servir a quem quer que se sente no Trono do Pavão.

— Pararei aqui para orar por estas almas — declarou Dhup a Jaki e ao Subahdar, desmontando diante dos cadáveres. — Depois visitarei os santuários de Mandu. Sou apenas um monge, não sirvo para a companhia dos príncipes. Será que poderia ser dispensado para que possa servir aos que se foram com os meus humildes cânticos?

— Os mortos servem melhor a si mesmos — afirmou Hadi, fazendo um sinal para que os guardas o deixassem passar. — Mas faça o que tem de fazer.

Dhup juntou as mãos e dirigiu-se aos

corpos crucificados sob o sol matinal. Lucinda e Maud não haviam enxergado os condenados mortos pois admiravam hipnotizadas as belíssimas construções, e Kota, às rédeas de sua carroça, havia voltado a cabeça para não ser obrigado a olhar para os maus presságios. Sorria pensando no saque que poderia ser obtido numa cidade opulenta como aquela. Guirlandas de flores e tubos de fogos de artifício espalhavam-se pelas sarjetas, e Hadi explicou que eram restos das comemorações de três dias pela coroação do novo Grão-Mogol.

Cavalgaram até um palácio de mármore azul, que resplandecia como gelo ao sol.

— Aqui deixarão todas as armas — comandou o Subahdar. — Depois eu os conduzirei à presença do príncipe Dawar Bakhsh.

— Por que precisamos deixar as armas aqui? — quis saber Jaki, endireitando-se na sela e levantando a aba do chapéu. — Muitas vezes partilhamos refeições com as armas ao lado.

— É verdade — admitiu Hadi, com um aceno de cabeça. — Mas nunca em presença de um príncipe. Meus homens ficarão com as armas, e nós entraremos no jardim de recepção.

— Não estou gostando nada disso... —

comentou Jaki em voz baixa com Lucinda, enquanto desmontavam e o Subahdar dava ordens aos soldados.

— Não precisamos de armas aqui, Jaki — sussurrou ela em resposta. — Estamos sob a proteção do Subahdar e do príncipe.

— Certo. Mas assim mesmo fique perto de mim — pediu o rapaz. O Subahdar fazia sinais para que o seguissem subindo as escadarias brancas à frente, mas Jaki segurou Lucinda pelo braço.

— Maud e Kota vão conosco, é claro.

— Vocês serão levados à presença de um príncipe. Por favor, tenham um pouco de consideração pela sensibilidade dele. Não queremos impor a sua alteza a presença de criados.

— Não são nossos criados — protestou Lucinda com veemência, provocando um olhar admirado do marido. — Viajamos juntos desde Dagon, milhares de quilômetros pela selva, montanha e deserto. Se eles não são dignos da presença do príncipe, então também não somos. Por favor, apresente nossas desculpas ao príncipe Bakhsh, e mostre-nos onde ficaremos enquanto seus convidados aqui.

— Pela misericórdia de Alá! — desabafou

Hadi, exasperado com a teimosia dos viajantes. — Tragam então seus companheiros. Por favor, não vamos fazer o príncipe esperar mais!

— Fique atento agora — recomendou Jaki a Kota de maneira a não ser ouvido por mais ninguém. — Vamos entrar na toca do dragão. Mantenha-se perto das mulheres.

Subiram as escadarias brilhantes e impecáveis e penetraram no palácio, passando sob um grande domo com a ponta aguçada. Depois percorreram um longo corredor cheio de arcos, iluminado por lâmpadas de óleo em suportes de ferro. Subiram mais dois andares ladeados por corredores semelhantes e chegaram finalmente a uma grande porta de bronze. Jaki, fingindo admirar o trabalho magnífico de filigranas, notou que seis arqueiros disfarçadamente tomavam posição atrás deles, na única saída existente.

Esperaram por um bom tempo, enquanto Subahdar falava em voz baixa com os arqueiros. A luz do sol subiu dois andares, até que finalmente a pesada porta girou nos gonzos gigantescos. Homens com túnicas azuis e turbantes brancos curvaram-se perante o Subahdar, abrindo passagem para os visitantes. Ignoraram a espada de Hadi, mas revistaram

cuidadosamente cada um dos quatro convidados. Tiraram a bolsa de Jaki e colocaram-na ao lado da porta. Em Kota, encontraram um punhal escondido na bota dele.

— Você não é mais um pirata, Kota — censurou Lucinda. — Será que a riqueza não diminuiu em nada sua agressividade?

Kota sorriu, um pouco sem jeito, e piscou o olho para Jaki, que apoiou uma das mãos em seu ombro.

Hadi deteve-se sob um portal de ônix, que se abria para um luxuoso pátio interno, no centro do qual havia um cortinado e um dossel de tecido azul brilhante ornado de pérolas. Ali sentava-se o príncipe, ladeado por dois guardas com cimitarras. Dawar era um homem esquelético, cujo corpo parecia não preencher completamente suas roupas folgadas e extravagantes. Fez um sinal para que se aproximassem. Hadi andou quatro passos e caiu de joelhos, prostrando-se com a face abaixada e a palma das mãos para cima. Lucinda e Maud fizeram uma reverência, enquanto Jaki e Kota removeram os chapéus e curvaram a cabeça, ambos estudando o recinto com o canto dos olhos, à procura de outros guardas escondidos pelo aposento.

O príncipe cofiou as suíças e gesticulou delicadamente os longos dedos, falando em persa com Hadi. Atrás dele a cortina se abriu subitamente e William Quarles deu um passo à frente.

As febres consecutivas haviam transformado seu rosto numa pálida máscara de cera sob a barba, e os olhos cinzentos brilhavam, fixos no rosto da filha, penetrantes como os de uma ave de rapina. Estendeu a mão para ela.

— Pai! — exclamou Lucinda apoiando-se em Jaki, num assombro tao grande que sua voz não passou de um sussurro.

O Subahdar pôs-se de pé e ficou perante eles com um sorriso irônico nos lábios.

— A credulidade e a cobiça a trouxeram até aqui mais depressa do que a força, senhorita Quarles — observou, enquanto os guardas se aproximavam lentamente. — Agora vá até seu pai sem causar nenhuma confusão. — Hadi olhou para Jaki. — Largue-a para evitar que tenhamos de matá-lo agora mesmo.

Nesse momento a surpresa de Lucinda transformou-se em raiva, e ela dirigiu um olhar fuzilante ao pai, atrás do príncipe.

— Você não vai me ter de volta! Agora estou casada. Não vou voltar!

— Venha Lucinda — chamou ele com sua voz grave, estendendo o braço na direção da filha. — Você ainda é minha filhinha... Venha.

— Nunca! — gritou ela, olhando para os guardas que haviam parado a sua frente. — Pertenço a meu marido agora. Estou carregando um filho dele e não vou deixá-lo.

Jaki buscou uma oportunidade qualquer, por mais remota que fosse, de ser bem-sucedido num ataque, mas não divisou a menor chance. Kota, que também estivera procurando uma abertura, olhou de soslaio e balançou a cabeça, numa negativa. A um sinal do Subahdar os guardas acercaram-se de Lucinda, que gritou quando eles a seguraram.

Com a língua Jaki desalojou sua arma, retirou as pontas da cera e mordeu firmemente a borda apropriada. O sabor metálico do veneno invadiu-lhe a boca e espalhou-se pela língua. Os guardas se aproximavam rapidamente, mas Jaki não pretendia tirar inutilmente uma vida. Queria apenas aproximar-se o suficiente para um tiro seguro no Subahdar. Manteve a cabeça erguida, olhando por sobre os ombros dos guardas enquanto eles o agarravam. Vieram com tanta violência que quase o levantaram do chão. Lucinda foi arrastada à força até onde estava o

pai. Maud e Kota não resistiram e foram levados dali documente.

Jaki olhou em volta, procurando uma oportunidade. O veneno já lhe amortecia a língua. Precisava agir com rapidez ou ele mesmo acabaria morrendo. Mas queria o Subahdar.

O estalar de um tapa ressoou, e os gritos de Lucinda pararam subitamente. Voltou-se e viu sua esposa curvada e segura pelos dois guardas. O pai agarrou-lhe os cabelos com brutalidade, obrigando-a a encará-lo. Com um puxão arrancou o colar com os dentes de tigre, jogando-o no chão. As imagens começaram a se embaralhar diante de Jake e ele compreendeu que tinha esperado muito tempo. O veneno fazia efeito, paralisando-lhe o cérebro. Solto o corpo e os guardas tiveram de sustentá-lo para que não caísse.

Hadi apareceu de repente em seu campo de visão, segurando a bolsa de couro que apanhara perto da entrada. Jaki recuou como se pretendesse evitar o homem, e os guardas forçaram-no para a frente, como ele previra. Num súbito movimento, projetou-se para a frente e soprou com toda a força que conseguiu extrair dos pulmões enfraquecidos.

O minúsculo dardo girou sem muita direção

e caiu ao lado das botas do Subahdar. Jaki tossiu e deixou escapar a pequena arma da boca amortecida. Lâminas brilharam, e o golpe só se interrompeu pelo grito de comando de Hadi, que tendo aberto a sacola descobrira os pedregulhos no lugar dos diamantes. Agarrou o rosto de Jaki com a mão e examinou os olhos embaciados. Primeiro gritou alguma coisa em persa, depois disse em inglês.

— O idiota se envenenou tentando me matar. — Aproximou a própria espada do pescoço do *rapaz*, mas Quarles adiantou-se:

— Pare! — gritou.

Hadi virou-se para o príncipe, que havia observado tudo com o olhar parado dos fumantes de ópio. Um dedo franzino levantou-se, e o Subahdar abaixou a espada. Quarles acenou aos guardas que seguravam sua filha para que a levassem dali, depois aproximou-se do pirata. Achou que ele parecia ainda mais jovem do que quando o vira em Macau, na noite do duelo. Examinou o rosto do inimigo, à procura da rebeldia que esperava encontrar, mas em vez disso só viu um menino, indefeso em sua derrota.

— Não o mate ainda. Quero falar com minha filha primeiro, depois resolvo como ele

deve morrer.

O Subahdar gesticulou, e os guardas arrastaram o feiticeiro na direção oposta à que Lucinda tinha sido levada. O veneno invadiu o cérebro de Jaki, e, como um caleidoscópio de imagens intrincadas passando sob o seu olhar, ele mergulhou na escuridão.

Lucinda soluçava sobre um banco de mármore num jardim fechado, enquanto Maud andava de um lado para outro, sabendo que seria inútil dizer qualquer coisa quando ela mesma estava tão desesperada quanto a amiga. Quando William Quarles entrou, não usava chapéu, situação na qual raramente era visto, e Maud tomou isto como mais um sinal de sua ira. Ficou apavorada e não conseguiu emitir nenhum som. Lucinda levantou o olhar para o pai e continuou sentada.

— Você não tem o direito de me separar do meu marido! Quarles ficou diante dela com os punhos cerrados ao lado do corpo.

Seu estômago queimava com a raiva, e o gosto em sua boca era amargo.

— É verdade que você está esperando um filho?

— É! — Lucinda encolheu-se, esperando um golpe.

Para Quarles, meses de angústia se acumulavam naquele exato momento, cada passo através das montanhas e do inferno líquido e verde nas selvas repletas de malária o tinham conduzido até ali. Agora que olhava no fundo das pupilas de Lucinda, não a reconhecia. A fuga a havia mudado. O cabelo e a pele queimados de sol não eram os mesmos da menina que ele criara. O vazio que Quarles havia esperado preencher aumentou em seu peito.

— Você está perturbada, minha filha. É isso... — O capitão estendeu a mão para tocar o rosto de Lucinda, que recuou. — O tempo vai curar essa loucura. Você certamente perdeu o juízo para sair por aí atrás de um pirata, numa vida sem conforto. Seu destino não é viver na selva, você não foi criada para isso. O que julga amor não passa de luxúria, esse fogo que obscurece a razão.

— E quanto à criança que carrego? Vai fingir também que é loucura?

— A sabedoria deve aceitar o que a carne não pode impedir. Terá a criança na Inglaterra.

— Não! — protestou ela com ardor. — Terei essa criança ao lado de meu marido, o homem que desposi perante Deus. Você não tem o direito de nos separar!

— Minha filha — murmurou Quarles com tristeza. — Quando estiver bem outra vez, vai me agradecer por isto. Partimos amanhã.

— Eu não vou! — gritou Lucinda, o rosto vermelho de raiva. — Prefiro me matar!

O capitão se voltou para sair, imaginando a filha pendurada pelo pescoço, depois contorcida no chão, envenenada numa poça de vômito, ou despedaçada entre rochedos. Passou a mão na testa suada ao fechar a porta. Teria de vigiá-la atentamente até que sarasse. Ela ficaria curada, tinha certeza. Se não possuísse essa fé, então seria melhor vê-la morta, e isso ele não poderia suportar. Ao menos a Providência devolvera-lhe a filha para que ela passasse uma gravidez a salvo de perigos. Rezou para que, apesar da ameaça feita, ela abençoasse sua vida vazia com um herdeiro.

Jaki e Kota estavam amarrados em rodas de madeira na praça em frente ao palácio, apoiados em postes para que ficassem voltados para o sol. Kota gritava palavras de encorajamento a Jaki, mas este, ainda inconsciente, não respondia. Logo o calor abrasante silenciou Kota, que ficou de olhos fechados pensando na própria morte.

Quando Jaki voltou a si, o sol já ia alto do lado oposto, e seu corpo tremia de frio. Kota

chamou, mas ele virou a cabeça e não viu o companheiro. A náusea retornou de repente e Jaki sentiu como se as entranhas estivessem saindo de uma golfada só.

A fraqueza deixou-o numa espécie de transe, e ele viu Pieter Gefjon avançando em sua direção por entre chamas azuis. Vinha direto para ele, sem chapéu e com suas botas altas e antigas, parecendo emanar uma aura de energia, como ondas de calor no deserto. Jaki lutou contra a lassidão provocada pelo veneno e tentou estender a mão, porém as amarras que o prendiam morderam fundo sua carne.

— Pai! — chamou ele, incapaz de mover-se.

A dor e o esforço quebraram o encantamento da visão e Jaki reconheceu William Quarles a sua frente.

— Pai! — repetiu Quarles, chocado. — Pensa que sou seu pai só porque minha filha o escolheu por amante?

O capitão inglês cuspiu em repúdio e aproximou-se para examinar mais detidamente o rosto da criatura que havia arruinado sua vida. As mãos ansiavam por apertar a garganta dele até que a vida se esvaísse, mas conseguiu conter-se. Queria primeiro ver aquelas feições ainda com vida, para que pudesse reconhecê-las quando as

encontrasse no rosto do neto. Apoiou a palma das mãos contra as faces do pirata, e olhou o fundo negro das pupilas dilatadas pelo veneno.

— Você vai morrer — anunciou lentamente, para ter certeza de ser entendido. — Mas quando eu terminar com você será abençoado com o esquecimento, enquanto eu precisarei conviver com toda a miséria que você colocou em minha vida. Por isso vou matá-lo devagar, para que possa provar um pouco do sofrimento ao qual estou condenado.

O capitão inglês enfiou a mão sob o gibão e apanhou a capa da Bíblia que carregara desde Selangor e segurou-a em frente aos olhos de Jaki.

— Acho que deve se lembrar disso. A árvore genealógica de seu pai. — Quarles permitiu-se um sorriso frio ao perceber que de fato o pirata reconhecia o objeto. — Sim, vejo que sabe o que é. Deve lembrar-se então o que está escrito aqui. Precisa saber que *eu* sou o leão do seu momento final, Jaki Gefjon. *Eu* guardo meu nome e minha honra, como qualquer homem de bem. Apenas e somente a morte pode guardar o tesouro da reputação de William Quarles. E foi por isso que o persegui através da terra, seu ladrão sem escrúpulos.

A boca de Jaki chegou a se abrir, mas a voz não saiu. Queria apenas explicar que amava Lucinda e a criança, e que a vida de todos eles convergia para um único amor. Tudo o que conseguiu foi soltar um grunhido. Quarles empurrou a capa de couro em seu rosto com tanta violência que atirou a cabeça de Jaki de encontro ao poste, provocando um desmaio.

O capitão cuspiu outra vez e guardou novamente a Bíblia sob o colete.

Ao lado de Jaki, Kota observava, horrorizado ao testemunhar todo aquele ódio estampado no rosto de Quarles. Fechou os olhos, e no fundo de sua mente começou a entoar cânticos de morte.

No centro de Mandu, entre as ruas de cascalho e calçadas de pedra, estava o quarteirão mais popular da cidade, por onde Dhup perambulava. Depois de cantar sutras perante os homens mortos, havia pensado que Mandu era um bom lugar para que se separasse da caravana. Se continuasse com eles, a viagem o levaria mais para o sul, na direção de Deccan, longe das planícies do norte, onde Buda havia meditado. Enquanto andava pelas avenidas, afastando-se do palácio, notou que era acompanhado por um indivíduo de túnica negra.

No quarteirão reservado aos mercadores, em meio à balbúrdia de barracas e transeuntes, Dhup tropeçou num vendedor ambulante, foi de encontro a uma bancada de melões e mergulhou sob uma carroça para escapar ao desmoronamento das frutas. Rastejou sob mais duas carroças e saiu do outro lado, assustando macacos e andorinhas engaiolados. Embrenhou-se na multidão de outra rua, longe do homem que o perseguiu.

Dhup, certo de que fora o Subahdar quem ordenara que o seguissem, começou a fazer perguntas pelo mercado. Em pouco tempo ficou sabendo que os homens crucificados eram na verdade partidários de Shah Jahan, o novo Grão-Mogol, que lutavam contra Shahryar e o príncipe Dawar Bakhsh. O monge presumiu que Hadi havia mentido aos viajantes por algum motivo escuso e resolveu voltar ao palácio.

Nessa noite, enquanto Dhup se encaminhava para seu destino, foi atacado. Espiões do novo Grão-Mogol viram-no fazendo perguntas, e, sabendo que ele chegara com a caravana do Subahdar, um renomado partidário do príncipe, resolveram prendê-lo. Saltaram sobre ele, e, na confusão, caíram todos sobre o suporte de um toldo, quebrando-o e derrubando

uma lâmpada acesa de óleo. O combustível derramou-se sobre um feixe de ráfia e as labaredas subiram com rapidez desconcertante, alastrando-se pelas inúmeras peças de tapeçaria penduradas.

O proprietário da loja em chamas, furioso, voou sobre os rebeldes, chicoteando-os com uma corda. O monge procurou ajudá-lo chutando algumas cestas para apagar o fogo, mas só conseguiu que elas rolassem pelo mercado, espalhando ainda mais o fogo. Em poucos minutos o vento forte das montanhas transformou o quarteirão em um verdadeiro inferno.

Os rebeldes em Mandu aguardavam a qualquer momento os exércitos do Grão-Mogol Shah Jahan vindos para castigar o príncipe que na verdade não queria se submeter, ao contrário do que afirmara o Subahdar. Tomaram o incêndio pelo começo do ataque. Fogos de artifício subiram ao céu, dando o sinal para o início da batalha em todas as frentes. Os soldados nos quartéis passaram a ser apedrejados, esfaqueados e abatidos com setas ou o que quer que estivesse à mão dos que apoiavam Jahan e queriam depor o príncipe. Pistolas foram distribuídas entre os que sabiam

atirar, e os homens armados incitavam a multidão a invadir o palácio. Os agentes infiltrados no palácio explodiram o arsenal e a parede norte desabou quando os pilares de granito ruíram.

A força do abalo fez com que Lucinda saísse do seu torpor, levantasse da cama e atravessasse o aposento um segundo antes de o teto rachar e despejar uma verdadeira chuva de poeira. Chegou à porta que havia caído dos gonzos e enfiou a cabeça para fora, espiando pelo corredor. Ouviu gritos que vinham da extremidade mais distante, além de vários gongos soando em alarme, mas não viu sinal do guarda que deveria vigiá-la.

Enquanto mais explosões ecoavam, Lucinda correu através do saguão para o quarto de Maud. O retinir do aço soava no andar superior do palácio, em meio a gritos e gemidos.

— Vamos embora! — chamou ela entrando no aposento. — Temos de fugir.

— Fugir? — Maud enfiava seus chinelos, assustada e sonolenta. — Para onde?

Lucinda tomou o braço da amiga e conduziu-a para longe da confusão reinante no jardim. Atrás do primeiro portal, com a flor de lótus gravada, encontraram o guarda caído de

costas com a garganta cortada. Maud abafou um grito e Lucinda abaixou-se, apanhando a adaga do infeliz na bainya.

— Foi por lá que entramos — disse ela, apontando a lâmina para um portal escuro ao longe, atrás de um caquizeiro.

Pararam um instante, atentas ao ruído de tiros de mosquete e aos gritos dos combatentes. Depois avançaram pela escuridão, tateando as paredes, até que divisaram à frente uma janela oval, por onde enxergaram silhuetas lutando na praça e correndo em direção às escadarias de acesso ao palácio. O grosso da batalha era nos aposentos de frente, onde haviam estado.

— Lucinda. — Maud chamava a atenção para Jaki e Kota, amarrados nas rodas no centro da praça.

Lucinda olhou para trás e divisou uma escada que não enxergara antes na escuridão. Puseram-se a descer, percebendo que se dirigiam para o jardim onde tinham encontrado o príncipe. Guerreiros moviam-se como sombras entre as árvores, o brilho das cimitarras luzindo na penumbra. Três guardas jaziam ao pé do cortinado azul. Disparos de mosquetes soavam nos balcões dos aposentos acima, abatendo alguns invasores. O clarão dos tiros refletia-se

nas grandes portas de bronze, que Lucinda sabia conduzir ao pórtico por onde tinham entrado.

— Fique perto de mim — sussurrou, apertando a mão de Maud. Correram em direção ao portão, desviando-se dos corpos estirados pelo chão. Neste instante, um painel despedaçou-se sobre suas cabeças, e, em meio ao barulho ensurdecedor de uma explosão, viram-se rolando pelas escadarias para a praça iluminada à luz de tochas. Levantaram-se e começaram novamente a correr, vendo as chamas que saíam de algumas janelas do palácio. Muitos cavalos selados galopavam por ali, enquanto mosquetes disparavam dos torreões. Por toda parte havia corpos estendidos, e os gritos desesperados dos feridos misturavam-se ao clamor geral da batalha.

Quando finalmente as mulheres alcançaram os prisioneiros, encontraram Kota consciente. Surpreso, ele reconheceu Maud quando esta se pôs a desatar o nó que lhe prendia os pulsos. Jaki mexeu a cabeça, acordado mas ainda em estado de torpor. Um homem passou por eles gritando com as duas mãos sobre o rosto e sumiu numa nuvem de fumaça mais adiante. Lucinda começou a cortar as tiras de couro que prendiam o tornozelo do marido.

De repente, Maud deu um grito e agarrou Lucinda pelo ombro, obrigando-a a olhar para o outro lado da praça. William Quarles, vinha correndo na direção deles com um sabre na mão.

De sua janela Quarles observara a primeira onda de revoltosos a subir as escadarias, e, reconhecendo imediatamente um ataque organizado, apanhara o sabre e correria em direção ao quarto da filha. Ao chegar lá, contudo, ela já havia fugido. Não precisou de muito esforço para adivinhar onde a encontraria.

Agora ela se levantava com uma arma para enfrentá-lo. Quarles avançou gritando:

— Lucinda! Largue já essa faca.

Ela respirava ofegante pela boca, empunhando a adaga curva que tirara do guarda. A lâmina estremeceu à voz autoritária do pai, mas manteve-se firme depois disso. Lucinda afastou os pés, resoluta, o queixo erguido num olhar desafiador, e levantou a adaga.

Foi exatamente nesse momento que Dhup chegou à praça, arrastado pela multidão que entrava pelo lado leste. Quando enxergou a cena e compreendeu que haveria mortes, aproximou-se rapidamente de Quarles pelas costas, retirando a faixa da cintura para usá-la como laço. Uma alça envolveu de súbito a mão que

empunhava o sabre, enquanto um grito aterrador saía da garganta do pequeno monge, que saltou sobre o capitão inglês, segurando-lhe o braço armado.

Quarles tentou alcançar o atacante com a mão livre, e Dhup aproveitou para lançá-la com a outra ponta da faixa. Apertou bem a seda em torno dos dois pulsos e prendeu-os firmemente às costas, derrubando-o de joelhos com facilidade. Tirou o cordão da calça e com rapidez e habilidade amarrou juntos os tornozelos de Quarles.

Lucinda deu alguns passos para trás com os berros do pai. Enquanto Dhup apanhava as rédeas de alguns cavalos desgarrados, Lucinda cortou as cordas de Kota, que por sua vez a ajudou a soltar Jaki. Juntos conseguiram colocá-lo sobre a sela de um cavalo, depois montaram cada um em um animal. O monge trotou na frente dos outros, segurando as rédeas da montaria que levava Jaki. Lucinda virou-se na sela e olhou para o pai, que permanecia gritando imprecções cada vez mais alto. Só deixaram de ouvi-lo depois que abriram e atravessaram os portões, constatando que o exército de Shah Jahan não estava à vista.

Os cavalos deixaram a multidão

rapidamente para trás e,mergulharam na noite. Seguiam pelo mesmo caminho que usaram para entrar em Mandu no dia anterior, descendo a trilha e distanciando-se. Quando a cidade não passava de um brilho pálido atrás deles, pararam e soltaram Jaki. Estava acordado, consciente o suficiente para reconhecer as pessoas a sua volta. Chamou Kota de lado e forneceu-lhe as instruções necessárias para recuperar Wyvern e os diamantes escondidos sob a pilha de pedras no bosque de salgueiros.

— Perdemos tudo porque eu não ouvi você — choramingou Lucinda, acariciando-lhe os cabelos sobre a fronte e apoiando a testa em sua têmpora. — Não morra, criança.

— Ele não vai morrer — prometeu o monge. — O destino só liberta um homem para servir a vida.

— *Lah!* — grunhiu Kota, que já estava de volta. Entregou a bandeira dobrada a Jaki, que usou as mãos machucadas para desembrolhar os diamantes e estendê-los a Lucinda.

— Lágrimas da montanha — murmurou.

— Sim, agora eles nos pertencem — assentiu ela, com os olhos úmidos, apertando Wyvern e as gemas preciosas contra o peito. — Foram chorados por nós...

Atravessaram o passo entre as montanhas sob forte temporal, porém na manhã seguinte o caminho acompanhou um riacho e o sol surgiu iluminando um campo onde os cavalos puderam pastar. Maud e Dhup saíram à cata de legumes e raízes para fazer uma sopa, e o monge acabou localizando uma colméia. Kota fez uma fogueira para espantar e acalmar as abelhas e colheu os favos, que completaram o cardápio. Depois de alimentados, banharam-se no riacho e secaram-se na grama ensolarada.

A refeição ajudou Jaki a se recuperar. Lucinda, embalando-o como a uma criança, tentava esquecer o medo da fuga.

— Você tinha razão o tempo todo — dizia ela, tentando penitenciar-se do excesso de confiança depositada no Subahdar. — Predisse nossa desgraça, mas eu não quis escutá-lo. Só percebi todo o horror da minha cobiça quando o perdi de repente, criança.

— Não foi culpa sua — disse Jaki. — Tudo estaria bem se seu pai não estivesse nos perseguindo.

— Agi exatamente como ele com minha teimosia. Ele acha que estou maluca. Teria me matado se pudesse, para nos impedir de ficar juntos.

— Mas ele nunca mais vai ter essa chance outra vez! — prometeu Jaki.

— Daqui para a frente, vamos ficar sempre juntos. — Lucinda re-costou a cabeça no colo dele. — Preciso dos seus instintos.

— E eu preciso da sua razão — declarou ele, tocando com a ponta do dedo o contorno dos lábios da esposa. — Nosso primeiro casamento foi na água. Agora casamos novamente sob fogo, e, embora esse fogo tenha consumido tudo o que lucramos com a caravana, ainda assim o preço foi pequeno.

— Você ainda tem seus diamantes... — disse ela com um sorriso maroto, extraíndo do bolso um maço de papel com caracteres chineses. — E eu tenho as notas de troca. Meu pai nem chegou a saber que eu as possuía.

— Diamantes e dinheiro. — Jaki riu, abrindo os braços. — E o mundo inteiro para gastar tudo.

Encerraram o descanso completamente revigorados, alegres por estarem vivos. Mesmo assim não pararam mais nenhuma vez durante o dia, temerosos de que os inimigos tivessem mandado patrulhas à procura deles. Viajaram com rapidez até o entardecer, quando acamparam num pasto alto, ao lado de um rio

largo e vagaroso.

— O rio Narbada — disse Dhup, sentando-se num tronco próximo à encosta, trezentos metros acima da água e da floresta cerrada além dela.

A cena tocou Jaki com uma emoção que não sentia desde os tempos do *Silenos*. Os cavalos pastavam tranqüilamente, Lucinda e Maud procuravam vegetais comestíveis, Kota preparava a fogueira.

— Amanhã nos separaremos — declarou o monge. — Vocês seguem o rio até o seu destino. Demonstrem respeito, porque esse é um rio sagrado, como o Gânges. Encontrarão muitos santuários e peregrinos pelo caminho, que poderão ajudá-los se for preciso. O Narbada corre para oeste e deságua no mar a trezentos quilômetros daqui. De lá o caminho fica mais fácil.

— E você?

— Preciso voltar a Mandu. De certa forma fui responsável pelo incêndio da cidade. Vou ver o que posso fazer para ajudar agora.

— Quem é você, na verdade? — indagou Jaki, encarando o monge com seriedade.

— Sou o que você vê. — Dhup sorriu. — Apenas um monge em busca das verdades

nobres.

Jaki analisou o homem de pele bronzeada a sua frente. Não havia nada de extraordinário no físico franzino. O monge sempre lhe parecera desajeitado, contudo tinha agido com rapidez e precisão para libertá-los.

— Em Mandu salvou nossas vidas. Como é que...

— Vocês estão sob os meus cuidados. Desde Burma.

— Isso quer dizer que não estava se afogando no rio quando eu mergulhei para salvá-lo.

— Não. Não estava me afogando.

— Mas... — As sobrancelhas do feiticeiro se arquearam com a surpresa. — Por quê?

— De que outro modo eu poderia salvá-lo? Você estava se afogando em suas próprias perdas.

Um brilho de compreensão cintilou nos olhos de Jaki, que tomou a mão do monge entre as suas.

— Como poderemos agradecer-lhe?

O sorriso bondoso de Dhup se alargou, mostrando os dentes que lhe restavam.

— Fazendo o bem secreto...

Na trilha que descia rumo às margens do

rio encontraram o cadáver de uma mulher. Quando os cavalos se aproximaram, corvos voaram para uma árvore próxima, deixando o corpo estendido no pó, as órbitas vazias e a pele mal cobrindo os ossos. Imediatamente Dhup desmontou, ajoelhou-se ao lado da morta e iniciou seus cânticos.

Jaki levou os outros até a curva um pouco mais adiante, depois voltou sozinho para ajudar Dhup a enterrar a mulher. Improvisaram uma sepultura com pedras achatadas. O monge, cantando, colocou um galho de cânfora junto ao corpo e depois o cobriram com terra.

Kota acreditava que o cadáver trazia maus augúrios e recusou-se a comer as batatas que Jaki encontrara ao cavar a sepultura. Com fome, irritou-se quando ninguém deu ouvidos a sua sugestão de voltar e procurar outro caminho até a margem do rio. O monge apontou um dedo para ele, sentenciando:

— O mundo é um cadáver. Não há maneira de evitar isso.

No fim da tarde atingiram o rio, quando o sol já colocava um tom avermelhado nas árvores da floresta. Garças azuis passeavam entre as plantas aquáticas procurando comida, e um pouco mais abaixo, contrastando com as águas

marrons, mergulhavam pequenos pássaros brancos. Palhoças de pau-a-pique amontoavam-se na margem pedregosa quase um quilômetro abaixo, a fumaça que se desprendia dos fogões curvando-se ao vento da tarde. Kota, que não havia comido, chicoteou seu cavalo e partiu na frente dos outros, que seguiram rindo atrás.

Os habitantes da pequena aldeia ficaram maravilhados com a cor dos cabelos dos viajantes, e naquela noite todos dormiram sobre estrados na melhor das choças. Uma hora antes do amanhecer, levantaram-se e negociaram com os chefes da vila um transporte que os levasse rio abaixo. Em troca dos cinco cavalos, pescadores deram sua maior jangada, de formato retangular, construída com troncos amarrados. Na cabina de bambu foi colocada uma cesta de mangas verdes e três sacos de arroz, além de linha e anzóis para a pesca.

Jaki e Lucinda ficaram ao lado de Dhup enquanto ele cantava os sutras à primeira luz da alvorada. Depois o monge abraçou cada um de seus camaradas, desamarrou a corda que retinha a jangada e curvou-se, com a palma das mãos unidas. A embarcação flutuou mansamente corrente abaixo na luminosidade avermelhada do dia que começava. Jaki

permaneceu olhando a silhueta imóvel do monge até que uma curva do rio o fez desaparecer. Assaltado por uma imensa solidão, o feiticeiro pensou se a intuição de Kota sobre o cadáver no caminho não significava algum mal ainda por vir.

A premonição confirmou-se em pouco tempo, quando Maud saiu da pequena cabina de bambu uma hora mais tarde e avisou que Lucinda estava sangrando.

Embora o dia já estivesse quente, ela tremia. O sangue havia aparecido pela primeira vez dois dias antes, logo depois da árdua cavalgada até Mandu. Apenas um pequeno filete escorrera então, e Lucinda tinha rezado para que cessasse. Assim que chegaram ao rio, porém, começara a sentir dores fortes e o sangramento aumentara de intensidade. Agora estava deitada sobre os sacos de arroz, maldizendo Hadi, Fletcher e seu pai, em meio a orações que pediam pela vida do filho.

Atracaram rapidamente e Kota foi ferver água enquanto Jaki e Maud procuravam folhas de *viburnum*, raízes de uva-espim e tufos de líquens para fazer ataduras. A hemorragia, porém, tornou-se incontrolável, e Lucinda começou a acreditar que tinha perdido o bebê com sua fortuna. As pontadas de dor que sentia

no ventre eram a expressão de sua revolta pela traição do pai. Em Mandu perdera a chance de enfrentá-lo com o resultado do próprio trabalho. Sem fortuna, era como todas as outras mulheres, o que sempre tinha sido: um fardo desnecessário. Primeiro dependera do pai, agora iria depender do marido. Por mais que o amasse, isso a incomodava. Quando viu deslizar de dentro de si uma massa cor de fígado entremeada de veias e compreendeu que aquilo tinha sido seu filho, sentiu por si mesma e por ele toda a melancolia do mundo.

Jaki enrolou o feto numa folha de palmeira, construiu uma pira com madeira seca e ficou olhando até as chamas transformarem a criança não nascida em fumaça. Ao sabor do vento, a nuvem de fumaça tomou a forma de uma criança, para o assombro de Jaki, que caiu de joelhos perante a visão. Observou enquanto a forma infantil se elevava no céu do meio-dia e começava a encher a imensidão, flutuando para o outro mundo. O espectro parecia sorrir, estendendo os braços na direção do pai. Jaki sorriu tristemente em retribuição, levantando os braços, como se assim pudesse tocar o fantasma da criança. Chegou a sentir uma sensação de frio na ponta dos dedos, e teve a impressão de ouvir

uma voz:

— Pertenço a você. Nunca cheguei a partir.

Maud aquecera a pelota de ópio que conservavam desde Mirzapur, misturando-a a uma pasta de polpa de figos e oferecendo-a a Lucinda para aplacar-lhe a dor. Quando Jaki voltou, ela tinha os olhos vidrados e resmungava alguma coisa sobre o pai ter assassinado seu bebê.

Então as lágrimas chegaram para ambos. Abraçaram-se comovidos e Jaki falou entre soluços:

— Eu vi o espírito do nosso filho, Lucinda. Ele disse que nos pertence. Vamos ter outro bebê!

Lucinda sentiu que ele realmente acreditava naquilo. Naquele momento, sob o efeito do ópio, pôde ver profundamente o interior do companheiro. Percebeu como Jaki necessitava dela, de seu amor e de tudo que pudesse dar para preencher o vácuo das perdas que ele sofrera. Compreendeu então que ambos estavam órfãos e chorou com ele, cada um com a mão no rosto do outro. Mesmo enquanto se abraçavam, tinham a impressão de desaparecer lentamente, como tudo o mais que se encontrava sob o sol. Jaki tinha razão. Estivera certo sobre a traição

do Subahdar, e também quando partira ao encontro do tigre, em Burma, enfrentando o vazio que dissolvia o futuro.

— Não. Em Burma você é quem estava com a razão — disse Jaki, fazendo a esposa compreender que falara em voz alta. — Estava certa em esperar, e aprendi a confiar em você. Desde aquela época, tenho seguido você com respeito.

— Mas eu estava errada sobre Hadi. Se não fosse Dhup, provavelmente todos teríamos sido mortos.

Jaki colocou delicadamente um dedo nos lábios de Lucinda. Pensou que Mandu tinha sido muito útil para mostrar até onde podia ir a confiança, porém nada disse em voz alta. Nos muitos meses em que haviam viajado juntos, as mãos de Lucinda haviam se estragado e as unhas estavam curtas. Sem os cosméticos, o rosto parecia inocente como o de um menino, queimado de sol e um pouco mais magro. Ele a amava mais do que nunca nesse momento, e seu coração comovia-se com toda a dor e sofrimento que ela suportara para permanecer ao seu lado. O que tinha a fazer agora era providenciar um lar antes que fosse tarde demais. Um lar onde pudessem viver juntos, chorar juntos pelos que

havam perdido e juntos criar uma descendência.

Chegaram ao mar no meio da noite. Kota amarrou a jangada bem antes das luzes que brilhavam na barra do rio. Lucinda e Maud queriam dormir, mas Jaki, ansioso para investigar a cidade iluminada, deixou Kota para vigiar a embarcação e embrenhou-se na escuridão.

Quando as estrelas empalideciam, Jaki voltou remando uma canoa escavada num tronco. Bebeu um pouco de chá na companhia de Kota, e a excitação em sua voz acabou por acordar as duas mulheres.

— Teremos um navio capaz de enfrentar mar alto dentro de dois dias — anunciou ele alegremente ao ver os dois rostos ainda cheios de sono. — E uma tripulação para manejá-lo.

Kota serviu mais chá e todos se acomodaram, sentindo no rosto a brisa marítima.

— Gastei a maior parte dos nossos anzóis para alugar essa canoa do homem que encontrei pescando com tocha no meio do caminho. Depois fui até essa cidade, que o pescador chamou de Bharoch. — Jaki parecia muito animado. — No porto encontrei alguns marinheiros portugueses bêbados, que chamaram a cidade de Broach.

Qualquer que seja o nome certo, o fato é que é um porto aberto a espanhóis, portugueses, ingleses e holandeses. Todos possuem casas e navios, e não brigam entre eles. O velho Mongol conseguiu que fizessem trégua em terra. Agora todos esperam, para saber quais serão as companhias agraciadas com a escolha do novo governante.

— Não vejo nenhum navio grande, *lah* — observou Kota, apontando a barra do rio.

— Amanhã chega uma caravela holandesa — contou Jaki com um sorriso confiante. — Ouvi marujos conversando numa taberna, dizendo que os portugueses receberam o aviso em forma de sinais de fumaça das sentinelas que ficam na costa norte de Gujarat. O *Amaranto* apareceu ao largo de Porbandar ontem, e vai chegar aqui amanhã à noite. Desloca trezentas toneladas e tem armamento leve, cinco ou seis canhões médios. Mesmo assim é um pouco lento.

— E como uma tartaruga, *lah*. Qual é a carga?

— E um navio de escravos. Vem de Aden, com trabalhadores para as colônias portuguesas de Goa, por isso os marinheiros sabiam da remessa. Estão trocando diamantes das minas do norte pelos escravos para trabalhar ao sul.

Uma situação ideal...

— O que está querendo dizer? — quis saber Lucinda, olhando ao longe os armazéns de madeira construídos em frente ao porto, cada um ostentando uma bandeira. — A situação é ideal para quê?

— Não somos agentes holandeses? Pois hoje você vai se apresentar ao adido da Holanda.

— Com estes farrapos? — protestou Lucinda.

— Não, você e Maud vão comprar roupas novas. Vamos vender a jangada.

Lucinda revirou os olhos com um ar divertido no rosto enquanto procurava alguma coisa no bolso. Extraiu de lá um rolo de papel.

— O papel-moeda! As notas de troca do mercador chinês de Sarnath — anunciou. — Se conseguirmos encontrar um mercador chinês aqui, poderemos comprar roupas, comida e até ouro!

— Exatamente o que estamos precisando — alegrou-se Jaki, beijando sua mulher. — Acontece que a maioria dos europeus em Broach está doente, suando sangue.

— A peste vermelha! — exclamou Maud.

— Deve ser. Os espíritos malignos estão na água que eles bebem sem fazer o ritual do fogo

que afasta o mal. Muitos já morreram, e o restante está fraco. Acho que a tripulação do *Amaranto* deve estar faminta também. Segundo o que ouvi, não comem direito há semanas, e essa será nossa arma. Um banquete!

— Está querendo dizer que vamos atrair a tripulação holandesa com um banquete para que saiam do navio... — adivinhou Lucinda.

— E, enquanto comem, levamos o *Amaranto* — concluiu Jaki, em triunfo.

— E quanto aos escravos? — quis saber Maud.

— Serão nossa tripulação.

— É uma idéia maluca — suspirou Lucinda.
— E por isso mesmo é bem capaz de funcionar.

Depois de todas aquelas semanas no rio, os viajantes partilhavam uma espécie de entendimento sem palavras. Lucinda e Maud não aprovavam o uso de violência, mas haviam aprendido o suficiente em Mandu para deixar Jaki e Kota tomarem conta das coisas que não podiam elas mesmas realizar. Em contrapartida, os homens lembraram do episódio do tigre em Burma e do jogo de xadrez, tendo aprendido que às vezes era melhor lançar a isca e esperar em vez de atacar. Em comum assentimento aderiram ao plano e dispuseram-se a executá-lo.

Levaram a jangada rio abaixo, deixaram a canoa com o pescador um pouco antes de chegarem ao porto e trocaram a jangada por ouro. Com poucas indagações encontraram um mercador chinês perto dos armazéns, numa casa cuja entrada era guardada por dois leões de pedra. O homem arregalou os olhos quando viu as notas, mas honrou o compromisso de seu compatriota e trocou cada uma pelo valor em ouro, além de algumas mercadorias.

Naquela tarde, já vestidos com roupas ocidentais, os viajantes alugaram palanquins e percorreram a parte européia da cidade, procurando um local adequado para realizar o banquete. Escolheram uma estalagem no alto da colina sobre o porto, com um salão grande e sem janelas. Combinaram os detalhes com o sorridente proprietário, e Kota foi com o cozinheiro até o mercado para comprar comida. Jaki iniciou os preparativos no salão, enquanto as mulheres partiam num palanquim para a casa do adido da Holanda.

A casa da companhia holandesa estava completamente fechada, em virtude da peste vermelha, e Maud teve de insistir à porta durante um longo tempo antes que ela se abrisse. A peste levava o adido uma semana antes e seu

secretário havia assumido as funções. O homem tinha uma aparência abatida e cansada e ficou contente em ver duas mulheres européias bonitas e sadias, incentivando-as a contar sua história.

— Não escapamos todos da doença — disse Lucinda com ar contrito, colocando sobre a mesa uma caixa de madeira trabalhada que trouxera como presente. Abriu a tampa e expôs as notas de comércio da Companhia, surpreendendo o secretário com o montante dos lucros que o Grão-Mogol Shah Jahan guardava para eles. — Mas todas aquelas sedas e madeiras raras não significam mais nada para mim desde que meu marido se foi. Nós sobrevivemos e conseguimos chegar até este porto, e gostaríamos de cumprir uma promessa feita a meu marido quando ele ainda vivia: agradecer à Providência Divina com um banquete. Contratamos um salão não muito longe daqui, e estamos adquirindo todas as iguarias que pudermos encontrar no mercado. Será que poderiam nos dar a honra de sua presença amanhã à noite?

O secretário aceitou deliciado o convite, contente por ter algum acontecimento capaz de quebrar a monotonia da cidade, e Lucinda aproveitou para acrescentar:

— Todos estão falando da caravela que chega amanhã. Não sei se mencionei antes, mas meu pai é capitão, e tenho certa familiaridade com a vida no mar, portanto estenda nosso convite ao capitão e oficiais do *Amaranto*. Como geralmente só a tripulação se diverte em terra, gostaria que os superiores e o capitão também tivessem uma oportunidade. Deixaram o holandês feliz da vida contando os papéis do maço e voltaram para a estalagem, onde encontraram Jaki às voltas com as portas internas do salão.

— É carvalho de Lisboa — anunciou ele ao ver as duas. Dava pancadas na madeira para testar sua rigidez, com os reforços que havia colocado nas juntas. — Uma boa madeira, que vai resistir bem. Uma vez trancadas, vão conservar nossos convidados bêbados aí dentro por um bom tempo. Só falta agora fazer alguns calços resistentes.

Em pouco tempo Kota chegava com uma carroça cheia de animais vivos e vários sacos e engradados contendo cereais e vegetais. Depois de descarregar foi auxiliar Jaki a reforçar as portas.

— Ainda não é o suficiente — comentou o pirata malaio.

— Este é só o primeiro obstáculo — sorriu Jaki, conduzindo o companheiro para fora e mostrando-lhe alguns engradados cheios de pedaços selados de bambu. — Os indianos os chamam de *charkhi* e os usam para controlar seus elefantes durante a batalha. Os chineses dizem que afugenta os demônios, e o mercador que me vendeu garantiu que esses levantam até dragões.

Kota tirou a tampa de um dos tubos e derramou a pólvora de grãos grossos que havia no interior. Sorriu.

— Fogos de artificios, *lah*.

Todos dormiram aquela noite no salão e passaram a maior parte do dia seguinte em preparativos para o banquete, supervisionando a preparação dos pratos pelo cozinheiro da estalagem. Jaki e Kota foram até o jardim, onde instalaram os *charkhi* entre os canteiros de flores.

Quando o sino do porto anunciou a chegada do navio de escravos, Jaki já o havia avistado do telhado, com uma luneta que adquirira do comerciante chinês. O *Amaranto* lançou âncora a quinhentos metros da margem, junto ao paredão negro de pedra que avançava pelo rio e servia de ancoradouro, sendo imediatamente cercado por

uma profusão de pequenas embarcações. O ponto de desembarque encontrava-se ocupado por uma pequena multidão. Através das lentes, Jaki viu o adido cercado por soldados com o uniforme caqui da Companhia das Índias Orientais, e a tripulação ansiosa desembarcando.

— Logo os holandeses vão chegar aqui — anunciou, descendo do seu posto de observação. — Vamos fazer uma verificação final para ver se tudo está em ordem, depois eu e Kota iremos para o barco. Já sabem o que fazer.

— E se os comedores de batatas reclamarem por ficar num ambiente tão fechado? — perguntou Maud. — Como podemos segurar trinta homens aqui dentro?

— Eles morrem de medo da peste, como qualquer europeu. Basta lembrar a eles que um salão sem janelas é o melhor lugar na Índia para se jantar.

— Boa comida, *lah* — disse Kota, aspirando o aroma dos frangos assando e do carneiro a cozinhar. — Estômago faminto fala mais alto que coração desconfiado. Não se preocupe.

Pararam à porta e apreciaram o trabalho realizado. As tapeçarias coloridas brilhavam à luz das lanternas, compondo um belo cenário de fundo para a longa mesa de banquete já repleta

de terrinas com frutas, jarras de *arrak*, arroz *biryani*, além de várias outras iguarias. Um espaço vazio destinava-se ao carneiro e aos frangos, que seriam servidos mais tarde.

Jaki virou-se para partir, mas Lucinda segurou-lhe o braço. Ele respondeu ao medo que havia nos olhos dela com um sorriso.

— Não podemos falhar. Estamos trabalhando juntos, desta vez.

— Se acontecer qualquer coisa a você...

— Se eu e Kota não estivermos de volta até o ultimo prato, peçam desculpas e vão até o mercador chinês onde trocamos os papéis — instruiu Jaki, mais pela própria tranqüilidade do que pela da esposa. — Pague-o com o ouro que restou, e ele providenciará transporte para Surat, que fica a trinta quilômetros ao sul daqui. Os diamantes estão com você, não estão?

Jaki levou a mão à bolsa que Lucinda levava junto ao corpo, verificando o volume das pedras. Antes que a esposa pudesse responder, ele olhou para Kota e Maud.

— Mas não vamos ter de fazer nada disso — acrescentou, confiante. — Nosso plano funcionará perfeitamente. E sejam simpáticas aos convidados, porque eles precisam sentir-se queridos.

Acenou para Kota, beijou a esposa e saiu. Apanhou um saco de arroz que havia separado previamente. Chegando ao jardim verificou a instalação dos fogos de artificios, observando o local de cada pavio sob as plantas. Depois ele e Kota tocaram as lâminas das facas.

— Não podemos falhar — murmurou em malaio.

Com um turbante cinza escondendo o cabelo claro, ninguém prestou muita atenção em Jaki, e os dois piratas misturaram-se à multidão que era afastada pelos guardas para a passagem da carruagem do adido com os oficiais do navio.

A canoa estava esperando por eles sob os cuidados do proprietário, ao qual Jaki entregou o saco de arroz conforme haviam combinado. Remaram na direção do *Amaranto*.

Havia uma série de pequenos barcos em volta da caravela, as tripulações locais admirando-se com as dimensões do casco e da âncora. Kota divisou uma escotilha aberta perto do nível da água, entre o paredão do molhe e o casco do navio holandês.

Nenhum dos dois preocupou-se em amarrar a canoa quando se esgueiraram para o interior da caravela pelo casco escorregadio. Se não conseguissem tomar o navio em uma hora, não

precisariam mais de nenhum tipo de embarcação.

O ar no interior era denso e malcheiroso, e Jaki teve de cerrar os dentes para evitar a ânsia de vômito. Kota verificou o convés dos canhões, de teto baixo, certificando-se de que não havia ninguém ali. No corredor, ouviram os lamentos que vinham de baixo, juntamente com o odor de fezes e corpos amontoados. Jaki apontou o polegar para cima, e os dois se separaram, cada um subindo por um lado para o convés superior.

Jaki saiu perto do tombadilho. De onde estava podia ver uma sentinela no castelo de proa e outra no convés principal, em frente ao paredão. Enxergou também a sombra de Kota perto do sino, e o companheiro por sua vez sinalizou que havia um homem atrás dele, no tombadilho. Depois de mostrar a Kota a posição dos outros dois, Jaki retirou do bolso um pequeno rolo de veludo, onde havia uma série de espinhos, cada um deles amarrado a um fino cordão de algodão. Apanhou um e enfiou-o numa pequena zarabatana escondida no turbante. Nesse momento, estranhamente lembrou-se de sua vida a bordo do *Silenos*, quando vagava livre pelos mastros, olhando as nuvens e as estrelas. Ajeitou o espinho no tubo de madeira e

esgueirou-se silenciosamente por entre as sombras do tombadilho.

O guarda estava apoiado na amurada, observando a multidão abaixo, e endireitou-se quando sentiu uma picada no pescoço. Utilizando o fio preso ao pequeno projétil envenenado, Jaki puxou o espinho, e quando o homem deu um tapa no local atingido nada encontrou. Pensando que se tratava de um inseto, o homem continuou olhando para fora. Jaki manteve-se escondido aguardando alguns momentos até que a sentinela escorregou sem sentidos sobre a amurada.

Kota, contando apenas com sua adaga, já havia matado a sentinela no castelo de proa, e, como Jaki, recolocara o homem na posição original. Os dois piratas convergiram sobre a sentinela que guardava o acesso ao navio, no convés principal.

Jaki atingiu o homem na garganta com o dardo e, quando ele fez menção de gritar de surpresa, Kota avançou e silenciou-o com sua lâmina. Sentaram depois o corpo de maneira que fosse visível do atraca-douro, e desceram para os porões.

O mau cheiro de carne apodrecida atingiu-os como algo sólido e repulsivo assim que

abriram as portas gradeadas. Desceram as escadas procurando controlar a náusea, ouvindo gemidos e lamentos na escuridão, além de vozes abafadas, falando numa língua gutural. Kota encontrou uma lâmpada a óleo, pendente de um suporte perto da entrada, e Jaki a acendeu com sua pederneira. Os dois ficaram quase sem fala quando depararam com aquela fileira de homens escuros, acorrentados pelos pés e amontoados de ambos os lados do porão, até onde a lanterna iluminava. O branco dos olhos era o que mais se destacava na penumbra. Havia medo e resignação na maioria deles.

Outra luz brilhou de cima, vinda de outro acesso ao porão, quando uma quarta sentinela desceu as escadas. O homem era forte e atarracado, e, além da calça de marinheiro e da jaqueta de couro, empunhava um chicote, que se movimentou com rapidez surpreendente e atingiu a mandíbula de Kota, atirando-o contra a parede.

Jaki apagou imediatamente as lanternas, mergulhando na escuridão um pouco antes de a ponta do chicote estalar no local onde estava. Tropeçou no corpo de um escravo e o chicote golpeou-lhe as costas, rasgando a túnica e cortando a carne. Dolorosamente Jaki se levantou e avançou em direção ao atacante, que

empunhou um *parang*. Jaki teve de cobrir o rosto para se proteger da nova chicotada, que arrancou as mangas de sua camisa e fez correr sangue pelos braços.

Os escravos gritavam agora, e o rapaz esperou que não tivessem mais guardas a bordo. Nova chicotada tirou-lhe a adaga da mão, e, quando

Jaki tentou recuperá-la, o tento de couro enrolou-se em sua coxa, derrubando-o. Os dedos se fecharam sobre a lâmina no chão, e Jaki só teve tempo de rolar para o lado a fim de evitar o golpe do *parang* que descia, atingindo uma das correntes e lançando fagulhas para todos os lados. Num ato instintivo, Jaki avançou a mão com a adaga, que se cravou no braço do holandês. Este soltou a arma, com um grito de dor.

Enquanto Kota colocava-se de pé sacudindo a cabeça e dirigindo-se para a arma do inimigo no chão, Jaki agarrou o chicote e puxou com toda a força, trazendo o peito do adversário desequilibrado de encontro a sua adaga.

Ainda tremendo sob o efeito do combate, Jaki acendeu a lanterna e iluminou as faces escuras, à procura de um líder. Encontrou três escravos que apenas observavam e ajoelhou-se

em frente a eles, apontando as correntes. Eles apontaram o poste que era a base do mastro principal, e Jaki foi até lá, voltando com um molho de chaves de aparência usada. Soltoou doze homens que pareciam ter a força e sensatez suficientes para colocar o navio ao largo, e os negros se ergueram orgulhosos, apesar de vestirem apenas tangas e trazerem o cheiro das próprias fezes, gesticulando para que soltasse também os companheiros. Jaki balançou a cabeça negativamente e sinalizou para que compreendessem que o navio precisava primeiro retornar ao largo. Os escravos libertados concordaram com relutância e seguiram os piratas para o tombadilho.

Jaki levou a todos para a coberta, mostrando os corpos estendidos, e com a ajuda de Kota comunicou que o resto da tripulação estava em terra.

— Fique com eles — instruiu Jaki. — E tente fazer com que os africanos entendam que tudo o que temos a fazer é levantar âncora. Veja se algum deles está em forma para subir nos mastros. Vou buscar as mulheres, deixe tudo pronto para zarpar.

Jaki retirou a túnica rasgada, expondo sua roupa européia, arrumou o cabelo e saiu pela

prancha de desembarque para o ancoradouro de pedra negra. A multidão afastou-se julgando-o um holandês retardatário, e ele pôs-se a correr pelo caminho de cascalho colina acima, em direção à estalagem.

O banquete estava transcorrendo muito bem quando Jaki chegou.

O secretário substituindo o adido ocupava uma das cabeceiras da mesa, o capitão ocupava a outra, e os oficiais brandiam seus copos, felizes e despreocupados. O resto da tripulação divertia-se pela sala, deliciando-se com as iguarias que Maud e o estalajadeiro serviam em grandes bandejas. Da porta, Jaki lançou um olhar a Lucinda, que estava sentada junto ao secretário. Com um sorriso cortês, ela pediu licença e foi juntar-se a Maud, distribuindo comentários amáveis enquanto atravessavam o salão na direção da outra porta.

Trocaram um olhar de cumplicidade e fecharam as duas portas ao mesmo tempo, instalando os calços que Jaki havia preparado de antemão. Os rumores e os risos dos convidados continuaram enquanto as duas davam a volta para encontrar-se com Jaki do lado oposto. Só então alguém tentou sair e encontrou a porta fechada, e começaram os gritos de protesto no

interior do salão. Enquanto Jaki localizava os pavios dos *charkhi*, escutou os ruídos dos pratos e travessas sendo atirados ao chão, além de gritos sugerindo que usassem a mesa como aríete. Quando explodiram os primeiros fogos, começaram as pancadas da mesa contra a porta.

Os três já corriam em direção ao atracadouro. Desciam a encosta enquanto a noite era iluminada por trás deles em flores de fogo, verdes, azuis e vermelhas, além dos assobios alegres das sirenes dos rojões antes de explodir no céu. Os moradores de todas as casas abriam as portas e olhavam embasbacados o espetáculo, e a multidão que ainda se encontrava no porto começou a subir a colina em direção à inesperada festa luminosa.

Quando chegaram ao atracadouro de pedra, Jaki olhou para o alto e viu a colina iluminada pelos fogos multicoloridos, com a multidão de curiosos acotovelada em volta da estalagem. Os holandeses teriam bastante trabalho para chegar aonde estavam.

Assim que atravessaram a prancha, dois escravos soltaram as amarras. Kota havia postado três homens nos mastros, e o restante começava a recolher a pesada âncora. De acordo com o que haviam planejado, Lucinda e Maud

postaram-se ao leme enquanto Jaki e Kota subiam aos mastros e desenrolavam as velas.

O vento soprava baixo e constantemente, vindo de terra, e logo os panos se enfunaram e impulsionaram a caravela para o centro da corrente do rio. A maré vazava, ajudando o ganho de velocidade, e os pequenos barcos ao redor se afastaram em manobras rápidas enquanto o navio holandês ganhava o mar aberto.

Das traves no alto do mastro, Jaki olhou para trás e observou a fumaça dos *charkhis* dissolvendo-se à luz da lua. Os holandeses estavam se livrando da multidão e começavam a chegar no ancoradouro de pedra, a tempo de ver seu navio partindo. Jaki voltou a atenção para o velame novamente, até que deixassem o estuário e navegassem livres em alto-mar.

Lucinda não conseguia conter as lágrimas, e quando Jaki desceu ela se lançou em seus braços, deixando o leme com Maud.

— Agora estamos livres, e eu também sou pirata — disse ela, soluçando e rindo nos braços do marido.

— E esses trezentos homens lá embaixo também estão livres — completou ele baixinho, o coração batendo forte. — Somos todos piratas e livres. Daqui navegaremos para o norte, e em

Karachi ou Dwadar venderemos alguns diamantes para comprar mais barcos menores e fazer essa gente africana navegar decentemente. — Jaki estendeu um braço ao redor do ombro de Maud também. — Estamos livres porque fizemos tudo juntos desta vez.

— Adeus, índia. Adeus, terra firme — disse Maud, olhando as luzes de Bharoch e acenando. — O *Amaranto* é nosso lar agora.

— Certo, mas não com esse nome — concordou Lucinda. — Vamos escolher outro.

— Acho que tenho um bom nome para nosso primeiro navio — lembrou Jaki, com uma expressão divertida. — Uma vez em Burma você disse uma coisa que me magoou e que não esqueci até agora. Depois que meu coração mudou, passei a respeitar você por causa disso. Vamos chamar esse navio de: *Dormindo com Satã*.

Maud teve um sobressalto, mas Lucinda riu.

— É verdade, eu disse isso. Foi quando você ficou exibindo os diamantes e partilhou sua feitiçaria com os camponeses. Naquela época estávamos muito zangados uns com os outros — lembrou ela, silenciando depois e apreciando a escuridão tranqüila que os envolvia.

— A dor que partilhamos tornou-se nossa ligação, criança. Que assim seja. Este navio será chamado *Dormindo com Satã*.

A Lua é uma trombeta, que sopramos com nosso último fôlego

Mais tarde, quando Adão começou a se perguntar como a Luz tinha sido criada, Deus lhe ofereceu duas pedras — a Escuridão e a Sombra da Morte — que bateu uma contra a outra. O fogo brotou delas.

— Assim foi feito — disse Deus.

Midrash Tehillim

WILLIAM QUARLES estava deitado de costas em sua tenda, olhando a luz clara e bruxuleante das estrelas através da porta aberta que drapeava com o vento dos arrozais. Tinha as mãos cruzadas sobre o peito e segurava entre os dedos o colar com as presas do tigre. Rememorava a distância que havia percorrido na estrada de Surat, esvaziando seus cofres entre os

Rajput, esperando poder contar com a eficiente rede de informação que eles possuíam. Ainda assim, nenhuma notícia recebera. Ignorando os tremores que a malária lhe infligia, dedicou-se a calcular o próximo passo.

A anarquia imperante em Mandu alastrara-se de tal forma que favorecera muito os bandos armados, os quais desafiavam abertamente a autoridade do rajá. Todos os grupos de busca que o capitão inglês conseguira organizar acabaram por dissolver-se em pouco tempo. Contratara depois caçadores e guias para acompanhá-lo nas extensas pastagens ao longo do rio Tapti a leste de Surat. Depois de ler o diário de Lucinda, concluíra que a filha estava determinada a levar adiante seu acordo comercial com os holandeses. Como os bens que comerciara ainda se encontravam em Mandu, só restava a ela apelar para o novo Grão-Mogol, através do representante holandês da Companhia, em Surat. O rio Tapti era o caminho mais rápido para a cidade portuária.

O que realmente incomodava Quarles era o fato de saber que o pirata ainda tinha diamantes. Boeck havia dito a ele que cada um era tão grande como um rabanete, e o Subahdar também os tinha visto, além daquela bandeira

monstruosa, Wyvern. Só que não se encontravam na sacola de couro quando o pirata fora capturado, e o mistério desse desaparecimento fazia com que o capitão tivesse pesadelos com a filha amamentando um bebê a bordo de uma fragata comprada com as gemas.

Ruídos de cascos de cavalos ecoaram para os lados do caminho que levava a Surat. Maldizendo o frio interior que o levava a tremer enquanto se movimentava, o capitão inglês colocou as botas e o chapéu, apanhou o sabre e saiu pelo capim que lhe chegava aos joelhos. A maior parte do acampamento seguiu atrás dele.

Quando o líder dos cavaleiros deparou com Quarles, afastou o cavalo para o lado, e a carruagem que estava comboiando parou. A porta se abriu e um rosto pálido avançou para a luz das tochas, encimado por um chapéu largo. William Quarles reconheceu o adido que um ano antes lhe dera a notícia do desaparecimento de Lucinda e estivera com ele em Dagon, no início daquela viagem de pesadelo pelo rio Irrawaddy.

— William, o que está fazendo aqui no meio deste território selvagem? Tive de perguntar aos holandeses onde você estava! Será que, junto com seu bom senso, abandonou completamente a Inglaterra?

— Senhor... — balbuciou Quarles sem ação, removendo o chapéu. Passou o sabre a um homem a seu lado e ofereceu o braço ao superior, ajudando-o a apear. — Estou procurando minha filha. Ela conseguiu me iludir em Mandu. Na verdade...

— Já sei de tudo sobre Mandu — cortou o adido. Sem esconder seu desprezo, tocou no colar de tigre no pescoço do capitão. — E isto aqui? Dorme com isso todas as noites? Está com a aparência de um espectro nativo!

Fez um gesto impaciente em direção às tendas e os cavaleiros desmontaram. Quarles notou que eram soldados Rajput com calças e coletes de brocado, adagas curvas à cintura e mosquetes pendurados às costas. Dirigiram-se à frente, enquanto o adido prosseguia:

— Recebi o relatório dos homens que o acompanhavam a Mandu. Teria preferido ouvir tudo diretamente de você.

— As armas foram entregues. Cumpri minha parte na missão diplomática — respondeu Quarles, indignado.

— Então não soube? — O adido olhou penalizado para o capitão. — Mandu caiu sob o domínio do novo Grão-Mogol. O Subahdar e seu príncipe foram executados e suas cabeças

exibidas na estrada para Surat vários dias depois que você saiu. Sua missão foi um fracasso total. Se tivesse ido apresentar-se ao encarregado dos negócios da Inglaterra, teria ficado a par de toda a situação.

— Não pensei que o senhor estivesse em Surat. Na verdade, só estava preocupado em encontrar minha filha.

— Pois a mim me parece que deveria estar igualmente preocupado em evitar a ira do Almirantado — observou o adido, enquanto os soldados fincavam as tochas ao redor do que havia sido a fogueira do acampamento e estendiam duas cadeiras de lona no centro. Sentou-se e fez sinal a Quarles para que o imitasse.

— William, a perseguição a sua filha terminou — disse ele, extraíndo um pergaminho do bolso. — Esta é a ordem do Almirantado para sua prisão.

Quarles levantou-se abruptamente, com uma expressão acuada, provocando murmúrios entre os soldados, e olhou para o homem sentado a sua frente.

— Vai ter de levar um cadáver daqui!

— Sente-se, William.

— Não pretendo me entregar sem luta!

— Sente-se, já disse!

A contragosto, o capitão inglês obedeceu, com um tremor involuntário de malária.

— Foi por isso então que veio até Surat? Para me apanhar indefeso no meio da noite?

— De fato, estou em Surat por sua causa — assentiu o adido, acenando com o pergaminho. — Este aqui é apenas uma cópia, entre as muitas que foram distribuídas pela Ásia. Saí de Dagon para Surat assim que recebi isto. Mas não vim para prendê-lo, William. — Atirou o pergaminho ao capitão. — Não gostaria nem um pouco de vê-lo arrastado a ferros por toda a Ásia até a Inglaterra, para ser entregue ao Almirantado. Depois de algumas sessões de interrogatório, talvez sinta-se inclinado a revelar coisas que estariam muito melhor se permanecessem secretas. Nada disso, meu amigo, a Igreja dos Dois Ladrões de certa maneira se sente responsável por você estar aqui, e pretendemos cuidar para que consiga iludir seus perseguidores, até que todo esse desagradável assunto seja resolvido a seu favor.

— Mas como isso poderia ser possível? — Quarles examinava o pergaminho à luz da tocha. — Aqui diz que sou acusado de traição por ignorar uma ordem direta do Almirantado! E

também que fui julgado culpado por *absentia* pela destruição negligente do *Fúrias do Destino*. Só estes dois pontos bastam para arruinar minha carreira!

O adido concordou com um solene aceno de cabeça.

— A menos que as acusações sejam refutadas, você será condenado como traidor. Hoje mesmo, já temos advogados na Inglaterra trabalhando para limpar seu nome. Isso será bem mais difícil sem nenhum contato no Trono do Pavão, mas, com seus antecedentes, tenho certeza de que o resultado final será satisfatório. Mas precisa retornar à Inglaterra. Somente lá poderemos protegê-lo.

— E quanto a minha filha? O que vai ser feito dela enquanto eu estiver preso aos compromissos com os advogados que vão salvar minha cabeça?

— William, será que não percebeu ainda? — O adido baixou o olhar para encarar o capitão. — Sua filha não o ama. Agora ela é uma mulher, e está fugindo de você. Precisa parar de persegui-la e agir para salvar sua cabeça.

— Não vou desistir dela nunca! Lucinda é minha vida, a única herdeira. Tudo o que sofro é por ela!

— Pode ser, mas parece que ela não pensa assim, William, ou não teria agido como agiu em Mandu.

— É que ela está perturbada — retrucou Quarles, com um olhar desvairado. — Alguma coisa revirou-lhe os miolos, mas não é por isso que vou abandoná-la em sua loucura.

— Quem está louco é você, se continuar a desafiar o Almirantado. O adido em Surat tem uma cópia igual a esta, e certamente vai persegui-lo. Por isso vim a esta hora da noite. Precisa fugir antes que os compatriotas percebam sua presença.

— Então vou subornar os Rajput para conseguir papéis falsos e subir o Tapti. Lucinda ainda deve estar no interior.

O adido pensou por um momento, como se estivesse tomando uma decisão.

— Sua filha não está mais na Índia, William — revelou por fim. — Ela e aquele amante pirata roubaram uma caravela holandesa com um carregamento de escravos em Broach há algumas noites. Estão ao largo agora, com destino desconhecido.

— Broach? — Quarles levantou-se, colocando uma mão trêmula na testa. — Isso quer dizer que ela desceu o Narbada... Se não me

engano são os portugueses que controlam esse rio.

— Superestima seus competidores e ao mesmo tempo subestima sua filha. Desde que o velho Grão-Mogol morreu, todos os tratados ficaram suspensos. Para melhor proteger seus interesses, os portugueses retiraram-se para Swally e Goa, e os holandeses estão fazendo o possível para ocupar o lugar deles. Talvez até reconsiderem sua posição, agora que perderam uma caravela carregada de escravos. Na verdade, deveria ter orgulho de sua filha. Afinal, eles roubaram um navio da melhor marinha do mundo. Não pode persegui-lo no momento, Quarles. E ninguém sabe para onde eles foram.

— Está dizendo para eu me regozijar pelo fato de minha filha ter-se tornado uma pirata? Isso nunca! O responsável por essa ação criminosa foi o pirata que a raptou, tenho certeza. Pym tinha toda a razão em me avisar para temer o rapaz. Deveria tê-lo matado enquanto estava em minhas mãos!

— Por favor, sente-se, William. Fala de uma forma perigosa.

— Não vou sentar! — declarou Quarles, surpreendendo-se com a própria ousadia. — Já estou a caminho, e desta vez não pretendo

falhar.

— A caminho de onde? O mundo é muito maior que sua arrogância.

— Pois vou encontrá-los — insistiu Quarles, sem olhar para o adido, lembrando a determinação em chegar ao Novo Mundo demonstrada pela filha em seu diário.

— Mas como? Será preso em Surat, com certeza.

— Os portugueses têm navios em Swally. E eu tenho ouro bastante para comprar uma fragata e contratar a tripulação.

— Isso pode ser sua perdição. Vai gastar toda a sua fortuna num barco português corroído por guzanos e uma tripulação nem um pouco melhor que a dos piratas. — Os olhos do adido se arregalaram. — Vai tornar-se idêntico ao inimigo que está perseguindo. Será um fugitivo, vagando de porto em porto em perseguição a uma filha que não o ama.

— Não tente me deter. — O capitão inglês se ajoelhou, olhando de relance para os soldados em volta.

— A Igreja dos Dois Ladrões não possui cura para a loucura. Se insiste em jogar fora sua vida, não há nada que eu possa fazer para salvá-lo.

— Existe uma coisa que pode fazer para mim... — Quarles mordeu o lábio, procurando conter-se. — Quando voltar para a Inglaterra, pode providenciar a venda de minhas propriedades em Devon. Vou precisar do dinheiro quando voltar com minha filha.

— Se fugir agora, nunca mais poderá voltar à Inglaterra...

— Pretendo usar o capital para me estabelecer em algum outro lugar. Faria isso por mim?

O adido analisou por um instante o brilho fanático nos olhos de Quarles.

— Vou precisar da sua autorização.

— Então vamos preparar uma procuração agora. Preciso partir antes do amanhecer. Meu objetivo está no mar.

O sol reverberava centenas de vezes nas ondulações inconstantes das águas e as gaivotas aproveitavam as correntes de vento para realizar seus vôos ao redor do *Dormindo com Satã*. No alto de seu pequeno reino, Jaki estava no cesto da gávea com os braços abertos para o céu, examinando as nuvens que corriam por sobre sua cabeça.

As profundezas das vastidões aéreas

captaram-lhe a concentração, carregando-o como num transe, atraído irresistivelmente pela visão da Aranha. Ele seria livre. Embora o mundo não passasse de uma prisão feita de muitas paredes, continuaria livre. As velas claras captavam os ventos das monções de abril que sopravam de nordeste, e os rangidos das cordas e do madeirame pareciam de certa forma o som da própria liberdade.

Fora exatamente essa a impressão ao subir pela primeira vez ao mastro do *Silenos*. Pym demonstrara a mesma visão, como um falcão que sobrevoava o curso da História, cuja pressa fossem as idéias e suas conseqüências através dos séculos.

Como homem e como feiticeiro Jaki não possuía nenhum futuro. Só existia o agora, repetindo-se infinitamente... até que descobrira a própria identidade, como último dos caçadores de almas. Depois de Jabalwan, o tempo jamais seria o mesmo outra vez, e cada geração iria surpreender a outra, assim como ele chocara os guardiões de Njurat. A vida era um mistério. Como pirata, pudera suportar a própria ignorância com dignidade; porém com uma esposa, uma irmã e um navio cheio de tribos fora de seus lugares, ansiava por saber para onde

estavam se dirigindo. Mala, Jabalwan, Pym, Mang, o *Silenos*, seu pai... não passavam de fantasmas que agora não podiam ajudá-lo. Mas as visões que havia compartilhado com todos eles tornar-se-iam asas que o levariam adiante das presas e venenos do Império, em direção ao oeste. Era esta a convicção de Jaki Gefjon em abril de 1628, enquanto as nuvens passavam sobre sua cabeça e a quilha da caravela cortava as águas escuras do mar de Omã.

Jaki decidira não navegar para Surat, pois não confiava nem um pouco no povo de seu pai. Em vez disso levava seu navio para o norte, ao longo da costa de Gujarat, e aportara numa enseada escondida pela vegetação, que apresentava ótimos postos para vigiar a aproximação de outras embarcações. Os africanos, alguns dos quais estavam a bordo fazia cinco semanas, sentiram-se completamente ébrios, caminhando pelas dunas e árvores como se sonhassem acordados. Alguns deles enterraram-se na areia, outros fabricavam amuletos com conchas e pedaços de coral atirados à praia. Nenhum queria mais voltar ao navio, por acreditarem que o convés era assombrado por fantasmas. Diziam que escutavam ruídos de correntes e grilhões nos

porões, apesar de terem atirado todos os instrumentos de captura ao mar menos de uma hora depois de libertados. Quando não havia ninguém na gávea ouviam-se gritos, sangue pingava de bancos onde homens tinham morrido e gemidos vinham do fundo dos porões.

Nada disso fora testemunhado por Jaki, mas ele não via razão para duvidar da existência dos fantasmas, uma vez que todos, à exceção de Lucinda, acreditavam.

— Afinal, você é um feiticeiro — disse ela, no segundo dia que estavam ancorados. — Faça o que quiser, mas limpe o convés de fantasmas antes que algum navio de guerra nos encontre aqui.

Na manhã seguinte, Jaki vestiu apenas uma tanga e esfregou no corpo todo uma mistura de pasta de argila com uma frutinha vermelha, até que ficasse brilhando como uma salamandra. Depois apanhou a nova bolsa que fabricara com pele de crocodilo e subiu no mastro principal. Retirou um rolo de tecido do interior, prendendo-o ao topo. Assim que a primeira brisa soprou, Wyvern agitou-se no céu cinzento. Do litoral os africanos murmuravam, impressionados com o dragão alado com as asas estendidas e olhos de fogo.

Jaki passou pelo convés principal, ajoelhando-se a cada passo e queimando pequenos bocados de pólvora granulada. Fazia todo o ritual com lentidão e concentração em cada gesto, como tinha aprendido com Jabalwan.

O exorcismo durou o dia inteiro, e foi tão bom para a sanidade de Jaki quanto para os outros. O feiticeiro que havia dentro dele estava perturbado desde que fumara ópio nos jardins de Mirzapur e piorara com o aborto de Lucinda. Conjecturava sobre o futuro, porém, por mais que se esforçasse, nada enxergava à frente. Tudo era vazio. A Vida dava origem à Vida, que alimentava a Morte. Nenhuma sabedoria a não ser o poder, nenhum poder a não ser o domínio.

Passo a passo, percorrendo o navio negreiro em meio a um cheiro horrível, Jaki viu-se frente a frente com as próprias apreensões e ficou em paz com seu futuro. Ao anoitecer estava correndo com uma tocha em cada mão, entoando cânticos dos Nômades da Chuva a plenos pulmões, e se porventura algum espírito habitava o navio, já o teria abandonado diante de tanto entusiasmo. À meia-noite, ele subiu ao cesto da gávea com as duas tochas em uma só mão e realizou uma dança de círculos de fogo para comemorar sua vitória sobre os mortos.

Os negros, que até então aguardavam na praia, embarcaram nos escaleres e chegavam à caravela com gritos triunfantes. Naquela mesma noite os porões foram completamente drenados, e no dia seguinte purificaram os conveses, lavando-os com água cáustica, misturada com as cinzas da fogueira.

Encontrar uma tripulação no meio dos duzentos e quarenta e oito despreparados africanos mostrar-se-ia uma tarefa bem mais trabalhosa do que o exorcismo da caravela. As disputas e lealdades tribais haviam sobrevivido às semanas de escravidão, e o *Dormindo com Satã* encontrou-se imediatamente dividido entre amigos e rivais. Apenas o respeito que nutriam por seus salvadores e a certeza de que outros navios espreitavam no horizonte os manteve unidos. Jaki resolveu aproveitar o conhecimento das tribos que havia reunido em sua juventude e, apesar da diferença de linguagem, intervinha acaloradamente nas discussões, gesticulando e gritando para fazê-los entender que se não se juntassem seriam presas fáceis para os piratas, navios do império e também para as tempestades. Lentamente a princípio, depois com o fervor dos que lutavam contra a extinção, puseram de lado a animosidade em favor da

liderança de Jaki.

Nesses tumultuados dias no início do treinamento, Jaki e Kota se revezavam na instrução sobre os movimentos sincronizados das velas para apanhar melhor o vento. Os africanos não sentiram muita dificuldade para subir nos mastros e manejavam as cordas e lonas com a atenção de guerreiros acostumados ao exercício físico. Enquanto os homens aprendiam a manobrar as velas e atirar com os canhões, Lucinda e Maud organizavam as mulheres na cozinha, na produção de roupas e no cuidado aos doentes e debilitados pelos trinta e seis dias de confinamento. Quando finalmente a caravela zarpou da enseada, todos levavam no coração uma esperança razoável de regressar para casa.

Jaki esperava uma oportunidade de aprisionar um galeão ou uma barcaça lenta mais fácil de manobrar, que pudesse abrigar a todos confortavelmente e sem brigas constantes. Porém, dois dias ao norte da fortaleza portuguesa de Diu, encontraram uma caravela esguia e veloz de quarenta canhões, tripulada com persas em patrulha. Tentaram fugir, a princípio, mas o inimigo veloz cortou-lhe a frente, deixando-os contra as dunas do litoral. O navio certamente

teria sido feito em pedaços se Jaki não tivesse tido a inspiração de retirar Wyvern do mastro antes da batalha e hastear a bandeira branca de rendição. Manteve as portinholas dos canhões fechadas, ordenou que a tripulação armada fosse para baixo e ficou com alguns africanos na coberta apenas para que os persas pudessem ver que se tratava de um valioso transportador de escravos.

Jaki permaneceu apoiado na amurada, sem chapéu para tornar evidente sua nacionalidade holandesa. Ganchos de abordagem foram lançados em vários lugares e a primeira onda de marinheiros com turbante vermelho pulou para a caravela, todos com as lâminas nos dentes e pistolas enfiadas nos *sash*. Jaki desembainhou o sabre como se fosse oferecê-lo em rendição, esperou até que as pranchas de abordagem fossem instaladas, depois gritou a ordem para que os africanos atacassem. Todas as portas de acesso ao convés abriram-se ao mesmo tempo, e em questão de segundos havia duzentos africanos armados ao redor do punhado de persas que invadira o navio. Todos sucumbiram às facas dos africanos, enquanto seus companheiros procuravam separar novamente as embarcações e conseguir distância para usar os

canhões. Mas Jaki já esperava por isso e manteve o leme inclinado, de maneira a que o costado do *Dormindo com Satã* ficasse batendo no da caravela, impedindo-a de afastar-se. Kota, armado com uma pistola em cada mão, liderou a abordagem ao navio persa.

Os inimigos defenderam-se com ferocidade, provocando muitas baixas entre os negros inexperientes e logo o convés da caravela se encheu de sangue dos combatentes de ambos os lados. Em pouco tempo os persas viram-se reduzidos em número no próprio convés, sem espaço para manobrar. Com gritos de triunfo, logo os africanos anunciavam a vitória e baixavam a bandeira do navio.

Jaki e Kota, que participavam da alegria geral, não tinham idéia do que significavam os cânticos dos negros. Mais tarde, já mais familiarizados com a língua gutural deles, reconheceriam o grito de vitória que desafiava a morte: "Dançamos nas presas da serpente"!

Os escravos libertados decidiram entre eles quem passaria a fazer parte da tripulação do novo navio, mas deixaram para Jaki a escolha de seu capitão. Entre os vários africanos que iria para a caravela portuguesa havia um que lembrava Jabalwan. Mais jovem do que a

maioria, procurava cuidar dos mais fracos e não se intimidava diante de ninguém. Possuía como que uma aura a sua volta, parecendo sempre tranqüilo como um feiticeiro, mas ainda assim envolvido profundamente no que fazia, fosse combater os persas ou entoar cânticos de agradecimento. Seu nome era Axo Ndjobo, que significava "mordido pelas estrelas". Ndjobo era alto e seu rosto era suave, apesar de ter as feições magras. Uma vez indicado por Jaki para ser o capitão, foi apoiado pela maioria dos africanos.

Logo depois desse episódio, Kota ficou fechado em si mesmo, com cara de poucos amigos. Ele havia trabalhado muito com os homens, ensinando-os a manejar as velas e o timão, e tinha tanta certeza de que seria escolhido como capitão que até mesmo colocara um traje vistoso, encimado por um grande chapéu emplumado para a ocasião.

— Você não pode ser o capitão dos africanos — disse Jaki. — Eles precisam de um líder da própria tribo, para que seja respeitado.

— Mas eu conheço os homens, *lah*. Mostrei como apanhar o vento e recolher as velas — protestou o pirata. — Sou bom marinheiro.

— Claro que é — concordou Jaki, passando

o braço no ombro maciço do companheiro, conduzindo-o ao tombadilho. — Quero que seja capitão do *Dormindo com Satã*. A tripulação também é africana e precisa de um capitão experiente.

Kota piscou várias vezes antes de responder.

— Mas você é o capitão, *lah*.

— Não — respondeu Jaki, apontando Lucinda e Maud, que colocavam cortinas no camarote. — Eu e minha mulher já passamos por muitos contratempos com aquela caravana e não quero que isso aconteça de novo no mar. Você vai ser o capitão agora. Eu serei o piloto e Lucinda, contramestre. Se cada um de nós fizer o seu trabalho direito, os africanos acabarão aprendendo com o exemplo, e serão até capazes de não se perder em alto-mar.

Kota inchou como um sapo, orgulhoso com as palavras de Jaki e feliz por não ter desperdiçado a bela indumentária que usava.

Nos primeiros dois dias e noites da travessia do mar da Arábia, Kota permaneceu no navio aprisionado, supervisionando os africanos, que demonstravam uma enorme vontade de aprender, forjada pelo desespero. Ao terceiro dia de céu azul, com o vento nordeste estufando as

velas, todos já estavam felizes o suficiente para batizar a embarcação. Com uma salva de doze tiros e um grito de júbilo dos africanos, a caravela foi batizada de *Crianças da Serpente*, e o novo nome cerimoniosa-mente pintado na proa, em inglês.

— É um nome tão assustador quanto o nosso — comentou Lucinda no tombadilho, observando a fumaça dos tiros a se dissipar. — Por que o escolheram?

— É *Fa...* a mágica deles — respondeu Kota. — Dizem que o mundo repousa sobre uma serpente. Ela vive no mar e sustenta todas as terras, montanhas e a selva. Quando tem fome, come ferro, ouro e merda. Quando fica inquieta, faz a terra tremer com seus movimentos... Esse povo, *lah...* Eles estão muito longe de casa, de seus deuses. Só a serpente debaixo do mar pode levá-los de volta em seu dorso. Sim, eles são mesmo os filhos da serpente.

— *Fa* — repetiu Maud em voz alta, acenando animadamente para os africanos no outro navio. — Precisamos aprender a mágica deles, Jaki.

— Ao contrário — observou Lucinda com um sorriso seco. — Eles é que precisam aprender nossa mágica se quiserem voltar para casa e não

ser escravizados outra vez pelo caminho.

Maud assentiu balançando tristemente a cabeça e olhou para Jaki, lembrando-se da noite em que ele lhes invadira o camarote, acompanhado de seu gibão prateado. Sorriu ao pensar no medo que sentira na ocasião e na relutância em seguir Lucinda e seu marido pirata. A vida que levava desde então tinha sido melhor do que tudo que já experimentara, apesar dos momentos de perigo e apreensão. Jaki fora o primeiro homem a tratá-la como uma dama, e a partir daí a amizade dos dois se aprofundara ao longo dos meses em que estudaram juntos as plantas e remédios novos pelos mercados, enquanto Lucinda negociava as mercadorias. Apenas para si mesma, Maud admitia que amava Jaki. Quando ele se inclinava para mostrar-lhe sementes ou guiar-lhes as mãos para ensinar novos nós, seu odor almiscarado a deixava quase sem fôlego.

Nunca demonstrou a ele nem a ninguém seus sentimentos, ocultando seu ardor sob o riso fácil e a constante agitação exigida por dias cheios de tarefas.

Jaki, por sua vez, estava ocupado demais com as novas responsabilidades da vida no mar para notar qualquer mudança em Maud. Passava

horas sozinho na gávea observando os navios e as nuvens. Êbrio de felicidade nos dias claros e noites estreladas, cumprimentava a todos com sorrisos radiantes.

Lucinda conhecia agora um lado da personalidade do marido que nunca havia visto. Percebia que ele ficava feliz em sentar no convés com um grupo de africanos, aprendendo sua língua e costumes e ensinando-lhes o que quisessem saber. Jaki andava alegremente entre a tripulação, lavando roupa, pescando com linha de arrasto, remendando velas, ajudando a esposa a calcular a posição do sol e com freqüência içando-se até o topo do mastro principal, ao cesto da gávea. A noite, adormecia profundamente em sua rede, ao lado de Lucinda, que gostava de admirá-lo à luz do luar, o cabelo claro como o dela, os traços da mãe a preencher-lhe o rosto plácido.

Não havia possibilidade de ficarem sozinhos a bordo, mesmo durante a noite, pois cada camarote estava apinhado de africanos. Depois de quatro dias de travessia do mar da Arábia, numa manhã especialmente clara, Lucinda observou quando Jaki subiu à gávea para render a sentinela, e seu coração bateu mais forte com uma súbita inspiração. O pai sempre a proibira

de subir no cordame, embora ela nunca tivesse manifestado um desejo especial de balançar no alto de um navio em velocidade de cruzeiro. Até agora, pelo menos... Ali parecia o único lugar da embarcação onde poderia ficar completamente sozinha com Jaki, e estava determinada a ir até lá.

Correu até o camarote e vestiu uma calça de lona e uma camisa de mangas compridas que Jaki usava para trabalhar. Depois de amarrar o cabelo num rabo-de-cavalo que não lhe tolhesse os movimentos, tirou os sapatos e dirigiu-se para a escada de corda a bombordo. Antes de iniciar, olhou para o alto do mastro, que parecia oscilar entre as nuvens.

O medo a dominou quando deu o primeiro passo, sentindo a aspereza da corda na sola dos pés, ainda olhando para as alturas. Precisou de todo o autocontrole para não desistir e afastou o olhar do cimo, concentrando-se apenas em cada passo que dava. Em pouco tempo sentiu que a ascensão não era tão difícil quanto parecia. Durante o último 'ano, suas mãos haviam se acostumado ao manejo de cavalos, elefantes e camelos, e não a incomodavam em absoluto. Apenas os pés doíam um pouco, e a musculatura dos ombros.

Ao final da primeira parte da escalada, onde os degraus de corda convergiam para uma pequena plataforma, Lucinda chegou a pensar em voltar. De onde estava, avistou vários africanos no alto da mezena e do mastro de proa. Lá embaixo no tombadilho Kota instruía o novo piloto na bitácula. Tinha certeza de que, se ele a visse, iria chamá-la para baixo outra vez, por isso começou logo a segunda parte da subida.

Os pés estavam bastante doloridos quando parou na segunda plataforma, menor e mais oscilante do que a primeira. Escutou a distância os gritos de Kota, pedindo que descesse dali, e aquilo foi estímulo suficiente para que se dispusesse a vencer os últimos vinte e cinco degraus de corda áspera e bamboleante até a maldita cesta suspensa no través mais alto do mastro.

Jaki, que estivera deitado de costas olhando para o céu, sentou-se quando ouviu mugidos na escada denunciando a aproximação de alguém. Como isso não era muito comum, espiou sobre a borda de vi-me, e Lucinda soltou uma gargalhada quando ele arregalou os olhos, cheio de preocupação.

— O que está fazendo? — perguntou Jaki, estendendo os braços para ajudar a esposa a

subir na cesta.

— Quero ficar com você — declarou ela, orgulhosa, com as faces coradas.

Lucinda espiou para fora, na direção do *Crianças da Serpente* a estibordo, balançando sobre a superfície encrespada das águas. A força do vento deixou-a sem fôlego, e ela abraçou Jaki.

— É lindo aqui em cima — comentou, acenando alegremente para Kota, um ponto vermelho entre os africanos que continuava gritando para que ela voltasse.

— Nunca esperei vê-la aqui em cima — admirou-se Jaki, com um sorriso divertido. — Não tinha imaginado você nas alturas.

— É a minha primeira vez — confessou ela também sorrindo. — Meu pai me proibia de subir. Não vejo por quê. Não é tão difícil assim...

Jaki mediu-a de alto a baixo, examinando as roupas folgadas.

— Está ótima, mulher.

Ela aproximou-se devagar, abraçando-o suavemente. A força da gravidade levou-os a se ajoelhar, e o sol brilhante transformou-se nas nuvens que corriam mansas sobre suas cabeças. A paixão que continham há algum tempo, desde o acidente no rio Narbada, explodiu num desejo incontrollável. Despiram um ao outro, e em pouco

tempo estavam nus, sobre um monte de roupas amassadas.

O fôlego de Jaki se acelerou ao ver o esplendor do corpo de sua mulher, e ele baixou o rosto para o odor inebriante da pele quente dos seios. A ponta dos dedos de Lucinda percorreram as curvas dos músculos do peito e da barriga de Jaki. Ele rolou sobre ela e deixou que as mãos da esposa o conduzissem até o sexo úmido. O balanço do navio juntou os dois num ritmo delicioso, os corpos arqueando-se encaixados, as pernas dela envolvendo sua cintura.

Tiveram prazer juntos e ficaram depois por um longo tempo lado a lado, escutando apenas o vento nas velas e o ranger do madeirame.

— O que vê lá em cima? — perguntou Lucinda, sem tirar os olhos das nuvens que passavam.

— Vento e tempestade.

— Também quero ver o que você vê.

— Seu pai deve ter-lhe ensinado a prever o tempo...

— Só que você enxerga mais do que vento e chuva — sorriu Lucinda. — Ou não ficaria tanto tempo olhando.

— Dhup diria que enxergamos o céu, e que ele continua claro até que nossa vista o faça

nebuloso.

— E o que diria você?

— Não entendo bem o que vejo... — Jaki pareceu ficar mais tenso. Ela beijou seus dedos e analisou-lhe a expressão com olhar apaixonado.

— O que você pensa que vê?

Jaki ficou em silêncio por um tempo tão longo que ela ia falar novamente quando ele respondeu:

— A história do mundo. — O ar infantil havia desaparecido totalmente de seu rosto. — Estamos vivendo uma época de grandes mudanças. É o final de costumes antigos que remontam ao início dos tempos. É o fim para eles — e apontou com o queixo o *Crianças da Serpente* que navegava ao lado. — É também o fim para o meu povo.

— E o que se encontra a nossa frente, feiticeiro? — quis saber Lu-cinda, tocando suavemente o rosto do companheiro. — No futuro da história do mundo?

— Um lar — respondeu ele, de pronto. — Pym costumava dizer que o único e verdadeiro altar era a lareira. Entre os gregos, o lar era um deus sem forma, pois ele representava nosso único lugar na terra. A lareira ou o caldeirão sobre o fogo. São deuses que todas as tribos

adoram.

— Abrace-me, Jaki — pediu Lucinda, unindo o gesto à ação com tanto ímpeto que as faces de ambos se chocaram. — Tenho medo. Desafiamos tantos poderes para ficar juntos... O que será feito de nós? Como este navio, ou as nuvens, iremos para onde o vento quiser nos empurrar.

Ele a encarou no fundo azul de seus olhos, com uma sinceridade que não admitia dúvidas.

— Para onde quer que a gente vá, seja céu, inferno ou qualquer reino entre eles, nós dois estaremos juntos.

Abraçaram-se e de novo fizeram amor, acalmando o sangue e aquecendo as promessas que traziam no coração. Sentiram-se como se fossem viver para sempre.

O vento levou o *Dormindo com Satã* e o *Crianças da Serpente* para o sul, em dias brilhantes e noites estreladas, na direção do Chifre da África. Quando passavam pelo golfo de Aden, onde ficavam as cidades de mercadores de escravos, Axo Ndjobo veio até o navio de Jaki.

Durante a travessia de duas semanas, Ndjobo havia consolidado o controle sobre os africanos, embora muito poucos pertencessem a sua tribo no longínquo oeste. O porte majestoso e

a sabedoria do capitão em resolver disputas entre os africanos tinham conquistado a lealdade de todos, cuja maioria era composta por vários grupos diferentes, oriundos dos reinos orientais de Makonde e Nyamwezi.

— Muitos dos nossos morreram aqui para que passemos ao largo — disse Ndjobo a Jaki. — Amanhã ao raiar do dia avistaremos Ras Khanzira, onde fomos embarcados como escravos. Vamos verificar que navios estão ancorados no porto, e usaremos nossos canhões para destruir ou capturar todos que naveguem com a bandeira de nossos inimigos.

Estavam sentados no chão do salão, os quatro brancos e representantes de todas as tribos. Embora as três semanas de convivência tivessem facilitado muito o entendimento entre eles, as comunicações eram ainda muito lentas, à exceção das ordens diretas de navegação e tarefas rotineiras. O que Ndjobo dissera foi repetido muitas vezes em vários dialetos, acompanhado de intensa gesticulação por parte dos que trabalhavam em contato direto com os brancos.

Jaki olhou para Lucinda, que tomou-lhe as mãos.

— Jaki, o que ele está querendo é vingança.

— Axo — chamou o feiticeiro. — No mar, a guerra é mais perigosa do que em terra. Nossas tripulações já sabem apanhar vento, mas nunca foram testadas por uma tempestade, ou mesmo um vento mais forte, quem diria numa batalha real. Qualquer inimigo vai contar com homens mais experientes.

— Certo. Mais experientes — concordou Ndjobo assim que compreendeu o que Jaki dissera. — Só que nós somos mais corajosos na batalha. Nós, todos nós, queremos lutar. É nosso dever para com os mortos. Você sabe como lutar no mar. Juntos, destruiremos o inimigo.

— Jaki... — interrompeu Lucinda.

Jaki cedeu-lhe a palavra com um gesto, e ela olhou diretamente para o capitão africano.

— Axo, não devemos lutar, porque não podemos nos dar ao luxo de perder. Se qualquer dos nossos navios for atingido por um só tiro que seja, o navio afundará e quem estiver dentro morrerá. E, se não afundar, fica avariado e todos serão capturados para ser vendidos de novo como escravos!

Axo manteve-se ansioso e reservado, até que conseguisse entender a gesticulação frenética dos vários tradutores. Então fez um sinal para que se calassem.

— É nosso dever — disse por fim. — Não podemos deixar este lugar sem atacar os que estão matando e escravizando meu povo.

— Nesse caso vai lutar só com seu navio — declarou Lucinda, visivelmente alterada.

Jaki inclinou-se sobre ela.

— Meu amor — sussurrou ele, mantendo um sorriso. — Somos quatro brancos cercados por mais de duzentos negros. Onde está aquela diplomacia que você tão bem demonstrou na índia?

— Então chegamos até aqui para ser mortos numa vingança estúpida?

— Isso seria triste, mas heróico. Se Axo resolvesse nos deixar aqui entre piratas e traficantes de escravos seria muito triste também, e nem um pouco heróico.

Lucinda ignorou a última observação do marido e voltou-se outra vez para o africano:

— Axo, salvamos vocês da escravidão para devolvê-los a suas terras, não para matar e saquear.

— Primeiro cumprimos nosso dever para com os mortos — teimou Ndjobo com o rosto plácido. — Vocês foram nossos amigos, e se não fosse por vocês não teríamos navio nenhum. Mas, se não lutarmos agora, teremos dificuldades

com todos que partiram antes de nós no rio negro do tempo. — Voltou um olhar penetrante para Jaki. — Você arriscou a vida para nos libertar. As palavras dela também são suas?

— Ela é minha vida, Axo — respondeu Jaki, levantando as palmas das mãos e baixando o olhar.

— E quanto a você, capitão? — Ndjobo virou-se para Kota.

O pirata estivera apenas escutando, entretido a mexer com o couro das botas macias. Hesitou ante o olhar do negro, e voltou-se para Jaki:

— O que diz, feiticeiro?

— Você é o capitão, Kota. Quer comandar esta tripulação numa batalha?

A idéia de um bom saque atraía Kota, e mentalmente ele fez uma estimativa das forças com que podia contar.

— O *Crianças da Serpente* é um navio de guerra, *lah*. Quarenta canhões, e os negros já aprenderam a manejar os grandes.

— O capitão de nosso navio irá com vocês — anunciou Jaki a Axo. — Ele já lutou em inúmeras batalhas. — Obedeçam ao seu comando e não falharão.

— E quanto a este navio? — quis saber

Ndjobo. — Não vai nos ajudar?

— Não lutaremos — declarou Lucinda, sacudindo a cabeça numa negativa. — Leve todos os do seu povo que queiram vingar os mortos entre os da nossa tripulação, e deixe as mulheres e aqueles que não tenham utilidade numa batalha. Devolveremos todos a suas terras, se porventura não regressarem.

Axo concordou secamente e bateu na madeira do convés para afastar o mau agouro.

— Cobertura pelo lado do mar, *lah?* — perguntou Kota a Jaki.

— Ficaremos ao largo e cobriremos sua retaguarda — concordou o feiticeiro, antes que Lucinda negasse ajuda. — Mas estará sozinho, Kota, por isso escolha os alvos com cuidado. Se eles tiverem mais canhões, fique aqui e deixe que os africanos realizem o ataque.

Ninguém dormiu naquela noite, esperando que a luz da aurora revelasse o poder de fogo do inimigo que os aguardava na costa. Do alto dos mastros, a sentinela africana observava a terra com uma luneta. Finalmente conseguiu divisar seis navios entre a neblina, três barcas de carga e três navios de guerra, todos com bandeiras holandesas.

— Muitos navios de guerra, *lah* —

resmungou Kota.

Apesar disso, quando o africano chamou os companheiros para atacar o inimigo, Kota ficou a seu lado. Quando embarcou no escaler, disse a Jaki:

— Não tenha medo, *lah*. Pym vai comigo.

— Tem razão — sorriu Jaki. — Pym não hesitaria em abater três navios de guerra ancorados... É claro que ele está com você. Fique atento ao que ele diz, e fique também contra o vento. Ele lutava com astúcia, não com arrogância. Não se esqueça disso.

O escaler levou Ndjobo, Kota e os africanos que iriam combater até o *Crianças da Serpente*, e depois foram necessárias várias viagens até transportar todos que queriam participar da batalha. Mesmo assim mais tripulantes queriam ir, porém não houve tempo. Os holandeses no porto acabavam de avistar as duas caravelas que se aproximavam ostentando bandeiras piratas, e os navios de guerra estavam se preparando para zarpar.

Jaki, Lucinda e Maud no tombadilho observavam o *Crianças da Serpente* levantar âncora e estender as velas. A chuva começou a cair, soprando em rajadas e lavando os conveses. A caravela cortou as águas em direção a Ras

Khanzira, e todos a bordo do *Dormindo com Satã* ficaram em silêncio ao ver dois dos navios de guerra holandeses levantando ferros e partindo ao encontro dos piratas. Faíscas brilharam no corpo líquido e cinzento da chuva quando os canhões de proa de uma das embarcações inimigas dispararam. Os tiros foram muito curtos e as balas caíram no mar, à frente do alvo.

— Vire agora! — gritou Jaki, incapaz de conter-se ao perceber a estratégia dos holandeses. — Apanhe-os com os flancos abertos.

Mas, em vez disso, o *Crianças da Serpente* navegava a todo o pano na direção do inimigo.

— Kota está apostando no vento para desviar os tiros de estibordo — disse Lucinda, quase sem fôlego de tanto torcer. — Mas é um erro. Os canhões holandeses são os mais poderosos do mundo.

Enquanto os dois navios de guerra giravam e apresentavam os flancos, os canhões dispararam de novo. A ponta do mastro principal dos africanos voou em pedaços, em meio a uma nuvem de fumaça e uma chuva de destroços. O *Crianças da Serpente* girou e vinte dos seus canhões detonaram a curta distância e a favor do vento. Cada tiro atingiu o alvo, deixando o

velame do líder holandês em tiras, arrebentando a bitácula e colocando fora de combate a maioria dos canhões. Nesse momento, o terceiro navio zarpava, navegando lentamente, mas se deslocando numa direção tal que em poucos minutos poderia apanhar a embarcação pirata em fogo cruzado.

Jaki estava pendurado sobre a amurada cheio de ansiedade, e recuou quando as duas caravelas holandesas dispararam simultaneamente seus canhões. O fogo cruzado atingiu o mastro de proa do *Crianças da Serpente*, varrendo homens e destroços para o mar cinzento.

— Estão inutilizados! — gritou Lucinda.

Irromperam chamas no convés do navio africano, e as velas de baixo do mastro principal despendaram.

— Incêndio! — gritou Jaki. — Agora vão ter de largar os canhões para combater o fogo!

O mesmo vento que espalhava as chamas impulsionou o *Crianças da Serpente* na direção do inimigo, voltando-lhe o lado em chamas. Espantosamente, os canhões dispararam no meio do fogo. Os africanos não haviam abandonado seus postos, e isso significava que o paiol de pólvora poderia explodir a qualquer

momento.

Jaki e Lucinda puseram-se a gritar, avisando sobre o perigo que corriam os fanáticos negros, quando, sob o impacto da nova descarga, uma devastadora explosão realmente ocorreu. Mas, no meio da fumaça, constataram que fora o navio holandês a ir pelos ares, atingido pelos tiros certos dos africanos suicidas.

Ovações irromperam no *Dormindo com Satã*, mas estas se calaram subitamente quando o castelo de proa do outro veleiro foi atingido por uma salva do navio de guerra que restara. O *Crianças da Serpente* inclinou-se, uma coluna de fumaça saindo da parte avariada. Agora os canhoneiros não tiveram alternativa senão deixar seus postos de combate e lutar contra as chamas. A tripulação nos mastros trabalhava depressa na reposição das velas danificadas, para que pudesse evitar o atacante, já que não podiam revidar de imediato o ataque.

— Eles não vão conseguir fugir a tempo! — exclamou Lucinda, aflita. — Temos de ir até lá ajudá-los, Jaki.

Jaki olhou espantado para a esposa, viu que ela estava realmente preocupada, e gritou ordens para içar a âncora. Com expressão de júbilo, os negros correram a seus postos e

começaram a trabalhar. Por mais rápido que navegassem, porém, não tiveram tempo de apanhar o vento antes que os holandeses alcançassem os companheiros. Uma salva de tiros ecoou pela baía, e os mastros restantes do *Crianças da Serpente* vieram abaixo.

Com uma lentidão exasperante, *Dormindo com Satã* começava a ganhar velocidade, enquanto os companheiros indefesos eram atingidos por mais descargas, que destruíram o convés principal.

— Para a frente, a todo o pano — ordenou Jaki.

— O vento está muito forte — protestou Lucinda. — Vamos passar pelos holandeses muito rápido, depois eles nos acertam enquanto manobramos contra o vento.

— E exatamente isso que vão pensar — comentou Jaki, com um sorriso astuto acenando para Maud. — Vocês duas, é melhor irem lá para baixo.

Lucinda protestou, mas Maud, percebendo que ele tinha razão, abraçou a amiga e levou-a para o camarote.

A estratégia de Jaki levava em conta a chuva e os africanos, mas o tempo era um fator essencial, e ele estava parado na bitácula

estimando as velocidades e o vento. De súbito, percebeu que tinha os minutos exatos para chamar os homens e mandou que todos descessem dos mastros. Muitos vieram com relutância, não entendendo o motivo de abandonar o posto no momento crucial. Ordenou também que mantivessem o curso firme e gritou para o interior do tubo de comunicação que trouxessem todas as espadas.

Quando os marujos vieram com os braços cheios de lâminas, distribuiu uma a cada africano, dizendo-lhes que subissem novamente aos mastros e ficassem prontos para cortar as cordas quando chegasse o momento. Mandou os homens para os canhões, correu de volta ao tombadilho e reassumiu seu posto de observação na bitácula.

Agora o tempo era tudo o que importava. Se agissem cedo demais, os tiros não alcançariam o objetivo e, se esperassem muito, ficariam indefesos, pois ele pretendia cortar as velas. Tratava-se de um jogo bastante arriscado, sem dúvida, porém representava a única chance de esmagar os holandeses sem uma longa batalha.

— Poderes do mundo, ataquem comigo! — suplicou ele, usando sua língua nativa, com o rosto levantado para as nuvens. — Emprestem-

me sua força, como sempre fizeram.

O momento exato de agir chegou quando os holandeses cessaram fogo e não manobraram para atirar, esperando que o navio pirata passasse por eles. . — Cortem as velas! — berrou Jaki, a plenos pulmões.

Os africanos, muitos começando a entender o que iria se passar, cumpriram a ordem sem hesitar, diminuindo sensivelmente a velocidade da caravela, que agora se aproximava com a chance de tiro que os inimigos julgavam perdida.

— Guinada brusca! — comandou Jaki ao homem postado no leme.

O *Dormindo com Satã* afundou a proa, inclinando-se perigosamente na água.

— Fogo! Todos os canhões de estibordo! Canhão de proa. Fogo!

O barco pirata completava agora seu giro, aproximando-se tanto do inimigo que o feiticeiro pôde ver a surpresa estampada nos rostos dos homens loiros, como seu pai deveria ter sido. Por um instante muito breve a visão perdurou, depois desvaneceu-se na fumaça dos canhões. Algumas armas holandesas responderam, mas os tiros se perderam desviados pelo balanço do impacto e pela chuva contrária. Novamente os canhões do *Dormindo com Satã* dispararam.

Quando a fumaça da segunda salva se dispersou, o navio de guerra apareceu envolto em chamas. A tripulação corria de um lado para outro, a maioria tentando pular ao mar antes que o paiol estourasse. Mas a pólvora não explodiu e os piratas aceitaram a rendição dos holandeses.

O *Crianças da Serpente* dirigia-se lentamente para o porto de Ras Khanzira. Lá o adido da Holanda aguardava no ancoradouro para suplicar pelas vidas dos homens que não tinham morrido na inútil tentativa de defesa. Homens loiros e barbados apinhavam-se apreensivos sob um toldo de couro que não era suficiente para proteger a todos da chuva.

Axo Ndjobo, seguido por Kota e pelos companheiros ainda sujos de sangue, desembarcou do primeiro escaler. Os comandantes e oficiais holandeses surpresos e preocupados com a segurança dos compatriotas, aceitaram prontamente as condições impostas pelo africano: a entrega das armas e a libertação imediata de todos os escravos na cidade. Jaki agiu como intérprete assim que se juntou a eles, assegurando a integridade da população em troca da carga que ainda se encontrava no porto, e mais as instalações para reparar os navios.

Os africanos feridos foram tratados, e os

que vinham das tribos do interior partiram numa carroça. A grande maioria dos escravos assim foi repatriada, só permanecendo aqueles cujas tribos localizavam-se do outro lado do continente, como Axo Ndjubo; velejariam contornando o cabo até a costa rochosa de Whydah. Sob as ordens de Kota, atracaram os dois navios piratas e mais o navio de guerra holandês capturado, começando os reparos.

Para Jaki e Lucinda, as três semanas que ficaram em terra foram um descanso bem-vindo da vida a bordo. Ficaram hospedados numa elegante casa em estilo muçulmano, com portas e janelas em forma de gotas, tudo encerrando um jardim interno que era um verdadeiro oásis com vista para o mar. Haviam se casado apenas um ano antes em Dagon e comemoraram com uma festa o aniversário. Axo ficou completamente bêbado, chorou por todas as tribos do mundo que desapareciam, e num transe profético declarou que Lucinda estava grávida, e que daria à luz uma menina destinada a iniciar uma dinastia.

Lucinda gostou da previsão, pois queria muito uma criança para iniciar com ela uma vida diferente no Novo Mundo. Na manhã em que partiram de Ras Khanzira, com três navios

repletos de provisões, deixando o porto em chamas atrás deles, ela declarou que queria o nascimento da criança no Novo Mundo. Em seguida começou a planejar uma rota que os levaria para as Antilhas, do outro lado do Atlântico, em nove meses.

Quando ficou sóbrio, Ndjoko mostrou-se envergonhado por tudo o que havia dito, e mais ainda por Lucinda tê-lo levado tão a sério. Mas esta esperava mesmo um bebê e, para aplacar a consciência, o africano prometeu dar à criança seu ferrão de arraia-jamanta, para que ela pudesse governar seu reino no Novo Mundo.

Ras Khanzira era uma cidade-fantasma quando William Quarles ali desembarcou. Os holandeses haviam saído de suas casas apenas para descobrir que não havia absolutamente nada que se pudesse salvar. O fogo destruíra completamente o ancoradouro, e os barris de pólvora que os piratas explodiram no canal encheram-se de rochas, tornando impossível a passagem de grandes navios. A Companhia decidira abandonar o porto, e os mercadores árabes juntaram seus bens e partiram para Djibuti, a oeste. Quarles encontrou hordas de macacos ocupando as construções vazias e cabras pastando pelos campos cultivados.

O navio que agora comandava era um grande galeão que ele batizara *Vingança* e lhe custara todo o ouro poupado em muitos anos de carreira militar. Prometera botim para pagar sua perigosa tripulação, composta de homens saídos da colônia penal: indianos e persas, além de portugueses bêbados. Contudo, desde a partida de Swally até Ras Khanzira, nenhuma presa se lhes tinha apresentado, e Quarles permitiu que saqueassem o que quisessem na cidade. Os homens, frustrados e furiosos por não encontrarem nada que valesse a pena, incendiaram o poderam e retornaram.

William Quarles cruzou o cabo, capturando barcos de pesca e interrogando seus ocupantes sobre o que havia acontecido no porto-fantasma. Quando finalmente soube que Wyvern tinha sido responsável pela expulsão dos holandeses e pelo saque da cidade, ordenou que as velas fossem estendidas a todo pano. A sensação de que estava se aproximando de sua filha louca e do amante pirata fazia o sangue ferver em suas veias, e desta vez estava ferozmente determinado a não deixá-los escapar por entre os dedos. Passava os dias no tombadilho, perscrutando o horizonte à procura de navios.

Numa manhã clara, as mensagens de

espelhos vindas dos navios que viajavam na retaguarda da flotilha pirata transmitiram uma mensagem urgente: um galeão com bandeira britânica tinha atacado e tomado uma das caravelas.

— Só pode ser meu pai — comentou Lucinda.

Jaki tinha dúvidas, mas de qualquer forma ele e Ndjobo traçaram um plano para apanhar o galeão. Deixaram para trás uma barcaça de carga como isca, depois Axo retirou-se para o horizonte com dois navios de guerra preparados e ficou aguardando os sinais que haviam combinado para quando ocorresse o ataque. Ao anoitecer viram o brilho esperado, e os dois navios acorreram para liquidar o atacante. Ao atingirem o local, não encontraram o galeão, e sim a caravela aprisionada no dia anterior, com outra tripulação carregando a carga que estava na barcaça.

Só depois que os navios de Axo se aproximaram o galeão surgiu da escuridão da noite, disparando seus canhões. Os piratas viram-se acuados de encontro à costa, que era rasa e cheia de pedras. Depois de uma breve troca de tiros, a maré começou a empurrar as embarcações africanas em direção à terra. O

navio comandado por Axo conseguiu escapar, arriscando-se e recebendo uma descarga de tiros quase à queima-roupa. Seguiu com dificuldade para o norte em direção ao resto da flotilha, obrigado a apagar vários pequenos incêndios a bordo.

No tombadilho de seu galeão, Quarles manteve a luneta apontada para a embarcação avariada até certificar-se de que estava realmente fugindo. Em seguida ordenou que o outro navio, quase encalhado, fosse cercado até o amanhecer. Antes da meia-noite, os ocupantes da embarcação pirata, emborcada nas águas rasas, haviam-na abandonado embrenhando-se na selva africana.

A tripulação do *Vingança* estava exultante. Depois de uma perseguição insana e meses sem nenhuma presa, haviam tomado três navios em apenas um dia.

Sob a luz esverdeada da aurora, Quarles sentou-se à escrivaninha e dispôs sobre o tampo o que lhe restara da vida de Lucinda: o colar com as presas do tigre, o diário da caravana, a Bíblia encapada que Jaki comprara como presente de casamento, e a capa da Bíblia furada pelos Lanun, com a árvore genealógica dos Gefjon. Enfraquecido pela malária e pelo desespero,

Quarles passava as mãos sobre esses objetos, buscando as forças que lhe faltavam.

— É meu pai quem está nos perseguindo?
— indagou Lucinda. Jaki não soube responder, mesmo baseado nas informações de Axo.

Depois da perda das três embarcações resolveram seguir para o norte com os navios que restavam. Ao largo da turbulenta costa de Whydah lançaram âncora, para que Axo Ndjobo retornasse ao seu povo.

A flotilha pirata se dispersou, e muitas das caravelas adotaram as cores dos reinos negros da costa e passaram a fazer comércio. O *Dormindo com Satã* recrutou uma tripulação de africanos que queriam partir para o Novo Mundo e juntou-se a duas caravelas que resolveram realizar a travessia para as Américas.

Antes de partirem, Axo Ndjobo deu um presente a Jaki, em reconhecimento por salvar sua vida e devolvê-lo à tribo. Veio para as despedidas com um pergaminho e um rolo de veludo negro, gasto pelo tempo. Ao desenrolar o tecido, Jaki retirou do interior uma adaga de ouro polido, cuja lâmina saía do corpo enrolado de um dragão com as asas dobradas.

O pergaminho era uma página arrancada de um diário de bordo, escrito a mão em espanhol

floreado. Vinha de uma caravela aprisionada quando voltava ao Novo Mundo. No alto da página, Jaki leu: "Tesouro asteca recuperado do naufrágio do galeão *Dona Luisa*, descoberto entre os recifes de Cozumel, no ano da graça da 1627". Correndo os olhos pela lista que se seguia, encontrou uma linha sublinhada, e leu em voz alta:

— "Uma adaga de ouro, da ilha dos Sacrificios, descrita no diário de bordo do *Dona Luisa*, em 20 de setembro de 1522, apreendida durante uma cerimônia religiosa, onde era usada para arrancar corações dos vivos destinados aos sacrifícios humanos..." — Nesse ponto Jaki interrompeu a leitura e abaixou lentamente o pergaminho.

Lucinda e Maud estavam pálidas, mas Jaki pôde sentir o poder que havia no presente. Agradeceu a Ndjobo apertando a adaga ao coração; parecia-lhe naquele momento segurar uma das presas de Wyvern, a porção do Mal que ele tinha nascido para carregar. Percebeu os olhares de protesto de Lucinda e Maud e compreendeu também que não conseguiria livrar-se desse assustador instrumento de morte. Era um dente da Mãe da Vida, um símbolo de toda a violência que corria no sangue dos seres

vivos. Não poderia simplesmente atirá-la de volta ao desconhecido. Só usando-a e segurando-a poderia tocar a mão que se erguia do fundo de todas as coisas.

— Jogue no mar — pediu Maud, na mesma manhã em que partiram da África.

Jaki demorou para responder, desviando os olhos para o horizonte.

— É uma coisa da qual não posso fugir...

— Sabe sobre o que estou falando, Jaki? — Maud pôs a mão no ombro dele. — A adaga que usa à cintura está cheia de sangue de sacrifício humano. Se ficar com ela, vai atrair mais sangue, mais sacrifícios.

— Tem toda a razão, irmãzinha, mas o nosso destino já é um sacrifício. É uma espécie de devoção. Todos nós estamos devotados a nossa viagem. Sacrificamos muita coisa para chegarmos juntos até aqui, e nossa devoção vai ter de continuar muito forte se quisermos atingir o Novo Mundo, e lá sobreviver. Se eu jogar este símbolo no mar, ele se torna o mar. E o mar é muito grande. A adaga cabe em minha mão.

— Você é astucioso demais para mim, Jaki. Sou apenas uma camponesa que só sabe o que já viu. Será que esqueceu aquela profecia agourenta do cigano em Sarnath? Lucinda já

concebeu e perdeu uma criança, como ele predisse. E ela ainda carrega o maldito diamante.

Maud fez uma pausa e olhou para ele, sem entender como Jaki, com tanta sabedoria sobre os poderes ocultos, continuava agindo com tamanha insensatez.

— Tenho medo de todos os emblemas de sacrifício, Jaki. Jogue fora esse objeto maléfico antes que a gente tenha o mesmo destino do *Dona Luisa*, que roubou essa faca e ousou carregá-la. Vamos confiar apenas em Deus...

— Deus? O criador de mosquitos, tubarões e serpentes? — interrompeu ele com uma ponta de escárnio. — De fato confio em Deus, Maud, e é exatamente por isso que carrego esta lâmina. O acaso puro, a maior ferramenta de Deus, recuperou-o depois de um século no fundo do mar de um galeão espanhol, para que Axo Ndjôbo pudesse tomá-lo como botim em alto-mar, e assim me oferecer de presente quando eu partisse. Devo então discordar de Deus, e jogá-lo fora?

— Você é mesmo um feiticeiro, sabia, Jaki Gefjon? — afirmou Maud, com uma expressão engraçada no rosto. — Não vou mais discutir com você. Acho que pensa que pode ser amigo do demônio.

Ela se voltou e afastou-se, deixando Jaki cismado e cheio de apreensões. Num acesso de raiva sacou a adaga da bainha de couro que pendia do cinto. O brilho de cada escama era visível à luz do sol, e uma energia profunda parecia adormecida no corpo coleante do dragão dourado que vinha do outro lado do mundo e que apesar disso representava Wyvern. Compreendeu então que o medo de Maud o abalara tanto porque não passava de um eco dos seus pensamentos mais secretos.

— Maldito seja o medo! — murmurou entre dentes. — Será que sempre vou ser empurrado pelo medo?

Foi até a proa e passou as pernas sobre a amurada, apoiando-se no estreito parapeito externo do castelo de proa. Abraçou o mastro do gurupês e cavalgou-o, oscilando para cima e para baixo sobre as ondas, num movimento que ameaçava jogá-lo sob a quilha da caravela. Avançou até onde foi possível e equilibrou-se apenas com os joelhos. Tirou o cordão de seda que lhe amarrava a camisa, esticou o corpo e amarrou a faca à ponta do gurupês, com a lâmina de ouro apontada para a frente.

— Poderes do Mundo! — gritou ele, enquanto fixava a adaga. — Toda a vida é

sacrifício. O mundo inteiro é seu altar. Cravem este navio no Novo Mundo! Cravem-nos nas terras selvagens além do oceano.

Raios brilharam à frente e, quando Jaki voltou novamente à proa, trovões ribombaram sobre o navio. A tempestade chegaria em menos de uma hora, e ele percorreu o convés, revisando o velame e dando ordens para preparar o navio. Tinham deixado a costa da África havia três dias, e o Novo Mundo estava a pelo menos trinta de navegação. Suas três caravelas enfrentavam bravamente o Atlântico, e Jaki estava determinado a não deixar que agouros e previsões interferissem em seu caminho.

Lucinda concordava com o marido. Mostrava-se tão indiferente ao assunto da adaga de ouro quanto no caso da maldição do cigano. Com um pouco de ironia batizou a arma de Chrysaor, usando o nome da espada que o deus grego Cronos usou para dividir o tempo em anos, meses e dias. Considerava Chrysaor como a figura de proa do navio.

Enquanto a primeira tempestade que encontravam no Atlântico despencava sobre o navio, abaixo do convés Lucinda e Maud conversavam, lembrando as viagens pelo Mediterrâneo ensolarado, e Jaki examinava com

Kota alguns mapas do Caribe tomados de presas espanholas, lamentando profundamente terem perdido os mapas de Pym em Mandu. As canções dos africanos soavam mais altas e tristes à medida que a tormenta piorava, porém ao anoitecer até mesmo seus espíritos inquebrantáveis foram silenciados pelos ventos monstrosos. A borrasca continuou, arrancando escotilhas e tábuas, girando o navio como um brinquedo nas águas enfurecidas. Durante a pior parte, Jaki e Kota recolheram-se em orações no chão da cabina, enquanto Maud resmungava alguma coisa sobre a Providência Divina e Lucinda lutava contra o enjôo. Temendo outro aborto, sua cama foi amarrada às paredes, para evitar que balançasse muito.

A tempestade durou dois dias e, quando finalmente o sol apareceu, havia um navio a menos. A embarcação que ainda os acompanhava perdera dois mastros e os porões tinham sido inundados, estragando as provisões. Foi obrigada a voltar para a África, e o *Dormindo com Satã*, abalado mas inteiro, prosseguiu sozinho, quase à deriva na calmaria que durou três dias. Nesse meio tempo a tripulação consertou as avarias e os mastros, e renovou os espíritos realizando uma dança perante Wyvern,

para agradecer aos deuses dos ventos a passagem pela tempestade. Naquela noite a calmaria se foi. Brisas constantes de noroeste enfunaram as velas flácidas, as cordas rangeram e impulsionearam o navio para a frente.

A tripulação africana, alguns dos quais já veteranos na travessia, era especialista em utilizar qualquer brisa disponível para sair da zona de calmaria, e em pouco tempo o *Dormindo com Satã* navegava num ritmo constante, a adaga de ouro cortando resolutamente o ar. Os negros estavam contentes porque Jaki colocara na proa o presente recebido de seu chefe, e queriam ver Chrysaor cravada no solo que sua própria gente escravizada tornava fértil.

Mas Kota concordava com Maud. Desde o dia em que Jaki fixara a lâmina ritual na proa do navio, a má sorte se manifestara. Depois da tempestade a vedação das tábuas começou a apresentar tantos pontos de vazamento que foi necessário Jaki designar três vigias permanentes para continuar navegando. Uma das traves do mastro de proa se soltou, fazendo com que um marujo mergulhasse para a morte. O lugar da amurada, onde ele batera a cabeça, continuou manchado de sangue, por mais que os homens esfregassem, inclusive com lixívia. Pequenas

aranhas avermelhadas apareceram por toda a embarcação, deixando marcas doloridas em quem quer que fosse picado. Gorgulhos atacaram os estoques de cereais, e a febre começou a se espalhar pela tripulação.

Maud preparava grandes quantidades de chá para combater a febre, enquanto anestesiava com bebida as dores do corpo. Kota estava convencido de que era o pulso frio da morte segurando a faca dos sacrifícios que causava a febre.

— Por que então os mortos sentem frio, *lah*? A pele deles até queima quando a gente encosta. — Estavam os dois na cozinha, ao lado de caldeirões fumegantes, que ferviam toda a água potável do reservatório. Apesar das escotilhas abertas, o calor era sufocante. — Aquilo-que-é-ruim tira todo o calor do corpo deles.

— Isso mesmo, e aquilo-que-é-ruim vai nos matar também se bebermos essa água sem ferver — respondeu Jaki.

— Mas ela foi fervida antes de embarcar. Como sempre. Como na Índia e na África. Como Pym fazia.

— É por isso que estamos aqui — explicou o feiticeiro. — Para ter certeza de que desta vez será bem-feito.

— Talvez não seja a água. Talvez seja o que Maud diz: Chrysaor quer vidas para os deuses. Foi feita para tirar vidas em honra dos espíritos.

— Agora a adaga de ouro pertence a Wyvern, não aos deuses astecas. Nada mais podemos fazer — declarou Jaki. — Aquilo-que-é-ruim não passa de água poluída.

Kota ficou pensativo por um instante, considerando o que o outro havia dito.

— Aquilo-que-é-ruim pode estar na água, mas o capitão precisa usar a cabeça e o coração para dirigir o navio. O coração do capitão não está nem um pouco contente com a faca de ouro na proa do navio.

— Está me ordenando que remova a adaga? — indagou Jaki, as sobrancelhas levantadas.

— Não, feiticeiro, não é isso. Sou capitão, e preciso pensar com o coração e a cabeça. É assim que um capitão precisa fazer.

— Se ferver essa água não adiantar para acabar com a doença a bordo, então tirarei a adaga e a atirarei ao mar — prometeu Jaki.

Mas Kota não ficou satisfeito, apesar de ter ouvido os argumentos de Jaki e Lucinda para explicar cada fato ocorrido a bordo: a tempestade abalara a vedação do navio; o tempo que passaram no mar fora suficiente para que os

ovos das aranhas chocassem; a mancha de sangue era um nó mais escuro na madeira lixada. Mesmo assim, Kota acreditava que Maud tinha razão. Chrysaor era uma faca maldita. Estava determinado a remover pessoalmente a adaga.

Depois que a luz das velas foi apagada na cabina do feiticeiro e de sua mulher, e a maioria da tripulação adormeceu, Kota foi até a proa. Procurando não fazer ruído tirou o chapéu, colocou sua faca entre os dentes e rastejou pelo gurupés em direção à ponta do mastro, onde Chrysaor repousava. Quando ergueu o braço para apanhar a própria lâmina e cortar a corda, o navio afundou a proa numa mudança brusca de vento, fazendo com que Kota perdesse o equilíbrio e caísse. A sentinela não chegou a ver nem ouvir nada, e apenas os seis homens que dormiam nos apertados alojamentos abaixo do castelo de proa escutaram durante o sono o baque surdo do corpo contra o casco, antes de afundar nas águas do Atlântico. No dia seguinte pela manhã, Jaki encontrou o chapéu de Kota no castelo de proa, e sentiu o sangue gelar quando compreendeu o que havia acontecido.

Durante três dias e três noites, Jaki ficou no cesto da gávea, acompanhado apenas por um

odre de água, o olhar perdido no horizonte.

Colocou na cabeça o chapéu de Kota, e tentou sentir a mesma aversão do amigo por Chrysaor, a fim de completar a tarefa que ele havia iniciado, atirando a adaga ritual ao mar. A imagem de Kota era tão forte que a qualquer momento esperava ver seu fantasma, no meio do cordame. Em vez disso, enxergava apenas a luz fria das estrelas e o manto prateado de luar nas velas, como uma extensão da Via Láctea. Na aurora do quarto dia ele desceu, encheu seu odre com vinho, colocou-o dentro do chapéu e atirou-o ao mar.

O *Vingança* e os três navios capturados rumaram para o norte a uma boa distância da costa para evitar mais encontros com a flotilha pirata. Agora que Quarles tinha uma pequena fortuna em saques, só queria encontrar um porto amigo onde pudesse aparelhar seu galeão para a travessia do Atlântico. Uma semana antes do Natal atingiu as ilhas de Cabo Verde, com as cores internacionais de comércio hasteadas nos três navios. Os portugueses receberam-no de bom grado, e trocaram sua carga de marfim e especiarias por canhões maiores e provisões. Entre os aventureiros ancorados no porto de

Ribeira Grande, havia uma tripulação experiente que estava de partida para caçar piratas no Novo Mundo, e o *Vingança* apressou seus preparativos, a fim de zarpar no Natal.

Na noite anterior à partida, o capitão Quarles recebeu a visita de um mercador ricamente vestido, que trazia os cabelos negros em desalinho, e a testa permanentemente franzida acima das sobrancelhas grossas.

— Meu nome não é importante — declarou ele, num inglês perfeito. — Porque nunca mais nos veremos depois de hoje.

Quarles o admitira a bordo porque o homem dissera trazer notícias do adido que o auxiliara na Ásia. Quando se encontravam a salvo de ouvidos indiscretos no camarote, ele voltou a falar:

— O adido inglês que o ajudou morreu subitamente. Seu navio extraviou-se a caminho da Inglaterra. As notícias sobre você atravessaram o mar Vermelho e já chegaram a sua frente.

— E o senhor? — perguntou Quarles, estreitando os olhos. — Sabe de tudo isso porque partilha a fé dele?

— Exatamente. A Igreja dos Dois Ladrões encarregou-me de lhe entregar isto. — O homem

retirou um envelope e depositou-o sobre a escrivaninha. Quarles notou o selo da Companhia Holandesa impresso

no lacre. — A Igreja dos Dois Ladrões vendeu suas propriedades na Inglaterra e as converteu em terras na colônia chamada Nova Holanda. Como não sabíamos onde poderíamos encontrá-lo, isto é apenas uma requisição. Várias cópias foram distribuídas aos nossos membros, nos lugares onde seria mais provável que aparecesse. Quando apresentar este documento ao governador em Forte Amsterdam, ele lhe entregará os títulos correspondentes a sua nova propriedade.

Quarles interrogou o mercador sobre as terras vendidas e sobre a extensão das propriedades adquiridas no Novo Mundo, mas o homem não soube adiantar mais nenhuma informação. Quando ficou sozinho novamente, o capitão examinou detidamente a carta que tinha nas mãos. O documento representava a ruptura de seus laços com a Inglaterra e as terras de seus antepassados. Antes dele, desde os normandos, as gerações da família haviam preservado suas tradições. Agora tudo terminava. Na verdade terminara cruelmente em Serangoon, quando o *Fúrias do Destino* fora destruído.

Com os dedos tremendo numa nova crise de malária, colocou o documento entre as páginas da Bíblia de Lucinda. Mesmo louca como devia estar, ela agora se transformava em seu único futuro.

Como se a morte de Kota tivesse de alguma maneira aplacado as forças ocultas em ação, as desgraças a bordo do *Dormindo com Satã* cessaram como que por encanto. Não surgiram novos vazamentos, bandejas de lascas de madeira resinosa queimando puseram fim aos ninhos de aranhas, a febre foi controlada, e os gorgulhos foram catados dos grãos e terminaram num ensopado especial, muito apreciado pela tripulação africana.

A gravidez de Lucinda floresceu rapidamente em seu oitavo mês, e Jaki brincou sobre levar um clandestino a bordo. Maud preocupava-se com a saúde da gestante, insistindo para que ela descansasse, e ministrando-lhe bálsamo de *gilead* e chá de ameixas javanesas a cada refeição. A criança estava bastante ativa no ventre da mãe, mexendo-se como o mar à volta deles, e Lucinda parecia mais feliz do que nunca. Durante o dia, Jaki abria as janelas da popa e a acomodava lá, onde ela permanecia apreciando os tons opalinos

que o mar assumia ao sol. À noite, quando os movimentos do bebê a acordavam, ficava a ouvir os sons do mar, a respiração de golfinhos que nadavam perto, e ocasionalmente o resfolegar de alguma baleia.

Usando as cordas com nós para medir a velocidade, Jaki calculou que estavam percorrendo cerca de duzentos quilômetros por dia. A julgar pelas medições que realizavam com o sextante ao meio-dia, estimaram sua posição na altura das Antilhas, as ilhas sem nome que encontraram nos mapas capturados aos espanhóis, desde Porto Rico até o Maine Espanhol, Tierra Firme e El Dorado. Três semanas depois do ano-novo, e dois dias antes do que os mapas anunciavam, vários pássaros sobrevoaram a caravela, e o cheiro rico e fértil de terra chegou até eles. Troncos flutuantes atingiram o casco do navio, e os primeiros tarpões foram apanhados nas linhas de pesca, grandes e prateados como um homem de armadura brilhante.

Lucinda não queria ficar na cabina, e Jaki montou uma cobertura para ela no tombadilho, a fim de que pudessem observar juntos o Novo Mundo. As nuvens para o oeste estavam baixas e próximas ao horizonte, sobre os picos das

montanhas que ainda não podiam avistar, e o pôr-do-sol tinha um tom esverdeado e violáceo. Uma tempestade estava se armando, e os ventos giraram e sopraram do leste, obrigando a massa de nuvens a permanecer onde estava. Durante a noite as estrelas desapareceram, e os vagalhões poderosos lembraram colinas profundas.

No dia seguinte, com a caravela corcoveando sobre o oceano agitado, a sentinela no cesto da gávea anunciou em berros excitados a presença de uma ilha no horizonte, reclamando para si a bolsa de ouro que Lucinda pendurara no badalo do sino, prometida ao primeiro homem que avistasse terra. Pouco depois ela fez uma anotação no diário: "Sábado, 2 de janeiro de 1632, quarenta e dois dias depois da partida da costa de Whydah, Hevioso avistou uma ilha às...". Nesse ponto ela se interrompeu.

— Que horas são? — perguntou a Jaki.

Ele levou a mão ao relógio oval pendurado na bitácula, abrindo a tampa metálica.

— Vinte minutos depois da nona hora.

Lucinda preencheu a hora e anotou a posição aproximada, obtida na última medição solar, realizada no dia anterior: "9:20, N 11 ° 15' O 62°23'. Atravessamos seis mil, quatrocentos e cinqüenta e nove quilômetros de mar para chegar

ao Novo Mundo, junto com o ano-novo". Lucinda escrevia para distrair o medo do vento fortíssimo que encrespava o oceano e lhe toldava a visão de terra. Um vagalhão abateu-se sobre o casco do navio, provocando um solavanco que derrubou o diário da mesinha e virou o tinteiro sobre as tábuas do tombadilho. Através da luneta Jaki enxergou as árvores curvando-se ao sabor do vento em direção ao navio, como se o chamassem para terra. Fechou o tubo metálico com um movimento brusco.

— Lucinda, é melhor que vá para baixo. Maud, ajude-a a descer.

— O que pretende fazer? — O rosto de Lucinda parecia fantasmagórico em sua palidez.

— Vamos inverter o curso — explicou Jaki a contragosto. — Precisamos correr à frente da tempestade, ou ela nos esmagará. — Olhou para Wyvern, com sua fúria de um milhão de anos brilhando sob a luz baça. Depois voltou-se para o piloto. — Vamos a favor do vento. Deixe que ele nos leve o mais rápido possível.

Jaki ajudou Lucinda a se levantar, e ela agarrou-se ao marido, aproximando o rosto, com um olhar desesperado.

— Jaki, estamos tão perto...

A decepção que transparecia na voz dela

provocou em Jaki uma raiva fria, misturada com medo. Acariciou os cabelos da esposa, e disse gentilmente:

— É melhor ir lá para baixo agora. — Lançou um olhar a Maud, que envolveu os ombros da amiga e a acompanhou até a cabina.

Ordenou que Wyvern fosse retirada do alto e trazida para o pequeno mastro na popa, enquanto a pesada caravela realizava uma ampla curva e aumentava a velocidade à medida que era impulsionada pelo vento à frente da tempestade, afastando-se da ilha e rumando para nordeste.

O que faria Pym numa situação como aquela?, perguntou Jaki a si mesmo, fechando os olhos e procurando encontrar o fantasma do astuto capitão. Certamente o diabólico Pym saberia como escapar das garras da tempestade, mesmo com uma caravela lenta e cheia de vazamentos como *Dormindo com Satã*. Mas a luz por trás dos olhos apertados permaneceu da cor de um sapato usado. O ranger das cordas e dos mastros fez com que os abrisse novamente, e se concentrasse na batalha que estavam por realizar.

Durante as seis horas seguintes, Jaki e sua tripulação trabalharam com todas as forças para

apanhar cada rajada do vento forte que os impulsionava. Mesmo assim, não conseguiram manter-se à frente da tempestade. Maldizendo a sorte, ele desceu para o camarote da esposa, e ficou surpreso ao encontrá-la absolutamente calma, repousando na cadeira.

— Tudo o que podemos fazer é baixar as velas e enfrentar a tormenta — declarou ela. — Estamos muito mais seguros no mar alto do que próximos à terra, numa costa que não conhecemos. Temos sorte de não termos sido apanhados no meio dos recifes. Além do mais, o *Dormindo com Satã* já enfrentou uma tempestade, certamente vai agüentar outra. Vamos confiar em nossa boa sorte — finalizou, cruzando as mãos sobre o ventre volumoso.

Jaki olhou para ela, admirado com seu sangue-frio num momento como aquele. Os Poderes do Mundo os haviam trazido até este instante, onde novamente tudo se concentrava. "A vida é cega", pareceu dizer a voz de Pym a distância. "Num mundo de acidentes, a sorte é como um monstro." Jaki beijou a esposa e voltou a seu posto, no tombadilho oscilante.

Os raios riscavam o céu escuro, e o estrondo dos trovões parecia sacudir a tarde. Os homens da tripulação, que haviam trabalhado

até a exaustão, estavam fracos e assustados.

— Todos para baixo! Aguardente para quem puder segurá-la no estômago. Hoje dançamos nas presas da Serpente! — gritou Jaki a plenos pulmões para se fazer ouvir por sobre o vento.

Uma onda enorme se abateu de encontro ao casco como um verdadeiro soco líquido, provocando o estalar das madeiras. Jaki mandou o piloto para baixo e amarrou o leme. Vento e chuva fustigavam-lhe os olhos quando se ajoelhou e rezou.

— Fogo! — gritou uma voz vinda de baixo.

Jaki levantou a cabeça e viu um pequeno rolo de fumaça erguendo-se na proa. Levantou-se com dificuldade e, inclinando-se para andar no vento, dirigiu-se para a passagem que levava ao interior do navio. A tripulação estava comprimida no pequeno corredor, uns correndo para vedar os inúmeros vazamentos, outros em direção ao fogo, para procurar apagá-lo antes que atingisse o convés de armas e a pólvora que havia lá. A fumaça pairava no ar e irritava os olhos e os pulmões, obrigando Jaki a tampar o nariz e a boca com o braço à medida que abria caminho entre os vultos negros.

Um estalo súbito ensurdeceu a todos, e o navio adernou, atirando os homens contra a

parede. Com um movimento lento e difícil, a caravela endireitou-se à medida que um abalo parecia vir do coração de madeira, anunciando que o mastro principal ruíra. No instante seguinte o piso do convés principal afundou sob o peso dos destroços. Algumas tábuas vieram abaixo, matando quatro homens.

Jaki colocou-se em pé, surpreso por ainda estar vivo. O ar ardia em seus pulmões, pela fumaça que se desprendia do alcatrão nas tábuas em chamas. Dirigiu-se para a popa, pisando em corpos e em destroços, para o camarote onde estava Lucinda, constatando ao se aproximar que aquela parte do navio não havia sofrido com a queda do mastro.

Escancarou a porta e viu as duas mulheres abraçadas e encolhidas sobre a cama. Jaki juntou-se a Lucinda e Maud, dizendo palavras de conforto que elas não conseguiam ouvir, tamanha a fúria dos elementos. E ali ficaram os três, enlaçados, enquanto o céu parecia desabar sobre eles.

Os ventos fortes cessaram ao raiar do dia e o sol levantou-se, com o brilho embaciado pela neblina. A caravela flutuava à deriva, a popa alta e a proa afundada onde o mastro tinha caído.

Lucinda estava completamente extenuada pela noite aterradora, e Jaki deixou-a com Maud, saindo para verificar a extensão dos danos.

Os marujos corriam pelo convés destruído, tirando os feridos dos porões fumegantes. O fogo que quase atingira o paiol fora abafado com uma pilha de cadáveres. Abaixo deles, a água que entrava pelo casco avariado fazia flutuar toda a sorte de destroços e objetos. Jaki voltou os olhos para a quantidade de vazamentos e sentiu um frio intenso no coração. Em questão de algumas horas, o navio afundaria.

— Precisamos aliviar o peso — disse ele aos africanos, gesticulando para explicar que atirassem ao mar os destroços do mastro.

Deixou os africanos a entoar um cântico para seus mortos, e dirigiu-se para a popa. No meio do corredor foi abordado por um marinheiro, que lhe estendeu Chrysaor, ainda com o cordão de seda atado. Depois de algumas palavras em dialeto africano e outras tantas em inglês, Jaki entendeu que o homem retirara a faca do gurupês quebrado, antes de atirá-lo ao mar. Aceitou a adaga de ouro, sentindo o peso e o poder do metal e enfiando-a no cinto. Agradeceu ao marujo e dispunha-se a retomar seu trajeto quando Maud o surpreendeu vindo ao

seu encontro.

— Lucinda já entrou em trabalho de parto! O bebê já desceu. Não vai dar para esperar até chegarmos em terra!

Correram para a cabina e encontraram Lucinda meio sentada no leito, com grossas gotas de suor escorrendo pelo rosto pálido. Assim que percebeu a presença do marido, estendeu-lhe os braços.

Maud foi apressadamente ferver um pouco de água no braseiro que haviam trazido há alguns dias para a cabina, enquanto Jaki ficou abraçado à esposa, que mordeu o colarinho de sua camisa, rasgando o tecido. Ele fez com que Lucinda apoiasse a cabeça nos travesseiros e depois colocasse uma das mãos sobre a barriga. Sentiu a cabeça do bebê e silenciosamente agradeceu com uma prece.

— Luci, tudo vai dar certo agora — garantiu ele, com voz animada. — Já vi muitos bebês nascerem, e o nosso é saudável. Já virou a cabeça para baixo, e está pronto para nascer! Vou ficar aqui com você. — Retirou os travesseiros de sob o corpo dela, fazendo-a deitar-se.

O parto foi lento. Horas se passaram, cheias de dores e contrações para Lucinda, enquanto o

navio flutuava num mar agora calmo. Jaki deixou-a por alguns minutos para verificar se a embarcação não estava afundando e os restos do convés não iriam desabar no salão inferior. A noite veio, e ainda não havia dilatação suficiente, embora o líquido da placenta já tivesse escorrido. A dor parecia vir em ondas cada vez maiores e mais profundas, até que as pernas e os braços de Lucinda perderam as forças. As paredes rangeram violentamente, e ela se agarrou ao marido.

— O navio, Jaki!

— Calma... Já paramos de fazer água — mentiu ele, com um sorriso. — Quando amanhecer, avistaremos terra. Procure se acalmar.

A caravela começava a inclinar-se, a água enchia os porões cheios de destroços. Jaki saiu por um instante para ordenar que preparassem um escaler para Lucinda. Apenas dois tinham resistido à tempestade, e não havia a bordo água potável nem comida. Contudo a velocidade da entrada da água diminuía nas últimas horas, porque as tábuas encharcadas proporcionavam maior vedação, o que lhes dava mais tempo antes de serem obrigados a abandonar o navio.

A cabeça da criança apareceu à meia-noite.

Jaki sabia o que fazer, e não deixou que ela fosse expulsa de uma vez. Em vez disso, estimulou Lucinda a ajudá-la com contrações. Em meio ao esforço que ela fazia, a embarcação abalada balançou violentamente, e a cabeça foi sugada novamente para o útero, onde havia sangue. A pele estava esticada ao máximo, e adquiria uma cor azulada. Jaki apanhou a adaga de ouro para cortar a pele.

— Essa faca não — sibilou Maud, balançando negativamente a cabeça.

— Desta vez vai ser usada para trazer uma vida ao mundo — respondeu Jaki, enquanto aguardava que o navio parasse de balançar.

Com o dedo protegendo a cabeça da criança, levou a lâmina de ouro à pele distendida. A cabeça deslizou prontamente para fora, e Lucinda gritou. Jaki passou o cordão umbilical sobre um dos ombros enquanto o bebê girava, ficando com o rosto voltado para o da mãe. O outro ombro passou suavemente. Mais um solavanco da caravela e a criança veio inteira às mãos do pai, ainda envolta na placenta.

Jaki retirou a pele úmida e brilhante, levantando o bebê para que a mãe o visse: uma menina saudável, o rosto azulado com o esforço realizado para sugar o ar. Abruptamente,

começou a chorar. Maud apresentou um cobertor, e Jaki envolveu com ele sua filha. Usando Chrysaor, cortou o cordão umbilical.

Enquanto Maud mostrava o bebê à mãe, Jaki voltou-se para o corte que fizera em Lucinda, examinando-o cuidadosamente. Uma golfada de sangue escuro veio com a placenta, e ele explorou a vagina contraída, recolocando os tecidos no lugar. A hemorragia, porém, não estancou.

A aurora raiou quando Jaki finalmente conseguiu debelar o sangramento da pequena incisão, mas o sangue continuava brotando de algum lugar no interior. Maud preparou alguns tufos de líquidos embebidos em soluções de ervas adstringentes, e aplicou-os no local, enquanto Jaki se juntava à mulher e à filha.

A pequena criatura cor-de-rosa tinha olhos claros e sugava gulosamente o seio materno. Lucinda, ainda tremendo de fraqueza, sorria apesar da dor. Uma espécie de aura parecia envolver as duas à medida que a luz da manhã penetrava no quarto, como se o brilho da nova vida se irradiasse pelo aposento. Lucinda sentiu que sua dor havia mudado, uma energia fluindo do íntimo em forma de vento, soprando para fora.

Jaki deu-lhe uma raiz escura para mascar,

e Lucinda mordeu com força até que as propriedades calmantes diminuíssem seu tremor. O pequeno ser humano em seus braços ardia de vontade de viver, e isso deu-lhe paz para que fechasse os olhos e adormecesse.

Com a dor latejando na escuridão, Lucinda se levantou, suspensa por uma luz que parecia a do arco-íris, e viu uma claridade intensa e difusa à frente, puxando-a em sua direção.

"Estou morrendo", compreendeu ela, sem sentir medo ou solidão. "A morte é exatamente como Jaki disse... um rio de luz que nos puxa para longe."

Como se uma cortina etérea se desdobrasse, a claridade foi assumindo formas e cores, até se desvanecer completamente, transformando-se em tons azulados de safira. Lucinda ficou surpresa ao enxergar o mar abaixo dela, e o branco das nuvens suspenso no horizonte. Divisou o que restava da caravela a flutuar quase adernada nas ondas, entre quilômetros de destroços de todos os tamanhos.

Bem antes do horizonte, um arquipélago de ilhas coloridas anunciava as terras do Novo Mundo. *Dormindo com Satã* encontrava-se a apenas algumas horas da salvação. Teve a intenção de voltar, para avisar Jaki e Maud, mas

a corrente que a transportava era muito forte, e ela se elevava cada vez mais. Uma paz que nunca experimentara antes inundou-a.

O silêncio foi rompido, e algumas vozes chegaram-lhe aos ouvidos, diáfanas e indefinidas. Pareciam sussurros de Maud e Jaki, porém longe demais para que ela os distinguisse com nitidez. O que escutou, porém, foi o suficiente para que conseguisse imobilizar-se. A urgência em ajudar seus entes queridos deu-lhe o poder necessário para que voltasse em direção ao sofrimento encerrado no corpo, e abandonasse a liberdade que não se condicionava mais à lei da gravidade. Desejou para o marido e a filha o presente eterno da paz que ela mesma encontrara além da vida.

Assim que a respiração de Lucinda se alterou, Maud enxugou as lágrimas, afastou-se e foi prender a coberta da criança, para que esta não caísse com o movimento da caravela. Depois examinou delicadamente os tufos que havia colocado como tampão entre as pernas da amiga. O líquen pingava sangue espesso. Maud olhou para Jaki, e viu o desespero em seu rosto crispado.

— Ela está morrendo — sussurrou para si mesma.

Jaki colocou as mãos sobre os olhos. Apesar da angústia, tentou concentrar-se em todos os métodos e poderes de cura que tinha aprendido, buscando algo capaz de salvar sua mulher. Mas o tormento aumentava com a ansiedade, e ele foi até o tombadilho. A tripulação havia trabalhado a noite toda na remoção dos destroços do mastro e do convés semidestruído. Agora estavam na parte intacta das tábuas, cuidando dos feridos. O ar da manhã zumbia com cânticos tristes e gemidos.

Jaki subiu no mastro da mezena, e do alto contemplou as nuvens, procurando com o coração algum sinal dos poderes dos espíritos.

— Ela é minha mulher — disse ele, o rosto voltado para o alto. — Mais do que isso. É minha vida! Sem ela eu não passaria de um feiticeiro inútil na selva, remendando furos de bala, e levando as tribos cada vez mais para o interior. Vocês a deram para mim. Por favor, não a levem embora. Ela é mãe, e o bebê precisa muito dela. — Ele abriu os braços. — Levem a mim! Devolvam a vida dela e tomem a minha!

O vento continuou soprando, uma gaivota pousou no través inferior, e as vagas realizavam seu eterno movimento. Jaki afundou-se em seu desespero, num sentimento próximo à loucura, e só o medo de que Lucinda acordasse e não o

encontrasse a seu lado levou-o de volta à cabina, como um morto-vivo.

De fato, assim que abriu a porta, deparou com ela acordada e sentada na cama. Sorriu para ele, pálida e corajosa. Jaki caminhou como um bêbado em direção da esposa. As mãos dela estavam geladas, e Lucinda abaixou as cobertas para que ele visse a filha adormecida em seu seio. A fragilidade e a cor dourada do bebê faziam com que parecesse um raio de sol. Jaki curvou-se e cheirou a filha.

— Ela é linda — comentou ele, tocando a ponta do dedo no cabelo fino e dourado. — Que nome vamos escolher?

— Deixo isso para você... — respondeu Lucinda, aconchegando o cobertor à criança. Sentia tanto frio que não havia mais dor, e fazia um esforço intenso para não tremer.

— Beba isto — ofereceu Maud, estendendo uma xícara de caldo fumegante. — Vai esquentar você.

— Obrigada, Ratinha, mas não preciso mais disso. — Luci começou a sentir vertigens.

— Pelo menos tente beber. Vai restaurar suas forças.

— Não é mais necessário. Estou morrendo...

— Você não vai morrer — afirmou Jaki,

afagando-lhe os cabelos com todo o carinho, como se assim pudesse curá-la. — Vamos tomar conta de você.

— Jaki... — disse Lucinda, em tom de suave reprimenda. — Você mais do que ninguém deveria saber. Eu não tenho medo. Você vai cuidar de nossa filha, e Maud também. O mistério acabou para mim. Vi essas coisas.

Maud trocou com Jaki um olhar assustado e abaixou a xícara.

— Por favor, Lucinda. Precisa tentar viver... — pediu Jaki.

— Não faça assim, criança. Fale honestamente comigo, como sempre fez. — Lucinda abriu as pálpebras e viu o marido sorrindo, com os olhos inundados de lágrimas. — Por que está chorando? — Ela o puxou mais para perto. — Acho que já morri. Senti o rio nas nuvens, que carrega a gente, do jeito que você disse. É real, criança. É mais real do que esta vida. Não precisa ficar triste por mim, estou feliz!

— Te amo, Lucinda. — Jaki encostou o rosto quente na testa da esposa. — Não vou conseguir viver sem você.

— Feiticeiro bobo! — Ela riu baixinho em seu ouvido, a voz cada vez mais débil. — Você precisa viver, senão o que vai ser da nossa filha?

Não diga mais bobagens!

— Lucinda...

— Escute, criança. Lá do alto eu vi o Novo Mundo. É selvagem e bonito como nos nossos sonhos. — Nesse ponto ela foi obrigada a interromper-se, pois as forças a abandonavam numa rapidez estonteante. Continuou num fio de voz, que quase não se escutava. — Você está muito perto. Não desista... Eu vi...

O fôlego faltou, e a mão caiu dos cabelos de Jaki, que olhou para o rosto amado a tempo de perceber um último beijo.

— Lucinda!

Em pânico, Jaki agarrou o rosto da mulher com as duas mãos. Ela estava fria, e os olhos fitavam o vazio. Maud apanhou o bebê. Jaki encostou a face na de Lucinda, fechando os olhos e abrindo a boca sem emitir nenhum som. O grito que queria dar era grande demais para ser expresso com a voz.

A tripulação entristecida e Maud segurando o bebê embrulhado num cobertor observavam enquanto Jaki arrancava tábuas furiosamente, munido de um machado. Por duas vezes Maud se aproximara dele com o bebê nos braços, mas fora ignorada.

Os marinheiros haviam encontrado uma

cabra entre os animais sobreviventes, e Maud tirara o leite de suas tetas magras alimentando assim a criança. Nesse meio tempo, os marinheiros fizeram fogo e assaram as galinhas afogadas, bebendo-lhes o sangue para aplacar a sede. Jaki nem levantou os olhos das tábuas que estava amarrando, quando lhe ofereceram comida. Com as mãos ensangüentadas e feridas por farpas, acabou de montar tudo e tentou levantar sozinho a jangada pronta, afastando os homens que se ofereceram para ajudar. Em pouco tempo sua força se exauriu e ele curvou-se, vencido, enquanto quatro homens silenciosamente levaram a embarcação para a água.

Finalmente Jaki levantou-se e desceu até a cabina, voltando de lá com o corpo de Lucinda nos braços, já bastante enrijecido. Dois marinheiros seguraram-na pelos ombros e pelas pernas, para que Jaki saltasse a bordo da jangada, acomodando depois seu precioso fardo. Respirando através dos dentes cerrados para não sentir cheiro da decomposição da amada, arrumou-lhe os cabelos dourados em torno do rosto lívido. Tentou tirar-lhe o anel do dedo, mas a carne já estava inchada demais pelo calor inclemente. Com Chrysaor, cortou uma madeixa

longa de cabelos, reparando como ela parecia mais bela e mais jovem na morte do que quando a conhecera. O rosto estava completamente sereno.

— Não fui digno de você, Lucinda. Os Poderes do Mundo tiraram você de mim, e as chuvas nunca irão trazê-la de volta — disse ele em voz alta.

Levantou o rosto molhado de lágrimas para o vento, e sentiu um aperto tão forte no coração que os ouvidos zuniram. Olhou para baixo outra vez, para a bela mulher da raça de seu pai, que havia morrido por amá-lo muito.

— Desculpe, Lucinda... Eu nunca cheguei a saber o que estava fazendo. Eu nunca... — A voz lhe faltou.

Subiu novamente a bordo da caravela, e cortou a corda que prendia a jangada. Ficou apoiado na amurada, observando a embarcação mortuária afastar-se lentamente. Depois cantou em voz alta, em sua língua nativa:

— Fui sua criança, Lucinda, mas conduzi você à morte. Você dividiu sua vida comigo e eu acabei matando você. Agora vou viver sua morte. — Jaki arrancou a camisa do corpo e atirou-a ao mar. — Oh, Mãe, aceite minha mulher em sua cabana. Pai! Proteja-a como sua filha, e reserve

lugar para mim. Logo estarei com vocês. Eu juro!

O *Vingança* enfrentou a tempestade sem nenhum contratempo mais sério, a não ser alguns danos ao velame. William Quarles estava ao tombadilho, observando o vento e as torres escuras de nuvens que ocupavam todo o horizonte. O ar tinha um cheiro fresco de terra, embora não se pudesse ainda avistar nenhuma ilha, apenas relâmpagos ocasionais contra o cinza-chumbo das nuvens, mostrando que outra tempestade estava se formando. Maldisse Jaki Gefjon por ele ousar navegar por essas águas no inverno.

Quarles havia visto o diário de bordo dos navios de Jaki que aprisionara, e sabia que o nome de sua caravela era *Dormindo com Satã*. No momento perguntava-se se o pirata conseguiria chegar em terra antes que desabasse a última tempestade. Abriu o telescópio e examinou o horizonte, por sobre o mar encapelado. Através das lentes divisou vários pedaços de madeira flutuando ao longe, gritou ordens ao piloto para que rumasse naquela direção e chamou um lanceiro para encarregá-lo de apanhar um daqueles destroços.

— Capitão! São tábuas de um navio.

Quando examinou a prancha que o marujo

trouxera, reconheceu uma tábua alcatroada e cheia de buracos de guzanos, como as que ficavam abaixo da linha d'água. Seus anos de experiência lhe indicaram que se tratava de um pedaço da chapa de resbordo, o que significava que o navio do qual fizera parte provavelmente afundara.

Enquanto Quarles observava a tábua, o homem na gávea anunciou que uma pequena embarcação se aproximava perto do horizonte. Através do telescópio, o capitão viu que se tratava de uma jangada tosca, balançando ao sabor das ondas. Seguindo suas ordens, o *Vingança* rumou naquela direção, atirando ganchos de abordagem quando se aproximaram o suficiente, e a jangada foi trazida para o costado do navio. Quando Quarles debruçou-se sobre a amurada, um grito animal e incontrolável escapou de sua boca. Um zumbido ensurdecedor invadiu seus ouvidos enquanto ele ficava na mesma posição, incapaz de fazer qualquer outra coisa, a não ser olhar para a filha morta.

— Assassino! — gritou ele, ao ver o rosto de Lucinda já decomposto. — Assassino nojento!

Quarles segurou na corda do gancho de abordagem e passou para a jangada abaixo. Com

o corpo nos braços e o cheiro terrível invadindo as narinas, ele quase desmaiou ali mesmo. A tripulação se entreolhava sem saber o que fazer, alguns se persignando, outros desviando o olhar.

Quarles debruçou-se sobre o cadáver e deixou-se abater, os soluços brotando de seu peito. Não derramara uma lágrima dezesseis anos antes, com a esposa morta nos braços, porém Lucinda lhe havia ensinado a chorar, quando lhe escapara em Mandu por entre os dedos. Agora as lágrimas brotavam livremente, pois nunca mais poderia tirá-la das garras do pirata.

Retirou o chapéu e colocou-o sobre o rosto inchado da filha, depois gritou para que lhe dessem correntes e uma bandeira. Colocou as correntes nas pernas lívidas e rijas, depois cobriu o corpo com a *Union Jack*. Subiu a bordo e foi até sua cabina, voltando de lá com as recordações que possuía. Enrolou o colar de presas de tigre no diário e depositou os objetos aos pés do cadáver envolto na bandeira. Abriu a Bíblia em Salmos, e leu:

— Os acordes da morte me cercam, as torrentes da perdição me assaltam. Em meu desespero, chamo o Senhor, e meu grito atinge seus ouvidos.

Decidiu conservar a Bíblia de sua filha, mas removeu do bolso a capa de couro com a árvore genealógica dos Gefjon e depositou-a também na jangada.

— Você vai dormir com seu amante — prometeu ele, baixinho. — Vai dormir com ele sob as ondas do mar.

Sem tirar os olhos da jangada mortuária, acenou aos homens que seguravam os ganchos. Os cabos foram puxados, a embarcação balançou e o corpo mergulhou nas águas transparentes.

Nuvens passavam preguiçosamente no céu, impulsionadas por um vento elevado, e o mar encontrava-se calmo como um espelho. Dois dias após a morte de Lucinda, o que restava do *Dormindo com Satã* era desolação. A maioria dos feridos havia morrido, e os sobreviventes queimados de sol apinhavam-se na caravela adernada.

A proa estava praticamente submersa, e apenas as grandes massas de ar presas no castelo de popa sustentavam ainda a caravela. A medida que o ar escapava, porém, a embarcação afundava mais e mais a proa para o mergulho final. O que restava do convés principal de carvalho, atrás de onde se erguera o mastro principal, estava agora a poucos centímetros da

superfície, quente demais para tocar e coberto de sal cristalizado. A lona rasgada da vela da mezena fora estendida para produzir um pouco de sombra, e debaixo dela se espremiavam dezessete marinheiros.

A cabina, mesmo com todas as janelas abertas, tinha a temperatura de um forno. Jaki se encontrava estendido no leito de morte da esposa, onde tantas vezes haviam feito amor. O calor parecia cozinhar em sua cabeça todas as lembranças, e ali ele permanecia, indiferente a tudo.

Maud sabia que Jaki desejava morrer e que não queria saber da filha cujo nascimento matara Lucinda, mas ela não pretendia deixá-lo em paz. Precisava da ajuda dele para cuidar da criança. Havia estendido um pedaço de vela sobre a cabra, e a alimentara com cevada seca, salva da inundação na dispensa. Contudo a falta de água fizera com que o leite secasse, e agora a tripulação queria matar o animal enquanto ainda podia beber o sangue para matar a sede.

— Jaki! — gritou Maud, desesperada com o bebê no colo, quando os homens se aproximaram.

Ele apareceu na entrada da cabina, vestindo apenas uma tanga, com um ar de lobo

no rosto encovado e enraivecido. Não disse nada, mas os marujos prudentemente voltaram para a proteção do toldo.

Maud lançou-lhe um olhar suplicante para que se aproximasse.

— Já faz um dia que ela não chora — disse ele, ajoelhando-se ao lado da filha.

— Ela está muito fraca. — Maud passou o abano a Jaki, deixando cair o braço exausto. — Já era tempo de você escolher um nome.

— Ela está morrendo, como todos nós — respondeu ele, abanando o rosto da filha, que fechou os olhos debilmente. — Para que aumentar sua carga de sofrimento com um nome? Por volta do anoitecer ela estará com a mãe.

Maud agarrou-lhe o braço com uma força surpreendente, e aproximou o rosto do dele com um olhar impregnado de raiva e desdém.

— Onde está aquela conversa cheia de orgulho sobre a Vida, feiticeiro? Dê um nome a sua filha!

O olhar de Jaki deslizou até o horizonte, igual em todas as direções sob o sol inclemente. Depois voltou-se para Maud, a imagem da desolação estampada no rosto.

— O nome dela vai ser Lucinda.

— Não — protestou Maud. — Não deve batizá-la com o nome dos mortos!

— O nome dela é Lucinda — repetiu Jaki com firmeza, tocando delicadamente com o dedo o ponto rosado entre os olhos da filha. — O nome é dado pelo pai. — Levantou-se e voltou para o leito na cabina tórrida.

Uma hora mais tarde uma brisa varreu a superfície do mar e poucos minutos depois a chuva caiu em rodamoinhos pelo convés. Os homens da tripulação começaram a andar entre os destroços com a boca aberta, virando barris para recolher água doce. Africanos que pareciam muito fracos para ficar em pé agora dançavam alegres, o rosto voltado para o céu. Subitamente, um deles ficou parado, os dois braços apontados para o horizonte.

— Velas!

Jaki chegou ao tombadilho, com a luneta na mão. A chuva já diminuía de intensidade e o sol brilhava ao longe, iluminando a embarcação. Possuía três mastros e estava pesadamente armada, com a bandeira da cruz branca e vermelha.

— Navio de guerra — anunciou ele. — Inglês.

— Será que vão nos avistar? — perguntou

Maud. — Não seria bom acendermos uma fogueira?

— Já nos viram. — Jaki fechou a luneta contra a madeira da amurada, depois atirou o instrumento ao mar. — Vêm direto para cá. Devem chegar dentro de uma hora.

— Então estamos salvos!

— Você está, e Lucinda também. — Apontou os africanos que se estendiam pela coberta. — Eles não conhecerão liberdade a bordo desse navio. E eu terei o mesmo destino de Pym, se me pegarem. — Jaki olhou para sudoeste, onde grandes nuvens escuras se erguiam. — Vamos ter mais uma tempestade, pelo jeito. Se conseguirmos pegar o vento que vem à frente dela com o escaler, então estaremos salvos.

Jaki foi até a popa e começou a soltar Wyvern do mastro ao qual estava presa.

— O que está fazendo? — indagou Maud.

— Vou precisar de uma vela. Isto serve muito bem.

— Uma vela? — Ela voltou o olhar para o escaler amarrado à amurada quase submersa, no meio do navio. — Pretende velejar num escaler para oito remadores com isso?

— Pode parecer feia — admitiu ele,

sacudindo o pano para retirar o sal cristalizado.
— Mas é bem mais bonita do que o cadafalso.

Os homens da tripulação ajudaram-no a improvisar um mastro e recolheram redes, que usaram como cordas, começando a trabalhar no escaler.

— Jaki, você vai ser capturado — disse Maud. — Não vai conseguir escapar.

— A tempestade cobrirá nossa retirada. Além do mais, com esse vento forte poderemos alcançar as ilhas. Acredito que elas estejam bem perto daqui. Quando o dia amanhecer, poderemos estar no Novo Mundo.

Maud mordeu o lábio para não responder, compreendendo que ele estava enlouquecido e ansioso para morrer. Sabia que não seria possível dissuadi-lo agora. A chuva reanimara a criança, que agora choramingava faminta. Maud sentou-se ao lado da bitácula e desnudou o seio.

— Não há nada para você aqui, pequerrucha, mas daqui a pouco estará a salvo.
— O bebê sugou o mamilo com sofreguidão e, não encontrando alimento, começou a chorar. — Boa menina. Estou vendo que tem um bocado de energia ainda...

O trabalho de ajuste da vela ao escaler consumiu quase uma hora, e o navio inglês já

não vinha muito longe quando terminaram. *Dormindo com Satã* estava com a proa tão baixa que não precisaram saltar a amurada para sair com o escaler pela proa. Jaki comandava os seis homens que quisessem acompanhá-lo. Os outros estavam muito fracos para ir. Enquanto os companheiros reuniam o que havia para levar, ele ajoelhou-se ao lado de Maud e de Lucinda, que chorava sem parar.

— Estarei com você em pensamento, irmãzinha.

— E sua filha? — quis saber Maud, os olhos fuzilando de raiva.

— Você conquistou a vida dela — disse ele, acariciando o rosto minúsculo com o polegar. — Agora é sua filha.

— Fique — suplicou Maud, agarrando a nuca de Jaki e puxando-o.

— Para ser enforcado? — Ele cedeu ao abraço e beijou-lhe o rosto.

— Não. É melhor que o pai de Lucinda fuja e se esconda. Irei procurá-la quando estiver livre.

— Como? O mundo é muito grande.

— Não se preocupe. — Jaki sorriu e colocou-se em pé. — Sou um Nômade da Chuva. Saberei encontrar você e Lucinda...

Juntou-se aos marinheiros que o esperavam

no escaler e partiram. Wyvern enfunou-se sob o vento que precedia a tempestade, carregando rapidamente Jaki e seus homens para longe da caravela. Sobre o peito nu do feiticeiro estava a pele de cobra usada como correia da bolsa que fizera na África, e na mão levantada em despedida brilhava Chrysaor. Maud ficou em pé para poder acompanhar o escaler com a vista, depois acenou para os marinheiros do navio que se aproximava. Percebeu que alguém no tombadilho a observava com uma luneta e levantou o bebê para que o vissem.

Quarles reconheceu Maud e ordenou que o *Vingança* ancorasse ao lado da caravela adernada. Seu coração se animara outra vez, à vista da criança. Desde o dia anterior, quando encontrara a filha morta, suas lembranças de Lucinda quando criança vinham-no atormentando. Foi o primeiro a subir a bordo do *Dormindo com Satã*, descendo a rede de abordagem com o sabre na mão.

— Meu bom Deus! — sussurrou Maud, quase sem fôlego, caindo de joelhos. — Capitão Quarles!

— Pode levantar, Maud Rufoote — disse ele numa voz abatida, amparando-a para que se pusesse em pé. — Não vou machucar você...

— Quarles olhou para a criança. — Esse é o filho de Lucinda?

— É — balbuciou Maud. — Mas... Ela... Lucinda...

— Já sei que ela morreu. Fizemos ontem seu funeral no mar. — O capitão relanceou o olhar em volta. — Onde está aquele selvagem que matou minha filha? — Quarles parecia um animal feroz. Fraca como estava, Maud lentamente veio ao chão. — Tragam água!

Quarles usara o braço armado para apoiar o bebê enquanto Maud desfalecia. Depois, largou o sabre no tombadilho inclinado e segurou

a neta ao colo.

— Está tudo bem — disse ele, colocando um dedo no queixo do bebê. — Agora está com seu avô. Enquanto eu viver, nunca mais lhe acontecerá mal algum.

Alguém lhe passou um odre, e ele retirou a tampa e tentou pingar água na boca da neta, sem muito sucesso. Depois jogou uma boa quantidade no rosto de Maud, que voltou a si piscando.

— Beba, Maud Rufoote. Mas não muito de uma vez... Isso... Agora me dê uma ajuda com esta criança. Acho que está com febre.

Ainda um pouco tonta, Maud apanhou o

odre e, deixando que o líquido escorresse pelo dedo, conseguiu dar um pouco de água à criança, que aquietou-se no colo de Quarles.

— Ela está muito fraca. Precisa de leite.

— Temos cabras a bordo. Vai haver muito leite para ela. — Quarles olhou enternecido para a neta. — Que idade tem?

— Este é o seu terceiro dia no mundo.

— E o nome, qual é?

Maud sustentou o olhar do capitão.

— Tem o mesmo nome da mãe.

— Que assim seja — respondeu Quarles, acenando com a cabeça. — Vamos levá-la a bordo.

Fez um sinal para os marinheiros que até então observavam, passou a criança para Maud, e os homens a ajudaram a subir a rede. Quarles então fez com que levassem os africanos e os acomodassem no porão. Ficou sozinho no navio adernado, enquanto raios iluminavam o horizonte e a chuva começava a cair. Com água pingando do chapéu, ele avistou a vela do escaler, correndo com o vento a distância. *Dormindo com Satã* balançou com um rangido, e Quarles bateu na madeira com o salto da bota, amaldiçoando o próprio cerne de carvalho da embarcação. Em seguida deixou a caravela.

Maud e a criança foram acomodadas na cabina do cirurgião, e Quarles ordenou que o *Vingança* saísse em perseguição ao escaler fugitivo.

Jaki observava preocupado a aproximação do navio de guerra, perguntando-se onde estaria a tempestade que deveria escondê-los. A chuva caía sobre o galeão em delicados véus transparentes, levada pelo vento leste.

— Lutamos ou vamos nos render? — perguntou ele em voz alta, encarando os seis homens a bordo.

— Antes a morte do que a escravidão! — gritaram todos, levantando as pistolas. — Dançamos nas presas da serpente.

— Então não puxem o gatilho até terem certeza de que cada tiro vai levar um inimigo conosco. Aprontem suas armas. Hoje é o dia do fim do nosso sofrimento.

O galeão se aproximava com as nuvens escuras por trás, parecendo empurrado pela borrasca. Os ventos de través traziam as rajadas de chuva fina que antecedia a tempestade que não chegaria a tempo de salvá-los. Uma tarambola apareceu voando baixo próxima ao escaler, e a visão do pássaro marinho foi considerada um bom augúrio pelos negros.

Seguiu seu vôo à frente da proa, como se mostrasse o caminho.

— Terra! — anunciou o homem que estava na proa, fazendo com que todos olhassem a oeste, na direção de um pequeno ponto imóvel.

O galeão agora se aproximava rapidamente, e do escaler já podiam ver marujos com mosquetes apoiados na amurada. Jaki empunhou Chrysaor e colocou-se na popa. Quando alguém fosse atingido, queria ser o primeiro. Sentia-se mais próximo a Lucinda, agora.

— Jaki Gefjon! — berrou ao vento uma voz possante. — Abaixе a vela e se entregue!

Jaki sentiu o coração apertar ao ouvir o próprio nome, reconhecendo a voz de William Quarles. Colocou a mão em pala sobre os olhos, para protegê-los da chuva, e divisou um homem com chapéu de plumas brancas a observar o escaler com uma luneta.

— Fiquem firmes em Wyvern. Vão tentar nos abalroar se não pararmos — avisou ele, sentindo um certo entorpecimento na aproximação de sua morte.

— Larguem a vela, ou vamos afundá-los! — gritou novamente Quarles, a força do seu ódio transparecendo na voz.

O vento aumentou, a proa do galeão aproximou-se perigosamente, e Jaki pôde ler o nome pintado acima: *Vingança*.

— Soltar o pano e guinada a estibordo! — comandou Jaki.

Os marinheiros afrouxaram completamente Wyvern, fazendo com que o escaler cruzasse bem a tempo a trajetória do galeão. Assim que passaram quase sob a proa, os homens inverteram a vela que passou a impulsionar o escaler de maneira a afastar-se. Atiradores surgiram na amurada, colocaram-se em posição, e logo a fumaça dos tiros espalhou-se na chuva. O homem do leme foi atingido e caiu no mar, e o feiticeiro correu para substituí-lo, enquanto os africanos respondiam ao fogo inimigo. Duas pistolas não dispararam na chuva, e os outros três tiros derrubaram dois combatentes. A segunda salva de disparos acertou o meio do través que servia como mastro improvisado ao escaler, quebrando-o e deixando-o preso apenas pelos cabos, além de acertar a coxa de um dos marinheiros, que largou a arma e caiu gritando no fundo do barco.

Jaki passou a perna por sobre o timão para fixá-lo, apanhou a pistola e apertou o gatilho, atingindo no rosto mais um inimigo. Nesse

momento uma rajada mais forte girou a direção do escaler para as ilhas, agora visíveis além da tempestade, ainda um pouco distantes. O mesmo vento foi sua ruína, enfunando a vela com tal força que o mastro veio abaixo com um estalido, derrubando Wyvern na proa.

Através da escotilha na cabina do cirurgião, Maud viu as balas de mosquete atingindo o escaler e recuou horrorizada. Apanhou Lucinda e dirigiu-se em desespero ao tombadilho. No convés, os marinheiros apressavam-se a cumprir as ordens de Quarles, que andava de um lado para outro, incentivando seus homens. Maud começou a andar em sua direção, trôpega com o balanço do navio, agarrando o bebê assustado.

— Vá imediatamente para baixo! — gritou o capitão, assim que a avistou.

— Não! Você está matando o pai desta criança.

— Ele é um assassino! Matou minha única filha.

— Não é verdade — protestou Maud, com energia. — Ela o amava muito quando morreu. Não deve matá-lo!

— Leve essa moça para baixo e tranque-a na cabina do cirurgião — ordenou Quarles com o rosto vermelho de raiva a um surpreso

marinheiro. — Rápido, marujo.

O breve intervalo proporcionado por Maud foi aproveitado pelos piratas para remar em direção às águas mais rasas e cheias de recifes e, quando Quarles percebeu a situação, mudou de atitude. Não poderia arriscar o galeão de grande calado em meio aos corais, com o céu cinzento tornando impossível reconhecer os recifes. Ordenou ao piloto que se afastasse.

— Canhões de bombordo! Acertem aquele escaler.

O *Vingança* executou a manobra, e as portinholas dos canhões foram abertas. Jaki percebeu que a luta tinha acabado. Abandonou o leme, cortou as cordas e atirou ao mar o que restava do mastro. Os africanos também se puseram de pé, empunhando os remos e olhando desafiadoramente para os canhões.

Jaki levantou Wyvern e enrolou-a no corpo, de modo que os olhos do dragão ficassem em seu peito. Passou a bolsa a tiracolo sobre o ombro, e com um sorriso feroz virou-se para os homens:

— Dançamos nas presas da serpente!

Os africanos repetiram a frase em sua própria língua, e todos se voltaram para os canhões. Jaki sentiu sobre si os dedos molhados dos mortos.

Os canhões expeliram fogo e fumaça, os sinistros assobios do metal aquecido dos projéteis se aproximando. O impacto dos tiros confundiu céu e terra, lançando farpas de madeira, pedaços de carne e borrifos de sangue pelos ares.

Quando a fumaça dos tiros se dissipou, só restavam destroços no local onde havia estado o escaler. Quarles exultou.

O *Vingança* aproveitou os ventos fortes para navegar pelas Antilhas, chegando à colônia holandesa de Santa Cruz dois dias depois. Os homens da tripulação, que se haviam engajado a troco de passagem para o Novo Mundo e botim, não gostaram nem um pouco de saber que seu capitão não tinha mais intenções de atacar ricas presas, mas pretendia passar o inverno no Caribe, depois zarpar para o norte, em direção à longínqua colônia de Nova Holanda. Exigiram pagamento e, como Quarles não dispunha mais de fundos, foi obrigado a ceder-lhes o *Vingança*. Os homens nomearam outro capitão e partiram sem demora para Cuba, a fim de atacar a frota espanhola carregada de prata que iria zarpar de lá em direção à Europa.

A colônia holandesa de Santa Cruz parecia uma pequena cidade do Velho Mundo, com

casinhas de telhado inclinado, as paredes pintadas em cores suaves e os jardins ornados com pelo menos um tipo de flor. A população vivia principalmente da exploração das plantações de cana-de-açúcar. Não havia trabalho para um capitão reformado. Quarles construiu uma cabana usando tábuas de navio, e utilizou suas poucas economias para sustentar a si mesmo, a neta e a criada sonolenta.

Maud praticamente não falava com Quarles. Havia testemunhado a destruição do escaler, vira os destroços e os corpos atirados ao ar, e tentava esquecer. Ocupava-se cuidando da criança e pescando ocasionalmente para reforçar a alimentação. Na verdade, queria voltar à Inglaterra para sua tia Timotha, mas Quarles não saberia cuidar sozinho do bebê, por isso ficava. Numa tentativa de apaziguar seus sentimentos, ele mandou chamar a velha mulher, através do governador de Santa Cruz. No início da primavera, usando o ouro que lhe restava, o capitão comprou passagem numa fragata que partia para Nova Holanda. Quando chegaram a Forte Amsterdam, em maio, tia Timotha estava no ancoradouro esperando por eles.

Rija como um pinheiro, queimada do sol e

sempre alerta, Timotha Firth foi a primeira alegria verdadeira que Maud teve desde que partira da África. Mergulhou no abraço da velha mulher, depois Timotha colocou as duas mãos nodosas sobre a cabeça da criança e a abençoou na antiga língua céltica. Seu sorriso desdentado animou até mesmo Quarles. Sem títulos ou dinheiro em espécie, iriam passar por dificuldades, e isso o preocupava por causa da neta. Mesmo assim, quando avistou a ama de sua infância, uma esperança inexplicável brotou em seu coração.

Mas o otimismo não durou até o fim do dia. Forte Amsterdam não passava de uma pequena aldeia, com ruas lamacentas em virtude das chuvas de primavera. Fora da paliçada jaziam todos os tipos de refu-go: carcaças de animais, lixo proveniente do porto, restos de comida das casas. As moscas voavam por todos os lados. Os holandeses olhavam desconfiados para os ingleses, com suas três cabras, e o governador fez com que esperassem uma hora entre os mosquitos, antes de estudar os papéis que Quarles trazia. Depois foi redigido um documento, exigindo que se realizassem benfeitorias na terra, ou haveria desapropriação ao cabo de um ano. Em seguida foram

despachados numa balsa. O barqueiro passou por campos e grotões, depositando os ingleses, suas três cabras e as duas arcas que continham todas as suas posses, às margens de um pântano.

— Fui ludibriado! — gritou Quarles, ao compreender que ali começava sua propriedade. — Vinte hectares cultivados em Devon, mais oito quilômetros quadrados de floresta de caça, tirados de mim e transformados em pântano. Estou arruinado! A Igreja dos Dois Ladrões me enganou!

— Claro que foi enganado — disse Timotha, examinando o local. — Mas o que esperava um homem honrado como o senhor, fazendo negócios com uma igreja de ladrões?

Quarles voltou-se para responder, e percebeu que Timotha não estava olhando para ele, mas ela e Maud observavam extasiadas a beleza primitiva da região. Riachos corriam alegres em direção ao rio, as margens guarnecidas de salgueiros. Um pouco acima as terras se elevavam, e grandes árvores cresciam, como nas antigas florestas da Bretanha. Jamais um machado havia penetrado ali, entre os grotões selvagens, onde os troncos se retorciam nas formas mais fantásticas, misturando-se com

brotos verdes. Trepadeiras caprichosas subiam até o topo das árvores, pendendo depois como velas rasgadas pela tempestade. Por todos os lados, caules gigantescos lançavam raízes no solo úmido, enquanto troncos caídos eram cobertos por cogumelos e tufo de flores cujas cores brilhavam à luz suave e difusa. Rio acima, uma corça de pintas brancas que pastava a grama macia das águas rasas olhou assustada aqueles seres estranhos que invadiam seus domínios, e por via das dúvidas não perdeu tempo em embrenhar-se na floresta protetora.

Numa clareira mais elevada, de onde podiam avistar o pântano e o rio, Quarles e Maud montaram acampamento, erigindo uma tenda com encerado de velas. Enquanto tia Timotha preparava o fogo e Maud foi ordenhar as cabras, Quarles apanhou seu mosquete e foi caçar, resmungando imprecações contra os miseráveis da Igreja dos Dois Ladrões. Tudo o que fizera antes perdera o sentido nesse momento. O que aprendera como marinheiro e capitão de nada lhe valia. Agora a vida se resumia em seu esforço de sobrevivência, uma arma na mão, sem saber onde começar, na floresta sem trilhas.

Parou por um momento e ficou a olhar para o pântano, onde a curva do rio era ampla e

suave. Em sua mente, concebeu ali um porto, no local onde a água da maré tocava suas terras. Tinha experiência suficiente em construção de docas para saber que encontrara um lugar que reunia todas as condições ideais, suficientemente perto da vila para ser um atracadouro, e longe o bastante da rota para abrigar muitos navios grandes sem atrapalhar a circulação. Quarles encorajou a fantasia, que quase assumiu forma em sua imaginação, fazendo-o esquecer momentaneamente as preocupações. Sabia que, se não fosse ele a construir o porto, algum holandês esperto o faria.

Pensando no trabalho que tinha pela frente, percebeu que voltaria à mesma atividade de sua juventude. Isso se constituía num prêmio para um homem que realizara a suprema vingança com as próprias mãos. Matou alguns mosquitos que lhe picavam o rosto e lembrou de Jaki Gefjon, que passara a vida na selva. O fantasma do feiticeiro iria gostar de vê-lo mergulhar no trabalho pesado para garantir um futuro à pequena Lucinda. Saudou com respeito a curva do rio onde o futuro dormia e penetrou nas sombras da floresta.

Era noite. A escuridão parecia negra e brilhante, como um besouro. Ao longe pulsava o

sangue, como uma chama silenciosa.

Jaki sentou-se com dificuldade e viu-se numa praia deserta, sobre uma tábua que havia pertencido ao escaler, agora encalhada pelas ondas fosforescentes. A seu lado jazia desmaiado um dos africanos, ainda segurando a madeira que flutuara com eles até a praia.

Olhou para o próprio corpo, tateando com as mãos ao longo de Wyvern, que mal cobria sua nudez. Lembrou com clareza do momento exato em que o escaler fora atingido na proa, jogando-o para o alto enquanto o casco era esfacelado por outro projétil. Fora ferido por muitos estilhaços de madeira, mas ainda estava inteiro. Mais uma vez havia sido poupado pelos Poderes do Mundo. Deitou-se de costas, olhando para as nuvens da tempestade, já se dispersando. Para os lados do mar sobre o Velho Mundo, o sol estava nascendo.

O africano, assim como Jaki, tinha o corpo coberto de pequenos ferimentos e arranhões. Quando voltou a si, chorou pelos que haviam morrido e curvou-se ao sol em agradecimento por estar vivo. Juntos exploraram a ilha onde se encontravam. Árvores grossas e folhas de palmeiras balançavam no alto da escarpa sobre a praia, que esporadicamente apresentava cactos e palmitos crescendo ao longo dos baixios de coral.

O som das ondas quebrando na parte externa do recife misturava-se aos gritos dos pássaros brancos, que voavam pela laguna.

A bolsa de couro estava rasgada, sem nenhuma das ervas no interior. O mar reclamara um dos diamantes, mas os outros sete permaneceram na bolsa, junto com Chrysaor. Jaki teve vontade de atirá-la ao mar, mas refreou o gesto, contemplando seu brilho dourado.

O reflexo que tão ansiosamente lhe devolvia o olhar parecia o de uma pessoa diferente. Ao ver os mlares proeminentes, lembrou do rosto da mãe e sentiu a mesma estranheza que ela devia ter experimentado ao enxergar o rosto do pai. Não viu seu pai-espírito, mas seu pai-semente, que tivera por Mala um desejo tão grande e insólito.

A mão se abriu, expondo o dragão esculpido na empunhadura. Era Wyvern, a fusão monstruosa da Vida e da Morte. A cauda ficava próxima de tudo o que era terreno: a loucura mineral das raízes, fazendo brotar a selva, os animais e as tribos; enquanto a cabeça de rapina e as garras aladas cravavam-se no invisível. Jaki sentiu nesse instante que ele mesmo era Wyvern. Já tivera antes essa impressão, mas agora a certeza instalara-se como uma bolha em seu

coração. Sua mãe fora a selva, seu pai, o vento. Ele se tornara metade feiticeiro-dragão, metade predador-pirata. Filho da luxúria e da traição.

Fechou novamente o punho sobre a arma, lembrando a si mesmo que era somente uma faca, e colocou-a na bolsa. Ele era apenas um homem, e esses pensamentos que vieram de repente não passavam de ecos do seu pranto.

A ilhota era deserta, à exceção das grandes árvores, algumas palmeiras, tartarugas azuis e uns poucos crocodilos rastejando entre os alagadiços. Na costa norte, Jaki e o africano encontraram ruínas de um acampamento indígena. Vagaram por entre cabanas calcinadas, grades para secagem de alimento destroçadas, crânios polidos pelo vento e um capacete de conquistador enferrujado.

O africano foi procurar fruta-pão na floresta, enquanto Jaki sentou-se entre os esqueletos, levantando o rosto para as nuvens mais altas. As pilhas de lixo do futuro ainda estavam no céu, as tribos apanhando restos, as crianças de barriga inchada chafurdando na sujeira que ocupava o lugar de grandes florestas. A distância pôde ver as torres de vidro das cidades novas de casas altas, onde viviam os netos dos conquistadores. Mais além subia ao

céu uma nuvem maligna de fogo, como uma árvore de luz púrpura e laranja. A criança derretida apareceu, cheia de queimaduras, a boca rasgada e repleta de bolhas, contudo desta vez Jaki não desviou o olhar. Ficou observando enquanto a forma se curvava em sua direção. Nos dedos crispados, escurecendo com o calor, estava Chrysaor.

Jaki então entendeu a visão horrível que seu terror havia sempre evitado. O mundo dos conquistadores, a muitas gerações de distância, estava imolando a si próprio. O futuro não passava de um vasto sacrifício, um verdadeiro ritual de destruição, separando o céu da terra. Teve então conhecimento do motivo pelo qual as visões vinham a ele: o futuro precisava de Wyvern, o deus que era ao mesmo tempo céu e terra. O Deus do Livro de Mala pisava sobre o dragão e subjugava as tribos, e Jaki sabia que este não era o seu deus. O futuro da humanidade, se existia algum futuro, precisava de Wyvern para sobreviver, e de mestiços como ele, que haviam aprendido com astuciosos homens-dragão amantes da terra, e com homens-falcão, que gostavam dos lugares altos.

Mas a verdade que agora encontrava naquelas visões vinha tarde para Jaki,

completamente abatido pela perda de Lucinda. Afinal, que diferença poderia fazer uma alma a mais ou a menos perante a imensidão do holocausto que presenciara? Não conseguia suportar nem a própria dor, e permaneceu três dias sentado num pequeno bosque de palmeiras, sem comer nada, bebendo apenas a água da chuva que caía ao amanhecer.

O africano ficou muito zangado com Jaki por este estar jogando fora o presente da vida que lhe fora concedido, e ele mesmo não pretendia morrer sozinho naquela ilha abandonada. Quando Jaki começou a enfraquecer, o negro alimentou-o à força, e atormentou-o de tal forma que o feiticeiro achou mais fácil viver do que morrer. Conseguiu finalmente silenciar o africano quando começou a alimentar-se sozinho e a fabricar machados de pedra. Depois pôs-se a derrubar árvores, esperando encontrar algum alívio na exaustão. Conseguiu apenas fortalecer o corpo com o exercício, e ao cabo de quatro dias os dois construíram uma tosca embarcação para transportá-los através dos caminhos enluarados do mar.

O catamarã que Jaki e seu companheiro construíram juntando troncos de tamarindos

carregou-os para o sul através das Antilhas, até Misteriosa Cays, uma fileira de ilhas onde encontraram um bando de negros foragidos do Maine espanhol. O africano resolveu viver com os compatriotas entre os índios Arawak, que consideravam os negros como prediletos da deusa da noite, e portanto sagrados.

Jaki ficou com eles por três luas, a maior parte do tempo na selva, onde as picadas dos insetos e os persistentes tremores da malária que ele se recusava a tratar eram os únicos companheiros. Os anos que passara no mar tinham mudado seu corpo, e os pés sofriam com raízes, espinhos e escorpiões.

Numa manhã, andando perto do poço de um riacho, escutou a bulha das jovens Arawak, que se banhavam. As garotas esfregavam os seios umas das outras, dando risinhos agudos que se espalhavam entre as árvores como cantos de pássaros assustados. O erotismo alegre e brincalhão que elas demonstravam deixou Jaki surpreso, despertando-lhe um desejo tão forte quanto da primeira vez.

Ficou aborrecido e irado que seu corpo pudesse sentir luxúria depois da morte da mulher que amava. Dirigiu a si mesmo os piores adjetivos, acusando-se de não ser melhor do que

o pai. Na noite seguinte, sonhou que era visitado pelas jovens Arawak, junto com as moças dos campos de arroz de sua adolescência. Quando acordou, sua fome pelos abraços macios de uma mulher era maior do que por alimento. Teve de admitir que esconder-se na selva não seria mais possível. A Vida o levaria para diante, como sempre tinha acontecido.

Alguma coisa muito forte carregava o sol, a lua e as estrelas através do céu. Talvez fosse como Pym dissera, e o mundo girasse como uma bola, ou como Jabalwan contara sobre o falcão da noite, realizando uma dança da vitória; o fato era que uma força poderosa o estava carregando pelo desespero em direção à Vida, com um objetivo que ele não conhecia. Mas não pretendia esquecer Lucinda, por mais que crescesse nele o desejo de viver. Agora que o pesar estava se dissipando, percebeu que o único caminho era procurar a pequena Lucinda e tentar ser para ela o pai que ele mesmo não possuía.

Banhou-se no riacho onde vira as donzelas brincando, cortou os cabelos com Chrysaor e voltou para a aldeia Arawak. Todos ficaram contentes com seu retorno, e felizes em poder ajudar o feiticeiro triste a equipar seu catamarã com uma vela, para que pudesse deixar a ilha.

Jaki navegou para o sul, lembrando-se pelos mapas consultados durante a travessia que os holandeses possuíam colônias na costa nordeste da América do Sul. Cinco luas depois que o *Vingança* destruiu o escaler, Jaki navegava pela foz de um rio, seguindo um bergantim holandês, que o conduziu até uma fortaleza com paliçada alta de troncos cortados. Vestido apenas com uma tanga, Jaki subiu o rio Essequibo e chegou a Forte Kyk numa manhã luminosa de julho, em 1632.

O navegante que desembarcou no ancoradouro tinha os cabelos quase brancos e a pele muito bronzeada, o contraste provocando surpresa entre os escravos que carregavam uma carroça com fardos de índigo e algodão. Os olhos azuis e cabelos louros foram seu passe de admissão ao forte, e Jaki dirigiu-se diretamente à maior construção, uma mansão de três andares em madeira, com cumeeiras holandesas no telhado e a bandeira verde-cáqui da Companhia tremulando em frente. O pouco de holandês que falava foi suficiente para que pedisse uma audiência com o governador. O secretário não conteve uma risada ao ouvir tal solicitação da boca de um jovem marinheiro vestido unicamente com uma tanga e uma sacola de pele

de cobra a tiracolo. Parou de rir no momento em que Jaki mostrou-lhe o menor dos diamantes, uma pedra leitosa do tamanho de uma noz.

O governador usava sua gola de rendas bem folgada ao pescoço, em virtude do calor. Ostentava pesadas olheiras inchadas, como um lagarto gordo, e além de holandês falava também inglês e espanhol. Tinha o mesmo senso de oportunismo e valor que havia criado o império, e sempre obtivera lucros, apesar dos mercadores. Cumprimentou o jovem afavelmente e demonstrou interesse sincero em sua história.

Durante os dois anos em que observara Lucinda barganhar, Jaki aprendera a estimar o grau de confiança que um homem merecia. Em pouco tempo estava convencido de que o governador era um europeu honrado, cuja ambição não era excessiva, e depositou três das lágrimas da montanha sobre o tampo polido da escrivaninha. A expressão do holandês se iluminou.

— Esses são os infortúnios de todos os feiticeiros que vieram antes de mim — declarou Jaki. — Dei nome a eles de acordo com minhas próprias tristezas.

Empurrou um diamante de cada vez na direção do governador, dizendo um nome para

cada pedra.

— *Malawangkuchingang, Jabalwan, Wawa.* Com estes comprarei um navio. Acredito que seja o suficiente para um navio moderno e bem equipado.

— De fato... — declarou o homem, depois de examinar as pedras contra a luz, imaginando várias caravelas aparelhadas. — São pedras de primeira linha. Terá seu navio, senhor Gefjon.

— *O Último Olho de Pym* — anunciou Jaki, extraíndo um diamante grande e redondo da bolsa. — Com este quero fundos para contratar uma tripulação.

— Certo — concordou o governador mais do que depressa, apanhando a pedra em bruto das mãos do rapaz e sentindo-lhe o peso. Decidiu a seguir que pagaria a tripulação com seus próprios cofres e levaria o diamante muito mais valioso consigo quando voltasse para a Europa.

— Tenho ainda outros diamantes, que poderão ser seus quando eu tiver o navio tripulado e os papéis que me garantam a posse.

— Aprendeu bem com sua mulher inglesa, Jaki Gefjon — comentou sorrindo o governador, depois deu as ordens necessárias ao secretário para que preparasse imediatamente o necessário e levou o rapaz até o cais.

A embarcação que Jaki escolheu era a menor do porto, porém em compensação a mais moderna. Aprisionada seis meses antes numa batalha com os ingleses, era uma fragata de vinte e quatro canhões, e foi imediatamente chamada de *Lucinda*. Jaki providenciou para que o leme fosse substituído por um timão e que o casco fosse pintado no mesmo tom de azul que o horizonte. Enquanto essas alterações eram realizadas, o governador enviou um pedido de informações sobre o galeão *Vingança*, de bandeira inglesa, a todos os portos holandeses do Caribe. Um mês depois, quando o *Lucinda* encontrava-se quase em condições de partir, Jaki foi informado de que sua filha estava viva e William Quarles a levava consigo para as florestas das colônias ao norte da América.

Com os documentos de posse do *Lucinda*, Jaki foi novamente até o escritório do governador e apresentou mais dois diamantes. Estes eram os maiores, um lembrando o formato do bico de uma bota, que o feiticeiro denominara *A Fé de Pieter Gefjon*; outro mais alongado, que recebera o nome de *O Pênis de Jan van Noot*.

— Com o *Gefjon*, desejo provisões para a tripulação e mercadorias suficientes para que sejamos bem-vindos a qualquer porto comercial.

É o que meu pai espiritual teria desejado. Pelo outro, quero ouro.

O governador evidentemente concordou.

Em setembro, quando o *Lucinda* partiu de Forte Kyk, os porões estavam cheios de índigo, tabaco e cacau das plantações do interior da Guiana, além de mobília européia e azulejos de Delf. O capitão Jaki

Gefjon levava recomendações comerciais para todos os portos holandeses ao longo da costa atlântica até Forte Amsterdam. Vinte e dois anos depois de sua morte, a ambição de Pieter Gefjon por diamantes e cargas preciosas fora satisfeita, a milhares de quilômetros do local onde havia perdido a cabeça.

Durante o tempo em que permaneceu em Forte Kyk, Jaki mandara fazer uma indumentária completa, e agora estava na ponte de comando de sua fragata em botas de couro de sucuri dobradas à altura das coxas, calça branca de marinheiro e jaqueta negra de feltro, com os símbolos secretos dos Nômades da Chuva bordados em vermelho. Na cabeça usava um chapéu preto de abas, enfeitado com penas de araras, ostentando o último dos diamantes, o que pertencera a Lucinda, e tinha recebido o nome de *Maldição do Cigano*. Com o cabelo e a

barba aparados, Jaki era a figura viva de Jan van Noot.

Os holandeses chamavam o rio de Mauritius, mas Quarles insistia em usar o nome do descobridor inglês, Hudson. Nos cinco meses que se passaram desde a chegada, haviam vivido da terra abundante. Maud alimentava o bebê com leite de cabra, papas de batatas e polpa de frutas silvestres. Quarles era um excelente atirador, e as mulheres vestiam peles dos animais abatidos. Uma vez por mês levavam as peles excedentes de gamos e lebres e as trocavam por mais pólvora e balas.

Fizeram pouca coisa para melhorar as condições da terra, pois a sobrevivência exigia todos os seus esforços. Quarles e Maud limpavam a clareira que dava vista para o rio, derrubaram árvores, rolaram troncos e construíram uma cabana com telhado de encerado, paredes de madeira e fundações de rochas e ardósia do rio. Tanto esforço os deixara completamente extenuados, com dores em todas as juntas.

A cada novo dia, Quarles fazia alguma coisa no sentido de criar o ancoradouro que havia divisado em sonhos na curva do rio. Sem animais de tração, seus esforços chegavam a ser

patéticos, deslocando rochas enormes e troncos. Com a aproximação do inverno Lucinda caiu doente, e o sonho de Quarles dissolveu-se como uma miragem.

Desde o início, a criança sempre fora muito viva e alerta, atenta a todos os movimentos, porém agora a febre abatera seu olhar. Contorcia-se em espasmos e choramingava dia e noite. Timotha a banhava em chás de ervas para controlar a temperatura e Maud adicionava extrato de urtiga no caldo, para fortificar o bebê, mas nada disso produzia efeito.

— Tenho medo — sussurrou Maud a sua tia.

— Parece a febre negra, Maud, e não há nada que possamos fazer, a não ser rezar — respondeu a anciã, gravemente — para que Deus a leve sem sofrimento.

O coração de Quarles apertou-se ao ouvir tais palavras, e ele foi sozinho até a floresta, onde caiu de joelhos, tremendo em seu desespero. As palavras de Timotha voltaram a ele: "Não há nada que possamos fazer, a não ser rezar". Foi o que Quarles fez. Durante toda a sua vida zombara da fé dos que oravam constantemente, mas compreendeu que não lhe restava mais nada ou ninguém a quem apelar. Movido pela força do

desespero, suplicou ao invisível pela vida da neta. As únicas palavras que proferia em sua oração solitária na floresta eram:

— Salvai essa criança inocente, ó Senhor da Vida!

Quarles as repetiu até que sua voz ficasse rouca na garganta.

Naquela noite, a febre baixou. Quarles não cessava de dizer a si mesmo que não passara de uma coincidência, mas não chegou a acreditar nisso. Ficou muito alegre, e dançou pela sala com o bebê ainda fraco, mas sorridente, nos braços. Na manhã seguinte raspou a barba, em sinal de humildade perante o Senhor, e começou a leitura da Bíblia de sua filha. Maud e Timotha ficaram atônitas com a mudança que se processou nele. De repente o sisudo capitão William Quarles estava ansioso para conversar sobre a Providência Divina, a corrupção da vida depois da Queda e a suprema felicidade que possuíam por ter uns aos outros e poder partilhar o trabalho de redenção.

Aprendeu na Bíblia sobre a necessidade de perdoar, e encontrou para si uma capela na floresta, no lugar onde rezara pela vida da neta. Ajoelhando-se sob os raios de sol que penetravam na mata escura, agradecia ao

Senhor olhando para as folhas verdes e brilhantes. Perdoou prontamente a Igreja dos Dois Ladrões por tê-lo "enganado" na troca de suas terras, agradecendo ao senhor por sua propriedade no pântano e pelas vidas dos animais que havia tomado para sobreviver. Finalmente teve forças para perdoar ao pirata Trevor Pym por matar seu tio Samuel, privando-o de uma vida abastada na juventude, e ao próprio Samuel Quarles por trair a frota de Drake e dissipar a fortuna da família. Perdoou também a si mesmo por sua disciplina férrea, que não soubera dobrar-se para o amor, e afastara de si a filha. Depois de tudo isso, respirou profundamente e lutou para perdoar Jaki Gefjon pela destruição do *Fúrias do Destino*.

Apertou os olhos com força, até ver luzes brancas e cintilantes como a das estrelas. Ergueu o rosto e disse em voz alta:

— Perdão você, Jaki Gefjon... por tirar minha filha de mim. — Um soluço escapou do fundo de seu peito, e uma dor obrigou-o a dobrar-se.

Quando ergueu novamente os olhos vermelhos, viu que as folhas caíam por toda a clareira, movidas por um vento de princípio de inverno. Nesse instante sentiu-se mais vivo e

solitário do que qualquer pessoa neste mundo.

Quarles estava ajoelhado com as mãos na lama, tentando encaixar um enorme bloco de pedra em sua tosca barragem quando a fragata azul deslizou pelo estreito que conduzia ao porto de Forte Amsterdam. A beleza das linhas do navio fez com que ele se levantasse, sentindo no rosto um vento quente e incomum em novembro, enquanto admirava a leve inclinação dos mastros.

Subiu nas pedras escorregadias para melhor apreciar a embarcação, reparando que sua bandeira levava as cores da Companhia Holandesa, embora o corte largo das velas mestras e as linhas afiladas parecesse produto das mais modernas inovações inglesas. Apertou os olhos para conseguir ler o nome escrito em ouro na proa, e levou um choque quando conseguiu soletrar: *Lucinda*.

— Lucinda! Ó de bordo — chamou inutilmente Quarles, pois sabia que a distância era muito grande, e o vento contrário.

Alguém no tombadilho acenou em saudação, e ele imaginou a triste figura que fazia, todo enlameado no alto de sua pilha de pedras. Ficou observando até que a fragata sumiu na curva ampla que a levaria a Forte Amsterdam.

Teria sido mera coincidência que os holandeses batizassem um dos navios aprisionados com o nome de sua filha? Ou Deus lhe impunha um último teste, fazendo reaparecer seu maior inimigo? Havia destruído o escaler, mas não chegara a ver o corpo do pirata devido à forte rebentação de ondas sobre o recife.

Um gosto amargo que lembrava sangue veio-lhe à boca enquanto descia com cuidado pelas pedras. Precisava urgentemente das palavras da Sagrada Escritura, a verdade nua sem o fogo da angústia e da ira. Apressou-se em direção à cabana pelo pântano, através da lama e dos juncos.

Maud estava chegando com um balde de água fresca da nascente quando Quarles saiu ventando pela porta, todo sujo de barro com a Bíblia na mão, e sumiu de vista, embrenhando-se na floresta. Olhou com ar de interrogação para a tia, que entretinha o bebê perto da pilha de lenha cortada, e a anciã deu de ombros. Desde a recuperação de Lucinda, o capitão vinha se comportando de uma forma diferente, alterado pela nova fé. Assobiava canções alegres quando voltava da caça, brincava horas a fio com a neta no chão, gargalhando com ela, e lia longas passagens da Bíblia para as mulheres enquanto

elas teciam ou descascavam avelãs.

— Ele encontrou um pouco de paz, reconhecendo seus erros — observou Timotha à sobrinha, numa tarde.

Maud passou a ter piedade dele quando Quarles saía todas as manhãs para arrastar grandes pedras pela lama e depositá-las na linha da maré.

— Como é que alguém pode pensar em construir um porto com as mãos nuas? — comentou. — O que vai acontecer com esse sonho dele?

— O que acontece com todos os sonhos das pessoas — respondeu a anciã. — Tentaremos alcançar a lua, se não tivermos outro sonho qualquer. Mas a lua é uma trombeta que sopramos com nosso último fôlego; e só nesse momento aprenderemos o verdadeiro valor de nossos sonhos. Deixe o capitão com seus sonhos, e eles irão carregá-lo.

Quarles estava de joelhos na clareira na floresta, lendo em voz alta:

— Não tomaras a vingança em tuas próprias mãos. — As palavras e letras pareciam tremular na folha de papel, levadas pelos pontos de luz que brincavam através das ramadas. — Meu nome é Legião, pois somos muitos.

Imagens do rosto desfigurado da filha voltaram-lhe à mente, junto com o cheiro de decomposição. Reviu os lábios e os olhos, deformados e enegrecidos pela morte. Do livro aberto a sua frente, não vinha nenhum consolo.

O *Lucinda* aportou em Forte Amsterdam com as brisas de uma manhã quente do mês de novembro. Jaki debruçava-se na amurada de estibordo, extasiado com a beleza do Novo Mundo, do qual sua mulher falara tanto mas não vivera para conhecer. As margens com praias de areia vermelha eram encimadas por imponentes rochedos e bosques de salgueiros frondosos. Para o leste ficavam as colinas de Manhattan, coloridas de vermelho e dourado, além de uma infinidade de matizes outonais. Ao pé das elevações estava um aglomerado de navios atracados e armazéns gastos pelo uso. Acima ficava a paliçada de troncos afilados de carvalho com torres altas de observação. Forte Amsterdam. O *Lucinda* foi recepcionado por uma série de pequenos barcos e guiado para um atracadouro onde homens atarracados com chapéus de algodão e tamancos de madeira aguardavam para descarregar o navio. Meticulosamente trajado com suas novas roupas e usando o chapéu com o diamante, Jaki

desembarcou no meio do porto movimentado. Teve um tremor de frio, embora o vento carregasse uma temperatura agradável. O ruído característico dos tamancos batendo nas tábuas marcou a aproximação dos estivadores, e junto com eles um homem com o colarinho rendado impecavelmente engomado, gibão acinturado e botas altas. Parou diante de Jaki, tirou o chapéu expondo o cabelo prateado e apresentou-se:

— Meu nome é Peter Minnewit — anunciou ele em espanhol. — Sou governador de Forte Amsterdam. As bandeiras de seu navio anunciam que o capitão fala espanhol, e confesso que esperava um homem moreno.

— O espanhol era a língua de minha mãe — disse Jaki, tirando o chapéu e retribuindo a mesura. — Estou muito honrado em ser recebido pelo governador em pessoa.

— Amabilidade sua em dizer isso — respondeu Minnewit, reparando no diamante que ornava o chapéu do visitante. — Mas essa é uma vila humilde e raramente recebemos navios tão modernos e bem equipados. Carrega tabaco?

— Em boa quantidade.

— Nesse caso sua estada será com certeza muito lucrativa. Nesta temporada temos tido uma enorme procura pela erva divina. — O

governador fez um gesto em direção aos armazéns, onde uma carruagem aguardava. — Se quiser ter a bondade de vir a minha residência, pode me explicar como é que tem um nome holandês e ainda assim fala a língua de nossos inimigos.

Durante o percurso até a casa do governador, Jaki passou outra vez pela experiência de relatar sua história. Começou com a chegada de

Pieter Gefjon e Jan van Noot a Bornéu, e concluiu quando já estavam instalados na sala amplamente iluminada, com janelas de vidros lapidados.

— Sua esposa teria orgulho do destino dado às lágrimas da montada — comentou Minnewit, quando Jaki terminou. — Sua filha de fato está com o avô nas terras alagadas, não longe daqui. — Posso mandar uma escolta com você para ir buscá-la.

— Muito obrigado, mas preciso ir sozinho.

— Acha que é uma coisa inteligente a fazer? Os ingleses são gente muito belicosa — ponderou o governador. — E o capitão Quarles me pareceu especialmente determinado. É quase certo que vai tentar matá-lo.

— É preciso que ele tenha sua chance.

— Mas por quê? — Minnewit balançava a cabeça com ar de incompreensão. — Deixe os mortos em paz. Vá até lá e reclame sua filha, para que ela possa beneficiar-se de sua herança legítima. É o que seu pai, ou qualquer holandês com sensibilidade, faria.

— Mas não esqueça que também tenho uma parte selvagem, governador. Sou um feiticeiro, e temo mais o mistério desconhecido da vida do que a morte.

— Não diga isso. Sua dor o deixou alterado. Todos os homens devem ter medo da morte. Não desperdice sua vida para a satisfação de um inglês insensível. Escute-me, Jaki Gefjon, e viva. Sua filha tem o direito de ver o pai.

— Com sua ajuda, gostaria de garantir a fortuna dela — disse Jaki, extraíndo do bolso uma folha de papel. — Aqui está uma cópia do testamento que redigi a bordo. O senhor poderia executá-lo se por acaso eu não voltar?

— Está lutando uma guerra que só pode perder — comentou o governador, aceitando o papel com um encolher de ombros. — A única maneira de você vencer essa luta é perdendo. Não consigo entender como um homem rico e saudável, feiticeiro ou não, pode escolher a morte em vez da vida. Ainda assim, respeito seu longo

sofrimento e farei valer o documento a favor de sua filha.

Jaki deixou a residência do governador resolvido a encontrar seu destino no mesmo dia, enquanto o vento era quente e o tempo agradável. Do lado de fora parou e examinou a casa de pedra e madeira com o telhado inclinado e as cornijas trabalhadas, imaginando como deveria ser impossível a um homem como o governador compreender seus valores. O prédio tinha sido construído para durar muito tempo, como as ambições de seus pais, que queriam proclamar ao mundo a extensão de seus territórios. Dentro dele permanecia uma parte errante que herdara da mãe, algo que os Nômades da Chuva procuravam em seus caminhos invisíveis na selva.

Como teria parecido estranho a seus pais europeus a construção de uma cabana para ser usada durante uma estação e depois abandonada. Como deviam achar insólita a idéia de um reino sem fronteiras e terras sem um dono. Sua vida parecia-se com a construção de uma cabana para abrigar o amor que sentia pela esposa e que o possuía. Esse tinha sido o desespero de Jabalwan no início e o motivo pelo qual ele nunca poderia vir a ser um feiticeiro de

verdade, devotando-se apenas aos céus e às nuvens. Seu amor pertencera desde o início a uma mulher, e, agora que ela se fora, Jaki ficara indiferente. Como podia explicar ao governador sua visão em Njurat, onde aprendera que a inimiga da vida não é a morte, mas a indiferença? Só Quarles podia curá-lo disso.

Jaki tomou uma balsa para atravessar o estreito e levá-lo até a propriedade de Quarles. Levantando o rosto para a paliçada de troncos aguçados sobre o rio, refletiu que ali parecia o fim de todos os mapas, a parede quebrada do planeta. Soube então que tinha atingido o fim de sua jornada. Os sonhos de seus pais se materializavam, só restava o último mistério.

A paisagem que se descortinava no rio depois que as margens se estreitavam era mais estranha do que uma visão sob efeito do *olho-forte*. Nesse mundo de árvores imensas, a luminosidade lembrava a do crepúsculo, embora fosse meio-dia. Folhas em tons infundáveis de laranja e vermelho estendiam-se pelo chão até onde a vista podia alcançar, atapetando tudo, exceto a parede rochosa que limitava a floresta. Havia algo de espectral e bizarro no cenário, que produziu em Jaki uma calma agradável, a observar essa beleza nova completamente

esquecido de todo o resto, a não ser aquela viagem pelo rio. O futuro o aguardava além da próxima curva, como se fosse uma nova muda de cavalo.

Jaki estava convicto de que Quarles o mataria assim que o encontrasse, porém não queria morrer sem ver a filha e entregar a Maud os papéis do navio e seus lucros durante a viagem. Quando avistou fumaça trazida pelo vento, pediu ao barqueiro que parasse. Desembarcou e mandou o homem de volta. Seguiu a margem até encontrar o tosco paredão que Quarles estava construindo e escutar vozes ao longe. Então afastou-se do rio e entrou na luz baça da floresta.

Ainda na mata, Jaki viu a cabana humilde que haviam construído, e enterneceu-se com a vedação malfeita com musgos e lama seca, a lona já esburacada no telhado. Maud apareceu do outro lado, trajando um vestido que era uma combinação de retalhos e pele de gamo, com o cabelo ainda úmido. Carregava Lucinda numa bolsa em suas costas.

Quando Jaki viu a filha sentiu-se tonto e perguntou-se como tivera coragem de deixá-la. Quase correu para tomá-la nos braços, mas controlou-se a tempo e ficou observando, como

um feiticeiro.

Maud agora carregava um balde com o auxílio de uma anciã, andando na direção de um córrego cujo murmúrio se podia ouvir a distância. Quando passaram por Jaki, este deslizou sem ruído de seu posto de observação e seguiu as duas mulheres, conservando o olhar na filha, que sorria alegremente, como se lembrasse dele.

O rosto perfeito e inocente continha todas as promessas, ainda não escravizadas por nenhum sonho. Na pureza do sorriso, Jaki viu o futuro que não tinha nenhum tipo de vergonha, e não precisava dele. Voltara para deixar-lhe o produto de uma longa jornada, porém esse era o *seu* sonho. Ela não precisava de nada, a não ser a simplicidade dos instintos que a sustentariam enquanto a dor invisível da perda não se fizesse sentir.

Maud olhou por sobre o ombro para saber o motivo de tantas gargalhadas e viu um homem atrás delas. Não o reconheceu no primeiro instante, se bem que notasse algo familiar. Quando ele sorriu com a confusão no rosto dela, Maud corou violentamente.

— Jaki... — exclamou num sopro de voz.

Ele abriu os braços e Maud atirou-se a eles.

Ficaram abraçados por algum tempo, depois Jaki recuou, segurando-lhe as mãos agora calejadas entre as suas e estudando seu rosto queimado de sol.

— Você sobreviveu... Forte e corajosa — disse ele com admiração, beijando-lhe as mãos.

Timotha olhava a cena, impassível. Tinha imaginado um homem maior e mais rude. Sob o chapéu de abas largas, o rosto de vinte anos parecia-lhe quase infantil.

— A criança está bem? — quis saber Jaki, vendo Maud assentir com a cabeça. — E você? Parece ótima.

— Estou ótima. — Ela ainda não se recobrava da surpresa. — Vi quando explodiram seu barco, um pouco antes da tempestade. Os pedaços voaram pelos ares.

— Deus me poupou.

— Deus carrega nosso destino e nossos mortos — completou Timo-tha, aproximando-se.

— Minha tia — apresentou Maud, tirando as correias que prendiam a criança. — Timotha Firth.

Jaki recebeu sua filha nos braços, acolhendo-a com um beijo e dando-lhe uma pluma azul que tirou do chapéu. Encarou a velha, observando a pele enrugada em pequenas

dobras, os olhos inchados e sábios, e os pequenos pêlos sobre o lábio superior. O bebê e a velha pareciam entender-se e completar a árvore genealógica. Era possível ver isso quando o olhar das duas se encontrava, e alguma coisa de eterno passava entre elas. Essa percepção encheu o coração de Jaki com carinho por todos os seres vivos, e ele colocou a mão no ombro da tia de Maud.

— Muito obrigado por ajudar minha filha.

— Sou eu quem tem de agradecer — redargüiu Timotha, colocando uma mão áspera sobre a dele. — Sua filha é uma criatura maravilhosa, senhor Gefjon. É a promessa de um mundo melhor, e um amor inesperado que veio alegrar o final da vida de uma mulher velha como eu.

— O capitão Quarles — disse Maud, temerosa. — Ele sabe que você está vivo?

— Não.

— Neste caso precisamos sair daqui, antes que ele o veja. — Maud tomou o braço de Jaki para afastá-lo dali, porém ele não se moveu.

— Tenho uma dívida com William Quarles. E vou procurá-lo depois que tivermos conversado.

— Vai ser assassinato — opinou Timotha.

— Se é só isso que existe dentro dele, que assim seja.

— Não cometa essa loucura, Jaki. — Maud parecia cada vez mais assustada. — Ele guarda um mosquete carregado no interior de seu baú, e a pontaria está cada vez melhor com esses meses de caça.

— Os Quarles sempre atiraram muito bem — afirmou Timotha. — Mas costumam escolher muito mal os alvos.

— Vim aqui para encontrar o pai de Lucinda — disse Jaki, sorrindo com o duplo sentido de sua frase, encarando Maud de perto. — Antes de fazer isso queria saber se minha filha é amada, e isso eu já sei. — Segurou Lucinda com um dos braços e com o outro removeu um maço de papéis do interior do gibão. — Isto é para ela. Nomeei você perante a Companhia Holandesa para cuidar de tudo até a maioridade dela.

Maud recusou-se a apanhar os papéis, e Timotha os retirou da mão de Jaki.

— Fala como se já estivesse morto — sibilou Maud com amargura.

— Raro é o viajante que sabe onde termina sua jornada — comentou a anciã, entregando os papéis a Maud como se lhe queimassem as

mãos.

— Vamos logo, titia. — Maud sentia-se um pouco tonta e falava como se estivesse sem fôlego. — O capitão Quarles está velho e amargurado. Ultimamente encontrou um pouco de alívio na fé. É melhor que ele continue acreditando que Jaki está morto.

— Não vamos mais falar de morte. — O pai suspendeu a pequena Lucinda, que assim pôde alcançar mais facilmente seu chapéu. — Estou aqui para ver Lucinda e relembrar nossa amizade, Maud. Venha, vamos caminhar um pouco.

De braços dados dirigiram-se para a floresta, Maud em silêncio procurando uma esperança qualquer, enquanto Jaki e Timotha conversavam sobre bebês, as grandes florestas do norte e a centelha de vida que existia em ambos.

William Quarles estava exausto. Desde que avistara o navio azul com o nome de Lucinda ele vinha tentando consumir o medo que o invadia trabalhando na remoção de pedras para a continuação do quebra-mar. Mas, mesmo depois de gasta a força, suas apreensões continuaram. Agora, enquanto dormitava na cabana, sentiu uma forte premonição. Sentou-se e olhou pela

janela, à procura das mulheres e da criança.

Enxergou-as no campo, a distância, caminhando ao lado de um homem trajado como um holandês abastado. Quarles estendeu a mão para o baú ao lado e extraiu de lá seu telescópio. Mesmo enquanto focalizava, a barba aparada e as roupas elegantes não o enganaram nem por um instante. Reconheceu as feições odiadas do assassino de sua filha. O telescópio caiu-lhe dos dedos dormentes e Quarles foi assaltado por uma onda de náusea por vê-lo segurando a pequena Lucinda.

Estendeu as mãos para o mosquete no baú, sentindo novamente com intensidade suas dores já esquecidas. Tentou largar a arma duas vezes, chegando mesmo a falar com suas mãos, que não o obedeceram e verificaram se a arma estava carregada. A mente tentava de todas as maneiras explicar esse horror súbito enquanto ele saía da cabana para matar um fantasma.

Jaki viu Quarles se aproximando com o mosquete na mão, e sua calma desapareceu. O capitão estava muito diferente, e, embora ainda tivesse o andar de quem portava espada, vestia-se como o mais comum dos marujos. Até mesmo o bigode e a barba haviam sido raspados, descobrindo uma queixada resoluta.

Jaki entregou sua filha a Maud, e, sentindo que alguma coisa estava errada, Lucinda começou a choramingar.

— Leve Lucinda lá para as árvores — recomendou ele inutilmente, procurando depois o apoio de Timotha.

— Vamos indo, Maud — disse ela à sobrinha. — Precisamos proteger a criança. Quando já se afastavam, voltou-se para Jaki: — A vida e a morte não são dois inimigos, mas apenas um amigo.

Jaki deu um passo à frente para encontrar William Quarles quase a correr em sua direção, suando por todos os poros.

O capitão levantou o mosquete. Gostaria muito que o rapaz se voltasse e fugisse, para que pudesse abatê-lo, mas o pirata ficou ali, parado. Isso esfriou um pouco sua sede de sangue, e um lampejo de sanidade na mente pediu-lhe que largasse a arma.

Quarles puxou o cão do mosquete para armá-lo, e fez pontaria um pouco abaixo do chapéu. Maud gritou para que ele parasse, o que aumentou o choro do bebê.

Jaki tinha o mesmo olhar desafiador de quando enfrentara os canhões do *Vingança*. A força das batidas de seu coração aumentou

muito, até que ele se lembrasse da morte de Lucinda. Depois disso o medo acabou, e Jaki absorveu toda a imobilidade do momento de decisão.

O choro do bebê ficou mais alto, e a paz da morte de Jaki acabou quando ele compreendeu que Maud se aproximava rapidamente, o que talvez apressasse o disparo de Quarles. Imaginou ela ou a criança atingidas pelo tiro destinado a ele, e um terror frio percorreu-lhe o corpo.

A expressão alarmada no rosto de Jaki foi o sinal que Quarles esperava, e seu dedo pressionou o gatilho. No momento em que o recuo da arma empurrou-o para trás, Maud entrou na linha de fogo.

Jaki abraçou Maud e Lucinda de encontro ao peito, enquanto o projétil passava acima de suas cabeças e perdia-se na floresta. Maud conteve um grito. Ambos olharam na direção da nuvem de fumaça que o vento dissipava lentamente, expondo um Quarles em estado de choque.

— Que vergonha! — gritou Timotha ao atravessar o campo na direção do capitão, recriminando-o em altos brados.

— Fique com ela — disse Jaki baixinho a Maud, dirigindo-se para Quarles.

A visão do rosto aliviado do pirata reacendeu o ódio de Quarles, que tentou atingir Jaki com o mosquete. O rapaz agarrou o punho do atacante e girou-o até que o mosquete caísse sobre a grama.

— Teve a chance de me matar, *pai* — murmurou com esforço, continuando a torcer o pulso do homem mais velho. Por fim os dois caíram de joelhos. — Por que me poupou?

As lágrimas vieram incontrolláveis aos olhos de Quarles. Jaki soltou-lhe o braço, mas ele continuou chorando e soluçando, liberando meses de sentimentos reprimidos, desde a morte da filha. Havia desistido da carreira, da honra e de sua fortuna para recuperar Lucinda, e a morte da filha criara um vazio negro e enorme em seu peito. Agora estava reduzido a um assassino. Sua intenção tinha sido matar por vingança um homem desarmado. Cobriu o rosto com as duas mãos, envergonhado de sua pobreza de espírito e da fraqueza de seu corpo. Compreendeu então que sempre servira a si mesmo; ficou a um passo da loucura com a idéia de que tinha desperdiçado a vida inteira.

— Atirei para matar — confessou ele, entre soluços.

— Levante-se — pediu Jaki, erguendo

Quarles pelos ombros. — Precisamos conversar.

Maud e Timotha estavam junto ao bebê, olhando friamente para Quarles. Lucinda já não chorava e acompanhava atentamente os dois homens. Quarles voltou-se, incapaz de suportar a censura silenciosa, e entrou na floresta, amparado por Jaki.

Sentaram-se num tronco caído, fora das vistas da cabana. Quarles esfregava nervosamente as mãos.

— O que quer de mim, demônio?

— Não sou demônio, sou apenas um homem. — Jaki levantou a manga, mostrando a pulseira dourada com os cabelos de Lucinda. — E sou também o marido de sua filha.

— Você a roubou — protestou Quarles.

— Sabe muito bem que isso não é verdade. — Jaki procurou colocar todo o amor por sua esposa naquelas palavras. — Lucinda era forte demais para que alguém a pudesse roubar.

Quarles ficou parado, como se uma pedra o tivesse atingido. Era claro que Lucinda não poderia ter sido roubada; só fazia o que sua vontade mandava, e ninguém melhor do que ele para saber isso. Com essa admissão, voltou-se para olhar pela primeira vez o homem que a filha tinha escolhido.

— Então é mesmo meu pai — disse Jaki em voz baixa, procurando reconhecimento nos olhos inchados de Quarles. Não encontrando, continuou: — Nunca tive um pai, porque sempre procurei por ele num só homem, que estava morto. Porém esse também não era meu pai verdadeiro, que também tinha morrido. Comecei a pensar que meu pai era a própria morte, e até agora tive essa convicção. Mas você é meu pai, porque está vivo, e partilhamos uma perda profunda.

— Eu tentei matar você — lembrou Quarles, percebendo o sofrimento que fluía como um rio daquele estranho.

— Mas não matou.

— A mulher interferiu — grunhiu Quarles. — Mirei para matar. Jaki enfiou a mão no interior do casaco, retirou Chrysaor da bainha e depositou-a no tronco entre eles.

— Pois então me mate. Tenho certeza em meu coração do amor que sinto por sua filha. Lucinda e eu tivemos uma criança e o parto a matou. Se preciso morrer por isso, que seja agora.

— Pensa que não faria isso? — Os olhos de Quarles se estreitaram perigosamente.

Apanhou a adaga com a mão direita, e com

a esquerda agarrou os cabelos de Jaki, jogando-o ao chão e caindo sobre ele. A lâmina de ouro desceu impulsionada por um ódio cego, rasgando o laço que Jaki usava no pescoço. A ponta da lâmina imobilizou-se sobre o rubi de sangue que se formara na pele macia do pescoço, contendo o poder de todos os sacrifícios. Quarles aproximou o rosto.

— Você deixaria que eu o matasse? — perguntou, pressionando mais Chrysaor.

Os olhos de Jaki fecharam-se com força, e a boca cerrou-se em desespero. O sofrimento e a resolução que Quarles viu naquele rosto fizeram com que largasse a adaga e caísse para o lado, horrorizado com o que estivera a ponto de fazer. Tombou encolhido no chão, como um animal ferido.

Jaki sentou-se, levando a mão ao pescoço. Apanhou a faca que lhe rasgara a pele mas não se enterrara em sua garganta e colocou-a de volta à bainha. Olhou para o homem enrodilhado no chão, depois ajudou-o a acomodar-se no tronco. Ficaram em silêncio por um bom tempo, ouvindo o crocitar dos corvos que voavam acima da copa das árvores e assistindo à dança luminosa das folhas amarelas e vermelhas que vinham ao solo.

— Eu estava errado — disse Quarles por fim. — Não sobre você. Sobre mim. Pensei que era melhor do que sou. Mas a verdade é que ninguém é poupado. — Virou-se para Jaki e viu a compreensão em seus olhos cheios de sofrimento. — O mundo é um sorvedouro de tudo o que empenhamos para criar nossos sonhos nobres. Amor. Sacrifício. Deus. Eles continuam, vida após vida, enquanto nós... — Ele bateu no peito. — Somos os restos que nossos sonhos deixam para trás. — Quarles levantou-se, cambaleando, e ofereceu a mão a Jaki. — Todos nós somos piratas.

Jaki olhou emocionado para a mão calosa e ferida pelas pedras, a palma voltada para cima como uma esperança. Apanhou-a e colocou-se de pé. Depois apertou vigorosamente a mão do sogro.

— Somos todos piratas... — concordou, sorrindo.

Depois da primeira queda de neve, Jaki estava no campo onde o tiro de Quarles fora desviado, com Lucinda a cavalo em seu ombro. Sempre viva e alerta, ela usava um cachecol vermelho enrolado em torno do pescoço, e parecia maravilhada com o espetáculo que a terra oferecia. Nenhum dos dois tinha visto neve

antes disso, e ambos corriam os olhos pela paisagem branca, os cimos das árvores lembrando torres de poeira lunar, o gelo pendente às vezes tilintando como cristal.

Quando Lucinda acordara em seu berço, a manhã estava escura. Em vez de despertar os outros, Jaki a levara para fora, sob o céu ainda estrelado. O horizonte coloria-se pouco a pouco sobre as árvores, e o res-

to da paisagem provocava uma tal sensação de amplidão que Jaki sentia-se leve e dançava com a filha nos ombros. Lucinda divertia-se e segurava com suas luvinhas os cabelos dourados do pai, gargalhando enquanto ele chutava nuvens de neve para o ar, que o vento espalhava. Nesse dia ela estava completando um ano de idade.

Atrás deles, na cabana de troncos plantada no campo alvo, as luzes na cozinha estavam se acendendo para começar o dia. Embora construída às pressas pela tripulação, a casa era sólida e confortável para abrigá-los durante o primeiro inverno no Novo Mundo. Maud e Timotha haviam decorado os cinco quartos com tapeçarias, cortinas e móveis holandeses. Quarles esculpira o berço de Lucinda usando o mesmo tronco no qual aprendera suas lições de

fê e humildade. Pedreiros do forte tinham construído uma lareira enorme, capaz de queimar tocos inteiros, produzindo um fogo acolhedor, junto ao qual todos se reuniam.

As linhas demarcatórias para a construção de uma casa bem maior estavam agora soterradas pela neve, enraizando seus sonhos à terra gelada onde Jaki dançava. Na primavera ergueriam ali um novo lar, onde os Gefjon poderiam navegar durante os invernos e através das gerações em direção ao futuro.

Mas Jaki não pensava em nada disso enquanto dançava com a filha, a mente e o coração entregues aos movimentos no campo branco e vazio, como se ali fosse o futuro a ser realizado. As gargalhadas dos dois, compartilhando a descoberta da neve, soavam cristalinas levadas pelo vento leve e frio, ecoando pelos grotões da floresta gelada. Não fazia muito tempo que tribos indígenas com máscaras de águia e enfeites de pele de cobra tinham dançado nos mesmos lugares, contando suas histórias ao pé do fogo.

Jaki parou na fimbria da clareira, na elevação que permitia uma ampla visão do rio e do alagado. Depois situava -se a floresta que os holandeses chamavam de *Breuckelen* — a terra

dos riachos — e que seu pai inglês pronunciava Brooklyn. De onde se encontrava, Jaki podia ver também o porto, onde Quarles o tinha concebido inicialmente. O rio congelado apresentava um brilho quase fosforescente com a luz da manhã, e o quebra-mar de pedra que Jaki e seus homens erigiram estava coberto por montes de neve.

Nos três meses que ficara junto ao pai, Lucinda desenvolvera com ele uma ligação profunda. Geralmente tolerava a imobilidade de Jaki, pelo menos por algum tempo. Ela mesma era boa observadora dos detalhes do mundo, alerta como o pai, e cada vez mais a imagem da mãe. No momento, porém, estava com frio e resolveu puxar-lhe os cabelos, encorajando-o a sair dali.

Jaki ignorava as nuvens e quaisquer previsões que elas pudessem trazer. Desceu a filha dos ombros e tomou-a nos braços, o coração quente com a alegria estampada no rosto de Lucinda. Gostaria muito de ensinar-lhe as coisas que aprendera como Matubrem-brem, e estava ansioso por aprender tudo o que ela já sabia de amor. Ela representava a Vida, a história eterna que passava nos sonhos das nuvens. Quando falou com a filha, Jaki usou a língua que aprendera em criança.

— Como Ar Brilhante Entre as Palmeiras teria gostado de você... — disse ele, voltando para a cabana acolhedora e sorrindo ao ver a serenidade que a língua do povo da floresta provocou no rosto da criança.

A luz amarela se alongava pela neve azulada, e Jaki depositou Lucinda na trilha, para que pudesse andar atrás dele até a porta da cabana. O apetitoso aroma da primeira refeição já saía pela chaminé, e Lucinda agarrou o polegar do pai, avisando-o da presença de Maud à janela, atrás de pingentes de gelo. Ela foi recebê-los à porta, e com gestos delicados começou a retirar os flocos de neve do cabelo dourado da menina. Na próxima primavera, Jaki pediria Maud em casamento. Era o que o fantasma de Lucinda vinha aconselhando desde que terminaram de construir a cabana, quando aparecera entre as labaredas da lareira. "Tudo a seu tempo", ele prometera ao fantasma. "A seu tempo, o mistério responde a todas as perguntas."

Quando Maud desapareceu no interior aquecido da cabana, Jaki voltou-se para o campo inacreditavelmente branco. Pela primeira vez em semanas sentia-se expansivo. Trabalhar com Quarles para construir um porto na terra

selvagem havia consumido todas as suas energias e recursos. O ouro que obtivera com os diamantes foi convertido em material e salário de trabalhadores. Depois de ancorar o *Lucinda* para o inverno, a tripulação voltara para Brooklyn, e, juntamente com Jaki e Quarles, os homens trabalharam até quando o tempo permitiu. Secaram o alagado, canalizaram o estuário e erigiram ancoradouros em Upper Bay. Quando chegasse a primavera, o porto estaria em condições de receber os navios provenientes da Europa e do Caribe. Cada vez mais, Jaki dedicava tudo o que tinha a construir uma casa no Novo Mundo.

Mas naquele dia era o aniversário de sua filha, e também o da morte de sua mulher, e o espetáculo glorioso da neve libertara-o para pensar como feiticeiro outra vez. A velha sabedoria alegrava-se quando via Lucinda e Maud juntas, a despeito de todo o sofrimento que os havia reunido. Jaki falou consigo mesmo, numa linguagem que Mala teria entendido.

— Não podemos suportar a vida sem uma mãe. Será que toda a felicidade não é uma lembrança daquele momento de total intimidade, quando toda a vida se resumia na mãe e nem mesmo respirar era necessário? Afinal de contas,

Pym tinha razão: a maior tragédia é nascer, ser arrancado de dentro da mãe, ter os laços cortados. É nossa primeira derrota. E assim prossegue a vida, uma sucessão de derrotas sem que nunca possamos atingir outra vez aquele estado pleno no ventre da mãe. Mas a memória permanece, e com essa lembrança profunda conseguimos suportar tudo, fazendo as derrotas formar uma grande vitória final. O amor da mãe é o que precisamos para ir em frente.

O som de suas palavras parecia abafado pelo silêncio branco do Novo Mundo, e Jaki parou de falar. Voltou para o lugar onde a nova casa seria construída, abaixou-se e apanhou um punhado de neve. Os dedos ficaram amortecidos enquanto ele levava à boca aquela poeira gelada. Observando de perto os flocos, viu pequenos palácios de gelo, com galerias de espelhos. Entre as formas infinitamente diferentes uma das outras, enxergou rostos coloridos: Mala, Jabalwan, Wawa, Pym, Lucinda. "Os mortos voltavam na profecia das chuvas", diziam os caçadores de almas. Segurou a chuva congelada entre os dedos, como se cada floco representasse um instante de sua vida, e semeou a poeira pelo local onde pretendia morrer para encontrar a vida. A espontaneidade do ritual levou-o a

acreditar que os mortos estavam ouvindo. Olhou para os pequenos cristais brilhantes na mão, cada estrela de formas delicadas a dissolver-se lentamente no rosado da pele. Sentiu como se os mortos tivessem depositado a vida firmemente em suas mãos.

Jaki suspirou profundamente, e o vapor formado pelo hálito aquecido dissipou-se na brisa fria. Tinha mais um dia de trabalho pela frente, e essa manhã de inverno exigia uma inspeção no quebra-mar para evitar os danos que o gelo pudesse provocar, um inventário dos mantimentos adquiridos em Forte Amsterdam e a organização de uma festinha de aniversário para Lucinda. Voltou-se para a cabana, mas, antes de deixar o campo, parou e limpou a placa pregada a um tronco em frente ao que seria a entrada da casa. Era uma tábua de costado de navio, na qual ele gravara o nome do lar que seria construído. Representava a pluma do vôo do dragão, a assinatura do mistério, o símbolo de todos os sonhos: